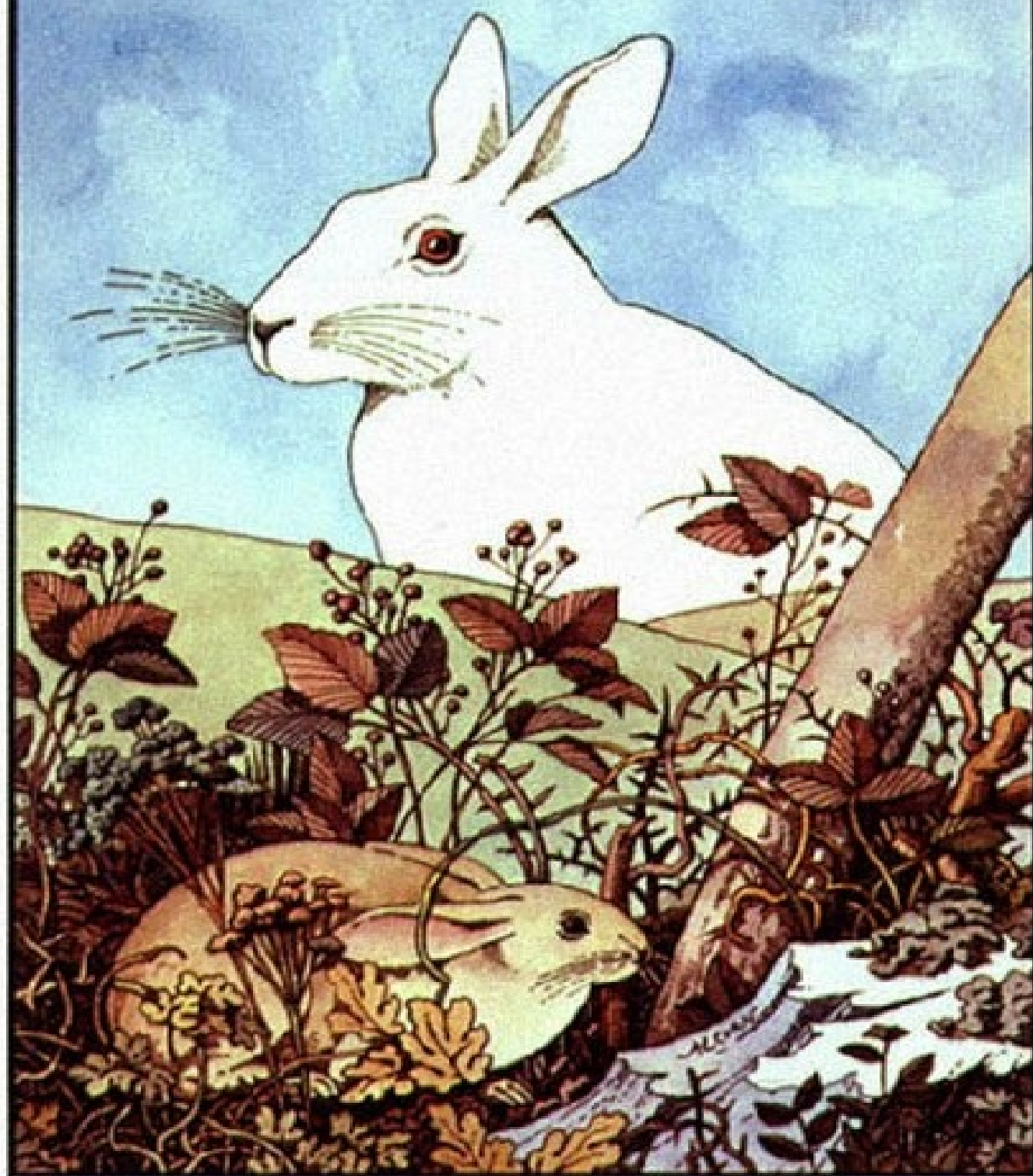


Richard Adams
A LONGA JORNADA

(WATERSHIP DOWN)

ROMANCE



NOVA FRONTEIRA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Richard Adams

A LONGA JORNADA

Romance

Título original em inglês: *Watership Down*

©1974, *Macmillan Publishing Co., Inc.*

Tradução de Hélio Pólvora

Editora Nova Fronteira, 1976

Este e-book:

Digitalização: ?

ePub: SCS

Sumário

Parte I - A JORNADA

- [1. O Quadro de Avisos](#)
- [2. O Coelho-Chefe](#)
- [3. A Decisão de Avelira](#)
- [4. A Partida](#)
- [5. Nos Bosques](#)
- [6. A História da Bênção de El-ahrairah](#)
- [7. O Lendri e o Rio](#)
- [8. A Travessia](#)
- [9. O Corvo e o Campo de Feijões](#)
- [10. A Estrada e os Campos Rasos](#)
- [11. Avanço Árduo](#)
- [12. O Estranho no Campo](#)
- [13. Hospitalidade](#)
- [14. "Como as Árvores em Novembro"](#)
- [15. A História da Alface do Rei](#)
- [16. Potentilha](#)
- [17. A Armadilha Luminosa](#)

Parte II - EM WATERSHIP DOWN

- [18. Watership Down](#)
- [19. Medo no Escuro](#)
- [20. Um Favo de Mel e um Rato](#)
- [21. "Para El-ahrairah Chorar"](#)
- [22. A História do Processo de El-ahrairah](#)
- [23. Kehaar](#)
- [24. Nuthanger Farm](#)
- [25. A Incursão](#)
- [26. Cinco-Folhas Adianta-se](#)
- [27. "Não podem imaginar, a menos que estivessem lá"](#)
- [28. Ao Sopé da Colina](#)
- [29. Volta e Partida](#)

Parte III – EFRAFA

- [30. Uma Nova Jornada](#)
- [31. A História de El-ahrairah e o Coelho Preto de Inlé](#)
- [32. Do Outro Lado da Estrada de Ferro](#)
- [33. O Grande Rio](#)
- [34. General Vulnerária](#)
- [35. As Apalpadelas](#)
- [36. O Trovão Aproxima-se](#)
- [37. O Trovão Cresce](#)
- [38. O Trovão Estala](#)

Parte IV - AVELEIRA-RAH

- [39. As Pontes](#)
- [40. O Caminho de Volta](#)
- [41. A História de Rowsby Woof e a Fada Wogdog](#)

- [42. Novidades ao Crepúsculo](#)
- [43. A Grande Patrulha](#)
- [44. Uma Mensagem de El-ahrairah](#)
- [45. Nuthanger Farm Outra Vez](#)
- [46. Manda-Chuva Defende-se](#)
- [47. O Céu Suspenso](#)
- [48. Dea ex Machina](#)
- [49. Avelira Volta Para Casa](#)
- [50. E Afinal..](#)

[Epílogo](#)

[Glossário](#)

Sinopse

Um grupo de coelhos precisa migrar depois que sua toca ficou ameaçada. Nessa jornada, terão de enfrentar os mais diferentes perigos para conseguir um lar novamente.

Richard George Adams pode ser considerado um dos últimos fenômenos editoriais internacionais. Este ex-funcionário público inglês invadiu o mercado de livros em 1972, quando a sua primeira obra, *A Longa Jornada*, alcançou fulgurante êxito.

A proposta inicial era escrever uma história para suas duas filhas. Contudo, Adams não poderia imaginar que, ao permitir a publicação desse livro, acabaria por conquistar não só o público juvenil, como o adulto.

Nesta obra, o autor utiliza a vida dos animais, no caso os coelhos, para simbolizar o comportamento do homem, um misto de livro de aventura e de reflexão.

Para JULIET e ROSAMOND,
em lembrança da estrada
Stratford-on-Avon

Nota

Nuthanger Farm é um lugar verdadeiro, como todos os demais lugares neste livro. Mas o Sr. e a Sra. Cane, sua garotinha Lucy e seus colonos são fictícios e não têm semelhança intencional com quaisquer pessoas que conheci, vivas ou mortas.

Agradecimentos

Reconheço com gratidão o auxílio que recebi não somente de minha família, mas também de meus amigos Reg Sones e Hal Summers, que leram o livro antes de ser publicado e fizeram sugestões valiosas.

Também quero agradecer calorosamente à Sra. Margaret Apps e à Srta. Miriam Hobbs, que assumiram o ônus da datilografia e me ajudaram muito.

Sou credor, quanto ao conhecimento de coelhos e seus hábitos, ao notável livro do Sr. R. M. Lockley, *The Private Life of the Rabbit*. Quem, porventura, deseje saber mais acerca das migrações desses animaizinhos, de como pressionam as glândulas do focinho e remoem os alimentos, os efeitos da super-reprodução em viveiros, o fenômeno da reabsorção de embriões fertilizados, a capacidade dos coelhos machos de lutarem com arminhos, ou quaisquer outros aspectos da vida leporídea, deve recorrer àquele livro definitivo.

Parte I - A JORNADA



1. O Quadro de Avisos

CORO: Por que gritas assim, a menos que vejas uma visão horrenda?

CASSANDRA: A casa cheira a morte e sangue gotejante.

CORO: Como assim? É apenas o odor do altar de sacrifícios.

CASSANDRA: O fedor é como um hálito que sai da tumba.

Esquilo, *Agamenon*

As prímulas espalhavam-se por toda parte. Na direção da fímbria do bosque, onde o chão se expunha e escorregava até uma velha cerca e um fosso espinhoso mais além, somente alguns trechos desbotados, de um amarelo pálido, mostravam-se ainda entre os mercúrios-do-campo e raízes de carvalho. No outro lado da cerca, a parte superior do campo estava cheia de tocas de coelhos. Em certos lugares a erva desaparecera de todo, e por toda parte havia montículos de estéreo seco, através dos quais nada, a não ser a erva-de-santiago, podia crescer. A cem metros de distância, no fundo do declive, corria o ribeiro — não mais de um metro de largura — meio obstruído com botões-de-ouro, agriões e becabungas azuis. Os trilhos das carretas passavam junto a um bueiro de tijolos e escalavam o declive oposto, até um portão de cinco barras, na sebe de espinhos. A cancela conduzia à planície.

O crepúsculo de maio tinha nuvens vermelhas e faltava ainda meia hora para o escurecer. O declive seco estava pontilhado de coelhos — uns mordiscando a erva rala, perto de suas tocas, outros avançando para baixo, à procura de dentes-de-leão ou talvez de uma prímula que os demais houvessem esquecido. Aqui e ali, um deles sentava-se, aprumado, sobre um formigueiro, e olhava ao redor, com as orelhas eretas e o nariz sentindo o vento. Mas um melro, cantando tranqüilamente nas imediações do bosque, demonstrava que nada havia, ali, de alarmante — e na outra direção, ao longo do córrego, o plano facilitava a vista; tudo vazio e quieto. A coelheira encontrava-se em paz.

No alto do barranco, rente à cerejeira silvestre onde o melro cantava, havia um grupinho de buracos quase ocultos pelas sarças. À meia-luz verde, na boca de um desses buracos, dois coelhos estavam sentados juntos, lado a lado. Por fim, o maior dos dois saiu, deslizou pelo barranco, sob a cobertura das sarças, entrou no fosso e subiu para o campo. Instantes depois o outro acompanhou-o.

O primeiro coelho parou num trecho ensolarado e cocou a orelha, em rápidos movimentos de sua pata traseira. Embora fosse um animal de um ano, e ainda estivesse aquém do peso completo, não tinha a aparência lerda da maioria dos *suburbanos* — isto é, os soldados rasos, coelhos ordinários, em seu primeiro ano de vida, os quais, por lhes faltar linhagem aristocrática ou tamanho e força incomuns, eram ignorados pelos mais velhos e viviam como bem podiam — muitas vezes em campo aberto —, na fímbria da coelheira. Aquele coelho parecia saber cuidar de si próprio. Dava impressão de astúcia e vivacidade ao sentar-se, olhar em volta e esfregar as patas dianteiras no nariz. Ao se dar conta de que tudo ia bem, baixou as orelhas e pôs-se a escrutinar a erva.

Seu companheiro parecia menos à vontade. Era pequeno, com olhos graúdos, de expressão fixa, e uma forma de erguer e virar a cabeça que sugeria não propriamente cautela, mas uma espécie de incessante tensão nervosa. Seu nariz movia-se continuamente, e quando um abelhão voou, zunindo, até uma moita de cardos às suas costas, saltou e girou com tal sobressalto que dois coelhos correram à procura de tocas,

até que o mais próximo, um macho com orelhas de pontas negras, reconheceu-o e voltou a mastigar.

— Ora, é apenas Cinco-Folhas — disse o coelho da orelha de ponta negra —, que salta novamente entre as centáureas azuis. Vamos, Espinheiro Cerval, o que você me dizia?

— Cinco-Folhas? — disse o outro coelho. — Por que o chamam assim? ^[1]

— Era o quinto da ninhada, pelo visto. O último — e o menor. Não admira que nada de mau lhe tenha acontecido até agora. Estou certo que um homem não pode vê-lo e uma raposa não desejaria pegá-lo. Melhor ainda, estou pronto a admitir que ele parece capaz de defender a própria pele.

(Vide glossário no final do livros para mais palavras em leporídeo.)

O coelho pequeno aproximou-se mais de seu companheiro, apoiando-se preguiçosamente nas compridas pernas traseiras.

— Vamos mais adiante, Aveleira — disse ele. — Olhe, a coelheira parece estranha esta tarde, embora eu não possa saber exatamente de que se trata. Descemos ao córrego?

— Está bem — respondeu Aveleira. — Você procurará prímulas para mim. Se não descobrir, tampouco alguém descobrirá.

Abriu caminho pelo declive, sua sombra espalhando-se atrás, na erva rasteira. Chegaram ao córrego e começaram a fungar e pesquisar junto aos sulcos das rodas da carreta.

Não tardou muito e Cinco-Folhas encontrou o que buscava. As prímulas constituem um regalo para os coelhos e, em regra, restam muito poucas, nos fins de maio, nas vizinhanças de uma coelheira, mesmo pequena. Aquela ali não florescera e sua chata extensão de folhas eslava quase encoberta sob a erva longa. Mal começavam a mastigá-la e dois coelhos maiores chegaram, a correr, do outro lado de um vau próximo para o gado.

— Prímulas? — disse um. — Muito bem, deixem-nas para nós. Vamos lá, apresse-se — acrescentou, enquanto Cinco-Folhas hesitava. — Você me ouviu direito, não foi?

— Cinco-Folhas encontrou as prímulas, Linho Bravo — disse Aveleira.

— E nós as comeremos — replicou Linho Bravo. — Prímulas são para o Owsla ^[2], será que você não sabe? Se ignora, podemos ensinar-lhe facilmente.

Cinco-Folhas já se afastara. Aveleira alcançou-o junto ao bueiro.

— Estou aborrecido e cansado disso tudo — ele disse. — Ê sempre a mesma coisa. "Eis as minhas garras, portanto a prímula me pertence." "F.is os meus dentes, portanto este é o meu refúgio." Vou dizer uma coisa: se algum dia entrar para o Owsla, tratarei os *suburbanos* com um pouco de decência.

— Bem. Você, pelo menos, espera entrar no Owsla um dia — respondeu Cinco-Folhas. — Tem adquirido peso ultimamente, o que eu jamais terei.

— Não pense que vou deixá-lo entregue a si próprio — disse Aveleira. — Mas, para lhe ser franco, às vezes tenho a impressão de estar sendo despejado deste viveiro. Bem, esqueçamos isto agora e tentemos apreciar a tarde. Eu lhe digo o que... vamos atravessar o córrego? Lá há menos coelhos e gozaremos um pouco de paz. A menos que você não se sinta em segurança — acrescentou. A maneira como falava sugeria que ele havia pensado, de fato, que Cinco-Folhas provavelmente sabia mais — e ficou claro, pela resposta de Cinco-Folhas, que isso era aceite entre eles.

— Não, é bastante seguro aquilo lá — respondeu. — Se começar a sentir que existe algo de perigoso, eu direi. Mas não é exatamente perigo o que eu pareço sentir acerca do lugar. É... ah, não sei bem... alguma coisa de opressivo, como o trovão. Não sei dizer o quê. Mas isso me aflige. De qualquer modo,

atravessarei em sua companhia.

Ultrapassaram, correndo, o bueiro. A erva estava úmida e espessa, perto do córrego, e eles avançaram pelo declive oposto, à procura de solo mais seco. Parte do declive estava imerso na sombra, pois o sol mergulhava às costas de ambos, e Aveleira, que queria um sítio quente, ensolarado, prosseguiu até se acharem distanciados, perto da planície. Ao se aproximarem da cancela, ele parou, fitando.

— Cinco-Folhas, que é aquilo? Olhe!

A pouca distância, o chão fora revolvido recentemente. Dois montes de terra jaziam sobre a erva. Pesados postes, cheirando a creosoto e pintados, subiam quais torres, tão altos quanto as árvores sagradas da sebe, e o cartaz que sustentavam produzia uma comprida sombra até o cimo do campo. Perto de um dos postes, um martelo e alguns pregos tinham sido abandonados.

Os dois coelhos avançaram para o cartaz, numa corrida saltitante, e agacharam-se num trecho de urtigas, franzindo os narizes ao odor de um toco de cigarro apagado, largado na grama. De repente, Cinco-Folhas estremeceu e encolheu-se.

— Oh, Aveleira! É daqui que a coisa vem! Agora eu sei... alguma coisa muito má! Uma coisa terrível... chegando perto, cada vez mais perto.

Começou a soluçar de medo.

— Que espécie de coisa? A que você se refere? Pensei que você havia dito não haver perigo.

— Não sei o que é — respondeu Cinco-Folhas, deprimidíssimo. — Não há perigo algum aqui, neste momento. Mas ele está vindo... está chegando. Oh, Aveleira, olhe! O campo! Está coberto de sangue!

— Não seja tolo. É apenas a luz do crepúsculo. Cinco-Folhas, pare com isso. Deixe de falar assim, que você me assusta!

Cinco-Folhas sentou-se, tremulo e choroso, entre as urtigas, enquanto Aveleira procurava reconfortá-lo e descobrir o que o levara, de súbito, a perder o controle. Se ele estava aterrorizado, por que então não corria para lugar seguro, como qualquer coelho sensível faria? Mas Cinco-Folhas, sem poder explicar, tornava-se mais e mais deprimido. Por fim, Aveleira disse:

— Cinco-Folhas, você não pode ficar sentado aqui a chorar. E está escurecendo. Melhor a gente voltar à toca.

— Voltar à toca? — cochichou Cinco-Folhas. — A coisa chegará até lá... não tenha dúvida! Dou-lhe minha palavra: o campo está cheio de sangue...

— Pare — disse Aveleira com firmeza. — Deixe-me tomar conta de você agora. Qualquer que seja o problema, é hora de voltar.

Desceu o campo, a correr, cruzou o córrego em direção ao bebedouro do gado. Ali, houve outro atraso, pois Cinco-Folhas — cercado, de todos os lados, por um tranqüilo anoitecer de verão — ficou desamparado e quase paralisado de medo. Quando, afinal, Aveleira conseguiu arrastá-lo ao fosso, ele recusou-se, a princípio, a descer, e Aveleira quase se viu forçado a metê-lo na toca.

O sol pôs-se atrás do declive oposto. O vento esfriou, espalhando chuva, e em menos de uma hora tudo estava escuro. As cores diluíram-se no céu; e embora o grande cartaz, junto à cancela, estalasse levemente ao vento noturno (como a insistir que não havia desaparecido nas trevas, mas continuava firme onde fora pregado), não houve quem passasse por ali para ler as letras toscas e rígidas que cortavam fundo a superfície branca, como se fossem facas negras. Elas diziam:

ESTE LOTE TÃO BEM SITUADO, COMPREENDENDO 5 MIL METROS QUADRADOS DE EXCELENTE TERRA PARA HABITAÇÃO, SERÁ OCUPADO COM MODERNAS RESIDÊNCIAS DE ALTA CLASSE, NUM EMPREENDIMENTO DE SUTCH E MARTIN LIMITADA, DE NEWBURY, BERKS.

2. O Coelho-Chefe

O sombrio estadista, curvado aos encargos e aflições,
Qual denso nevoeiro da meia-noite, movia-se tão devagar
Que não ficava nem ia.

Henry Vaughan, *The World*

Na escuridão e no calor da toca, Aveleira despertou de repente, sacudindo as pernas traseiras. Alguma coisa o atacava. Não havia cheiro de furão ou doninha. Instinto algum avisou-o a fugir. Sua cabeça readquiriu consciência e ele viu que estava sozinho, não fosse a presença de Cinco-Folhas. Era Cinco-Folhas, aliás, que se agarrava a ele, unhando-o e escalando-o como um coelho que tenta, em pânico, subir por uma cerca de arame.

— Cinco-Folhas! Cinco-Folhas, acorde, seu rematado tolinho! É Aveleira. Assim você vai me ferir. Acorde!

Despreendeu-o num repelão, lutou um pouco e despertou.

— Oh, Aveleira! Eu estava sonhando. Foi terrível. Você também estava lá. Estávamos na água, descendo por um grande e fundo regato, e então eu percebi que íamos numa prancha — semelhante àquela prancha no campo — toda branca e coberta de linhas pretas. Havia outros coelhos, machos e fêmeas. Mas quando eu olhei bem, vi que a prancha era toda feita de ossos e arame; e eu gritei e você disse: "Nadem. Vamos nadar todos." E depois eu procurava por você e tentava tirar você de um buraco na ribanceira. Encontrei-o, mas você disse: "O Coelho-Chefe deve andar sozinho". E você desapareceu, boiando, por um escuro túnel de água.

— Bem, você feriu minhas costelas. Túnel de água, pois sim! Quanta asneira! Podemos dormir de novo?

— Aveleira... Olhe o perigo, a coisa ruim. Ainda não desapareceu. Está aqui... ao nosso redor. Não queira que eu esqueça tudo e durma. Temos de fugir antes que seja tarde demais.

— Fugir? Sair daqui? Da coelheira?

— Sim. Imediatamente. Não importa para onde.

— Só você e eu?

— Não, todo mundo.

— A coelheira toda? Não seja maluco. Eles não irão. Vão dizer que você perdeu o juízo.

— Nesse caso, estarão aqui quando a coisa ruim chegar. Você precisa me ouvir, Aveleira. Acredite no que digo. Uma coisa muito má está perto e devemos ir embora.

— Bom. Acho melhor você procurar o Coelho-Chefe e contar *a ele* suas preocupações. Ou tentar contar-lhe. Não creio, porém, que a idéia lhe vá agradar.

Aveleira desceu o declive do viveiro e subiu na direção da cortina de sarças. Não queria acreditar em Cinco-Folhas, e ao mesmo tempo tinha medo de não acreditar.

Passava um pouco de ni-Frith, ou meio-dia. A coelheira encontrava-se embaixo do chão, quase toda adormecida. Aveleira e Cinco-Folhas correram algum tempo pelo chão e depois mergulharam numa toca larga, aberta numa extensão arenosa, e desceram, por vários meandros, até se encontrarem nove metros dentro do bosque, entre as raízes de um carvalho. Ali, foram detidos por um coelho grande, robusto — um dos membros do Owsla. Tinha uma curiosa e pesada dobra de pele no alto da cabeça, o que lhe dava aparência estranha, como se ele usasse uma espécie de capuz. Isto lhe valera o nome de Thlayli, que significa, literalmente, *Cabeça Empelicada*, ou, como poderíamos dizer, *Manda-Chuva*.

— Aveleira? — disse Manda-Chuva, fungando para ele na densa penumbra entre as raízes da árvore. — É Aveleira, pois não? Que está fazendo aqui? E a esta hora do dia? — Ignorou Cinco-Folhas, que aguardava um pouco atrás.

— Queremos ver o Coelho-Chefe — disse Aveleira. — Assunto importante, Manda-Chuva. Pode nos ajudar?

— Nós todos? — disse Manda-Chuva. — *Ele* também pretende comparecer?

— Sim, é necessário. Confie em mim, Manda-Chuva. Eu não costumo vir aqui e falar dessa maneira, não é? Quando foi que eu já pedi para ver o Coelho-Chefe?

— Bem, farei isso por você, Aveleira, embora correndo o risco de perder a cabeça. Direi que o conheço há muito tempo como sujeito sensível. Provavelmente ele conhece você, mas está ficando velho. Espere aqui, sim?

Manda-Chuva retrocedeu e parou à entrada de uma grande toca. Depois de pronunciar algumas palavras que Aveleira não conseguiu apanhar, convidaram-no, evidentemente, a entrar. Os dois coelhos aguardaram em silêncio, quebrado unicamente pela contínua e nervosa excitação de Cinco-Folhas.

O nome e título do Chefe dos Coelhos era Threarah, o que significava *Senhor Sorveira* For algum motivo ele sempre era chamado de *O Threarah* — talvez porque só houvesse um sorvo, ou sorveira, perto do viveiro do qual tirara o nome. Conquistara a posição não somente pela força, na flor dos anos, mas também por causa do bom-senso e uma certa capacidade de autocontrole, ao contrário da conduta impulsiva da maioria dos coelhos. Tornara-se notório que ele nunca se deixava assustar pelos ruídos ou perigo. Demonstrara firmeza — alguns diriam frieza — durante o terrível assalto de mixomatose, puxando para fora, sem piedade, todo coelho que parecia doente. Havia resistido a quaisquer idéias de emigração em massa e mantivera a coelheira sob completo isolamento, salvando-a, quase certamente, de ser extinta. Foi ele, ainda, que enfrentara, certa vez, um arminho importuno, derrubando-o entre as gaiolas dos faisões, e (com o risco de sua própria vida) diante da espingarda do zelador. Agora, como dizia Manda-Chuva, estava ficando velho, mas sua mente continuava bastante lúcida. Quando Aveleira e Cinco-Folhas foram levados à sua presença, cumprimentou-os com polidez. Um Owsla do gênero Linho Bravo teria feito ameaças e fanfarrônicas. O Threarah não tinha necessidade disso.

— Ah, Noz. É Noz, não é?

— Aveleira — disse Aveleira.

— Aveleira, é claro. Muita bondade a de vocês virem me visitar. Conheci bem sua mãe. E seu amigo aí...

— Meu irmão.

— Seu irmão — disse Threarah, com uma leve entonação de quem pede: "Não me corrija mais, ouviu?" — Ponham-se à vontade. Querem alface?

A alface do Chefe dos Coelhos era furtada pelo Owsla de uma horta a um quilômetro de distância,

através dos campos. Os *suburbanos* raramente ou nunca viam alface. Avelaira pegou uma folhinha e mordiscou-a polidamente. Cinco-Folhas recusou. Sentado, piscava os olhos e remexia-se miseravelmente.

— Bom. Como andam as coisas? — disse o Coelho-Chefe.

— Digam-me em que lhes posso ser útil.

— Acontece, senhor... — disse Avelaira, um pouco hesitante.

— Olhe, é por causa de meu irmão... de Cinco-Folhas. Este aqui. Ele sempre adivinha quando há coisa ruim, e eu verifico sempre que tem razão. Previu a enchente do outono passado e às vezes pode anunciar onde foi erguida uma cerca de arame. Pois bem: agora ele diz que pressente um grande perigo aproximando-se da coelheira.

— Um grande perigo. Sim, compreendo. Isto é deveras inquietante — disse o Coelho-Chefe, parecendo tudo, menos inquieto.

— Mas que espécie de perigo, eu pergunto? — E olhou para Cinco-Folhas.

— Não sei — disse Cinco-Folhas. — Mas ga-garanto que é coisa ruim. Tão ru-ruim que... É muito ruim — concluiu aflitivamente.

O Threarah aguardou polidamente alguns instantes e depois disse: — Bem, e que devemos fazer, se mal pergunto?

— Ir embora — disse Cinco-Folhas instantaneamente. — Fugir. Nós todos. Agora. Threarah, meu senhor, devemos fugir todos.

O Threarah silenciou outra vez. Em seguida, com uma voz extremamente compreensiva, disse: — Puxa vida! É uma decisão e tanto, não acham? Qual a sua opinião?

— Bem — disse Avelaira —, meu irmão não costuma pensar a respeito das impressões que tem. Apenas sente as coisas, se é que o senhor me entende. Tenho certeza que o senhor é a pessoa indicada para decidir o que faremos.

— É muita bondade sua dizer isto. Espero corresponder à expectativa. Mas agora, meus caros amigos, vamos pensar um pouco no problema, pois sim? Estamos em maio, não é? Todo mundo anda ocupado e a maioria dos coelhos se diverte. Tudo em calma, num raio de quilômetros — ou, do contrário, eu saberia. Não há doenças. Faz bom tempo. E você pretende que eu diga à coelheira que este jovem... ahn... o jovem... ahn... seu irmão aqui tem um pressentimento e que devemos todos bater em retirada, sabe-se lá para onde, e sofrer as conseqüências, não é? O que acha que diriam? Ficariam encantados, hein?

— Acreditariam no senhor — disse Cinco-Folhas, de repente.

— Bondade sua — disse o Threarah outra vez. — Bem, talvez confiassem mesmo em mim, talvez não. Mas eu teria de pensar com muito cuidado. O passo é muito sério, sem dúvida. E depois...

— Mas não há tempo, Threarah — interrompeu Cinco-Folhas.

— Posso sentir o perigo como um arame que me aperta o pescoço... como um arame, Avelaira. Socorro! — Soltou um guincho e rolou na areia, esperneando freneticamente, como faz um coelho no laço. Avelaira imobilizou-o com as duas patas dianteiras e ele ficou mais quieto.

— Lamento muitíssimo, Coelho-Chefe — disse Avelaira. — Às vezes ele fica assim. Estará bom dentro de um minuto.

— Que vergonha! Que vergonha! Pobre rapaz, talvez fosse melhor ele voltar para casa e repousar. Sim, é melhor levá-lo agora. Foi realmente muita bondade sua vir aqui me visitar, Noz. Apreciei muito sua atitude. Pensarei em tudo o que me disse com muito cuidado, pode estar certo. Manda-Chuva, espere um instante, por favor.

Enquanto saíam cabisbaixos da toca do Threarah, Avelaira e Cinco-Folhas ouviram, de dentro, a voz do Chefe dos Coelhos assumir um tom mais áspero, intercalada com um ocasional *Sim, senhor, Não, senhor*.

Manda-Chuva, conforme ele havia previsto, estava arriscando a cabeça.

3. A Decisão de Avelreira

Afinal para que estou deitado aqui?

Estamos estirados aqui como se tivéssemos oportunidade de gozar de uma temporada calma...

Estarei, acaso, à espera de me tornar um pouco mais velho?

Xenofonte, *Anábase*

— Mas Avelreira, você não pensou que o Coelho-Chefe vai seguir o seu conselho, pensou? Que estamos esperando?

Estava-se, uma vez mais, ao cair da tarde, e Avelreira e Cinco-Folhas comiam, fora do bosque, com dois amigos. Amora-Preta, o coelho com orelhas de pontas pretas, que fora assustado por Cinco-Folhas na noite anterior, escutara com atenção a descrição que Avelreira lhe fizera do quadro de avisos. Observou que ele sempre sentira que os homens deixam essas coisas por aí como sinais ou mensagens de alguma espécie, da mesma forma que os coelhos deixam marcas de viveiros e tocas. Foi outro vizinho, Dente-de-Leão, que levou a conversa novamente para o Threarah e sua indiferença ante o temor de Cinco-Folhas.

— Não sei o que eu esperava — disse Avelreira. — Nunca estive antes perto do Coelho-Chefe. Mesmo assim, pensei: "Bem, se ele não quiser ouvir, pelo menos ninguém poderá alegar depois que não fizemos tudo para adverti-lo".

— Nesse caso, você tem certeza de que existe motivo para temor?

— Certeza completa. Conheço Cinco-Folhas, eis tudo. Amora-Preta estava em vias de responder quando outro coelho emergiu espalhafatosamente da espessura dos mercúrios-de-campo, entrou meio cambaleante nas sarças e içou-se do fosso. Era Mandachuva.

— Olá, Manda-Chuva — disse Avelreira. — Está de folga?

— De folga, sim — disse Manda-Chuva. — E provavelmente assim ficarei.

— Que quer dizer com isso?

— Deixei o Owsla, aí está.

— Por nossa culpa?

— Pode ser. O Threarah perde as estribeiras quando é despertado no ni-Frith para o que julga ser uma rematada tolice. E olhem que ele sabe tirar a pele da gente. Admito que coelhos manteriam a calma e a serenidade ao lado direito do Chefe, mas tenho medo de não me ajustar a essa situação. Disse-lhe que os privilégios do Owsla não tinham, de qualquer maneira, importância maior para mim, e que um coelho forte sempre se arruma ao deixar o viveiro. Ele me aconselhou a não ser impulsivo e pensar bem no caso, mas não quis ficar. Furtar alface não me parece vida prazenteira, nem montar guarda na toca. Sou um temperamento sensível, como vêem.

— Dentro em pouco ninguém furtará mais alfases — disse Cinco-Folhas tranqüilamente.

— Ah, é você, Cinco-Folhas? — disse Manda-Chuva, notando-o pela primeira vez. — Ótimo, eu

estava à sua procura. Estive pensando no que você disse ao Coelho-Chefe. Seja franco: trata-se de um truque para tornar-se importante, ou é mesmo verdade?

— É verdade — disse Cinco-Folhas. — Eu só queria que não fosse.

— Então vocês tencionam abandonar a coelheira?

Todos ficaram confusos ante a maneira direta como Manda-Chuva chegou ao ponto da questão. Dente-de-Leão murmurou: — Deixar a coelheira! — Amora-Preta torceu as orelhas e fitou intensamente Manda-Chuva, primeiro, e depois Aveleira.

Foi Aveleira que respondeu: — Cinco-Folhas e eu deixaremos a coelheira esta noite — disse com firmeza. — Não sei exatamente para onde iremos, mas aceitaremos a companhia de quem nos queira seguir.

— Está bem — disse Manda-Chuva. — Podem contar comigo. A última coisa que Aveleira esperava era o apoio imediato de um membro do Owsla. Acudiu-lhe à mente que se Manda-Chuva seria, com toda a certeza, um coelho útil numa enrascada, também seria difícil lidar com ele. Certamente não faria o que lhe dissesse — ou lhe pedisse — um *suburbano*. "Pouco me importa que ele pertença ao Owsla", pensou Aveleira. "Já que vamos fugir da coelheira, não vou deixar que Manda-Chuva provoque rebuliço. Por que não levá-lo?" Mas respondeu apenas: — Ótimo. Estamos contentes com sua solidariedade.

Olhou os outros coelhos, que ora fitavam Manda-Chuva, ora encaravam Aveleira. Foi Amora-Preta o primeiro a falar:

— Acho que irei também — disse. — Não sei se foi você que me persuadiu, Cinco-Folhas. De qualquer forma, há muitos machos nesta coelheira e a vida não oferece muitas alegrias a um coelho que não seja do Owsla. O mais engraçado é que você tem medo pânico de ficar, e eu, de fugir. Raposas ali, doninhas acolá — e Cinco-Folhas de permeio. Vai ser aquele piá!

Arrancou uma folha de pimpinela e comeu-a devagar, disfarçando o mais possível o medo, pois todos os seus instintos o advertiam dos perigos na região desconhecida além da coelheira.

— A crer em Cinco-Folhas — disse Aveleira — pensaríamos que nenhum coelho deveria permanecer aqui. Assim, daqui até a hora da partida, é dever nosso persuadir o maior número possível a nos acompanhar.

— Acho que há um ou dois, no Owsla, bastante receptivos — disse Manda-Chuva. — Se eu puder falar com eles, estarão ao meu lado hoje à noite. Mas não viriam por sua própria vontade só por causa de Cinco-Folhas. São jovens e descontentes como eu. Seria preciso ouvir Cinco-Folhas para ficar convencido. Ele me convenceu. E óbvio que recebeu alguma mensagem. Pois bem: acredito nessas coisas. Não consigo entender por que ele não convenceu também o Threarah.

— Porque o Threarah não gosta de nada em que ele não pensou primeiro — respondeu Aveleira. — Deixemos, porém, de nos preocupar com ele. Temos de reunir mais alguns coelhos e marcar encontro aqui, no fu Inlé. Vamos partir no fu Inlé: não podemos esperar mais. Os perigos chegam cada vez mais perto — não importa o que representem — e, além disso, o Threarah não vai gostar de ver você aliciando coelhos no Owsla, Manda-Chuva. Tampouco o Capitão Azevim, ao que me parece. Files não se importam que nós, o rebotalho, dê o fora, mas não querem perder você. Se eu estivesse em seu lugar, levaria em conta os coelhos com quem pretenda falar.

4. A Partida

Agora, o senhor jovem Fortinbrás,
De inalterado vigor ardente e cheio,
Nas praias da Noruega arrebanhou
Uma porção de facínoras resolutos
A troco de comida e para um ato
Que exigia estômago forte.

Shakespeare, *Hamlet*

Fu Inlé significa "após o nascer da lua". Os coelhos, naturalmente, não têm idéia do tempo preciso ou da pontualidade. A esse respeito, parecem-se com povos primitivos, que, várias vezes, levam vários dias reunidos com algum objetivo, e, em seguida, mais um tanto para se decidirem. Antes que tais pessoas possam agir em conjunto, uma espécie de sensação telepática tem de fluir através delas e amadurecer até o ponto em que todos sabem que estão prontos para começar. Quem já viu os martinetes e andorinhas em setembro, reunidos nos fios telefônicos, trinando, empreendendo vôos curtos, sozinhos e em grupos, no espaço aberto sobre os campos de restolhos, voltando a formar linhas cada vez mais compridas acima das orlas das colinas amareladas — centenas de pássaros desaparecendo e misturando-se, em crescente frenesi, em enxames, e esses enxames aproximando-se negligentemente e separadamente até criar uma grande e desorganizada revoada, grossa no centro e esgarçada dos lados, revoada que se interrompe e se unifica continuamente, como nuvens ou ondas — até o instante em que a maior parte (mas não todos) dos pássaros sabe que a ocasião é chegada: estão dispensados, e iniciam uma vez mais o grande vôo em direção ao sul, no qual muitos não sobreviverão; quem viu isso, já viu em ação a corrente que flui (entre criaturas que pensam em si mesmas, primariamente, como parte de um grupo, e apenas secundariamente, se tanto, como indivíduos) para fundi-las e impeli-las à ação, sem que haja pensamento consciente ou vontade: essa pessoa viu já em ação o anjo que conduziu a Primeira Cruzada a Antioquia e empurra os lemingues para o mar.

Foi, na verdade, cerca de uma hora depois de aparecer a lua, e bem antes da meia-noite, que Aveleira e Cinco-Folhas saíram outra vez de sua toca atrás das amoreiras-pretas e deslizaram silenciosamente ao longo do fundo do fosso. Com eles, havia um terceiro coelho, Hlao — Panelinha de Barro —, amigo de Cinco Folhas. (Hlao significa qualquer pequena concavidade na erva rasteira, onde se forma o orvalho; p. ex., a covinha formada por um dente-de-leão ou um cálice-de-cardo.) Também era pequeno e inclinado à timidez, e Aveleira e Cinco-Folhas haviam gasto a maior parte da tarde anterior, na coelheira, persuadindo-o a juntar-se a eles. Panelinha de Barro concordara de forma um tanto hesitante. Ainda se sentia extremamente nervoso sobre o que poderia acontecer assim que deixassem a coelheira, e decidira que a melhor maneira de prevenir problemas seria andar nos calcanhares de Aveleira e fazer exatamente o que este lhe dissesse.

Os três ainda se encontravam no fosso quando Aveleira ouviu um movimento em cima. Levantou rapidamente os olhos.

— Quem está aí? — disse. — Dente-de-Leão?

— Não. Sou Bico de Falcão — disse o coelho que espiava por sobre e barranco. Saltou entre eles, caindo pesadamente. — Lembra-se e e mim, Aveleira? Estivemos na mesma toca, durante a nevada do inverno anterior. Dente-de-Leão me disse que iam abandonar a coelheira esta noite. Se vão, irei com vocês.

Aveleira lembrava-se bem de Bico de Falcão — um coelho meio lerdo e estúpido, em cuja companhia, durante dias de tempestade de neve, passara momentos assaz tediosos. Paciência, pensou; a ocasião não se mostrava propícia a escolhas rigorosas. Embora Manda-Chuva conseguisse convencer um ou dois, a maioria dos coelhos que esperavam não viria do Owsla. Seriam *suburbanos* que não se divertiam de modo algum e pensavam no que fazer. Revia alguns desses, em pensamento, quando Dente-de-Leão apareceu.

— Acho que, quanto mais cedo a gente partir, melhor — disse Dente-de-Leão. — Não gosto do jeito como as coisas marcham. Depois de haver convencido Bico de Falcão, aqui presente, a se juntar a nós, eu mal começava a falar com outros quando descobri que o tal Linho Bravo me acompanhava pela coelheira. "Quero saber o que você pretende", disse ele, e não creio que me houvesse acreditado quando lhe respondi que tentava apenas descobrir se havia coelhos que desejavam deixar o viveiro. Ele me perguntou se eu não tinha certeza de estar tramando uma espécie de conspiração contra o Threarah. Estava um tanto irado e cheio de suspeitas. Para lhes dizer a verdade, fiquei em situação difícil, por isso trouxe apenas Bico de Falcão.

— Não o censuro — disse Aveleira. — Conhecendo Linho Bravo, estou surpreso de que não lhe houvesse aplicado uma patada, antes, e feito perguntas depois. Mesmo assim, vamos esperar mais um pouco. Amora-Preta deve estar aqui logo mais.

O tempo passava. Eles se agacharam em silêncio, enquanto as sombras da lua moviam-se para o norte, por sobre a grama. Afinal, quando Aveleira estava prestes a descer, correndo, o declive para a toca de Amora-Preta, este surgiu de seu buraco, seguido, nada mais nada menos, por três coelhos. Um deles, Espinheiro Cerval, Aveleira conhecia bem. Ficou satisfeito de vê-lo ali, pois o tinha na conta de sujeito rude e forte, tido como candidato certo ao Owsla, tão logo atingisse o peso completo.

"Parece-me, no entanto, que ele está impaciente", pensou Aveleira, "ou, quem sabe, levou a pior numa briga por causa de uma fêmea e se sente humilhado. Bem, com ele e Manda-Chuva, pelo menos não faremos feio cm caso de batalha."

Não reconheceu os outros dois coelhos, e quando Amora-Preta lhes declinou o nome — Verônica e Bolota —, não ficou menos ignorante. O que não era para surpreender, pois se tratava de típicos *suburbanos* — coelhinhos de uns seis meses, de aparência frágil, com a expressão cansada e preocupada dos que se habituaram apenas à sombra e água fresca. Olharam curiosamente para Cinco-Folhas. Pelo que Amora-Preta lhes dissera, esperavam encontrar Cinco-Folhas mergulhado numa torrente poética de narração. Ao contrário, este parecia mais calmo e normal do que o resto. A certeza de partir retirara um peso de cima de Cinco-Folhas.

O tempo continuava a escoar-se lentamente. Amora-Preta enveredou pelas samambaias e depois retornou ao topo do barranco, remexendo-se nervosamente e meio inclinado, como que prestes a fugir diante da menor coisa. Aveleira e Cinco-Folhas permaneceram no fosso, mordiscando, meio desconsolados, a erva escura. Por fim, Aveleira escutou o que esperava: um coelho — ou seriam dois? — aproximava-se da direção do bosque.

Instantes depois, Manda-Chuva estava no fosso. Atrás dele encontrava-se um coelho grande, de aparência esperta, nos seus doze meses de idade. Era conhecido, de vista, em toda a coelheira, pois seu pêlo era completamente cinzento, com manchas quase brancas que, agora, refletiam o luar, quando ele

sentou-se sem falar. Tratava-se de Prata, um sobrinho do Threarah, que prestava o seu primeiro mês de serviço no Owsla.

Aveleira não pôde deixar de sentir-se aliviado ao ver que Manda-Chuva trouxera apenas Prata — um tipo calmo, determinado, que ainda não assentara pé entre os veteranos. Quando Manda-Chuva falara, antes, em sondar o Owsla, Aveleira ficou indeciso. Era bem provável que eles defrontassem perigos além da coelheira e, assim, precisariam de bons lutadores. Se Cinco-Folhas estivesse certo e a coelheira em situação de perigo iminente, então deviam acolher qualquer coelho disposto a entrar no grupo. Por outro lado, não valia a pena aliciar coelhos que, sem dúvida, iriam comportar-se como Linho Bravo.

"Antes de emprendermos a aventura", pensou Aveleira, "quero me certificar de que Panelinha de Barro e Cinco-Folhas não fazem encenação e estão mesmo dispostos a correr os riscos da empresa. Mas será que Manda-Chuva vê as coisas por esse ângulo?"

— Você conhece Prata, não? — perguntou Manda-Chuva, interrompendo-lhe os pensamentos. — Ao que parece, alguns jovens do Owsla causam-lhe aborrecimentos — importunando-o acerca de seu pêlo e dizendo que ele só obteve o lugar por causa do Threarah. Pensei em arrebanhar outros, mas suponho que quase todo o Owsla prefere a boa vida em que está.

Olhou ao redor. — Ao que vejo, não há muitos aqui, hein? Valerá a pena prosseguir na idéia?

Prata parecia pronto a falar quando, de súbito, houve um ruído de patas no terreno em cima, e mais três coelhos desceram o barranco, provenientes do bosque. Seu avanço era direto e determinado, ao contrário das primeiras e vacilantes aproximações dos que agora estavam reunidos no fosso. O maior dos três recém-chegados assumia a dianteira e os demais seguiam-no, como se cumprissem ordens. Aveleira, sentindo imediatamente que eles nada tinham em comum consigo e com seus companheiros, sentou-se, tenso. Cinco-Folhas murmurou-lhe ao ouvido: — Que bom, Aveleira, eles vieram para... mas interrompeu-se logo. Manda-Chuva virou-se para eles e fitou-os, com o nariz a estremecer rapidamente. Os três aproximaram-se, sem hesitar, dele.

— Thlayli? — disse o líder.

— Você me conhece muito bem — respondeu Manda-Chuva — e eu o conheço, Azevim. Que deseja?

— Você está preso.

— Preso? Que significa isso? E por quê?

— É acusado de promover dissensão e incitar ao motim. Prata, você também está detido, por se recusar a dar informações, esta tarde, a Linho Bravo, faltando, assim, ao seu dever básico de camarada. Os dois venham comigo.

Imediatamente Manda-Chuva caiu sobre ele, arranhando-o e pezunhando-o. Azevim tombou. Seus acompanhantes acercaram-se, à procura de oportunidade para entrar na briga e imobilizar Manda-Chuva. De súbito, do alto do barranco, Espinheiro Cerval atirou-se em meio à refrega, de cabeça para baixo, atingiu um dos guardas com um golpe das patas traseiras e, em seguida, engalfinhou-se com o outro. Foi imitado, um instante depois, por Dente-de-Leão, que se atracou com o coelho que Espinheiro havia atirado longe. Os dois guardas refizeram-se, olharam em volta por um momento e depois subiram o barranco no rumo do bosque. Azevim libertou-se de Manda-Chuva e agachou-se sobre as ancas, arrastando as patas dianteiras e rosnando, como fazem os coelhos quando zangados. Estava a pique de falar quando Aveleira encarou-o.

— Fora daqui — disse Aveleira, calmo e firme. — Do contrário, nós o mataremos.

— Sabe bem o que isto significa? — retrucou Azevim. — Sou Capitão do Owsla. Você sabe, não é?

— Fora daqui — repetiu Aveleira —, ou será morto.

— Você é que morrerá — respondeu Azevim. Sem outra palavra, ele também subiu pelo barranco e desapareceu no bosque.

Dente-de-Leão sangrava no ombro. Chupou a ferida, durante alguns breves instantes, e depois voltou-se para Aveleira.

— Eles não tardarão a voltar, Aveleira — disse. — Foram convocar o Owsla, e num instante estaremos perdidos.

— Devemos partir imediatamente — disse Cinco-Folhas.

— Sim, chegou a hora — respondeu Aveleira. — Vamos embora descendo o córrego. Depois, seguiremos o barranco. Isso nos ajudará a ficar unidos.

— Se quer o meu conselho... — começou Manda-Chuva.

— Se ficarmos aqui um pouco mais, não terei tempo de ouvi-lo — respondeu Aveleira.

Com Cinco-Folhas ao seu lado, abriu a marcha pelo fosso e desceram o declive. Em menos de um minuto o pequeno bando de coelhos havia desaparecido na noite turva que a lua mal iluminava.

5. Nos Bosques

Estes coelhos novos.. devem mudar de pouso, se querem sobreviver. Numa região selvagem e livre eles... avançam, às vezes, muitos quilômetros... vagueando até encontrarem ambiente favorável.

R. M. Lockley, *The Private Life of the Rabbit*

A lua tendia a desaparecer quando deixaram os campos e entraram no bosque. Atabalhoados, atrapalhando-se mutuamente, conservando-se mais ou menos juntos, eles tinham penetrado cerca de um quilômetro nos campos, sempre seguindo o curso do córrego. Embora Aveleira presumisse que deviam estar, agora, mais longe da coelheira do que algum coelho de que já tivera notícia, não tinha certeza de se encontrarem ainda em segurança; e enquanto pensava — o que não acontecia pela primeira vez — se conseguia apanhar sinais de perseguição, observou as massas escuras das árvores e o regato sumindo entre elas.

Os coelhos evitam penetrar na mata, onde o chão é umbroso e sem ervas e se sentem ameaçados pelo subsolo. Aveleira não temia a aparência das árvores. Ainda assim, pensou, Azevim pensaria sem dúvida duas vezes antes de segui-los a um lugar daqueles, e manter-se ao lado do córrego seria mais seguro do que errar pelos campos em uma e outra direção, com o risco de se descobrirem, por fim, de volta à coelheira. Decidiu penetrar na mata sem consultar Mandachuva e confiar em que o resto do bando o acompanharia.

"Se não enfrentarmos dificuldades sérias e o regato nos levar através do bosque", pensou, "estaremos, então, livres da coelheira e capazes de procurar um bom sítio para repousar um pouco. A maior parte deles parece estar mais ou menos em boa disposição, mas Cinco-Folhas e Panelinha de Barro não tardarão a esgotar as forças."

No instante em que penetraram no bosque, este parecia cheio de ruídos. Havia um cheiro de folhas úmidas e musgo, e por toda parte o rumor de água fazia-se ouvir. Uma vez dentro do bosque, o córrego precipitava-se num poço, e o som, enclausurado pelas árvores, ecoava como se numa caverna. Aves de poleiro agitavam-se em cima; a brisa noturna pressionava as folhas; aqui e ali, um galho seco tombava. E havia outros sons mais sinistros, inidentificáveis, chegados da distância; sons de movimento.

Para os coelhos, tudo que é desconhecido é perigoso. A primeira reação é de susto, a segunda de fuga disparada. Assustaram-se continuamente, até ficarem próximos da exaustão. Mas o que significavam tais sons e para onde, naquele ermo, poderiam fugir?

Os coelhos uniram-se ainda mais. Seu progresso tornava-se mais lento. Dentro em pouco tinham percorrido o curso do regato, deslizando por trechos banhados de luar, como fugitivos, e parando nas moitas, orelhas em pé, olhos atentos. A lua havia baixado e a luz, por onde se infiltrava através das árvores, parecia mais espessa, mais velha e mais amarela.

De uma grossa camada de folhas mortas, embaixo de um azevim, Aveleira examinou uma estreita vereda bordejada, de ambos os lados, por fetos e ervas recém-brotadas. Os fetos agitavam-se de leve à brisa, mas ao longo da vereda nada se via, exceto, sob um carvalho, manchas das bolotas tombadas no ano anterior. O que haveria nas samambaias? O que haveria além da curva? E o que aconteceria a um coelho que deixasse o abrigo do azevim e seguisse pela vereda? Voltou-se para Dente-de-Leão, ao seu

lado.

— Melhor esperarem aqui — disse. — Quando eu chegar à curva do caminho, baterei com os pés. Mas, se for apanhado, afaste os outros.

Sem esperar resposta, correu para o espaço aberto e desceu a vereda. Alguns segundos levaram-no ao carvalho. Parou um instante, olhando ao redor, e depois correu para a curva. Além, a vereda era a mesma — vazia ao escuro luar e levando suavemente, colina abaixo, à sombra densa de um bosque de azevinhos. Avelaira bateu com o pé, e momentos depois Dente-de-Leão estava ao seu lado, nas samambaias. Mesmo envolvido pelo medo e tensão, ocorreu-lhe que Dente-de-Leão devia ser muito ligeiro: cobrira a distância num átimo.

— Bem feito — cochichou Dente-de-Leão. — Correndo sozinho nossos riscos, você é... por acaso você é um El-ahrairah? ^[3]

Avelaira lançou-lhe rápido olhar cordial. Tratava-se de uma saudação calorosa, que o alegrou. O que Robin Hood é para os ingleses e John Henry para os negros americanos, Elil-Hrair-Rah, ou El-ahrairah — o Príncipe de Mil Inimigos —, é para os coelhos. Tio Remus pode ter ouvido falar nele, pois algumas aventuras de El-ahrairah são as mesmas do Irmão Coelho. Quanto a isso, o próprio Odusseus ^[4] pode ter tomado de empréstimo uma ou duas do herói coelho, pois ele é muito velho e nunca deixou de considerar a possibilidade de um truque para derrotar seus inimigos. Uma vez, assim dizem, ele tinha de chegar a casa atravessando a nado um rio em que havia um imenso e faminto lúcio. El-ahrairah despelou-se até reunir suficiente quantidade de pêlo para cobrir um coelho de barro, que atirou à água. O lúcio avançou, mordeu-o e deixou-o em paz, decepcionado. Pouco depois, o coelho deu ao barranco e El-ahrairah retirou-o e esperou algum tempo antes de deitá-lo novamente ao rio. Após uma hora disso, o lúcio deixou-o sozinho, e quando agira assim pela quinta vez, El-ahrairah atravessou o rio e chegou em casa. Alguns coelhos dizem que ele controla o tempo, porque o vento, a umidade e o orvalho são amigos e instrumentos dos coelhos contra seus inimigos.

— Avelaira, temos de parar aqui — disse Manda-Chuva, emergindo de entre os corpos arquejantes e agachados dos outros. — Sei que não é um bom lugar, mas Cinco-Folhas e este outro tipo subdesenvolvido que você vê aqui... bem, estão esgotados. Não poderão dar mais um passo se não descansarmos agora.

A verdade é que todos estavam cansados. Muitos coelhos passam a vida inteira no mesmo lugar e nunca correm além de cem metros. Embora possam viver e dormir acima do chão, durante meses, preferem não ficar distanciados de algum refúgio que lhes sirva de toca. Têm dois modos naturais de andar: o suave, saltitante movimento para a frente da coelheira, num entardecer de verão, e o impulso chispante em busca de segurança, que toda pessoa já viu uma vez ou outra. Difícil imaginar um coelho caminhando com firmeza: não foram feitos para isso. É bem verdade que os coelhos jovens são grandes migrantes e capazes de andar durante quilômetros, mas não se dispõem a tal empresa com facilidade.

Avelaira e seus companheiros tinham passado a noite fazendo tudo o que lhes parecia insólito, e isso pela primeira vez. Tinha andado em grupo, ou pelo menos tentado: na verdade, chegaram, às vezes, a andar de roldão. Tinha procurado manter um passo firme, entre o andar e o correr, e tal coisa lhes fora penosa. Desde que entraram no bosque, sofriam de pesada ansiedade. Muitos estavam quase estupidificados — isto é, naquele estado de estupor, de vítreia paralisia que se apossa de coelhos aterrorizados ou exaustos, de forma que eles se sentam e esperam que os inimigos — doninhas ou homens — aproximem-se para lhes tirar a vida. Panelinha de Barro sentou-se trêmulo sob um feto, com as orelhas caídas ao lado da cabeça. Estirou uma pata, de forma cansada e antinatural, e ficou lambendo-a tristemente. Cinco-Folhas estava em melhores condições. Ainda tinha uma aparência jovial, mas muito

preocupada. Aveleira pensou que, até descansarem, estariam mais seguros onde se encontravam do que cambaleando no aberto, sem forcas para correr de um inimigo. Mas, se ficassem sorumbáticos, incapazes de comer ou de se ocultarem debaixo do chão, todos os tormentos atenazariam seus corações; os temores cresceriam e eles provavelmente tenderiam a se dispersar, ou, até mesmo, tentar voltar à coelheira. Teve uma idéia.

— Sim, está bem, descansaremos aqui — disse. — Vamos entrar nestas samambaias. Dente-de-Leão, conte-nos uma história. Sei que você é bom para isso. Panelinha de Barro está doido para ouvir.

Dente-de-Leão olhou Panelinha de Barro e percebeu o que Aveleira lhe pedia. Esquecendo seu próprio medo da terra desolada e sem erva, o retorno, antes da aurora, dos mochos que podiam ouvir a certa distância, e o extraordinário e forte odor animal que parecia chegar de algum sítio bem perto, cada vez mais perto, ele começou.

6. A História da Bênção de El-ahrairah

Por que ele pensaria que sou cruel
Ou que está sendo traído?
Eu o faria amar a coisa que existiu
Antes de o mundo ser construído.

W. B. Yeats, *A Woman Young, and Old*

"Há muito tempo, Frith fez o mundo. Fez todas as estrelas, também, e o mundo é uma das estrelas. Ele as fez espalhando suas gotas pelo firmamento, e este é o motivo por que a erva e as árvores crescem tão firmes no mundo. Frith faz os rios correrem. Os rios o seguem quando ele vara os céus, e quando ele deixa o céu, os rios procuram por ele a noite inteira. Frith fez todos os animais e pássaros, mas quando os imaginou pela primeira vez, todos eram iguais. O pardal e o francelho eram amigos e juntos comiam sementes e moscas. F, a raposa e o coelho eram amigos e comiam ervas. E havia muita erva e moscas em quantidade, porque o mundo era novo e Frith envolvia-o diariamente em luz e calor.

"Ora, El-ahrairah estava entre os animais, naqueles tempos, e possuía muitas esposas. Tinha tantas esposas que não podia contá-las, e as esposas tinham tantos filhos que até mesmo Frith não os podia contar, e eles comiam a erva e os dentes-de-leão e as couves e os trevos, e El-ahrairah era o pai de todos eles." (Manda-Chuva resmungou aprovadoramente.) "F, depois de certo tempo", prosseguiu Dente-de-Leão, "depois de algum tempo, a erva começou a rarear e os coelhos vagueavam, multiplicando-se e comendo o que encontravam."

"Então, Frith disse a El-ahrairah: 'Príncipe Coelho, se não podes controlar teu povo, encontrarei maneiras de controlá-lo. For tanto, presta atenção ao que te digo' Mas El-ahrairah não quis ouvir e disse a Frith: 'Meu povo é o mais forte do inundo, pois se reproduz, com rapidez, e come mais do que qualquer outro povo. E isto mostra o quanto ele ama o Senhor Frith, pois entre todos os animais ele é o mais receptivo à sua luz e calor. Observai, meu senhor, a importância do meu povo, a fim de não o estorvar em sua vida maravilhosa.'

"Frith poderia matar El-ahrairah imediatamente, mas desejava conservá-lo no mundo, porque precisava dele para brincar, divertir-se e pregar peças. Assim, decidiu tirar dele o melhor, não por meio de seu grande poder, mas através de um engodo. Espalhou a notícia de que ia promover uma grande reunião e que, nessa reunião, daria um presente a cada animal e pássaro, a fim de torná-los diferentes do resto. E todas as criaturas prepararam-se para comparecer ao local do encontro. Mas todas elas chegaram em ocasiões diferentes, porque Frith cuidou de que assim acontecesse. E quando o melro chegou, deu-lhe seu mavioso canto, e quando a vaca chegou, deu-lhe chifres pontudos e a força de não temer outra criatura. E por sua vez apareceram a raposa, o arminho e a doninha. E a cada um Frith deu a astúcia e a ferocidade e o desejo de caçar e matar e comer os filhos de El-ahrairah. E assim elas saíram da presença de Frith, sem outro impulso além do de matar coelhos.

"A essa altura, El-ahrairah estava dançando e acasalando e gabando-se de que ia ao encontro de Frith para receber um grande dom. Afinal, partiu para a conferência. Mas, a caminho, parou para descansar numa suave colina arenosa. E enquanto repousava, sobre a colina apareceu voando o andorinhão preto, a

gritar: 'Novidades! Novidades! Novidades!' Pois, como sabem, isto é o que ele grita desde aquele dia. El-ahrairah chamou-o e perguntou: 'Quais são as novidades?' 'Ora, El-ahrairah', disse o andorinhão, 'eu não sou mais igual a você. Pois Frith deu à raposa e à doninha corações duros e dentes afiados, e ao gato ele deu pés silenciosos e olhos que podem enxergar no escuro, e eles saíram da presença de Frith para matar e devorar tudo o que pertence a El-ahrairah.' E o andorinhão partiu em vôo pelas colinas. Naquele momento, El-ahrairah ouviu a voz de Frith que o chamava: 'Onde está El-ahrairah? Pois todos os outros já receberam seus dons e saíram, e eu vim aqui à procura dele.'

"Então, El-ahrairah percebeu que Frith era mais sábio do que ele e sentiu medo. Pensou que a raposa e a doninha vinham com Frith e virou-se para o chão da colina e começou a cavar. Cavou um buraco, mas o buraco ainda estava pequeno quando Frith chegou sozinho à colina. E ele viu o traseiro de El-ahrairah saindo da toca e a areia voando por cima de seus ombros, enquanto ele cavava. Quando viu isto, gritou: 'Meu amigo, por acaso viste onde anda El-ahrairah? Estou à sua procura para dar-lhe um dom especial.' 'Não', respondeu El-ahrairah, sem se mostrar, 'eu não o vi. Ele está longe daqui. Não pôde vir.' Assim, Frith disse: 'Nesse caso, sai do buraco para que eu te possa abençoar em lugar dele.' 'Não, não posso', disse El-ahrairah. 'Estou ocupado. A raposa e a doninha se aproximam. Se pretendeis abençoar-me, abençoai então meu traseiro, pois ele é que está fora do buraco.' "

Todos os coelhos conheciam a história: em noites de inverno, quando o vento frio embarafustava pelas frinchas da coelheira e o gelo úmido acamava-se em cima de suas tocas; e, nas tardes de verão, na grama, embaixo das moitas de vermelhas e cheirosas flores. Den-te-de-Leão contava bem, e até mesmo Panelinha de Barro esqueceu as aflições e perigos e passou a recordar a grande indestrutibilidade dos coelhos. Cada um via-se em lugar de El-ahrairah, que se mostrara descarado em relação a Frith e recebera sua justa paga.

"Então", disse Dente-de-Leão, "Frith achou preferível não renunciar à sua amizade, mesmo sabendo que a raposa e a doninha estavam perto. E disse: 'Muito bem, então eu abençoarei o teu traseiro que sai empinado da toca. Traseiro, sê forte e atento e veloz, para todo o sempre, e salva a vida de teu senhor. Assim seja!' E enquanto falava, a cauda de El-ahrairah tornou-se de um branco brilhante e cintilou qual estrela; e suas patas traseiras ficaram mais compridas e mais poderosas, e ele pisou na encosta com tanta força que os besouros caíram das corolas. Saiu do buraco e cruzou a colina mais depressa do que qualquer criatura do mundo. E Frith gritou-lhe: 'El-ahrairah, teu povo não pode governar o mundo, pois eu assim o quis. E o mundo será teu inimigo, Príncipe dos Mil Inimigos, e assim que te apanharem, tu serás morto. Mas, antes, terão que te pegar, meu cavador, meu ouvinte, meu corredor, meu príncipe arisco. Sê arguto e cheio de manhas e teu povo jamais será destruído.' El-ahrairah viu então que, embora Frith não estivesse para brincadeiras, ainda era seu amigo. E, todas as noites, quando Frith faz o seu dia de trabalho e deita-se calmo e confortável no céu vermelho, El-ahrairah e seus filhos e os filhos de seus filhos saem dos buracos e comem e brincam diante da presença de Frith, pois são seus amigos e ele prometeu-lhes que jamais poderiam ser destruídos."

7. O Lendri e o Rio

Quant au courage moral, il avait trouvé fort rare, disait-il, celui de deux heures après minuit; cest-à-dire le courage de l'improviste.

[Quanto ao moral, ele dizia encontrá-lo raramente duas horas após a meia-noite; isto é, a coragem imprevista." (N. do T.)]

Napoléon Bonaparte

Quando Dente-de-Leão terminou, Bolota, que estava sentado do lado do vento, sobressaltou-se, de súbito, e sentou-se com as narinas frementes. O estranho mau cheiro tornara-se mais forte, e após alguns instantes todos eles ouviram um pesado movimento por perto. De repente, no outro lado do caminho, os fetos abriram-se e surgiu uma longa cabeça semelhante à de um cão, com listas pretas e brancas. Estava apontada para baixo, os maxilares à mostra, o focinho perto do solo. Atrás, os coelhos discerniram grandes e poderosas patas e um felpudo corpo negro. Os olhos fuzilavam para eles, cheios de uma ferocidade incisiva. A cabeça movimentava-se devagar, perscrutando os obscuros trechos do caminho, em ambas as direções, e depois fitou-os, uma vez mais, com aquele seu brilho agudo e terrível. As mandíbulas escancararam-se e os coelhos puderam ver os dentes, tão brancos quanto as faixas ao longo da cabeça. Durante algum tempo, o olhar do bicho continuou fixo e os coelhos permaneceram imóveis, devolvendo-lhe o olhar sem emitirem um som. Então, Manda-Chuva, que estava mais perto do caminho, voltou-se e procurou abrigo entre os demais.

— Um *lendri* — murmurou ao se enfiar no grupo. — Talvez seja perigoso, talvez não, mas não vou correr riscos. Saiamos daqui.

Seguiram-no através das samambaias e dentro em pouco davam com outro caminho paralelo. Manda-Chuva entrou nele e desapareceu numa toca. Dente-de-Leão imitou-o e ambos desapareceram entre os azevinhos. Aveleira e os outros seguiram-nos o mais rápido possível, com Panelinha de Barro, coxeando atrás. O medo o impulsionava a despeito da dor que sentia na pata.

Aveleira saiu no lado oposto dos azevinhos e acompanhou a vereda ao redor de uma curva. Em seguida, parou abruptamente e sentou-se nas ancas. Bem à sua frente, Manda-Chuva e Dente-de-Leão examinaram os arredores do alto de uma ribanceira inclinada, e embaixo da ribanceira corria um regato. Era, em verdade, o pequeno rio Enborne, com uma largura de quatro a cinco metros e, a essa época do ano, com uma profundidade de meio a um metro, devido às chuvas de primavera — mas, para os coelhos, parecia imenso, um rio como nunca tinham imaginado. A lua estava para se apagar e a noite escurecera, mas conseguiam distinguir a água brilhando fracamente enquanto fluía, e percebiam também, do outro lado, uma estreita faixa de noqueiras e amieiros. Algures, mais além, uma lavandeira cantou três ou quatro vezes e silenciou.

Um a um, os retardatários acercavam-se, paravam no barranco e olhavam para a água, sem falar. Uma brisa fria soprava e vários deles tremiam sentados.

— Bem, eis uma agradável surpresa, Aveleira — disse Manda-Chuva, por fim. — Ou esperava por isso quando nos conduziu pelo bosque?

Aveleira deu-se conta de que provavelmente Manda-Chuva ia causar problemas. Sem dúvida não era

covarde, mas tenderia a fincar pé enquanto não visse o caminho claro e não tivesse certeza do que fazer. Para ele, perplexidade era coisa pior do que perigo; e quando perplexo, ele geralmente tornava-se irado. No dia anterior, a advertência de Cinco-Folhas deixara-o inquieto; na sua raiva, ele falara duramente ao Threarah e abandonara o Owsla. Depois, enquanto acalentava com incerteza a idéia de deixar a coelheira, o Capitão Azevim surgira no momento crucial para ser atacado e fornecer excelente motivo à partida de todos eles. Agora, à vista do rio, a segurança de Manda-Chuva diluíra-se outra vez. e a menos que ele, Aveleira, conseguisse restaurá-la de alguma forma, provavelmente estariam envolvidos em dificuldades. Pensou no Threarah e em sua astuta cortesia.

— Não sei o que teríamos feito sem você, Manda-Chuva — disse ele. — Que animal era aquele? Será que ele nos mataria?

— Um *lendri* — disse Manda-Chuva. — Ouvi falar dele no Owsla. Na verdade não são animais perigosos. Não podem apanhar um coelho na corrida, e quase sempre se pode identificá-los pelo faro quando se aproximam. São engraçados: ouvi falar de coelhos que viviam perto deles e nada lhes aconteceu de mal. Mas é melhor evitá-los, por medida de precaução. Eles desentocam filhotes de coelhos e os matam. Também ferem coelhos grandes, quando os encontram. São um dos Mil Inimigos. Eu devia ter adivinhado pelo cheiro, mas para mim o cheiro era coisa nova.

— Ele havia matado antes de nos encontrar — disse Amora-Preta, com um calafrio. — Vi o sangue em seus beiços.

— Um rato, talvez, ou galinhas domésticas. Foi uma sorte para nós que ele *houvesse* matado. Do contrário, não se mostraria tão tolerante. Felizmente fizemos a coisa certa. Agimos com prudência — disse Manda-Chuva.

Cinco-Folhas chegou, cambaleante, com Panelinha de Barro. Também eles pararam e olharam admirados para o rio.

— Que acha que devemos fazer agora, Cinco-Folhas? — perguntou Aveleira.

Cinco-Folhas olhou a água e torceu as orelhas.

— Teremos de atravessar — disse. — Mas não creio que eu possa nadar, Aveleira. Estou trôpego, e Panelinha de Barro se encontra em piores condições do que eu.

— Atravessar? — gritou Manda-Chuva. — Atravessar o rio? Quem pretende atravessá-lo? Para que você quer atravessar? Nunca ouvi tamanho absurdo.

A exemplo de todos os animais selvagens, os coelhos podem nadar, se obrigados a isso; e alguns nadam quando lhes apetece. Os coelhos habituaram-se a viver na fímbria da floresta e atravessam, com regularidade, um ribeiro, a fim de se alimentarem nos campos mais além. Mas a maioria dos coelhos evita a água, e sem dúvida um coelho exausto não poderia nadar no Enborne.

— Não quero pular na água — disse Verônica.

— Por que não avançamos pelo barranco? — perguntou Bico de Falcão.

Aveleira suspeitou que, se Cinco-Folhas sentia que deviam cruzar o rio, a empresa não seria perigosa. De que forma, porém, conseguiria persuadir os outros? Nesse momento, quando ainda pensava no que dizer-lhes, percebeu que alguma coisa lhes desanuviara o espírito. O que poderia ser? Um cheiro? Um som? Então, descobriu. Perto, do outro lado do rio, uma calhandra começara a pipilar e saltar. A manhã nascia. Um melro emitiu uma ou duas notas profundas e lentas e foi acompanhado por um pombo silvestre. Daí a instantes eles se encontravam mergulhados no cinzento alvorecer e podiam ver que o córrego bordejava a fímbria mais distante do bosque. Do outro lado estendiam-se os campos rasos.

8. A Travessia

O centurião... ordenou que aqueles que pudessem nadar se atirassem ao mar e alcançassem teria. E o resto, uns em tábuas, outros em fragmentos do navio, atravessaria também. E assim se fez, e eles atingiram, em segurança, a terra firme.

Atos dos Apóstolos, Capítulo 27

O alto do barranco arenoso encontrava-se a mais de dois metros acima do nível da água. De onde estavam sentados, os coelhos podiam acompanhar com os olhos o curso superior do regato e o curso inferior que ficava à sua esquerda. Evidentemente havia ninhos na ribanceira embaixo, porque, quando a luz se espraiou, eles viram três ou quatro martinets voarem rapidamente sobre o córrego e penetrar nos campos distantes. Pouco depois, retornavam com o bico cheio, e os coelhos ouviram os filhotes piarem enquanto os pássaros desapareciam, embaixo, a seus pés. A ribanceira não avançava com uniformidade em qualquer direção. Para cima do córrego, ela se inclinava, transformando-se em caminho graminoso entre as árvores e a água. Seguia, então, a linha do rio, que corria reto até onde a vista dos coelhos podia alcançar, escorrendo suavemente, sem barrancos, leito de pedras ou pontes formadas por troncos. Bem embaixo dos coelhos havia um poço amplo e ali a água era quase imóvel. Adiante, à sua esquerda, a ribanceira penetrava, declinante, em maciços de amieiros, entre os quais o córrego rumorejava sobre o cascalho. Via-se, de relance, uma cerca de arame farpado cruzar a água, e os coelhos concluíram que ela delimitava um pasto para gado, como o que havia no pequeno córrego perto da coelheira.

Aveleira olhou o caminho no curso superior do córrego. — Há ervas ali — disse. — Vamos comer.

Desceram o barranco e começaram a mordiscar perto da água. Entre eles e o córrego erguiam-se moitas meio crescidas de lisimáquias e pulicárias roxas, atrasadas há quase dois meses no processo de floração. As únicas flores eram apresentadas por algumas barbas-de-bode têmporas e um trecho coberto de rosadas plantas petalóides. Olhando atrás o barranco, na sua parte frontal, viram que ele estava cheio de buracos feitos pelos martinets. Havia uma estreita praia ao pé do alcantil, e esta encontrava-se emporcalhada pelo lixo dos pássaros — gravetos, fezes, penas, um ovo quebrado e um ou dois filhotes mortos. Os martinets vojavam, agora, em número crescente, sobre a água.

Aveleira aproximou-se de Cinco-Folhas e discretamente afastou-o dos outros, empenhados em comer. Quando estavam um pouco distanciados, e meio ocultos por uma touceira de juncos, ele disse: — Tem certeza que devemos cruzar o rio, Cinco-Folhas? E se a gente caminhar pela ribanceira, em uma ou outra direção?

— Não, precisamos atravessar o rio, Aveleira, para entrar naqueles campos ... e avançar além. Sei bem o que devemos procurar: um sítio alto, solitário, com chão seco, onde os coelhos possam ver e enxergar longe, e onde os homens dificilmente apareçam. Não vale a pena viajar?

— Sim, claro que vale. Mas existe tal lugar?

— Não perto de um rio... como você bem sabe. Mas, atravessando um rio, a gente começa a subir, não é? Devemos chegar ao alto... à crista de uma elevação, no espaço aberto.

— Olhe aqui, Cinco-Folhas, creio que eles se recusarão a ir mais longe. Além disso, você, depois de dizer isso tudo, esqueceu-se que está cansado demais para nadar?

— Posso repousar, Aveleira, mas Panelinha de Barro está em mau estado. Creio que ficou ferido. Teremos de permanecer aqui meio dia.

— Bem, vamos falar com os outros. Talvez não se importem de ficar. Fies não querem é atravessar, a menos que alguma coisa os force.

Mal haviam retornado, Manda-Chuva avançou cm sua direção, saindo dos arbustos à beira do caminho.

— Fu estava perguntando onde você andava — disse a Aveleira. — Está pronto para prosseguir?

— Não, não estou — respondeu Aveleira, firme. — Acho que devemos ficar aqui até ni-Frith. Isso dará a todos a oportunidade de descansar. Depois, atravessaremos o rio no rumo daqueles campos.

Manda-Chuva esteve a pique de replicar, mas Amora-Preta falou primeiro.

— Manda-Chuva — disse —, por que não atravessa agora, a nado, entra no campo e dá uma boa espiada? O bosque talvez não se espalhe muito, numa ou em outra direção. Você mesmo pode ver lá dos campos. E então saberemos melhor para onde ir.

— Está bem — disse Manda-Chuva, em tom algo rezinguento. — Parece-me que isso tem alguma lógica. Atravessarei este rio *embleer* ^[5] tantas vezes quanto lhe agradar. Sempre estou pronto a servir.

Sem a menor hesitação, deu dois saltos até a água, entrou e nadou através do poço profundo e calmo. Os coelhos observaram-no içar-se do outro lado, junto a uma moita em flor de escrofulárias, recolher um dos pedúnculos ásperos entre os dentes, sacudir um chuveiro de gotas de água da pele e meter-se pelas moitas de azevim. Um instante depois, no meio das noqueiras, eles o viram penetrar, correndo, no campo.

— Estou contente de tê-lo em nossa companhia — disse Aveleira a Prata. Novamente pensou com desgosto no Threarah. — É o sujeito indicado para descobrir tudo de que precisamos saber. Olhem só, já está de volta.

Manda-Chuva corria, de volta do campo, parecendo mais agitado do que já estivera em qualquer ocasião desde o encontro com o Capitão Azevim. Entrou na água, quase caindo como quem mergulha, e espadanou com rapidez, deixando um sulco ondulado na tranqüila superfície marrom. Já estava falando ao se erguer no barranco arenoso.

— Olhe aqui, Aveleira, eu, em seu lugar, não esperaria até ni-Frith. Iria agora mesmo. De fato, acho que você será obrigado a isso.

— Por quê? — perguntou Aveleira.

— Há um cão enorme solto no bosque.

Aveleira estremeceu. — O que me diz? Como tem certeza?

— Quando entra no campo, a gente vê o bosque descendo até o rio. Existem clareiras. Eu vi o cão atravessando uma. Arrastava a coleira, de forma que deve tê-la quebrado. Deve andar no rastro do *lendri*, mas o *lendri*, a essa altura, estará na toca. O que pensa que acontecerá quando sentir o nosso faro, correndo de um para outro lado do bosque orvalhado? Vamos, não há tempo a perder.

Aveleira sentiu-se perplexo. À sua frente, Manda-Chuva, todo molhado, destemido, decidido, era a própria imagem da resolução. Junto ao seu ombro, Cinco-Folhas estremeceu, silencioso. Ele viu Amora-Preta olhando-o intensamente, desaprovando Manda-Chuva e à espera da palavra de Aveleira. Em seguida, olhou Panelinha de Barro, aconchegado a um monte de areia, mais assustado e desamparado do que já estivera algum coelho. Neste momento, no bosque, irrompeu um latido entusiasmado e alguém começou a ralar.

Aveleira falou através de um transe. — Bem, vá você, então, e quem quiser acompanhá-lo. Pessoalmente, vou esperar até que Cinco-Folhas e Panelinha de Barro estejam em condições de viajar.

— Seu cabeça tonta! — gritou Manda-Chuva. — Será o nosso fim. Nós...

— Não adianta bater com o pé — disse Aveleira. — Estou ouvindo muito bem. Qual é sua alternativa?

— Alternativa? Não há alternativa alguma. Quem puder nadar, que nade então. Os outros terão de ficar aqui e rezar para que nada lhes aconteça. Talvez o cão não venha.

— Receio não poder acatar a sugestão. Meti Panelinha de Barro nisso e tenho de dar-lhe assistência.

— Bem, você não envolveu Cinco-Folhas, não foi? Ele é que o envolveu na embrulhada.

Aveleira não pôde deixar de observar, com relutante admiração, que Manda-Chuva, embora houvesse perdido as estribeiras, não estava apressado, ao que parecia, por sua própria causa, e parecia menos assustado do que os outros. Levantando os olhos em busca de Amora-Preta, viu que ele os havia deixado e encontrava-se no barranco, bem em cima do poço, onde a praia estreita formava uma península de cascalho. Suas patas estavam meio submersas no cascalho úmido e ele farejava alguma coisa grande e chata na linha da água. Parecia um pedaço de madeira.

— Amora-Preta — disse —, você pode vir aqui um instante? Amora-Preta levantou a vista, desencavou os pés e voltou.

— Aveleira — disse rapidamente —, há um pedaço de tábua... parecida com a que fechava a abertura perto de Green Looss, acima da coelheira, lembra-se? Deve ter vindo rio abaixo, portanto, flutua. Podíamos colocar Cinco-Folhas e Panelinha de Barro em cima e fazê-la flutuar outra vez. Assim, atravessariam o rio. Você me entende?

Aveleira não tinha idéia do que ele queria dizer. O fluxo de aparente absurdo de Amora-Preta só fizera aumentar a sensação de perigo e perplexidade. Como se não bastassem a irada impaciência de Manda-Chuva, o terror de Panelinha de Barro e o cão que se aproximava, o coelho mais sábio de todos perdera, evidentemente, o juízo. Aveleira sentiu-se à beira do desespero.

— Por Firtrah! Agora, percebo! — disse uma voz excitada, junto ao seu ouvido. Era Cinco-Folhas. — Depressa, Aveleira. Não percamos tempo. Vamos, e traga Panelinha de Barro!

Foi Amora-Preta que pôs o estupefato Panelinha de Barro em pé e o esforçou a coxear durante alguns metros, até a península de cascalho. O pedaço de tábua, pouco maior do que uma grande folha de ruibarbo, estava quase em terra. Amora-Preta só faltou empurrar Panelinha de Barro com as garras. Panelinha de Barro agachou-se sobre a tábua, trêmulo, e Cinco-Folhas acompanhou-o a bordo.

— Quem é o mais forte? — disse Amora-Preta. — Mandachuva! Prata! Empurrem!

Ninguém o obedeceu. Todos estavam de cócoras, intrigados e indecisos. Amora-Preta enfiou o nariz no cascalho, sob a língua de terra que prendia a tábua, e levantou-a, empurrando. A tábua deslizou. Panelinha de Barro gritou e Cinco-Folhas, baixando a cabeça, remou com os pés. Foi então que a tábua endireitou-se e avançou alguns centímetros para dentro do poço, com os dois coelhos encurvados em cima, rígidos e imóveis. Rodou vagarosamente e eles viram-se a olhar para seus camaradas.

— Frith e Inlé! — exclamou Dente-de-Leão. — Eles estão sentados sobre a água! Por que não afundam?

— Estão sentados na tábua, e a tábua flutua, como você bem pode ver — disse Amora-Preta. — Agora, toca a nadar. Podemos partir, Aveleira?

Durante os últimos minutos, Aveleira estivera mais perto que nunca de perder por completo a cabeça. Gastara quase todo o juízo, sem responder à desdenhosa impaciência de Manda-Chuva, e disposto apenas a arriscar a própria vida em companhia de Cinco-Folhas e Panelinha de Barro. Ainda não conseguia compreender o que havia acontecido, mas, afinal, percebeu que Amora-Preta queria que ele mostrasse autoridade. Sua cabeça clareou.

— Nadem — disse. — Todo mundo.

Observou-os entrar na água. Dente-de-Leão nadava tão bem quanto corria, com rapidez e facilidade. Prata também era forte. Os outros faziam o que podiam, desajeitados, e ao se aproximarem do outro lado do rio, Aveleira mergulhou. A água fria penetrou quase imediatamente em sua pele. O fôlego encurtou e, quando a cabeça afundava, ele podia ouvir um fraco marulhar do cascalho no fundo. Bracejou com dificuldade, a cabeça agora fora da água, e rumou na direção da escrofulária. Ao sair do rio, examinou ao seu redor os ensopados coelhos entre os amieiros.

— Onde está Manda-Chuva? — perguntou.

— Atrás de você — respondeu Amora-Preta, batendo os dentes.

Manda-Chuva ainda estava na água, do outro lado do poço. Havia nadado para a balsa, pusera a cabeça contra ela e empurrava-a com fortes impulsos das pernas traseiras. — Calma — Aveleira ouviu-o dizer em voz rápida, ofegante. Depois, afundou. Mas, um momento depois, ei-lo a tona, e conseguira colocar a cabeça sobre a tábua. Enquanto empurrava com os pés e forcejava, ela estremeceu e, enquanto os coelhos observavam do barranco, moveu-se vagarosamente através do poço e firmou-se na outra margem. Cinco-Folhas puxou Panelinha de Barro para as pedras e Manda-Chuva emergiu ao lado deles, trêmulo e sem respiração.

— Tive a idéia assim que Amora-Preta nos mostrou o que fazer — disse ele. — Mas é difícil empurrar a tábua quando a gente está dentro d'água. Espero que o sol não tarde a nascer. listou gelado. Adiante.

Não havia sinal do cão quando apressaram o passo entre os amieiros e subiram para o campo pela primeira cerca viva. A maioria não entendera a descoberta de Amora-Preta acerca da balsa e esqueceu-a logo. Cinco-Folhas, porém, aproximou-se de onde Amora-Preta estava deitado, contra o pedúnculo de um abrunheiro, na cerca.

— Você salvou Panelinha de Barro e eu também, não foi? — disse. — Não creio que Panelinha tenha idéia do que realmente aconteceu. Mas eu, tenho.

— Admito que a idéia foi boa — replicou Amora-Preta. — Vamos guardá-la na memória. Pode ser útil algum dia.

9. O Corvo e o Campo de Feijões

Com os feijoeiros em flor
E a toada do melro
E maio, e junho!

Robert Browning, *De Gustibus*

O sol surgiu quando eles ainda continuavam estirados no espinheiro. Muitos, porém, já haviam acordado, agachados desconfortavelmente entre as hastes duras, cientes da possibilidade de perigo, porém cansados para outra coisa que não fosse confiar na sorte. Avelaira, olhando-os, sentiu-se quase tão inseguro quanto estivera no barranco do rio. Uma cerca viva em campo aberto não era lugar próprio para ficarem o dia inteiro. Mas, para onde ir? Tinha de explorar melhor os arredores. Caminhou ao longo da cerca, sentindo a brisa que soprava do sul e procurando um lugar em que sentar-se e farejá-la sem riscos excessivos. Os odores provenientes das terras mais altas poderiam transmitir-lhe algo.

Chegou a uma larga abertura que fora reduzida a lama pelos rebanhos. Viu o gado pastando no campo vizinho, mais em cima da elevação. Entrou cautelosamente no campo, agachou-se contra uma moita de cardos e começou a cheirar o vento. Agora que estava livre do odor do espinheiro da cerca e do estéreo do gado, pôde identificar então o que já lhe entrava pelas narinas, enquanto estivera deitado entre o espinheiro. Havia apenas um cheiro no vento, e este cheiro era novo para ele: uma forte, fresca, doce fragrância que enchia o ar. Um cheiro bastante saudável. Não trazia problemas. Mas o que seria e por que assim tão forte? Como excluía todos os outros cheiros, em campo raso e ao sopro do vento sul? A fonte devia estar próxima. Avelaira pensou se devia enviar um dos coelhos para o reconhecimento. Dente-de-Leão chegaria ao alto e voltaria tão rápido quanto uma lebre. Nesse instante, o senso de aventura e brincadeira decidiu-o. Iria ele próprio e traria notícias frescas antes que os companheiros soubessem de sua incursão. Isso faria Manda-Chuva morder-se de inveja.

Subiu a campina, na carreira, em direção às vacas. À medida que se aproximava, elas erguiam a cabeça e fitavam-no, todas juntas, por um momento, antes de voltarem à pastagem. Um grande pássaro preto saltava e titilava atrás do rebanho. Parecia mais uma gralha-calva, mas, ao contrário de uma gralha desse tipo, estava sozinho. Avelaira observou-lhe o bico esverdeado e poderoso bicar o chão, mas não pôde verificar o que o pássaro fazia. Acontecia apenas que Avelaira nunca tinha visto um corvo. Não lhe ocorreu, portanto, que o corvo acompanhava as pegadas de uma toupeira, na esperança de matá-la com uma bicada vigorosa e depois retirá-la de sua toca. Se o soubesse, não teria classificado o corvo, despreocupadamente, como um *não-falcão* — ou seja, qualquer coisa entre uma carriça e um camponês — e prosseguiria em direção à encosta.

A estranha fragrância era agora mais forte, chegando do alto da elevação numa onda de cheiro que o atingiu poderosamente — tal como o cheiro de flores de laranjeira no Mediterrâneo fere um viajante que o identifica pela primeira vez. Fascinado, ele correu para a crista. Perto, havia outra cerca viva, e adiante, agitando-se suavemente à brisa, estendia-se um campo de feijões, em plena floração.

Avelaira agachou-se sobre as ancas e fitou a ordenada floresta de pequenas e glaucas árvores com suas colunas de flores pretas e brancas. Nunca vira nada parecido. Trigo e cevada ele conhecia, e uma

vez estivera num campo de nabos. Mas aquilo ali era diferente de todos e parecia ter a sua atração, o seu encanto, a sua benevolência. Na verdade, os coelhos não podiam comer aquelas plantas: pelo cheiro, Aveleira sabia bem disso. Mas podiam deitar-se em segurança entre elas, pelo tempo que desejassem, e moverem-se ali, facilmente, sem serem vistos. Aveleira decidiu trazer os coelhos ao campo de feijões, para descanso até a tarde. Voltou correndo e encontrou os outros onde os havia deixado. Manda-Chuva e Prata estavam acordados, mas os demais ainda dormiam inquietos.

— Acordado, Prata? — perguntou.

— É muito perigoso dormir, Aveleira — respondeu Prata. — Eu gostaria de dormir um bocado, mas se dormirmos todos de uma vez e alguma coisa acontecer, quem daria o alarma?

— Sei. Encontrei um lugar onde podemos dormir com segurança o quanto quisermos.

— Uma toca?

— Não, não é uma toca. É um imenso campo de plantas odoríferas que nos cobrirão, impedindo que nos vejam e nos farejem, até estarmos descansados. Vamos até ali só para você cheirar.

Os dois coelhos saíram. — Você garante que viu as plantas? — perguntou, depois, Manda-Chuva, virando as orelhas para apanhar o distante rumorejar dos feijões.

— Sim, bem em cima da elevação. Acordemos os outros antes que um homem chegue com um *hrududu* ^[6] e tome conta do lugar.

Prata despertou os outros e começou a atraí-los para o campo. Eles avançavam de má vontade e sonolentos, reagindo com relutância às suas repetidas garantias de que *era apenas um pulo*.

Dispersaram-se ao pisar o alto da encosta. Prata e Manda-Chuva seguiram à frente, com Aveleira e Espinheiro Cerval a pouca distância. O resto do grupo acompanhava-os indolentemente, pulando durante alguns metros e depois parando para mordiscar ou receber o orvalho da quente erva ensolarada. Prata encontrava-se quase na crista quando, de repente, de algum lugar mais embaixo, veio um grito estridente — o som que um coelho emite, não para pedir socorro ou para assustar um inimigo, mas simplesmente de terror. Cinco-Folhas e Panelinha de Barro, saltando atrás dos outros, pequenos e esgotados, estavam sendo atacados por um corvo. O corvo voara perto do solo. De súbito, mergulhou, dirigindo o bico contra Cinco-Folhas, que se desviou por um triz. Agora, o corvo andava, aos saltos, por entre tufos de capim, atingindo os dois coelhos com terríveis cabeçadas. Os corvos visam os olhos, e Panelinha de Barro, sentindo isso, sepultara a cabeça numa moita de ervas viçosas, tentando enfiar também o corpo. Era ele que gritava.

Aveleira cobriu a distância até o meio da encosta, em poucos segundos. Não tinha idéia do que ia fazer, e se o corvo o tivesse ignorado, provavelmente estaria em apuros. Mas, ao correr, distraiu-lhe a atenção e o corvo nele se fixou. Aveleira fugiu-lhe, parou e, olhando para trás, viu Manda-Chuva chegar correndo do lado um tordo atira-a contra uma pedra. Como Prata acompanhava Manda-Chuva e errou. Aveleira ouviu o bico ferir um seixo na erva, emitindo um som semelhante ao de uma concha de caracol quando um tordo atira-a contra uma pedra. Como Prata acompanhava Manda-Chuva, o corvo recobrou-se e enfrentou-o diretamente. Prata parou logo, assustado, e o corvo parecia dançar à sua frente, as grandes asas negras batendo em horrível comoção. Estava em vias de golpear, quando Manda-Chuva correu para cima dele, por trás, e atingiu-o de lado, com uma patada, de tal forma que o corvo cambaleou, através da turfa, com um crocitar áspero, rouquenho, de raiva.

— Em cima dele! — gritou Manda-Chuva. — Ataquem por trás! Eles são covardes. Só atacam coelhos indefesos.

Mas o corvo já se retirava, voando baixo, com vagarosas batidas das asas pesadas. Observaram-no atingir a cerca mais distante e desaparecer no bosque além do rio. No silêncio que se seguiu, ouviu-se um suave som lacrimejante, quando uma vaca que pastava se aproximou.

Manda-Chuva passou por Panelinha de Barro, murmurando uma obscena canção do Owsla.

"Hoi, hoi u embleer Hrair

M'saion ulé hraka vair."

["Hoi, hoi, o fedorento Milhar, / Nós os encontramos até mesmo no momento de expelir nossas fezes." (N. do A.)]

— Saia daí, Hlao-roo — disse. — Já pode tirar a cabeça. Que dia cheio, hein?

Afastou-se e Panelinha de Barro tentou segui-lo. Avelreira recordou-se de que Cinco-Folhas dissera que ele podia estar ferido. Agora, ao observá-lo coxeando e cambaleando na subida do declive, ocorreu-lhe que Panelinha podia, de fato, ter-se ferido de alguma forma. Procurava pousar urna das patas dianteiras no chão, e recolhia-a antes disso, saltando então sobre três pernas.

"Irei examiná-lo assim que estiverem abrigados", pensou. "Pobrezinho, assim não pode ir muito longe."

No alto do declive, Espinheiro Bravo já abria a marcha para o campo de feijões. Avelreira chegou à cerca, atravessou uma estreita faixa de turfa no outro lado e encontrou-se a olhar, em frente, uma comprida e sombreada aléia, entre dois renques de feijoeiros. A terra era macia e solta, com urna porção de ervas daninhas que são encontradas em campos cultivados — fumaria, mostardeira-dos-campos, morrião e camomila, todas crescendo na verde alfombra sob as folhas de feijão. Quando as plantas agitavam-se à brisa, a luz do sol salpicava e sarapintava o solo marrom, os seixos brancos e as ervas inúteis. Contudo, nessa ubíqua agitação nada havia de alarmante, pois que toda a floresta nela tomava parte e o som único era o suave e firme movimento das folhas. Ao longe, no renque de feijoeiros, Avelreira colheu de relance o traseiro de Espinheiro Bravo e acompanhou-o às profundezas do campo.

Pouco depois, todos os coelhos haviam chegado juntos a uma espécie de buraco. Ao redor, por todos os lados, estendiam-se os ordenados renques de feijoeiros, protegendo-os contra qualquer aproximação hostil, dando-lhe um teto e abafando o seu odor. Dificilmente estariam em maior segurança debaixo do chão. Mesmo um pouco de comida seria encontrado numa emergência, pois, aqui e ali, havia pálidas hastes de gramas e um ou outro dente-de-leão.

— Podemos dormir aqui o dia inteiro — disse Avelreira. — Acho preferível, no entanto, que um de nós fique acordado. Já que me cabe o primeiro turno, pretendo dar uma olhada em sua pata, Hlao-roo. Creio que ela não anda bem.

Panelinha de Barro, que estava deitado sobre o flanco esquerdo, respirou rápida e pesadamente, virou-se e estendeu a pata dianteira, com a parte interna para cima. Avelreira examinou de perto o pêlo espesso e áspero (pé de coelho não tem casco) e, depois de alguns instantes, viu o que esperava encontrar: o talo oval de um espinheiro quebrado saía da pele. Havia algum sangue e a carne estava dilacerada.

— Você tem um espinho fincado aqui, Hlao — disse. — Não admira que não possa correr. Teremos de arrancá-lo.

Tirar o espinho não foi fácil, pois o pé se tornara tão sensível que Panelinha estremecia e recuava diante da língua de Avelreira. Mas, depois de um esforço paciente e laborioso, Avelreira conseguiu abocanhar com firmeza o talo. O espinho saiu suavemente e a ferida sangrou. Era tão comprido e grosso

que Bico de Falcão, que estava bem próximo, acordou Verônica para que o visse.

— Frith todo-poderoso! — disse Verônica, fungando para o espinho que jazia agora sobre um seixo. — Melhor você arranjar mais alguns desse tipo: então, estaria em condições de fazer um quadro de avisos e assustar Cinco-Folhas. Se você soubesse, Panelinha, poderia ter furado o olho do *lendri*.

— Sogue o lugar, Hlao — disse Aveleira. — Sogue até a dor passar, e depois vá dormir.

10. A Estrada e os Campos Rasos

Timorato responde que... haviam chegado a um lugar difícil; quanto mais avançarmos, disse, maiores os perigos que nos esperam; para onde quer que vamos, estaremos sempre a retroceder.

John Bunyan, *The Pilgrim's Progress*

Depois de certo tempo, Aveleira despertou Espinheiro Cerval. Em seguida, cavou um ninho raso na terra e dormiu. Um vigia substituiu o outro durante o dia, muito embora a maneira de coelhos julgarem o correr do tempo seja algo que os seres humanos civilizados perderam por completo o poder de sentir. Criaturas que não têm relógios nem livros permanecem, no entanto, atentas a todas as formas de conhecimento do tempo e das mudanças atmosféricas; e o mesmo se dirá da direção, conforme sabemos de suas extraordinárias jornadas migratórias e de volta ao antigo pouso. Mudanças de calor e frio no solo, a extensão das réstias de sol, o movimento alternado dos feijoeiros ao vento, a direção e força das correntes de ar rente ao chão — tudo isso era percebido pelo coelho alerta.

O sol começava a se pôr quando Aveleira acordou para ver Bolota a perscrutar e farejar no silêncio, entre pedras de branca superfície. A luz era mais densa, a brisa soprava com menos intensidade e os feijoeiros estavam imóveis. Panelinha de Barro estava estirado a pouca distância. Um besouro amarelo e preto, avançando pela pele branca de sua barriga, parou, agitou a cauda, curvou as antenas e depois prosseguiu na caminhada. Aveleira foi tomado de súbito sentimento de apreensão. Sabia que aquele besouro saía de corpos mortos, dos quais se nutriam e onde deitavam ovos. Cavavam embaixo dos corpos de criaturinhas, tais como ratos insetívoros e avezinhas tombadas, e então punham ovos em cima, antes de cobrir os corpos com terra. Sem dúvida Panelinha de Barro não morreria durante o sono. Aveleira endireitou-se rapidamente. Bolota estremeceu e voltou-se em sua direção; o besouro voejou para os seixos quando Panelinha agitou-se e despertou.

— Como está a pata? — disse Aveleira. Panelinha pousou-a no chão. Depois, forçou-a.

— Bem melhor — disse. — Agora, creio poder caminhar tão bem quanto os outros. Não pretendem me deixar atrás, pois não?

Aveleira esfregou o nariz atrás da orelha de Panelinha. — Ninguém vai deixar um de nós atrás — falou. — Se você fosse obrigado a ficar, eu ficaria também. Mas, por favor, não apanhe mais espinhos, Hlao-roo, porque a jornada que nos espera deve ser longa.

No instante seguinte, todos os coelhos saltaram, tomados de pânico. De perto, o som de um tiro ecoara pelos campos. Uma gaiivota voou, gritando. Os ecos chegaram em ondas, qual seixos rolando no interior de uma caixa, e do bosque do outro lado do rio veio o ruflar de asas de pombos selvagens entre os ramos. Num átimo, os coelhos corriam em todas as direções, através dos renques de feijoeiros, cada um procurando, por instinto, buracos que não havia ali.

Aveleira parou no limite da plantação. Olhando em volta, não pôde avistar nenhum dos companheiros. Esperou, trêmulo, o próximo disparo: mas o silêncio persistiu. Então ele sentiu, vibrando no chão, as firmes passadas de um homem afastando-se da crista sobre a qual haviam estado durante aquela manhã. Nesse instante, Prata apareceu, abrindo caminho por entre as plantas próximas.

— Acho que é o corvo, não lhe parece? — disse Prata.

— Espero que ninguém cometa a grande tolice de fugir deste campo — respondeu Aveleira. — Estamos todos dispersos. Onde encontrar os outros?

— Vai ser impossível — disse Prata. — Melhor voltar para onde estávamos. Eles chegarão mais tarde.

Passou-se, de fato, muito tempo antes que todos os coelhos houvessem retornado à cova no meio do campo. Conforme havia previsto, Aveleira convenceu-se, ainda mais, dos perigos de sua situação, sem buracos, errando por uma região que não conheciam. O *lendri*, o cão, o corvo, o atirador... uma sorte terem escapado disso tudo. Até quando duraria tal sorte? Poderiam realmente chegar ao lugar alto que Cinco-Folhas antevia — onde quer que ele estivesse?

"Quanto a mim", pensou, "preferia um bom barranco seco, onde houvesse ervas e não aparecessem homens com espingardas. E quando mais cedo a gente encontrar um lugar assim, tanto melhor."

Bico de Falcão foi o último a chegar e, ao aproximar-se Aveleira saiu logo da cova. Olhou cautelosamente por entre os feijões e, em seguida, partiu no meio dos renques. O vento, quando ele parou de farejar, mostrava-se confortador, trazendo somente os odores do orvalho vespertino, da primavera e do estéreo do gado. Avançou para o campo próximo, uma pastagem, seguido pelos companheiros; e ali todos trataram de comer, mordiscando as ervas com a tranqüilidade de quem estaria perto da coelheira.

Quando se achou a meio do campo, Aveleira deu-se conta de uma trepidação que se aproximava, muito ligeira, do outro lado da cerca mais distante. Fazia menos ruído que o trator da fazenda, o qual ele observara algumas vezes da fímbria do bosque de prímulas, na coelheira. Passou num relâmpago de cor artificial feita pelo homem, piscando intermitentemente e mais brilhante do que um azevim no inverno. Instantes depois chegavam os cheiros de gasolina e fumaça. Aveleira olhou bem, torcendo o nariz. Não podia entender como o hrududu podia deslocar-se tão rápida e suavemente pelos campos. Será que ia voltar? Passaria de novo pelos campos, tão depressa que eles não pudessem correr, e os esmagaria?

Continuava parado, a pensar no que fazer, quando Mandachuva se aproximou.

— Deve haver uma estrada ali — disse. — Será uma surpresa para alguns companheiros nossos, hein?

— Uma estrada? — disse Aveleira, pensando na planície que se estendia além do quadro de avisos. — Tem certeza?

— Bom. Onde é que um hrududu anda tão depressa? Além disso, não sente o cheiro?

O cheiro de alcatrão quente enchia agora o ar da noite próxima.

— Nunca senti este cheiro antes — disse Aveleira com um toque de irritação.

— Ah — disse Manda-Chuva. — É que você nunca saiu para furtar alface para o Threarah, certo? Em caso afirmativo, saberia tudo sobre estradas. Não são perigosas, desde que evitadas durante a noite. Só então elas são *elil*.

— Melhor me mostrar logo como é — disse Aveleira. — Irei ao seu lado e os outros nos seguirão.

Correram, enfiando-se por entre a cerca viva. Aveleira olhou atônito a estrada. Por um instante pensou estar vendo outro rio — negro, calmo e reto entre as margens. Depois, viu as pedrinhas embebidas em alcatrão e observou uma aranha a correr sobre a superfície.

— Mas isso não é natural — disse, farejando os estranhos e fortes odores de alcatrão e gasolina. — De que se trata? Como veio parar aqui?

— Coisa dos homens — disse Manda-Chuva. — Põem isto aí e depois os hrududil correm por cima.

Correm mais ligeiro do que nós. Já pensou?

— Nesse caso, e perigoso? Podem nos alcançar?

— Não, e isso não deixa de ser estranho. Nem tomam conhecimento de nós. Vou mostrar-lhe, se quiser.

Os outros coelhos começavam a chegar à cerca viva quando Manda-Chuva, descendo a inclinação, agachou-se à beira da estrada. Além da curva, chegou o som de outro carro que se aproximava. Avelreira e Prata observaram, tensos. O carro apareceu, em relâmpagos verdes e brancos, e disparou na direção de Manda-Chuva. Por um instante, encheu o mundo inteiro de barulho e temor. Desapareceu num átimo e o pêlo de Manda-Chuva agitou-se no deslocamento de vento que acompanha a passagem do automóvel. Ele saltou e subiu o barranco, metendo-se entre os coelhos perplexos.

— Viu só? Não pegam a gente — disse Manda-Chuva. — Pensando melhor, não creio que sejam coisas vivas. Mas confesso não ter prova alguma neste sentido.

Como acontecera no barranco do rio, Amora-Preta distanciou-se e já se encontrava, por sua própria conta e risco, na estrada, farejando, a meia distância entre Avelreira e a curva. Viram-no parar e saltar para trás, na direção do abrigo à margem da estrada.

— Que foi? — perguntou Avelreira.

Amora-Preta não respondeu, e Avelreira e Manda-Chuva saltaram em sua direção, ao longo do acostamento. Ele abria e fechava a boca e sugava os beiços, como costumam fazer os gatos quando alguma coisa os desgosta.

— Você acha que não são perigosos, Manda-Chuva — disse calmamente. — Mas tenho opinião contrária.

No meio da estrada havia uma massa achatada e sangrenta de ferrões castanhos e pêlo branco, com curtos pés pretos e o focinho esmagado em redor das extremidades. Moscas enxameavam por cima, e, em certos lugares, pontas aguçadas de pedrinhas atravessavam a carne.

— Um *yona* — disse Amora-Preta. — Que mal faz um *yona*, a não ser devorar lesmas e besouros? E o que pode um *yona* comer?

— Deve ter vindo à noite — disse Manda-Chuva.

— Sim, é claro. Os *yonil* caçam sempre à noite. Se, por acaso, a gente os vê durante o dia, é que estão agonizando.

— Sei. Mas o que pretendo explicar é que, à noite, o *hrududu* tem grandes luzes, mais brilhantes do que o próprio Frith. Iluminam as criaturas de um lado a outro, e se incidem na gente, a gente não consegue mais enxergar ou pensar para onde fugir. Então o *hrududu* pode nos esmagar. Pelo menos, é o que aprendemos no Owsla. Não quero tirar a prova.

— Bem, *vai* escurecer já — disse Avelreira. — Vamos para o outro lado. Ao que percebo, esta estrada não nos convém de forma alguma. Agora que tenho informações a seu respeito, só quero afastar-me daqui o mais cedo possível.

A altura em que a lua surgia, eles avançavam pelo terreno da igreja de Newtown, onde corre um pequeno regato entre os relvados e embaixo do caminho. Vagueando, subiram uma colina e chegaram à propriedade comunal de Newtown — um lugar cheio de turfás, tojos e bétulas prateadas. Depois das campinas que haviam deixado para trás, esta era uma terra estranha e proibida. Árvores, ervagem, até mesmo o solo — tudo lhes era desconhecido. Hesitaram no meio do espesso urzal, incapazes de ver além

de um metro à sua frente. Seus pêlos estavam ensopados de orvalho. O chão mostrava-se partido por fendas e buracos cheios de turfas negras, onde havia água empoçada e ásperas pedras brancas, algumas tão grandes quanto um pombo, outras semelhantes ao crânio de um coelho, todas brilhando à luz do luar. Quando chegavam a uma dessas fossas os coelhos detinham-se, à espera de que Aveleira ou Manda-Chuva escalassem o lado oposto e divisassem o caminho a seguir. Por toda parte encontravam besouros, aranhas e pequenas lagartixas, que procuravam fugir assim que os coelhos pisavam o capim fibroso e resistente. Uma vez, Espinheiro Cerval assustou uma cobra, e deu um pulo para cima, quando ela se enrodilhou entre suas patas, caindo num buraco ao pé de uma bétula.

As próprias plantas lhes eram desconhecidas: bentônicas silvestres com seus borrifos de flores em ganchos, asfódelos de brejo e as flores de finos pecíolos das dróseras, erguendo suas bocas peludas para apanhar moscas, porém completamente fechadas à noite. Nessa selva intrincada tudo era silêncio. Avançavam cada vez mais vagorosamente, fazendo longas paradas nas aberturas de turfas. Mas, se o capim estava envolvido em silêncio, a brisa trazia remotos sons noturnos, através dos espaços abertos. Um galo cantou. Um cão saiu ladrando e um homem gritou-lhe uma ordem. Uma corujinha gritou 'qui-úique, qui-úique', e alguma coisa — um rato silvestre ou um musaranho — soltou um grito estridente, de súbito. Não havia um só ruído que não parecesse falar de perigos.

Tarde da noite, perto da hora da lua desaparecer, Aveleira olhava de uma clareira, onde estavam agachados, um pequeno barranco adiante. Enquanto decidia se devia subir, para ver se, lá de cima, divisava o panorama, ouviu um movimento atrás e virou-se dando com Bico de Falcão junto ao seu ombro. Havia algo de furtivo e de hesitante no companheiro, e Aveleira fitou-o com insistência, pensando, por um momento, se ele estaria doente ou envenenado.

— Ahn... Aveleira — disse Bico de Falcão, olhando, adiante, a face sombria da negra elevação. — Eu... ahn... é só para dizer que nós... uhm... nós sentimos que... bem, nós achamos que não podemos continuar mais desse jeito. Já estamos fartos.

Parou. Aveleira viu então que Verônica e Bolota estavam atrás, ouvindo com atenção. Houve uma pausa.

— Continue, Bico de Falcão — disse Verônica. — Ou falarei eu?

— Já estamos fartos — disse Bico de Falcão, com uma expressão de ingênua importância.

— Bom, eu me sinto assim também — respondeu Aveleira —, e espero momentos melhores. Então poderemos descansar um bocado.

— Queremos parar agora — disse Verônica. — Em nossa opinião, é uma estupidez ir tão longe.

— Quanto mais longe, pior fica — disse Bolota. — Para onde vamos, afinal, e quanto tempo ainda teremos de correr a troco de nada?

— É o lugar que os preocupa — disse Aveleira. — Também não gosto daqui, mas isso não durará para sempre.

Bico de Falcão parecia tímido e constrangido. — Não acreditamos que você saiba *para onde* vamos — disse. — Você não sabia da estrada, não foi? E não sabe tampouco o que está à nossa frente.

— Olhe aqui — disse Aveleira. — Melhor me dizerem o que querem fazer e eu então pensarei a respeito.

— Queremos voltar — disse Bolota. — Para nós, Cinco-Folhas enganou-se.

— Como poderão voltar depois de tudo o que passamos? — respondeu Aveleira. — Se conseguirem, provavelmente serão mortos por haver ferido um oficial do Owsla. Tenham bom-senso, pelo amor de

Frith.

— Não fomos nós que ferimos Azevim — disse Verônica.

— Vocês estavam presentes. Amora-Preta levou-os. Pensam que eles não se lembrariam disso? E depois...

Aveleira interrompeu-se ante a aproximação de Cinco-Folhas, acompanhado por Manda-Chuva.

— Aveleira — disse Cinco-Folhas —, pode vir aqui ao barranco, falar comigo por um instante? Tem importância.

— E já que vocês estão aqui — disse Manda-Chuva, olhando-os de forma carrancuda por baixo da grande dobra de pele em sua cabeça —, trocarei umas palavrinhas com os três. Por que não toma um banho, Bico de Falcão? Está com aparência igual à ponta da cauda de um rato emergindo da armadilha. E quanto a você, Verônica...

Aveleira não esperou para ouvir o que Verônica teria retrucado. Seguindo Cinco-Folhas, avançou, trôpego, pelas lombadas e depressões cobertas de turfa, até a saliência de terra pedregosa e erva rala mais acima. Assim que encontrou um lugar por onde trepar, Cinco-Folhas abriu caminho pela beira do barranco que Aveleira estivera a examinar antes de Bico de Falcão chegar para falar-lhe. O barranco projetava-se cerca de um metro além do capim batido pelo vento e, no topo, estava coberto de grama. Subiram até lá e agacharam-se. À sua direita, a lua, esfumaçada e amarela na noite de nuvens esgarçadas, erguia-se além do maciço de pinheiros distantes. Olharam na direção do sul, através do ermo escuro. Aveleira esperou que Cinco-Folhas falasse, mas este permaneceu silencioso.

— O que tinha para me dizer? — perguntou, por fim, Aveleira.

Cinco-Folhas não deu resposta e Aveleira parou, perplexo. De baixo, Manda-Chuva tornara-se quase inaudível.

— E você, Bolota, com estas orelhas de cão e esta cara de quem vai ser enforcado, se eu tivesse tempo para lhe dizer tudo o que...

A lua singrou, livre, de entre as nuvens e iluminou mais fortemente o capim, mas nem Aveleira nem Cinco-Folhas movimentaram-se no alto do barranco. Cinco-Folhas fitava além dos limites da propriedade comunal. A seis quilômetros de distância, ao longo do horizonte que demandava o sul, erguia-se o contorno das colinas de 3 metros de altura. No ponto mais elevado, as bétulas de Cottington's Clump curvavam-se ao vento furioso que soprava através do capim.

— Olhe! — disse, de súbito, Cinco-Folhas. — Aquele é o lugar que nos convém, Aveleira. Alto, colinas solitárias, onde o vento e o som levam advertências e o chão é tão seco quanto a palha de um celeiro. É para onde devemos ir. Temos de chegar lá.

Aveleira olhou o escuro perfil das colinas distanciadas. Obviamente a idéia de tentar alcançá-las parecia fora de cogitação. O mais lógico seria avançarem pelo capim, da melhor maneira possível, e chegar a um campo tranqüilo, ou bosque elevado, como os que se habituaram a freqüentar. Uma sorte Cinco-Folhas não ter aventado essa tola idéia na frente dos outros, especialmente quando as dissensões já surgiam. Se, pelo menos, Cinco-Folhas fosse persuadido à discrição, não haveria dano — a não ser, claro, que já houvesse dito alguma coisa a Panelinha de Barro.

— Não creio que possamos levar os outros tão longe, Cinco-Folhas — disse. — Estão assustados e cansados. Precisamos é de encontrar logo um lugar seguro. Prefiro tentar o que podemos fazer do que falhar numa empresa impossível.

Cinco-Folhas não deu sinal de tê-lo ouvido. Parecia perdido nos próprios pensamentos. Quando

voltou a falar, foi como se falasse a si próprio. — Cai um espesso nevoeiro entre as colinas e nós. Não posso enxergar além, mas devemos ultrapassá-lo. Ou, quando nada, entrar nele.

— Um nevoeiro? — disse Aveleira. — Que quer dizer?

— Estamos enfrentando obstáculos misteriosos — sussurrou Cinco-Folhas —, e posso garantir que não são *elil*. Parece mais... o nevoeiro. Como se fôssemos enganados no caminho a seguir.

Não havia névoa ao redor. A noite de maio estava límpida e fresca. Aveleira aguardou em silêncio, e algum tempo depois Cinco-Folhas disse, devagar e inexpressivamente: — Temos de ir, temos de chegar às colinas. — A vo/, desfaleceu, tornando-se a de um sonâmbulo. — Temos de chegar às colinas. O coelho que voltar através dos campos rasos estará arriscando a cabeça. Retroceder... não é sábio. Retroceder... não é seguro. Retroceder... não... — Tremeu violentamente, sacudiu uma ou duas vezes as patas e aquietou-se.

Na ravina embaixo, Manda-Chuva parecia apertar o cerco. — E agora, seu bando de toupeiras, seus montes de lixo, suas ovelhinhas assustadas, desapareçam já de minha vista. Do contrário eu... — E novamente tornou-se inaudível.

Aveleira olhou outra vez a débil linha das colinas. Depois, enquanto Cinco-Folhas agitava-se e murmurava ao seu lado, tocou-o delicadamente com uma pata dianteira e esfregou-lhe o ombro.

Cinco-Folhas despertou. — O que eu estava dizendo, Aveleira? — indagou. — Acho que não me lembro. Eu só queria dizer...

— Não se preocupe — respondeu Aveleira. — Agora, vamos descer daqui. E tempo de rever os companheiros. Se tiver outras sensações estranhas, como esta, não saia perto de mim. Eu cuidarei de você.

11. Avanço Árduo

Então Sir Beaumains... cavalgou o mais que podia pelos pântanos e campos e extensos vales, e muitas vezes... ele metia-se em apuros, pois não conhecia o caminho, mas seguiu o melhor rumo naquele ermo... E, afinal, aconteceu-lhe chegar a um belo caminho de verde vegetação.

Malory, *Le Morte d'Arthur*

Quando Aveleira e Cinco-Folhas atingiram o fundo da ravina, Amora-Preta estava à sua espera, agachado no capim e mordiscando alguns talos marrons de junça.

— Olá — disse Aveleira. — Que aconteceu? Onde estão os outros?

— Por aí — respondeu Amora-Preta. — Houve briga feia. Manda-Chuva ameaçou Bico de Falcão e Verônica de reduzi-los a pedaços se não o obedecessem. E quando Bico de Falcão retrucou que queria saber quem era o Coelho-Chefe, Manda-Chuva mordeu-o. O negócio anda complicado. Quem é o Coelho-Chefe — você ou Manda-Chuva?

— Não sei — respondeu Aveleira —, mas, fora de dúvida, Manda-Chuva é o mais forte. Não havia necessidade de morder Bico de Falcão: ele não conseguiria voltar, mesmo querendo. Bico de Falcão e seus amigos teriam percebido isso, se fossem convocados a uma boa conversa. Mas Manda-Chuva pôs as garras de fora e, agora, sentem-se obrigados a prosseguir. Eu gostaria que nos acompanhassem na certeza de não haver outra alternativa. Somos muito poucos para que todos dêem ordens e mordam os outros. Por Frith, que confusão! Já não existem problemas e perigos suficientes?

Dirigiram-se ao canto mais distante da fossa. Manda-Chuva e Prata conversavam com Espinheiro Cerval sob um sâmoló pendente. Perto, Panelinha de Barro e Dente-de-Leão pretendiam alimentar-se num trecho coberto de ervas. A pouca distância também, Bolota entregava-se à delicada tarefa de lamber a garganta de Bico-de-Falcão, enquanto Verônica o observava.

— Procure manter a calma, meu velho — disse Bolota, que, pelo visto, queria fazer-se ouvido. — Deixe que eu sugue o sangue. Firme, agora! — Bico-de-Falcão fez uma careta, de forma exagerada, e cedeu. Quando Aveleira se aproximou, todos os coelhos voltaram-se e o olharam cheios de expectativa.

— Olhem aqui — disse Aveleira —, sei que houve conflito, mas o melhor é esquecer tudo. O lugar não é favorável, mas, dentro em pouco, estaremos longe.

— Acha mesmo que devemos continuar? — perguntou Dente-de-Leão.

— Se me acompanharem agora — replicou Aveleira, em tom desesperado —. estaremos fora daqui ao nascer do sol.

"Se eu falhar", pensou, "provavelmente me farão em pedaços. Tanto pior para eles."

Pela segunda vez, tomou a dianteira, para fora da ravina, e os outros o seguiram. A fatigante e assustadora jornada recomeçou, interrompida apenas pelos sustos. Uma vez, uma coruja branca passou, silenciosamente, em vôo baixo, tão baixo que Aveleira viu os olhos escuros e penetrantes mergulharem nos seus. Mas o mocho não estava caçando, ou então Aveleira era grande demais para ser atacado, pois a ave desapareceu sobre o capinzal; e embora ele esperasse, imóvel, durante algum tempo, a coruja não retornou. Outra vez, Dente-de-Leão colheu o odor de um arminho, e os coelhos se aconchegaram,

cochichando e fungando rente ao chão. Mas o odor era antigo e, pouco depois, eles prosseguiram na marcha. Naquele terreno raso, o avanço desorganizado dos coelhos e o ritmo irregular e descontínuo de seu deslocamento delatava-os ainda mais do que nos bosques. Havia constantes sinais de alarma, pausas, sensações de pânico que os prendiam ao mesmo lugar, ante qualquer ruído de movimento real ou imaginado. Estava tão escuro que Aveleira raramente sabia ao certo se era ele que os conduzia ou se Manda-Chuva e Prata encontravam-se à dianteira. Certa feita, ouvindo um barulho inesperado à frente, que cessou no mesmo instante, Aveleira permaneceu quieto longo tempo; e quando, afinal, movimentou-se com cautela, encontrou Prata agachado atrás de um tufo de feno, com medo do som de sua própria aproximação. Tudo era confusão, ignorância, passos trôpegos e cansaço. Durante o pesadelo da jornada noturna, Panelinha de Barro parecia estar sempre colado a Aveleira. Embora todos os outros desaparecessem e reaparecessem quais fragmentos flutuando, em círculos, num poço, Panelinha de Barro nunca o deixava; e sua necessidade de ânimo tornou-se, por fim, o único apoio de Aveleira contra sua própria fraqueza.

— Está perto agora, Hlao-roo, está perto — Aveleira murmurava sempre, até perceber que o que dizia tornara-se inexpressivo, um mero refrão. Não falava para Panelinha de Barro nem mesmo para si próprio. Falava como se dormisse, ou algo parecido.

Afinal, viu a primeira marca da aurora, qual desmaiada luz mal percebida em volta da extremidade mais distante de uma toca desconhecida; e, no mesmo momento, uma verdelha cantou. Os sentimentos de Aveleira equiparavam-se aos que costumam passar pelo espírito de um general derrotado. Onde estariam exatamente seus seguidores? Esperava que não muito distanciados. Mas onde? E estariam ainda juntos? Para onde os guiava? O que pretendia fazer depois? E se um inimigo aparecesse nesse exato instante? Não tinha resposta a nenhuma destas questões, nem ânimo para forçar-se a pensar nelas. Atrás dele, Panelinha de Barro tremia na umidade, e ele virou-se e afagou-o — a exemplo de um general que, sem outra alternativa, passa a considerar o bem-estar de seu ajudante, simplesmente porque o ajudante encontra-se ali.

A luz condensava-se e, dentro em pouco, ele distinguia que, à frente, havia uma trilha coberta de pedrinhas nuas. Saiu do capim, sentou-se nas pedras e sacudiu a umidade acumulada no pêlo. Agora podia ver plenamente as colinas de Cinco-Folhas, de um verde-cinza e parecendo próximas no ar carregado de chuva. Distinguia até mesmo as manchas de tojos e teixos raquíuticos nas escarpas íngremes. Ao fitar as colinas, ouviu uma voz excitada, mais atrás, na trilha.

— Ele conseguiu! Não lhes disse que era capaz?

Aveleira voltou a cabeça e viu Amora-Preta na trilha. Estava todo molhado e exausto, mas fora ele que havia falado. Fora do capim, na retaguarda, vinham Bolota, Verônica e Espinheiro Cerval. Os quatro coelhos olhavam agora a paisagem em frente. Aveleira não sabia bem por quê. Então, à medida que os companheiros se acercavam, percebeu que não olhavam para ele, mas, além dele, para algo mais adiante.-Girou. A trilha de cascalho mergulhava, descendo a encosta, num estreito cinturão de bétulas prateadas e sorveiras bravas. Além, uma cerca fina; e mais além, um campo verde entre duas capoeiras. Haviam chegado ao outro lado da propriedade comunal.

— Puxa, Aveleira — disse Amora-Preta, contornando uma poça e se aproximando. — Eu estava tão cansado e confuso que comecei a duvidar se você sabia mesmo para onde íamos. Eu ouvia você dizendo, no capim: "Está perto", e isto me aborrecia. Pensei que quisesse apenas infundir coragem. Estou envergonhado. Por Frith, você tem mesmo o estofamento de um Coelho-Chefe!

— Ótimo, Aveleira! — disse Espinheiro Cerval. — Ótimo! Aveleira não soube o que responder. Olhou-os em silêncio e foi

Bolota que falou primeiro.

— Adiante! — disse. — Quem será o primeiro a entrar no campo? Ainda posso correr. — E adiantou-se, conquanto devagar, descendo o declive, mas quando Aveleira mandou-o parar, deteve-se imediatamente.

— Onde estão os outros? — disse Aveleira. — Dente-de-Leão? Manda-Chuva?

Naquele instante, Dente-de-Leão apareceu, saindo do capinzal, e sentou-se na trilha, olhando o campo. Logo foi seguido por Bico-de-Falcão e Cinco-Folhas. Aveleira observou Cinco-Folhas quando este divisou o campo, mas Espinheiro Cerval desviou-lhe a atenção para o sopé do declive.

— Olhe, Aveleira — disse —, Prata e Manda-Chuva estão lá embaixo. Eles nos esperam.

O pêlo levemente cinzento de Prata identificava-se bem contra um borrifo rasteiro de tojo, mas Aveleira não conseguiu avistar Manda-Chuva, até que este se ergueu e correu em sua direção.

— Esplêndido, Aveleira — disse Manda-Chuva. — Todos estão aqui. Vamos introduzi-los naquele campo.

Momentos depois, encontravam-se sob as bétulas cor de prata e, assim que o sol levantou-se, arrancando clarões vermelhos e verdes das gotas de água nas faias e brotos, os coelhos passaram pela cerca, cruzaram um fosso raso e penetraram na erva espessa da campina.

12 O Estranho no Campo

Todavia, mesmo numa coelheira superpovoada, visitantes sob a forma de jovens coelhos em busca de alojamento seco podem ser tolerados... e, se bastante fortes, obter e garantir um lugar.

R. M. Lockley, *The Private Life of the Rabbit*

Chegar ao fim de um período de ansiedade e temor! Sentir a nuvem que pende sobre nós, leve e dispersa — a nuvem que reanima o coração e faz com que a felicidade não fique apenas na lembrança! Isto, pelo menos, é uma alegria que deve ser conhecida por quase toda criatura vivente.

Tomemos o exemplo de um menino que espera ser punido. Mas descobre, de repente, que sua falta foi relevada ou perdoadada, e imediatamente o mundo reaparece em cores brilhantes, pleno de perspectivas deliciosas. Um soldado espera, de coração confrangido, os sofrimentos e a morte na batalha. Mas, de súbito, a sorte muda. Chegam boas notícias! A guerra acabou e todos partem cantando! Ele agora irá para casa! Os pardais na terra arável cantam de terror ante a aproximação do francelho; mas este se vai, e eles voam, num frenesi, até a cerca viva, saltam, chilreiam e empoleiram-se onde bem entendem. O duro inverno amortalhara o campo inteiro. As lebres na relva das colinas, estupidificadas e entorpecidas pelo frio, estavam resignadas a afundar cada vez mais no congelado coração da neve e do silêncio. Eis senão quando — e quem o teria adivinhado? — o degelo inicia-se, o grande chapim faz soar o seu sino, do alto de uma tília, a terra está cheirosa; e as lebres pulam e cabrioleiam ao vento cálido. A desesperança e a repugnância são sopradas para longe, como um nevoeiro, e a opressiva solidão onde elas rastejavam, um lugar desolado qual greta no chão, abre-se semelhante a uma rosa e estende-se até as colinas e até o céu.

Os coelhos fatigados comeram e aqueceram-se na campina ensolarada, como se não acabassem de chegar do barranco na fímbria do matagal bem próximo. O capim e a escuridão estorvante foram esquecidos como se o nascer do sol os tivesse derretido. Mandachuva e Bico de Falcão perseguiram um ao outro, através da longa extensão de grama. Verônica saltou sobre o pequeno córrego que corria no meio do campo, e quando Bolota tentou acompanhá-lo e caiu, Prata zombou dele, esfregando-o com um punhado de folhas mortas de carvalho, até ficar seco. À medida que o sol subia, encurtando as sombras e secando o orvalho na grama, a maioria dos coelhos vagueou até a sombra formada pelo sol entre as salsas, ao longo da margem do fosso. Ali, Aveleira e Cinco-Folhas sentaram-se com Dente-de-Leão, embaixo de uma florida cerejeira silvestre. As pétalas brancas espelhavam-se no meio deles, cobrindo a grama e salpicando-lhes o pêlo, enquanto, nove metros acima, um tordo cantava: "Cereja fria, orvalho frio. Vá ao dique, vá ao dique, vá ao dique."

— Puxa, que lugar bom, não é, Aveleira? — disse Dente-de-Leão, preguiçosamente. — Acho que devíamos examinar logo os altos, embora eu confesse não estar com muita pressa. Mas tenho a impressão de que vai chover já.

Cinco-Folhas pareceu prestes a falar, mas em seguida sacudiu as orelhas e virou-se para morder um dente-de-leão.

— O declive parece bom, ao longo da linha de árvores acolá — respondeu Aveleira. — Que acha, Cinco-Folhas? Devemos ir agora ou esperar mais um pouco?

Cinco-Folhas hesitou e depois respondeu: — Você é quem sabe, Aveleira.

— Bem, não há necessidade de cavar muito, não acham? — disse Manda-Chuva. — Isto é coisa de fêmeas, não de coelhos machos.

— Ainda assim, penso que seria aconselhável fazer um ou dois buracos — disse Aveleira. — Para nos abrigarmos em caso de aperto. Vamos ao matagal dar uma olhada. Podemos nos divertir e, ao mesmo tempo, tratar da segurança. Não pretendemos fazer o trabalho duas vezes, pois não?

— Sim, assim é que se fala — disse Manda-Chuva. — Enquanto estiverem ocupados nisso, irei com Prata e Espinheiro Cerval vistoriar os campos mais além, a ver se não há perigo.

Os três exploradores afastaram-se da margem do córrego, enquanto Aveleira conduzia os outros coelhos através do campo e subia a fímbria do bosque. Avançaram, devagar, pelo sopé do declive, empurrando as moitas de candelária vermelha e assustando os piscos-de-peito-ruivo. De vez em quando um ou outro raspava a terra cascalhenta, ou aventurava-se um pouco entre as árvores e nogueiras, a fim de mexer com os pés na camada de folhas. Depois de investigarem e avançar tranqüilamente por algum tempo, atingiram um lugar do qual podiam ver que o campo embaixo estendia-se bastante. Tanto em sua direção quanto do lado oposto, as margens do bosque eram bem visíveis, distanciadas do córrego. Também observaram os telhados de uma fazenda, porém a certa distância. Aveleira parou e os outros agruparam-se ao seu redor.

— Não creio que faça diferença o lugar onde devemos cavar um pouco — disse. — O terreno é todo bom, pelo que me é dado ver. Nem o mais leve sinal de *elil* — odor, pegadas ou excrementos. Isto parece estranho, mas é possível que a coelheira de onde viemos atraísse mais *elil* do que outros sítios. De qualquer maneira, devemos agir com cuidado. Vou lhes dizer o que me parece ser a coisa certa. Voltemos um pouco, entre as árvores, e façamos uma escavação perto daquele carvalho ali... bem perto daquela porção de murugens. Sei que a fazenda está muito distante, mas não vale a pena a gente se aproximar mais. E se ficarmos próximos do bosque oposto, as árvores ajudarão a amortecer o rumor do vento no inverno.

— Esplêndido — disse Amora-Preta. — As nuvens se acumulam no céu, estão vendo? Choverá antes do crepúsculo e estaremos, então, abrigados. Bem, vamos começar. Ah, aí vem Manda-Chuva pelo fundo do declive, e os outros dois em sua companhia.

Os três coelhos retornavam à margem do regato e não tinham avistado Aveleira e os demais. Passaram embaixo, penetraram na parte mais estreita do campo, entre as duas capoeiras, e só quando Bolota foi enviado a meio caminho do declive, para atrair-lhes a atenção, é que se voltaram e atravessaram o fosso.

— Não creio que encontraremos maiores dificuldades aqui, Aveleira — disse Manda-Chuva. — A fazenda encontra-se a boa distância e os campos intermediários não denotam quaisquer sinais de *elil*. Vi a pegada de um homem — de fato, há várias — e parecem feitas há pouco tempo. O cheiro é recente e há os tocos daquelas coisinhas brancas que eles queimam na boca. Mas não passa disso, segundo suponho. Manteremos distância dos homens e os homens assustarão os *elil*.

— Por que os homens vêm para estes lados? — perguntou Cinco-Folhas.

— Quem sabe o motivo das ações humanas? Conduzem vacas ou ovelhas pelos barrancos, ou cortam madeira nos bosques. Que importa? Prefiro esquivar-me a um homem do que fugir de um arminho ou raposa.

— Bem, isto é ótimo — disse Aveleira. — Você investigou a fundo, Manda-Chuva, e as revelações são pelo melhor. Íamos fazer tocas naquele trecho do declive. Melhor começar logo. A chuva não demora, se é que eu entendo de chuvas.

Coelhos machos raramente ou nunca cavam a sério, por sua própria conta. É tarefa natural da fêmea fazer o lar para os filhotes, e então o macho lhe dá ajuda. Mesmo assim, machos solitários — se é que não encontram tocas disponíveis de que fazer uso — cavam, algumas vezes, curtos túneis em que se abrigarem, embora não considerando isto um trabalho a ser feito com seriedade. Durante a manhã a escavação processou-se sem entusiasmo e de forma intermitente. O declive, de cada lado do carvalho, era nu e apresentava um solo mole, cheio de pedrinhas. Depois de vários começos enganosos e opções novas, por volta de ni-Frith eles tinham uns três buracos rasos. Aveleira, observando-os, oferecia ajuda aqui e ali e encorajava os outros. Com freqüência, retrocedia a fim de olhar o campo e certificar-se de que tudo oferecia segurança. Somente Cinco-Folhas permanecia solitário. Não tomou parte na escavação, mas, agachado à beira do fosso, balançava o corpo para diante e para trás, às vezes mordendo algum alimento e, depois, parando de súbito, como se tivesse ouvido um som perigoso no bosque. Após falar-lhe uma ou duas vezes sem ter resposta, Aveleira julgou melhor deixá-lo a sós. Na próxima vez que se afastou da escavação, passou ao largo de Cinco-Folhas e sentou-se para olhar o declive, dando mostras de nisso empenhar-se.

Pouco depois de ni-Frith, o céu escureceu. A luz tornou-se sombria e eles sentiram o cheiro da chuva que se aproximava do oeste. O chapim azul que estivera a balouçar-se numa amoreira-preta, cantando "Ai de mim, saiam e arranjem outro bocado de musgo", parou com suas acrobacias e voou para dentro do bosque. Aveleira pensava se valia a pena abrir uma passagem ligando o buraco de Manda-Chuva ao de Dente-de-Leão, quando sentiu um sinal de advertência de algum lugar bem próximo. Voltou-se com rapidez. Era Cinco-Folhas que se pusera de pé e agora fitava intensamente a distância além do campo.

Ao lado de uma moita de capim, a pouca distância da capoeira oposta, um coelho estava sentado e olhava-os com firmeza. Tinha as orelhas em pé e dava-lhes, evidentemente, atenção total, de olfato e audição. Aveleira ergueu-se sobre as pernas traseiras, imobilizou-se e, em seguida, voltou a sentar-se nos quadris, apresentando-se por inteiro. O outro coelho permaneceu imóvel. Aveleira, sem tirar dele os olhos, ouviu três ou quatro de seus companheiros aproximarem-se por trás. Após um instante, disse:

— Amora-Preta?

— Está no buraco — respondeu Panelinha de Barro.

— Vá buscá-lo.

O coelho estranho ainda não fizera qualquer movimento. O vento soprou e a grama começou a ondular e roçar na depressão de terreno entre eles. De trás, Amora-Preta disse:

— Mandou me chamar, Aveleira?

— Vou falar àquele coelho — disse Aveleira. — E quero que você me acompanhe.

— Posso ir também? — perguntou Panelinha de Barro.

— Não, Hlao-roo. Não pretendemos assustar o coelho. Três é demais.

— Tenha cuidado — disse Espinheiro Cerval, quando Aveleira e Amora-Preta começaram a descer o declive. — Talvez ele não seja o único.

Em vários trechos o córrego era estreito — não mais largo do que um coelho poderia pular. Saltaram e subiram a margem oposta.

— Comporte-se como se estivesse em sua própria casa — disse Aveleira. — Não vejo como poderá ser uma armadilha, mas, de qualquer forma, poderemos correr-.

Ao se aproximarem, o outro coelho continuou parado, observando-os intensamente. Agora podiam ver que se tratava de um tipo corpulento, lustroso e bonito. O pêlo brilhava e as garras e dentes estavam em

perfeitas condições. Todavia, não parecia apreensivo. Ao contrário, mostrava-se curioso, de uma delicadeza artificial, na forma como aguardava que os intrusos se aproximassem ainda mais. Estes pararam e olharam-no de curta distancia.

— Não creio que seja perigoso — cochichou Amora-Preta. — Vou abordá-lo primeiro, se você concordar.

— Iremos juntos — replicou Aveleira. Mas, nesse momento, o outro coelho tomou a iniciativa de se lhes dirigir. Ele e Aveleira tocaram-se com os narizes, fungando e examinando-se em silêncio. O estranho tinha um cheiro peculiar que, certamente, não era desagradável. Deu a Aveleira a impressão de estar bem alimentado, de ter boa saúde e possuir certa indolência, como se procedesse de uma região rica e próspera onde Aveleira jamais estivera. Tinha um ar de aristocrata e ao voltar-se para fitar Amora-Preta com seus grandes olhos castanhos, Aveleira começou a ver-se na condição de um vagabundo, um maltrapilho, líder de um bando de coelhos errantes. Não pretendia ser o primeiro a falar, mas algo no silêncio do outro compeliu-o.

— Viemos através do capinzal — disse.

O outro coelho não deu resposta, mas sua expressão não era a de um inimigo. Sua conduta tinha uma espécie de melancolia deveras intrigante.

— Mora aqui? — perguntou Aveleira, após uma pausa.

— Sim — respondeu o outro coelho. E depois acrescentou: — Vimos vocês chegarem.

— Também pretendemos viver aqui — disse Aveleira com firmeza.

O outro coelho não demonstrou preocupação. Observou uma pausa e em seguida respondeu: — Por que não? Pelo que vejo, vocês já decidiram. Mas não me parece que sejam muitos para viver confortavelmente por sua própria conta — ou estarei enganado?

Aveleira sentiu-se perplexo. Aparentemente, o estranho não se importava ante a notícia de que pretendiam ficar ali. Qual o tamanho de sua coelheira? Onde ficava? Quantos coelhos estariam ocultos no matagal, observando-os agora mesmo? Iriam ser atacados por eles? As maneiras do estranho nada lhe diziam. O estranho parecia desinteressado, quase entediado, mas perfeitamente polido. Sua lassitude, seu grande porte e beleza, sua aparência corretíssima, seu ar contido de quem tudo possui e a maneira de não se mostrar aflito ante a presença dos recém-chegados — tudo isso apresentava a Aveleira um problema diferente dos problemas com que lidara até então. Se havia naquilo um logro, não tinha a mínima idéia o que fosse. Decidiu que ele próprio, a qualquer custo, se mostraria totalmente franco e sincero.

— Temos companheiros em número suficiente para nos proteger — disse. — Não queremos fazer inimigos, mas se defrontarmos qualquer tipo de interferência...

O outro interrompeu-o em tom suave. — Não fique nervoso... vocês são bem-vindos. Se pretendem voltar agora, irei com vocês; isto é, a menos que haja alguma objeção.

Desceu da elevação onde se encontrava. Aveleira e Amora-Preta, após olharem entre si, por um instante, alcançaram-no e se puseram ao seu lado. Ele movimentava-se com facilidade, sem pressa, e demonstrava menor cautela do que os intrusos ao cruzarem o campo. Aveleira sentia-se mais perplexo do que nunca. O outro coelho não tinha, evidentemente, o temor de que caíssem sobre ele, o derrubassem e o matassem, listava disposto a ir sozinho entre uma porção de estranhos suspeitos mas o que pretendia tirar desse risco era impossível prever. Talvez, pensou Aveleira com espanto, dentes e garras não causassem qualquer impressão naquele grande e firme corpo de pêlo brilhante.

Quando chegaram ao fosso, todos os outros coelhos estavam agachados observando-os. Aveleira

parou diante deles, mas não soube o que dizer. Se o estranho não estivesse ali, ter-lhes-ia feito um relato do que acontecera. Se Amora-Preta e ele houvessem conduzido o estranho à força, pelo campo, este seria entregue, sob custódia, a Manda-Chuva ou Prata. Mas tê-lo assim, sentado ao seu lado, olhando seus companheiros em silêncio e cortesmente à espera de que alguém tomasse a palavra — eis uma situação além da experiência de Aveleira. Foi Manda-Chuva, direto e rude como sempre, que quebrou a tensão.

— Quem é este aí, Aveleira? — disse. — Por que veio com vocês?

— Não sei — respondeu Aveleira, tentando aparentar franqueza e sentindo-se tolo. — Veio por sua própria conta.

— Bem, melhor perguntar *a ele*, então — disse Manda-Chuva com certo escárnio. Aproximou-se do estranho e fungou, conforme fizera Aveleira. Também ele foi evidentemente afetado pelo cheiro peculiar de prosperidade, pois, parou, como se em dúvida. Depois, com um ar brusco, de rudeza, disse: — Quem é você e o que pretende?

— Meu nome é Prímula — disse o outro. — Não quero nada. Ouvi-os chegar de longe.

— Talvez tenhamos vindo de longe — disse Manda-Chuva. — E também sabemos como nos defender.

— Estou certo que sim — disse Prímula, olhando, ao redor, os coelhos enlameados e trôpegos, com um ar de ser por demais polido para fazer qualquer comentário penoso. — É duro, no entanto, a gente se defender contra as intempéries. Vai chover e não creio que suas tocas estejam prontas. — Olhou Manda-Chuva, como à espera de que este lhe fizesse outra pergunta. Manda-Chuva parecia confuso. Certamente não compreendia mais a situação do que Aveleira. Seguiu-se um silêncio, exceto pelo som do vento que subia. Acima deles, os ramos do carvalho começavam a farfalhar e ondular. De repente, Cinco-Folhas adiantou-se.

— Não o compreendemos — disse. — Melhor confessar logo e procurar esclarecer as coisas. Podemos confiar em você? Há muitos outros coelhos aqui? Eis o que queremos saber.

Prímula não demonstrou maior preocupação ante a maneira tensa de Cinco-Folhas, a exemplo do que fizera antes. Coçou-se atrás de uma orelha, com uma pata, e então respondeu:

— Acho que vocês se apoquentam sem necessidade. Mas se querem respostas às suas perguntas, então eu diria que sim, que podem confiar em mim. Não temos intenção de os expulsar. E há uma outra coelheira aqui, mas não tão grande quanto gostaríamos. Por que iríamos hostilizá-los? A erva dá certamente para todos.

A despeito de sua estranha e triste maneira, falou de modo tão razoável que Aveleira se sentiu envergonhado.

— Enfrentamos perigos sem conta — disse ele. — Qualquer novidade nos parece perigosa. Antes de tudo, vocês podem rezear que tenhamos vindo aqui para tomar as fêmeas ou expulsá-los de suas tocas.

Prímula ouviu com gravidade. Depois, respondeu:

— Bem, quanto às tocas, este é um tópico que julgo conveniente mencionar. As covas que vocês fizeram não são muito fundas ou confortáveis, certo? E, embora estejam voltadas contra o vento, agora, devo-lhes dizer que este vento não é comum aqui. Está trazendo a chuva do sul. Em geral temos vento do oeste, dos mais fortes, e ele penetrará direto nas suas tocas. Há muitos buracos vazios em nossa coelheira e se quiserem ir até lá, serão bem-vindos. Agora, se me permitem, não posso demorar mais. Odeio a chuva. A coelheira fica em volta do canto do bosque oposto.

Desceu o declive e ultrapassou o córrego. Os coelhos observaram-no saltar a margem do matagal,

adiante, e desaparecer nas verdes samambaias. Os primeiros pingos de chuva começavam a cair, tamborilando nas folhas do carvalho e ferindo a nua pele rosada dentro de seus ouvidos.

— Que ótimo sujeito, não é? — disse Espinheiro Cerval. — Dá impressão de não se aborrecer muito vivendo aqui.

— Que faremos, Aveleira? — perguntou Prata. — É verdade o que ele disse, não é? Estas tocas... bem, nelas podemos nos abrigar contra a intempérie, e só. E como não existe uma para cada um, seremos obrigados a partilhá-las.

— Nós as dividiremos — disse Aveleira —, e enquanto isso, gostaria de conversar sobre o que ele falou. Cinco-Folhas, Mandachuva e Amora-Preta, podem vir comigo? Os restantes ajeitem-se como puderem.

O novo buraco era curto, estreito e tosco. Não havia espaço para dois coelhos passarem. Quatro eram como feijões numa vagem. Pela primeira vez, Aveleira começou a dar-se conta do que haviam deixado atrás. Os buracos e túneis de uma velha coelheira tornam-se macios, seguros e confortáveis com o uso. Não há pontas salientes ou cantos ásperos. Em qualquer extensão sentem-se os cheiros de coelho — daquele grande, indestrutível fluxo que emite a Coelheira, no qual cada um é transportado, com andar seguro e confiança. O trabalho pesado foi todo feito por incontáveis bisavós e seus machos. Todas as deficiências foram corrigidas e tudo está em uso porque provou seu valor. A chuva é drenada facilmente e até mesmo o vento do solstício de inverno não pode penetrar nas tocas mais fundas. Nenhum dos coelhos de Aveleira já tomara parte numa verdadeira escavação. A obra que haviam feito aquela manhã era insignificante, e todos só podiam esperar abrigo precário e pouco conforto.

Nada melhor do que o mau tempo para revelar as falhas de uma morada, particularmente se é muito pequena. É preciso, como se diz, ter ânimo para suportá-la e tempo ocioso para sentir todas as suas peculiares irritações e desconfortos. Manda-Chuva, com sua habitual energia rude, atirou-se ao trabalho. Aveleira, contudo, retornou e sentou-se, pensativo, à beira do buraco, olhando os silenciosos ondulantes veios de chuva que se desgarravam pelo pequeno vale entre os dois matagais. Mais perto, diante de seu nariz, toda lâmina de erva, toda fronde de samambaia inclinavam-se, gotejantes e reluzentes. O cheiro das folhas de carvalho do último ano enchiam o ar. Fazia frio. Do outro lado do campo, as flores da cerejeira, sob a qual haviam sentado aquela manhã, pendiam encharcadas e arruinadas. Enquanto Aveleira olhava, o vento voltou-se vagorosamente para oeste, conforme Prímula dissera, e fez com que a chuva tombasse à beira da toca. Aveleira retrocedeu e juntou-se aos outros. O tamborilar e sussurrar da chuva soava macio, mas distintamente, do lado de fora. Os campos e bosques estavam encobertos, vazios e subjugados. A vida insetívora aquietara-se nas folhas e ervas. O tordo podia estar cantando, mas Aveleira não o podia ouvir. Ele e seus companheiros eram um bando de cavadores enlameados, agachados num buraco estreito e mal desenhado, em região solitária. Não se encontravam ao abrigo do mau tempo. Esperavam, desconfortavelmente, que o tempo mudasse.

— Amora-Preta — disse Aveleira —, que achou do nosso visitante? Gostaria de ir para sua coelheira?

— Bem — replicou Amora-Preta —, o que penso é isto: não há outra maneira de descobrir se ele merece confiança, a não ser tentando confiar nele. Parece cordial. Mas, se uma porção de coelhos teme a aproximação de intrusos e quer enganá-los — fazendo-os entrar num buraco e atacando-os depois — bem que poderiam, não acha?, enviar alguém que se mostrasse plausível. Talvez queiram matar-nos. No entanto, segundo ele disse, há grama em abundância, e quanto a expulsá-los, ou tomar suas fêmeas... se eles têm o mesmo tamanho e peso do nosso visitante, então nada há a temer de um grupo como o nosso. Devem ter-nos visto chegar. Estávamos cansados. Certamente aquela era a ocasião propícia para nos

atacar. Ou quando estávamos separados, antes de começar a cavar. Mas não o fizeram. Penso que eles se inclinam às demonstrações de amizade.

Só há uma coisa que me intriga: por que não nos pediram para ir logo à sua coelheira?

— Os tolos atraem os *elil* mostrando-se presas fáceis — disse Manda-Chuva, limpando a lama do bigode e soprando por entre os compridos dentes da frente. — E nós somos tolos, até aprendermos a viver aqui. Talvez seja mais seguro aprender logo. Não sei... desisto de opinar. Mas não tenho medo de ir e investigar. Se eles *tentarem* alguns truques, mostrarei que também tenho alguns. Não me importo de correr riscos para dormir num lugar mais confortável que este. Não dormimos desde a tarde de ontem.

— Cinco-Folhas?

— Penso que não devíamos nos meter com aquele coelho ou sua coelheira. Devíamos deixar este lugar imediatamente. Mas que adianta falar?

Com frio e molhado, Aveleira sentia-se impaciente. Habituara-se a confiar em Cinco-Folhas, e agora, quando mais precisava dele, o irmão o deixava sozinho. O arrazoado de Amora-Preta era válido e Manda-Chuva demonstrava, pelo menos, o que um coelho valoroso seria levado a fazer. Aparentemente, a única contribuição de Cinco-Folhas trazia a marca da alienação. Tentou lembrar que Cinco-Folhas estava de moral baixo e que todos eles haviam atravessado um período de ansiedade e profundo abatimento. Nesse momento o solo, na extremidade oposta do buraco, começou a ceder; em seguida, desmoronou e a cabeça e as patas dianteiras de Prata apareceram.

— Aqui estamos — disse Prata alegremente. — Fizemos o que você queria, Aveleira. E Espinheiro Cerval está aí perto. Agora, digam-me: que pensam do Senhor Fulano? Pirilampo... não, Prímula? Iremos a sua coelheira ou não? Certamente não vamos ficar encolhidos aqui porque temos medo de ir vê-lo. O que pensaria então de nós?

— Vou-lhe dizer já — disse Dente-de-Leão, por sobre o ombro. — Se ele não é sincero, saberá que temos receio de ir; e se é sincero, pensará que somos suspeitos, covardes. Se pretendemos viver nestes campos, teremos de entrar em boas relações com seu bando, mais cedo ou mais tarde, e é contra a lógica vacilar e admitir que não ousamos visitá-los.

— Não sei quantos deles estão lá — disse Prata —, mas nós somos uma porção. De qualquer forma, odeio a idéia de ficar à distância. Há quanto tempo os coelhos são *elil*? O velho Prímula não receou nossa companhia, pois não?

— Muito bem — disse Aveleira. — Também penso assim. Só queria saber o que vocês achavam. Gostaria que Manda-Chuva e eu fôssemos adiante, sozinhos, e trouxéssemos nossas impressões?

— Não — disse Prata. — Vamos todos juntos. Se temos de ir, pelo amor de Frith: não devemos demonstrar medo. Que me diz, Dente-de-Leão?

— Estou com você.

— Então iremos agora — disse Aveleira. — Reúnam os outros e sigam-me.

Fora, na densa luz da tarde que morria, com a chuva fustigando-lhes os olhos e as caudas, observou-os reunidos. Amora-Preta, alerta e inteligente, olhou primeiro para cima, e depois para baixo do fosso, antes de cruzá-lo. Manda-Chuva mostrava-se alegre ante a perspectiva de entrar em ação. Prata, firmeza e confiança. Dente-de-Leão, o espirituoso contador de histórias, estava tão ansioso para se ver longe dali que pulou sobre o fosso e correu um pouco, entrando no campo, antes de parar e esperar o resto da tropa. Espinheiro Cerval era, talvez, o mais sensível e leal de todos. Panelinha de Barro procurou Aveleira e aproximou-se com o fito de esperar ao seu lado. Bolota, Bico de Falcão e Verônica eram decentes

soldados rasos, enquanto não os obrigassem a ultrapassar seus limites. Por fim, Cinco-Folhas, abatido e relutante como um pardal em plena geada. Quando Aveleira se afastou do buraco, as nuvens a oeste romperam-se de leve e houve um súbito dardejar de luz pálida e aguada.

"Ó El-ahrairah!", pensou Aveleira. "Vamos ao encontro de coelhos. Tu os conheces, como nós nos conhecemos. Confio, pois, no que faço."

— Agora, apresse-se, Cinco-Folhas! — disse em voz alta. — Estamos à sua espera e ficamos, a cada instante, mais molhados.

Uma abelha molhada arrastou-se sobre uma flor de cardo, agitou as asas durante alguns segundos e depois voou para o campo. Aveleira avançou, deixando um escuro sulco atrás, na erva prateada.

13. Hospitalidade

À tarde chegaram a uma terra
Onde a tarde -parecia durar sempre.
Na costa o lânguido ar desmaiou,
Respirando como quem teve um pesadelo.

Tennyson, *The Lotus-Eaters*

O canto do bosque oposto revelou-se uma ponta aguçada. Além, o fosso e as árvores voltavam a formar uma reentrância, de forma que o campo assemelhava-se a uma baía, com uma ribanceira correndo ao redor. Tornava-se claro, agora, porque Prímula, quando os deixara, havia penetrado entre as árvores. Ele seguira apenas uma linha direta, dos buracos dos coelhos recém-chegados às suas próprias tocas, passando, no caminho, pela estreita faixa de mato que havia de permeio. Na verdade, ao ultrapassar a ponta e parar para olhar os arredores, Avelreira viu o lugar onde Prímula devia ter chegado. Uma clara trilha de coelhos saía da capoeira, passava sob a cerca e penetrava o campo. No barranco do lado mais distante da baía, os buracos de coelhos tornavam-se visíveis, mostrando-se escuros e distintos no chão nu. Uma coelheira tão conspícua quanto se poderia imaginar.

— Que o céu nos proteja! — disse Manda-Chuva. — Qualquer criatura viva, a uma distância de quilômetros, sabe que ela está aqui! Olhem só todas as trilhas na erva! Acham que eles cantam pela manhã, como os tordos?

— Talvez estejam tão seguros que não pensem em se esconder — disse Amora-Preta. — Não esqueça que nossa coelheira também fica inteiramente à vista.

— Sim, mas não como esta aí! Uns dois hrududil podiam caber em algumas tocas.

— E eu também — disse Dente-de-Leão. — Estou encharcado.

Quando se aproximavam, um grande coelho apareceu à beira do fosso, olhou-os rapidamente e desapareceu no barranco. Momentos depois, outros dois chegaram para os esperar. Também eram lustrosos e inusitadamente grandes.

— Um coelho chamado Prímula ofereceu-nos abrigo aqui — disse Avelreira. — Talvez saibam que ele foi nos ver?

Os dois coelhos juntos fizeram um curioso movimento de dança, com a cabeça e as patas traseiras. Além da fungadela, gesto formal que Avelreira e Prímula haviam trocado ao se encontrarem, e que não se aplicava a coelhos acasalados, o gesto era desconhecido a Avelreira e seus companheiros. Sentiram-se intrigados e levemente ansiosos. Os dançarinos pararam, evidentemente à espera de um agradecimento ou gesto recíproco, mas não houve nenhum.

— Prímula está na toca grande — disse um deles, por fim. — Querem nos acompanhar até lá?

— Quantos de nós? — perguntou Avelreira.

— Ora, todos — respondeu o outro, surpreso. — Não pretendem ficar expostos à chuva, pois não?

Aveleira havia pensado que ele e um ou dois de seus camaradas seriam destacados para ver o Coelho-Chefe — que, provavelmente, não seria Prímula, já que Prímula não os visitaria sem escolta — na sua toca, após o que seriam encaminhados a lugares diferentes. Esta separação era, aliás, o que ele temia. Agora percebia, atônito, que uma parte subterrânea da coelheira era aparentemente grande para conter todos de uma só vez. Ficou tão curioso para visitá-la que não se deteve a fazer arranjos quanto à ordem em que deveriam descer. Contudo, pôs Panelinha de Barro nos seus calcanhares. "Isso animará logo este coraçãozinho medroso", pensou, "e, se os líderes *forem* atacados, acho que podemos afastá-lo mais facilmente da refrega." Mandachuva recebeu ordem para fechar a retaguarda. "Se houver briga, saia daqui", disse Aveleira, "e leve o maior número possível dos companheiros." Em seguida, acompanhou os guias a um dos buracos no barranco.

O caminho era largo, macio e seco. Tratava-se obviamente de uma estrada principal, pois outros túneis partiam dela em todas as direções. Os coelhos à frente caminhavam depressa e Aveleira dispunha de pouco tempo para investigações. De súbito, parou. Entrara num lugar aberto. Seus bigodes sentiam não haver terra em frente e também dos lados. Muito ar em cima — podia senti-lo em movimento — e um espaço considerável por sobre a cabeça.

Além disso, havia vários coelhos por perto. Não lhe passou pela cabeça que pudesse haver um lugar subterrâneo onde estaria exposto dos três lados. Voltou-se com rapidez e sentiu Panelinha de Barro rente à sua cauda. "Que tolo eu fui!", pensou. "Por que não pus Prata ao meu lado?" Nesse instante, ouviu Prímula falar. Saltou, na impressão de que estivesse a maior distância. O espaço devia ser imenso.

— É você, Aveleira? — disse Prímula. — Seja bem-vindo, juntamente com os seus amigos. Estamos contentes por os receber.

Nenhum ser humano, exceto os cegos corajosos e experimentados, é capaz de sentir tanto, num lugar estranho onde não pode enxergar; mas, quanto aos coelhos, isso não ocorre. Passam metade da vida no subsolo, em plena escuridão ou penumbra, e o tato, olfato e audição valem mais que a vista. Aveleira tinha agora total conhecimento de onde se encontrava. Teria reconhecido o lugar se partisse dali imediatamente e retornasse seis meses depois. Encontrava-se numa extremidade da maior toca que já vira; arenosa, quente e seca, com chão de terra dura e nua. Várias raízes de árvores corriam pelo teto e eram elas que sustentavam o vão de largura incomum. Havia grande número de coelhos no lugar — muito mais numerosos que o grupo de Aveleira. Todos de aparência próspera e com o cheiro agradável de Prímula.

Este encontrava-se na outra extremidade do salão e Aveleira percebeu que esperavam sua resposta. Seus companheiros ainda entravam, um a um, pela abertura, e notava-se grande tropel. Aveleira pensou se devia mostrar-se formal. Se podia ou não intitular-se Coelho-Chefe; não tinha experiência de tais coisas. O Threarah estaria, sem dúvida, à altura da situação. Não queria denotar embaraço ou trair os companheiros. Decidiu que o melhor seria mostrar-se franco e cordial. Antes de tudo, mostrar àqueles estranhos que eram tão bons quanto eles, sem arriscar a possibilidade de atritos mediante a apresentação de atitudes afetadas.

— Estamos felizes por haver escapado ao mau tempo — disse. — Como todos os coelhos, sentimos-nos melhores numa multidão. Quando você nos foi ver no campo, Prímula, disse que sua coelheira não era grande, mas, a julgar pelos buracos que vimos ao longo do barranco, deve ser o que consideramos um palácio.

Ao terminar, sentiu que Manda-Chuva acabara de entrar no salão. Todos estavam novamente juntos. Os coelhos locais pareceram levemente decepcionados por este pequeno discurso, e Aveleira teve a impressão de que, por algum motivo, não ferira a nota certa ao cumprimentá-los como uma comunidade.

Talvez não fossem tantos assim, quem sabe? Houvera alguma doença? Não havia cheiro ou sinal disso. Aqueles eram os maiores e mais saudáveis coelhos que já encontrara. E se o seu constrangimento e silêncio nada tivessem a ver com o que ele dissera? Talvez não tivesse falado bem, sendo novo aquele ambiente, e os coelhos sentissem que ele não afinava com suas boas maneiras? "Não importa", pensou. "Depois da noite passada, tenho confiança no meu bando. Não estaríamos aqui se não enfrentássemos dificuldades com ânimo forte. Estes sujeitos terão de habituar-se a nós. De qualquer maneira, não parecem antipatizar conosco."

Não houve mais discursos. Os coelhos têm suas convenções e formalidades próprias, mas são poucas e curtas, segundo os padrões humanos. Se Aveleira fosse um ser humano, seria levado a apresentar os companheiros um a um, e, sem dúvida, cada um teria sido tomado, como convidado, por um de seus hospedeiros. Na grande toca, porém, as coisas aconteciam de forma diversa. Os coelhos misturam-se naturalmente. Não falam por amor à fala, à maneira artificial dos seres humanos — e, às vezes, de seus cães e gatos. Mas isso não significa que não sejam comunicativos através da fala. Por toda a toca, tanto os recém-chegados quanto os de casa acostumavam-se às respectivas presenças à sua própria maneira e no devido tempo; sabiam qual o cheiro dos estrangeiros, como se movimentavam, como respiravam, como cavavam, o ritmo de suas pulsações e assim por diante. Estes os seus tópicos e assuntos de discussão, tratados sem necessidade de discurso. Em muito maior extensão do que um ser humano posto em situação idêntica, cada coelho, ao tomar o fragmento que lhe cabia, mostrava-se sensível ao fio do conjunto. Decorrido certo tempo, todos sabiam que o concurso não envolveria competição acirrada ou acabaria em briga. À semelhança de uma batalha que começa por um estado de equilíbrio entre os dois lados, e que se altera, gradualmente, de um lado para o outro, até ficar claro que o equilíbrio pendeu tanto que o resultado já não pode ser motivo de dúvida — assim aquela assembléia de coelhos na escuridão, iniciando-se com aproximações hesitantes, silêncios, pausas, movimentos, agachamento lado a lado e todas as maneiras de avaliação, vagarosamente avançava, qual hemisfério do mundo ao encontro do verão, para uma zona mais cálida e mais brilhante de simpatia e aceitação mútuas, até que todos se sentiram seguros de que nada tinham a recear. Panelinha de Barro, a certa distância de Aveleira, agachou-se confortavelmente entre dois grandes coelhos que teriam quebrado seu pescoço num segundo, enquanto Espinheiro Cerval e Prímula empenhavam-se num gracioso reconhecimento corporal, beliscando-se como gatinhos e depois interrompendo-se para alisar os pêlos das orelhas, numa cômica pretensão de súbita gravidade. Somente Cinco-Folhas sentava-se solitário, à parte. Parecia doente ou muito deprimido, e os estranhos evitavam-no por instinto.

A convicção de que a assembléia encontrava-se à vontade, num canto, chegou a Aveleira sob a forma daquela visão da cabeça e patas de Prata emergindo no meio do cascalho. Imediatamente, sentiu-se descontraído e relaxado. Já havia cruzado todo o comprimento do salão e viu-se impelido contra dois coelhos, um macho e uma fêmea, cada um tão grande quanto Prímula. Quando os dois deram alguns saltos vigorosos por um dos túneis próximos, Aveleira acompanhou-os e, pouco a pouco, os três distanciaram-se do salão. Chegaram a uma toca menor, mais profunda. Evidentemente esta pertencia ao casal, pois que ali se estabeleceram como se estivessem em casa e não fizeram objeção quando Aveleira os imitou. Ali, enquanto o formalismo do grande salão vagarosamente se dissipava, todos os três guardaram silêncio por algum tempo.

— Prímula é o Coelho-Chefe? — perguntou, afinal, Aveleira. O outro respondeu com uma pergunta. — Você se chama

Coelho-Chefe?

Aveleira achou difícil responder. Se dissesse que era, seus novos amigos o chamariam assim, doravante, e ele bem podia imaginar o que Manda-Chuva e Prata teriam a dizer a respeito. Como de

hábito, preferiu ser franca.

— Somos poucos — disse. — Abandonamos nossa coelheira apressadamente, para escapar de coisas más. A maioria ficou lá, e o Coelho-Chefe era uni deles. Tenho procurado orientar meus amigos, mas não sei se concordariam em me chamar de Coelho-Chefe.

"Isto lhe dará o que pensar", pensou ele. "Por que partiu? Por que os outros não vieram também? De que têm medo? E o que poderei responder nesse caso?"

Quando o outro coelho falou, porém, tornou-se claro que, ou não tinha interesse no que Aveleira dissera, ou então tinha motivos para não o interrogar.

— Não chamamos ninguém aqui de Coelho-Chefe — disse. — Foi idéia de Prímula ir ver vocês esta tarde. Portanto, tomou a iniciativa.

— Mas quem decide o que fazer acerca dos *elil*? E quanto a cavar e enviar patrulhas e outras coisas?

— Ah, nunca pensamos *assim*. Os *elil* mantêm distância. Apareceu um *homba* no inverno passado, mas o homem que vem através dos campos matou-o com sua espingarda.

Aveleira olhou-o com firmeza. — Mas os homens não atiram num *homba*.

— Bem, *aquele* matou *esse*. Também mata corujas. Nunca precisamos cavar tocas. Ninguém cavou durante minha vida inteira. Muitos buracos continuam vazios, como você sabe. Existem ratos, mas o homem mata-os também, quando pode. Não temos necessidade de expedições. A comida aqui é melhor do que em outra parte. Seus amigos serão felizes vivendo aqui.

Mas ele próprio não dava impressão de ser verdadeiramente feliz, e uma vez mais Aveleira sentiu-se perplexo. — Onde o homem ... — principiou. Mas foi interrompido.

— Meu nome é Morango, lista é minha mulher, Nildro-hain.^[7] Alguns dos melhores buracos estão quase fechados a essa altura. Eu lhe mostrarei, no caso de seus amigos pretenderem estabelecer-se neles. A grande toca é um lugar esplêndido, não acha? Não creio que existam muitas coelheiras onde todos os coelhos possam se reunir embaixo do chão. O teto é de raízes de árvore, conforme você viu, e naturalmente a árvore lá fora impede a entrada da chuva. É surpreendente que a árvore continue viva, mas está.

Aveleira suspeitou que a fala de Morango tinha o verdadeiro propósito de evitar mais perguntas. Ficou em parte irritado e em parte assombrado.

"Não tem importância", pensou. "Se ficarmos tão crescidos quanto estes sujeitos aí, tudo correrá a contento. Deve haver boa comida pelas vizinhanças. A fêmea dele também é uma bela criatura. Talvez haja outras como ela na coelheira."

Morango saiu da toca e Aveleira seguiu-o por outro corredor, que se inclinava mais na terra, embaixo do bosque. Tratava-se, certamente, de uma coelheira digna de admiração. Às vezes, quando cruzavam um caminho que subia na direção de um buraco, podia ouvir a chuva cair do lado de fora, tamborilando suavemente na noite. Mas embora já chovesse várias horas, não havia o menor sinal de umidade ou frio nos corredores subterrâneos ou nos muitos buracos por onde passavam. A drenagem e a ventilação eram soberbas. Aqui e ali, outros coelhos punham-se em movimento. Deram com Bolota, que, pelo visto, era levado a uma excursão da mesma espécie. São muito simpáticos, não? —, ele disse a Aveleira, ao se cruzarem. — Nunca sonhei com um lugar assim. Você tem bom tirocínio, Aveleira. — Morango esperou polidamente que ele terminasse de falar e Aveleira não deixou de sentir satisfação pelo que fora dito.

Afinal, depois de contornar cuidadosamente certas aberturas das quais emanava o cheiro característico de ratos, pararam numa espécie de poço. Um túnel íngreme conduzia à superfície. Tocas de

coelhos tendem a assumir a forma de um arco; esta, porém, era reta, de forma que, em cima, através da boca do buraco, Aveleira via folhas contra o céu noturno. Percebeu que uma parede do poço era convexa e feita de alguma substância dura. Fungou, vacilante.

— Sabe o que são? — disse Morango. — São tijolos; as pedras com que os homens constroem suas casas e celeiros. Foram usadas aqui há muito tempo, mas agora perderam a utilidade. Os homens esqueceram-nas. Este é o outro lado da entrada do poço. E esta parede de terra aqui está completamente achatada porque uma coisa dos homens prendeu-a ao chão, não sei bem o que.

— Há alguma coisa enfiada à força na parede — disse Aveleira. — Ora, são pedras cravadas na superfície em cima! Mas para quê?

Aveleira examinou, intrigado, as pedras. Eram todas do mesmo tamanho, e cravadas, a intervalos regulares, no solo. Não conseguia atinar para que serviam.

— Qual a sua utilidade? — perguntou de novo.

— É El-ahrairah — disse Morango. — Um coelho chamado Laburno construiu isto aí, há certo tempo. Temos outros, mas este é o melhor. Vale uma visita, não acha?

Aveleira sentia-se mais do que nunca perplexo. Nunca vira um laburno e ficou confundido pelo nome, que, em língua leporídea, significa "Árvore Venenosa". Por que dar a um coelho o nome de Veneno? 1' de que forma as pedras podiam ser El-ahrairah? Onde identificar El-ahrairah naquilo que Morango lhe dizia? Confuso, observou: — Não entendo.

— É o que chamamos de Forma — explicou Morango. — Não viu alguma antes? As pedras tomam a forma de El-ahrairah na parede. Furtando a alface do Rei. *Você* sabe?

Aveleira não se sentiria mais perturbado se Morango houvesse falado da ralé que habitava as margens do Enborne. Obviamente as pedras nada tinham a ver com El-ahrairah. Morango obteria o mesmo efeito se dissesse que sua cauda era um carvalho. Fungou novamente e depois tocou a parede com uma pata.

— Firme, firme — disse Morango. — Você pode ferir a pata sem estragar a parede. Não importa. Voltaremos em outra ocasião.

— Mas onde estão... — Aveleira começou a falar, quando Morango, outra vez, interrompeu-o.

— Acho que você tem fome. A minha é grande. Choverá a noite inteira, mas podemos comer aqui embaixo. E, depois, você dorme na grande toca, ou em meu buraco, se preferir. Podemos voltar mais depressa do que viemos. Há um corredor que corta o caminho. Na verdade, ele passa através...

Falou sem parar, enquanto faziam o caminho de volta. De súbito, ocorreu a Aveleira que essas desesperadas interrupções pareciam seguir-se a qualquer pergunta começando por "Onde?" Achou conveniente tirar a prova. Daí a pouco, Morango terminava de dizer: — Agora estamos próximos da grande toca, mas chegamos por um caminho diferente.

— E onde... — disse Aveleira. No mesmo instante, Morango se pôs de lado e chamou: — Botão-de-Ouro? Está descendo para a grande toca? — Houve um silencio. — Coisa estranha! — disse Morango, voltando e, uma vez mais, assumindo a dianteira. — Ele costuma vir a esta hora. Muitas vezes eu o chamo.

Aveleira, desistindo, fez uma rápida inspeção com o nariz e os bigodes. A soleira da toca estava coberta de fragmentos tombados do teto. As patas de Morango haviam deixado marcas visíveis, e não havia outras.

14. "Como as Árvores em Novembro"

Relvados e campos são os únicos lugares onde conhecer bem o mundo... Entrose-se com o grupo de que faz parte.

O Conde de Chesterfield, *Letters to His Son*

A grande toca estava menos povoada do que antes de partirem. Nildro-hain foi o primeiro coelho a recebê-los. Encontrava-se em meio a um grupo de três ou quatro lindas fêmeas que conversavam calmamente e pareciam comer com gosto. Havia um cheiro de ervas. Pelo visto, tinham comida disponível ali embaixo, a exemplo da alface do Threarah. Avelreira parou para conversar com Nildro-hain. Ela perguntou se ele fora, por acaso, ao poço e ao El-ahrairah de Laburno.

— Sim, fomos — disse Avelreira. — Confesso que aquilo me impressionou. Mas prefiro admirar você e suas amigas, em vez de pedras numa parede.

Ao dizer isto, observou que Prímula se juntara ao grupo e que Morango falava-lhe calmamente. Recolheu as palavras "nunca estive perto de uma Forma", e um instante depois, Prímula replicava: "Bem, isso não faz diferença do nosso ponto de vista."

Avelreira sentiu-se, de súbito, fatigado e deprimido. Ouviu Amora-Preta atrás do lustroso e robusto ombro de Prímula, e dirigiu-se ao seu encontro.

— Vamos à erva lá fora — disse em voz calma. — Traga quem quiser comer.

Nesse momento, Prímula virou-se para ele e falou: — Agora, suponho que devem apreciar alguma coisa de comer. Vou mostrar-lhe o que temos aqui.

— Um ou dois de nós vamos *silflay* ^[8] — disse Avelreira.

— Ora, ainda chove muito forte — disse Prímula, como se não houvesse outra alternativa. — Comeremos aqui mesmo.

— Não quero ser indelicado — disse Avelreira em tom firme —, mas alguns de nós precisam de *silflay*. listamos habituados a isto, e a chuva não nos estorva.

Prímula pareceu cair em si por um momento. Em seguida, riu.

O fenômeno do riso é desconhecido entre os animais, conquanto seja possível que cães e elefantes emitam uma espécie de riso. O efeito em Avelreira e Amora-Preta foi espantoso. A primeira idéia de Avelreira foi que Prímula demonstrava o sintoma de alguma doença. Amora-Preta pensou logo que iam ser atacados e recuou. Prímula nada disse, mas seu riso misterioso continuou. Avelreira e Amora-Preta volveram e fugiram pelo corredor mais próximo, como se Prímula fosse um furão. A meio-caminho, encontraram Panelinha de Barro, bastante pequeno para, primeiro, deixá-los passar, e, depois, para virar-se e acompanhá-los.

A chuva ainda caía com firmeza. A noite estava escura e, para o mês de maio, fria. Os três agacharam-se na relva e mordiscaram enquanto a chuva escorria, em goteiras, pelo seu pêlo.

— Puxa vida, Avelreira — disse Amora-Preta —, você realmente queria *silflay*? Isto é terrível! Por mim, comeria onde eles nos levassem e, depois, iria dormir. Que se passa?

— Não sei — respondeu Aveleira. — De repente, senti que tinha de sair e quis sua companhia. Percebo o que está inquietando Cinco-Folhas. Embora ele procure controlar-se, ousou dizer que *há* uma coisa estranha em relação a estes coelhos daqui. Sabe que cravam pedras no muro?

— Cravam o quê?

Aveleira explicou. Amora-Preta ficou tão atônito quanto ele. — Isso ainda não é nada — falou. — Manda-Chuva não estava errado. Ides *cantam* como os pássaros. Eu estava numa toca pertencente a um coelho chamado Bentônica. Sua fêmea botou uma ninhada e fazia, sobre ela, um ruído semelhante ao de um pisco-de-peito-ruivo no outono. Para fazê-los dormir, segundo explicou. Isso me deixou baratinado, confesso.

— E você, o que pensa deles, Hlao-roo? perguntou Aveleira.

— São muito bonitos e simpáticos respondeu Panelinha de Barro —, mas também me preocupam. Todos parecem terrivelmente tristes. Não posso imaginar por que, pois são muito grandes e fortes e possuem esta linda coelheira. Mas me fazem recordar as árvores em novembro. Espero que isto seja tolice de minha parte, Aveleira. Você nos trouxe cá e estou certo que o lugar é agradável e seguro.

— Não, você não está dizendo tolices. Eu não havia pensado direito, porém agora vejo que tem razão. Todos esses coelhos parecem estar com um parafuso frouxo.

— Antes de mais nada — disse Amora-Preta —, não sabemos porque são poucos. Não enchem a coelheira. Talvez tenham passado por um infortúnio que os deixou tristes.

— Não sabemos porque não nos contam. Mas, se vamos ficar aqui, temos de arrancar-lhes a verdade. Não podemos medir forças com eles: são grandes demais. E não queremos que lutem contra nós.

— Não creio que *-possam* lutar, Aveleira — disse Panelinha de Barro. — Embora sejam grandes, não parecem lutadores. Não têm o jeito de Manda-Chuva e Prata.

— Você é um ótimo observador, hein, Hlao-roo? — disse Aveleira. — Já percebeu que chove mais forte que antes? Já tenho um bocado de ervas no estômago. Vamos descer novamente, mas fiquemos juntos durante certo tempo.

— Por que não dormir? — disse Amora-Preta. — Estamos acordados há uma noite e um dia, e eu caio de sono.

Voltaram por um buraco diferente e logo descobriram um toca seca e vazia, onde se enroscaram, juntos, e dormiram à quentura de seus próprios corpos fatigados.

Quando Aveleira despertou, percebeu de imediato que era manhã — pouco depois do nascer do sol, pelo cheiro que havia farejado. O odor de flores de maçã fazia-se sentir. Em seguida, apanhou os perfumes mais sutis dos botões-de-ouro e cavalos. De mistura, veio outro. Embora o deixasse inquieto, esse odor não pôde ser identificado por alguns momentos. Um cheiro perigoso, um cheiro desagradável, um cheiro totalmente desnaturado, bem perto da superfície: um cheiro de fumaça — alguma coisa ardia. Então Aveleira se lembrou de como Manda-Chuva, após o reconhecimento que fizera na véspera, falara dos pequenos feixes brancos na relva. Era isso. Um homem andava na superfície. Fora isto, sem dúvida, que o despertara.

Aveleira estendeu-se na calidez da toca escura com uma deliciosa sensação de segurança. Agora, farejava o homem. O homem não podia identificá-lo pelo cheiro. Tudo o que o homem podia cheirar era a fumaça odiosa que ele próprio fazia. Aveleira pôs-se a pensar na Forma na parede do poço, e depois mergulhou num cochilo, em meio ao qual El-ahrairah dizia que tudo não passava de um ardil de sua parte disfarçando-se de Árvore Venenosa e pondo as pedras no muro, para distrair a atenção de Morango,

enquanto ele próprio tornava-se íntimo de Nildro-hain.

Panelinha de Barro mexeu-se e virou o corpo, no sono, murmurando: "Say lay narn, Marli?" ("A tasneirinha é bonita, Mãe?") e Aveleira, julgando que ele sonhava com os dias remotos, rolou sobre a anca a fim de dar-lhe espaço para se acomodar novamente. Naquele instante, porém, ouviu um coelho aproximar-se de algum corredor perto. Quem quer que fosse, estava chamando — e também batendo os pés, observou Aveleira — de maneira estranha. O som, conforme dissera Amora-Preta, não se diferenciava do canto dos pássaros. Quando ele se avizinhou, Aveleira pôde distinguir a palavra.

— Flayrah! Flayrah!

A voz. era de Morango. Panelinha de Barro e Amora Preta já estavam despertos, mais pelo bater de pés do que pela voz, que era fraca e meiga, não denunciando qualquer mau instinto. Aveleira deslizou para fora da toca, no corredor, e imediatamente deu com Morango ocupado em bater uma pata traseira contra o duro chão de terra.

— Minha mãe costumava dizer: "Se você fosse um cavalo, o teto já teria desabado" — disse Aveleira. — Por que malha assim com o pé?

— Para acordar todo mundo — respondeu Morango. — A chuva, como você sabe, prosseguiu durante quase toda noite. Geralmente dormimos até tarde, se faz mau tempo. Mas o tempo melhorou.

— Mesmo assim, por que acordar todo mundo?

— Bem, o homem foi embora e Prímula e eu decidimos que o *flayrah* não devia demorar mais tempo. Se não sairmos e não pusermos mãos à obra, os ratos e gralhas-calvas invadem isto aqui, e eu não gosto de caçar ratos. Espero que o dia de trabalho corresponda à experiência de um grupo aventureiro como o seu.

— Não entendo.

— Venha, então, comigo. Vou por este corredor em busca de Nildro-hain. Ainda não fomos contemplados com filhotes, por isso ela nos acompanhará.

Outros coelhos andavam pelo corredor e Morango dirigiu-lhes a palavra, observando, mais de uma vez, que teria prazer em levar seus novos amigos pelo campo. Aveleira começou a pensar que gostava de Morango. No dia anterior estivera muito cansado e perturbado para perceber isso. Agora, porém, que dormira a bom dormir, via que Morango era, na verdade, um tipo decente, inofensivo.

Mostrava um devoção tocante para com a bela Nildro-hain; e tinha, evidentemente, espírito jovial e grande capacidade de se divertir. Ao subirem para a manhã de maio, ele saltou sobre o fosso e entrou, aos pulos, no relvado, tão alegre quanto um esquilo. Parecia haver perdido o ar preocupado que intrigara Aveleira na noite anterior. Aveleira parou na boca do buraco, como sempre fazia atrás da cortina de samambaias, em casa, e estendeu a vista pelo vale.

O sol, erguendo-se atrás da capoeira, arremessava sobre o campo compridas sombras, projetadas das árvores na direção sudoeste. A relva úmida cintilava, e perto uma nogueira emitia raios iridescentes, pestanejando e dardejando enquanto os ramos se agitavam à leve brisa. O córrego estava cheio e os ouvidos de Aveleira distinguiram o som mais cavo, mais suave, que prevalecia desde a véspera. Entre o matagal e o córrego, o declive estava coberto de cardaminhas levemente lilases, cada uma erguendo separadamente na relva um débil talo de flores acima de um amontoado de folhas semelhantes ao agrião. A brisa parou e o pequeno vale ficou inteiramente imóvel, aprisionado pelas estrias de luz e, no outro lado, pelas linhas dos bosques. Por sobre essa tranqüilidade clara, como lâminas de capim na superfície de um poço tombou o grito de um cuco.

— Segurança completa, Aveleira — disse Prímula, atrás, no buraco. — Sei que vocês costumam olhar bem os arredores antes de *silflay*, mas aqui, em geral, não perdemos tempo.

Aveleira não pretendia mudar de hábitos ou receber instruções de Prímula. Contudo, ninguém o constrangia e não valia a pena considerar detalhes. Saltou sobre o fosso, na direção do barranco mais distanciado, e olhou novamente ao redor. Vários coelhos já corriam pelo campo no rumo de uma distante cerca pintada de branco, com grandes trechos cobertos de flores de maio. Viu Mandachuva e Prata e juntou-se a eles, lambendo o orvalho das patas dianteiras, como um gato.

— Espero que seus amigos tenham cuidado bem de você, Aveleira, como estes sujeitos aí cuidaram de nós — disse Mandachuva. — Prata e eu nos sentimos verdadeiramente em casa. Se quer saber, creio que fizemos uma troca vantajosa. Mesmo que Cinco-Folhas *se tenha* enganado e nada de terrível aconteceu na velha coelheira, penso que seria conveniente ficarmos aqui. Vai comer?

— Que história é essa de ir comer? — perguntou Aveleira.

— Não lhe disseram? Aparentemente, fazem *flayrah* na parte mais baixa dos campos. A maior parte vai lá todos os dias.

(Comumente coelhos comem ervas, como todos sabem. Mas a comida mais apetecível — p. ex., alface ou cenouras, em busca das quais realizam expedições ou invadem um jardim — constituem o *flayrah*.)

— *Flayrah*? Mas não será muito tarde para uma incursão no jardim? — disse Aveleira, olhando os telhados distantes da fazenda, atrás das árvores.

— Não, não — disse um dos coelhos locais, que o ouvira. — O *flayrah* é deixado no campo, geralmente perto do lugar onde o córrego se despenha. Nós comemos lá ou trazemos para a coelheira — ou então fazemos as duas coisas. Hoje, teremos de trazer provisões. A chuva foi tão má, a noite passada, que ninguém saiu e comemos quase tudo que havia na coelheira.

O córrego corria através da sebe e havia um vau para o gado. Após a chuva, as beiras estavam lamacentas, com água acumulada em cada fenda deixada pelos cascos. Os coelhos deram volta extensa e passaram por outro trecho raso, mais em cima, perto do tronco torcido de uma velha macieira silvestre. Além, envolvendo uma moita de caniços, havia um emaranhado de postes e trilhos quase da metade da altura de um homem. Dentro dele, os botões-de-ouro floresciam e o córrego prolongava-se depois de formar uma fonte.

Na pastagem próxima, Aveleira distinguia fragmentos espalhados, de um vermelho-alaranjado, alguns com uma folhagem verde-claro, própria do capim, destacando-se contra a relva mais escura. Espalhavam um cheiro acre, de cavalos, como se cortados de fresco. Isso afetou-o. Começou a salivar e parou para fazer *hraka*. Prímula, que vinha nos seus calcanhares, virou-se com seu sorriso estranho. Mas Aveleira, aflito como estava, não prestou atenção. Aliviado, passou pela sebe na direção do terreno colorido. Chegou a um dos fragmentos, cheirou-o e provou. Era cenoura.

Aveleira havia comido várias raízes em sua vida, mas somente uma vez provara cenoura, quando um cavalo puxando carroça derrubara um saco perto da coelheira natal. Eram cenouras velhas, algumas já meio roídas pelos ratos ou pelas moscas. Mas, para os coelhos, tinham o odor de alimento de luxo, uma festa capaz de afugentar pensamentos tristes. Aveleira sentou-se, mordiscando e roendo o fino sabor de raízes cultivadas que o envolviam mima onda de prazer. Saltou pela relva, roendo uma após outra, comendo os cimos verdes e os tubérculos. Ninguém o interrompeu. Todos pareciam ocupados. De quando em quando, instintivamente, ele levantava os olhos e cheirava o vento, mas sua precaução estava amortecida. "Se os *elil* estão por perto, que venham então", pensou. "Eu convocarei meu pessoal. De

qualquer maneira, não poderia correr. Que região! Que coelheira! Não admira que os coelhos daqui sejam tão grandes como lebres e cheirem que nem príncipes!" — Olá, Panelinha de Barro! Coma até as orelhas! Passou o tempo dos calafrios à beira de regatos, meu chapa!

— Dentro de uma semana ou duas, ele não saberá mais como tremer — disse Bico de Falcão, de boca cheia, — Estou me sentindo tão bem! Irei com você para qualquer lugar, Aveleira. Eu não estava em mim quando dormia no capinzal. É ruim a gente saber que não pode entrar numa toca. Espero que me compreenda.

— Tudo isso passou — respondeu Aveleira. — Melhor, agora, perguntar a Prímula se podemos levar alguma comida para a coelheira.

Encontrou Prímula perto da fonte. Pelo visto, acabara de alimentar-se e lavava o rosto com as patas dianteiras.

— Há raízes aqui todos os dias? — perguntou Aveleira. — Onde... — parou em tempo. "Estou aprendendo", pensou.

— Nem sempre — disse Prímula. — Estas são do ano passado, como pode ver. Suponho que as sobras destinam-se ao lixo. Há de tudo, porém: raízes, hortaliças, maçãs velhas. Depende. Às vezes nada encontramos, sobretudo no verão, quando faz bom tempo. Mas no inverno rigoroso, durante o mau tempo, sempre há alguma coisa. Raízes grandes, em geral, ou repolho crespo, às vezes trigo. Também comemos isto, se quer saber.

— A comida não é problema, então. Este lugar devia estar cheio de coelhos. Acho...

— Se já terminou mesmo — interrompeu Prímula —, pode levar alimentos. Mas não há pressa. Divirta-se. É fácil carregar estas raízes — mais fácil que tudo, exceto a alface. Basta abocanhar uma, levá-la à coelheira e colocar na grande toca. E'u, em regra, levo duas em cada viagem, mas é que já tenho muita prática. Coelhos não transportam comida, eu sei, mas vocês aprenderão. É conveniente formar estoque. As fêmeas necessitam disso para os filhotes crescidos; e o estoque convém a todos nós, na intempérie. Volte comigo e eu o ajudarei, se encontrar dificuldades no carregamento.

Aveleira custou a aprender como agarrar uma cenoura no meio da boca e carregá-la, como um cão, através do campo, de retorno à coelheira. Foi obrigado a pousá-la no chão diversas vezes. Mas Prímula encorajou-o e, além disso, ele estava determinado a sustentar sua posição de líder dos recém-chegados. Por sugestão de Prímula, esperaram na boca de um dos buracos maiores, para ver como os companheiros de Aveleira se saíam. Todos pareciam esforçar-se por fazer o melhor, embora os coelhos menores — especialmente Panelinha — considerassem difícilíssimo o trabalho.

— Ânimo, Panelinha — disse Aveleira. — Pense como será bom comer à noite. Não lenho dúvidas, porém, de que Cinco-Folhas considera a tarefa tão pesada quanto você. Afinal, ele é do seu tamanho.

— Não sei onde ele anda — disse Panelinha. — Você o viu? Pensando bem, Aveleira não o avistara. Ficou um tanto ansioso e, ao retornar através do campo, em companhia de Prímula, esforçou-se em explicar detalhes do peculiar temperamento de Cinco-Folhas.

— Espero que ele esteja bem — disse. — Acho melhor procurá-lo quando transportarmos o próximo carregamento. Tem idéia de onde possa estar?

Esperava que Prímula respondesse, mas o coelho grande ficou desconcertado. Após alguns instantes, Prímula disse: — Olhe, está vendo aquelas gralhas esvoaçando sobre as cenouras? Há vários dias que se mostram importunas. Preciso de alguém para espantá-las até findarmos o transporte. O problema é que são muito grandes para um coelho só. Quanto aos pardais...

— O que tem isto a ver com Cinco-Folhas? — perguntou Avelreira em tom azedo.

— Pensando bem — disse Prímula, iniciando uma corrida —, irei eu mesmo.

Mas não cuidou das gralhas e Avelreira viu-o apanhar outra cenoura e retroceder. Aborrecido, reuniu-se a Espinheiro Cerval e Dente-de-Leão e os três voltaram juntos. Ao se acercarem do barranco da coelheira, avistou, de súbito, Cinco-Folhas. Este estava sentado, meio escondido, sob a copa baixa de um teixo, à beira do matagal, um pouco distante dos buracos da coelheira. Pousando a cenoura, Avelreira correu em sua direção, escalou o barranco e juntou-se a Cinco-Folhas no terreno nu, embaixo dos ramos mais baixos. Cinco-Folhas nada disse e continuou a fitar o campo.

— Não vai aprender a carregar comida, Cinco-Folhas? — perguntou Avelreira, afinal. — Não é muito difícil quando se domina a técnica.

— Nada tenho a ver com isso — respondeu Cinco-Folhas em voz baixa. — Cães... vocês parecem cães carregando pedaços de pau.

— Cinco-Folhas! Quer me enraivecer? Não pretendo ficar zangado só porque você me chama de nomes estúpidos. Veja, porém, que você deixa os outros trabalharem sozinhos.

— Sou aquele que deve sentir-se zangado — disse Cinco-Folhas.

— Mas não tiro proveito, eis o problema. Afinal, por que cargas d'água iriam ouvir-me? Metade deles pensa que sou maluco. Você devia envergonhar-se, Avelreira, pois sabe que não sou e, ainda assim, não quer me dar ouvidos.

— Nesse caso, continua não gostando desta coelheira? Bem, creio que está enganado. Todo mundo comete erros eventuais. Por que você não poderia errar, como os outros? Bico de Falcão estava errado, lá no capinzal, e você está errado agora.

— Veja aqueles coelhos trotando qual bando de esquilos com nozes. Acha direito?

— Bom, eu diria que eles copiaram uma boa idéia dos esquilos e isso os torna coelhos mais sábios.

— Pensa que o homem, quem quer que seja, põe as raízes ali apenas por bondade? Qual é sua intenção?

— Apenas deita no lixo o que não lhe serve. Quantos coelhos não se alimentam com os montes de lixos feitos pelos homens? Alfaces estragadas, nabos velhos? Você bem sabe que fazemos isso, sempre que possível. A comida não está envenenada, Cinco-Folhas. Posso garantir. E se o homem quisesse atirar nos coelhos, teria muitas oportunidades esta manhã. Mas não o fez.

Cinco-Folhas pareceu diminuir de tamanho, ao achatar-se na terra dura. — Sou um tolo em querer discutir — disse miseravelmente. — Avelreira... querido Avelreira... está claro que eu *sei* que existe alguma coisa estranha e má neste lugar. Não imagino o que seja, portanto não admira que eu não consiga falar a tal respeito. Mas estou em vias de perceber. Você sabe: a gente enfia o focinho por uma tela de arame e procura chegar a uma macieira, mas, ainda assim, não pode morder a casca por causa do arame. Estou perto dessa coisa, porém não posso alcançá-la por enquanto. Se ficar sentado aqui, a sós, talvez consiga atinar com o que seja.

— Cinco-Folhas, por que não age como eu digo? Faça uma boa refeição com as raízes, depois desça e durma. Você se sentirá melhor.

— Já disse que nada tenho em comum com este lugar — respondeu Cinco-Folhas. — Quanto a descer à toca, prefiro voltar ao capinzal. O teto do salão é feito de ossos.

— Não, não... de raízes de árvores. Mas, de qualquer forma, você permaneceu lá a noite inteira.

— Não permaneci — disse Cinco-Folhas.

— O quê? Onde estava, então?

— Aqui.

— A noite toda?

— Sim. Um teixo fornece bom abrigo.

Aveleira sentia-se, agora, seriamente preocupado. Se os temores de Cinco-Folhas fizeram-no passar a noite à chuva, suportando o frio e espreitando os *elil*, nesse caso não seria fácil convencê-lo. Guardou silêncio por algum tempo. Por fim, disse: — Que vergonha!

Ainda acho que você faria melhor juntando-se a nós. Mas vou deixá-lo sozinho agora. Voltarei mais tarde para saber como se sente. Não vá comer o teixo.

Cinco-Folhas não deu resposta e Aveleira voltou ao campo.

O dia não era, certamente, encorajador. Por volta de ni-Frith tornou-se tão quente que a parte inferior do campo umedeceu-se. O ar tornou-se pesado com os cheiros fortes de ervas, como se já fosse o fim de junho; a hortelã-d'água e a manjerona, ainda não floridas, espalhavam o odor de suas folhas, e, aqui e ali, uma rainha-dos-prados têmpera mostrava-se em flor. O pintassilgo esteve ocupado a manhã inteira, no alto de uma bétula prateada, perto dos buracos abandonados do outro lado do fosso; e, da espessura da capoeira, algures, junto ao muro em ruínas, chegava o canto mavioso do toutinegra real. No começo da tarde houve uma trégua no calor, e um rebanho de vacas, procedente dos campos superiores, desceu pastando no rumo da sombra. Somente alguns coelhos permaneceram na superfície. Quase todos estavam adormecidos nas tocas. Mas Cinco-Folhas continuava solitário sob o teixo.

À tardinha, Aveleira buscou Manda-Chuva e, juntos, aventuraram-se na capoeira atrás da coelheira. A princípio, movimentaram-se com cautela, mas, aos poucos, tornaram-se confiantes por não encontrarem indícios de qualquer criatura maior que um rato.

— Nada a cheirar — disse Manda-Chuva — e também não vejo pegadas. Creio que Prímula não nos faltou com a verdade. Não há, realmente, *elil* nestas paragens. Ao contrário do bosque onde atravessamos o rio. Não me importo de dizer, Aveleira, que senti medo aquela noite, mas claro que não pretendia demonstrá-lo.

— Eu também — respondeu Aveleira. — Mas concordo com você acerca deste lugar aqui. Parece completamente limpo. Se nós...

— Coisa estranha — disse Manda-Chuva, interrompendo-o. Encontrava-se numa moita de samambaias, no meio da qual havia um buraco de coelho que saía de uma das passagens da coelheira, embaixo. O chão estava macio e úmido, com velhas folhas bolorentas. Onde Manda-Chuva parará, viam-se sinais de distúrbio. As folhas rompidas tinham sido espalhadas como uma chuvarada. Algumas pendiam das samambaias e certos coágulos úmidos apareciam no terreno descoberto além da moita. No centro, a terra fora desvelada e estava cortada por longos arranhões e sulcos; além disso, havia um buraco estreito, regular, mais ou menos do mesmo tamanho de uma das cenouras que haviam carregado aquela manhã. Os dois coelhos fungaram e olharam com atenção, mas sem descobrir de que se tratava.

— O mais engraçado é que não cheira — disse Manda-Chuva.

— Não... Só há cheiro de coelho, e este a gente sente por toda parte. O cheiro do homem também se espalha. Mas este cheiro talvez nada tenha a ver com a coisa. Sabemos apenas que um homem caminhou pelo bosque e atirou ao chão um pedaço de pau branco. Mas não foi um homem que riscou o chão desse modo.

— Bem, esses coelhos malucos provavelmente dançaram à luz do luar, ou algo parecido.

— Isso não me surpreenderia — disse Aveleira. — Combina bem com eles. Vamos perguntar a Prímula.

— Pois esta é a única tolice que ouvi você dizer até agora. Veja: desde que aqui chegamos, Prímula já respondeu a alguma pergunta?

— Bem, não... não muitas.

— Tente então perguntar onde ele dança ao luar. Diga: "Prímula, onde..."

— Ah, você já observou isso também, não foi? Ele não responde a perguntas que começam por "onde". Nem Morango. Creio que talvez tenham medo de nós. Panelinha de Barro tinha razão ao dizer que não pareciam lutadores. Dessa forma, guardam segredos. Melhor do que dar hospedagem. Não queremos, certamente, inquietá-los, e nesse caso convém deixar as coisas seguirem curso natural.

— Vai chover mais esta noite — disse Manda-Chuva. — Daqui a pouco. Vamos para a toca tentar arrancar-lhes algumas palavras.

— Acho que só nos resta a alternativa de aguardar. Concordo, porém, em descer agora. Por tudo o que você mais preza, faça com que Cinco-Folhas nos acompanhe. Ele me inquieta. Sabe que passou a noite inteira na chuva?

Ao regressarem pela capoeira, Aveleira narrou sua conversa com Cinco-Folhas aquela manhã. Encontraram-no sob o teixo, e após uma cena algo tempestuosa, durante a qual Manda-Chuva tornou-se grosseiro e impaciente, Cinco-Folhas foi mais arrastado do que persuadido a descer na companhia deles para a grande toca.

Estava cheia, e assim que a chuva começou a cair, mais coelhos chegaram dos corredores. Formaram grupos, alegres e faladores. As cenouras que haviam trazido foram comidas ali mesmo, ou levadas às fêmeas e famílias nos buracos por toda a coelheira. Mas, depois de terminarem, o salão continuou repleto. Estava agradavelmente aquecido, graças ao calor de tantos corpos. Aos poucos, os grupos de conversadores mergulhavam num silêncio satisfeito, mas ninguém parecia disposto a dormir. Os coelhos mostram-se animados ao tombar da noite, e quando a chuva os devolve às tocas, ainda se sentem gregários. Aveleira observou que quase todos os seus companheiros pareciam ter feito amizade com os coelhos locais. Mais ainda, verificou que, ao ir de um grupo a outro, os coelhos locais sabiam, evidentemente, quem ele era, e tratavam-no como líder dos recém-chegados. Não conseguiu encontrar Morango, mas, algum tempo depois, Prímula adiantou-se ao seu encontro, do outro lado do salão.

— Que bom encontrar você, Aveleira — ele disse. — Alguns companheiros nossos sugerem que alguém conte uma história. Preferimos que um coelho do seu bando conte uma, mas, se quiser, podemos dar a partida.

Há um ditado entre os coelhos: "Na coelheira, mais histórias do que tocas." E um coelho não pode recusar-se a contar uma história, da mesma forma que um irlandês não se recusa a brigar. Aveleira e seus amigos conferenciaram. Daí a pouco, Amora-Preta anunciou: — Pedimos a Aveleira para contar-lhes nossas aventuras: como fizemos a jornada e como tivemos a boa sorte de descobrir vocês.

Houve um silêncio constrangedor, quebrado somente pelas fungadelas e cochichos. Amora-Preta, desalentado, virou-se para Aveleira e Marida-Chuva.

— Que aconteceu? — perguntou em voz baixa. — Haverá nisso algo de pernicioso?

— Espere — replicou Aveleira tranquilamente. — Eles é que devem dizer se não gostam. Têm seus próprios hábitos.

Contudo, o silêncio continuou por algum tempo, como se os outros coelhos não se preocupassem em mencionar o que julgavam errado.

— Não, a sugestão não me parece boa — disse, por fim, Amora-Preta. — Você terá de inventar alguma coisa, Avelreira. Pensando bem, por que não falo eu? É o que farei. — Elevou novamente a voz. — Avelreira lembrou-se agora que temos aqui um bom contador de histórias. Dente-de-Leão lhes contará uma história de El-ahrairah. — E cochichou: — Isso não lhes causará embaraços.

— Que história? — disse Dente-de-Leão.

Avelreira pensou nas pedras ao lado do poço. — "A Alface do Rei", respondeu. — Creio que vão gostar.

Dente-de-Leão assumiu o papel com a mesma presteza resoluta que demonstrara no bosque. — Vou contar-lhes a história da Alface do Rei — disse em voz alta.

— Apreciaremos muito — respondeu Prímula de imediato.

— Ele ficou aliviado — murmurou Manda-Chuva. Dente-de-Leão começou.

15. A História da Alface do Rei

Don Alfonso: "Eccovi il medico, signore belle."

Ferrando e Guglielmo: "Despina in maschera, che triste pelle!"

["Eis o médico, belas senhoras." / "Despina mascarada, que triste figura!" (N. do T.)]

Lorenzo da Ponte, *Così fan Tutte*

"Dizem que houve um tempo em que El-ahrairah e seu súditos perderam por completo a sorte. Seus inimigos expulsaram-nos e eles se viram forçados a viver nos pântanos de Kelfazin. Não me perguntem onde ficam os pântanos de Kelfazin porque não sei, mas, na época em que El-ahrairah e seus seguidores viviam lá, de todos os lugares ruins do mundo aquele era o pior. Não havia comida, apenas erva áspera, e até mesmo esta erva estava misturada com juncos e labças amargos. O chão era muito úmido para cavar tocas: a água entrava em qualquer buraco recém-cavado. Mas todos os animais suspeitavam tanto de El-ahrairah e seus truques que não os deixavam sair daquela região desgraçada, e todos os dias o Príncipe Arco-íris costumava chegar, através dos pântanos, para se certificar de que El-ahrairah ainda continuava ali. O Príncipe Arco-íris tinha o poder do céu e o poder das colinas, e Frith permitira que ele conduzisse o mundo a seu bel-prazer.

"Um dia, quando o Príncipe Arco-íris vinha pelos brejos, El-ahrairah levantou-se para vê-lo e disse: 'Príncipe Arco-íris, meu povo sente frio e não pode abrigar-se em tocas por causa da umidade. A comida aqui é tão dura e pobre que ele cairá doente quando irromper o mau tempo. Por que nos mantém aqui contra nossa vontade? Nada fizemos de mal!'"

"'El-ahrairah', replicou o Príncipe Arco-íris, 'todos os animais sabem muito bem que você não passa de um ladrão e de um malandro. Agora, suas trapaças deram cabo de você, que está obrigado a viver aqui até nos persuadir de que se tornou um coelho honesto.'

"'Então jamais sairemos', disse El-ahrairah, 'pois eu teria vergonha de dizer ao meu povo para parar de viver segundo lhe dá na telha. Você nos deixará sair se eu atravessar, a nado, um lago cheio de lúcius?'"

"'Não', disse o Príncipe Arco-íris, 'pois já me contaram esse truque seu, El-ahrairah, e eu sei como é feito'.

"'Nos deixará sair se eu conseguir furtar alfaces do jardim do Rei Darzin?', perguntou El-ahrairah.

"Ora, o Rei Darzin governava a maior e mais rica cidade de animais que se conhecia no mundo. Seus soldados eram muito ferozes e o jardim de alfaces cercado por um profundo fosso, além de vigiado por mil sentinelas, dia e noite. Ficava perto do palácio, à beira da cidade onde todos os seus súditos viviam. Por isso, quando El-ahrairah falou em furtar as alfaces do Rei Darzin, o Príncipe Arco-íris riu e disse:

"'Pode tentar se quiser, El-ahrairah, e se tiver êxito na empresa eu multiplicarei o seu povo por toda parte e ninguém será capaz de sonegar-lhe uma boa horta, até o fim do mundo. Estou certo, porém, que você será morto pelos soldados e o mundo ficará livre de um convincente patife.'

"'Muito bem', disse El-ahrairah. 'Veremos.'

"Ora, Yona, o ouriço, estava por perto, à procura de lesmas e caracóis nos pântanos, e ouviu o que se passava entre o Príncipe Arco-íris e El-ahrairah. Correu para o grande palácio do Rei Darzin e pediu recompensa por adverti-lo contra seus inimigos.

"'Rei Darzin', fungou, 'aquele ladrão safado, El-ahrairah, disse que furtará suas alfaces, e já se encontra a caminho, no intuito de o enganar e penetrar no jardim.'

"O Rei Darzin correu à horta e chamou o capitão da guarda.

"'Vê estas alfaces?' disse. 'Nenhuma foi roubada desde a sementeira. Dentro em breve estarão em condições de ser colhidas, e pretendo, então, oferecer um festim ao meu povo. Mas ouvi dizer agora que o patife do El-ahrairah tenciona furtá-las, se puder. Dobre o número de guardas. Todos os jardineiros e semeadores terão de ser vistoriados diariamente. Nem uma folha deve sair da horta, até que eu, ou o meu provador, dê ordem.'

"O capitão da guarda fez como lhe disseram. Aquela noite, El-ahrairah saiu dos brejos de Kelfazin e chegou sigilosamente ao grande fosso. Com ele estava o Capitão do Owsla, Rabscuttle, em quem confiava. Agachados nas moitas, observaram a guarda redobrada ir e vir, na sua patrulha. Quando a manhã surgiu, viram todos os jardineiros e semeadores chegarem ao muro, e cada um era vistoriado por guardas. Um deles, no entanto, era novato; apresentara-se em lugar do tio, que estava doente, mas os guardas não o deixaram entrar porque não o conheciam de vista. Quase o atiraram ao fosso antes de permitir-lhe ir para casa. El-ahrairah e Rabscuttle bateram em retirada, perplexos, e naquele dia, quando o Príncipe Arco-íris chegou através dos campos, disse: 'Muito bem, Príncipe dos Mil Inimigos, onde estão as alfaces?'

"'Encomendei a entrega', respondeu El-ahrairah. 'A quantidade é muito grande para que eu a carregue.' Depois, ele e Rabscuttle desceram a um de seus poucos buracos onde não havia água, puseram uma sentinela do lado de fora e pensaram e conversaram durante um dia e uma noite.

"No alto da colina, perto do palácio do Rei Darzin, havia um jardim, onde seus numerosos filhos, e os filhos de seus principais súditos, eram levados a brincar, habilmente, por suas mães e babás. O jardim não era murado. Vigiavam-no somente quando as crianças iam lá. À noite ficava vazio, pois não havia nada que roubar e nenhum intruso a quem perseguir. Na noite seguinte, Rabscuttle, que recebera instruções de El-ahrairah acerca do que fazer, foi ao jardim e cavou um buraco. Trabalhou a noite toda, e na manhã seguinte, quando as crianças foram levadas aos seus folgedos, escapuliu e juntou-se a elas. Havia tantas crianças que cada uma das mães e babás pensou que ele devia pertencer a outra; como ele era mais ou menos do tamanho das crianças e de aparência semelhante, foi capaz de fazer alguns amigos. Rabscuttle tinha muitas manhas, sabia jogos e dentro em pouco corria e brincava como se fosse uma das próprias crianças ali presentes. Quando chegou o momento das crianças voltarem, Rabscuttle também foi. Pararam no portão da cidade e os guardas viram Rabscuttle com o filho do Rei Darzin. Detiveram-no e perguntaram quem era a mãe dele, mas o filho do Rei disse: 'Deixem-no em paz. É meu amigo', e assim Rabscuttle entrou com os demais.

"Mas, assim que se viu no interior do palácio real, Rabscuttle escondeu-se e entrou num dos buracos escuros; e ali ocultou-se o dia inteiro. Na manhã seguinte, saiu e dirigiu-se à despensa real, onde aprontavam a refeição do rei e de seus súditos mais destacados e esposas. Havia ervas e frutos e raízes. Até mesmo nozes e bagas, pois o povo do Rei Darzin andava por toda parte, naquele tempo, através dos bosques e dos campos. Não havia soldados na despensa e Rabscuttle ocultou-se ali no escuro. E fez o que podia para estragar a comida, exceto o que ele próprio comeu.

"Naquela noite, o Rei Darzin chamou o provador e perguntou-lhe se as alfaces estavam boas. O provador disse que várias eram excelentes e que já estocara certa quantidade na despensa.

"'Ótimo', disse o Rei. 'Comeremos duas ou três esta noite.'

"Mas, na manhã do dia seguinte, o Rei e vários súditos caíram doente do estômago. Qualquer coisa que comessem lhes faria mal, pois Rabscuttle estava escondido na despensa e estragava a comida assim que esta era trazida. O Rei comeu mais alfaces, porém não ficou melhor. De fato, piorou.

"Depois de cinco dias, Rabscuttle escapuliu novamente em meio às crianças e voltou para onde estava El-ahrairah. Ao saber que o Rei estava enfermo e que Rabscuttle fizera tudo o que ele lhe ordenara El-ahrairah iniciou a obra de disfarce. Tosquiou a cauda branca, fez com que Rabscuttle mordesse de leve o pêlo e manchou-o de lama e bagas silvestres. Em seguida, cobriu-se todo com fios rastejantes de potentilha e bardanas, e ele próprio encontrou maneira de alterar seu cheiro. Por fim, até mesmo suas esposas não puderam reconhecê-lo, e El-ahrairah disse a Rabscuttle para o acompanhar a certa distância e partiu para a palácio do Rei Darzin. Rabscuttle esperou do lado de fora, no alto da colina.

"Quando chegou ao palácio, El-ahrairah pediu para ver o capitão da guarda. 'Conduza-me à presença do Rei', disse. 'O Príncipe Arco-íris enviou-me aqui. Ouviu dizer que o Rei está doente e me mandou, de terras distantes além de Kelfazin, descobrir a causa de sua enfermidade. Rápido! Não estou habituado a esperar.'

"'Como posso saber se isto é verdade?', perguntou o capitão da guarda.

"'Pouco se me dá', replicou El-ahrairah. 'Que importa a doença de um reizinho para o médico-chefe da terra além do rio dourado de Frith? Voltarei e direi ao Príncipe Arco-íris que a guarda do Rei foi estúpida, dando-me o tratamento que se poderia esperar de um bando de pascácios.'

"Virou-se e começou a se afastar, mas o capitão da guarda teve medo e chamou-o. El-ahrairah deixou-se persuadir e os soldados levaram-no à presença do Rei.

"Depois de cinco dias de comida deteriorada e dores no estômago, o Rei não estava disposto a suspeitar de ninguém que se declarasse mensageiro do Príncipe Arco-íris para cuidar-lhe da saúde. Suplicou a El-ahrairah que o examinasse e prometeu fazer o que este lhe pedisse.

"El-ahrairah transformou num espetáculo o exame do Rei. Examinou-lhe atentamente os olhos, as orelhas, os dentes e as fezes, e a extremidade das unhas das patas, e perguntou o que ele andava comendo. Depois, pediu para ver a despensa real e a horta de alfaces. Ao voltar, parecia muito sério e disse: 'Grande Rei, sei que a notícia lhe causará tristeza, mas a causa de sua doença são as alfaces com que Vossa Majestade enche a despensa.'

"'As alfaces?', gritou o Rei Darzin. 'Impossível! Foram bem cultivadas, a partir de sementes selecionadas, e vigiadas noite e dia.'

"'Ai de mim!', disse El-ahrairah. 'Sei o que estou dizendo. Elas foram infectadas pelo terrível Lousepedoodle, que voeja em círculos decrescentes ao redor do Gunpat do Cludge — um vírus mortal, sim senhor, isolado pelo purpurino Avvago e desenvolvido nas florestas verdes-cinzas do Okey Pokey. Procuro, conforme vê, tornar-me compreensível, usando linguagem simples. Em termos médicos, porém, há certas complexidades com as quais não desejo importuná-lo.'

"'Não acredito' disse o Rei.

"'O mais simples', disse El-ahrairah, 'seria fazer a prova em Vossa Majestade. Mas não precisamos exagerar. Peça aos soldados para trazerem um prisioneiro.'

"Os soldados saíram e a primeira criatura que encontraram foi Rabscuttle, pastando no alto da colina. Levaram-no arrastado, através do portão e até a presença do Rei.

"'Ah, um coelho', disse El-ahrairah. 'Criaturinha repelente! Tanto melhor. Coelho nojento, coma esta alface!'

"Rabscuttle comeu e, logo depois, começava a gemer e a se arrastar. Entrou em convulsões e rolou os olhos nas órbitas. Caído no chão, espumava pela boca.

"'Está muito doente', disse El-ahrairah. 'Deve ter contraído uma infecção particularmente forte. Ou então, o que me parece mais provável, a infecção é especialmente mortífera em se tratando de coelhos. De qualquer maneira, rendamos graças por não haver vitimado Vossa Majestade. Bem, ele serviu aos nossos propósitos. Levem-no para fora do palácio! Quero advertir Vossa Majestade', prosseguiu El-ahrairah, 'a não deixar as alfaces onde estão, do contrário elas crescem e florescem e deitam sementes. A infecção se espalhará. Sei o quanto isto lhe custa, mas convém livrar-se das alfaces.'

"Naquele momento, como por um lance de sorte, entrou o capitão da guarda, com Yona, o ouriço.

"'Vossa Majestade', gritou, 'esta criatura aqui vem dos brejos de Kelfazin. O povo de El-ahrairah prepara-se para a guerra. Dizem que vão atacar a horta de Vossa Majestade e roubar as alfaces reais. Quer que eu saia com os soldados e o destrua?'

"'Oba!', disse o Rei. 'Tenho um golpe melhor que este. Especialmente mortífero em se tratando de coelhos. Pois muito bem. Que eles tenham, então, todas as alfaces que desejam. De fato, leve mil alfaces para os pântanos de Kelfazin e deixe-as lá. Ah, ah, ah! como vou me divertir! Agora começo a me sentir bem!'

"'Puxa, que golpe de astúcia!', disse El-ahrairah. 'Não é de admirar que Vossa Majestade governe este grande povo. Creio que já está se recobrando. Como acontece com muitas enfermidades, a cura é simples, uma vez percebida a causa. Não, não, não aceito recompensa. De qualquer modo, não há aqui nada à altura do luminoso país além do rio dourado de Frith. Fiz apenas o que o Príncipe Arco-íris ordenou-me. É o bastante. Talvez Vossa Majestade queira ter a gentileza de dizer aos guardas que me acompanhem até o sopé da colina.' Fez um rapapé e deixou o palácio.

"Mais tarde, no começo da noite, quando El-ahrairah instava seus coelhos a resmungarem com mais força e correrem pelos pântanos de Kelfazin, o Príncipe Arco-íris apareceu sobre o rio.

"'El-ahrairah', chamou, 'estarei por acaso enfeitiçado?' "'É bem possível", disse El-ahrairah. 'O terrível Lousepedoodle...'" "Vi mil alfaces empilhadas no ponto mais alto do brejo. Quem as pôs ali?'

"'Eu lhe disse que elas seriam entregues', respondeu El-ahrairah. 'Não se pode esperar que meu povo, fraco e faminto como anda, as tivesse transportado da horta do Rei Darzin. No entanto, ele se restabelecerá logo, graças ao tratamento por mim prescrito. Sou médico, se me permite dizer, e se já não ouviu o que queria, ouvirá mais ainda, dentro em breve. Rabscuttle, saia e recolha as alfaces.'

"Então o Príncipe Arco-íris viu que El-ahrairah cumprira a palavra, e que ele próprio tinha de manter sua promessa. Permitiu aos coelhos abandonarem os brejos de Kelfazin e eles se multiplicaram por toda parte. E daquele dia em diante, poder algum na terra é capaz de afastar um coelho de uma horta, pois El-ahrairah os ajuda com mil e uma artimanhas, as melhores do mundo."

16. Potentilha

Ele disse: "Dance para mim", e observou:

"Você é muito bela para o vento

Carregar, ou o sol queimar." E eu disse:

"Sou uma coisinha esfiapada, mas não desagrado

O dançarino triste e os mortos que dançam."

Sidney Keyes, *Four Postures of Death*

— Bem narrado — disse Avelreira quando Dente-de-Leão terminou.

— Ele é ótimo, não é? — disse Prata. — Temos a sorte de tê-lo em nossa companhia. Ouvindo-o, erguemos o ânimo.

— Isso os deixa de orelha em pé — cochichou Manda-Chuva. — Veremos se têm um contador de histórias tão bom quanto o nosso.

Não tinham dúvidas de que Dente-de-Leão lhes aumentara o crédito. Desde a chegada, a maioria sentia-se constrangida em meio aos robustos e bem alimentados coelhos de Prímula, com suas maneiras corteses, suas Formas na parede, sua elegância, suas hábeis escapatórias diante de quase todas as perguntas — acima de tudo, seus pendores para uma melancolia não habitual nos coelhos. Aguardaram, portanto, os aplausos, mas, após alguns instantes, perceberam com surpresa que os hospedeiros estavam, evidentemente, menos entusiasmados.

— Muito agradável — disse Prímula. Pareceu buscar outras palavras, mas limitou-se a repetir: — Sim, muito agradável. Uma história incomum.

— Será que ele a conhecia? — murmurou Amora-Preta a Avelreira.

— Sempre achei que essas histórias tradicionais guardam um certo encanto — disse outro dos coelhos —, especialmente quando narradas segundo o velho estilo.

— Sim — disse Morango. — Convicção, eis tudo. Primeiro, temos de *acreditar* em El-ahrairah e no Príncipe Arco-íris, não é? O resto vem naturalmente.

— Não diga nada, Manda-Chuva — cochichou Avelreira, pois Manda-Chuva arrastava os pés, indignado. — Você não os pode forçar a gostar da história, se não gostam mesmo. Esperemos, a ver o que nos reservam. — Em voz alta, disse: — Nossas histórias não têm mudado ao longo de gerações. Antes de mais nada, nós próprios não mudamos também. Nossas vidas são as mesmas de nossos pais e dos pais antes deles. Agora, as coisas se tornaram diferentes. Percebemos isto, e julgamos as novas idéias e maneiras de vocês muito atraentes. Gostaríamos de saber, assim, acerca de que *vocês* contam histórias.

— Bom, não contamos sempre as velhas histórias — disse Prímula. — Nossos contos e poemas referem-se, em sua maior parte, às nossas próprias vidas aqui. Naturalmente, aquela Forma de Laburno que você viu está, agora, fora de moda. El-ahrairah não significa muito para nós. Não que a história de seu amigo não seja muito interessante — acrescentou apressadamente.

— El-ahrairah é um velhaco — disse Espinheiro Cerval —, e os coelhos sempre necessitam de manhas.

— Não — disse uma voz da outra extremidade do salão, além do lugar onde estava Prímula. — Os coelhos precisam de dignidade e, acima de tudo, de força de vontade para aceitar seu destino.

— Julgamos Potentilha um dos nossos melhores poetas desses últimos meses — disse Prímula. — Suas idéias encontram muitos seguidores. Gostariam de ouvi-lo agora?

— Sim, sim — disseram vozes de todos os lados. — Potentilha!

— Aveleira — disse Cinco-Folhas, de súbito —, quero formar uma idéia clara deste Potentilha, mas não ousa me aproximar sozinho. Quer ir comigo?

— Ora, Cinco-Folhas, onde pretende chegar? Qual o motivo desse seu temor?

— Frith, ajudai-me! — disse Cinco-Folhas, todo trêmulo. — Posso sentir daqui o cheiro que ele tem. Ele me assusta.

— Cinco-Folhas, não diga absurdos! Ele cheira igual aos seus companheiros.

— Cheira igual à cevada que tomba e apodrece nos campos. Cheira como a toupeira ferida que não pode entrar debaixo do chão.

— Na minha opinião, ele tem o cheiro de um coelho grande e gordo, com uma porção de cenouras na barriga. Mas eu irei com você.

Depois de abrirem caminho, em meio à multidão, até o canto extremo da toca, Aveleira ficou surpreso ao ver que Potentilha era mais jovem. Na coelheira de Sandleford nenhum coelho de sua idade seria convocado a contar uma história, exceto, talvez, para uns poucos amigos. Tinha um ar selvagem, desesperado, e suas orelhas torciam-se continuamente. Ao começar a falar, parecia tornar-se menos cômico de que se dirigia a um auditório, e virava sempre a cabeça, como se ouvisse um som, audível só para si mesmo, da entrada do túnel atrás. Mas havia uma impulsiva fascinação em sua voz, semelhante ao movimento do vento e da luz numa campina, e quando seu ritmo empolgou os ouvintes, a toca inteira ficou silenciosa.

O vento sopra, sopra sobre a erva.

Estremece os ramos dos salgueiros; as folhas brilham prateadas.

Onde vais, vento? Para longe, para longe,

Além das colinas, além dos limites do mundo.

Leva-me contigo, vento, bem alto no céu.

Irei contigo, serei o coelho-do-vento,

No céu, o emplumado céu e o coelho.

O ribeiro corre, desliza nos seixos,

Através dos agriões, dos botões-de-ouro — o azul e o ouro da primavera.

Onde vais, ribeiro? Para longe, para longe,

Além das urzes, deslizando a noite inteira.

Leva-me contigo, ribeiro, à luz das estrelas.
Irei contigo, serei o coelho-do-ribeiro,
Mergulhado na água, a água verde e o coelho.

No outono, as folhas despençam, amarelas e castanhas.
Farfalham nos fossos, batem e pendem na cerca.
Onde vão, folhas? Para longe, para longe,
Para dentro da terra, com a chuva e as bagas.
Levem-me então, serei o coelho-das-folhas,
Nas profundezas da terra, a terra e o coelho.

Frith no céu do entardecer. Nuvens vermelhas em redor.
Aqui estou, senhor Frith, corro pela campina.
Ó, leva-me contigo, para morrer atrás dos bosques,
Longe, ao coração da luz, o silêncio.
Pronto estou a dar-te meu sopro, minha vida,
O luminoso círculo do sol, o sol e o coelho.

Cinco-Folhas, enquanto ouvia, demonstrava um misto de intensa absorção e incrédulo horror. Simultaneamente, parecia aceitar cada palavra e ser assaltado pelo medo. A certa altura, tomou fôlego, como se incapaz de identificar seus próprios pensamentos incompletos; e quando o poema terminou, parecia lutar consigo mesmo. Arreganhou os dentes e chupou os beiços, como fizera Amora-Preta diante do ouriço morto na estrada.

Um coelho com medo de um inimigo se agachará, às vezes, e permanecerá imóvel, ou fascinado ou por confiar em sua natural imperceptibilidade. Mas nesse caso, e a menos que o fascínio seja muito poderoso, chega o ponto em que a imobilidade se torna impossível e o coelho, como se rompendo o encanto, apela, num átimo, para o seu outro recurso — a fuga. Era o que parecia acontecer com Cinco-Folhas. De repente, ele saltou e começou a embarafustar, violentamente, pelo salão apinhado da toca. Vários coelhos foram empurrados e voltaram-se enraivecidos na sua direção, mas ele não deu importância. Chegou, então, a um lugar onde não podia passar por entre dois pesados machos da coelheira. Tornou-se histérico, esperneando e arrastando as patas, e Avelreira, que estava às suas costas, teve dificuldade em evitar uma luta.

— Meu irmão é uma espécie de poeta, também — disse aos eriçados estranhos. — Às vezes fica muito afetado e nem sempre sabe por que motivo.

Um dos coelhos pareceu aceitar o que Avelreira disse, mas o outro replicou: — Ah, outro poeta? Então vamos ouvi-lo. Será uma compensação pela pancada que levei no ombro. Ele me arrancou um punhado de pêlo.

Cinco-Folhas já havia passado e enfiava-se pelo túnel de entrada. Avelreira sentiu que devia segui-lo. Mas, o conflito que Cinco-Folhas provocara com seus novos amigos, e que ele felizmente resolvera de

forma amigável, levou-o a dizer, ao passar por Manda-Chuva: — Ajude-me a dar-lhe bom-senso. A última coisa que desejamos agora é uma briga. — Pensou que Cinco-Folhas fizera por merecer uma boa sacudidela de Manda-Chuva.

Acompanharam Cinco-Folhas pelo túnel e emparelharam com ele à entrada da toca. Antes que um dos dois pudesse pronunciar uma palavra, Cinco-Folhas virou-se e começou a falar, como se lhe tivessem feito uma pergunta.

— Ficou mal impressionado, não foi? E ainda quer saber se fiquei também? Claro que sim. Isto é o pior de tudo. Não houve nenhum embuste. Ele fala a verdade. Então, se fala a verdade, não pode haver insensatez, diria você. Não o culpo, Aveleira. Eu próprio me senti atraído para ele, qual nuvem arrastada por outra. Mas, no último momento, desgarrei-me. Quem sabe por quê? Minha vontade não agiu nesse sentido; foi um acidente. Apenas uma parcela de mim fez-me fugir. Eu disse que o teto do salão era feito de ossos? Não! Ele se assemelha, na verdade, a uma densa névoa de insensatez que cobre o céu inteiro; e nunca mais seremos orientados pela luz de Frith. Ai, que será de nós? Uma coisa pode ser verdade e, ao mesmo tempo, total insensatez, Aveleira.

— Que diabo de conversa é esta? — disse Aveleira a Manda-Chuva, inteiramente perplexo.

— Está se referindo ao tal poeta de orelhas pendentes, lá de baixo — respondeu Manda-Chuva. — Sei o que sente. Não posso conceber, porém, como ele chegou a pensar que desejamos ter alguma coisa em comum com o poeta e sua algaravia fantástica. Poupe fôlego, Cinco-Folhas. O que nos preocupa agora é a briga que você iniciou. Quanto a Potentilha, prometo destacar Prata para cuidar dele. O poeta será reduzido a uma Ilha.

Cinco-Folhas encarou-o com olhos que, iguais aos de uma mosca, pareciam maiores que a cabeça. — Você então pensa assim — disse. — Você acredita. Mas cada um de vocês, à sua própria maneira, é um foco naquela névoa. Onde está o ...

Aveleira interrompeu-o. Cinco-Folhas calou-se logo. — Cinco-Folhas, não vá pensar que o segui até aqui para desabafar a raiva. Você arriscou nosso bom início nesta coelheira...

— Arrisquei? — gritou Cinco-Folhas. — Arrisquei? Ora, se o lugar inteiro...

— Calma. Eu me deixei levar pela cólera, mas você está tão agitado que até isso seria inútil. Agora, *vai* descer conosco e dormir. A caminho! E pare de falar, por enquanto.

Uma das coisas que fazem as vidas dos coelhos menos complicadas que a dos seres humanos é que eles não se envergonham de utilizar a força. Sem outra alternativa, Cinco-Folhas acompanhou Aveleira e Manda-Chuva à toca onde Aveleira passara a noite anterior. Não havia ninguém ali. Eles estiraram-se e dormiram.

17. A Armadilha Luminosa

Quando o verde campo abre-se como tampa,
Mostrando o que estava bem oculto,
Cuidado! Veja: atrás, sem ruído,
As árvores chegaram e se fecham
Em círculos mortais.
O parafuso gira na ranhura
E além da janela o negro furgão espera.
Agora, em rápida emergência,
Vêm as mulheres de óculos escuros, os cirurgiões corcundas
E o homem da tesoura.

W. H. Auden, *The Witnesses*

Tudo frio, tudo frio — e o telhado era feito de ossos. O teto era formado pelas raízes entrelaçadas do teixo, galhos firmes enveredando para fora e para dentro, para cima e para baixo, duros como gelo e cobertos de tristes bagas vermelhas. "Apreste-se, Aveleira", disse Prímula. "Vamos carregar as bagas do teixo na boca e comê-las na grande toca. Seus amigos têm de aprender isso, se pretendem adotar nossos hábitos." "Não! Não!", gritou Cinco-Folhas. "Aveleira, não vá!" Então apareceu Manda-Chuva, agitando as ramagens, a boca cheia de bagas. "Olhe", disse Manda-Chuva, "eu já aprendi. Vou seguir outro caminho. Pergunte-me para onde, Aveleira! Vamos, pergunte! Para onde?" Então eles corriam por outro caminho, corriam, não no rumo da coelheira, mas dos campos gelados, e Manda-Chuva deixou cair as bagas — gotas de um vermelho sangüíneo, gotas vermelhas e duras como arame. "Não prestam", disse. "Não servem para morder. Estão muito frias."

Aveleira acordou. Estava na toca. Estremeceu. Por que não sentia o calor de corpos de coelhos deitados juntos? Onde estaria Cinco-Folhas? Sentou-se. Perto, Manda-Chuva agitava-se e torcia-se em seu sono, em busca de calor, tentando aconchegar-se ao corpo de um coelho que já não se encontrava ali. A reenrância no chão arenoso, onde Cinco-Folhas estivera deitado, ainda não esfriara de todo, mas Cinco-Folhas desaparecera.

— Cinco-Folhas! — disse Aveleira na escuridão.

Mal falou, sabia que não haveria resposta. Empurrou Mandachuva com o nariz, aflito. — Manda-Chuva! Cinco-Folhas foi embora! Manda-Chuva!

Manda-Chuva despertou por completo, no mesmo instante, e Aveleira nunca se sentiu tão contente por tanta pressa demonstrada.

— Que está me dizendo? Aconteceu alguma coisa?

— Cinco-Folhas sumiu.

— Para onde foi?

— *Silf*... lá fora. Só pode ser *silf*. Não iria vaguear pela toca. Ele odeia a toca.

— Ele é um problema, hein? Não se importou de nos deixar com frio. Acha que está em perigo? Quer procurá-lo?

— Sim. Ele está inquieto e assustado, e o dia ainda não nasceu. Talvez apareçam *elil*, por mais que Morango diga o contrário.

Manda-Chuva fungou um pouco.

— A luz não demora — disse. — Haverá claridade suficiente para encontrá-lo por aí. Bem, é melhor eu ir com você. Não se preocupe: ele não pode estar longe. Pelas Alfices do Rei! Tenho vontade de dar-lhe uma boa tunda, quando o pegarmos.

— Eu o segurarei e você fará isso. Agora, vamos!

Subiram o túnel até a boca do buraco e pararam lado a lado. — Já que os nossos amigos não estão aqui para nos atizar — disse Manda-Chuva —, convém verificar se o lugar não está cheio de arminhos e mochos, antes de sairmos.

Naquele instante, o grito de um mocho marrom fez-se ouvir do outro lado do bosque. Era o primeiro grito, e eles, por instinto, agacharam-se, imóveis, contando quatro batidas do coração antes de ouvir o segundo pio.

— Está se afastando — disse Aveleira.

— Eu só queria saber quantos ratos de campo dizem isto todas as noites. Você bem sabe que o pio é enganoso. Tem de ser.

— Não adianta pensar — disse Aveleira. — Cinco-Folhas está aí fora, em algum lugar, e eu vou procurá-lo. Você tinha razão: *já* há claridade suficiente.

— Devemos procurar primeiro no teixo?

Mas Cinco-Folhas não estava embaixo do teixo. A luz, ao espalhar-se, começou a revelar a parte superior do campo, enquanto a fimbria distante e o ribeiro permaneciam escuros, quais sombras lineares. Manda-Chuva saltou do barranco, penetrando no campo, e fez uma longa curva pela úmida campina. Parou quase do lado oposto da toca de onde haviam saído, e Aveleira fez-lhe companhia.

— Ele deixou o rastro aqui — disse Manda-Chuva. — Pegadas recentes. Veio da toca diretamente para o córrego. Não deve estar muito longe.

Quando há gotas de chuva deitadas, é fácil ver onde a grama foi recentemente pisada. Seguiram a linha que descia pelo campo e chegaram à margem além da plantação de cenouras e da nascente do córrego. Manda-Chuva tivera razão ao dizer que a pista era fresca. Mal atingiram o outro lado da cerca viva, viram Cinco-Folhas. Comia sozinho. Alguns pedaços de cenoura estavam caídos perto da fonte, mas ele não os tocara e comia a erva, não muito longe d? retorcida macieira silvestre. Quando se aproximaram, Cinco-Folhas levantou a vista.

Aveleira não disse nada e começou a comer ao seu lado. Arrependia-se, agora, de haver trazido Manda-Chuva. Na escuridão, antes da manhã nascer, e ao primeiro choque da descoberta de que Cinco-Folhas havia desaparecido, Manda-Chuva fora um alívio e um apoio. Agora, porém, ao ver Cinco-Folhas, pequeno e familiar, incapaz de fazer mal a alguém ou de esconder o que sentia, tremendo na erva molhada, de medo ou de frio, sua raiva dissipava-se. Sentia apenas pena. Tinha certeza que, se pudessem ficar sozinhos, Cinco-Folhas recobriria o bom-senso. Mas talvez fosse tarde para persuadir Manda-Chuva a ser delicado. Restava-lhe esperar pelo melhor.

Ao contrário do que temia, contudo, Manda-Chuva permaneceu silencioso também. Pelo visto, esperava que Aveleira falasse primeiro e sentia-se confuso. Por um breve espaço de tempo, os três andaram tranqüilamente pela erva, enquanto as sombras adensavam-se e os pombos do bosque batiam asas entre as árvores distantes. Aveleira começava a sentir que tudo ia bem e que Manda-Chuva tinha melhor cabeça do que julgara. Foi quando Cinco-Folhas sentou-se sobre as pernas traseiras, limpou a cara com as patas e então, pela primeira vez, olhou-o diretamente.

— Estou de partida — disse. — Sinto muito. Gostaria de desejar felicidades a você, Aveleira, mas não adianta expressar bons votos a quem aqui fica. Por isso, digo apenas adeus.

— Mas, para onde vai, Cinco-Folhas?

— Para longe. Para as colinas, se lá conseguir chegar.

— Sozinho, sem ajuda? Não pode. Você morrerá.

— Você não tem a mínima possibilidade, meu velho — disse Manda-Chuva. — Será apanhado por um bicho antes de ni-Frith.

— Não — disse Cinco-Folhas muito calmo. — Você está mais perto da morte do que eu.

— Está querendo me assustar, seu miserável filhote de passarinho medroso? — gritou Manda-Chuva. — Sou resoluto...

— Calma, Manda-Chuva — disse Aveleira. — Não o trate com aspereza.

— Ora, você mesmo disse... — começou Manda-Chuva.

— Sei. Mas agora penso de outra forma. Desculpe, Manda-Chuva. Eu pretendia pedir-lhe ajuda para levá-lo de volta à coelheira. Agora, no entanto... bem, eu sempre percebi que havia alguma coisa de verdade no que Cinco-Folhas dizia. Nos últimos dois dias recusei-me a escutá-lo, e ainda penso que ele está fora de si. Mas não tenho ânimo de devolvê-lo à coelheira. Acredito realmente que, por um motivo ou outro, o lugar o assusta irracionalmente. Irei com ele até adiante e talvez possamos conversar. Não posso pedir-lhe que se arrisque também. De qualquer maneira, os outros devem saber o que estamos fazendo, e não saberão a menos que você volte e lhes diga. Estarei na coelheira antes de ni-Frith. Ou melhor, estaremos, segundo espero.

Manda-Chuva olhava fixamente. Depois, virou-se furioso contra Cinco-Folhas. — Seu besourinho importuno — disse. — Nunca aprendeu a acatar ordens, hein? Sempre eu, eu, o tempo todo. "Oh, tive uma sensação estranha no dedão do pé. Temos de ir embora e ficar de cabeça para baixo." E agora, que encontramos uma ótima coelheira e a freqüentamos sem travar luta, *você* faz tudo para inquietar os outros! Não satisfeito, arrisca a vida de um dos melhores coelhos que temos, querendo ser ninado enquanto vagueia por ali qual rato silvestre. Muito bem: estou *farto* de você. Agora, voltarei à coelheira para me certificar de que os outros também pensam assim. E *pensarão*. Não tenha dúvidas quanto a isso.

Virou-se e disparou através do buraco mais próximo na cerca. Nesse exato instante, um ruído assustador ouviu-se no lado oposto. Sons de um bicho que esperneava e arfava. Um pedaço de pau voou. Em seguida, folhas mortas, misturadas com terra unida, voaram através da abertura na cerca e caíram perto de Aveleira. As samambaias subiam e desciam. Aveleira e Cinco-Folhas olharam-se, ambos forcejando contra o impulso da fuga. Que inimigo estaria em ação do outro lado da cerca-viva? Não houve gritos — nem o cuspo do gato nem o guicho do coelho, somente o roçar de galhos finos e da erva rompida com violência.

Por um esforço de coragem que se sobrepunha ao instinto, Aveleira avançou pelo abertura, seguido de Cinco-Folhas. Uma visão terrível esperava-os. As folhas tinham sido reduzidas a frangalhos. A terra

revolvida mostrava compridos arranhões e buracos. Manda-Chuva estava caído de flanco, sacudindo a patas traseiras na tentativa de lutar. Uma extensão de arame de cobre entrançado, que emitia um brilho baço à primeira luz do sol, envolvia-lha o pescoço e esticava-se, partindo de uma das patas dianteiras, até a cabeça de uma cavilha fincada no chão. O laço corrediço apertara-se, penetrando fundo na pele atrás de sua orelha. O ponto saliente de uma correia havia lacerado o pescoço de Manda-Chuva, e gotas de sangue, escuras e vermelhas quais bagas de teixo, caíam uma a uma de seu ombro. Por alguns momentos ele ficou arquejante, o flanco arriado pelo cansaço. Depois, recomeçou a forcejar e a lutar, para trás e para a frente, pulando e tombando, até que, asfixiado, imobilizou-se.

Transido de angústia, Aveleira saltou da abertura na cerca e agachou-se ao seu lado. Os olhos de Manda-Chuva estavam fechados e os beiços, retraídos, descobriam os compridos dentes da frente, numa fixa rosnadura. Mordera o lábio superior e deste também escorria sangue. A espuma cobria-lhe as mandíbulas e o peito.

— Thlayli! — disse Aveleira, bate«do o pé com força. — Thlayli! Escute! Você caiu numa armadilha — numa armadilha! O que recomendam no Owsla para tais casos? Vamos, procure pensar. Como poderemos ajudá-lo?

Houve uma pausa. Então as pernas traseiras de Manda-Chuva começaram a sacudir-se outra vez, porém fracamente. Suas orelhas caíram. Os olhos abriram-se, mas não enxergavam, e o branco mostrava apenas pontos de sangue, à medida que a íris rolava para um e outro lado. Depois de um momento, sua voz chegou surda e baixa, borbulhando na espuma que lhe saía da boca.

— Owsla... situação difícil... morder o arame. Cavilha... é preciso cavar.

Uma convulsão sacudiu-o e ele arranhou o chão, cobrindo-se de terra úmida e sangue. Em seguida, acalmou-se outra vez.

— Corra Cinco-Folhas, corra para a coelheira — gritou Aveleira. — Reúna os outros... Amora-Preta, Prata. Rápido! Do contrário ele morrerá.

Cinco-Folhas disparou pelo campo como uma lebre. Aveleira, sozinho, tentou compreender o que se fazia necessário. Que era uma cavilha? Como poderia cavar em redor? Olhou a massa inerte à sua frente. Manda-Chuva jazia sobre o arame, que saía debaixo de seu ventre e parecia desaparecer no chão. Aveleira lutou contra a própria incompreensão. Manda-Chuva dissera: "Cavar." Isto, pelo menos, ele entendia. Começou a cavar a terra amolecida, ao lado do corpo, até que, pouco depois, suas unhas raspavam contra alguma coisa lisa e firme. Ao parar, perplexo, viu Amora-Preta atrás.

— Manda-Chuva disse umas palavras — explicou-lhe —, mas não creio que esteja agora em condições de falar. Ele disse: "Cave em volta da cavilha." Que significa isto? Que podemos fazer?

— Espere um instante — disse Amora-Preta. — Deixe-me pensar. Não nos precipitemos.

Aveleira virou a cabeça e olhou o curso do regato. Distante, entre as duas capoeiras, pôde avistar a cerejeira onde, dois dias atrás, sentara-se com Amora-Preta e Cinco-Folhas, ao nascer do sol. Lembrou-se de como Manda-Chuva perseguira Bico de Falcão através da erva alta, esquecido da briga da noite anterior, graças à alegria da chegada. Agora, via Bico de Falcão correndo para eles, e mais dois ou três companheiros — Prata, Dente-de-Leão e Panelinha de Barro. Dente-de-Leão, na dianteira, enfiou-se pela abertura na cerca e parou atarantado.

— Que foi, Aveleira? Que aconteceu? Cinco-Folhas disse...

— Manda-Chuva está preso nesta armadilha. Vamos deixá-lo quieto, até que Amora-Preta nos diga o que fazer. Evite que os outros se aglomerem aqui.

Dente-de-Leão virou-se e recuou, enquanto Panelinha se acercava.

— Prímula vem aí? — perguntou Aveleira. — Talvez *ele* saiba...

— Não virá — respondeu Panelinha. — Pediu a Cinco-Folhas que parasse de falar no caso.

— Pediu o *quê*? — perguntou Aveleira, incrédulo. Mas, naquele momento, Amora-Preta falou e Aveleira correu, num átimo, para o seu lado.

— Descobri — disse Amora-Preta. — O arame está preso a uma cavilha e a cavilha está no solo... ali, olhe. Temos de cavar. Vamos, cave ao redor.

Aveleira cavou uma vez mais, suas patas arremessando para os lados a terra macia e úmida, e arranhando a superfície dura da cavilha. Obscuramente, dava-se conta da presença dos outros, à espera. Algum tempo decorrido, viu-se forçado a parar, arquejante. Prata tomou-lhe o lugar, e foi substituído por Espinheiro Cerval. A sórdida, lisa, limpa cavilha com cheiro de homem revelava, agora, o comprimento de uma orelha de coelho, mas ainda estava firme no chão. Manda-Chuva não se movera. Deitava-se sobre o arame, ferido e sangrando, de olhos cerrados. Espinheiro Cerval retirou a cabeça e as patas do buraco e removeu a lama da cara.

— A cavilha está mais estreita aqui — disse. — Deve ser a ponta. Acho que pode ser arrancada com os dentes, mas não consigo alcançá-la.

— É trabalho para Panelinha de Barro — disse Amora-Preta. — Ele é menor.

Panelinha enfiou-se no buraco. Ouviram a madeira lascar-se sob seus dentes — um som semelhante ao de um rato num forro de madeira, à meia-noite. Emergiu com o nariz sangrando.

— Os estilhaços ferem e é difícil respirar, mas a cavilha está quase frouxa.

— Cinco-Folhas, prossiga — disse Aveleira. Cinco-Folhas não ficou muito tempo no buraco. Também ele saiu pingando sangue.

— Partiu-se em duas partes. Está solta.

Amora-Preta apertou o nariz contra a cabeça de Manda-Chuva. Ao empurrá-la delicadamente, a cabeça rolou para o lado e para trás.

— Manda-Chuva — disse Amora-Preta em seu ouvido —, a cavilha soltou-se.

Não houve resposta. Manda-Chuva continuou imóvel. Uma grande mosca pousou numa de suas orelhas. Amora-Preta espantou-a com raiva e ela esvoaçou, zumbindo à luz do sol.

— Acho que ele morreu — disse Amora-Preta. — Não ouço a respiração.

Aveleira agachou-se e pôs as narinas perto das de Manda-Chuva, mas uma leve brisa soprava e ele não podia garantir se era ou não o hálito do amigo. As pernas estavam arriadas, a barriga flácida e frouxa. Tentou recordar o pouco que ouvira a respeito de armadilhas. Um coelho forte pode quebrar o pescoço numa armadilha. Ou será que a ponta do arame romperá a traquéia-artéria?

— Manda-Chuva — cochichou —, arrancamos a cavilha. Você está livre.

Manda-Chuva não se mexeu. De súbito, ocorreu a Aveleira que, se Manda-Chuva estava morto — e que outra coisa *podia* aprisioná-lo na lama? — então ele próprio devia afastar os outros para longe, antes que o terrível acontecimento lhes tirasse o resto da coragem e quebrantasse o ânimo. Isto ocorreria fatalmente se continuassem ali a olhar o corpo. Ademais, o homem voltaria logo. Talvez já estivesse a caminho, com a espingarda, para levar o pobre Manda-Chuva. Deviam partir. E ele teria de esforçar-se para que todos os companheiros, incluindo a si próprio, esquecessem para sempre aquela cena.

— Meu coração subiu ao reino dos Mil, pois meu melhor amigo parou de correr hoje — disse a Amora-Preta, citando um ditado dos coelhos.

— Se ao menos não fosse Manda-Chuva — disse Amora-Preta. — Que faremos sem ele?

— Os outros estão à espera — disse Aveleira. — Temos de permanecer vivos. Deve haver alguma coisa boa que lhes ocupe o espírito. Ajude-me, do contrário esgotarei as forças.

Afastou-se do corpo e procurou Cinco-Folhas entre os coelhos mais atrás. Mas Cinco-Folhas não estava à vista e Aveleira receou perguntar por ele, pois poderiam julgá-lo fraco ou necessitado de conforto.

— Panelinha de Barro — estourou —, por que não limpa a cara e estanca o sangramento? O cheiro de sangue atrai *elil*. Você sabe muito bem, não é?

— Sim, Aveleira. Desculpe. Será que Manda-Chuva...

— E outra coisa — disse Aveleira desesperadamente. — O que você ia me contando acerca de Prímula? É verdade que ele disse a Cinco-Folhas para calar a boca?

— Sim, Aveleira. Cinco-Folhas entrou na toca e nos contou sobre a armadilha e o infeliz Manda-Chuva...

— Sim, isto mesmo. E então, Prímula...

— Prímula e Morango e os outros fingiram não ouvir. Foi ridículo, pois Cinco-Folhas gritava para todo mundo ouvir. E então, quando disparávamos para a superfície, Prata perguntou a Prímula: "Você vai também, não é?" Mas Prímula virou-lhe as costas. Prata correu para ele e falou-lhe com muita calma, mas eu escutei o que Prímula respondeu. Ele disse: "Para as colinas ou para Inlé, pouco me importa o seu destino. Cale esta boca." E depois atacou Prata e arranhou-lhe uma orelha.

— Eu o matarei — arquejou uma voz baixa e abafada, atrás. Todos saltaram. Manda-Chuva levantara a cabeça e apoiava-se apenas nas patas da frente. Tinha o corpo torcido e as patas de trás continuavam presas à lama. Os olhos estavam abertos, mas a cara se transformara numa máscara feia de sangue, espuma, vômito e terra, mais parecida com uma criatura diabólica do que com um coelho. Esta visão, que deveria enchê-los de alívio e júbilo, causou somente terror. Encolheram-se de medo e nenhum disse uma só palavra.

— Eu o matarei — repetiu Manda-Chuva, falando incoerentemente por entre os bigodes e a pele escoriada. — Ajudem-me, seus molengas! Alguém pode arrancar de mim este arame fedorento? — Forcejou, puxando as patas traseiras. Depois, caiu novamente e arrastou-se para a frente, levando o arame com a cavilha partida, que tinha atrás na erva.

— Deixem-no sozinho! — gritou Aveleira, pois agora todos se precipitavam para o ajudar. — Querem matá-lo? Ele precisa de descanso! Precisa respirar!

— Não, nada de descanso — arquejou Manda-Chuva. — Estou bem. — Ao falar, caiu outra vez e tentou firmar-se logo nas patas dianteiras, como fizera antes. — São as minhas pernas traseiras. Não se movem. Aquele Prímula! Eu o matarei!

— Por que os deixamos ficar na coelheira? — gritou Prata. — Que espécie de coelhos são eles? Deixaram Manda-Chuva morrer à míngua de recursos. Vocês todos ouviram Prímula na toca. São uns covardes. Vamos expulsá-los... matá-los! Vamos tomar a coelheira e viver sozinhos!

— Sim! Sim! — responderam. — Em marcha! Voltemos à coelheira! Abaixo Prímula! Abaixo Potentilha! Vamos matá-los!

— Ó, *emleer Frith!* — gritou uma voz aguda no meio da erva alta.

Ante tamanha irreverência, o tumulto cessou. Olharam em volta, indagando quem havia falado. Houve silêncio. Então, de entre duas grandes moitas de capim-panasco, surgiu Cinco-Folhas, os olhos luzindo com um brilho frenético. Rosnou e interpelou-os qual bruxo, e os mais próximos tombaram de medo. Até A veleira não conseguiu articular uma só palavra. Percebiam, apenas, que Cinco-Folhas estava falando.

— A coelheira? Vão para a coelheira? Seus idiotas! Aquela coelheira não passa de um lugar mortífero. É um departamento da despensa dos *elil!* Está cheia de armadilhas... armadilhas por toda parte, diariamente! Isto explica tudo o que aconteceu desde que aqui chegamos.

Sentou-se, imóvel, e suas palavras pareciam arrastar-se, à luz do sol, sobre a erva.

— Escute, Dente-de-Leão. Você gosta muito de histórias, não é? Pois vou-lhe contar uma... sim, uma para El-ahrairah chorar. Era uma vez uma bela coelheira à beira de um bosque, descortinando as pastagens de uma fazenda. Muito grande, cheia de coelhos. Então, um dia, a cegueira branca chegou e os coelhos caíram doentes e morreram. Mas alguns sobreviveram, como sempre acontece. A coelheira ficou quase vazia. Um dia, o fazendeiro pensou: "Eu bem que podia multiplicar esses coelhos. Torná-los parte de minha fazenda... aproveitar sua carne, suas peles. Por que criar coelhos em gaiolas? Eles podem ficar onde estão." E começou a atirar em todos os *elil* — *lendri, homba*, arminho, coruja. Deixou comida para os coelhos, mas não muito perto da coelheira. Para se alimentarem, teriam de habituar-se a sair pelos campos e bosques. Depois, pegou-os em armadilhas; não muitos, só os que queria, e não tantos que os assustassem ou destruíssem a coelheira. Eles cresceram grandes, fortes e saudáveis, pois ele cuidou de que tivessem o melhor, particularmente no inverno, e nada a temer — exceto o laço corrediço na abertura da cerca e no caminho para o bosque. Assim, os coelhos viveram como queria o fazendeiro, e de vez em quando alguns desapareciam. Os coelhos tornaram-se, sob vários aspectos, estranhos e diferentes dos outros coelhos. Sabiam muito bem o que estava acontecendo. Mas, até para si mesmos, fingiam que tudo ia bem, pois a comida era boa, estavam protegidos, não tinham o que temer, exceto um temor; e este temor feria aqui e ali, mas não muito forte, de cada vez, a fim de não os afugentar. Esqueceram os hábitos dos coelhos selvagens. Esqueceram El-ahrairah, pois de que lhes adiantavam manhas e espertezas, vivendo na coelheira do inimigo e pagando o seu preço? Descobriram outras artes maravilhosas em substituição às manhas e velhas histórias. Aprenderam a dançar trocando saudações cerimoniais. Cantaram canções semelhantes às dos pássaros e fizeram formas nas paredes; e embora isso de nada lhes servisse, ajudavam-nos, contudo, a passar o tempo e a dizer entre si que eram coelhos esplêndidos, a fina flor da raça, mais sábios do que pegos. Não tinham Coelho-Chefe. Não senhor, para que queriam um Coelho-Chefe? Um Coelho-Chefe deve ser um El-ahrairah para sua coelheira, protegendo-a da morte, e ali não havia morte, a não ser sob uma única forma. Que resposta teria para isso um Coelho-Chefe? Portanto, em vez de Coelho-Chefe, Frith enviou-lhes estranhos cantores, belos e fortes como bolotas de carvalho, como os trinos do pisco-de-peito-ruivo na roseira silvestre. E já que não podiam suportar a verdade, esses cantores, que em outro lugar teriam sido sábios, foram esmagados sob o terrível peso do segredo da coelheira, até imaginarem belos desatinos — a respeito de dignidade e concordância, e tudo o mais que fizesse acreditar que o coelho amava o arame luminoso. Mas havia, no entanto, uma regra rigorosa; ah, sim, a mais rigorosa. Ninguém devia perguntar onde estava outro coelho, e quem perguntasse "Onde?", a não ser numa canção ou num poema, devia ser silenciado. Dizer "Onde?" era muito ruim, mas falar abertamente de fios de arame — isso era intolerável. Nesse caso, atacavam e matavam.

Parou. Ninguém se mexera. Depois, em silêncio, Manda-Chuva ergueu-se sobre os pés, vacilou um momento, deu uns passos trôpegos na direção de Cinco-Folhas e caiu de novo. Cinco-Folhas não lhe prestou atenção, mas olhou um a um. Em seguida, recomeçou a falar.

— E então *nós* chegamos, à noite, varando o capinzal. Coelho selvagens, cavando tocas no vale. Os da coelheira não se denunciaram logo. Tinham de pensar, primeiro, no que mais lhes convinha fazer. Mas chegaram logo ao ponto decisivo: acolher-nos na grande toca sem nos dizer nada. Percebem? O fazendeiro espalha muitas armadilhas de uma vez só, e se um coelho morre, os outros continuarão vivos por muito tempo. Amora-Preta, você sugeriu que Aveleira lhes narrasse nossas aventuras, mas a sugestão causou espécie, não foi? Ora, quem deseja ouvir feitos heróicos quando se envergonha de sua própria vida, e quem aprecia histórias francas narradas por alguém que está sendo enganado? Querem mais? Pois bem: tudo o que aconteceu aqui ajusta-se como a linha ao dedal. Matá-los, pois sim! E depois, ficar com a toca. Viver sob um teto de ossos, ameaçados por armadilhas luminosas! Resignados à miséria e à morte!

Cinco-Folhas afundou no capim. Manda-Chuva, ainda arrastando a terrível e lisa cavilha, cambaleou até ele e tocou-lhe o nariz com o seu.

— Ainda não morri, Cinco-Folhas — disse. — E o mesmo aconteceu com todos nós. Você enfrentou uma cavilha maior do que esta que estou carregando. Diga-nos o que fazer.

— O que fazer? — respondeu Cinco-Folhas. — Ora... partir. Agora. Eu disse a Prímula que íamos embora, antes de sair da toca.

— Para onde? — disse Manda-Chuva. Mas foi Aveleira que respondeu.

— Para as colinas — falou.

Para o sul, o terreno subia suavemente além do córrego. Ao longo da elevação estendia-se a linha de uma estrada carroçável, e mais adiante havia uma capoeira. Aveleira tomou esta direção e o resto começou a segui-lo, sozinhos ou aos pares, na subida.

— E o arame, Manda-Chuva? — disse Prata. — A cavilha pode prender-se num obstáculo e apertar ainda mais.

— Não, agora está bem frouxa — disse Manda-Chuva. — Eu poderia libertar-me se não tivesse ferido o pescoço.

— Tente — disse Prata. — Do contrário, não irá longe.

— Aveleira — disse Verônica, de repente —, um coelho está vindo da coelheira. Olhe!

— Só um? — disse Manda-Chuva. — Que pena! Fica por sua conta, Prata. Não lhe tirarei este prazer. Mãos à obra!

Pararam e esperaram, pontilhando o declive. O coelho que se aproximava corria de maneira curiosa, mergulhando de cabeça. Atirou-se em dado momento, sobre uma moita de cardos, ferindo-se nos flancos e rolando pelo chão. Mas levantou-se e aproximou desajeitadamente do grupo.

— Será a cegueira branca? — disse Espinheiro Cerval. — Ele não parece ver para onde vai.

— Frith que me perdoe! — disse Amora-Preta. — Devemos fugir?

— Não, se fosse cegueira branca, ele não correria assim — disse Aveleira. — Outra coisa o aflige.

— É Morango! — gritou Dente-de-Leão.

Morango passou pela cerca, junto à macieira silvestre, olhou em volta e dirigiu-se a Aveleira. Toda a sua auto-suficiência havia desaparecido. Estava trêmulo, de olhos esgazeados, e seu grande tamanho parecia apenas acentuar-lhe o ar de completo desamparo.

Encolheu-se de medo, na erva, imóvel e servil diante de Aveleira e Prata.

— Aveleira — disse Morango —, vocês vão embora? Aveleira não respondeu, mas Prata observou com esperteza: —

Isto é da sua conta?

— Levem-me. — Não houve resposta e ele repetiu: — Levem-me com vocês.

— Não acolhemos criaturas que nos enganam — disse Prata. — É melhor voltar à companhia de Nildro-hain. Sem dúvida ela é menos esquisita.

Morango lançou um guincho lamentoso, como se estivesse ferido. Olhou de Prata para Aveleira e em seguida para Cinco-Folhas. Afinal, num sussurro apiedado, disse:

— Os arames.

Prata estava em vias de responder, mas Aveleira falou antes.

— Pode vir conosco. Mão diga mais nada. Pobre criatura! Minutos depois, os coelhos haviam cruzado a estrada carroçável e desapareciam na capoeira em frente. Uma pega, vendo um objeto que se destacava, levemente brilhante, no declive deserto, aproximou-se para olhar melhor. Mas só restava ali uma cavilha quebrada e um fio de arame torcido.

Parte II - EM WATERSHIP DOWN



18. Watership Down

O que agora está provado foi eventualmente apenas imaginado.

William Blake, *The Marriage of Heaven and Hell*

Tombava a tarde do dia seguinte. A escarpa setentrional de Watership Down, na sombra desde o começo da manhã, colhia, agora, o sol do ocidente, cerca de uma hora antes do crepúsculo. Doze metros abaixo a encosta subia verticalmente num desfiladeiro de não mais de vinte cinco metros — uma muralha que se precipitava até o estreito cinturão de árvores ao pé do espinhaço onde o precipício achatava-se. A luz, baça e branda, envolvia, qual auréola dourada, o capim, os tojos e os teixos, bem como os poucos espinheiros definhados pelo vento. A partir do precipício, a luz parecia cobrir toda a encosta embaixo, modorrenta e calma. Mas embaixo, na própria erva, entre as moitas, naquela intrincada floresta tecida pelo besouro, pela aranha e pelo musaranho caçador, a luz em movimento assemelhava-se a um vento que dançava para mantê-los apressados e ondulantes. Os raios vermelhos luziam nas lâminas da erva, iluminando instantaneamente asas membranosas, atirando longas sombras atrás de finíssimas pernas filamentosas, quebrando cada pedaço de solo nu numa miríade de grãos isolados. Os insetos zumbiam, gemiam, estrídulos e graves à medida que o ar se tornava mais quente ao pôr-do-sol. Mais alto e no entanto mais calmos que eles, entre as árvores, soavam a verdelha, o milheiro e o verdelhão. As cotovias voavam, tatalando as asas no ar odorífero acima da encosta relvada. Vista do pico, a aparente imobilidade da vasta distância azulada era rompida, a espaços, por bocados de fumaça e por fracos e momentâneos lampejos de vidro. Mais abaixo ainda, estendiam-se os verdes campos de trigo, os pastos planos com cavalos e os verdes mais escuros dos bosques. Também estes, a exemplo da floresta intrincada da encosta, agitavam-se ao cair da noite, mas na sua espessura mais recôndita predominava a calma, sua ferocidade temperada pelo ar que soprava entre os bosques e a encosta.

No sopé do despenhadeiro coberto de capim, Aveleira e seus companheiros agachavam-se sob os ramos baixos de dois ou três evônimos. Desde a manhã anterior haviam percorrido quase cinco quilômetros. Contaram com a boa sorte, pois todos que haviam abandonado a coelheira ainda estavam vivos. Havia cruzado dois regatos e vagueado, temerosos, nos profundos bosques a oeste de Ecchinswell. Descansaram na palha de um estábulo, ou celeiro deserto, e acordaram para ver que ratos os atacavam. Prata e Espinheiro Cerval, com Manda-Chuva ajudando-os, cobriram a retirada até que, reunidos todos do lado de fora, puseram-se em fuga. Espinheiro Cerval fora ferido numa perna dianteira, e a ferida, à maneira da mordida de um rato, era irritante e dolorosa. Contornando um pequeno lago pararam a fim de olhar um cinzento pássaro pescador que mergulhava o bico e nadava entre as junças, até que o vôo de um pato selvagem afugentou-os com o seu clamor. Havia cruzado um quilômetro de pastagem rasa, sem qualquer segurança, esperando a todo o momento um ataque que não veio. Ouviram o zumbido desnatural de uma torre no ar de verão; e, em verdade, passaram embaixo, ante a garantia de Cinco-Folhas de que não lhes faria mal algum. Agora, jaziam sob os evônimos. Farejando com preocupação, suspeitavam da estranha e desguarnecida área em seu redor.

Desde que haviam deixado a coelheira das armadilhas, tornaram-se um bando mais vigilante, astuto e tenaz, onde todos se compreendiam e agiam em conjunto. Não houve mais disputas. A verdade acerca da

coelheira fora um choque medonho. Ficaram mais unidos, confiando um no outro e avaliando a capacidade de cada um. Sabiam agora que suas vidas dependiam disso, e de mais nada, e não pretendiam desperdiçar energias à toa, em hostilidades banais. A despeito dos esforços de Aveleira junto à armadilha, não houvera um só entre eles que não sentisse o coração aflito ao pensar que Manda-Chuva estivesse mesmo morto, e indagado a si mesmo, como fizera Amora-Preta, o que seria do grupo daí por diante. Sem Aveleira, sem Amora-Preta, Espinheiro Cerval e Panelinha de Barro, Manda-Chuva teria morrido. Sem contar consigo, Manda-Chuva também teria morrido, pois qual, entre eles, teria parado de correr depois de semelhante castigo? A força de Manda-Chuva deixou de ser questionada, bem como a intuição de Cinco-Folhas, a inteligência de Amora-Preta ou a autoridade de Aveleira. Quando os ratos atacaram, Espinheiro Cerval e Prata obedeceram a Manda-Chuva, cobrindo a retaguarda. O resto seguiu Aveleira quando este os despertou e, sem mais explicação, disse-lhes para sair rapidamente do celeiro. Mais tarde, Aveleira declarou que iam atravessar a pastagem descoberta, e sob a orientação de Prata eles atravessaram-na, com Dente-de-Leão correndo à frente, na tarefa de reconhecer o terreno. Quando Cinco-Folhas disse que a árvore de ferro era inofensiva, eles acreditaram logo.

Morango passara maus pedaços. Sua infelicidade reduzia-lhe a inteligência e fazia-o descuidado; envergonhava-se da parte que havia desempenhado na coelheira. Era mais frágil e inclinado à indolência e à boa comida do que ousava admitir. Mas não se queixou e ficou claro que estava determinado a mostrar do que era capaz e não ficar para trás. Provava, aliás, sua utilidade no bosque, sendo mais familiar às matas cerradas do que qualquer um dos outros. "Ele se habituará, se lhe dermos oportunidade", disse Aveleira a Manda-Chuva, à margem do lago. "Então este grande ignota vai ter de fazer das tripas coração", respondeu Manda-Chuva, pois, segundo os padrões do bando, Morango era escrupulosamente asseado e tedioso. "Bom, também não quero que ele se arrebeste todo, Manda-Chuva. Isso de nada adiantaria." Manda-Chuva resignou-se, embora não deixasse transparecer. Contudo, ele próprio se tornara menos exigente. A armadilha enfraquecera-o, extenuara-o. Fora ele quem dera o alarma no celeiro, pois não conseguia dormir e o som rascante fizera-se sentir imediatamente. Impedira que Prata e Espinheiro Cerval fugissem sozinhos, mas sentira-se obrigado a confiar-lhes a mais dura tarefa. Pela primeira vez em sua vida, Manda-Chuva via-se inclinado à moderação e à prudência.

Quando o sol mergulhou, tocando a fímbria do cinturão de nuvens no horizonte baixo, Aveleira caiu debaixo dos ramos e olhou atentamente a parte inferior da escarpa. Em seguida, olhou para cima, além dos formigueiros, a encosta mais abrupta. Cinco-Folhas e Bolota acompanharam-no, dando com uma porção de sanfeno, que se puseram a mordiscar. Uma erva nova para eles, mas não precisava saber que era boa e que lhes alegrava o espírito. Aveleira voltou-se e se reuniu aos dois, entre os grandes cachos floridos de um carmesim brilhante repassados de estrias róseas.

— Cinco-Folhas — disse ele —, vamos esclarecer uma coisa. Você quer subir a este lugar, por mais longe que seja, e encontrar abrigo no cimo. É isto?

— Sim, Aveleira.

— Mas o cimo deve ser muito alto. Não posso sequer avistá-lo daqui. Deve ser um lugar descampado e frio.

— Não no solo. E o solo é tão macio que poderemos cavar facilmente uma toca, quando encontrarmos o sítio adequado.

Aveleira pensou outra vez. — Partir sempre é o que me aborrece. Aqui estamos nós, cansados. Bem sei que é perigoso permanecer. Não teríamos para onde correr. Não conhecemos a região e será impossível encontrar refúgio embaixo da terra. Mas parece fora de dúvida que possamos subir ao cimo esta noite. Seria muitíssimo arriscado.

— Teremos mesmo de cavar, não é? — disse Bolota. — Este lugar é quase tão descampado quanto o capinzal que atravessamos, e as árvores não nos ocultam dos animais de presa.

— Foi sempre assim ao longo de nossa jornada — disse Cinco-Folhas.

— Não pretendo contestar nada, Cinco-Folhas — disse Bolota —, mas precisamos de buracos. O lugar é ruim, não oferece possibilidades de esconderijo.

— Antes de todo mundo subir ao cimo — disse Aveleira —, devíamos investigar bem os arredores. Eu próprio vou dar uma olhada. Andarei o mais rápido possível, e vocês aqui esperem pelo melhor, até eu voltar. Descansem e comam.

— Você não irá sozinho — disse Cinco-Folhas, com firmeza.

Já que cada um estava disposto a acompanhá-lo, a despeito da fadiga, Aveleira cedeu e preferiu Dente-de-Leão e Bico de Falcão, que pareciam menos preocupados que os outros. Afastaram-se pela encosta, avançando devagar, examinando cada arbusto e moita, e parando constantemente para farejar e perscrutar a grande extensão de grama, que se espalhava, de ambos os lados, até onde a vista podia alcançar.

O homem caminha ereto. Para ele, no entanto, é penoso subir por uma encosta íngreme, porque tem de impulsionar sua própria massa vertical para cima, e não pode diversificar seus movimentos. O coelho comporta-se melhor. Suas patas dianteiras sustentam o corpo horizontal e as fortes patas traseiras fazem o trabalho mais árduo. Estas patas são mais apropriadas a empurrar para cima a leve massa à sua frente. Coelhos podem escalar encostas com rapidez. De fato, têm tanta força atrás do corpo que acham penoso descer, e às vezes, em fuga por um lugar alcantilado, põem-se de costas. Por outro lado, o homem ergue-se um metro e meio, ou um metro e oitenta centímetros, acima da encosta, e assim pode divisar tudo ao redor. Para ele, o terreno será íngreme e desigual, mas, em geral, nivelado, e ele sempre pode orientar-se facilmente, do alto de sua torre móvel de um metro e oitenta. A ansiedade e o temor dos coelhos em subir pelo precipício eram diferentes, portanto, daqueles que você, leitor, experimentaria em igual circunstância. Seu cuidado principal consistia em não afadigar o corpo até a exaustão. Quando Aveleira disse que estavam todos cansados, queria acentuar que sentiam a tensão da prolongada insegurança e do medo.

Os coelhos fora das tocas, a menos que se encontrem em áreas exploradas, familiares, perto de seus buracos, vivem em estado de medo constante. Se esse medo cresce demais, eles podem ficar stupidificados, paralisados — "tharn", para usar sua própria palavra. Aveleira e seus companheiros andavam sobressaltados há quase dois dias. Pensando bem, desde que haviam deixado sua coelheira natal, cinco dias atrás, enfrentaram um perigo após outro. Estavam à beira do esgotamento, às vezes assustando-se por nada e, seguida, deitando-se num trecho de capim alto que se lhes oferecia. Manda-Chuva e Espinheiro Cerval cheiravam a sangue e todos sabiam o que isso representava. O que afligia Aveleira, Dente-de-Leão e Bico de Falcão eram o descampado e o ermo da encosta e sua incapacidade verem a longa distância. Subiram através da erva avermelhada pelo sol, por entre o buliçoso movimento de insetos, e sem maior entusiasmo. A erva ondulava ao seu redor. Perscrutaram formigueiros e olharam cautelosamente as moitas de cardos. Não sabiam dizer onde estaria a borda. Ultrapassavam cada ondulação do terreno só para encontrar outra adiante. Para Aveleira, o lugar parecia propício a uma doninha; ou, quem sabe, o mocho branco voaria ao longo da escarpa, ao crepúsculo, de olhos cravados nas moitas de cardo, olhando tudo com seus olhos vítreos, pronto a dar uma volta súbita no ar e mergulhar em cima de qualquer coisa que se movesse. Alguns *elil* aguardavam a presa, mas o mocho branco sai à sua procura e age em silêncio.

À medida que Aveleira subia, o vento sul começou a soprar e o crepúsculo de junho avermelhou o céu

para o lado do zênite. Avelreira, a exemplo de quase todos os animais selvagens, estava desabitado a olhar o céu. Para ele, o céu era o horizonte, geralmente interrompido por árvores e cercas. Agora com a cabeça apontando para cima, ele se descobriu a perscrutar o espinhaço, sobre o qual baixava a linha do céu, com os cúmulos silenciosos, movediços, tintos de rubro. O movimento das nuvens era perturbador, ao contrário do movimento das árvores ou da erva ou dos coelhos. Aquelas grandes massas moviam-se com firmeza, sem ruído e sempre na mesma direção. Não pertenciam ao mundo dos coelhos.

"Ó Frith", pensou Avelreira, voltando a cabeça, por um instante, no rumo do esplendor a oeste, "estais nos enviando para viver entre as nuvens? Se em verdade fostes sincero com Cinco-Folhas, ajudai-me então a confiar nele." Neste momento, viu Dente-de-Leão, que se adiantara, agachar-se num formigueiro, quase contra o céu. Alarmado, disparou para lá.

— Dente-de-Leão, desça já daí! — disse. — Por que se sentou tão no alto?

— Porque daqui posso ver — replicou Dente-de-Leão, com uma espécie de alegria entusiasmada. — Venha e olhe também! Você pode ver o mundo inteiro.

Avelreira subiu. Havia outro formigueiro ao lado e ele imitou Dente-de-Leão, sentando-se ereto nas pernas traseiras e olhando em volta. Percebeu que estavam quase ao nível do chão. Na verdade, o declive era dos mais suaves, pelo menos ao longo da linha por onde tinham subido; mas ele, preocupado com a idéia de perigo no espaço aberto, não observara a mudança. Estavam no alto da escarpa. Postados acima do capim, podiam ver longe, em todas as direções. As cercanias estavam desertas. Se alguma coisa se movesse, poderiam vê-la imediatamente; e onde o capim findava, o céu começava. Um homem, um raposa — até mesmo um coelho — subindo pelo precipício seria visível no mesmo instante. Cinco-Folhas tivera razão. Ali em cima, perceberiam de imediato qualquer aproximação.

O vento varreu-lhes o pêlo e enfunou o capim, que cheirava a tomilho e erva-férrea. A solitude parecia uma libertação e uma bênção. A altura, o céu e a distância subiram-lhes a cabeça, e eles pularam em meio ao crepúsculo. — Ó Frith das colinas! — gritou Dente-de-Leão. — Fie preparou isto para nosso gozo!

— Fie deve ter feito isto, sim, mas Cinco-Folhas pensou neste lugar para nós — respondeu Avelreira. — Esperem só até ele chegar! Trevo de Cinco-Folhas!

— Onde está Bico de Falcão? — perguntou Dente-de-Leão, de repente.

Conquanto a luz ainda fosse clara, Bico de Falcão não estava à vista, em qualquer lugar dos arredores. Depois de olhar fixamente, correram até um montículo adiante e olharam de novo. Mas nada viram, exceto um rato silvestre, que saía de sua toca e começava a roer num trecho de ervas com sementes.

— Deve ter descido — disse Dente-de-Leão.

— Bem, se desceu ou não — disse Avelreira —, não podemos sair à sua procura. Os outros estão à espera e talvez em perigo. Vamos logo.

— Que vergonha perdê-lo mal chegamos às colinas de Cinco-Folhas sem maiores peripécias — disse Dente-de-Leão. — Ele é mesmo um pateta; não devíamos tê-lo trazido. Mas, como puderam pegá-lo, se não avistamos bicho algum?

— Não, ele voltou, com certeza — disse Avelreira. — Nem quero pensar no que Manda-Chuva vai dizer-lhe. Faço votos que não o morda outra vez. Melhor descer logo.

— Vai trazer o bando esta noite? — perguntou Dente-de-Leão.

— Não sei — disse Avelreira. — O problema é este: onde encontrar refúgio?

Refizeram o caminho pela encosta abrupta. A luz começava a desmaiar. Orientavam-se por uma moita de árvores desfolhadas por onde haviam passado na subida. As árvores formavam uma espécie de oásis seco — um "pequeno ponto saliente, comum nas encostas. Meia dúzia de espinheiros e dois ou três sabugueiros cresciam juntos, acima e abaixo de um barranco. Entre eles, o terreno expunha-se e a greda nua mostrava um branco pálido e sujo sob as flores brancas e coloridas dos sabugueiros. Ao se aproximarem, viram, de súbito, Bico de Falcão sentado entre os troncos dos espinheiros, limpando a cara com as patas.

— Estávamos à sua procura — disse Aveleira. — Onde diabo se meteu?

— Desculpe, Aveleira — respondeu Bico de Falcão com humildade. — Estive examinando estes buracos. Acho que podem nos servir.

No barranco mais baixo, atrás dele, havia três tocas de coelhos. E mais duas, rasas, no chão, entre as raízes grossas e torcidas. Não viram pegadas nem excrementos. Os buracos estavam visivelmente abandonados.

— Você desceu às tocas? — perguntou Aveleira, farejando ao redor.

— Desci, sim — disse Bico de Falcão. — A três, apenas. São rasas e um tanto incômodas, mas não há cheiro de morte ou de doença. Parecem em condições. Acho que podem nos acolher... por enquanto, naturalmente.

Ao crepúsculo, um andorinhão voou gritando bem por cima de suas cabeças, e Aveleira voltou-se para Dente-de-Leão.

— Ótimo! ótimo! Vá lá embaixo buscá-los.

Coubera, assim, a um dos soldados rasos fazer uma descoberta afortunada, que os levou afinal ao despenhadeiro; e provavelmente salvou a vida de um ou dois, pois lhes seria difícil passar a noite no descampado, ali ou mais embaixo, sem serem atacados por um ou outro inimigo.

19. Medo no Escuro

"Quem está no cômodo próximo ? Quem ?

Uma lívida figura

Com uma mensagem de cobrança?

Vou conhecê-la agora?"

"Sim, ela mesma. Trouxe a mensagem. E irás vê-la já."

Thomas Hardy, *Who's in the Next Room?*

Os buracos eram realmente desconfortáveis — "dignos de um bando de vagabundos ¹⁹¹ como nós", dissera Manda-Chuva — mas quem está exausto e quem vagueia por terra estranha não reclama do alojamento encontrado. Pelo menos, havia espaço para doze coelhos e os buracos estavam secos. Dois túneis — os que ficavam entre raízes de espinheiros — conduziam a buracos escavados rente à superfície coberta de greda. Coelhos não alisam os lugares onde dormem, e um chão duro, quase pedregoso, é desconfortável para os que não estão habituados a tal. Os buracos naquela ribanceira, contudo, tinham túneis na convencional forma de arco, que avançavam até perto da greda, na superfície, e depois se desviavam para formar outras tocas com chão de terra batida. Não havia conexão, mas os coelhos estavam muito fatigados para cuidar disso. Dormiram quatro em cada toca, aconchegados e em segurança. Aveleira permaneceu desperto por algum tempo, sugando a perna de Espinheiro Cerval, que estava rígida e arranhada. Assegurou-se de que não havia cheiro de infecção, mas o que sabia a respeito de ratos aconselhou-o a dar um bom descanso a Espinheiro Cerval e afastá-lo das tarefas mais pesadas, até sentir-se refeito. "É o terceiro que se fere. Ainda assim, as coisas podiam ser bem piores", pensou, prestes a adormecer.

A curta noite de junho passou em poucas horas. A luz retornou cedo à encosta, mas os coelhos não se mexeram. Muito depois da aurora ainda dormiam, tranqüilos, num silêncio mais profundo do que jamais haviam tido. Hoje em dia, entre os campos e os bosques, o nível de ruído durante o dia é alto — demasiado alto para que algumas espécies de animais o possam tolerar. Poucos estão preservados do ruído humano — automóveis, ônibus, motocicletas, tratores, caminhões. O som de uma casa campestre, pela manhã, é audível a longa distância. Pessoas que gravam cantos de pássaros geralmente o fazem muito cedo — antes das seis horas —, quando podem. Pouco depois dessa hora, a invasão dos ruídos distantes, na maior parte dos bosques, torna-se insistente e altíssima. Durante os últimos cinquenta anos, o silêncio de grande parte do campo tem sido destruído. Mas ali, em Watership Down, ouviam-se somente débeis sinais do ruído de um dia ensolarado embaixo da escarpa.

O sol estava alto, embora não tão alto quanto o despenhadeiro, quando Aveleira acordou. Em sua companhia, na toca, estavam Espinheiro Cerval, Cinco-Folhas e Panelinha de Barro. Ele foi o mais próximo da boca do buraco e não os despertou ao esgueirar-se pelo túnel. Do lado de fora, parou para fazer *hraka* e depois andou aos saltos, através dos troncos de espinheiros até o capim aberto. Embaixo, a região estava coberta pela névoa das primeiras horas da manhã, que principiava, no entanto, a dissipar-se. Aqui e ali, à distância, viam-se as formas de árvores e telhados, das quais tiras de névoas emergiam,

quais ondas que se quebram nos rochedos e retrocedem. O céu não tinha nuvens e era de um azul profundo, tendendo a malva ao longo de toda a curva do horizonte. O vento cessara e as aranhas já excursionavam pela erva. Seria um dia quente.

Aveleira perambulou à maneira usual de um coelho que se alimenta : cinco ou seis pulos vagarosos e balouçantes pela grama; uma pausa para olhar cm volta, para sentar-se com as orelhas empinadas; em seguida, morder a erva durante algum tempo e avançar, depois, mais uns metros. Pela primeira vez em muitos dias sentia-se descontraído e seguro. Começou a pensar se teriam muita coisa a aprender acerca de seu novo lar.

"Cinco-Folhas tinha razão", pensou. "Este é o lugar que nos convém. Mas teremos de nos habituar. Quanto menos erros cometermos, tanto melhor. Só queria saber o que aconteceu aos coelhos que fizeram esses buracos aí. Pararam de correr ou apenas mudaram de pouso? Se ao menos os encontrássemos, poderíamos saber uma porção de coisas."

Nesse momento, viu um coelho sair um pouco hesitante do buraco mais afastado. Era Amora-Preta. Também ele fez *hraka*, esfregou-se e depois saltou para a plena luz do sol, alisando as orelhas. Quando começava a comer, Aveleira aproximou-se e caiu-lhe em cima, mordendo touceiras de erva e acompanhando o amigo segundo lhe dava no capricho. Chegaram, assim, a um trecho de campânulas, com um azul tão profundo quanto o do céu, cujas hastes compridas irrompiam através da erva, e que a cada minuto abriam as duas pétalas superiores, como se fossem asas. Amora-Preta cheirou-a, mas as folhas eram ásperas e inapetecíveis.

— Você conhece? — perguntou.

— Não, não conheço — disse Aveleira. — Nunca vi esta planta.

— Há muitas coisas que não conhecemos — disse Amora-Preta. — Quero dizer, sobre este lugar. As plantas são novas, os cheiros são novos. Precisamos formular idéias novas.

— Bem, você é o coelho das idéias — disse Aveleira. — Só sei das coisas quando você me diz.

— Mas, antes, você vai em frente e assume os riscos — respondeu Amora-Preta. — Somos testemunhas. Agora, a jornada findou, não é? O lugar aqui é tão seguro quanto Cinco-Folhas dissera. Nenhum bicho pode se aproximar sem que saibamos. Isto é, até onde podemos cheirar, ver e ouvir.

— Somos especialistas nisso.

— Não quando dormimos. E também não podemos ver no escuro.

— A noite tem de ser escura — disse Aveleira —, e os coelhos precisam dormir.

— No descampado?

— Bem, podemos utilizar essas tocas, se quisermos, mas acho que a maioria dormirá fora. Antes de mais nada, seria esperar muito que uma porção de coelhos machos se ponha a cavar. Fazem um buraco, ou dois, perto do chão — iguais àqueles que cavamos depois de atravessar o capinzal —, e não passam disso.

— Sobre isto mesmo é que andei pensando — disse Amora-Preta. — Aqueles coelhos que abandonamos — Prímula e o resto — faziam muitas coisas que não pareciam naturais aos coelhos: fincar pedras na parede, transportar comida e sabe Frith mais o quê.

— A alface do Threarah era carregada para a toca, não esqueça.

— Exatamente. Olhe, se eles alteraram os hábitos dos coelhos, é porque se julgaram em condições de os aperfeiçoar. E se fizeram isso, também podemos imitá-los. Você diz que coelhos machos não cavam

tocas. É verdade. Mas cavariam, se quisessem. E se tivéssemos tocas profundas, confortáveis, onde dormir? Abrigados do mau tempo, embaixo da noite? Nesse caso, *estaríamos* em segurança. Nada nos impede, exceto o princípio segundo o qual coelhos machos não cavam. Não cavam porque não querem. Apenas isso.

— Qual a sua idéia, então? — perguntou Aveleira, meio interessado e meio relutante. — Quer que transformemos esses buracos numa coelheira razoável?

— Não, esses buracos não servem. É fácil ver por que foram abandonados. Basta subir um pouco para chegar-se aqui, a este material duro e branco que ninguém pode cavar direito. Deve ser terrivelmente frio no inverno. Mas há um bosque logo atrás do topo da colina. Dei uma espiada, ontem à noite, quando chegamos. E se agora fôssemos lá, você e eu, para um bom reconhecimento?

Subiram a encosta até o cimo. A linha de samambaias estendia-se para sudeste, no lado extremo de uma trilha gramada que acompanhava a encosta.

— Ah existem árvores grandes — disse Amora-Preta. — As raízes devem ter partido e afrouxado a terra bem fundo. Poderíamos cavar tocas e nos sentir tão confortáveis quanto na velha coelheira. Mas, se Manda-Chuva e os outros não quiserem cavar, ou disserem que não podem... bem, o terreno aqui está limpo. Solitário e seguro, como vê. Apenas, quando o mau tempo chegar, teremos de sair das colinas em busca de proteção.

— Nunca me passou pela cabeça a idéia de forçar um bando de machos a cavar tocas perfeitas — disse Aveleira, em dúvida, ao retornarem pela encosta. — Coelhinhos é que precisam de buracos. Os buracos seriam indispensáveis para nós?

— Somos de uma coelheira cavada por nossas mães antes de nascermos — disse Amora-Preta. — Habitamo-nos a tocas e, no entanto, nenhum de nós jamais ajudou a cavar uma. Sempre que aparece uma nova toca, quem a cavou? Uma fêmea. Estou certo que, se não mudarmos de hábitos a esse respeito, não teremos condições de aqui permanecer por muito tempo. Algures, talvez, mas não aqui.

— Vai ser uma mão-de-obra e tanto.

— Olha, aí vem Manda-Chuva com alguns companheiros. Por que não expor-lhes a questão e ver o que dizem?

Durante o *silflay*, contudo, Aveleira só mencionou a idéia de Amora-Preta a Cinco-Folhas. Mais tarde, quando a maioria dos coelhos terminara de comer e brincava na relva ou deitava-se ao sol, sugeriu que fossem ao despenhadeiro. — Só para ver como é o bosque ali. — Manda-Chuva e Prata concordaram imediatamente e, por fim, ninguém quis ficar atrás.

Era diferente das capoeiras que haviam deixado nas campinas: uma cinta estreita de árvores, com uma extensão de uns quatrocentos metros, mas cuja largura mal chegava aos cinquenta; uma espécie de quebra-ventos comum nas regiões alcantiladas. Consistia quase inteiramente de samambaias bem desenvolvidas. Os troncos grossos e lisos erguiam-se, imóveis, emoldurados em sua verde sombra, os ramos espalhando-se horizontalmente, um após o outro, em fileiras aneladas, levemente mosqueadas. Entre as árvores, o chão expunha-se, mal oferecendo cobertura. Os coelhos ficaram perplexos. Não entendiam por que o bosque era tão rarefeito e calmo, e por que podiam avistar à distância, por entre as árvores. O contínuo e suave farfalhar das folhas de samambaia de forma alguma assemelhava-se aos sons ouvidos num bosque de nogueiras, carvalhos e bétulas.

Movendo-se com hesitação para dentro e para fora do bosque, chegaram à sua extremidade setentrional. Ali, havia uma ribanceira, da qual perscrutaram as extensões desertas de relvas, mais além. Cinco-Folhas, absurdamente pequeno ao lado do robusto Mandachuva, virou-se para Aveleira com um ar

de confiança feliz.

— Amora-Preta tem razão, Aveleira — disse ele. — Devemos envidar esforços para fazer algumas tocas. Estou pronto a tentar.

Os outros foram tomados pelo desalento. Panelinha de Barro, no entanto, juntou-se prontamente a Aveleira, ao pé do barranco, e dentro em pouco dois ou três começavam a arranhar o chão mole. Cavar era fácil e embora interrompesse o trabalho para comer, ou simplesmente para agachar-se ao sol, antes do meio-dia Aveleira desaparecia de vista, cavando um túnel entre as raízes das árvores.

A mata, por estar na encosta, tinha pouco ou nenhum subsolo, mas, pelo menos, os ramos formavam uma alfombra, encobrendo o céu; e os francelhos, pensaram os coelhos, eram comuns cm tais paragens solitárias. Embora os francelhos raramente ataquem um bicho maior que um rato, às vezes precipitam-se sobre coelhos pequenos. Por isso, certamente, é que a maioria dos coelhos crescidos não permanece visível sob um francelho a voar. Não tardou muito e Bolota localizou um, que voava procedente do sul. Pulou e escondeu-se entre as árvores, acompanhado pelos outros coelhos que estavam a descoberto. Pouco depois de saírem e retomar a escavação, viram outro — ou talvez o mesmo — voando a certa distância, sobre os campos que haviam cruzado na manhã anterior. Aveleira colocou Espinheiro Cerval como sentinela, enquanto o trabalho do dia prosseguia, e duas vezes mais, durante a tarde, o alarma foi dado. Ao cair da noite, foram inquietados por um homem a cavalo que passava pela trilha da encosta, na direção norte do bosque. Afora isso, nada mais viram maior que um pombo.

Depois que o cavaleiro virou no rumo do sul, perto do cume de Watership, e desapareceu à distância, Aveleira retornou à fímbria do bosque e olhou para o norte, buscando os campos luminosos e calmos e a sombria estrutura da torre emergindo ao norte de Kingsclere. O ar estava mais frio e o sol começava, uma vez mais, a atingir a escarpa setentrional.

— Creio que já trabalhamos bastante — disse ele. — Chega por hoje. Eu gostaria de descer ao fundo da colina e encontrar umas ervas realmente gostosas. A erva aqui em cima serve, mas é um tanto fina e dura. Alguém quer ir comigo?

Manda-Chuva, Dente-de-Leão e Verônica prontificaram-se, mas os outros preferiram caminhar, pastando, na direção dos espinheiros, e descer à toca assim que o sol desaparecesse. Manda-Chuva e Aveleira seguiram o percurso que oferecia maior cobertura e, com os outros a acompanhá-los, percorreram os quatrocentos metros até o sopé da elevação. Não encontraram problemas, e dentro em pouco comiam no relvado à margem do campo de trigo, formando um quadro perfeito de coelhos numa paisagem crepuscular. Aveleira, cansado como estava, não esqueceu de destacar alguém como sentinela, para o caso de alarma. listava muito feliz por se encontrar num velho, curto e bem cultivado rego, parcialmente afundado e tão emaranhado em cima por cicutárias e urtigas, que parecia oferecer o abrigo de um túnel; os quatro coelhos asseguraram-se, antes, de que poderiam atingi-lo rapidamente, a partir do descampado em que estavam.

— Vem a calhar para um caso de emergência — disse Manda-Chuva, mastigando trevo e cheirando todas as flores tombadas de uma árvore. — Puxa vida, temos aprendido uma porção de coisas desde que deixamos a velha coelheira, ahn? Mais do que aprendemos a vida inteira lá. Até cavar! Acho que era só o que faltava. Já observaram que este solo é bem diferente do solo da velha coelheira? Cheira de outra forma e também se esfarinha e cai de outro jeito.

— Isso me faz lembrar uma coisa que sempre quis perguntar a você — disse Aveleira. — Havia algo naquela medonha coelheira de Prímula que eu admirava acima de tudo — a grande toca. Gostaria de imitá-la. É uma bela idéia ter um lugar embaixo do chão onde todos possam caber, para contar histórias e assim por diante. Que pensa? Seria possível?

Manda-Chuva pensou. — Sei aonde quer chegar — disse. — Se o buraco for muito grande, o teto começa a desabar. Assim, se quisermos ter um lugar como aquele, precisaríamos de alguma coisa para escorá-lo. Como foi que Prímula se arranhou?

— Com raízes de árvores.

— Bem, há raízes onde estávamos cavando. Mas seriam apropriadas?

— Melhor consultar Morango a respeito da grande toca. Mas talvez não saiba muita coisa. Tenho certeza que ainda não vivia quando ela foi cavada:

— E talvez não esteja morto quando ela desabar. O *tharn* daquela coelheira é semelhante ao de uma coruja à luz do dia. Ele teve a sabedoria de abandoná-la quando pôde.

O crepúsculo tombara sobre o trigal, e embora compridos raios vermelhos ainda acendessem o cume da serra, o sol já se pusera atrás. A sombra desigual do paredão desmaiara e desaparecera. Havia um odor fresco de orvalho e escuridão que se aproximavam. Um besouro passou zumbindo. Os gafanhotos haviam silenciado.

— É hora das corujas — disse Manda-Chuva. — Vamos voltar para cima.

Nesse momento, do campo imerso na escuridão veio o som de uma pisada no solo. Foi seguida por outra, mais próxima dos coelhos, e estes colheram o lampejo de uma cauda branca. Ambos correram imediatamente para a vala. Agora que se viam forçados a utilizá-la numa emergência, achavam-na mais estreita do que haviam imaginado. Mal encontraram espaço para sair na extremidade oposta, e ao fazerem isso, Verônica e Dente-de-Leão precipitaram-se atrás.

— Que foi? — perguntou Aveleira. — Que ouviu?

— Alguma coisa aproxima-se da cerca — respondeu Verônica. — Um animal. Faz muito ruído.

— Você o viu?

— Não, e também não pude cheirá-lo. Está contra o vento. Mas eu o ouvi muito bem.

— Eu também — disse Dente-de-Leão. — Alguma coisa muito grande... tão grande quanto um coelho... e que anda com desembaraço, embora procure ocultar-se, segundo me pareceu.

— Homba?

— Não, *isto* teríamos farejado — disse Manda-Chuva —, com ou sem vento a favor. Pelo que vocês dizem parece um gato. Faço votos que não seja um arminho. *Hoi, foi, u embleer hrair!* Que contratempo! Melhor a gente se agachar agora. E se preparar para sair correndo, se nos localizar.

Esperaram. A escuridão adensou-se. Somente uma luz fraquíssima penetrava pela entrançada erva de verão acima deles. A extremidade oposta do fosso estava tão emaranhada de verdura que não podiam enxergar além, mas o lugar onde haviam penetrado revelava um pedaço de céu — um arco de intenso azul. À medida que o tempo corria, uma estrela tremeluziu entre a vegetação suspensa. Parecia pulsar num ritmo tão fraco e desigual como o do vento. Afinal, Aveleira dela afastou os olhos.

— Bem, podemos cochilar um pouco aqui — disse. — A noite não está fria. Qualquer que seja o bicho, acho melhor a gente não se arriscar a sair.

— Escutem — disse Dente-de-Leão. — Que é aquilo?

Por um momento, Aveleira nada conseguiu ouvir. Então, recolheu um distante mas nítido som — uma espécie de lamúria ou choro, ondulante e intermitente. Conquanto não soasse como uma espécie de chamado de caça, era tão desnatural que o encheu de medo. O lamento cessou logo.

— Pelo nome de Frith, que coisa fará um ruído desses? — disse Manda-Chuva, com a grande dobra de pele escoriada entre as orelhas.

— Um gato? — disse Verônica, de olhos esgazeados.

— Não se trata de gato! — disse Manda-Chuva, com os beiços arreganhados numa careta desagradável, rígida. — Nada de gato! Não percebe o que é? Sua mãe... — Interrompeu-se. Em seguida, disse bem devagar: — Sua mãe disse-lhe, não se recorda?

— Não! — gritou Dente-de-Leão. — Não! Deve ser um pássaro ... um rato... ferido...

Manda-Chuva levantou-se. Tinha o dorso arqueado e a cabeça oscilava sobre o pescoço esticado.

— O Coelho Preto de Inlé — cochichou. — Que outra coisa... num lugar como este?

— Não fale nisso! — disse Aveleira. Sentia-se a tremer, e esticou as pernas contra os lados da estreita abertura.

De repente, o ruído soou outra vez, mais próximo; e agora não podia haver engano. O que ouviram foi a voz de um coelho, mas tão mudada que o reconhecimento se tornava difícil. Teria vindo dos frios espaços do escuro céu lá fora, tão espectral e desolado era o som. A princípio, apenas um lamento. Depois, distinto e além de qualquer possibilidade de erro, ouviram — todos eles — palavras.

— *Zorn! Zorn!* ^[10] — gritou a voz terrível e aguda. — Todos mortos! *ó zorn!*

Dente-de-Leão soluçou. Manda-Chuva arrastava os pés no chão.

— Fique quieto! — disse Aveleira. — E pare de atirar terra em cima de mim! Quero ouvir.

Naquele instante, muito distintamente, a voz gritou: — Thlayli! Ó Thlayli!

Com isso, os quatro coelhos sentiram-se tomados por um transe de verdadeiro pânico. Ficaram rígidos. Então Manda-Chuva, com os olhos arregalados, esgazeados, começou a andar aos saltos pela vala, na direção da abertura. — Temos de ir — murmurou, em voz tão trespassada de emoção que Aveleira mal pôde distinguir as palavras. — Temos de ir quando ele chama.

Aveleira, de tão assustado, já não conseguia controlar as idéias. Tal como acontecera à margem do rio, os arredores tornaram-se irrealis e vaporosos como um sonho. Quem — ou o quê — chamava Manda-Chuva pelo nome? De que forma uma criatura viva, naquele lugar, conhecia-lhe o nome? Somente uma idéia acudiu-lhe: Manda-Chuva teria de ser impedido de sair, a bem de sua segurança. Alcançou-o, cambaleante, e o apertou contra o lado do fosso.

— Fique onde está — disse Aveleira, arquejando. — Seja o que for esse coelho, eu vou vê-lo sozinho. — Então, com as pernas bambas, forçou-se a sair para o descampado.

Durante alguns momentos, só pôde ver pouca coisa ou nada; mas os odores de orvalho e de flores de há muito desabrochadas eram familiares e seu nariz roçou as lâminas frias do capim. Sentou-se e olhou em volta. Não havia criatura alguma nas proximidades.

— Quem está aí? — disse.

Silêncio. Estava em vias de falar de novo quando a voz replicou: — *Zorn! Ó zorn!*

Vinha da cerca ao longo do campo. Aveleira virou-se na direção do som e dentro em pouco esboçou-se, sob uma moita de cicuta, a silhueta de um coelho corcovado. Aveleira aproximou-se e disse: — Quem é você? — Mas não houve resposta. Enquanto hesitava, ouviu movimento atrás.

— Sou eu, Aveleira — disse Dente-de-Leão, respirando com dificuldade.

Juntos, aproximaram-se ainda mais. A figura não se moveu. À débil luz das estrelas, viram um coelho tão real quanto eles próprios: um coelho nos últimos limites da exaustão, as pernas traseiras pendendo sob a anca achatada, como se paralisadas; um coelho que olhava esgazeado, mostrando o branco dos olhos, de um lado para outro, parecendo não ver nada, e no entanto ainda encontrando meios de vencer o medo, para depois lambe mecanicamente uma orelha escoriada e sangrenta que lhe pendia ao lado da cara; um coelho que, de súbito, gritou e gemeu, como se convocasse os Mil a saírem de todas as partes da terra para livrá-lo de uma miséria incapaz de suportar.

Era o Capitão Azevim, do Owsla de Sandleford.

20. Um Favo de Mel e um Rato

Trazia no rosto as marcas da longa jornada.

The Epic of Gilgamesh

Na coelheira de Sandleford, Azevim fora um coelho notável. Merecia confiança do Threarah e, cm mais de uma oportunidade, executara missões difíceis com grande dose de coragem. Durante o início da primavera, quando uma raposa entrara numa capoeira próxima, Azevim, com dois ou três voluntários, mantivera-a sob estrita observação, durante vários dias, relatando todos os seus movimentos, até que, uma manhã, ela partiu tão subitamente quanto chegara. Embora houvesse decidido por sua própria iniciativa prender Manda-Chuva, não tinha fama de ser vingativo. Era, ao contrário, a noção do dever que o fazia agir. Sendo, assim, consciencioso, o que não se ajustava muito bem ao espírito travesso dos coelhos, parecia destinado a postos secundários de comando. Impossível, pois, tentar persuadi-lo a deixar a coelheira com Aveleira e Cinco-Folhas. Encontrá-lo, portanto, em Watership Down, era uma grande surpresa. E encontrá-lo em tais condições parecia, de fato, incrível.

Nos primeiros instantes que se seguiram ao reconhecimento da miserável criatura embaixo da cicuta, Aveleira e Dente-de-Leão ficaram completamente estupefatos, como se houvessem dado com tocas subterrâneas de esquilos ou com um regato que subisse pela colina. Não confiavam em seus sentidos. A voz na escuridão não tinha, de forma alguma, origem sobrenatural, mas a realidade era bastante assustadora. Como admitir o Capitão Azevim ali, ao pé do morro? E o que o teria reduzido — logo a ele, entre todos os coelhos — a semelhante estado?

Aveleira adiantou-se. À margem de qualquer explicação, havia a necessidade urgente de enfrentar as coisas com realismo. Encontravam-se em área descampada, à noite, longe de qualquer refúgio, a não ser um fosso coberto de vegetação, e com um coelho que cheirava a sangue, choramingava descontroladamente e parecia não poder mover-se. Um arminho podia estar nas suas pegadas. Se estavam decididos a ajudá-lo, melhor, então, agir com rapidez.

— Vá e diga a Manda-Chuva quem é — disse Aveleira a Dente-de-Leão. — E volte com ele. Mande Verônica ao alto da colina, para evitar que os outros desçam. Sua presença aqui não adiantaria nada, aumentando apenas os riscos.

Dente-de-Leão mal se afastara quando Aveleira deu-se conta de que outra coisa movia-se na cerca. Mas não teve tempo de imaginar o que poderia ser pois, quase de imediato, outro coelho apareceu e coxeou até o lugar onde Azevim estava arriado.

— Ajude-nos, se puder — disse a Aveleira. — Passamos maus bocados e meu senhor está doente. Existe por aqui uma toca onde nos ocultar?

Aveleira reconheceu-o como um dos coelhos que tentaram prender Manda-Chuva, mas não lhe sabia o nome.

— Por que ficou na cerca e deixou-o arrastar-se para a clareira? — perguntou.

— Fugi quando ouvi vocês chegarem — replicou o outro coelho.

— Não pude arrastar o capitão. Pensei que fossem *elil* e não adiantava ficar aqui e ser morto.

Faltavam-me condições para lutar até contra um rato silvestre.

— Você me conhece? — disse Azevira. Mas antes que o outro pudesse responder, Dente-de-Leão e Manda-Chuva saíram da escuridão. Manda-Chuva encarou Azevim por um momento e depois agachou-se à sua frente e tocaram-se com os narizes.

— Azevim, é Thlayli — disse. — Você me chamou. Azevim não respondeu, limitando-se a devolver-lhe o olhar fixo.

Manda-Chuva ergueu os olhos. — Quem é este que veio com ele? — disse. — Ah, é você, Campainha. Quem são os outros?

— Não há mais ninguém — disse Campainha. Estava em vias de prosseguir quando Azevim falou.

— Thlayli — disse. — Então *nós* os encontramos. Sentou-se com dificuldade e fitou-os.

— Você é Azevira, não é? E este aí... Oh, eu devia saber, mas estou mesmo pior do que pensava.

— É Dente-de-Leão — disse Azevira. — Escute... pelo que vejo, estão exaustos, mas não podemos ficar aqui. Estamos em perigo. Pode nos acompanhar às nossas tocas?

— Capitão — disse Campainha —, sabe o que a primeira folha de grama disse à segunda folha de grama?

Azevira olhou-o de forma penetrante, mas Azevim replicou: — Sim?

— Ela disse: "Olhe, é um coelho! Estamos em perigo!"

— Não temos tempo... — começou Azevira.

— Não o interrompa — disse Azevim. — Não estaríamos aqui sem a sua lábia. Sim, posso ir agora. É longe?

— Não muito longe — disse Azevira, pensando que Azevim provavelmente jamais chegaria lá.

Levaram muito tempo a subir a encosta. Azevira separou-os, ficando com Azevim e Campainha, enquanto Manda-Chuva e Dente-de-Leão formavam outro grupo. Azevim foi forçado a parar várias vezes e Azevira, cheio de medo, encontrou dificuldades para conter sua impaciência. Somente quando a lua começou a subir no céu — a fímbria de seu grande disco tornando-se cada vez mais brilhante no horizonte, embaixo e atrás deles — conseguiu, afinal, fazer com que Azevim se apressasse. Ao falar, viu, à luz branca, Panelinha de Barro descendo ao seu encontro.

— Que está fazendo aqui? — perguntou com maus modos. — Eu disse a Verônica que ninguém devia descer.

— Não é culpa de Verônica — disse Panelinha. — Você ficou ao meu lado no rio, por isso pensei em vir cuidar de você, Azevira. De qualquer forma, os buracos estão logo ali. Vocês encontraram mesmo o Capitão Azevim?

Manda-Chuva e Dente-de-Leão aproximaram-se.

— Tenho uma sugestão — disse Manda-Chuva. — Estes dois precisam descansar muito tempo. E se Panelinha de Barro e Dente-de-Leão levarem-nos a um buraco vazio e ficarem com eles pelo tempo necessário? Nós outros manteríamos distância, até se sentirem refeitos.

— Sim, é o melhor — disse Azevira. — Subirei com você.

Percorrem a curta distância até os espinheiros. Todos os outros coelhos estavam à superfície, à espera, trocando cochichos.

— Calem-se — disse Manda-Chuva, antes que alguém fizesse uma pergunta. — Sim, é Azevim, e Campainha está em sua companhia. Ninguém mais. Encontram-se estropiados e não devem ser incomodados. Vamos dar-lhes este buraco vazio. Agora, vou descer, e o mesmo farão vocês todos, se tiverem juízo.

Mas, antes de sair, Manda-Chuva virou-se para Aveleira e disse: — Você saiu daquele fosso em meu lugar, Aveleira. Não esquecerei.

Aveleira lembrou-se da perna de Espinheiro Cerval e levou-o. Verônica e Prata o acompanharam.

— Mas o que aconteceu, Aveleira? — perguntou Prata. — Com certeza, foi coisa muito má. Azevim jamais abandonaria o Threarah.

— Não sei — replicou Aveleira —, e ninguém sabe por enquanto. Teremos de esperar até amanhã. Azevim talvez pare de correr, mas não creio que Campainha morra também. Agora, deixe-me cuidar da perna de Espinheiro Cerval.

A ferida estava muito melhor e dentro em pouco Aveleira caía no sono.

O dia amanheceu quente e sem nuvens, como o anterior. Nem Panelinha nem Dente-de-Leão faziam o *silflay* matinal; e Aveleira, implacável, levou os outros às moitas de samambaias, para prosseguir na escavação. Interrogou Morango acerca da grande toca e aprendeu que o teto, além de arqueado com fibras entrançadas, era escorado por raízes que penetravam verticalmente no chão. Aveleira não observara essas raízes.

— Não são muitas, mas desempenham papel importante — disse Morango. — Sustentam uma boa parte do peso. Se não fossem as raízes, o teto desabaria a cada chuva mais pesada. Nas noites tempestuosas, podia-se sentir o peso extra em cima da terra, mas não havia perigo.

Aveleira e Manda-Chuva desceram à toca com Morango. Os primórdios da nova coelheira tinham sido cavados entre as raízes de uma das samambaias. Por enquanto, não passava' de uma caverna pequena e irregular, com uma só entrada. Puseram-se ao trabalho para alargá-la, cavando entre as raízes e avançando para a superfície, a fim de fazer um segundo corredor que emergisse dentro do bosque. Passado algum tempo, Morango parou de cavar e começou a andar entre as raízes, farejando, mordendo, batendo no solo com as patas dianteiras. Aveleira supôs que estivesse cansado e fingisse ocupação enquanto descansava um pouco, mas por fim, Morango voltou e disse ter algumas sugestões.

— Temos de cavar por aqui — explicou. — Não há um bom entrançado de raízes fortes em cima. A grande toca teve essa sorte, mas não creio que a situação se reproduza aqui. De qualquer forma, podemos nos arranjar com o que temos.

— E o que temos? — perguntou Amora-Preta, que descera pelo buraco enquanto Morango falava.

— Bem, temos várias raízes grossas que afundam a prumo na terra... em maior número do que havia na grande toca. O melhor é cavar ao redor e deixá-las como esteios. Não devem ser roídas e removidas. Precisamos delas para um salão de bom tamanho.

— Então nosso salão será cheio de raízes grossas, verticais? — perguntou Aveleira. Sentia-se desapontado.

— Sim, será — disse Morango. — Mas não acho incômodo. Podemos ir e vir entre as raízes e elas não ocultarão quem estiver falando ou contando uma história. Além disso, tornarão o lugar mais quente e conduzirão o som da superfície, o que poderá ser útil em determinadas ocasiões.

A escavação do salão (que veio a ser chamado por eles de Favo de Mel) transformou-se em verdadeiro triunfo para Morango. Aveleira satisfez-se em organizar as equipes e deixou a Morango a

orientação do trabalho. O trabalho foi feito por turmas e os coelhos estabeleciam rodízios para comer, brincar e deitar ao sol, na superfície. Durante o dia, a solidude não era quebrada por barulhos, homens, tratores ou até mesmo pelos rebanhos de gado, e eles começaram a sentir-se mais calmos, graças à intuição de Cinco-Folhas. No fim da tarde a grande toca começava a tomar forma. No canto ao norte, as raízes de samambaias formavam uma espécie de colunata irregular. Isto deu lugar a um espaço central mais amplo; e adiante, onde não havia raízes de apoio, Morango deixou bloco de terra não removida, de forma que o canto ao sul consistia de três ou quatro pilares separados. Daí partiam corredores baixos, estreitos, na direção das tocas de dormir.

Aveleira, mais satisfeito agora ao ver como a obra marchava, estava sentado com Prata na boca do corredor quando, de súbito, houve gritos de "Falcão! Falcão!", e uma correria em busca de refúgio por parte dos coelhos na superfície. Aveleira, em segurança onde se encontrava, olhou, além da sombra do bosque, para a clareira ensolarada coberta de grama. O francelho entrou-lhe no campo de visão e preparou-se, com as bordas de sua cauda manchadas de preto inclinando-se para baixo e as asas em ponta batendo rapidamente, enquanto perscrutava o morro embaixo.

— Acredita que ele teria a *ousadia* de nos atacar? — perguntou Aveleira, observando-o baixar e recomeçar a planar suavemente. — Não lhe parece muito pequeno?

— Com certeza você tem razão — respondeu Prata. — Mesmo assim, preferia sair e alimentar-se calmamente?

— Eu gostaria de enfrentar um desses *elil* — disse Mandachuva, que chegara pelo corredor atrás. — Temos medo demais.

Mas um pássaro do ar seria terrível, especialmente se rápido. Levaria a melhor contra um coelho grande, se o pegasse de surpresa.

— Estão vendo o rato? — disse Prata, de súbito. — Ali. Pobre criaturinha.

Todos eles avistaram o rato silvestre, que se expunha num trecho de terreno relvado. Aventurara-se, certamente, muito longe de seu buraco, e agora não sabia o que fazer. A sombra do francelho ainda não passava sobre ele, mas o súbito desaparecimento dos coelhos deixara-o inquieto e o rato apertava-se ao chão, olhando, incerto, para várias direções. O francelho ainda não o avistara, mas o veria sem dúvida, mal se mexesse.

— É para já — disse Manda-Chuva, insensível.

Num impulso, Aveleira saltou para a ribanceira e caminhou um pouco na clareira relvada. Ratos não falam língua de coelho, mas existe uma *língua franca*, muito simples e limitada, das sebes e dos bosques. Aveleira empregou-a.

— Corra — disse. — Rápido.

O rato olhou-o, mas não se moveu. Aveleira falou novamente e o rato começou, de repente, a correr para ele, enquanto o francelho virava-se, em cima, e baixava lateralmente. Aveleira voltou correndo ao buraco. Olhando para trás, viu que o rato o acompanhava. Quando já havia alcançado quase o pé da ribanceira, tropeçou num galho caído, com duas ou três folhas verdes. O galho virou, uma das folhas colheu o reflexo da luz do sol através das árvores e Aveleira viu o lampejo instantâneo. Imediatamente o francelho baixou num mergulho oblíquo, de asas fechadas.

Antes que Aveleira pudesse recuar, aos saltos, da boca do buraco, o rato investiu por entre suas patas dianteiras e grudou-se ao chão, no meio de suas pernas traseiras. No mesmo instante o francelho, todo ele bico e garras, feriu a terra do lado de fora, qual míssil arremessado da árvore acima. Estremeceu

selvagemmente e, por um momento, os três coelhos viram-lhe os olhos redondos e negros penetrando no corredor. Em seguida, partiu. A velocidade e força do lançamento, e bem assim sua precisão, foram aterradores, e Aveleira saltou para trás, tirando o equilíbrio de Prata. Refizeram-se em silêncio.

— Gostaria de enfrentar aquele? — disse Prata, olhando, em volta, para Manda-Chuva. — Diga-me quando. Não quero perder o espetáculo.

— Aveleira — disse Manda-Chuva —, sei que não é nenhum tolo, mas o que lucrámos disso? Pretende por acaso proteger qualquer toupeira e musaranho que não puder enfiar-se na terra?

O rato não se mexera. Ainda estava cosido à terra, esboçado contra a luz. Aveleira pôde ver que ele o observava.

— Talvez o falcão não tenha desaparecido — disse. — Fique aqui agora. Vá mais tarde.

Manda-Chuva estava a pique de falar outra vez quando Dente-de-Leão apareceu na boca da toca. Olhou o rato, empurrou-o delicadamente para um lado e desceu pelo túnel.

— Aveleira — disse —, achei melhor vir falar-lhe acerca de Azevim. Está melhor mas passou mal a noite, e nós também. Sempre que parecia vencido pelo sono, agitava-se e chorava. Pensei que houvesse perdido o juízo. Panelinha, que conversou muito com ele — ele foi famoso — parece dar muita importância a Campainha. Campainha não cessa de fazer piadas. Azevim estava muito fatigado antes desta manhã, e o mesmo acontecia a todos nós. Melhorou, no entanto, depois de acordar esta tarde, e vai subir para *silflay*. Perguntou onde você e os outros estariam esta noite, e, como eu não sabia, vim aqui perguntar.

— Pretende conversar, então? — perguntou Manda-Chuva.

— Creio que sim. Seria o melhor para ele, se não estou enganado. Se contar com todos nós à sua volta, provavelmente não passará outra noite tão ruim.

— Bem, *onde* vamos dormir? — disse Prata.

Aveleira pensou. O Favo de Mel ainda estava inconcluso e desconfortável, mas, certamente, ofereceria tanto conforto quanto os buracos sob os espinheiros. Além disso, se o inaugurassem já, teriam maior estímulo para o aperfeiçoar. Saber que agora faziam o trabalho árduo dos velhos tempos alegrava a todos; sem dúvida preferiam isto a uma terceira noite nos buracos de greda.

— Acho que aqui — disse. — Veremos o que os outros pensam.

— Que faz o rato aqui? — perguntou Dente-de-Leão. Aveleira explicou. Dente-de-Leão ficou tão intrigado quanto

Manda-Chuva.

— Bem, confesso que não tinha uma idéia precisa quando saí para o socorrer — disse Aveleira. — Agora tenho, e explicarei depois. Antes de mais nada, Manda-Chuva e eu devemos conversar com Azevim. Escute, Dente-de-Leão: quer transmitir aos outros o que me disse, e saber o que preferem para esta noite?

Encontraram Azevim com Campainha e Panelinha de Barro, no capim perto do formigueiro onde Dente-de-Leão olhara, pela primeira vez, a encosta do morro. Azevim cheirava uma orquídea purpurina. A corola de flores cor de malva balouçou um pouco no talo quando ele apertou o nariz contra a planta.

— Não a assuste, mestre — disse Campainha. — Assim, ela voa. Antes de tudo, tem manchas para dar e vender. Olhe só nas folhas.

— Ora, Campainha, vá se lambar — respondeu Azevim de bom humor. — Precisamos conhecer o

chão aqui. Metade das plantas me são estranhas. Esta não serve para comer, mas, pelo menos, há pimpinelas de sobra, e estas convém ao paladar. — Uma mosca pousou em sua orelha ferida, ele estremeceu e sacudiu a cabeça.

Aveleira ficou satisfeito de encontrar Azevim em melhor disposição de espírito. Começou por dizer que esperava estivesse ele em condições de juntar-se ao grupo, mas Azevim interrompeu-o logo com perguntas.

— Vocês são muitos?

— *Hrair* — disse Manda-Chuva.

— Todos os que deixaram a coelheira?

— Todos — respondeu Aveleira com orgulho.

— Nenhum foi ferido?

— Sim, vários ficaram feridos, de uma ou de outra maneira.

— Na verdade, não houve contratemplos graves — disse Manda-Chuva.

— Quem é este que se aproxima? Não o conheço. Morango saiu correndo do mato e, ao se juntar ao grupo, começou a fazer a mesma dança curiosa, com a cabeça e as patas dianteiras, que eles viram, pela primeira vez, na campina sob a chuva, antes de entrar na grande toca. Depois, ficou confuso e, para evitar a repressão de Manda-Chuva, dirigiu-se a Aveleira imediatamente.

— Aveleira-rah — disse (Azevim pareceu intrigado, mas nada falou) — todos querem ficar na coelheira nova esta noite; e esperam que Capitão Azevim esteja em condições de contar-lhes o que aconteceu e como aqui chegou.

— Sim, naturalmente todos queremos saber — disse Aveleira a Azevim. — Este é Morango. Juntou-se ao nosso grupo durante a jornada e estamos contentes de tê-lo conosco. Acha que pode falar?

— Posso falar — disse Azevim. — Advirto, porém, que minha narração partirá o coração de qualquer coelho.

Ele próprio parecia tão triste e sombrio ao dizer isto que ninguém deu resposta, e após alguns instantes todos os seis coelhos voltaram à encosta, em silêncio. Quando atingiram o canto da mata encontraram os outros comendo ou aquecendo-se ao sol crepuscular, no lado setentrional das faias. Depois de lhes atirar um olhar rápido,

Azevim dirigiu-se a Prata, que comia com Cinco-Folhas numa pequena extensão de trevos.

— Que bom ver você aqui, Prata — disse. — Ouvi dizer que passou maus bocados.

— Não tem sido fácil — respondeu Prata. — Aveleira faz milagres e também devemos muito a Cinco-Folhas.

— Ouvi falar a seu respeito — disse Azevim, voltando-se para Cinco-Folhas. — Você é o coelho que previu tudo. Falou com o Threarah, não foi?

— Ele é que falou comigo — disse Cinco-Folhas.

— Se ao menos ele o tivesse ouvido! Bom, não adianta chorar agora, o que passou passou. Prata, tenho algo a dizer, e direi mais facilmente a você do que a Aveleira ou Manda-Chuva. Não pretendo causar aborrecimentos aqui... aborrecimentos para Aveleira, se me entende. Ele agora é o seu Coelho-Chefe, não resta dúvida. Mal o conheço, mas deve ser de fato bom, do contrário todos estariam mortos; além disso, o momento não se presta a disputas. Se alguém suspeitar que eu pretendo mudar as coisas,

quer dar-lhe prova, imediatamente, do contrário?

— Sim, darei — disse Prata.

Manda-Chuva aproximou-se. — Bem sei que a hora da coruja ainda não chegou — disse —, mas todo mundo está tão ansioso por ouvi-lo, Azevim, que querem descer à toca imediatamente. Isso lhe convém?

— Descer? — replicou Azevim. — Mas como poderiam ouvir-me lá embaixo? Eu pretendia falar aqui mesmo.

— Venha e veja — disse Manda-Chuva.

Azevim e Campainha ficaram impressionados com o Favo de Mel.

— Uma novidade e tanto — disse Azevim. — O que sustenta o teto?

— Não precisa ser escorado — disse Campainha. — Está preso, pela própria natureza, à encosta.

— Uma idéia que encontramos no caminho — disse Manda-Chuva.

— Atirada ao chão — disse Campainha. — Muito bem, mestre, ficarei quieto enquanto você discursa.

— Sim, deve calar-se — disse Azevim. — Dentro em pouco ninguém quererá ouvir piadas.

Quase todos os coelhos os haviam seguidos até à toca. O Favo de Mel, embora muito grande para todos, não era tão arejado quanto a grande toca, e naquele entardecer de junho parecia algo sombrio.

— Podemos arejá-lo mais um pouco — disse Morango a Aveleira. — Na grande toca abriam-se túneis para o verão e, no inverno, eram fechados. Podemos cavar outro corredor do lado da noite, amanhã, e canalizar a brisa.

Aveleira ia pedir a Azevim para começar, quando Verônica desceu pelo corredor oriental. — Aveleira — disse — seu... ahn... visitante... seu rato. Ele quer lhe falar.

— Ah, eu o tinha esquecido — disse Aveleira. — Onde está?

— Em cima, no túnel.

Aveleira subiu. O rato esperava-o no alto.

— Vai embora já? — disse Aveleira. — Sente-se em segurança?

— Ir agora — disse o rato. — Não esperar coruja. Dizer uma coisa. Você ajudou rato. Depois, rato ajudará você. Espere e verá.

— Frith todo-poderoso! — murmurou Manda-Chuva, mais embaixo no corredor. — O mesmo desejam todos os seus irmãos e irmãs. Ouso dizer que este lugar fervilhará em breve. Por que não lhes pede para cavar uma ou duas tocas para nós, Aveleira?

Aveleira observou o rato enfiar-se pela erva alta. Em seguida, retornou ao Favo de Mel e sentou-se perto de Azevim, que já havia começado a falar.

21. "Para El-ahrairah Chorar"

Ame os animais. Deus deu-lhes rudimentos de pensamento e uma alegria imperturbável. Não os perturbe, não os moleste, não os prive de sua felicidade, não trabalhe contra o intento de Deus.

Dostoievski, *The Brothers Karamazov*

Atos de injustiça praticada

Entre o pôr e o nascer do sol

Jazem, na história, como ossos.

W. H. Auden, *The Ascent of F. 6*

— Na noite em que deixaram a coelheira, o Owsla lançou-se todo em seu encalço. Como parece longe! Seguimos o faro de vocês pelo regato, mas, quando dissemos ao Threarah que vocês pareciam ter atravessado o regato, ele retrucou que não valia a pena arriscar vidas seguindo-os. Já que tinham partido, paciência. Mas quem voltasse seria preso. Por isso, suspendi a busca.

"Nada de estranho aconteceu no dia seguinte. Havia, porém, muita conversa acerca de Cinco-Folhas e dos coelhos que o haviam acompanhado. Todos sabiam que Cinco-Folhas dissera que alguma coisa má ia acontecer — e os rumores cresceram. Alguns coelhos não deram importância a isso, mas outros pensaram que Cinco-Folhas teria previsto homens com espingardas e ferrões. A pior coisa em que se poderia pensar — aquilo ou a cegueira branca.

"Salgueiro e eu discutimos o assunto com o Threarah. 'Os coelhos que dizem ter um sexto sentido' — falou ele — '...bem, conheci um ou dois em minha juventude. Em geral, não é aconselhável dar-lhes muita atenção. Por um simples motivo: muitos não passam de farsantes. Um coelho fraco, que sabe não poder ir longe com os seus próprios recursos físicos, às vezes tenta fazer-se importante por outros meios — e a profecia é um dos meios favoritos.

O mais curioso é que, quando a profecia não se cumpre, seus amigos raramente observam isto, na medida em que ele prossegue na encenação. Vejamos, agora, o caso de um coelho com esse estranho poder, pois ele existe. Prevê uma inundação, ou ferrões e espingardas. Muito bem: um certo número de coelhos deixará de correr. Qual a alternativa? Evacuar uma coelheira é um negócio tremendo. Alguns recusam-se a partir. O Coelho-Chefe fica, então, numa enrascada. Sua autoridade será posta à prova, e se a perder, não a recuperará de imediato. Na melhor das hipóteses, haverá um bando numeroso de *hlessil* vagueando pelos campos, provavelmente arrastando fêmeas e filhotes. Os *elil* aparecem em hordas. O remédio, como se vê, é pior que a doença. Quase sempre é melhor para a coelheira, como um todo, que os coelhos agüentem firme e façam o possível para escapar aos perigos embaixo da terra."

— Naturalmente, nunca me sentei para pensar — disse Cinco-Folhas. — Foi o Threarah que pensou sempre por sua própria conta. Apenas pressenti a série de horrores. Grande Frith dourado, espero nunca mais os ver! Jamais esquecerei aquilo — lá na coelheira e aquela noite que passei embaixo do teixo. Há muitas desgraças no mundo.

— Vêm dos homens — disse Azevim. — Os outros *elil* fazem o que deles se espera e Frith move-os da mesma forma que nos move. Eles vivem na terra e necessitam de comida. Os homens, porém, não descansarão enquanto não estragarem a terra e destruírem os animais. Convém, agora, retomar minha história.

"No dia seguinte, à tarde, começou a chover.

("Os buracos que cavamos no barranco", cochichou Espinheiro Cerval a Dente-de-Leão.)

"Todos estavam nas tocas, mastigando grãos ou dormindo. Subi, por alguns minutos, para fazer *hraka*. Estava na beira do bosque, bem perto da vala, quando vi uns homens passarem pela cancela, no alto do declive oposto, ao lado daquela coisa de tábuas. Não sei quantos eram... três ou quatro, suponho. Tinham compridas pernas pretas e queimavam bastões brancos nas bocas. Não pareciam ir a parte alguma. Começaram a andar vagorosamente na chuva, olhando as cercas e o regato. Algum tempo depois, cruzaram o regato e subiram na direção da coelheira. Sempre que davam com um buraco de coelho, um deles cutucava-o com o pé e não cessavam de falar. Lembro-me do odor das flores mais velhas sob a chuva e do cheiro dos bastões brancos. Mais tarde, quando eles se aproximaram ainda mais, mergulhei numa toca. Lá de baixo, ainda os ouvia pisar e falar. Fiquei pensando: 'Bem, não trazem espingardas nem ferrões.' Mesmo assim, não gostava da situação.

— Que disse o Threarah? — perguntou Prata.

— Não faço idéia. Não perguntei e tampouco ninguém perguntou, ao que me consta. Fui dormir e quando acordei não havia ruído em cima. Era noite e resolvi *silflay*. A chuva ainda caía, mas eu zanzei por ali e comi um pouco. Não pude ver mudança alguma, exceto que, em certos lugares, a boca de um buraco fora tapada.

"A manhã seguinte mostrou-se clara e bonita. Todos saíram para *silflay*, como de hábito. Lembro-me de Erva-Moura haver recomendado ao Threarah que não se cansasse, pois estava avançado em anos; e o Threarah respondeu que ia mostrar-lhe quem estava mesmo velho, e aplicou-lhe um tapa, empurrando-o pelo barranco. Todos estavam com boa disposição de espírito, mas ele fez aquilo justamente para mostrar a Erva-Moura que o Coelho-Chefe ainda era adversário digno de respeito. Eu teria de apanhar alfaces aquela manhã e, por uma ou outra razão, decidi ir só."

— Três é o número habitual para furtar alfaces — disse Mandachuva.

— Sim, sei que três seria o número certo, mas havia um motivo especial para eu ir sozinho aquele dia. Ah, sim, agora me lembro! Eu queria ver se havia cenouras têmporas. Pensei que podiam estar no ponto, e já que pretendia aventurar-me numa parte estranha da horta, melhor ir só. Fiquei fora a maior parte da manhã e não podia ser muito antes de ni-Frith quando retornei pelo bosque. Eu voltava pelo Barranco Silencioso... sei que muitos coelhos preferem a Liberdade Verde, mas eu, quase sempre, andava pelo Barranco Silencioso. Chegara à clareira do bosque, onde o terreno desce na direção da cerca velha, quando vi um *hrududu* na planície, no alto do declive em frente. Estava parado na cancela, junto ao quadro de avisos, e uma porção de homens saíam. Havia um menino com eles e o menino tinha uma espingarda. Tiraram coisas grandes, coisas compridas... não sei descrevê-las, mas eram feitas da mesma espécie de material do *hrududu* e deviam ser pesadas, porque foi preciso dois homens para carregar uma. Os homens carregaram essas coisas para dentro do campo e alguns coelhos que se encontravam na superfície trataram de se entocar. Eu não. Avistara a espingarda e pensei que provavelmente iam utilizar ferrões e talvez redes de malha. Assim fiquei onde estava, observando. Pensei: "Quando descobrir o que pretendem, irei avisar o Threarah."

"Houve mais conversa e mais bastões brancos. Os homens nunca se apressam, não é? Então, um deles

pegou uma pá e começou a encher as bocas dos buracos que encontrava. Chegava, capinava em volta e entupia o buraco. Aquilo me intrigou, porque, com os ferrões, pretendiam certamente forçar os coelhos a sair. Esperei que deixassem alguns buracos abertos e estendessem as armadilhas, muito embora fosse uma tola maneira de ferretear, pois um coelho preso num túnel fechado morrerá embaixo da terra, e então o homem teria dificuldade em retirar o ferrão, como vocês bem sabem."

— Não carregue a mão, Azevim — disse Azeleira, pois Panelinha de Barro estremecia à idéia de estar bloqueado num túnel, vítima de um ferrão perseguidor.

— Carregar a mão? — replicou Azevim com amargura. — Pois eu mal comecei. Alguém deseja sair? — Ninguém se mexeu e, após uns instantes, ele prosseguiu.

— Então, outro homem apanhou umas coisas compridas, finas e curvadas. Não tenho palavras para descrever todas essas coisas dos homens, mas se assemelhavam a espessas hastes de sarça. Cada homem pegou um e ajustou-o a uma das coisas pesadas. Houve uma espécie de silvo e... bem... sei que será difícil de entender, mas o ar começou a ficar péssimo. Por alguma razão, recebi um cheiro forte daquele material que saía das coisas de sarça, embora estivesse distanciado; e parei de ver e de pensar. Parecia estar caindo. Tentei saltar e correr, mas não sabia onde me encontrava e verifiquei depois que havia corrido para a margem do bosque, na direção dos homens. Parei bem a tempo. Sentia-me desnorteado e já perdera a idéia de advertir o Threarah. Fiquei agachado onde estava.

"Os homens puseram uma sarça dentro de cada buraco que haviam deixado aberto e, depois disso, nada aconteceu durante algum tempo. Foi então que vi Escabiosa... recordam-se de Escabiosa? Saiu de um buraco ao longo da cerca, um buraco que os homens não haviam percebido. Vi imediatamente que ele cheirara aquela coisa. Não sabia o que fazer. Os homens não o viram logo. Depois, um deles levantou o braço para indicar onde Escabiosa estava e o menino atirou. Não o matou. Escabiosa começou a gritar e um dos homens foi lá e pegou-o e deu-lhe um golpe. Não acredito que Escabiosa tenha sofrido muito, pois o ar contaminado embotara-lhe os sentidos. Mas eu preferia não ter visto. Em seguida, o homem tapou o buraco por onde Escabiosa havia saído.

A essa altura, o ar envenenado devia ter-se espalhado pelos túneis e buracos embaixo do chão. Posso imaginar o que deve ter acontecido..."

— Não pode — disse Campainha. Azevim parou e, depois de uma pausa, Campainha prosseguiu.

"Ouvi a confusão começar antes de haver cheirado a coisa. As fêmeas pareciam cheirar primeiro e algumas tentaram sair para a superfície. Mas as que tinham filhotes não os abandonavam e atacavam qualquer coelho que se aproximasse. Queriam lutar... proteger os filhotes. Dentro em pouco os corredores enchiam-se de coelhos que se arranhavam e colidiam. Subiram pelos túneis que estavam habituados a percorrer e os encontraram bloqueados. Alguns tentaram voltar, mas não era possível por causa de outros que subiam. E então os túneis começaram a ficar entulhados de coelhos mortos e os coelhos vivos reduziam os corpos a pedaços.

"Jamais saberei como consegui escapar. Era uma oportunidade em mil. Eu estava num buraco perto de uma das tocas que os homens utilizavam. Fizeram muito barulho ao enfiar a coisa parecida com sarça e eu tive a impressão de que não funcionava adequadamente. Assim que senti o cheiro, saltei para fora da toca, ainda com a cabeça em ordem. Subi pelo túnel, enquanto os homens retiravam a sarça. Estavam concentrados, falavam e não me viram. Virei, quase em cima, na boca do buraco, e desci novamente.

"Lembram-se do Corredor de Carvão? Creio que um de nós dificilmente aventurou-se ali, em nossa época, por ser muito fundo e não conduzir a parte alguma. Não se sabe sequer por quem foi feito. Frith deve ter-me guiado, pois desci sem hesitação pelo Corredor de Carvão, e comecei a rastejar. De vez em quando, era obrigado a cavar. A terra estava mole e as pedras desprendiam-se com facilidade. Objetos

esquecidos e excrementos haviam caído da superfície, e através deles chegavam os mais terríveis sons — gritos de socorro, filhotes guinchando à procura de suas mães, membros do Owsla tentando dar ordens, coelhos praguejando e lutando entre si. Em dado instante, um coelho despenhou-se e suas garras quase me feriram, quais ouriços de castanha da índia que tombam no outono. Era Celidônia e estava morto. Tive de rasgá-lo para poder passar — e, em seguida, avancei. Senti o ar contaminado, mas havia mergulhado tão fundo que me esquivara, certamente, à pior contaminação.

"De repente, percebi que havia outro coelho ao meu lado. Era o único que havia encontrado na excursão pelo Corredor de Carvão. Tratava-se de Morrião, e pude ver, de imediato, que estava em mau estado. Falava incoerentemente e arquejava, mas podia caminhar.

Perguntou se eu estava bem, mas tudo o que respondi foi: 'Por onde podemos escapar?' 'Vou mostrar-lhe, se me puder seguir', ele disse. Acompanhei-o e, sempre que ele parava — esquecia sempre onde estávamos —, eu o empurrava com rudeza. Cheguei até a mordê-lo. Tinha medo que ele morresse e bloqueasse o corredor. Afinal, começamos a subir e consegui respirar ar fresco. Havíamos entrado num daqueles túneis que vão ter ao bosque."

— Os homens trabalharam mal — resumiu Azevim. — Não tinham conhecimento dos buracos no bosque, do contrário se empenhariam também em bloqueá-los. Quase todo coelho que saltava no campo era alvejado, mas vi dois escaparem. Um era Focinho Arrebitado, mas não me lembro quem seria o outro. O barulho tornara-se muito assustador e eu próprio teria fugido, mas fiquei para ver se o Threarah aparecia. Dentro em pouco, dei-me conta de que haviam alguns coelhos no bosque. Agulha de Pinheiro estava lá, ao que me recordo, e Manteiga de Ouriço e Cinza. Agüentei-me como podia e disse-lhes para esperar num abrigo qualquer.

"Depois de muito tempo, os homens terminaram. Retiraram as coisas parecidas com sarça dos buracos e o menino pendurou os corpos numa vara..."

Azevim interrompeu-se e apertou o focinho sob o flanco de Manda-Chuva.

— Bem, não adianta mais pensar nisso — disse Azevim em voz firme. — Agora, conte como conseguiu escapar.

— Antes disso — disse Azevim —, um grande *hrududu* entrou no campo, procedente da planície. Não era aquele em que os homens chegaram. Muito barulhento, tinha cor amarela — de um amarelo semelhante ao das moscadeiras-dos-campos; e conduzia unia grande coisa prateada, brilhante, por entre as enormes patas dianteiras. Não sei como descrevê-la. Parecia Inlé, mas era larga e não tão brilhante assim. E aquela coisa — não sei bem como dizer-lhes — reduzia o campo a pedaços. Destruía o campo.

Parou outra vez.

— Capitão — disse Prata —, todos nós sabemos que você viu coisas impossíveis de serem narradas. Mas isso que acaba de dizer não estaria além da imaginação?

— Juro por minha vida — disse Azevim, trêmulo — que a coisa se enfiava no chão e arrancava grandes massas de terra em frente, até que o campo ficou destruído. O lugar inteiro tornou-se um vau para passagem de gado no inverno, e já não se podia dizer como era o campo, na parte entre o bosque e o córrego. Terra, raízes, ervas e arbustos, tudo ela arrancava diante de si, além de outras coisas embaixo do chão.

"Depois de longo tempo, voltei pelo bosque. Esquecera qualquer idéia de reunir os outros coelhos, mas três juntaram-se a mim — Campainha, aqui presente, Morrião e o jovem Linho Bravo. Linho Bravo era o único membro do Owsla que eu avistara até então, e perguntei-lhe pelo Threarah, mas ele não falava com coerência. Nunca soube o que aconteceu ao Threarah. Espero que tenha morrido rapidamente.

"Morrião estava afetado — falava tolices — e Campainha e eu não nos sentíamos em melhores condições. Por algum motivo, eu só podia pensar em Manda-Chuva. Lembrei-me de que tentara prendê-lo — a fim de o matar — e senti que tinha de encontrá-lo e dizer-lhe que me arrependia. Esta idéia era meu único sentimento lógico. Nós quatro vagueamos, creio que fazendo um semicírculo, porque, depois de longo tempo, chegamos ao córrego, abaixo daquilo que um dia fora o nosso campo. Acompanhamos a linha do córrego até um bosque espesso; e naquela noite, enquanto permanecíamos quietos na mata, Linho Bravo morreu. Recuperou, pouco antes, a lucidez, e eu me lembro de algo que ele disse. Campainha havia observado que os homens nos odiavam por invadir suas colheitas e hortas, e Linho Bravo respondeu: 'Não foi por isso que destruíram a coelheira. Foi porque éramos um empecilho. Mataram-nos para se beneficiarem.' Pouco depois, adormecia e, algum tempo depois, quando alarmados por algum ruído, tentamos despertá-lo, vimos que estava morto.

"Deixamo-lo estirado onde estava e andamos até chegar ao rio. Não preciso descrevê-lo porque vocês passaram por ali. Era de manhã, então. Pensamos que estivessem algures, por perto, e começamos a avançar ao longo do barranco, subindo o curso à sua procura. Não tardou muito e encontramos o lugar onde vocês devem ter cruzado. Havia pistas — uma grande quantidade — na areia sob a ribanceira íngreme, e *hraka* feitos há três dias. Os sinais não subiam ou desciam pela margem do rio, de forma que eu percebi que haviam atravessado. Nadei para o outro lado e descobri mais indícios; então, os outros passaram também. O rio estava cheio. Acho que vocês o atravessaram mais facilmente, antes de toda aquela chuvarada.

"Não gostei dos campos na outra margem do rio. Havia um homem com uma espingarda, a andar por toda parte. Conduzi os outros dois por uma estrada, e dentro em pouco chegamos a um mau lugar — um capinzal e terra mole, preta. Passamos maus bocados ali, mas, novamente, dei com *hraka* de três dias atrás e nenhum sinal de buracos ou coelhos, portanto pensei que poderiam ser de vocês. Campainha estava refeito, mas Morrião tinha febre e eu receava que ele morresse também.

"Tivemos, então, um lampejo de sorte — ou o que julgávamos sorte na ocasião. Aquela noite, demos com um *hlessi* à beira do capinzal — um coelho idoso, rude, com o focinho todo arranhado e escoriado — e ele nos disse que havia uma coelheira não muito distante e nos mostrou como lá chegar. Encontramos novamente bosques e campos, mas estávamos por demais exaustos para tentar alcançar a coelheira. Agachamo-nos num fosso e eu não tive coragem de dizer aos outros que se mantivessem acordados. Tentei não dormir, mas não pude."

— Quando foi isto? — perguntou Avelreira.

— Anteontem — disse Azevim —, de manhã cedinho. Quando despertei, ainda não era ni-Frith. Tudo estava quieto e eu só conseguia farejar coelhos, mas senti, imediatamente, que alguma coisa andava errada. Acordei Campainha e já ia acordar Morrião quando vi uma porção de coelhos à nossa volta. Eram grandes, robustos, e tinham cheiro estranho. Como se... deixem-me ver...

— Sabemos bem como era — disse Cinco-Folhas.

— Foi o que pensei. Então, um deles disse: "Meu nome é Prímula. Quem são vocês e o que fazem aqui?" Não apreciei a maneira como falou, mas não concluí que tivessem motivo para nos prejudicar, por isso disse-lhe que havíamos enfrentado problemas, caminháramos muito e estávamos à procura de uns coelhos que haviam deixado nossa coelheira — Avelreira, Cinco-Folhas e Mandachuva. Assim que pronunciei estes nomes, o tal coelho virou-se para os outros e gritou: "Já vi tudo! Reduzam-nos a pedaços!" E se atiraram em cima de nós. Um deles pegou-me pela orelha e rasgou-a antes que Campainha pudesse afastá-lo. Lutávamos contra o grupo inteiro. Eu, colhido de surpresa, não pude fazer muita coisa, de início. Mas oengraçado foi que, embora tão grandes e sequiosos de nosso sangue, não conseguiram

lutar; claro que sabiam o principal acerca de uma luta — mas daí não passavam. Campainha pôs fora de combate uns dois que tinham o dobro de seu tamanho, e conquanto minha orelha vertesse sangue, não me senti realmente em perigo. Mesmo assim, eram muitos para nós, e tivemos de correr. Campainha e eu, mal chegados ao fosso mais adiante, percebemos que Morrião ainda se encontrava lá atrás. Ele estava doente, como eu lhes disse, e não despertara a tempo. Assim, depois dos tormentos por que passara, o pobre Morrião acabou morto por coelhos. Que pensam disso?

— Uma vergonha, uma vergonha — disse Morango, antes que alguém mais falasse.

— Corremos pelos campos, ao lado de um pequeno ribeiro — prosseguiu Azevim. — Alguns coelhos ainda nos perseguiam e, de súbito, pensei: "Bem, pelo menos pegarei um." Não me agradava a idéia de correr apenas para salvar nossas vidas... depois do que acontecera a Morrião. Vi que o tal Prímula estava na dianteira desprotegido, e então deixei que me alcançasse, virei-me repentinamente e o enfrentei. Já o havia derrubado e ia dilacerá-lo, quando ele gritou: "Sei para onde foram seus amigos." "Diga logo, então", respondi, com as patas traseiras enlaçadas em seu estômago. "Foram para as colinas", arquejou. "As colinas altas que se vê daqui. Partiram ontem pela manhã." Fingi não dar-lhe crédito e agir como se fosse mesmo matá-lo. Mas ele não modificou a informação. Fiz-lhe uns arranhões, deixei-o ir embora e viemos. O tempo estava claro e podíamos ver perfeitamente as colinas.

"Foi então que enfrentamos as piores peripécias da jornada. Não fossem as piadas e a conversa constante de Campainha e teríamos parado de correr, com toda certeza."

— *Hraka* por baixo, piadas por cima — disse Campainha. — Eu ia largando uma piada e ambos seguíamos. Foi assim que nos mantivemos vivos.

— O resto, não sei bem como se passou — disse Azevim. — Minha orelha doía terrivelmente e eu continuava a pensar que a morte de Morrião fora culpa minha. Se eu não tivesse adormecido, ele não morreria. Em certa ocasião, tentamos dormir de novo, mas os meus sonhos eram insuportáveis. Eu estava mesmo fora de mim. Tinha somente uma idéia: encontrar Manda-Chuva e dizer-lhe que ele agira bem ao deixar a coelheira.

"Por fim, alcançamos as colinas, ao cair da noite do dia seguinte. Andávamos sem qualquer cuidado. Chegamos pelo terreno raso e aberto, à hora das corujas. Eu não sei francamente o que esperava. A gente costuma pensar que tudo estará bem se conseguir chegar a determinado lugar ou fazer certa coisa. Mas quando se consegue, vê-se que não é tão simples assim. Acho que alimentava a tola idéia de que Manda-Chuva estaria à nossa espera. Vimos que as colinas eram enormes... maiores do que todas as que já tínhamos visto. Sem bosques, sem abrigo, sem coelhos. E a noite fechando-se. Foi então que a realidade começou a desabar. Vi Escabiosa, tão nítido como a grama... e também ouvi-o chorar. E vi o Threarah e Linho Bravo e Morrião. Tentei falar-lhes. Chamei por Manda-Chuva, mas, na verdade, não esperava resposta, pois estava certo que ele não se encontrava ali. Lembro-me de haver saído de uma cerca, para o descampado, e sei que, acima de tudo, tinha a esperança de que os *elil* viessem dar cabo de mim. Mas quando recobrei os sentidos, dei com Manda-Chuva. Meu primeiro pensamento foi que estava morto, mas depois comecei a especular se ele era real ou não. Bem, o resto vocês conhecem. Foi uma pena que os tivesse assustado tanto. Mas, se eu não fosse o... o Coelho Preto, dificilmente uma criatura viva chegou mais perto dele que nós."

Após um silêncio, acrescentou: — Bem podem imaginar o que, para Campainha e para mim, significa estar numa toca, na companhia de amigos. Não fui eu que tentou prender você, Manda-Chuva... foi outro coelho, há muito tempo, há muito tempo.

22. A História do Processo de El-ahrairah

Ele não tem cara de velhaco? Sim, uma maldita aparência de condenado de Tyburn, sem o consolo da religião.

Congreve, *Love for Love*

Coelhos (diz o Sr. Lockley) são, em muitos aspectos, parecidos com seres humanos. L'm desses é, sem dúvida, sua grande habilidade em superar desastres e deixar que o fluxo da vida os transporte além dos limites do terror e do dano. Têm uma certa qualidade, que não seria justo descrever apenas como resistência ou indiferença. Trata-se, melhor dizendo, de uma imaginação abençoadamente restrita e o sentimento intuitivo de que Vida é Presente. Uma criatura selvagem e errante, cujo intento, acima de tudo, é sobreviver, torna-se tão forte como a erva. Coletivamente, os coelhos encontram maior segurança na promessa de Firth a El-ahrairah. Mal passara um dia inteiro desde a chegada de Azevim, em delírio, ao pé de Watership Down. No entanto, ele estava quase refeito, enquanto Campainha, de natureza alegre, parecia não haver sofrido a medonha catástrofe à qual sobrevivera. Azevim e seus companheiros sofreram extremos de ansiedade e horror durante a narrativa de Azevim. Panelinha de Barro chorou e tremeu de pena com a morte de Escabiosa, e Bolota e Verônica foram tomados de uma asfixia convulsiva quando Campainha falou do gás venenoso que matava embaixo do chão. Contudo, a exemplo dos seres humanos, a força e sinceridade de sua simpatia implicavam também uma sensação poderosa de alívio. Seus sentimentos não eram falsos ou simulados. Durante a narrativa ouviram sem qualquer traço da reserva ou da imparcialidade que os seres humanos mais civilizados guardam enquanto lêem o jornal. Os coelhos sentiam-se em luta nos corredores envenenados, e cheios de ódio pelo que acontecera a Morrião no fosso. Esta a sua maneira de honrar a morte. Quando a história acabou, as exigências de suas próprias vidas difíceis e duras começaram a impor-se em seus corações, em seus nervos, no sangue e nos apetites. Como se os mortos não estivessem mortos! Mas é que havia erva a ser comida, grãos a mastigar, *hraka* a expelir, buracos a cavar, sono a satisfazer. Oduzeus não leva ninguém à costa, em sua companhia. No entanto dorme rumorosamente ao lado de Calipso e quando acorda pensa somente em Penélope.

Antes mesmo de Azevim encerrar sua história, Azevim começara a soprar-lhe a orelha ferida. Até então não pudera examiná-la bem, mas agora percebia que o terror e a fadiga extrema não tinham sido provavelmente as principais causas do colapso de Azevim. A ferida era feia, pior que a de Espinheiro Cerval. Devia ter perdido muito sangue. A orelha fora reduzida a tiras e a sujeira grudara-se ali. Azevim ficou aborrecido com Dente-de-Leão. Quando vários coelhos começaram o *silflay*, atraídos pela suave noite de junho banhada pelo plenilúnio, pediu a Amora-Preta para esperar. Prata, que estava em vias de partir pelo outro túnel, voltou e permaneceu com eles.

— Dente-de-Leão e os outros dois parecem ter animado vocês — disse Azevim. — Uma pena, porém, que não se lembrassem de *limpá-los*. Esta sujeira é perigosa.

— Bem, o problema... — começou Campainha, que ficara ao lado de Azevim.

— Nada de gracejos — disse Azevim. — Você parece pensar...

— Não era isso — disse Campainha. — Eu ia apenas dizer que queria limpar a orelha do capitão, mas está em carne viva e o toque é doloroso.

— Ele tem razão — disse Azevim. — Receio que os tenha levado à negligência, mas faça como entender, Aveleira. Agora me sinto muito melhor.

Aveleira começou. O sangue endurecera, negro, e a tarefa exigia paciência. Depois de algum tempo, os cortes sangraram de novo, à medida que eram limpos. Prata substituiu Aveleira. Azevim, agüentando como podia, rosnou e agitou-se, e Prata procurou alguma coisa com que distrair-lhe a atenção.

— Aveleira — perguntou —, e aquela idéia que você teve... a respeito do rato? Você prometeu explicar depois. Por que não conta logo?

— Bem — disse Aveleira —, eu apenas constatei que, em nossa situação, não podemos nos dar ao luxo de desperdiçar qualquer possibilidade. Estamos num lugar estranho e precisamos de amigos. Os *elil*, é claro, não nos apreciam, mas existem muitas criaturas que não são *elil* — pássaros, ratos, *yonil* e assim por diante. Em geral os coelhos nada têm a ver com eles, mas seus inimigos são nossos inimigos em sua maior parte. Acho que devemos fazer o possível para atrair a simpatia dessas criaturinhas. Talvez valha a pena.

— Não vou dizer que a idéia me entusiasma — disse Prata, enxugando o sangue no focinho de Azevim. — Esses animaizinhos são mais dignos de desprezo que de confiança, segundo me parece. De que modo nos poderão ser úteis? Não podem cavar para nós, não podem arranjar comida para nós, não lutam por nós. Talvez se mostrem *amigáveis*, na medida em que os ajudarmos; mas disso não passariam. Ouvi aquele rato ontem à noite... "Espere só e verá." Não duvido, principalmente quando as larvas e o calor desaparecerem, mas não queremos ver a coelheira cheia de ratos e... e cabras-louras, queremos?

— Não, eu não pensava nisso — disse Aveleira. — Não sugeri que saíssemos à procura de ratos silvestres e os convidássemos à nossa companhia. Eles não nos agradeceriam, é claro. Mas aquele rato ontem à noite... nós lhe salvamos a vida...

— Você salvou-lhe a vida — disse Amora-Preta.

— Bem, sua vida foi salva. Ele não esquecerá.

— E o que fará para nos ajudar? — perguntou Campainha.

— Em princípio, nos dirá o que sabe acerca deste lugar...

— O que os ratos sabem. Não o que os coelhos precisam saber.

— Bom, admito que um rato possa ou não ser útil — disse Aveleira. — Mas estou certo que um pássaro seria, se pudéssemos retribuir à altura. Não podemos voar, mas alguns pássaros conhecem a região, graças a seus distantes vôos. Também sabem muita coisa acerca das condições atmosféricas. Quero limitar-me a isso: se alguém encontra um animal ou pássaro, este não será necessariamente um inimigo. Talvez precise de socorro e, nesse caso, não convém perder a oportunidade. Seria o mesmo que deixar cenouras apodrecer no chão.

— Que acha? — perguntou Prata a Amora-Preta.

— Acho uma boa idéia, mas as oportunidades do tipo que Aveleira tem em mente não devem ocorrer com freqüência.

— Também acho perfeito — disse Azevim, fazendo uma careta quando Prata voltou a lambar-lhe a orelha. — A idéia é boa, só que não teria muita aplicação prática.

— Estou disposto a experimentar — disse Prata. — Creio que vale a pena, pelo menos só para ver Manda-Chuva contar histórias de ninar a uma toupeira.

— El-ahrairah fez isto uma vez — disse Campainha —, e *deu certo*. Lembram-se?

— Não — disse Aveleira. — Não conheço esta história. Vamos a ela.

— Primeiro, vamos *silflay* — disse Azevim. — A orelha já recebeu, por enquanto, o tratamento devido.

— Pelo menos, está limpa agora — disse Aveleira. — Receio, porém, que não fique nunca igual à outra. Você terá uma orelha estropiada.

— Não faz mal — disse Azevim. — Ainda me considero com sorte.

A lua cheia, bem alta num céu sem nuvens, para os lados do oriente, cobria a solidão do morro com sua luz. Não pensamos na luz do sol como substituto das trevas. A luz do dia, mesmo quando o sol brilha forte, parece-nos simplesmente a condição natural da terra e do ar. Quando pensamos em morros, acedemos a idéia de morros banhados pela luz. do dia, tal como pensamos em um coelho com a sua pele. Stubbs [\[11\]](#) pode ter imaginado o esqueleto dentro do cavalo, mas não a maioria de nós; e, em geral, não imaginamos os morros sem luz solar, mesmo que a luz não seja parte do morro em si mesmo, tal como a pele é parte do próprio cavalo. Aceitamos a luz do dia sem maior especulação. Mas com o luar é diferente. Ele é inconstante. A lua cheia desaparece e retorna. Nuvens podem obscurecê-la de uma forma que não ocorre totalmente com a luz solar. A água nos é necessária, mas uma cachoeira não. Onde quer que uma cachoeira exista, torna-se coisa extraordinária, um belo ornamento. Precisamos da luz do dia e, nesse sentido, ela se torna útil, mas o luar não é imprescindível. Quando chega não implica uma necessidade. Ele transforma. Cai sobre os barrancos e a erva, separando uma longa folha de outra; transforma um monte escuro de folhas foscas em inumeráveis fragmentos cintilantes; ou perpassa, ao comprido, pelos talhos úmidos, como se a própria luz fosse dúctil. Seus longos raios escorrem, brancos e penetrantes, entre os troncos de árvores, sua claridade desmaia à medida que desaparecem na distância pulverizada e nevoenta dos bosques de faias à noite. Ao luar, duas jeiras de capim áspero, ondulante e de talos compridos, balouçante e grosso qual crina de cavalo, parecem ondas numa enseada, cheias de depressões penumbrosas. A vegetação é tão espessa e amaranhada que até mesmo o vento não a movimenta, mas é o luar que parece conferir-lhe a rigidez. Não penetramos na essência do luar. É como neve, ou como orvalho numa manhã de julho. Não revela, mas muda aquilo que banha. E sua baixa intensidade — muito inferior à da luz do dia — nos faz pensar que se trata de algo acrescentado ao morro, para dar-lhe, durante algum tempo, uma singular e maravilhosa qualidade que temos de admirar enquanto for possível, pois, dentro em breve, terá desaparecido.

Quando os coelhos subiram pelo buraco dentro do bosque de samambaias, uma rápida rajada de vento perpassou pelas folhas alterando e salpicando o chão embaixo, furtando e devolvendo luz sob os ramos. Puseram-se à escuta, mas, além do rumor das folhas, som algum chegava dos exteriores espaços vazios, exceto o monótono *tremolo* de um pássaro distanciado na relva.

— Que lua! — disse Prata. — Vamos apreciá-la enquanto está no céu.

Ao avançarem pelo barranco, encontraram Verônica e Bico de Falcão, que retornavam.

— A veleira — disse Bico de Falcão —, estivemos conversando com outro rato. Fie ouviu falar do francelho, esta tarde, e mostrou-se muito cordial. Falou-nos de um lugar bem do outro lado do bosque, onde a erva foi cortada — algo relacionado com cavalos, segundo disse. "Gostam de uma boa erva? Pois aquela é de primeira." Fomos lá. Realmente é de ótima qualidade.

A corrida estendeu-se por uns quarenta metros, revelando uma meda de cerca de setenta centímetros. Aveleira, com a deliciosa sensação de ter sido confirmado pelos fatos, pôs-se a morder um trecho de trevos. Todos eles mastigaram algum tempo em silêncio.

— Você é mesmo um sábio, Aveleira — disse Azevim, afinal. — Você e seu rato. Olhe, teríamos

descoberto este lugar, mais cedo ou mais tarde, mas não tão rápido assim.

Aveleira gostaria de apertar-lhe o focinho, satisfeito, mas se limitou a responder: — Já agora não precisamos descer a colina. — Em seguida, ajuntou: — Azevim, você ainda cheira a sangue. Pode ser perigoso, mesmo aqui. Voltemos ao bosque. A noite está tão bonita que nos podemos agachar perto das tocas e ruminar, enquanto Campainha conta sua história.

Encontraram Morango e Espinheiro Cerval no barranco; e quando todos mastigavam confortavelmente, de orelhas arriadas, Campainha começou.

* * *

— Dente-de-Leão falou-me, a noite passada, sobre a coelheira de Prímula e de como narrou a história da Alface do Rei. Foi isso que me sugeriu este conto, mesmo antes de Aveleira expor sua idéia. Eu ouvia de meu avô e ele sempre dizia que isso aconteceu depois que El-ahrairah resgatou seu povo dos pântanos de Kelfazin. Foram, então, para as campinas de Fenlo e ali cavaram buracos. Mas o Príncipe Arco-íris continuava a vigiar El-ahrairah; estava, pelo visto, determinado a evitar que ele aplicasse mais um de seus truques.

"Uma tarde, quando El-ahrairah e Rabscuttle encontravam-se sentados num barranco ensolarado, Príncipe Arco-íris chegou pelas campinas e com ele um coelho que El-ahrairah nunca tinha visto.

"Boa tarde, El-ahrairah', disse Príncipe Arco-íris. 'Isto aqui é uma maravilha em comparação com os brejos de Kelfazin. Vejo que as fêmeas ocupam-se em cavar tocas ao longo do barranco. Fizeram uma para você?'

"Sim', disse El-ahrairah. 'Este buraco aqui pertence a Rabscuttle e a mim. Gostamos de ter o barranco à vista.'

"Um esplêndido barranco', disse Príncipe Arco-íris. 'Mas lamento dizer, El-ahrairah, que recebi ordens severas do Senhor Frith para não permitir que você divida um buraco com Rabscuttle.'

"Não dividir um buraco com Rabscuttle?', disse El-ahrairah. 'Por que não?'

"El-ahrairah', disse Príncipe Arco-íris, 'sabemos bem quem é você e conhecemos suas manhas. E Rabscuttle não lhe fica atrás. Os dois juntos num só buraco seriam dose para elefante. Roubariam as nuvens do céu antes que a lua mudasse duas vezes. Não... Rabscuttle tem de sair em busca de outras tocas na extremidade da coelheira. Deixe-me agora apresentar-lhe Hufsa. Quero que seja seu amigo e cuide bem dele.'

"De onde ele vem?', perguntou El-ahrairah. 'Creio que não o vi antes.'

"Vem de outro país', disse Príncipe Arco-íris, 'mas não difere de qualquer outro coelho. Espero que o ajude a estabelecer-se aqui. E enquanto ele se familiariza, estou certo que o receberá, com satisfação, em sua toca.'

"El-ahrairah e Rabscuttle sentiram-se desesperados por não poderem viver juntos. Mas era uma das regras de El-ahrairah nunca dar a perceber que estava zangado e, além disso, tinham pena de Hufsa, pois supunha que se sentisse solitário e acabrunhado, tão distante de seu próprio povo. Por isso, deu-lhe as boas-vindas e prometeu ajudá-lo. Hufsa era muito simpático e parecia ansioso por agradar a todos; Rabscuttle mudou-se para o outro extremo da coelheira.

"Passado certo tempo, porém, El-ahrairah começou a sentir que seus planos iam por água abaixo.

Uma noite, na primavera, quando levava alguns coelhos a um trigal, para comer os rebentos verdes, encontraram um homem com uma espingarda andando ao luar, e tiveram a sorte de escapar sem dificuldades. De outra feita, depois que El-ahrairah fizera o reconhecimento do caminho até uma horta de couves e abrira um buraco embaixo da cerca, descobriu, na manhã seguinte, que o buraco estava tapado com arame, e entrou a suspeitar que seus planos eram tornados públicos por pessoas que fingiam não estar informadas.

"Um dia decidi pôr uma armadilha para Hufsa, a ver se era ele que estava no fundo da questão. Mostrou-lhe uma vereda nos campos e disse que ela conduzia a um celeiro deserto, cheio de couve-nabos e nabos; e segredou que ele e Rabscuttle iriam lá na manhã seguinte. Na verdade, El-ahrairah não tinha tais planos e teve o cuidado de não falar a outra pessoa sobre o desvio ou o celeiro. Mas, no dia seguinte, quando avançou cautelosamente pela vereda, encontrou uma cerca de arame.

"Isso enfureceu El-ahrairah, pois alguém de seu povo podia ter caído numa armadilha e morrer. Naturalmente não concluiu que o próprio Hufsa instalava as cercas, ou que soubesse que o arame seria estendido. Mas era fora de dúvida que Hufsa estava em contato com alguém que não hesitava em levantar cercas. Por fim, El-ahrairah decidiu que provavelmente o Príncipe Arco-íris passava a informação de Hufsa a um fazendeiro ou a um guarda-caça, pouco se importando com as conseqüências. Os coelhos estavam em perigo por causa de Hufsa, sem falar, é claro, nas alfaces e couves que lhes faltava. Depois disso, El-ahrairah cuidou de nada dizer a Hufsa. Difícil, porém, evitar que ele ouvisse coisas, pois, como todos sabem, os coelhos são muito bons em guardar segredos de outros animais, mas não conseguem manter sigilo entre si. A vida da coelheira não permite segredos. Pensou, então, em matar Hufsa. Mas sabia que, se o fizesse, o Príncipe Arco-íris chegaria e estariam envolvidos em novas encrencas. Esconder coisas de Hufsa também o deixava inquieto, pois, se Hufsa julgasse que o sabiam espião, contaria ao Príncipe Arco-íris, e o Príncipe Arco-íris o levaria embora e pensaria então em alguma coisa ainda pior.

"El-ahrairah pensou e pensou. Ainda estava pensando na tarde seguinte, quando Príncipe Arco-íris fez uma de suas costumeiras visitas à coelheira.

"'Você melhorou mesmo de caráter, El-ahrairah', disse Príncipe Arco-íris. 'Se não tomar cuidado, as pessoas começarão a confiar em você. Quando passava por aqui, pensei em parar um pouco a fim de agradecer a bondade com que cuida de Hufsa. Ele parece à vontade em sua companhia.'

"'Sim, parece, não é?', disse El-ahrairah. 'Somos inseparáveis. Enchemos a toca de alegria. Mas eu costumeiro dizer ao meu povo: 'Não confie em príncipes, nem em algum...''

"'Bem, El-ahrairah', disse Príncipe Arco-íris, interrompendo-o, 'eu tenho certeza de confiar em você. E, para provar, decidi cultivar uma bela horta de cenouras no campo atrás da colina. A terra é excelente e estou certo que as cenouras crescerão bem. Especialmente se ninguém sonhar em roubá-las. De fato, você pode vir e observar-me a plantá-las, se isso lhe agrada.'

"'Irei', disse El-ahrairah. 'Será um prazer.'

"El-ahrairah, Rabscuttle, Hufsa e vários outros coelhos acompanharam Príncipe Arco-íris ao campo atrás da colina; e o ajudaram a semeá-lo em longos renques de buracos com sementes de cenoura. O solo era leve e seco — o mais adequado a cenouras — e tudo isso enfureceu El-ahrairah por que ele tinha certeza que Príncipe Arco-íris assim agia para o irritar e para demonstrar que El-ahrairah encolhera, afinal, as garras.

"'Esplêndido', disse Príncipe Arco-íris quando terminaram. 'Naturalmente eu sei que ninguém sonhará sequer em roubar minhas cenouras. Mas se isso acontecer — se roubarem *mesmo*, El-ahrairah — minha

cólera não terá limites. Se o Rei Darzin roubá-las, por exemplo, certo estarei de que o Senhor Frith arrebatou-lhe o reino e deu-o a outro.'

"El-ahrairah viu que o Príncipe Arco-íris pretendia adverti-lo de que, se o apanhasse roubando as cenouras, ou o mataria ou o baniria, entregando a outro coelho o governo de seu povo; e julgou que o outro coelho provavelmente seria Hufsa, o que o fez trincar os dentes de raiva. Mas disse: 'Naturalmente, naturalmente. Muito justo e bem pensado.'" E Príncipe Arco-íris foi embora.

"Uma noite na segunda lua depois do plantio, El-ahrairah e Rabscuttle foram olhar as cenouras. Ninguém as desbastara e os topos estavam grossos e verdes. El-ahrairah imaginou que a maioria das raízes estariam mais finas do que uma pata traseira de coelho. E foi enquanto as olhava, ao luar, que o plano lhe ocorreu. Tornara-se tão cauteloso a respeito de Hufsa — e, em verdade, ninguém jamais soube dos passos de Hufsa — que, a caminho da toca, ele e Rabscuttle fizeram um buraco num barranco solitário e desceram a fim de melhor conversar. E ali El-ahrairah prometeu a Rabscuttle que não somente roubaria as cenouras do Príncipe Arco-íris mas também meteriam o traseiro de Hufsa na barganha. Saíram do buraco e Rabscuttle foi à fazenda roubar sementes de trigo. El-ahrairah passou o resto da noite reunindo lesmas — trabalho deveras repelente.

"Na tarde seguinte, El-ahrairah saiu cedo e, pouco depois, encontrou Yona, o ouriço, perambulando ao longo da cerca.

"'Yona', disse, 'que tal uma porção de lesmas gordas e lindas?'" "Ótimo, El-ahrairah', disse Yona, 'mas não seria fácil encontrá-las. Você saberia disso se fosse um ouriço.'

"'Bem, aqui estão algumas bem gostosas', disse El-ahrairah. 'Pode servir-se. Mas eu lhe darei muito mais se fizer o que eu quero, sem perguntas. Você canta?'

"'Se eu canto, El-ahrairah? Ouriços não cantam.'

"'Bom' disse El-ahrairah. 'Excelente. Mas terá de tentar, se quiser mesmo as lesmas. Ah! Eis uma velha caixa vazia, que o fazendeiro largou na vala. Melhor. Agora, escute-me.'

"'Nesse ínterim, no bosque, Rabscuttle falava a Hawock, o faisão.

"'Hawock', disse, 'você sabe nadar?'

"'Nunca me aproximo da água, se posso evitar, Rabscuttle', disse Hawock. 'Não gosto de água. Mas, se preciso for, posso flutuar um pouco.'

"'Esplêndido', disse Rabscuttle. 'Agora, ouça bem. Tenho uma porção de trigo — e você bem sabe como o trigo anda escasso esta época do ano. Será seu, se nadar um pouquinho no poço à beira do bosque. Eu lhe explico enquanto andamos até lá'. E partiram pelo bosque.

"'Fu Inlé, El-ahrairah meteu-se em sua toca e encontrou Hufsa a ruminar. 'Ah, Hufsa, que bom ver você. Não posso confiar em ninguém mais, mas você não se recusará a vir comigo, não é? Só você e eu... ninguém deve saber.'

"'Que aconteceu? Que pretende fazer, El-ahrairah?', perguntou Hufsa.

"'Estive olhando as cenouras do Príncipe Arco-íris', respondeu El-ahrairah. 'Não agüento mais. São as melhores que já vi. Estou determinado a roubá-las — pelo menos, uma grande parte. Claro que, se levar um bando de coelhos numa expedição desse gênero, surgirão encrencas. O segredo se espalhará, chegando fatalmente aos ouvidos do Príncipe Arco-íris. Mas se formos só você e eu, ninguém jamais saberá.'

"'Irei', disse Hufsa. 'Amanhã à noite será melhor.' Pois ele pretendia ganhar tempo para contar ao

Príncipe Arco-íris.

"'Não', disse El-ahrairah. 'Vou agora. Imediatamente.'

"Receou que Hufsa procurasse dissuadi-lo, mas, ao olhar para Hufsa, viu que este pensava que aquilo seria o fim de El-ahrairah e que ele próprio seria coroado rei dos coelhos.

"Saíram juntos ao luar.

"Haviam caminhado muito, ao longo da cerca, quando deram com uma velha caixa atirada na vala. Sentado em cima da caixa estava Yona, o ouriço. Seus espinhos estavam espetados com pétalas de rosa-de-cão, e ele emitia um ruído extraordinário, parecido a um guincho, ou um resmungo, enquanto agitava as patas pretas. Pararam e olharam-no.

"'Que está fazendo, Yona?', perguntou Hufsa, atônito. "'Cantando para a lua, respondeu Yona. 'Os ouriços têm de cantar para que a lua faça aparecer lesmas. Sabia?

Ó lua de lesmas, de lesmas macias,
Abençoa o ouriço com tuas crias!

"'Que barulho assustador!', disse El-ahrairah. E em verdade, era. 'Fujamos daqui antes que ele atraia todos os *elil*'. E afastaram-se.

"Dentro em pouco, aproximavam-se do poço à beira do bosque. Ao se acercarem, ouviram grasnados e bater de asas, e em seguida avistaram Hawock, o faisão, enfiado dentro da água, com as compridas plumas da cauda flutuando atrás.

"'Que aconteceu?', disse Hufsa. 'Hawock, você foi alvejado?'

"'Não, não, respondeu Hawock. 'Eu sempre nado na lua cheia. É assim que minha cauda fica mais comprida e além disso, a cabeça não continuará vermelha, branca e verde, sem natação. Certamente você sabe isso, não, Hufsa? Todo mundo sabe.'

"'A verdade é que ele não gosta que outros animais o surpreendam a nadar', cochichou El-ahrairah. 'Vamos embora.'

"Pouco adiante, chegaram a um velho poço perto de um grande carvalho. O fazendeiro entupira-o há muito tempo, mas a boca parecia muito funda e negra ao luar.

"'Descansemos um pouco', disse El-ahrairah.

"Enquanto falava, a criatura mais estranha deste mundo assomou por entre a erva. Parecia-se com um coelho, mas, mesmo à luz da lua, podiam ver que tinha cauda vermelha e compridas orelhas verdes. Na boca, carregava a extremidade de um dos bastões brancos que os homens queimam. Era Rabscuttle, mas nem mesmo Hufsa foi capaz de o reconhecer. Encontrara na fazenda um pó de dar banho em ovelhas e avermelhara a cauda. As orelhas tinham sido engrinaldadas com caudas de briônia e o bastão branco deixava-o nauseado.

"'Frith nos socorra!', disse El-ahrairah. 'Que será aquilo? Esperemos ao menos que não seja um dos Mil!' Saltou, pronto a disparar. 'Quem é você?', perguntou, trêmulo.

"Rabscuttle cuspiu o bastão branco.

"'Puxa!', disse em voz forte. 'Então você me viu, El-ahrairah! Muitos coelhos vivem a vida inteira e

morrem, mas poucos me vêem. Poucos ou nenhum! Sou um dos coelhos mensageiros do Senhor Frith, que percorrem a terra, em segredo, de dia, e retornam à noite ao seu palácio dourado! Agora mesmo ele me espera no outro lado do mundo e devo partir logo, através do coração da terra! Adeus, El-ahrairah!

"O estranho coelho saltou sobre a borda do poço e desapareceu nas profundezas.

"Vimos o que não devíamos ver!", disse El-ahrairah em voz intimidada. 'Que terrível lugar! Saíamos já daqui!'

"Correram e acabaram chegando exatamente ao campo de cenouras de Príncipe Arco-íris. Quantas roubaram não posso dizer; mas, como sabem, El-ahrairah é um grande príncipe e sem dúvida utilizou poderes desconhecidos para vocês e para mim. Meu avô sempre dizia, porém, que antes da manhã seguinte a horta estava nua. As cenouras foram escondidas num buraco fundo no barranco ao lado do bosque e El-ahrairah e Hufsa voltaram para casa. El-ahrairah convocou dois ou três de seus amigos fiéis e ficou embaixo o dia inteiro, mas Hufsa saiu da toca, à tarde, sem dizer para onde ia.

"Naquela tarde, quando El-ahrairah e seu povo começavam o *silflay* sob um lindo céu avermelhado, Príncipe Arco-íris chegou pelos campos. Atrás dele vinham dois grandes cães negros.

"El-ahrairah', disse o Príncipe, 'está preso.'

"Por que motivo?', perguntou El-ahrairah.

"Sabe muito bem por quê', disse o Príncipe Arco-íris. Vou acabar com seus engodos e sua insolência, El-ahrairah. Onde estão as cenouras?'

"Se estou preso', disse El-ahrairah, 'devo ser informado da acusação. Não é justo dizer que estou preso e depois fazer-me perguntas.'

"Ora, ora, El-ahrairah', disse Príncipe Arco-íris, 'está perdendo seu tempo. Diga-me onde estão as cenouras e eu me limitarei a enviá-lo para o grande Norte, sem o matar.'

"Príncipe Arco-íris', disse El-ahrairah, pela terceira vez, pergunto: por que estou preso?'

"Muito bem', disse Príncipe Arco-íris, 'se deseja morrer, El-ahrairah, será submetido então a todos os processos da Lei. Está preso por roubar minhas cenouras. Fala sério quanto a um julgamento? Advirto-o que possuo provas concretas, e que elas darão cabo de você.'

"A essa altura, todo o povo de El-ahrairah estava reunido em volta, tão perto quanto ousavam, por causa dos cães. Somente Rabsuttle não era visto. Passara o dia inteiro transportando as cenouras para outro lugar secreto e estava escondido agora porque sua cauda ainda não recuperara o branco natural.

"Sim, um julgamento me convém', disse El-ahrairah, 'e desejo ser julgado por um júri de animais. Pois não é direito, Príncipe Arco-íris, que me acuse e ao mesmo tempo me julgue.'

"Um júri de animais você terá', disse Príncipe Arco-íris. 'Um júri de *elil*, El-ahrairah. Pois um júri de coelhos se recusaria a condená-lo, a despeito de todas as provas.'

"Para surpresa geral, El-ahrairah respondeu de pronto que aceitava um júri de *elil*; e Príncipe Arco-íris disse que o traria à noite. El-ahrairah ficou detido em sua toca, com os cães de guarda ao lado de fora. Nenhum coelho tinha permissão para vê-lo embora muitos tentassem.

"Pelas cercas e capoeiras correu a notícia de que El-ahrairah estava sendo julgado por crime de morte e que o Príncipe Arco-íris pretendia levá-lo à barra de um tribunal de *elil*. Animais diversos juntaram-se na coelheira. Fu Inlé, Príncipe Arco-íris retornou com os *elil* — dois texugos, duas raposas, dois arminhos, uma coruja e um gato. El-ahrairah foi levado à superfície e colocado entre os cães. Os *elil*, sentados, encaravam-no, e seus olhos lampejavam ao luar. Chupavam os beiços; e os cães

murmuravam entre si que tinham a promessa de executar a sentença. Havia uma multidão de animais — coelhos e outros — e cada um estava certo de que chegara afinal a hora de El-ahrairah.

'''Agora', disse Príncipe Arco-íris, 'vamos abrir a sessão. Não vai durar muito. Onde está Hufsa?'

'''Então Hufsa se apresentou, fazendo uma reverência, e contou aos *elil* que El-ahrairah chegara na noite passada, quando ele tranqüilamente ruminava, e o forçou a acompanhá-lo para roubar as cenouras do Príncipe Arco-íris. Tentou recusar-se, mas estava muito assustado. As cenouras foram escondidas num buraco que ele podia indicar. Vira-se forçado a fazer aquilo, mas, no dia seguinte, dera-se pressa em contar tudo ao Príncipe Arco-íris, de quem era servidor leal.

'''Recuperaremos as cenouras mais tarde', disse Príncipe Arco-íris. 'Agora, El-ahrairah, tem alguma prova a apresentar ou algo a dizer em sua defesa? Aprese-se.'

'''Gostaria de interrogar a testemunha', disse El-ahrairah. E os *elil* concordaram em que era justo.

'''Hufsa', disse El-ahrairah, 'quer dar detalhes da jornada que, segundo diz, você e eu fizemos? Pois, realmente, não me lembro disso. Você sustenta que saímos do buraco e entramos dentro da noite. Que aconteceu então?'

'''Ora, El-ahrairah', disse Hufsa, 'não é possível que tenha esquecido. Andamos ao longo da vala, e não se lembra que vimos um ouriço sentado numa caixa, a cantar uma canção para a lua?'

'''Um ouriço fazendo *o quê*}', disse um dos texugos.

'''Cantando uma canção para a lua', disse Hufsa ansiosamente. 'Agem assim, como sabem, para atrair lesmas. Ele tinha pétalas enfiadas no corpo inteiro e acenava com as patas e...

'''Vá com calma, com calma', disse El-ahrairah em tom bondoso. 'Não quero que incorra em contradições. 'Pobre rapaz', acrescentou em direção aos jurados, 'ele realmente acredita nessas coisas que diz. Não pretende causar dano, mas...'

'''Mas ele *cantava*', gritou Hufsa. 'Ele cantava, sim senhor. 'Ó lua de lesmas! Ó lua de lesmas! Abençoa...'

'''O que o ouriço cantava não constitui prova', disse El-ahrairah. 'Seria de admirar que alguém o admitisse como prova. Bem, vamos adiante. Vimos um ouriço coberto de rosas, cantando uma canção, sobre uma caixa. Que aconteceu então?'

'''Bem', disse Hufsa, 'nós prosseguimos e chegamos a um poço, onde vimos um faisão.'

'''Faisão, hein?', disse uma das raposas. 'Que pena eu não o ter visto. Que fazia?'

'''Nadava, em círculos, na água', disse Hufsa.

'''Ferido, não foi?', disse a raposa.

'''Não, não', disse Hufsa. 'Eles fazem assim para que suas caudas cresçam. Surpreende-me muito que ignorem isso.'

'''Para *quê*?', disse a raposa.

'''Para que suas caudas cresçam mais', disse Hufsa amuado.

'''Os senhores ouvem este sujeito há pouco tempo', disse El-ahrairah aos *elil*. 'Não estão habituados. Vejam, agora, o meu caso. Fui obrigado a viver com ele os últimos dois meses, dia após dia. Fui o mais generoso e compreensivo que pude, mas, aparentemente, isso só me trouxe prejuízo.'

'''Um silêncio caiu. El-ahrairah, com ar de paternal paciência, virou-se para a testemunha.

"Minha memória é muito ruim', disse. 'Continue contando.'

"Bem, El-ahrairah', disse Hufsa, 'está agindo com muita manha, mas não pretenderá fazer crer que esqueceu os acontecimentos seguintes. Um grande e aterrador coelho, de cauda vermelha e orelhas verdes, saiu do capim. Tinha um bastão branco na boca e deixou no chão, ao sair, enorme buraco. Dissemos que ia pelo meio da terra ver o Senhor Frith no outro lado.'

"Desta feita nenhum dos *elil* disse uma só palavra. Ficaram olhando Hufsa e sacudindo as cabeças.

"São todos malucos', cochichou um dos arminhos. 'Animaizinhos doidos. Dizem o que lhes vem à cabeça quando estão encurralados. Mas este aí é o pior de todos. Por quanto tempo teremos de agüentar isso? Tenho fome.'

"Ora, El-ahrairah sabia, cm primeira mão, que embora os *elil* detestassem todos os coelhos, antipatizavam principalmente com o que parecia de todos o maior tolo. Por isso concordara com um júri de *elil*. Um júri de coelhos teria, sem dúvida, procurado chegar ao fundo da história de Hufsa; mas não os *elil*, que odiavam e desprezavam a testemunha e queriam livrar-se do aborrecimento para ir caçar o mais cedo possível.

"Então, chegamos a esse ponto', disse El-ahrairah. 'Vimos um ouriço coberto de rosas, cantando; e depois vimos um faisão completamente saudável, nadando em círculos no poço; e mais tarde vimos um coelho com cauda vermelha, orelhas verdes e um bastão branco, e ele saltou para dentro de um poço profundo. Confere?'

"Sim', disse Hufsa.

"E depois roubamos as cenouras?'

"Sim.'

"Estavam roxas, com a parte de cima verde?'

"O que estava roxo com as extremidades verdes?'

"As cenouras.'

"Ora, você sabe que não, El-ahrairah. Tinham a cor natural. Estão dentro do buraco!', gritou Hufsa, desesperado. 'Dentro do buraco! Vão lá e vejam!'

O tribunal suspendeu os trabalhos enquanto Hufsa e Príncipe Arco-íris iam ver o buraco. Não encontraram cenouras e retornaram.

"Estive na toca o dia inteiro', disse El-ahrairah, 'e posso provar. Devo ter adormecido, mas dificilmente teria escapado à vigilância do meu amigo... bem, não importa. Quero assinalar apenas que não poderia ter andado por aí, a transportar cenouras ou coisa equivalente. Se é que *havia* cenouras', acrescentou. 'Nada mais tenho a dizer.'

"Príncipe Arco-íris', disse o gato, 'odeio todos os coelhos. Não vejo, porém, como provar que este aí roubou suas cenouras. A testemunha, pelo visto, não regula bem. É tão doida quanto o nevoeiro e a neve. E o prisioneiro terá de ser libertado.' Todos os *elil* concordaram.

"Melhor sair logo', disse Príncipe Arco-íris a El-ahrairah. 'Desça à sua toca, antes que eu faça justiça com minhas próprias mãos.'

"Irei, meu senhor', disse El-ahrairah. 'Antes, porém, queira livrar-nos deste coelho que nos enviou e que nos tem causado tantas encrencas com sua loucura.'

"Assim, Hufsa foi embora com o Príncipe Arco-íris e o povo de El-ahrairah ficou em paz, não

contando a indigestão causada por tantas cenouras que comeu. Demorou muito tempo, porém, antes que a cauda de Rabscuttle ficasse de novo branca, segundo meu avô sempre dizia."

23. Kehaar

A asa pende qual bandeira derrotada,
incapaz, para sempre, de usar o céu, forçada a alguns dias de
fome e de dor.

Ele é forte e a dor é pior para os fortes.

Também a incapacidade.

Nada, salvo a morte redentora, curvará aquela cabeça,

A intrépida presteza, os olhos terríveis.

Robinson Jeffers, *Hurt Hawks*

Os humanos dizem: "A chuva não cai; despenca." O que não é muito correto, pois, freqüentemente, chove sem aguaceiro. O provérbio dos coelhos é melhor expresso. Eles dizem: "Uma nuvem sente-se solitária." De fato, a aparência de uma única nuvem significa muitas vezes que o céu dentro em pouco estará encoberto. De qualquer maneira, o dia seguinte iria fornecer uma dramática segunda oportunidade para pôr em prática a idéia de Azeleira.

Era de manhã cedo e os coelhos começavam o *silflay*, penetrando no nítido silêncio cinzento. O ar ainda estava meio frio. Havia muito orvalho e não ventava. Cinco ou seis patos selvagens passaram voando num rápido V, rumo a algum destino longínquo. O som feito pelas asas chegou embaixo distintamente, diminuindo à medida que se afastavam na direção do sul. O silêncio voltou. De mistura com os resíduos da aurora anterior crescia uma espécie de expectativa e tensão, como se a neve estivesse a pique de rolar de um telhado inclinado. Depois, o morro inteiro e os arredores embaixo, terra e ar, cederam vez ao nascer do sol. À guisa de um touro que, com leve mas irresistível movimento, puxa a cabeça do aperto de um homem que o conduz para o estábulo, e preguiçosamente liberta o chifre, assim o sol entrou no mundo com o seu suave e formidável poder. Nada interrompeu ou obscureceu-lhe a chegada. Sem um som, as folhas brilharam e a erva coruscou ao longo de quilômetros da escarpa.

Fora do bosque, Manda-Chuva e Prata alisavam as orelhas, cheiravam o ar e saltavam, acompanhando suas compridas sombras até a erva da meda. Enquanto se moviam pelo capim curto — mordiscando, sentando-se e olhando em volta —, aproximaram-se de um pequeno buraco, de largura não superior a um metro. Antes que alcançassem a beira, Manda-Chuva, que estava à dianteira de Prata, parou de chofre e agachou-se, vigilante. Embora não pudesse enxergar dentro do buraco, sabia que ali estava uma criatura — alguma coisa bem grande. Perscrutando através das folhas de erva, em redor de sua cabeça, distinguiu a curva de um dorso branco. O que quer que fosse aquilo, era tão grande como ele próprio. Esperou, completamente imóvel, durante algum tempo, mas o bicho não se moveu.

— O que tem um dorso branco, Prata? — cochichou Manda-Chuva.

Prata pensou. — Um gato?

— Não há gatos aqui.

— Como tem certeza?

Naquele instante, ambos ouviram um silvo baixo, sussurrante, que saía do buraco. Durou alguns momentos. Depois, o silêncio voltou.

Manda-Chuva e Prata tinham confiança em si mesmos. Excetuando Azevim, eram os únicos sobreviventes do Owsla de Sandleford e sabiam que os companheiros os respeitavam. O encontro com ratos no celeiro não fora, de forma alguma, uma brincadeira, e tinham demonstrado seu valor. Manda-Chuva, que era generoso e honesto, jamais se ressentira da coragem de Azevim, na noite em que seu medo supersticioso o empolgara. Mas a idéia de voltar ao Favo de Mel e contar que divisara uma criatura desconhecida na erva e a deixara sozinha, era-lhe insuportável. Virou a cabeça e encarou Prata. Vendo que este mostrava-se resoluto, lançou um olhar derradeiro ao estranho dorso branco e depois avançou para a beira do buraco. Prata acompanhou-o.

Não era gato. A criatura no buraco era uma ave — uma grande ave, quase com trinta centímetros de comprimento. Nenhum deles jamais vira uma ave assim. A parte branca das costas, que haviam colhido de relance através do capim, não passava, realmente, dos ombros e do pescoço. O flanco inferior era levemente cinzento e também as asas, que se afilavam em compridas plumas de ponta preta, dobradas juntamente sobre a cauda. A cabeça era de um marrom escuro — quase negro, em contraste agudo com o pescoço branco, de tal forma que a ave parecia vestir uma espécie de capuz. A perna de um vermelho escuro que podiam ver findava num pé palmado e três poderosos dedos com garras. O bico, levemente curvado para baixo, na extremidade, era forte e aguçado. Enquanto o olhavam, o bico abriu-se, revelando uma boca e garganta vermelhas. A ave pisou selvagememente e tentou atacar, mas, ainda assim, não se moveu.

— Está ferido — disse Manda-Chuva.

— Sim, é verdade — disse Prata. Mas não está ferido num lugar que se possa ver daqui. Vou rodear...

— Cuidado! — disse Manda-Chuva. — Ele vai feri-lo!

Prata, ao mover-se em volta do buraco, aproximara-se da cabeça da ave. Saltou bem a tempo de evitar rápida e fulminante estocada do bico.

— O golpe lhe teria partido o pé — disse Manda-Chuva.

Agachados, fitaram a ave — pois ambos sentiam intuitivamente que ela não poderia erguer-se do buraco — que, de repente, prorrompeu em gritos altos, rouquinhos. *Yark! Yark! Yark!* Um som tremendo naqueles ermos. Um som que rompeu a manhã e ecoou pelo morro. Manda-Chuva e Prata voltaram-se e correram.

Recobriram-se a tempo suficiente de parar a curta distância do bosque e fazer uma aproximação mais digna. Azevim adiantou-se do barranco, ao seu encontro no capim. Os olhos arregalados e as narinas dilatadas falavam por si.

— *Elil?* — perguntou Azevim.

— O diabo me leve se sei, para falar com franqueza — respondeu Manda-Chuva. — Há uma grande ave lá, a maior que já vi em minha vida.

— De que tamanho? Grande como um faisão?

— Não tão grande assim — admitiu Manda-Chuva —, porém maior que um pombo silvestre, e muito mais feroz.

— Foi ele que gritou?

— Sim. E me assustou deveras. Na verdade, estávamos ao seu lado. Mas, por alguma razão, não

conseguia mover-se.

— Agonizando?

— Não creio.

— Vou dar uma espiada — disse Aveleira.

— É selvagem. Por favor, seja cuidadoso. Manda-Chuva e Prata retornaram com Aveleira. Os três agacharam-se fora do alcance da ave, que olhava, desesperadamente, de um para outro. Aveleira falou no patoá das cercas vivas.

— Você ferido? Você não voar?

A resposta foi uma algaravia áspera que sentiram logo ser exótica. De onde quer que a ave viesse, devia ser lugar distante. O sotaque era estranho e gutural, o discurso distorcido. Podiam colher apenas uma palavra aqui e ali.

— Chegar perto... hadk! hadk!... vocês chegar perto... yark! P'sando eu acabado... ferir vocês forte..

— A cabeça marrom escuro movimentava-se com rapidez de lado a lado. Depois, inesperadamente, a ave começou a mergulhar o bico no chão. Os coelhos observaram pela primeira vez que a erva à sua frente estava rompida e marcada de sulcos. Durante alguns momentos bicou o chão, depois desistiu, levantou a cabeça e observou-os outra vez.

— Acho que está faminto — disse Aveleira. — Melhor dar-lhe comida. Manda-Chuva, arranje minhocas ou algo parecido.

— Ahn... que disse, Aveleira?

— Minhocas.

— Eu cavar minhocas?

— O Owsla não ensinou... ah, bem, eu mesmo farei isso — disse Aveleira. — Você e Prata esperem aqui.

Depois de alguns momentos, porém, Manda-Chuva acompanhou Aveleira à vala e ajudou-o a cavar o solo seco. Minhocas não são numerosas nas encostas, e há vários dias não chovia. Manda-Chuva levantou os olhos.

— Que tal besouros? E piolhos?

Encontraram madeira apodrecida e levaram pedaços. Aveleira empurrou um com cuidado.

— Insetos.

A ave bicou o pau três vezes, em poucos segundos, e catou os poucos insetos. Dentro em pouco havia um pequeno monte de entulho no buraco, à medida que os coelhos traziam qualquer coisa onde pudesse haver comida. Manda-Chuva encontrou estéreo de cavalos na trilha, retirou os vermes, venceu o nojo e levou-os um a um. Quando Aveleira aplaudiu-o, ele resmungou algo sobre "a primeira vez que um coelho faz isto, e por favor não vá contar aos melros". Por fim, muito tempo depois de se revezarem, a ave parou de comer e olhou Aveleira.

— Acabando comer. — Parou. — Que vão fazer?

— Você ferido? — disse Aveleira.

A ave assumiu um ar ladino. — Não ferido. Lutar bem. Ficar um pouco, depois ir.

— Você ficar aí, você morrer — disse Aveleira. — Lugar mau. Vem *homba*, vem francelho.

— Bichos malditos. Lutar muito.

— Acredito — disse Manda-Chuva, olhando com admiração o bico de cinco centímetros e o pescoço grosso.

— Não queremos você morra — disse Aveleira. — Ficar aqui, você morrer. Nós talvez ajudar você.

— Danem-se!

— Vamos — disse Aveleira imediatamente aos outros. — Deixemo-lo sozinho. — Começou a andar aos pulos de volta ao bosque. — Que ele tente manter os francelhos à distância.

— Que pensa fazer, Aveleira? — disse Prata. — Trata-se de um bruto, um selvagem. Impossível torná-lo um amigo.

— Talvez tenha razão — disse Aveleira. — Mas que me dizem de um chapim azul ou pisco-de-peito-ruivo? Não voam longe. Precisamos de um pássaro grande.

— Por que se empenha tanto em querer um pássaro?

— Explico depois — disse Aveleira. — Gostaria que Amora-Preta e Cinco-Folhas deliberassem também. Agora, porém, vamos descer à toca. Se vocês não querem ruminar, eu, pelo menos, quero.

Durante a tarde, Aveleira organizou mais trabalho na coelheira. O Favo de Mel foi dado por bom e concluído — coelhos machos não são metódicos e nunca têm certeza de haver terminado alguma coisa. Os corredores internos e buracos em volta tomavam forma. Bem cedo, de manhã, Aveleira retornou ao buraco na meda. A ave ainda estava lá. Parecia mais fraca e menos alerta, mas eriçou-se quando Aveleira se aproximou.

— Ainda aqui? — disse Aveleira. — Você lutar falcão?

— Não luta — respondeu a ave. — Não luta, mas olhar, vigiar, sempre olhar. Não é bom.

— Faminto?

A ave não deu resposta.

— Ouça — disse Aveleira. — Coelhos não comem pássaros. Coelhos comem ervas. Vamos ajudar você.

— Para que ajudar?

— Não importa. Segurança. Buraco grande. Comida também. A ave pensou.

— Pernas boas. Asa não boa. Mau.

— Então, saia daí.

— Você me atacar. Eu ferir você furioso. Aveleira afastou-se. A ave falou de novo.

— É longe?

— Não, não muito longe. — Vamos, então.

Subiu com muita dificuldade, cambaleando em suas fortes pernas de um vermelho cor de sangue, Depois, abriu as asas acima do corpo e Aveleira pulou para trás, assustado pelo grande vão em forma de arco. Mas imediatamente a ave fechou-se, careteando de dor.

— Asa não boa. Eu ir.

Seguiu Aveleira, documente, pelo capim, mas Aveleira tomou cuidado para não ficar ao seu alcance. A chegada ao outro lado do bosque causou sensação, que Aveleira tratou de interromper logo com ordens

peremptórias, ao contrário de suas maneiras habituais.

— Vamos, trabalhem — disse a Dente-de-Leão e Espinheiro Cerval. — Esta ave está ferida e vamos dar-lhe abrigo até melhorar. Peça a Manda-Chuva que lhe mostre onde arranjar alimento. Ela come minhocas e insetos. Procure gafanhotos, aranhas, qualquer bichinho. Bico de Falcão! Bolota! E você também, Cinco-Folhas. Saiam desse transe hipnótico, ou que diabo for. Precisamos de um buraco vazio, amplo, mais largo que fundo, com chão pouco abaixo da superfície de entrada. Logo ao cair da noite.

— Cavamos a tarde inteira, Aveleira...

— Sei. Vou ajudá-los, no início. Mãos à obra. A noite se aproxima.

Os atônitos coelhos obedeceram-no, aos resmungos. A autoridade de Aveleira passou, então, por um teste, mas firmou-se com o apoio de Manda-Chuva. Embora não tendo idéia exata do que Aveleira pretendia fazer, Manda-Chuva estava fascinado pela força e coragem da ave e já admitia a idéia de adotá-la, sem se preocupar com os motivos. Assumiu o comando da escavação, enquanto Aveleira explicava à ave, o melhor que podia, como viviam, suas técnicas de proteção contra os inimigos eo abrigo que iam providenciar. A quantidade de alimentos que os coelhos trouxeram não era muito grande, mas, uma vez dentro do bosque, a ave sentiu-se visivelmente mais segura e foi capaz de andar por perto e prover-se.

À hora das corujas, Manda-Chuva e seus ajudantes haviam cavado uma espécie de vestíbulo à entrada de um dos corredores que, saindo do bosque, mergulhavam na terra. Amaciaram o chão com talos e folhas de samambaias. Quando a escuridão começou a tombar, a ave instalou-se. Ainda estava suspeitosa, mas parecia em melhor disposição de ânimo. Evidentemente, já que não tinha plano melhor a seu respeito, mostrava-se disposta a tentar um buraco de coelho a fim de salvar a vida. De fora, viam sua escura cabeça alerta na penumbra, os olhos pretos ainda perscrutadores. Não havia adormecido quando os coelhos terminaram de *silflay* e desceram.

Gaivotas de cabeça preta são gregárias. Vivem em colônias onde pilham e comem, gritam e brigam o dia inteiro. Não estão habituadas à solidão e à reserva. Voam para o sul, na época da procriação, e, nestas ocasiões, uma ave ferida provavelmente se verá abandonada. A selvageria e suspeita daquela gaivota devia-se, em parte, à dor, e em parte à convicção enervante de que não tinha companheiros e não podia voar. Mas, na manhã seguinte, seus instintos naturais de juntar-se ao rebanho e falar começaram a retornar. Manda-Chuva ofereceu-lhe companhia. Não sabia que as gaivotas saem para pilhar o que encontram. Antes de ni-Frith os coelhos haviam reunido o máximo que ela poderia comer — de uma só vez, pelo menos — e entregaram-se, então, ao sono, embalados pelo calor do dia. Manda-Chuva, porém, permaneceu com a gaivota, sem esconder sua admiração, conversando horas seguidas. Na refeição da tarde, juntou-se a Aveleira e Azevim, perto do barranco onde Campinha lhes contara a história de El-ahrairah.

— Como vai a ave? — perguntou Aveleira.

— Bem melhor, ao que me parece — respondeu Manda-Chuva. — É muito forte. Puxa, que vida leva! Vocês não sabem o que perderam! Sentei-me e deixei-a falar o dia inteiro.

— Como se feriu?

— Um gato caiu-lhe em cima, no pátio de uma fazenda. Só o avistou no último instante. O gato partiu-lhe o músculo de uma das asas, mas, aparentemente, a ave deixou-lhe uma lembrança desagradável. Aos trancos e barrancos, chegou aqui e entregou os pontos. Enfrentar um gato! Isso me dá o que pensar. Por que um coelho não pode enfrentar um gato de igual para igual? Suponhamos que...

— Mas que ave é esta? — interrompeu Azevim.

— Bem, não consegui descobrir ainda — respondeu Mandachuva. — Se é que entendi direito, e não estou bem certo, ele diz que no lugar de onde veio há milhares de aves de sua espécie — mais do que poderíamos imaginar. Quando voam juntos, o ar fica todo branco e na época da procriação seus ninhos parecem folhas num bosque. É o que diz.

— Mas onde? Nunca tive notícias de um lugar *desses*.

— Ele diz — disse Manda-Chuva, olhando com firmeza para Azevim — que, a muita distância daqui, a terra acaba, não há mais terra.

— Bem, é claro que acaba em algum lugar. O que existe depois?

— Água.

— Ou seja, um rio?

— Não. Não um rio. Ele se refere a um vasto lugar de água, que avança sempre, avança. Não se pode ver o outro lado. Não existe outro lado. Pelo menos, devia existir, pois ele esteve lá. Ah, não sei... admito que não compreendo nada.

— Ele lhe disse que ficou fora do mundo e voltou outra vez? Deve ser mentira.

— Não sei — disse Manda-Chuva —, mas estou certo que não mente. Essa água, segundo parece, está sempre móvel e bate contra a terra; e quando não se ouve a água, esquece-se que ela existe. Daí, o nome dele — Kehaar. É o ruído que a água faz.

Os outros ficaram impressionados, contra sua vontade.

— Nesse caso, por que ele veio cá? — perguntou Aveleira.

— Não devia vir. Com certeza, distanciou-se do lugar dessa Grande Água, muito tempo atrás, para procriar. Parece que muitas aves de sua espécie fogem no inverno, porque a região se torna muito fria e selvagem. Depois, retorna no verão. Ele já se ferira uma vez durante esta primavera. Nada de grave, mas ficou retido. Descansou num viveiro. Mais tarde, fortaleceu-se e deixou o viveiro, e estava a caminho quando parou no pátio da fazenda e encontrou o gato enfurecido.

— Sendo assim, quando estiver melhor ele continuará? — disse Aveleira.

— Sim.

— Então, estamos perdendo nosso tempo.

— Ora, Aveleira, qual é a sua idéia?

— Vá buscar Amora-Preta e Cinco-Folhas. Melhor trazer Prata também. Depois explico.

A quietude do *silflay* vespertino, quando o sol no ocidente brilhava diretamente no penhasco, as moitas de capim projetando sombras duas vezes maiores que os coelhos e o ar frio cheirando a tomilho e rosas-de-cão constituíam um prazer mais completo do que as antigas tardes nas campinas de Sandleford. Embora não o soubessem, o morro ali era mais deserto do que há centenas de anos. Não havia rebanhos de ovelhas e os aldeões de Kingsclere e Sydmontin já não tinham oportunidade de andar pelas colinas, em trabalho ou por puro prazer. Nos campos de Sandleford os coelhos viam homens quase todo dia. Ali, desde sua chegada, só viram um, e mesmo assim a cavalo. Examinando o pequeno grupo reunido na erva, Aveleira viu que todos — incluindo Azevim — pareciam mais fortes, mais alertas e em melhor disposição do que no dia da chegada. A despeito do que poderiam enfrentar ainda, tinha a impressão de que não falhara, trazendo os companheiros tão longe.

— Estamos bem aqui — começou —, ou, pelo menos, esta é a minha impressão. Já não somos um

bando de *hlessil*. De qualquer forma, tenho uma preocupação que não me larga. A menos que encontremos a resposta, esta coelheira continuará incompleta, por mais que nela tenhamos trabalhado.

— De que se trata, Aveleira? — perguntou Manda-Chuva.

— Lembra-se de Nildro-hain? — perguntou Aveleira.

— Ela parou de correr. Pobre Morango.

— Sei. E nós não temos fêmeas. Nem uma só. E não ter fêmeas significa não ter filhotes e, dentro de alguns anos, não ter coelheira.

Talvez pareça incrível que os coelhos não tivessem pensado em questão tão vital. Mas os homens cometeram o mesmo erro, mais de uma vez: puseram o assunto de lado, ou se limitaram a confiar na sorte e nas fortunas da guerra. Coelhos vivem sempre em perigo de morte, e quando a morte se aproxima mais ainda, o empenho em sobreviver deixa pouco espaço a quaisquer outras considerações. Agora, sob o sol vespertino que caía sobre o morro acolhedor e deserto, com uma grande toca às suas costas e a erva transformando-se em bolinhos na barriga, Aveleira sabia que precisava de uma fêmea. Os outros ficaram silenciosos e ele sentiu então que suas palavras encontraram eco.

Os coelhos pastavam ou modorravam ao sol. Uma calhandra passou, esvoaçante, sobre suas cabeças, ferindo o sol brilhante, subiu mais e cantou, depois baixou vagorosamente, terminando num vôo lateral, de asas bem abertas, rente à erva. O sol mergulhava. Por fim, Amora-Preta disse: — Que devemos fazer? Sair outra vez em campo?

— Espero que não — disse Aveleira. — O que eu gostaria de fazer era pegar umas fêmeas e trazê-las aqui.

— De onde?

— De outra coelheira,

— Mas existe alguma coelheira nestas colinas? Como encontrá-la? O vento nunca nos trouxe o menor odor de coelho.

— Eu lhes direi de que forma — disse Aveleira. — O pássaro. O pássaro irá e buscará para nós.

— Aveleira-rah — gritou Amora-Preta —, que idéia maravilhosa! Aquele pássaro poderá descobrir num dia o que não descobriríamos, sozinhos, em mil! Mas tem certeza que ele se deixará persuadir? O mais provável, assim que estiver melhor, não é bater asas e nos abandonar?

— Nada posso garantir nesse sentido — respondeu Aveleira.

— Resta-nos alimentá-lo e esperar pelo melhor. Olhe, Manda-Chuva, já que você o está curtindo, talvez possa explicar-lhe o que isso significa para todos nós. Basta-lhe voar sobre os morros e nos dizer depois o que viu.

— Deixe por minha conta — falou Manda-Chuva. — Acho que sei como levá-lo.

A ansiedade de Aveleira e as razões que a ditavam logo se tornaram conhecidas de todos os coelhos e não houve um só que não lhe percebesse o alcance. Nada havia de absurdo no que ele dissera. Era simplesmente aquele coelho — tal como acontece a um Coelho-Chefe — através do qual um sentimento forte, latente em toda a coelheira, emerge à superfície. Mas o plano de utilizar a gaivota entusiasmava a todos, passando a ser tido na conta de algo em que nem mesmo Amora-Preta teria ousado pensar. Reconhecer o terreno é hábito de todos os coelhos — em verdade, constituiu sua segunda natureza —, mas a idéia de fazer uso de uma ave, e de uma ave tão estranha e selvagem, convenceu-os de que Aveleira, se lograsse êxito, devia ser tão esperto quanto o próprio El-ahrairah.

Nos próximos dias aumentou o difícil trabalho de alimentar Kehaar. Bolota e Panelinha de Barro, jactanciando-se de serem os melhores apanhadores de insetos da coelheira, traziam grande número de besouros e gafanhotos. A princípio, a maior dificuldade da gaivota consistia na falta de água. Fia sofria muito e estava reduzida ao artifício de despedaçar os talos de capim em busca de sumo. Contudo, durante sua terceira noite na coelheira, choveu por três ou quatro horas e formaram-se poças na vereda. O mau tempo chegou, como sempre ocorre no Hampshire, à época da proximidade da colheita do feno. Ventos fortes, soprando do sul, enfunavam o capim, o dia inteiro imprimindo-lhe uma dureza damasquina de prata. Os grandes ramos das bétulas moviam-se pouco, mas gemiam alto. Com o vento chegavam pancadas de chuva. O tempo deixou Kehaar intranquilo. Perambulava pelos arredores, observava as nuvens fugidias e bicava tudo quanto lhe traziam. As buscas tornavam-se mais penosas, pois, na umidade, os insetos entocavam-se na erva funda e tinham de ser perscrutados.

Uma tarde, Aveleira, que agora dividia um buraco com Cinco-Folhas, como nos velhos tempos, foi acordado por Manda-Chuva que lhe disse ter Kehaar algo a comunicar. Dirigiu-se ao vestíbulo de Kehaar, sem ter de subir à superfície. A primeira coisa que observou foi que a cabeça da gaivota descoloria-se, tornando-se branca, embora um trecho marrom escuro permanecesse atrás de cada olho. Aveleira saudou-a e ficou surpreso quando ela lhe retrucou em poucas palavras soltas e deformadas do dialeto leporídeo. Evidentemente Kehaar preparara um curto discurso.

— Sanhur Azelei, os coelhos batralham 'uro — disse Kehaar. — Eu não morrer mais. Breve eu ótimo.

— Uma boa notícia — disse Aveleira. — Fico contente. Kehaar reincidiu na linguagem das cercas vivas.

— Sanhur Média-Chuça, muito bom camarada.

— Sim, ele é.

— Dizer ele vocês sem fêmeas. Fêmeas acabaram. Vocês situação difícil.

— Sim, é verdade. Não sabemos o que fazer. Não há mães em lugar nenhum.

— Escute. Eu ser grande, eu ter plano. Agora eu melhor. Asa melhor. Vento passar, eu voar então. Voar para vocês. Encontrar muitas fêmeas, dizer vocês onde estão, ahn?

— Puxa, que esplêndida idéia, Kehaar! Quanta generosidade sua pensar nisso! Você é mesmo um ótimo pássaro.

— Eu não buscar fêmeas este ano. Muito tarde. Fêmeas sentadas ninhos. Ovos chegaram.

— Sinto muito.

— Noutra ocasião eu procurar fêmea. Agora eu voar vocês.

— Faremos o que for possível para o ajudar.

No dia seguinte, o vento cessou e Kehaar deu um ou dois vôos curtos. Contudo, somente três dias depois é que se sentiu em condições de lançar-se à investigação. Era uma bela manhã de junho. Kehaar descobriu pequenos caracóis de casco branco, na encosta, entre a erva úmida, e partia-os com seu grande bico, quando se voltou de repente para Manda-Chuva e disse:

— Agora eu voar para vocês.

Abriu as asas. O vão de uns setenta centímetros formou um arco acima de Manda-Chuva, que permaneceu totalmente imóvel, enquanto as plumas brancas batiam o ar em volta de sua cabeça, numa espécie de cerimonioso adeus. De orelhas arriadas, por causa do pé-de-vento, viu a gaivota alçar-se um tanto pesadamente no ar. Quando voou, seu corpo, tão comprido e gracioso em terra, assumiu a aparência

de grosso e retaco cilindro, na frente do qual o bico vermelho se projetava entre os redondos olhos pretos. Durante uns momentos ela planou, o corpo subindo e descendo entre as asas. Depois, começou a ganhar altura, passou em vôos laterais por sobre o capim e desapareceu na direção do norte, embaixo da ponta da escarpa. Manda-Chuva voltou à toca com a notícia de que Kehaar partira.

A gaivota esteve ausente vários dias — mais do que os coelhos esperavam. Aveleira não deixava de pensar se de fato ela voltaria, pois sabia que Kehaar, tal como os coelhos, era impulsionado pela necessidade de companheirismo; provavelmente esse impulso crescera, após sua longa ausência da Grande Água e das rouquenhas, fervilhantes colônias de gaivotas que mencionara, com tanta emoção, a Manda-Chuva. Aveleira tratou de disfarçar a ansiedade, mas um dia, quando estavam sozinhos, perguntou a Cinco-Folhas se este acreditava na volta de Kehaar.

— Voltará, sim — disse Cinco-Folhas, sem hesitação.

— E o que trará?

— Como posso saber? — replicou Cinco-Folhas. Mais tarde, porém, quando descansavam, silenciosos e sonolentos, na toca, acrescentou: — Os dotes de El-ahrairah. Astúcia, grandes perigos, bênçãos para a coelheira. — Quando Aveleira interrogou-o outra vez, pareceu espantar-se de haver falado e nada mais disse.

Manda-Chuva passava a maior parte das horas do dia observando a volta de Kehaar. Parecia rabugento, de poucas palavras, e uma vez, quando Campainha observou que o capacete de pele de Sanhur Média-Chuça umedecia-se de simpatia por amigos ausentes, demonstrou, em lampejo, seu espírito de antigo primeiro-sargento; esbofeteou-o e dirigiu-lhe injúrias no Favo de Mel, até que Azevim interveio para salvar seu bobo fiel de outras peripécias.

A tarde morria, certa feita, com um ligeiro vento soprando do norte e trazendo o odor do feno amontoado nos campos de Sydmonton, quando Manda-Chuva entrou no Favo de Mel para anunciar que Kehaar voltara. Aveleira disfarçou sua agitação e disse a todos que esperassem, pois ele iria falar-lhe a sós. Mas, pensando melhor, levou Cinco-Folhas e Manda-Chuva.

Os três encontraram Kehaar em seu vestíbulo, que estava cheio de excrementos, todo sujo e emporcalhado. Coelhos não defecam embaixo do chão, e o hábito de Kehaar, de emporcalhar seu próprio ninho, sempre desgostara Aveleira. Agora, porém, ansioso por ouvir notícias, o cheiro de guano parecia quase bem-vindo.

— Prazer em vê-lo de volta, Kehaar — disse. — Está cansado?

— Asa ainda cansar logo. Voar um pouco, parar um pouco, tudo sair bem.

— Tem fome? Quer insetos?

— Ótimo. Ótimo. Bons amigos. Muitos besouros. Todos os insetos eram "besouros" para Kehaar.

Pelo visto, esquecera a ansiedade dos coelhos e estava propenso a gozar as delícias do retorno. Embora já não precisasse que lhe trouxessem comida, achava-se, evidentemente, merecedor de tal atenção. Manda-Chuva foi convocar sua equipe e Kehaar manteve-os ocupados até o pôr-do-sol. Por fim, olhou agudamente para Cinco-Folhas e disse:

— Sanhur Rolhas, sabe o que eu trazer?

— Não faço idéia — respondeu Cinco-Folhas, em tom seco.

— Enton eu contar. Toda esse gran colina, eu voar lá, eu voar cá, sol nascer, sol dormir. Sem coelhos. Nada. Nada.

Parou. Avelreira olhou para Cinco-Folhas, apreensivo.

— Enton eu descer, chegar fundo. Fazenda grandes árvores, pequena colina. Conhecem?

— Não, não conhecemos. Mas continue, por favor.

— Eu mostrar. Não longe. Vocês ver. Há coelhos. Coelhos viver lá em caixas. Viver com homens. Percebem?

— Viver com homens? É isso mesmo que quis dizer?

— Ahn, ahn, viver com homens. Em telheiros. Coelhos viver caixas em telheiros. Homens dar comida. Percebem?

— Sei como é. Já ouvir falar — disse Avelreira. — Ótimo, Kehaar. Você foi muito útil. Mas isso de nada nos adianta, não é?

— Eu achar existem fêmeas. Em caixas grandes. Coelhos só lá. Campos, bosques, isso tudo sem coelhos. Eu não ver nenhum.

— Que pena.

— Esperem. Eu dizer mais. Vocês ouvir. Eu voar, outro vôo, sol meio-dia. Vocês sabem, caminho para Água Grande.

— Vai para Água Grande, então? — perguntou Manda-Chuva.

— Non, non, non tão longe. Mas caminho aparece rio, sabem?

— Não, nunca fomos lá.

— Rio — repetiu Kehaar. — Lá cidade dos coelhos.

— Do outro lado do rio?

— Non, non. Vocês ir este caminho, grandes campos caminho. Depois caminho longo chega cidade dos coelhos, mui grande. E depois estrada ferro e depois rio.

— Estrada de ferro? — perguntou Cinco-Folhas.

— Ahn, ahn, estrada ferro. Nunca viram estrada ferro? Homens fazer.

O discurso de Kehaar era tão bizarro e deformado, em sua maior parte, que os coelhos dificilmente colhiam seu significado. As palavras em vernáculo que ele usava para "ferro" e "estrada" (embora familiares às gaivotas) não eram conhecidas de seus ouvintes. Kehaar ficou à beira da impaciência, e agora, como antes, os coelhos sentiam-se em desvantagem em face da familiaridade que a gaivota demonstrava ter de um mundo seu, muito mais espaçoso. Avelreira pensou depressa. Duas coisas estavam claras. Kehaar, pelo visto, encontrara uma grande coelheira na direção do sul; e, o que quer que fosse a estrada de ferro, a coelheira ficava do mesmo lado da estrada e de um rio. Se havia entendido bem, a estrada de ferro e o rio poderiam ser ignorados.

— Kehaar — disse —, quero me certificar mais. Podemos alcançar a cidade dos coelhos sem ter de atravessar a estrada de ferro e o rio?

— Ahn, ahn. Não ir estrada ferro. Cidade dos coelhos em campos grandes, arbustos. Muitas fêmeas.

— Quanto tempo levaríamos daqui até... até à cidade?

— Eu achar dois dias. Caminhar muito.

— Bom trabalho, Kehaar. Você fez o que esperávamos. Agora descanse. Nós lhe daremos a comida

que quiser.

— Dormir agora. Amanhã muitos besouros, ahn, ahn.

Os coelhos voltaram ao Favo de Mel. Aveleira transmitiu as informações de Kehaar e começou, então, um longo, confuso e intermitente debate. Esta a sua maneira de chegar a uma conclusão. O fato de existir uma coelheira, a dois ou três dias de jornada, para o sul, flutuava e oscilava entre eles qual pequena moeda arrastada em água profunda, para um e outro lado, subindo, desaparecendo, reaparecendo, mas sempre afundando para o mais fundo do leito. Aveleira deixou a discussão seguir seu livre curso, até que os coelhos se dispersaram para dormir.

Na manhã seguinte, entregaram-se aos hábitos de suas vidas, alimentando Kehaar, e a si próprios, brincando e cavando. Mas, tal como uma gota de água que incha devagar, até tornar-se pesada e cair de um galho fino, a idéia do que fazer ficava mais clara e unânime. No outro dia, Aveleira viu-a em toda a sua clareza. O instante revelador ocorreu quando estava sentado no barranco, ao nascer do sol, com Cinco-Folhas e três outros companheiros. Não houve necessidade de obter apoio. A coisa ficou estabelecida. Quando a decisão se espalhasse, os que ali não se encontravam aceitariam o que ele havia dito sem necessidade de participação ulterior.

— Aquela coelheira — disse Aveleira — é grande, segundo observou Kehaar.

— Então, não podemos tomá-la à força — disse Manda-Chuva.

— Eu não pretendo entrar para ela — disse Aveleira. — E você?

— Abandonar isto aqui? — replicou Dente-de-Leão. — Depois de tanto trabalho? Além disso, acho que o risco seria muito grande.

— O que queremos é trazer algumas fêmeas para cá — disse Aveleira. — Crêem que a empresa será difícil?

— Acredito que não — disse Azevim. — As grandes coelheiras vivem apinhadas e muitos coelhos não têm o suficiente para comer. As jovens fêmeas vivem pelos cantos, nervosas, e algumas não contam sequer com a distração de filhotes. Pelo menos, os filhotes começam a crescer dentro de seus corpos e elas os desmancham. Sabiam?

— Eu não sabia — disse Morango.

— Porque nunca viveu numa coelheira superpovoada. Mas nossa coelheira — a do Threarah — estava assim, um ou dois anos atrás, e uma porção de fêmeas mais jovens reabsorveu as crias antes que estas nascessem. O Threarah disse-me que, há muito tempo, El-ahrairah fez um trato com Frith. Frith prometeu-lhe que os coelhos não nasceriam mortos ou indesejados. Se há poucas possibilidades de vida digna para eles, é privilégio da fêmea dissolvê-lo em seu próprio corpo.

— Sim, lembro-me da história desse trato — disse Aveleira. — Então você pensa que haja fêmeas descontentes? Isso seria bom. Concordamos, nesse caso, em mandar uma expedição àquela coelheira, pois há uma boa possibilidade de êxito sem recurso à luta. Acham que todos devem ir?

— Eu diria que não — disse Amora-Preta. — Serão dois ou três dias de jornada. E ficaremos todos em perigo, na ida e na volta. Seria menos perigoso que fossem três ou quatro coelhos, em vez de *hrair*. Três ou quatro podem andar mais depressa e sem chamar muito a atenção. E o Coelho-Chefe da tal coelheira teria menos objeções a oferecer a alguns estranhos portadores de uma reivindicação razoável.

— Acho que tem razão — disse Aveleira. — Enviaremos quatro coelhos. Eles explicarão nossas atuais dificuldades e pedirão licença para persuadir algumas fêmeas a acompanhá-lo até aqui. Não vejo como um Coelho-Chefe possa levantar objeções. Pergunto apenas: quem deveria ir?

— Aveleira-rah, você não deve ir — disse Dente-de-Leão. — É indispensável aqui, e não queremos arriscar sua vida. Todos concordam neste particular.

Aveleira já sabia que não o deixariam chefiar a embaixada. Era decepcionante, mas sentia que os companheiros tinham razão. A outra coelheira fazia pouco caso de um Coelho-Chefe que chefiasse seus próprios companheiros errantes. Ademais, ele não costumava impressionar, quer na aparência, quer na oratória. A missão cabia a outro.

— Muito bem — disse. — Eu sabia que não me deixariam ir. Não sou, de qualquer forma, o nome mais indicado. Azevim, sim. Ele sabe tudo sobre descampado e será capaz de falar bem quando se apresentar a ocasião.

Ninguém contestou. Azevim era a escolha óbvia, mas selecionar seus companheiros parecia menos fácil. Todos estavam prontos a ir, mas o assunto era tão importante que, afinal, pensaram em todos os coelhos, um por um, discutindo quem seria o mais capacitado a sobreviver à longa jornada, chegar em boas condições físicas e portar-se a contento em coelheira estranha. Manda-Chuva, rejeitado sob a alegação de que se envolveria em brigas com estranhos, quis zangar-se, a princípio, mas voltou às boas ao lembrar-se de que continuaria, assim, a cuidar de Kehaar. O próprio Azevim queria levar Campainha, mas, conforme observou Amora-Preta, uma brincadeira à custa do Coelho-Chefe tenderia a arruinar tudo. Finalmente escolheram Prata, Espinheiro Cerval e Morango. Morango falou pouco, mas estava, pelo visto, contente. Esforçara-se muito por demonstrar que não era covarde e agora tinha a recompensa de ver que merecia a confiança dos novos amigos.

Partiram cedo à pesada luz cinzenta da manhã. Kehaar se comprometeu a voar mais tarde, a fim de se certificar de que seguiam o rumo certo e trazer notícias do avanço. Aveleira e Manda-Chuva foram com os expedicionários à ponta meridional da mata e observaram-nos partir, para os lados do oeste, na direção da fazenda distante. Azevim parecia confiante e os outros três encontravam-se em boa disposição de espírito. Dentro em pouco perdiam-se de vista em meio ao capim e Aveleira e Manda-Chuva voltaram a penetrar no bosque.

— Bem, fizemos o que podíamos — disse Aveleira. — O resto é com eles e com El-ahrairah. Acha que tudo correrá bem?

— Nem tenha dúvida — disse Manda-Chuva. — Estarão de volta sem demora. Quero uma fêmea bonitinha e uma porção de filhotes em minha toca. Muitos pequenos Manda-Chuvas, Aveleira! Só em pensar nisso, fico todo emocionado!

24. Nuthanger Farm

Quando Robin chegou a Notyngham,
Rezou, com muita franqueza,
A Deus e à bondosa Maria,
Velo sucesso de sua empresa.

Surgiu então um frade andrajoso,
Meu Deus, que entrevista!
Viu logo quem era Robin
Mal lhe deitou a vista.

Robin Hood and the Monk (Child's Ballads, n.º 119).

Aveleira agachou-se no barranco, à noite, em pleno solstício de verão. Não restavam mais que cinco horas de escuridão; a pálida luz crepuscular mantinha-o desperto e agitado. Tudo ia bem. Kehaar localizara Azevim durante a tarde e corrigira a direção dos expedicionários mais um pouco para oeste. Deixara-o ao abrigo de uma espessa cerca viva, certo que estava no rumo da grande coelheira. Tinham certeza, agora, que bastariam dois dias de jornada. Mandachuva e outros coelhos já haviam começado a alargar suas tocas, preparando-se para o retorno de Azevim. Kehaar travara violenta briga com um francelho, gritando insultos em voz capaz de varar um frade de pedra; e embora, entre mortos e feridos, todos escapassem sem ferimentos, o francelho devia, doravante, considerar a mata com maior respeito. As coisas não poderiam andar melhor desde que haviam saído de Sandleford.

Um toque de travessura insinuava-se no espírito de Aveleira. Sentia-se em disposição semelhante à daquela manhã, quando atravessaram o Enborne e ele avançou sozinho e encontrou o campo de feijões. Estava bem disposto, pronto à aventura. Mas que aventura? Algo digno de ser contado a Azevim e Prata, na sua volta. Algo que... bem, não valia a pena diminuir a importância do feito que eles realizavam. Não, claro que não... mas só para provar-lhes que o Coelho-Chefe era capaz de coisas com que sequer sonhavam. Pensou nisso enquanto, agachado no barranco, cheirava umas moitas de pimpinela. Sim, por que não causar-lhes pequena e desagradável surpresa? De súbito, pensou: "E se, ao voltarem, houver aqui uma ou duas fêmeas?" No mesmo instante, lembrou o que Kehaar dissera a respeito de uma caixa cheia de coelhos na fazenda. Que espécie de coelhos seriam? Sairiam das caixas? Teriam visto, alguma vez, um coelho selvagem? Kehaar dissera que a fazenda não estava longe do sopé da colina, numa pequena elevação. Então poderia ser alcançada facilmente, de manhã bem cedo, antes que os homens estivessem de pé. Se houvesse cães, estariam acorrentados, mas os gatos andariam soltos. Um coelho poderia ganhar corrida de um gato, na planície, desde que o avistasse antes. O importante era não ser pego de surpresa. Seria capaz de avançar ao longo de cercas sem atrair *elil*, a menos que estivesse mesmo azarado.

Mas o que pretendia fazer, exatamente? Por que ir à fazenda? Aveleira acabou de mastigar a última pimpinela e respondeu a seus próprios botões, à luz das estrelas. "Vou dar só uma olhada", disse, "e se

encontrar a tal caixa de coelhos, tentarei falar-lhes, nada além disso. Não vou correr riscos... bem, pelo menos riscos verdadeiros... até ver se a aventura vale mesmo a pena."

Deveria ir só? Seria mais seguro e também mais agradável levar um companheiro; mas apenas um. Não deviam chamar a atenção. Quem seria o mais indicado? Manda-Chuva? Dente-de-Leão? Aveleira rejeitou-os. Precisava de alguém que acatasse ordens e não se desse ao luxo de ter idéias próprias. Imediatamente pensou em Panelinha de Barro. Panelinha o seguiria sem fazer perguntas e faria tudo o que lhe mandassem. Nesse momento estaria, com certeza, dormindo na toca que compartilhava com Campainha e Bolota, no fundo de um corredor que saía do Favo de Mel.

Aveleira sentia-se feliz. Encontrou Panelinha perto da boca do buraco e já acordado. Trouxe-o para cima, sem perturbar os outros dois coelhos, e levou-o ao barranco. Panelinha olhou em volta, incerto, assustado, temendo algum perigo.

— Tudo bem, Hlao-roo — disse Aveleira. — Não há o que temer. Quero que desça a colina comigo e me ajude a encontrar a fazenda de que ouvi falar. Daremos um passeio.

— Perto de uma fazenda, Aveleira-rah? Para quê? Não será perigoso? Gatos e cães e...

— Não, você estará seguro em minha companhia. Só você e eu... não quero mais ninguém. Tenho um plano secreto. Não conte aos outros... ao menos por enquanto. Faço questão que vá comigo, e ninguém mais.

Isso produziu exatamente o efeito que Aveleira pretendia. Panelinha não precisou de outros apelos, e juntos partiram pela vereda, através do capim, descendo a encosta. Passaram pela estreita cinta de árvores e entraram no campo onde Azevim chamara Manda-Chuva nas trevas. Ali, Aveleira parou, cheirando e escutando. Era a hora em que as corujas retornam, ainda caçando no caminho de volta. Embora um coelho crescido não esteja completamente a salvo de corujas, são poucos os que se atrevem a enfrentá-las. Arminhos e raposas também podiam estar em campo, mas a noite era calma e úmida, e Aveleira, estimulado por sua eufórica confiança, estava certo de poder cheirar ou ouvir qualquer animal de presa a uma distância de metro e meio.

A fazenda devia ficar além da estrada que corria pela fímbria oposta do campo. Aveleira avançava sem pressa, com Panelinha rente aos seus calcanhares. Avançando tranqüilamente pela cerca viva que Azevim e Campainha haviam acompanhado e atravessado, sob os fios telefônicos mal divisados em cima, levaram somente alguns minutos a chegar à estrada.

Há ocasiões em que sabemos com certeza que tudo vai bem. Um batedor que, no jogo de basebol, acertou ótimos lances, dirá depois que tinha a certeza absoluta de não perder a bola, e um locutor ou um ator, em dia de sorte, sente que o auditório o transporta, como se estivesse a nadar em água miraculosa, leve. Aveleira sentia isso agora. Tudo ao seu redor permanecia tranqüilo na noite de verão, noite luminosa, estrelada, mas já empalidecendo nos lados do céu. Nada a temer e ele estava pronto a cruzar mil pátios de fazenda, um após outro. Ao sentar-se com Panelinha numa ribanceira, acima da estrada cheirando a alcatrão, Aveleira não considerou um golpe de sorte ver um ratinho pular da cerca oposta e desaparecer numa noite de descoloridas murugens, mais abaixo. Sabia que um guia, ou algo equivalente, estava à sua espera. Desceu rapidamente o barranco e encontrou o rato cheirando a vala.

— A fazenda — disse Aveleira. — Onde fica a fazenda... perto, numa pequena colina?

O rato encarou-o com seus bigodes torcidos. Não tinha razão alguma para mostrar-se cordial, mas algo na expressão de Aveleira forçava-o a dar resposta educada.

— Do outro lado da estrada. Subindo a planície.

O céu tornava-se mais claro a cada instante. Aveleira cruzou a estrada sem esperar por Panelinha, que o alcançou embaixo da cerca bordejando o lado mais próximo da pequena planície. Dali, após outra pausa para escutar, começaram a subir a elevação, no rumo norte indicado pela linha do horizonte.

Nuthanger parece-se com uma fazenda de conto infantil. Entre Ecchinswell e o pé de Watership Down, a cerca de meio quilômetro entre esses dois pontos, há um largo outeiro, mais íngreme do lado norte, mas decaindo, suavemente, ao sul — à semelhança do seu próprio espinhaço. Planícies estreitas cobrem ambos os flancos e juntam-se num grande anel de olmos que emoldura o cume chato. O vento — mesmo o mais suave — traz dos olmos um som farfalhante, poderoso, de mil folhas. Dentro desse anel, está situada a fazenda, com seus celeiros e dependências. A casa, de uns duzentos anos ou talvez mais antiga, é construída de tijolos, com a frontaria de pedra voltada para o sul, na direção da escarpa. Do lado oriental, em frente da casa, um celeiro ostenta-se em seus alicerces de pedra; e, do outro lado, o estábulo das vacas.

Quando Aveleira e Panelinha chegaram ao topo da suave encosta, a primeira luz mostrava claramente o pátio da fazenda e suas dependências. Os pássaros que cantavam ao seu redor eram os mesmos a que estavam habituados nos dias antigos. Um pisco-de-peito-ruivo, pousado num galho baixo, tatalou uma frase musical e esperou a resposta, que veio além da casa da fazenda. Um tentilhão soltou seu curto canto desfalecente, e mais adiante, do alto de um olmo, um pintassilgo começou a chamar. Aveleira parou e agachou-se, a fim de melhor sentir o cheiro do ar. Odores fortes de palha e bosta de vaca misturavam-se ao das folhas dos olmos, cinzas e rações para o gado. Indícios mais fracos chegavam-lhe ao focinho, tais como as harmonias de um sino num ouvido treinado. Tabaco, naturalmente; gatos e, menos pronunciado, o odor de cães e — de súbito, sem dúvida alguma, e mais além — de coelho. Olhou para Panelinha de Barro e viu que este também colhera o odor.

Enquanto estes odores lhes chegavam, eles ouviam igualmente. Mas, além dos leves movimentos de pássaros e do primeiro zumbido de moscas bem próximas, nada mais distinguiam, salvo o contínuo rumorejar das árvores. Sob a encosta setentrional do morro, o ar estivera calmo, mas ali a brisa do sul era ampliada pelos olmos, com suas miríades de pequenas folhas farfalhantes, tal como o reflexo do sol num jardim é amplificado pelo orvalho. O som, chegando dos ramos mais altos, perturbava Aveleira, porque sugeria uma atropelada; uma atropelada que jamais se completava; e ele e Panelinha permaneceram imóveis por algum tempo, ouvindo, tensos, essa alta e no entanto inexpressiva veemência acima de suas cabeças.

Não viram gato, mas perto da casa erguia-se um canil de telhado plano. Viram, de relance, o cão adormecido dentro — um grande cão negro, de pêlo liso, a cabeça deitada entre as patas. Aveleira não conseguiu avistar corrente; mas logo observou a linha de uma corda fina que saía da porta do canil e terminava numa espécie de nó, no telhado. "Por que uma corda?", pensou, e em seguida: "Porque assim um cão agitado não pode fazer algazarra à noite."

Os dois coelhos começaram a vaguear entre as dependências da fazenda. A princípio, tiveram o cuidado de se ocultar e acautelarem-se contra gatos. Mas não viram nenhum e, aos poucos, tornaram-se mais atrevidos, cruzando espaços vazios e até mesmo parando para morder dentes-de-leão nos trechos de ervas e capim áspero. Guiado pelo cheiro, Aveleira dirigiu-se a um telheiro baixo. A porta estava meio aberta e ele entrou após ligeira pausa no vestíbulo de tijolo. Imediatamente atrás da porta, num largo compartimento de madeira — uma espécie de plataforma —, havia uma gaiola para animais, com tela de arame na frente. Através do entrançado, ele viu uma tigela marrom, um punhado de ervas e as orelhas de dois ou três coelhos. Enquanto olhava, um dos coelhos aproximou-se do arame, olhou para fora e avistou-o.

Ao lado da plataforma, no canto oposto, havia um fardo de palha em posição vertical. Aveleira pulou

em cima e, dali, para as grossas tábuas, que eram velhas e de superfície macia, empoeiradas e cobertas de resíduos de cereais. Então, virou-se para Panelinha, que aguardava dentro da porta.

— Hlao-roo — disse —, há apenas uma saída deste lugar. Fique aí, vigiando os gatos, do contrário cairemos numa armadilha. Não se afaste da porta, e se avistar um gato, chame imediatamente.

— Certo, Aveleira-rah — disse Panelinha. — Agora está mais fácil de ver.

Aveleira subiu para a gaiola. O arame projetava-se sobre a borda da prateleira, de forma que ele não podia alcançá-la nem olhar para dentro, mas havia um olho no nó da madeira, em uma das tábuas que o defrontavam, e, do outro lado, distinguiu um focinho tremelicante.

— Sou Aveleira-rah — disse. — Vim falar com vocês. Podem me entender?

A resposta veio em língua leporídea, estranha mas perfeitamente inteligível.

— Sim, entendemos. Meu nome é Madeira de Buxo. De onde vem você?

— Das colinas. Meu amigo e eu vivemos livres, sem homens. Comemos ervas, deitamos ao sol e dormimos em tocas. Quantos são vocês aí?

— Quatro. Machos e fêmeas.

— Nunca saem?

— Sim, às vezes. Uma criança nos tira e nos põe num redil, na grama.

— Vim aqui falar-lhes de minha coelheira. Precisamos de mais coelhos. Queremos que fujam da fazenda e se juntem a nós.

— Há uma porta de arame nos fundos desta gaiola — disse Caixa de Madeira. — Desça daí. Podemos falar com maior facilidade.

A porta era feita de arame entrançado sobre uma estrutura de madeira, com duas dobradiças de couro pregadas em cima e um ferrolho e um prego ligados por um arame em forma de gancho. Quatro coelhos amontoavam-se contra o arame, apertando os focinhos através das aberturas. Dois — Loureiro e Trevo — eram angorás pretos, de pêlo curto. Os outros, Madeira de Buxo e sua fêmea Pilha de Feno, eram himalaias preto e branco.

Aveleira começou a falar-lhes da vida nos morros e dos prazeres e da liberdade gozados pelos coelhos selvagens. Com sua habitual franqueza, referiu-se à falha de sua coelheira, que não tinha fêmeas, e confessou-se em busca de algumas.

— Mas — disse —, não as pretendemos roubar. Vocês quatro são bem-vindos, machos e fêmeas. Há lugar para todos nas colinas.

Falou, a seguir, como se alimentavam, à tarde, no crepúsculo, e de manhã bem cedo, no capim alto.

Os coelhos da gaiola pareciam ao mesmo tempo desnorreados e fascinados. Trevo, a fêmea angorá — um coelho forte, ativo — ficou visivelmente impressionada com a descrição de Aveleira, e fez várias perguntas sobre a coelheira e os morros. Tornou-se claro que julgavam sua vida na gaiola insípida mas segura. Sabiam muitas coisas dos *elil*, por uma fonte e outra, e pareciam certos de que poucos coelhos selvagens sobreviviam por muito tempo. Aveleira sentiu que, embora estivessem contentes com a conversa e com sua visita, porque sacudiam a monotonia de suas vidas, não tinham capacidade de tomar decisão e aplicá-la de imediato. Não sabiam como agir. Para Aveleira e seus companheiros, sentir e agir faziam parte de uma segunda natureza; mas aqueles coelhos ali nunca tiveram de agir para salvar suas vidas ou até mesmo para encontrar o que comer. Se pretendia, de fato, levar algum até o morro, teria de empurrá-lo. Ficou imóvel algum tempo, mordiscando farelos amontoados nas tábuas, do lado de fora da

gaiola. Depois, disse:

— Agora devo retornar aos meus amigos nas colinas. Mas nós voltaremos. Viremos uma noite dessas, e, nessa ocasião, podem crer: abriremos a gaiola tão facilmente como o fazendeiro costuma fazer. E então, quem quiser irá conosco.

Madeira de Buxo estava em vias de falar, quando, de súbito, Panelinha de Barro avisou lá do chão: — Avelreira, há um gato no pátio!

— Não temos medo de gatos — disse Avelreira a Madeira de Buxo —, enquanto andam nos espaços abertos.

Procurando aparentar calma, desceu ao chão, pelo fardo de palha, e dirigiu-se à porta. Panelinha olhava através da dobradiça. Estava bastante assustado.

— Acho que já nos farejou, Avelreira — disse. — Receio que nos tenha localizado.

— Nesse caso, não fique aí — disse Avelreira. — Siga-me de perto e corra quando eu correr.

Sem olhar pela dobradiça, contornou a porta semicerrada da gaiola e parou no vestíbulo.

O gato, um tigrado de peito e patas brancas, encontrava-se no canto mais distante do pequeno pátio, andando devagar e deliberadamente ao longo de uma pilha de toros de madeira. Quando Avelreira apareceu na soleira da porta, viu-o imediatamente e parou, de olhos fixos e rabo retorcido. Avelreira saltou para fora e parou de novo. A luz do sol já se insinuava no pátio e, no silêncio, as moscas zumbiam em volta de um monte de estéreo, a poucos metros dali. Havia um cheiro de palha e pó e espinheiro.

— Você parece faminto — disse Avelreira ao gato. — Os ratos estão ficando espertos, ahn?

O gato não deu resposta. Avelreira sentou-se, piscando os olhos à luz do sol. O gato estendeu-se no chão, ao comprido, pousando a cabeça entre as patas dianteiras. Bem atrás, Panelinha impacientava-se, e Avelreira, sem tirar os olhos do gato, sentia o amigo tremer.

— Não tenha medo, Hlao-roo — cochichou. — Eu o levarei daqui, mas espere, antes, que o gato tome qualquer iniciativa. Fique firme.

O gato começou a bater com a cauda. Seus flancos ergueram-se e ondularam, de lado a lado, em crescente excitação.

— É bom corredor? — disse Avelreira. — Não creio. Olhe aí, seu bestalhão de olhos esbugalhados, seu fuçador de latas de lixo...

O gato disparou pelo pátio e os dois coelhos puseram-se em fuga desabalada, em grandes saltos de suas pernas traseiras. O gato corria com muita velocidade, e embora ambos estivessem prontos a correr no mesmo instante, mal conseguiram sair do pátio a tempo. Contornando o comprido celeiro, ouviram o Labrador ladrar excitadamente, enquanto saltava até a máxima extensão permitida pela corda. Uma voz de homem gritou-lhe. Ao abrigo da mata, junto à planície, viraram-se para olhar. O gato havia parado logo e lambia uma pata em sinal de fingida indiferença.

— Odeiam bancar os bobos — disse Avelreira. — Aquele ali não nos causará mais dificuldades. Se não fosse atiçado contra nós, teria nos seguido de muito perto e provavelmente apanharia um. É preciso tomar-lhes a dianteira. Foi bom você ter vindo, Hlao-roo.

— Fico contente por ter ajudado, Avelreira. Mas para que tudo isso, e por que conversou com os coelhos na caixa?

— Contarei tudo mais tarde. Agora vamos entrar no campo e comer alguma coisa. Depois, iremos para casa, devagar, como você gosta.

25. A Incursão

Ele continuou permitindo, ou não seria o rei ... A ninguém cabia dizer-lhe: "É tempo de fazer a oferta."

Mary Renault, *The King Must Die*

Aveleira e Panelinha de Barro só voltaram ao Favo de Mel quando anoitecia. Ainda se alimentavam no campo quando a chuva começou a cair, acompanhada por um vento frio, e eles se refugiaram primeiro na vala próxima, e em seguida — já que a vala ficava numa encosta, e dentro de dez minutos formou-se nela uma regular torrente de água — em alguns abrigos, a meio caminho da planície. Entocados em espesso monte de palha, ficaram algum tempo à escuta, a ver se havia ratos. Mas tudo continuava em silêncio e eles, sonolentos, acabaram dormindo, enquanto, lá fora, a chuva caía durante a manhã inteira. Ao acordarem, a tarde já ia avançada e ainda chuviscava. Aveleira não viu motivo especial para pressa. A ida seria difícil e, de qualquer maneira, nenhum coelho digno do nome poderia partir sem antes investigar as imediações. Uma pilha de beterrabas e nabos, usados como forragem, ocupou-os, e só se puseram a caminho quando começava a escurecer. Não se apressaram, alcançando o mato da encosta pouco antes da noite fechada, sem maior problema que o desconforto de seus pêlos ensopados. Apenas dois ou três coelhos se haviam arriscado a um rápido *silflay* na erva encharcada. Ninguém lhes notara a ausência, e Aveleira dirigiu-se imediatamente para a toca, advertindo Panelinha de Barro a que nada dissesse, por enquanto, da aventura. Encontrou seu buraco vazio, deitou-se e adormeceu.

Ao acordar, Cinco-Folhas estava ao seu lado, como de hábito. Ainda faltava algum tempo para o amanhecer. O chão de terra encontrava-se agradavelmente seco e aconchegante, e ele se preparava para dormir de novo quando Cinco-Folhas falou.

— Ficou completamente ensopado, Aveleira.

— E daí? A erva está molhada, como você bem viu.

— Você não se molhou tanto assim no *silflay*. Chegou encharcado. Passou todo o dia de ontem fora, não foi?

— Ora, fui colher forragem pelo morro abaixo.

— Comeu nabos. E seus pés têm cheiro de fazenda — cocô de galinha e farelos. Mas há outra coisa estranha que *não posso* farejar. O que aconteceu?

— Bem, tive uma pequena escaramuça com um gato. Mas por que se preocupar?

— Por que está escondendo alguma coisa, Aveleira. Algo perigoso.

— Azevim é que está em perigo, não eu. Por que se preocupa tanto comigo?

— Azevim? — respondeu Cinco-Folhas, surpreso. — Mas Azevim e os outros chegaram à grande coelheira ontem à tarde. Kehaar nos contou. Quer dizer que você não sabia?

Aveleira sentiu-se apanhado em flagrante.

— Está bem, agora fico sabendo — respondeu. — E a notícia me deixa contente.

— Então 6 assim — disse Cinco-Folhas. — Foi a uma fazenda, ontem, e escapou às garras de um gato. Não sei o que andou fazendo, mas isso preocupou-o ao ponto de fazê-lo esquecer a missão de

Azevim, a noite passada.

— Muito bem, Cinco-Folhas, vou contar-lhe tudo. Chamei Panelinha de Barro e fomos àquela fazenda de que Kehaar nos falou, onde há coelhos numa gaiola. Encontrei os coelhos, falei-lhes e tenho intenção de lá voltar, uma noite dessas, para tirá-los e trazê-los aqui.

— Com que propósito?

— Bem, dois deles são fêmeas, aí está.

— Mas, se Azevim der conta do recado, em breve teremos uma porção de fêmeas. E, pelo que sei, coelhos que vivem em viveiros têm dificuldade de se habituar à vida selvagem. A verdade é que você não passa de um tolo exibicionista.

— Um tolo exibicionista? — disse Aveleira. — Bem, vamos ver o que Manda-Chuva e Amora-Preta pensam a respeito.

— Arriscou sua vida e a dos outros por algo que tem pouco ou nenhum valor para nós todos — disse Cinco-Folhas. — Claro que os outros o acompanharão sempre. Você é o Coelho-Chefe. E de esperar que tome decisões sensatas, e eles confiam em você. Persuadi-los não custa nada, mas três ou quatro coelhos mortos provarão que você é louco, quando já for tarde demais.

— Ora, acalme-se — falou Aveleira. — Vou dormir.

Durante o *silflay* da manhã seguinte, no qual Panelinha de Barro dava mostras de exibição, contou aos outros sua visita à fazenda. Conforme esperava, Manda-Chuva vibrou com a idéia de um ataque para libertar os coelhos da gaiola.

— Impossível um fracasso — disse. — É uma idéia magnífica, Aveleira! Não sei como se abre uma gaiola, mas Amora-Preta resolverá o problema. O que me aborrece é pensar que você correu do tal gato. Um coelho que se preza e adversário para qualquer gato. Minha mãe enfrentou um, certo dia, e garanto que o gato nunca esqueceu: ela fez seu pêlo voar como as lisimáquias no outono! Deixe os gatos da fazenda por minha conta, desde que eu tenha um ou dois companheiros!

Amora-Preta pareceu até mais convencido; ele, tal como Manda-Chuva e o próprio Aveleira, estava secretamente desapontado por não ter ido na expedição com Azevim, e quando os dois lhe disseram que dependiam de sua imaginação para abrir a gaiola, concordou logo com os acompanhar.

— Temos de levar todo mundo? — perguntou. — Você disse que o cão está preso, e acho que não haverá mais de três gatos. Coelhos em grande número tornam as coisas mais difíceis, na escuridão; alguém pode se extraviar, e perderemos tempo à sua procura.

— Levaremos Dente-de-Leão, Verônica e Bico-de-Falcão — disse Manda-Chuva. — Os outros ficam. Pretende ir esta noite, Aveleira-rah?

— Sim, quanto mais cedo melhor — disse Aveleira. — Pegue os três e conte o que pretendemos fazer. Uma pena que a noite seja, como parece, tão escura... Poderíamos levar Kehaar: ele gostaria muito.

Entretanto, as expectativas para a noite frustraram-se, pois a chuva voltou antes do escurecer, trazendo um vento noroeste e levando até o alto do morro o agridoce perfume dos alfeneiros em flor nas sebes dos chalés embaixo. Aveleira sentou-se na rampa, até a claridade sumir por completo. Afinal, quando se evidenciou que choveria a noite toda, reuniu-se aos outros, no Favo de Mel. Haviam convencido Kehaar a sair do vento e da chuva, e um dos contos de Dente-de-Leão sobre El-ahrairah foi seguido por uma história extraordinária, que deixou a todos aturdidos, embora fascinados, a respeito de uma ocasião em que Frith teve de partir em viagem, deixando o mundo todo coberto por um dilúvio. Mas um homem construiu um grande viveiro flutuante, que abrigou todos os animais e pássaros, até que Frith

voltou e soltou-os.

— Isso não se repetirá esta noite, não é, Aveleira-rah? — perguntou Panelinha, escutando a chuva, lá fora, nas samambaias. — Não temos gaiola flutuante aqui.

— Kehaar voará até a lua com você, Hlao-roo — disse Campainha —, e você poderá descer, depois, na cabeça de Manda-Chuva, qual folha de bétula em plena geadada. Mas primeiro, trate de dormir.

Antes de dormir, porém, Cinco-Folhas conversou outra vez com Aveleira acerca do ataque.

— Acho que não adianta pedir-lhe que desista — disse.

— Olhe aqui — respondeu Aveleira —, será que você teve um de seus maus pressentimentos a respeito da fazenda? Se teve, por que não desembucha logo? Assim, saberemos o que enfrentar.

— Nada tenho contra ou a favor da fazenda — disse Cinco-Folhas. — Isso não significa, porém, que o projeto valha a pena. Os pressentimentos vêm quando querem... e em raras ocasiões. E não se referem aos *lendri*, nem aos corvos. Para ser exato, não tenho idéia alguma do que acontece com Azevim e os outros. Podem ser coisas boas ou más. Mas há uma coisa que me assusta em você, Aveleira; só em você, não nos outros. Você sempre está sozinho, afiado e nítido qual galho seco recortado contra o céu.

— Bom, se acha que tenho problemas, e os outros não têm, então lhes transmita essa impressão para que decidam se devo prosseguir no plano. Mas isso implicará desistência, Cinco-Folhas. Por mais que você negue, todos pensarão que estou amedrontado.

— Eu estou dizendo apenas que a empresa não vale o risco, Aveleira. Por que não espera pela volta de Azevim? Seria o melhor a fazer.

— Eu me sentiria frustrado se esperasse por Azevim. Não percebe que quero trazer aquelas fêmeas antes que ele chegue? Olhe, Cinco-Folhas, vou ser franco. Confio tanto em você que agora lhe direi isto: tomarei o maior cuidado. De fato, não entrarei no pátio da fazenda. Ficarei ao largo, no topo da planície; se isso não desfizer seus temores, então não sei mais o que fazer.

Cinco-Folhas nada mais disse e Aveleira voltou seus pensamentos para a incursão e a dificuldade, que já previa, de forçar os coelhos da gaiola a andarem até o Favo de Mel.

O dia seguinte amanheceu claro e seco, com um vento fresco que esquentava até os lugares mais úmidos. As nuvens aproximavam-se da rampa, procedentes do sul, como acontecera naquele entardecer de maio em que Aveleira escalara, pela primeira vez, a encosta. Agora, porém, as nuvens estavam mais altas e menores, parecendo apaziguadas num céu semelhante a uma praia onde a maré baixa rumoreja. Aveleira levou Manda-Chuva e Amora-Preta à beira da encosta, de onde podiam avistar Nuthanger sobre a pequena colina. Descreveu a ação e explicou como encontrar a gaiola dos coelhos. Manda-Chuva entusiasmou-se. O vento e a perspectiva de entrar em ação excitava-o, e ele passou algum tempo com Dente-de-Leão, Bico de Falcão e Verônica, fingindo-se de gato e encorajando-os a atacá-los com grande dose de realismo. Aveleira, cuja conversa com Cinco-Folhas o entristecera, recobrou o ânimo ao vê-los em luta no capim. Juntou-se aos contendores, primeiro como atacante, depois como gato, olhando-os fixamente e em seguida estremecendo o dorso, como vira fazer o tigrado de Nuthanger.

— Ficarei desapontado se não encontrarmos um gato — disse Dente-de-Leão, enquanto esperava sua vez de correr até uma folha caída de samambaia, golpeá-la duas vezes e retroceder. — Até me sinto um animal perigoso.

— Aprender caçar, Sanhur Deão — disse Kehaar, que procurava lesmas na grama, perto. — Sanhur Média-Chuça, não pensar brincadeiras. Tomar cuidado. Gato não é brincadeira. Você não ver gato, não ouvir gato. Então, pular!

— Mas não queremos comer, Kehaar — disse Manda-Chuva. — Aí é que está a diferença. Não vamos passar o tempo todo observando gatos.

— Por que não comer o gato? — disse Campainha. — Ou trazer um, para ser comido aqui? Aumentaria o nosso estoque de alimentos.

Aveleira e Manda-Chuva decidiram que o ataque se faria logo depois da escuridão chegar, quando a fazenda estivesse adormecida. Isso significava que cobririam a distância de um quilômetro, até as dependências externas, ao crepúsculo, em vez de se arriscarem a uma confusa jornada noturna em terreno que somente Aveleira conhecia. Podiam roubar nabos, parar até que escurecesse e cobrir a curta distância até a fazenda, após um bom descanso. Depois — se conseguissem enfrentar com êxito os gatos — haveria tempo suficiente para abrir a gaiola; ao passo que, se chegassem pela madrugada, teriam de trabalhar contra o tempo, antes que os homens entrassem em cena. E, além disso, gaiolas de coelhos não desaparecem até a manhã seguinte.

— E lembre-se — disse Aveleira — que aqueles coelhos precisarão de muito tempo para ir até o morro. Teremos de ser pacientes. Eu preferiria fazer tudo isso na escuridão, com ou sem *elil*. Certamente não desejamos cometer asneiras em plena luz do dia.

— Se acontecer o pior — disse Manda-Chuva —, sempre podemos abandonar os coelhos da coelheira e fugir. Os *elil* pegarão os retardatários, não é mesmo? Sei que é duro dizer isso, mas se houver encrenca, teremos de salvar primeiro os nossos coelhos. Façamos votos, porém, para que tal coisa não aconteça.

Quando se puseram a caminho, Cinco-Folhas não estava à vista. Aveleira sentiu-se aliviado, pois receava que Cinco-Folhas dissesse alguma coisa que lhes tirasse o ânimo. Nada mais difícil de enfrentar, porém, que a decepção de Panelinha de Barro ao ser deixado para trás; e isso foi afastado, no entanto, quando Aveleira lhe assegurou que ele já fizera sua parte. Campainha, Bolota e Panelinha os acompanharam até o pé da colina e os observaram passar pela sebe.

Alcançaram os barracões na penumbra que se seguiu ao crepúsculo. O anoitecer de verão não foi quebrado pelo pio das corujas, e estava, de fato, tão tranquilo que podiam ouvir distintamente o intermitente e monótono "tchag, tchag, tchag" de um rouxinol nos bosques distantes. Dois ratos entre as frinchas mostraram os dentes, pensaram melhor e os deixaram em paz. Depois de comer, descansaram confortavelmente na palha, até desaparecer a luz que vinha do ocidente.

Coelhos não dão nome a estrelas, todavia Aveleira se familiarizara com a visão de Capella a subir; e observou-a agora, até que ela cintilou, dourada, no horizonte escuro do nordeste, bem à direita da fazenda. Quando a estrela atingiu um certo ponto que ele fixara, ao lado de um galho sem folhas, despertou os outros e os conduziu pela elevação, no rumo dos olmos. Perto do cimo, passou pela sebe e os introduziu na planície.

Aveleira já falara a Manda-Chuva da promessa feita a Cinco-Folhas de evitar perigos desnecessários; e Manda-Chuva, que mudara muito em relação aos primeiros dias, não quis contestar.

— Se é isto que Cinco-Folhas diz, melhor agir assim, Aveleira. De qualquer forma, nos convém. Você fica fora da fazenda, em lugar seguro, e nós traremos os coelhos; depois, você assume o comando e nos leva de volta.

O que Aveleira não dissera foi que a idéia de permanecer na planície partira dele próprio, e que Cinco-Folhas só aquiescera porque não pudera persuadi-lo a desistir da idéia da incursão.

Agachando-se sobre um ramo caído, à margem da planície, Aveleira observou os outros seguirem Manda-Chuva na direção do pátio da fazenda. Avançavam devagar, à maneira dos coelhos: um salto, um

passo e uma parada. A noite era escura e dentro em pouco eles desapareciam de vista, embora Aveleira pudesse ouvi-los contornando o lado do comprido celeiro. Acomodou-se para esperar.

As esperanças de ação de Manda-Chuva foram satisfeitas quase de imediato. O gato que encontrou ao chegar à extremidade mais distante do celeiro não era o malhado de Aveleira, mas outro; ruivo, preto e branco (e, portanto, uma fêmea); um desses gatos magros, trotadores, ligeiros, de cauda enroscada, que costumam sentar nos peitoris das janelas, enquanto cai a chuva, ou, em cima de sacas, passam as tardes solarentas. Surgiu de repente, no canto do celeiro, viu os coelhos e parou, retesado.

Sem um instante de hesitação, Manda-Chuva partiu para ele, como se fosse um ramo de bétula no morro. Mais rápido, porém, Dente-de-Leão correu, arranhou o gato e pulou. Quando o gato virou-se, Manda-Chuva atirou contra ele todo o seu peso, do outro lado. O gato engalfinhou-se com Manda-Chuva, mordendo e arranhando, e Manda-Chuva rolou no chão. Os outros ouviram-no blasfemar como um gato e lutar por um ponto de apoio. Então, afundou uma pata traseira no flanco do gato e fustigou-o rapidamente, várias vezes.

Quem conhece gatos sabe que eles não levam em conta um determinado assaltante. Um cão que tenta fazer-se de engraçado com um gato pode muito bem sair arranhado. Mas, se esse mesmo cão, em vez disso, se lança ao ataque, muitos gatos não o esperam. O gato da fazenda ficou assustado com a velocidade e fúria da carga de Manda-Chuva. Não era um gato covarde e se distinguia como bom caçador de ratos, mas tivera a má sorte de enfrentar um lutador dedicado, que de há muito pedia ação. Quando se libertou do aperto de Manda-Chuva, Verônica esbofeteou-lhe o rosto. Foi o último golpe, pois o gato 1 rido cruzou o pátio e desapareceu sob a cerca do estábulo.

Manda Chuva sangrava de três fundos e paralelos arranhões na parte interna de uma pata traseira. Os outros reuniram-se em volta, aplaudindo-o, mas ele os afastou, olhando o escuro pátio como se tentasse buscar orientação.

— Vamos — disse. — Com rapidez, enquanto o cão está quieto. O barracão, quer dizer, a coelheira ... por onde vamos?

Foi Bico de Falcão que encontrou o pequeno pátio. Aveleira temia que a porta tia coelheira estivesse fechada. Mas encontraram-na escancarada, e os cinco entraram, um atrás do outro. Na densa penumbra não conseguiram ver a gaiola, mas sentiram e ouviram logo os coelhos.

— Amora-Preta — disse Manda-Chuva rapidamente —, venha comigo e mantenha a gaiola aberta. Vocês três fiquem de vigia. Se outro gato aparecer, terão de enfrentá-lo sozinhos.

— Ótimo — disse Dente-de-Leão. — Deixe por nossa conta.

Manda-Chuva e Amora-Preta encontraram o fardo de palha e subiram às pranchas. Ao fazerem isto, Madeira de Buxo falou da coelheira.

— Quem é? Aveleira-rah, você voltou?

— Aveleira-rah nos enviou — respondeu Amora-Preta. — Viemos libertar vocês. Querem ir conosco?

Houve uma pausa e algum movimento na forragem. Depois, Trevo respondeu: — Sim, tirem-nos daqui.

Amora-Preta cortou caminho para a porta de arame e sentou-se, farejando a armação, o fecho e o prendedor. Levou tempo a perceber que as dobradiças de couro eram macias e podiam ser mordidas. Depois, verificou que estavam tão gastas e frouxas que não podia usar os dentes. Várias vezes tentou agarrá-las e afinal sentou-se nas ancas, dando-se por vencido.

— Não creio que esta porta seja de alguma utilidade — disse. — Não haveria outra maneira?

Naquele momento, aconteceu que Madeira de Buxo firmou-se nas pernas traseiras e pôs as patas dianteiras no arame. Sob seu peso, a parte de cima da porta foi pressionada levemente para fora e a ponta superior das duas dobradiças de couro deslizou no lugar onde a presilha externa prendia-a à estrutura da própria gaiola. Quando Madeira de Buxo ficou de quatro patas, Amora-Preta viu que o dobradiça dobrara e subira, destacando-se da madeira.

— Tente agora — disse Manda-Chuva.

Manda-Chuva fincou os pés na dobradiça e puxou. Ela rompeu-se um pouco.

— Por Frith, está dando certo — disse Amora-Preta, tal como o Duque de Wellington em Salamanca. — Só precisamos de tempo.

A dobradiça fora bem feita e não cedeu, exigindo uma dose considerável de puxões e mordidas. Dente-de-Leão tornava-se nervoso e duas vezes deu um falso alarma. Manda-Chuva, percebendo que as sentinelas estavam cansadas de espreitar, sem nada que fazer, trocou de lugar com ele e mandou Verônica substituir Amora-Preta. Quando, por fim, Dente-de-Leão e Verônica haviam puxado a tira de couro do prego, Manda-Chuva voltou à gaiola. Mas não pareciam mais próximos do êxito. Sempre que um dos coelhos dentro da gaiola punha-se de pé e descansava as patas da frente na parte superior do arame, a porta girava levemente no eixo do prego e na dobradiça embaixo. Mas a dobradiça não se rompia. Soprando de impaciência por entre os fios do bigode, Manda-Chuva trouxe Amora-Preta da porta de entrada.

— Que fazer? — perguntou. — Precisamos de uma mágica, a exemplo daquela prancha que você providenciou no rio.

Amora-Preta olhou a porta, enquanto Madeira de Buxo, dentro, empurrava-a outra vez. A parte superior da estrutura pressionou com firmeza a tira de couro em cima, mas ela se manteve lisa e firme, sem dar oportunidade aos dentes.

— Puxe na outra direção... puxe deste lado — ele disse. — Puxe você, Manda-Chuva. Diga àquele coelho lá dentro para descer.

Quando Manda-Chuva ergueu-se e puxou o alto da porta para dentro, a estrutura girou imediatamente em ângulo mais aberto, porque não havia peitoril, do lado de fora, para detê-la. A dobradiça de couro torceu-se e Manda-Chuva quase perdeu o equilíbrio. Se o prego de metal não houvesse detido o giro, ele poderia ter caído dentro da gaiola. Confuso, saltou para trás, resmungando.

— Bem, você queria uma mágica, não foi? — disse Amora-Preta com satisfação. — Insista.

Nenhuma tira de couro presa apenas por um prego de cabeça chata, em cada extremidade, pode resistir muito tempo a uma torcidela repetida. Logo uma das cabeças de prego afundava-se sob as beiras rompidas.

— Cuidado agora — disse Amora-Preta. — Se o giro for violento, você sairá voando. Limite-se a puxar com os dentes.

Dois minutos mais tarde a porta pendia presa por um só prego. Trevo empurrou o lado solto da dobradiça e saiu, seguido por Madeira de Buxo.

Quando várias criaturas — homens ou animais — trabalham juntas para superar algo que oferece resistência, e afinal obtêm sucesso, segue-se, quase sempre, uma pausa — como se sentissem a necessidade de demonstrar respeito ao adversário que resistiu tanto. A grande árvore tomba, rachada, estalante, arremessando folhas no baque derradeiro contra o chão. Então, os lenhadores ficam silenciosos

e não se sentam imediatamente. Depois de horas, a profunda camada de neve foi removida e o carro está pronto a levar os homens para casa, libertando-os do frio. Mas eles esperam um pouco, inclinados contra as pás e balançando a cabeça, sem sorrir, enquanto os condutores avançam, acenando em sinal de agradecimento. A manhosa porta da coelheira tornara-se nada, a não ser uma peça de arame trançado, ajustada a uma estrutura feita de quatro tiras de couro; e os coelhos sentados nas pranchas, fungavam sem falar. Depois de certo tempo, os outros dois ocupantes da coelheira, Loureiro e Meda, saíram hesitantemente e juntaram-se ao grupo.

— Onde está Aveleira-rah? — perguntou Loureiro.

— Perto daqui — disse Amora-Preta. — Está à espera na planície.

— Que é planície?

— Planície? — disse Amora-Preta, surpreendido. — Ora... Interrompeu-se ao pensar que aqueles coelhos não conheciam a planície nem o pátio da fazenda. Não tinham a menor idéia dos arredores mais próximos. Refletia a esse respeito, quando Mandachuva falou.

— Não podemos perder tempo — disse. — Sigam-me, vocês todos.

— Mas, para onde? — disse Madeira de Buxo.

— Bem, para fora daqui, é claro — disse Manda-Chuva com impaciência.

Madeira de Buxo fitou-o. — Não sei... — começou.

— Pois eu sei — disse Manda-Chuva. — Venha conosco, é tudo. O resto não importa.

Os coelhos da gaiola olharam entre si, atônitos. Estava claro que temiam o grande e eriçado macho, com sua estranha dobra de pele e o odor de sangue fresco. Não sabiam que fazer ou não entendiam o que esperava deles. Lembravam-se de Aveleira; a pressão contra a porta deixara-os excitados, e a curiosidade os levava a sair, mal ela foi aberta. Afora isso, não sabiam para onde ir nem o que pensar. Quanto a isso, não passavam de uma criança que promete acompanhar os alpinistas até o outeiro.

O coração de Amora-Preta sensibilizou-se. Que fazer com eles? Entregues a si próprios, saltariam vagarosamente nas imediações do barracão e do pátio, até que os gatos os vissem. Por sua própria conta, tanto poderiam correr para as colinas quanto voar para a Lua. Não havia meio de fazer o grupo — ou pelo menos alguns deles — pôr-se em movimento? Virou-se para Trevo.

— Acho que vocês jamais comeram ervas à noite — disse. — Têm melhor sabor que de dia. Vamos provar, querem?

— Ah, sim — disse Trevo. — Gostaria muito. Mas estaremos em segurança? Temos um medo pânico dos gatos. Às vezes eles aparecem e nos olham fixamente através do arame — e isso nos faz estremecer.

Isso, pelo menos, mostrava um início de entendimento, pensou Amora-Preta.

— O coelho grande é adversário para qualquer gato — respondeu. — Quase matou um aqui, esta noite.

— E não pretende machucar outro, se puder evitar — disse Manda-Chuva com brusquidão. — Assim, se *querem* mesmo comer ervas ao luar, vamos logo para onde Aveleira-rah nos espera.

Quando Manda-Chuva penetrou no pátio, percebeu a forma do gato que ele havia ferido, a observá-los da pilha de lenha. À maneira dos gatos, estava fascinado pelos coelhos e não podia deixá-los sozinhos, mas, evidentemente, não tinha mais coragem para outra refrega. Limitou-se, por isso, a ficar no seu canto, enquanto o grupo atravessava o pátio.

A marcha era assustadoramente vagarosa. Madeira de Buxo e Trevo pareciam haver percebido que havia pressa e faziam o possível para se apressarem, mas os outros dois coelhos, uma vez no pátio, sentaram-se e olharam em volta, baratinados, aturdidos. Depois de longa demora, durante a qual o gato deixou a pilha de lenha e começou a andar matreiramente para o canto do barracão, Amora-Preta conseguiu tirá-los do torpor e do pátio. Mas depois, vendo-se num espaço ainda mais aberto, caíram numa espécie de pânico entorpecido, semelhante ao que, certas vezes, envolve alpinistas inexperientes expostos numa escarpa abrupta. Sem poder moverem-se, ficaram sentados, piscando os olhos e perscrutando a escuridão, indiferentes às lisonjas de Amora-Preta e às ordens de Manda-Chuva. Neste momento, um segundo gato — o tigrino de Aveleira — aproximou-se, saindo da extremidade mais distante da casa da fazenda, e dirigiu-se para o grupo. Ao passar pelo canil, o Labrador acordou e sentou-se, avançando a cabeça e depois os ombros, e olhando para um e outro lado. Viu os coelhos, correu até a extremidade da porta e começou a ladrar.

— Depressa! — disse Manda-Chuva. — Não podemos ficar aqui. Para a planície, todo o mundo, e com a maior velocidade.

Amora-Preta, Verônica e Bico de Falcão correram imediatamente, levando Madeira de Buxo e Trevo, e penetrando na escuridão sob o celeiro. Dente-de-Leão permaneceu ao lado de Meda, suplicando-lhe para avançar também e esperando, a qualquer instante, as garras do gato em seu dorso. Manda-Chuva saltou para o seu lado.

— Dente-de-Leão — disse-lhe no ouvido —, saia daqui, a menos que deseje morrer!

— Mas o... — começou Dente-de-Leão.

— Faça o que digo! — ordenou Manda-Chuva. O barulho dos latidos era assustador e ele próprio sentia-se à beira do pânico. Dente-de-Leão hesitou um momento. Em seguida, abandonou Meda e disparou para a planície, com Manda-Chuva ao seu lado.

Encontraram os outros reunidos em volta de Aveleira, sob o barranco. Madeira de Buxo e Trevo tremiam e pareciam exaustos. Aveleira infundia-lhes confiança, mas interrompeu a fala quando Manda-Chuva emergiu da escuridão. O cão parou de ladrar e houve silêncio.

— Estamos todos aqui — disse Manda-Chuva. — Podemos partir, Aveleira?

— Mas havia quatro coelhos na gaiola — disse Aveleira. — Onde estão os outros dois?

— No pátio da fazenda — disse Amora-Preta. — Nada pudemos fazer em sua ajuda. E então o cão começou a ladrar.

— Sim, eu ouvi. Quer dizer que estão soltos?

— Estarão mais soltos dentro em pouco — disse Manda-Chuva com raiva. — Os gatos andam por lá.

— Por que os deixou, então?

— Porque não se moviam. A situação já era péssima quando o cão despertou.

— O cão está amarrado? — perguntou Aveleira.

— Sim, está amarrado. Mas você espera que um coelho fique firme, a poucos passos de um cão enraivecido?

— Não, claro que não — respondeu Aveleira. — Vocês fizeram milagres, Manda-Chuva. Eles estavam me contando, antes de você chegar, que você deu uma tal surra em um dos gatos que ele não voltou mais. Agora, preste atenção: acha que você e Amora-Preta, com Verônica e Bico de Falcão, podem levar estes dois coelhos à nossa coelheira? Receio que precisem de quase toda a noite. Eles não

andam depressa e você terá de ser paciente. Dente-de-Leão, venha comigo, sim?

— Para onde, Avelaira-rah?

— Para buscar os outros dois — disse Avelaira. — Você é o mais ligeiro de nós todos, de forma que não correrá tanto perigo, não é? Não faça essa cara, Manda-Chuva. Você esteve ótimo. Nos veremos amanhã.

Antes que Manda-Chuva pudesse responder, ele já havia desaparecido sob os olmos. Dente-de-Leão permaneceu onde estava, olhando incerto para Manda-Chuva.

— Vai fazer o que ele diz? — perguntou Manda-Chuva.

— Bom... *você vai?* — disse Dente-de-Leão. Manda-Chuva não precisou de muito tempo para pensar que, se respondesse que não, haveria uma desorganização completa. Não podia devolver os outros à fazenda, e não podia deixá-los sozinhos. Murmurou algo acerca de Avelaira ser meio *embleer*, meio sábio, arrancou um pedaço de cardo que Bico de Falcão mastigava e conduziu os cinco coelhos, além do barranco, para o campo. Dente-de-Leão, sozinho, correu atrás de Avelaira, no rumo da fazenda.

Quando descia pelo lado do celeiro, ouviu Avelaira, no espaço vazio, perto da fêmea Meda. Nenhum dos coelhos da gaiola se movera de onde ele e Manda-Chuva os deixaram. O cão retornara ao canil; mas embora não fosse visto, dava mostras de estar acordado e vigilante. Dente-de-Leão saiu cautelosamente da sombra e aproximou-se de Avelaira.

— Eu estava conversando com Meda — disse Avelaira. — Expliquei-lhe agora mesmo que a distância é curta. Acha que podia saltar até onde Loureiro se encontra e fazê-lo juntar-se a nós?

Falou quase com alegria, mas Dente-de-Leão viu bem seus olhos dilatados e o leve tremor das patas dianteiras. Ele próprio sentia agora algo de peculiar — uma espécie de luminosidade — na atmosfera. Parecia uma curiosa vibração, algures, na distância. Procurou os gatos e viu que, conforme temia, os dois estavam agachados a pouca distância, em frente à casa da fazenda. Sua relutância em se aproximarem mais devia ser atribuída a Manda-Chuva; mas tampouco queriam afastar-se. Olhando-os através do pátio, Dente-de-Leão sentiu um súbito assomo de horror.

— Avelaira! — cochichou. — Os gatos! Por Frith! Por que será que seus olhos emitem luz tão verde? Olhe só!

Avelaira sentou-se rapidamente, e ao fazê-lo, Dente-de-Leão pulou para trás, assaltado por verdadeiro pânico, pois os olhos de Avelaira brilhavam, vermelhos, de um vermelho intenso, na escuridão. Nesse momento, a surda vibração cresceu, abafando o farfalhar da brisa noturna nos olmos. Os quatro coelhos permanecem sentados, como se transfixados pela repentina e cegante luz que vertia sobre eles semelhante a um aguaceiro. Todo o seu instinto deixou-se entorpecer pelo terrível esplendor. O cão ladrou e depois silenciou novamente. Dente-de-Leão tentou mover-se, mas não conseguiu. O poderoso brilho parecia penetrar-lhe o cérebro.

O carro, que passara pela planície e subira a testada embaixo dos olmos, aproximou-se mais uns metros e parou.

— Os coelhos de Lucy estão soltos. Vejam!

— Ah! Melhor pegá-los logo. Deixe os faróis acesos!

O som de vozes de homens, chegando de algum lugar além da luz penetrante, devolveu os sentidos a Avelaira. Não podia ver, mas nada, pelo visto, acontecera a seus ouvidos e focinho. Fechou os olhos e logo viu onde estava.

— Dente-de-Leão! Meda! Fechem os olhos e corram — disse. Um instante mais tarde, cheirou a mistura de líquen e umidade de uma das pedras da base de meda. Encontrava-se embaixo do celeiro. Dente-de-Leão estava perto e, um pouco além, Meda. Do lado de fora, as botas dos homens raspavam e rangiam nas pedras.

— Isso! Rodeia por trás.

— Não podem estar longe!

— Pegue-os, então!

Aveleira dirigiu-se a Meda. — Lamento termos de abandonar Loureiro — disse. — Siga-me.

Mantendo-se sob o chão em relevo do celeiro, os três correram para os olmos. As vozes dos homens ficaram para trás. Emergindo na erva, perto da planície, encontraram a escuridão atrás dos faróis cheia de fumaça do cano de descarga — um cheiro hostil, sufocante, que aumentava sua confusão. Meda sentou-se uma vez mais e não pôde ser persuadida a se mover.

— Não seria melhor deixá-la, Aveleira-rah? — perguntou Dente-de-Leão. — Não há perigo, os homens não lhe causarão mal... já pegaram Loureiro e o devolveram à coelheira.

— Se Meda fosse um macho, eu diria que sim — respondeu Aveleira. — Mas precisamos desta fêmea. Para isso é que viemos.

Nesse instante, colheram o cheiro de cilindros brancos queimados na boca dos homens e ouviram-nos retornar à fazenda. Houve uma batida metálica quando entraram no carro. O som pareceu despertar Meda. Ela olhou para Dente-de-Leão.

— Não quero voltar à coelheira — disse.

— Tem certeza? — perguntou Dente-de-Leão.

— Sim. Irei com vocês.

Dente-de-Leão voltou-se imediatamente para a sebe. Só quando a cruzou e atingiu a vala além, foi que percebeu encontrar-se no lado oposto da planície em relação ao lado por onde tinham chegado. Estava em uma vala estranha. Contudo, parecia não haver motivo de preocupações... a vala descia o declive e este era o caminho de volta. Avançou devagar, à espera de Aveleira.

Aveleira cruzara a planície pouco depois de Dente-de-Leão e de Meda. Atrás, ouviu os homens afastarem do *hrududu*. Ao pisar o cimo do barranco, o clarão de uma tocha iluminou a planície e mostrou de relance seus olhos vermelhos e sua cauda branca desaparecendo na sebe.

— Um coelho selvagem, olhe!

— Ah! Aposto que os nossos não andam longe. Acompanharam aquele, percebem? Melhor a gente dar uma olhada.

Na vala, Aveleira avistou Meda e Dente-de-Leão sob uma moita de samambaias.

— Caminhe o mais rápido que puder — disse a Meda. — Os homens estão aí atrás.

— Impossível, Aveleira — disse Dente-de-Leão. — A vala está bloqueada.

Aveleira investigou. Logo depois das samambaias, a vala era obstruída por um monte de terra, ervas daninhas e entulho. Teriam de entrar no descampado. Os homens já se encontravam no barranco e a tocha percorria a sebe e as montanhas acima de suas cabeças. Pior ainda: a poucos metros de distância, passadas vibravam à beira da vala. Aveleira virou-se para Dente-de-Leão.

— Ouça bem — disse. — Vou correr pelo canto do campo, desta vala à outra, para que me vejam. Tentarão focalizar a luz em mim. Enquanto fizerem isso, você e Meda sobem o barranco, penetram na planície e correm para o barracão dos nabos. Ocultem-se ali e eu chegarei mais tarde. Prontos?

Não havia tempo para contestação. Um momento depois, Aveleira irrompia aos pés dos homens e corria pelo campo.

— Lá vai ele!

— Ponha a luz cm cima. Firme!

Dente-de-Leão e Meda escalaram o barranco e entraram na planície. Aveleira, com o clarão da tocha a persegui-lo, quase alcançara a outra vala quando sentiu um golpe penetrante numa das patas traseiras e uma dor quente, penetrante, no flanco. O estrondo do cartucho soou um instante depois. Ao se enfiar numa moita de urtigas no fundo da vala, recordou vividamente o odor dos feijoeiros em flor, ao crepúsculo. Não sabia que os homens tinham uma espingarda.

Aveleira se arrastou pelas urtigas, puxando a perna ferida. Mais um pouco e os homens focalizariam nele a tocha e o pegariam. Avançou penosamente pela parede interna da vala, sentindo o sangue gotejar no pé. De súbito, sentiu contra um dos lados do nariz um cheiro forte, úmido, de matéria apodrecida, e um ruído oco que ecoava no fundo de seu ouvido. Estava à boca de um canal de irrigação que findava na vala — um liso e estreito túnel, mais fino que um buraco de coelho, mas de largura suficiente. Achatando as orelhas e apertando o ventre contra o chão úmido, ele rastejou, empurrando à sua frente um montículo de lama, e ficou quieto ao sentir o baque de botas que se aproximavam mais.

— Não sei mesmo, John, se foi você ou eu.

— Ora, não tem importância. Está vendo o sangue aqui?

— Sim, mas nada quer dizer. Ele pode estar longe agora. Acho que o perdemos.

— Desconfio que está nas urtigas.

— Então dê uma espiada.

— Não, não está aqui.

— Bem, não podemos andar para cima e para baixo pelo resto da noite. A gente devia ter pegado eles quando fugiram da coelheira. Não foi bom atirar, John. Eles se assustaram, sabe? De qualquer maneira, veja amanhã se ele ainda está aqui.

O silêncio voltou, mas Aveleira continuou imóvel no frio arrepiante do túnel. A lassidão apoderou-se dele, que entrou, então, em estado de sonolento e inerte estupor, cheio de câimbras e dores. Dentro em pouco, um fio de sangue começava a escorrer da beira do dreno para a vala abandonada, deserta.

Manda-Chuva, agachado junto a Amora-Preta, na palha do curral de gado, saltou com intenções de fugir, ao som do tiro duzentos metros acima da planície. Controlou-se e encarou os outros.

— Não corram! — disse rapidamente. — Para onde correr, aliás? Não há buracos por aqui.

— Melhor fugir da espingarda — respondeu Amora-Preta, de olhos esgazeados.

— Espere! — disse Manda-Chuva, escutando. — Estão descendo a planície. Pode ouvi-los?

— Só posso ouvir dois coelhos — respondeu Amora-Preta, depois de uma pausa. — E um deles parece exausto.

Olharam-se e esperaram. Depois, Manda-Chuva ergueu-se outra vez.

— Fiquem aqui, vocês todos. Vou buscá-los.

Fora, encontrou Dente-de-Leão que apressava Meda, estropiada e exausta.

— Entrem logo — disse Manda-Chuva. — Pelo amor de Frith, onde está Aveleira?

— Os homens atiraram nele — respondeu Dente-de-Leão. Juntaram-se aos outros cinco coelhos na palha. Dente-de-Leão não esperou perguntas.

— Atiraram em Aveleira — disse. — Primeiro, pegaram Loureiro e o devolveram à coelheira. Depois, nos perseguiram. Nós três chegamos ao fim de uma vala bloqueada. Aveleira saiu por sua própria conta e risco, para desviar-lhes a atenção enquanto fugíamos. Mas não sabíamos que eles tinham espingarda.

— Tem certeza que o mataram? — disse Verônica.

— Não vi Aveleira ser atingido, mas os homens estavam muito perto.

— É melhor a gente esperar — disse Manda-Chuva. Esperaram longo tempo. Por fim, Dente-de-Leão e Manda-Chuva saíram cautelosamente. Encontraram o fundo da vala revolvido pelas botas e com manchas de sangue, e retornaram para avisar aos outros. A volta, com os três coelhos da gaiola claudicantes, durou mais de duas horas aflitivas. Todos estavam sujos e arrasados. Quando, afinal, chegaram ao pé do morro, Manda-Chuva disse a Amora-Preta, Verônica e Bico de Falcão para se adiantarem na direção da coelheira. Quando se aproximaram do bosque, à primeira luz da manhã, um coelho correu ao seu encontro, no meio da erva úmida. Era Cinco-Folhas. Amora-Preta parou e esperou, enquanto os outros dois prosseguiram em silêncio.

— Cinco-Folhas — disse —, tenho más notícias. Aveleira...

— Eu sei — respondeu Cinco-Folhas. — Soube agora mesmo.

— Como é que sabe? — perguntou Amora-Preta, incrédulo.

— Quando vocês avançavam, a poucos instantes, pela erva — disse Cinco-Folhas, muito baixo —, havia um quarto coelho atrás, coxeando e coberto de sangue. Corri a ver quem era, e então vi apenas vocês três, lado a lado.

Parou e examinou o morro, como se ainda buscasse o coelho ensangüentado que desaparecera na penumbra. Em seguida, já que Amora-Preta nada dizia, perguntou: — Sabe o que aconteceu?

Amora-Preta contou tudo e Cinco-Folhas retornou à coelheira, metendo-se logo na sua toca vazia. Pouco depois, Manda-Chuva chegava com os coelhos da gaiola e convocava reunião imediata no Favo de Mel. Cinco-Folhas não compareceu.

A recepção aos coelhos desconhecidos foi decepcionante. Nem mesmo Campainha encontrou uma palavra chistosa. Dente-de-Leão estava inconsolável só de pensar que poderia ter impedido Aveleira de sair da vala. A reunião transcorreu em clima de pesar e findou com um *silflay* também pesaroso.

Mais tarde, naquela manhã, Azevim entrou coxeando na coelheira. De seus três companheiros, somente Prata encontrava-se bem disposto e ileso. Espinheiro Cerval estava ferido no rosto e Morango tremia, evidentemente em completa exaustão. Não havia outros coelhos com eles.

26. Cinco-Folhas Adianta-se

Em sua atormentada jornada, depois que o xamã vagueou por escuras florestas e grandes cadeias de montanhas- .. atinge uma clareira. A mais difícil etapa da aventura começa então. As profundezas do mundo subterrâneo abrem-se à sua frente.

Uno Harva, citado por Joseph Campbell, *in The Hero with a Thousand Faces*

Cinco-Folhas estava deitado no chão da toca. Fora, os morros ainda mergulhavam no intenso e brilhante calor do meio-dia. O orvalho e as teias de aranha haviam secado, desde cedo, na erva, e na metade da manhã os tentilhões silenciaram. Agora, nas solitárias extensões de turfa amaranhada, o ar ondulava. No caminho que saía da coelheira, cintilantes fios de luz — aguados — o que era uma miragem — gotejavam e reluziam ao longo da erva baixa e desigual. À distância, as árvores à beira da mata pareciam cheias de grandes e densas sombras, impenetráveis ao olho encandecido. O único som era o *zip, zip* dos gafanhotos; o único cheiro, o do tomilho aquecido.

Na toca, Cinco-Folhas dormiu e acordou inquieto, em meio ao calor do dia, remexendo-se e coçando-se enquanto os últimos traços de umidade desapareciam na terra em cima. Uma ocasião, quando um punhado de terra poeirenta caiu do teto, pulou, em pleno sono, e estava na boca do buraco, pronto a correr, antes de voltar a si e retornar ao lugar onde dormia. Sempre que acordava, lembrava a perda de Aveleira e sofria, outra vez, o pesar que o aguilhooara, ao ver o vulto do coelho coxeante sumir à primeira luz da manhã, no morro. Onde estaria agora o coelho? Para onde fora? Começou a segui-lo pelos caminhos emaranhados de seus próprios pensamentos, pela encosta fria do orvalho, e depois, embaixo, por entre o nevoeiro da aurora que encobria os campos.

A névoa girava enquanto Cinco-Folhas passava pelos cardos e urtigas. Já não avistava agora o coelho trôpego. Estava sozinho e com medo; no entanto percebia sons antigos, familiares, e cheiros — os odores dos campos onde nascera. As roupagens grossas do verão haviam desaparecido. Ele se encontrava agora sob as ramagens calcinadas e os fluorescentes espinheiros de março. Atravessava o regato, subindo a elevação para a planície, para o lugar onde Aveleira e ele viram a tabuleta. O aviso ainda estaria ali? Examinou furtivamente a encosta. A vista estava bloqueada pela névoa, mas, ao se aproximar do cimo, viu um homem ocupado sobre uma pilha de ferramentas — uma pá, uma corda e implementos menores de cujo uso não tinha conhecimento. A tabuleta estava caída ao chão. Parecia menor e pregada a um único e comprido poste quadrado, aguçado na ponta a fim de ser fincado ao solo. A superfície da tabuleta era branca, conforme ele a vira antes, e coberta com as linhas pretas semelhantes a bastões. Cinco-Folhas subiu, hesitante, a elevação, e parou perto do homem, que ficou olhando um buraco fundo e estreito, no chão, a seus pés. O homem virou-se para Cinco-Folhas com a espécie de amabilidade que um bicho-papão deve demonstrar em relação à vítima que ambos sabem muito bem que será comida assim que ele se dignar a tal.

— Ah! Veio ver o que estou fazendo, hein? — perguntou o homem.

— Que *está* fazendo? — respondeu Cinco-Folhas, olhando e tremendo de medo.

— Estou ajeitando esta velha tabuleta — disse o homem. — Acho que você sabe para que, não é?

— Sim — cochichou Cinco-Folhas.

— É para o velho Aveleira — disse o homem. — Escrevemos um aviso, está vendo só? Sabe o que o aviso diz?

— Não sei — disse Cinco-Folhas. — De que maneira... de que maneira uma tabuleta pode dizer alguma coisa?

— Ah, mas diz, está vendo? — respondeu o homem. — Por isso sabemos coisas que vocês ignoram. Por isso matamos vocês quando nos dá vontade. Olhe bem para esta tabuleta, e depois você saberá de coisas que jamais imaginou.

No lívido e nevoento crepúsculo, Cinco-Folhas olhou a tabuleta. Nesse momento, os bastões pretos estremeceram na superfície branca. Tomaram forma, quais diminutas cabeças, e conversaram quais doninhas jovens. O som, zombeteiro e cruel, chegou-lhe débil aos ouvidos, como se abafado por areia ou sacos. "Em memória de Aveleira-rah! Em memória de Aveleira-rah! Ra ra ra ra ra ra ra!"

— Viu só? — prosseguiu o homem. — Ele está preso aqui, logo mais eu o pegarei. Eu sou igual a um gato, a um arminho, entende? Ah, aí vem ele!

— Não! — gritou Cinco-Folhas. — Não faça isso!

— É só esperar — disse o homem. — Preciso ter paciência. Ele se meteu nesse maldito buraco. Escondeu-se quando eu ia apanhá-lo, e ainda não pude fazê-lo sair.

Cinco-Folhas rastejou até as botas do homem e espirou o buraco. Era circular, um cilindro de barro cozido que desaparecia verticalmente no chão. Chamou: "Aveleira!" Longe, embaixo algo se moveu e ele esteve a pique de chamar de novo. Em seguida, o homem inclinou-se e golpeou-o entre as orelhas.

Cinco-Folhas debatia-se numa grossa nuvem de terra macia e porosa. Alguém estava dizendo: "Calma, Cinco-Folhas, calma!" Sentou-se. Havia terra em seus olhos, ouvidos e narinas. Não podia farejar. Sacudiu-se e disse: — Quem é?

— É Amora-Preta. Vim ver como você estava. Não aconteceu nada: apenas um pouco de terra caiu do teto. Houve ligeiros desabamentos, hoje, em toda a coelheira, por causa do calor. Foi bom, porque tirou você do pesadelo. Você estrebuchava e gritava por Aveleira. Pobrezinho! Que coisa triste! Temos de nos resignar. Todos nós pararemos de correr um dia. Dizem que Frith conhece todos os coelhos, um a um.

— Já é tarde? — perguntou Cinco-Folhas.

— Ainda não. Estamos além do ni-Frith. Azevim e os outros voltaram, como você sabe. Morango está muito doente e eles não trouxeram fêmeas — nenhuma. Tudo vai mal. Azevim ainda dorme, completamente exausto. Disse que nos contará o que aconteceu esta tarde. Quando o informamos acerca do pobre Aveleira, ele disse... Cinco-Folhas, você não está ouvindo. Prefere, naturalmente, que eu me cale.

— Amora-Preta — disse Cinco-Folhas —, você conhece o lugar onde alvejaram Aveleira?

— Sim, Manda-Chuva e eu fomos até lá e olhamos a vala antes de voltar. Mas você não deve...

— Pode me levar lá agora?

— Voltar àquele lugar? Ah, não. É um trajeto longo, Cinco-Folhas, e a troco de quê? Há perigos, há este calor infernal e, além disso, você ficaria estropiado.

— Aveleira não está morto — disse Cinco-Folhas.

— Está, sim. Os homens levaram-no. Cinco-Folhas, eu vi o sangue.

— Sim, mas não viu Aveleira, porque ele não está morto. Amora-Preta, faça o que eu pedi.

— Está pedindo muito.

— Então irei sozinho. Só lhe pedi que me acompanhe para salvar a vida de Aveleira.

Quando, afinal, Amora-Preta cedeu, e desceram a encosta, Cinco-Folhas ia tão depressa que parecia correr em busca de abrigo. Não se cansava de pedir pressa a Amora-Preta. Os campos estavam vazios sob a soalheira. Ao alcançarem os barracões à margem da planície, Amora-Preta começou a explicar como ele e Manda-Chuva haviam empreendido a busca, mas Cinco-Folhas interrompeu-o.

— Temos de subir a colina, como sabe. Mas basta mostrar-me a vala.

Os olmos estavam imóveis. Não havia o menor som de folhas. A vala estava cheia de estrume de vaca, cicutas e compridos rastos de brionias de flores verdes. Amora-Preta tomou a dianteira até o lugar das urtigas e Cinco-Folhas sentou-se, tranqüilo, entre elas, farejando e olhando ao redor, em silêncio. Amora-Preta observou-o desconsoladamente. Leve brisa perpassou pelos campos e um melro começou a cantar algures, além dos olmos. Por fim, Cinco-Folhas começou a dirigir-se para o fundo da vala. Os insetos zumbiam-lhe em volta das orelhas e, de repente, uma nuvenzinha de moscas subiu, assustada por uma pedra que se deslocara. Apenas uma pedrinha, porque o terreno era liso e regular — uma aba circular de barro duro. A boca escura de um dreno, manchado de preto, na parte inferior, por um fino fio de sangue seco: sangue de coelho.

— O buraco ensangüentado! — cochichou Cinco-Folhas. — O buraco ensangüentado!

Perscrutou a escura abertura. Estava bloqueada. Bloqueada por um coelho. Não havia engano: o cheiro era forte. Um coelho cujo fraco pulso ainda se fazia ouvir, aumentado no túnel estreito.

— Aveleira? — disse Cinco-Folhas. Amora-Preta pôs-se logo ao seu lado.

— Que é, Cinco-Folhas?

— Aveleira está neste buraco — disse Cinco-Folhas. — E vivo.

27. "Não podem imaginar, a menos que estivessem lá"

Deus do Céu, nunca vi gente igual.

Signor Piozzi, citado por Cecília Thrale

No Favo de Mel, Manda-Chuva e Azevim esperavam o início da segunda reunião desde a perda de Aveleira. Quando o ar começou a esfriar, os coelhos acordaram e um a um começaram a andar pelos corredores que iam ter às tocas mais fundas. Todos tristonhos e deprimidos. À semelhança de um ferimento grave, o efeito de um choque brutal precisa de tempo para se fazer sentir. Quando uma criança sabe, pela primeira vez em sua vida, que uma pessoa conhecida morreu, pode não acreditar, pode não compreender e, mais tarde, perguntar — provavelmente mais de uma vez — onde está o morto e quando volta. Quando Panelinha de Barro plantou em seu espírito, como uma árvore sombria, a certeza de que Aveleira jamais retornaria, seu pasmo excedeu-lhe a dor; e esse pasmo ele viu em todos os companheiros. Diante da crise de ação que se seguiu, e sem estímulo a continuarem a vida de antes na coelheira, os coelhos foram assaltados pela convicção de que a sorte os abandonara. Aveleira estava morto e a expedição de Azevim fracassara inteiramente. Que viria depois?

Azevim, muito magro, a pele cheia de potentilhas e fragmentos de bardana, conversava com os três coelhos da fazenda e tentava infundir-lhes confiança. Ninguém poderia alegar agora que Aveleira sacrificara a vida numa brincadeira tola. As duas fêmeas significavam lucro — o único e magro lucro da coelheira. Mas estavam tão doentes e constrangidas, em sua nova morada, que Azevim já lutava contra a crença de que trariam alguma utilidade. Fêmeas inquietas e contrafeitas tendem a ser estéreis. Ademais, como animar aquelas fêmeas, em condições tão estranhas e num lugar em que todos haviam perdido a alegria de viver? Elas morreriam, talvez, ou iriam embora. Lançou-se outra vez à tarefa de explicar que tempos melhores viriam — e, ao fazê-lo, sentiu-se, pelo menos, convencido de alguma coisa.

Manda-Chuva mandou Bolota ver se havia retardatários. Bolota voltou dizendo que Morango sentia-se muito doente e que não havia encontrado Amora-Preta nem Cinco-Folhas.

— Bem, deixemos Cinco-Folhas em paz — disse Manda-Chuva.

— Pobre criatura. Acredito, porém, que se recuperará logo.

— Ele não está na toca — disse Bolota.

— Não importa — disse Manda-Chuva. Mas um pensamento assaltou-o. Cinco-Folhas e Amora-Preta ausentes? Teriam deixado a coelheira sem aviso? Se foi isso, que acontecerá quando os outros souberem? Devia pedir a Kehaar para procurá-los enquanto havia clareza? Mas, e se Kehaar os encontrasse, que fazer? Não poderiam ser forçados a voltar. Seria conveniente obrigá-los a voltar, caso persistissem em fugir? Nesse instante, Azevim começou a falar e todos ficaram quietos.

— É do conhecimento geral que estamos em dificuldades — disse Azevim. — Acho que teremos de decidir logo o que nos resta fazer. Mas, antes de tudo, devo contar-lhes por que nós quatro — Prata, Espinheiro Cerval, Morango e eu — voltamos sem fêmeas. Não é preciso lembrar que, ao partirmos, todos pensavam que a missão seria cumprida. E aqui estamos: um coelho doente, um coelho ferido e nenhum resultado. Vocês devem estar perguntando o motivo.

— Ninguém o culpa, Azevim — disse Manda-Chuva.

— Não quero saber se sou culpado ou não — respondeu Azevim.

— Vocês próprios julgarão quando tiverem ouvido a história.

"Aquela manhã, quando partimos, fazia bom tempo para *hlessil* se porem a caminho, e nenhum de nós tinha pressa. O dia estava fresco, dando a impressão de que tão cedo não haveria céu limpo e claro sem nuvens. Há uma fazenda não muito longe, do outro lado deste bosque, e embora não víssemos homens, preferi não seguir aquele rumo. Continuamos pelo terreno alto, do lado da sombra. Esperávamos chegar à escarpa do morro, mas não existe escarpa abrupta ali, semelhante à do norte. A terra alta continua, continua sempre, descampada, seca e solitária. Há muitos abrigos para coelhos — paióis de milho, sebes e barrancos — mas nenhum bosque. Apenas extensos campos, de solo leve, com grandes pedras. Eu esperava descobrir uma região igual à que estamos habituados — campinas e bosques —, mas não foi possível. De qualquer maneira, encontramos uma trilha com uma boa e espessa sebe de um lado e decidimos segui-la. Avançamos com facilidade, parando muito, porque eu não queria correr com meus companheiros para a boca dos *elil*. Tenho certeza que o lugar é propício a arminhos, bem como raposas, e não sabia bem o que fazer se encontrássemos um".

— Não tenho dúvida de que passamos bem perto de uma doninha — disse Prata. — Identifiquei-a pelo cheiro. Mas os *elil* são assim mesmo: se não estão caçando, raramente percebem nossa presença. Nosso odor é leve e enterramos nossa *hraka*, como se fôssemos gatos.

— Bem, antes de ni-Frith — prosseguiu Azevim —, a trilha levou-nos a um comprido e fino bosque que corria perpendicularmente ao caminho. Esses bosques nas escarpas são estranhos, não? Aquele não era mais denso do que este aqui, acima de nós, mas estreitava-se tanto que se podia ver o outro lado, semelhante a uma linha divisória. Não gosto de linhas retas, pois os homens é que as fazem. E, em verdade, encontramos uma estrada ao lado do bosque. Muito solitária, vazia, mas eu não desejava arriscar-me por ali, de forma que entramos diretamente no bosque e saímos do outro lado. Kehaar apontou-nos os campos além e nos disse para mudar de direção. Eu lhes perguntei a que distância estávamos e ele disse que a meio caminho, por isso achei mais conveniente descobrir um sítio onde pernoitar. Não gosto de espaços abertos. Por fim, fizemos buracos no fundo de uma espécie de pequeno poço que encontramos. Comemos bem e passamos ótima noite.

"Não creio necessário contar-lhes tudo acerca da jornada. Choveu logo depois de nossa comida matinal e soprou um vento desagradável e frio, motivo por que ficamos nos buracos até depois de ni-Frith. O tempo clareou, então, e prosseguimos. O avanço não era muito rápido devido à umidade mas, no começo do entardecer, supus que estivéssemos perto do tal lugar. Eu examinava os arredores quando uma lebre surgiu de entre o capim. Perguntei-lhe se conhecia uma grande coelheira por perto.

"*Erafa*? [112](#)", perguntou. 'Estão indo para *Erafa*?'

"Se for este o nome', respondi.

"'Conhecem-na?' 'Não', eu disse, 'não conhecemos. Só queremos saber onde fica.' 'Bem', disse a lebre, 'eu os aconselho a fugir, e rapidamente.'

"Eu dava tratos à bola, pensando nisso, quando de súbito, três grandes coelhos irromperam no barranco, imitando aquela noite em que eu cheguei para prender você, Manda-Chuva. E um deles disse: 'Querem mostrar as marcas?'

"'Marcas?', falei. 'Que marcas? Não compreendo.'

"'Não são de *Erafa*?'

"'Não', eu disse. 'Estamos a caminho de lá. Somos forasteiros.'

"'Então me acompanhem.' Não disse: 'De onde vêm?', ou 'Não querem secar-se primeiro?', ou qualquer coisa desse gênero.

"Assim, os três coelhos nos levaram pela encosta abaixo e foi como chegamos a Efrafa, segundo chamam a coelheira. É melhor eu lhes dizer logo alguma coisa a respeito, para que vejam o bando de hipócritas furadores de sebes que temos aqui.

"Efrafa é uma grande coelheira, bem maior que a nossa — quero dizer, a do Threarah. E o maior medo dos coelhos que ali vivem é que os homens os descubram e os contagiem com a cegueira branca. A coelheira, por isso, foi organizada de modo a ocultar sua existência. Os buracos são disfarçados e o Owsla mantém cada coelho em seu lugar, sob ordens estritas. Não se pode ter vida própria. Em troca, tem-se segurança... se é que isso vale o alto preço pago.

"Além do Owsla, possuem o que chamam de Conselho, e cada membro do Conselho deve cumprir determinadas obrigações. Um procura comida; outro é responsável pelos meios com que se mantêm escondidos; outro cuida da procriação, e assim por diante. Quanto aos coelhos comuns, só um certo número tem licença de subir à superfície em determinadas ocasiões. Cada coelho é marcado quando filhote; mordem-no profundamente sob o queixo, ou num quadril ou numa pata dianteira. Então, pode ser reconhecido pelo resto de sua vida. Ninguém deve ser encontrado fora da toca, a menos que seja o dia certo para sua Marca."

— Quem deteve vocês? — grunhiu Manda-Chuva.

— Esta é a parte verdadeiramente assustadora. O Owsla... bem, vocês não podem imaginar, a menos que estivessem lá. O Chefe é um coelho chamado Vulnerária. General Vulnerária, para ser mais exato. Dentro em pouco lhes direi mais coisas dele. Abaixo de seu posto estão os capitães — cada um encarregado de uma Marca —, e cada capitão tem seus próprios oficiais e sentinelas. Há sempre um capitão, a cada hora do dia ou da noite, com seu bando, a rondar. Se um homem aparece, o que não é raro, as sentinelas lançam o alarme muito antes que ele se aproxime o suficiente para ver. Também denunciam a presença dos *elil*- Ninguém pode fazer *hraka* fora de lugares especiais nas valas onde ela é enterrada. E se vêem um coelho na superfície, sem o direito de ali estar, pedem-lhe para mostrar a marca. Só Frith sabe o que lhe pode acontecer se não puder explicar-se — mas eu adivinho muito bem. Os coelhos de Efrafa passam às vezes dias inteiros sem ver Frith. Se sua Marca indica *silflay* à noite, então eles se alimentam à noite, quer o tempo esteja chuvoso ou seco, quente ou frio. São educados para conversar, brincar e se acasalarem em suas tocas subterrâneas. Se uma Marca não puder fazer o *silflay* na ocasião determinada, por algum motivo — digamos que um homem está trabalhando perto —, então sofre as conseqüências. Perde o direito até o dia seguinte."

— Essa vida, certamente, influi em sua conduta, não é? — perguntou Dente-de-Leão.

— Muito — respondeu Azevim. — A maioria não consegue fazer nada, salvo o que lhe mandam. Nunca saem de Efrafa nem cheiram um inimigo. O único objetivo de um Coelho em Efrafa é entrar para o Owsla, por causa dos privilégios; e o único objetivo de todos, no Owsla, é integrar o Conselho. O Conselho tem o melhor de tudo. Mas o Owsla precisa manter-se forte e treinado. Costumam fazer, por turnos, o que chamam de Patrulha Externa. Saem pela região — sempre em volta da coelheira — e vivem durante dias ao ar livre. Em parte, para descobrir o que querem, e em parte para treinarem e se conservarem fortes e astuciosos. Quaisquer *hlessil* que encontram, levam para Efrafa. Se os *hlessil* resistem, matam-nos. Consideram os *hlessil* perigosos, pois podem atrair a atenção dos homens. As Patrulhas externas fazem relatórios ao General Vulnerária, e o Conselho decide o que fazer acerca de acontecimentos novos que lhes pareçam perigosos.

— Perderam vocês, então — disse Campainha.

— Ah, não. Nada disso! Soubemos mais tarde, algum tempo depois de sermos levados pelo tal coelho, Capitão Candelária, que um corredor chegara de uma Patrulha Externa para dizer que haviam descoberto a pista de três ou quatro coelhos, procedentes do norte, no rumo de Efrafa — e quais eram as ordens? Ele foi devolvido à Patrulha com a informação de que já estávamos sob controle.

"De qualquer maneira, esse Capitão Candelária levou-nos a uma toca na vala. A boca do buraco assemelhava-se a uma tampa de velho cachimbo de barro, e se um homem a forçasse, a abertura cairia sem revelar, porém, indícios do corredor interno. E ali, entregou-nos a outro capitão, pois tinha de voltar à superfície, para cumprir o restante de sua ronda, é claro. Fomos conduzidos a uma grande toca e nos pediram para ficar à vontade.

"Havia outros coelhos na toca, e foi ouvindo-os e fazendo perguntas que aprendi quase tudo quanto lhes disse. Travamos conversa com algumas fêmeas e fiquei amigo de uma chamada Hyzenthlay ^[13]. Falei-lhe de nosso problema aqui e da razão por que lá estávamos, e ela nos falou de Efrafa. Quando terminou, eu observei: 'Parece terrível. Sempre tem sido assim?' Ela disse que não, que sua mãe lhe contara que, muitos anos atrás a coelheira ficava em outro lugar e era bem menor. Foi quando o General Vulnerária chegou, obrigou-os a se mudarem para Efrafa e aperfeiçoou o sistema de encobrimento, até que os coelhos de Efrafa tornaram-se tão seguros quanto as estrelas no céu. 'Muitos coelhos aqui morrem em idade avançada, a menos que o Owsla os matem', ela disse. 'O problema é que existem agora mais coelhos do que a coelheira pode abrigar. Qualquer nova escavação tem de ser feita sob a supervisão do Owsla, e eles são extremamente cautelosos e vagarosos. Tudo tem de ficar escondido, eis o problema. A coelheira está superpovoada e muitos não sobem tanto quanto necessário. Por alguma razão, há mais fêmeas do que machos. Muitas de nós não podem ter filhotes, devido ao excesso de população, mas ninguém tem licença para partir. Dias atrás algumas de nós fomos ao Conselho perguntar se podíamos formar uma expedição e fundar nova coelheira algures. Prometemos ir para longe, bem longe... a distância que eles indicassem. Mas não deram ouvidos. As coisas não podem continuar assim. O sistema está condenado. Não adianta, porém, falar a respeito.'

"Bem, pensei, isso parece prometedo. Certamente não criarão objeções aos nossos propósitos, quem sabe? Só queremos levar umas fêmeas, e nenhum macho. Têm mais fêmeas do que podem alojar, e pretendemos levá-las para longe, mais longe do que alguém aqui já imaginou.

"Pouco depois, outro capitão entrou e disse que devíamos comparecer à reunião do Conselho.

"O Conselho reunia-se numa grande toca. Comprida mas um pouco estreita — e inferior ao nosso Favo de Mel, porque não usaram raízes de árvores para sustentar o teto. Tivemos de esperar do lado de fora, enquanto discutiam outras coisas. Não passávamos, aliás, de um item de pauta diária do Conselho: 'Forasteiros detidos.' Havia outro coelho à espera, e este se encontrava sob vigilância especial da Owslafa, ou seja, a polícia do Conselho. Nunca vi alguém tão assustado em minha vida; até pensei que ele ia enlouquecer de medo. Perguntei a um dos Owslafa qual era o problema, e ele respondeu que o tal coelho, Negrão, fora surpreendido quando tentava fugir da coelheira. Bem, levaram-no para dentro e, antes de tudo, ouvimos o pobre-diabo tentando justificar-se e depois chorando e pedindo clemência; e, quando saiu, vi que tinham reduzido suas orelhas a tiras, pior do que esta minha. Nós todos o cheiramos, tomados de horror. Mas um da Owslafa disse: 'Para que tamanho alvoroço? Ele tem sorte de estar vivo.' Assim, enquanto ruminávamos isso, alguém saiu e informou que o Conselho nos esperava.

"Tão logo entramos, vimo-nos diante do tal General Vulnerária, que é, de fato, um sujeito de má catadura. Não creio que você fosse capaz de o enfrentar, Manda-Chuva. Tem quase o tamanho de uma lebre e algo, em sua mera presença, que nos assusta como se sangue, lutas e assassinatos fizessem parte

de sua rotina diária. Pensei que nos perguntasse, de saída, quem éramos e o que queríamos, mas não fez nada disso. Disse apenas: 'Vou explicar-lhes os regulamentos da coelheira e as condições sob as quais viverão aqui. Escutem atentamente, porque os regulamentos são rígidos e qualquer desobediência implica punição imediata.' Retruquei, dizendo-lhe que havia um engano. Éramos embaixadores, vínhamos de outra coelheira a fim de pedir a boa vontade e auxílio de Efrafa. Expliquei, a seguir, que só desejávamos licença para persuadir algumas fêmeas a partirem em nossa companhia. Quando terminei, o General Vulnerária disse que isso não vinha ao caso; nada havia a discutir. Respondi que gostaríamos de ficar um ou dois dias e tentar convencê-los a mudar de idéia.

"Ah, sim", ele disse, 'você ficarão, claro. Mas não haverá oportunidade de outra vez roubarem o precioso tempo do Conselho. Ao menos, nos próximos dias.'

"Ponderei que isso parecia injusto. Nosso pedido era dos mais razoáveis. E ia convidá-lo a considerar um ou dois aspectos do nosso ponto de vista, quando outro dos Conselheiros — um coelho muito velho — disse: 'Vocês parecem pensar que se encontram aqui para discutir conosco e nos forçar a uma barganha. Compete-nos, porém, dizer o que devem fazer.'

"Observei, em troca, que eles deviam lembrar-se que representávamos outra coelheira, mesmo menor que a deles. Éramos seus hóspedes. E foi só ao dizer isso que eu descobri com um choque que eles nos julgavam seus prisioneiros; ou qualquer coisa nesse sentido.

"Bem, não adianta relatar minuciosamente o fim da audiência. Morango fez tudo para me ajudar. Falou muito bem acerca da decência e da camaradagem que devem reinar entre os animais. 'Animais não se comportam como homens', disse. 'Se têm de lutar, lutam; e se têm de matar, matam. Mas não ficam sentados, a pensar em maneiras de torturar outras criaturas. Têm dignidade e *animalidade*.'

"Inútil. Por fim, caímos em silêncio e o General Vulnerária disse: 'O Conselho não pode perder mais tempo com vocês. Vou entregá-los ao seu Capitão de Marca, para que lhes ensinem os regulamentos. Vocês integrarão a Marca do Flanco Direito, sob o comando do Capitão Língua-de-Vaca. Mais tarde, voltaremos a nos encontrar, e verão que somos cordiais e bondosos para com os coelhos que cumprem seus deveres.'

"O Owsla nos levou, então, à Marca do Flanco Direito. Aparentemente, o Capitão Língua-de-Vaca estava muito ocupado para nos ver, e eu tive o cuidado de evitá-lo, porque ele talvez quisesse nos marcar ali, de imediato. Não tardei a compreender o que Hyzenthlay quisera dizer ao observar que o sistema já deixara de funcionar a contento. As tocas estavam superpovoadas — pelo menos, segundo os nossos padrões. Era fácil escapar à vigilância. Até mesmo em uma Marca os coelhos não se conhecem todos. Encontramos lugar, numa toca, e tentamos dormir, mas no começo da noite nos acordaram e nos mandaram ao *silflay*. Pensei numa oportunidade de fuga ao luar, mas parecia haver sentinelas por toda parte. Além das sentinelas, o Capitão mantinha junto a si dois corredores, cuja missão consistia em partir imediatamente, em qualquer direção de onde fosse dado um alarma.

"Depois de comer, voltamos ao subsolo. Quase todos os coelhos pareciam conformados e dóceis. Nós os evitamos, porque desejávamos fugir e não queríamos ser descobertos. Mas, por melhor que pensasse, eu não conseguia formular um plano.

"Comemos outra vez, pouco antes do ni-Frith do dia seguinte, e em seguida retornamos à toca. O tempo arrastava-se penosamente. Afinal — a noite parecia estar chegando —, juntei-me a um pequeno grupo de coelhos que ouvia uma história. Imaginam qual? As Alfices do Rei. O coelho que a narrava não era tão bom contador de histórias quanto Dente-de-Leão, mas eu ouvi mesmo assim, por não restar outra coisa a fazer. Quando ele chegou àquele trecho em que El-ahrairah se disfarça e finge de médico, no palácio do Rei Darzin, tive de súbito uma idéia. Muito arriscada, mas julguei que daria certo,

simplesmente porque todos os coelhos em Efrafa estão habituados a fazer o que lhes mandam sem perguntas. Eu estivera a observar o Capitão Língua-de-Vaca e ele me parecera simpático, consciencioso e um tanto fraco, além de preguiçoso, para enfrentar situações novas.

"Aquela noite, quando nos convocaram ao *silflay*, a escuridão era densa e chovia; no entanto, ninguém se preocupa com coisas dessa natureza em Efrafa: a alegria de sair e comer supera tudo. Todos os coelhos correram para fora. Esperamos que o último passasse. Capitão Língua-de-Vaca estava fora, no barranco, com duas sentinelas. Prata e os outros saíram à minha frente e então eu me aproximei dele, ofegante como se houvesse corrido.

"Capitão Língua-de-Vaca?"

"Sim?" disse ele. 'Que houve?'

"O Conselho quer vê-lo, com urgência.'

"É mesmo?, perguntou. 'Para quê?'

"Sem dúvida lhe dirão assim que chegar', respondi. 'Em seu lugar, não os deixaria esperando.'

"Quem é você?', disse ele. 'Não é um dos corredores do Conselho. Conheço todos. Qual a sua Marca?'

"Não estou aqui para responder suas perguntas. Devo voltar e dizer-lhes que o senhor não irá?'

"Ele pareceu indeciso e eu fingi afastar-me. Então, de súbito, ele disse: 'Muito bem... Mas quem cuidará disso aqui durante minha ausência?' Parecia terrivelmente assustado, o pobre-diabo.

"Eu', respondi. 'Ordens do General Vulnerária. Mas trate de voltar logo. Não pretendo passar metade da noite fazendo o seu serviço.' Ele disparou. Virei-me para os outros dois e disse: 'Fiquem aqui, e de olho vivo. Vou cuidar das sentinelas.'

"Nós quatro afundamos na escuridão e, conforme se esperava, duas sentinelas logo nos tentaram deter. Caímos em cima delas. Pensei que fossem fugir, mas não. Lutamos como loucos e uma delas rasgou o focinho de Espinheiro Cerval. Mas éramos quatro e, por fim, passamos e entramos no campo. Não tínhamos idéia alguma do caminho a seguir, por causa da chuva e da noite. Limitamo-nos a correr. Creio que a perseguição tardou porque o pobre Língua-de-Vaca não estava ali para dar ordens. De qualquer maneira, levávamos boa dianteira. Percebíamos, porém, que nos seguiam — e, o que era pior, em risco de nos alcançar.

"O Owsla efrafiano não é de brincadeira, acreditem. São escolhidos por seu tamanho e força, e nada ignoram a respeito de incursões em plena escuridão e sob a chuva. Têm tanto medo do Conselho que deixam de temer o resto. Percebi logo que estávamos em maus lençóis. A patrulha que nos caçava podia avançar mais depressa que nós, na chuva e nas trevas, e dentro em pouco estaria rente aos nossos calcanhares. Eu já ia dizer aos outros que não havia alternativa, a não ser virar de frente e lutar, quando chegamos a um grande, escarpado barranco que parecia erguer-se de inopino no ar. Mais íngreme do que a encosta aqui atrás de nós, e o flanco dava a impressão de ter sido feito por homens, tal a sua regularidade.

"Bem, não havia tempo sequer para pensar, por isso avançamos. A encosta estava coberta de capim áspero e arbustos. Não sei qual a distância até o cimo, mas suponho que fosse tão alto quanto uma sorveira bem desenvolvida — talvez um pouco mais alto. Ao chegarmos ao topo, vimo-nos sobre pedras pequenas e leves, que se deslocavam enquanto corríamos. Isso acabou de nos denunciar. Em seguida passamos sobre largas e chatas peças de madeira e duas grandes barras fixas de metal que fizeram ruído — um ruído surdo, sussurrante na escuridão. Eu estava justamente a pensar: 'Isto é obra dos homens, sem

dúvida', quando caí no lado oposto. Não havia percebido que o cimo do barranco era tão curto e que o outro lado fosse tão íngreme. Desci de enfiada, sobre as patas traseiras, e bati contra um sabugueiro. E ali fiquei."

Azevim parou e guardou silêncio, como se pensando no que recordar. Por fim, disse:

"Será difícil descrever-lhes o que aconteceu depois. Embora nós quatro ali estivéssemos, não atinávamos com a situação. Mas o que vou contar agora é a pura verdade. O Senhor Frith enviou um de seus grandes Mensageiros para salvar-nos do Owsla efrafiano. Cada um de nós havia tombado em lugares diferentes do barranco. Espinheiro Cerval, meio cego por causa do sangue que escorria do focinho, chegara quase ao fundo. Eu me levantara e olhava o cimo. Havia suficiente luz no céu para distinguir os efrafianos, se aparecessem. E então uma coisa enorme... não posso dar-lhes sequer uma idéia... tão grande quanto mil *hrududil*... maior até... emergiu ruidosamente de dentro da noite. Estava cheia de fogo e fumaça e luz e retumbou e feriu as peças metálicas até que o chão estremeceu embaixo. Meteu-se entre nós e os efrafianos como mil trovões cheios de relâmpagos. Posso lhes garantir que o meu medo não tinha limites. Não podia mover-me. O clarão e o barulho... tudo isso fendeu a noite. Não sei o que aconteceu aos efrafianos: ou fugiram ou a coisa os esmagou. De repente, a coisa afastou-se e nós a ouvimos desaparecer, matraqueando e estrondando, matraqueando e estrondando, bem longe, na distância. Estávamos completamente sozinhos.

"Durante muito tempo não pude mexer-me. Por fim, ergui-me e encontrei os companheiros, um a um, no escuro. Nenhum de nós disse uma só palavra. No fundo da encosta descobrimos uma espécie de túnel que atravessava o barranco, de um lado a outro. Enfiamo-nos por ele e saímos no lado por onde havíamos subido. Depois, penetramos nos campos, profundamente, até que eu supus estarmos bem longe de Efrafa. Arrastamo-nos para uma vala e dormimos ali, os quatro, até o amanhecer. Não havia impossibilidade de alguém chegar e nos matar, mas, no entanto, tínhamos certeza de estar a salvo. Vocês talvez pensem que é uma coisa maravilhosa ser salvo pelo Senhor Frith em todo o seu poder. Quantos coelhos já tiveram esse privilégio? Mas eu juro que foi pior do que ser caçado pelos efrafianos. Nenhum de nós deixará de lembrar que estive estirado sob a chuva, naquele barranco, enquanto a criatura de fogo passava acima de nossas cabeças. Por que nos foi socorrer? Isso está além do nosso conhecimento.

"Na manhã seguinte, investiguei os arredores e logo vi qual era o rumo certo. Todos sabem o que fazer nessa situação. A chuva havia cessado e iniciamos a volta. Mas foi uma jornada difícil. Ficamos exaustos muito antes do fim... todos, exceto Prata. Não sei o que teríamos feito sem ele. Prosseguimos durante um dia e uma noite, sem descanso. Queríamos chegar aqui de qualquer maneira. Quando alcancei o bosque, esta manhã, eu coxeava, envolvido num pesadelo. Não me encontro em melhores condições do que o velho Morango. Ele nunca se queixou, mas precisará de um longo repouso, e creio que eu também. E Espinheiro Cerval... é o segundo ferimento grave que recebe. Mas isso ainda não é nada, não acham? Perdemos Avelaira. Foi o pior que nos podia acontecer. Alguns de vocês me perguntaram, esta tarde, se eu queria ser o Coelho-Chefe. Fico contente em saber que confiam em mim, mas estou completamente arrasado e não saberia conduzir-me à altura. Sinto-me seco e vazio como um fungo de outono... O vento poderia, até, arrancar-me o pêlo."

28. Ao Sopé da Colina

Maravilhoso era estar

Só, mas não solitário.

Livre do medo e das trevas, chegar

As proximidades do lar.

Walter de la Maré, *The Pilgrim*

— Você não está muito cansado para o *silflay*, está? — perguntou Dente-de-Leão. — E, nesta hora amena do dia, que tal uma mudança de ares? A tarde está adorável, se é que o meu nariz funciona bem. Temos de manter o moral elevado.

— Antes do *silflay* — disse Manda-Chuva —, você me permite observar, Azevim, que ninguém mais poderia safar-se, com três outros coelhos, daquele sinistro lugar?

— Frith guiou-nos — respondeu Azevim. — Esta é a verdadeira razão de estarmos aqui.

Ao virar-se para acompanhar Verônica pelo caminho que subia para o bosque, encontrou Trevo ao seu lado.

— Você e seus amigos devem achar estranho a gente sair e comer ervas — disse. — Terão de habituar-se. Asseguro-lhe que Aveleira-rah estava certo quando disse que a vida aqui é melhor do que numa gaiola. Venha comigo e eu lhe mostrarei um bom trecho de capim tenro, se é que Manda-Chuva não devorou tudo na minha ausência.

Azevim simpatizara com Trevo. Ela parecia mais robusta e menos tímida do que Madeira de Buxo e Meda, e fazia todo o esforço, pelo visto, para se adaptar à vida da coelheira. De sua compleição ele nada sabia, mas ela dava mostras de boa saúde.

— Gosto também de ficar na toca — disse Trevo, quando saíram para o ar fresco. — O espaço fechado é, na verdade, semelhante ao de uma gaiola, exceto que é mais escuro. O difícil para nós é comer no descampado. Não estamos acostumados à liberdade de movimentos e não sabemos, por conseguinte, o que fazer. Vocês todos fazem tudo depressa e, na metade das vezes, fico sem saber o motivo. Preferia não comer muito longe do buraco, se não se importa. Movimentaram-se vagarosamente pela erva banhada de crepúsculo, mordiscando o que queriam. Trevo logo absorveu-se na alimentação, mas Azevim parava continuamente para se sentar e cheirar em volta, na direção da encosta pacífica e deserta. Quando viu Mandachuva, a pouca distância, olhando fixamente para o norte, acompanhou-lhe logo o olhar.

— Que é? — perguntou.

— É Amora-Preta — respondeu Manda-Chuva. Parecia aliviado. Amora-Preta aproximava-se, em saltos vagarosos, da linha do horizonte. Parecia cansado, mas assim que viu os outros coelhos, apressou-se na direção de Manda-Chuva.

— Por onde andou? — disse Manda-Chuva. — E onde está Cinco-Folhas? Por que não veio com você?

— Cinco-Folhas está com Aveleira — disse Amora-Preta. — Aveleira está vivo. Ferido... uma ferida

muito grave... mas não morrerá.

Os outros três coelhos olharam-no, incapacitados de falar. Amora-Preta esperou, gozando o efeito.

— Aveleira vivo? — disse Manda-Chuva. — Tem certeza?

— Absoluta — disse Amora-Preta. — Encontra-se agora ao pé da colina, naquele mesmo fosso onde você ficou na noite em que Azevim e Campainha chegaram.

— Mal posso acreditar — disse Azevim. — Se for verdade, é a melhor notícia que já recebi em minha vida. Amora-Preta, você tem mesmo certeza? Que aconteceu? Conte.

— Cinco-Folhas encontrou-o — disse Amora-Preta. — Cinco-Folhas levou-me quase de volta à fazenda. Então, fomos ao fosso e descobrimos Aveleira caído dentro de um dreno seco. Estava muito fraco, por causa da perda de sangue, e não podia sair sozinho do dreno. Tivemos de arrastá-lo pela pata sã. Nem se podia virar, imaginem.

— Mas, com todos os diabos, como é que Cinco-Folhas soube?

— Ora, será que Cinco-Folhas sabe mesmo o que sabe? Melhor perguntar a ele. Quando encontramos Aveleira no fosso, Cinco-Folhas viu logo que estava gravemente ferido. Tem um ferimento desagradável numa pata traseira, mas o osso não quebrou; e está todo escalavrado de um lado. Limpamos os lugares, o melhor possível, e depois tratamos de o tirar dali. Isso nos ocupou a tarde inteira. Imaginem só: dia claro, um silêncio de morte e um coelho manco recendendo a sangue fresco. Felizmente, foi o dia mais quente que já tivemos este verão; nem um rato se mexia. De vez em quando éramos obrigados a buscar abrigo sob as salsas e descansar. Tudo prenunciava perigo, mas Cinco-Folhas assemelhava-se a uma borboleta pousada numa pedra. Sentado na erva, alisava as orelhas. "Não se impressionem à toa", insistia. "Não há motivo para preocupações. Podemos desperdiçar tempo." Depois de tudo o que eu testemunhei, acreditaria que ele fosse capaz de caçar raposas. Mas quando atingimos o pé da colina, Aveleira estava completamente exausto e não podia dar um passo. Ele e Cinco-Folhas ocultaram-se na vala coberta de folhagem e eu vim avisá-los. E aqui estou.

Houve silêncio, enquanto Manda-Chuva e Azevim digeriam a novidade. Por fim, Manda-Chuva disse: — Ficarão lá esta noite?

— Creio que sim — respondeu Amora-Preta. — Aveleira, certamente, não poderá escalar a colina, a menos que se fortaleça muito.

— Vou lá embaixo — disse Manda-Chuva. — Sempre posso tornar a vala mais confortável, e provavelmente Cinco-Folhas, com auxílio de algum, cuidará melhor de Aveleira.

— Nesse caso, eu me apressaria — disse Amora-Preta. — O sol não tardará a desaparecer.

— Bá! — disse Manda-Chuva. — Se eu encontrar um arminho, trarei o bicho amanhã, para todos verem. — E desapareceu, correndo, na encosta.

— Vamos para junto dos outros — disse Azevim. — Venha também, Amora-Preta. Você terá de contar tudo desde o início.

O percurso de quase um quilômetro, sob o calor abrasante, de Nuthanger ao sopé da colina, custara a Aveleira um esforço e dor intensos. Se Cinco-Folhas não o tivesse encontrado, ele morreria no dreno. Quando o apelo de Cinco-Folhas penetrou-lhe o calmo e escuro estupor, ele procurara, a princípio, não responder. Era-lhe muito mais fácil permanecer onde estava, entregue ao maior sofrimento que já havia experimentado em sua vida. Mais tarde, quando se viu estendido na superfície verde da vala, com Cinco-Folhas cuidando de suas feridas e assegurando-lhe que podia levantar-se e andar, Aveleira ainda não admitira a idéia de empreender o retorno. Seu flanco escoriado latejava e a dor na perna parecia ter-lhe

afetado os sentidos. Sentia-se dopado e não podia ouvir ou cheirar bem. Afinal, quando compreendeu que Cinco-Folhas e Amora-Preta haviam arriscado uma segunda jornada à fazenda, em plena luz do dia, unicamente com o fito de encontrá-lo e salvar-lhe a vida, forçou-se a ser erguer e começou a descer, manquitolando, a elevação, para a estrada. Sua vista ondulava e ele tinha de parar a curtos intervalos. Sem o encorajamento de Cinco-Folhas, teria se deitado outra vez e desistido. Na estrada, não conseguiu escalar o barranco e teve de coxear ao longo da margem, até rastejar por baixo de uma passagem de cerca. Bem mais tarde, ao se acercarem da torre, lembrou-se do fosso coberto de ervas, ao sopé da colina, e tratou de o alcançar. Uma vez ali, deitou-se e logo voltou ao sono que significava total exaustão.

Quando Manda-Chuva chegou, pouco antes de a noite cair, encontrou Cinco-Folhas fazendo ligeira refeição na erva alta. Não valia a pena molestar Aveleira com escavações na vala, de forma que passaram a noite acorados ao seu lado, no chão estreito.

Emergindo da luz cinzenta que precede a aurora, a primeira criatura que Manda-Chuva viu foi Kehaar, buscando o que comer entre os olmos. Bateu com as patas no chão, para atrair-lhe a atenção, e Kehaar atirou-se em sua direção, com um bater de asas, em vôo rasteiro.

— Sanhur Manda-Chuça, encontrou Sanhur Azeleira?

— Sim. Está na vala.

— E não morto?

— Não. Mas está ferido e muito fraco. O fazendeiro atirou nele com uma espingarda.

— Extrair pedras pretas?

— Não entendi.

— Espingardas soltar pedrinhas pretas. Nunca viu?

— Não. Nada sei sobre espingardas.

— Tire pedras pretas, é melhor. Tirar logo, viu?

— Vou tentar — disse Manda-Chuva. Voltando, encontrou Aveleira desperto, a conversar com Cinco-Folhas. Quando Manda-Chuva lhe comunicou que Kehaar estava ali fora, Aveleira arrastou-se um pouco para a erva.

— Maldita espingarda — disse Kehaar. — Soltou pedras miúdas ferir você. Eu olho, quer?

— Acho que é melhor — disse Aveleira. — Minha pata continua em más condições.

Deitou-se e a cabeça de Kehaar oscilou de um lado para outro, à procura de lesmas no pêlo marrom de Aveleira. Examinava de perto o flanco escoriado.

— Não ver pedrinhas aqui — disse. — Entraram, saíram... sem parar. Agora eu ver sua perna. Talvez doer um pouco.

Duas balas estavam enterradas no músculo da coxa. Kehaar detectou-as pelo cheiro e removeu-as exatamente como teria apanhado aranhas de uma fenda. Aveleira mal teve tempo para estremecer, e já Manda-Chuva cheirava os pedaços de chumbo sobre a grama.

— Agora mais sangue — disse Kehaar. — Você deitar, esperar um, dois dias. Depois, estar bom. Coelhos lá em cima esperam Sanhur Azeleira. Eu dizer que venham. — E voou antes que pudessem responder.

Aveleira ficou três dias ao pé da colina. O calor prosseguiu e, durante a maior parte do tempo, ele sentava-se sob os ramos dos olmos, esquentando ao sol como um solitário *hlessi* e sentindo as forças

voltarem. Cinco-Folhas permanecia ao seu lado, limpando as feridas e observando a convalescença. Muitas vezes não diziam uma só palavra ao longo de horas. Deitados na erva áspera e quente, viam as sombras moverem-se no rumo do entardecer, até que o melro cantava e ia para o seu poleiro. Nenhum deles se referiu a Nuthanger Farm, mas Aveleira sabia agora que, para o futuro, quando Cinco-Folhas o advertisse, não haveria perigo de contestação.

— Hrairoo — disse Aveleira uma tarde —, que teríamos feito sem você? Não estaríamos aqui, certo?

— Tem certeza, então, de que *estamos* aqui? — perguntou Cinco-Folhas.

— Isso é muito misterioso para mim — disse Aveleira. — Que pretende dizer?

— Bem, existe outro lugar... outro país, não é? Vamos para lá quando dormimos; para outros tempos, também. E, igualmente, quando morremos. El-ahrairah vem e volta como lhe apetece. Não aprendi isso nos contos. Alguns coelhos dizem que lá tudo é fácil, comparado com os perigos que conhecem aqui. Mas eu penso que nada sabem a respeito. Trata-se de um lugar selvagem, muito inseguro. E onde estamos realmente — lá ou aqui?

— Nossos corpos estão aqui... e isso me agrada muito. Acho melhor você perguntar àquele tal Potentilha... ele deve saber.

— Ah, você se lembra dele? Pois bem, tive aquela impressão quando o ouvia. Ele me assustou e, contudo, eu tinha certeza de o entender melhor do que outro coelho. Ele conhecia o lugar onde estava, e não era naquela coelheira. Pobre sujeito: não tenho dúvidas de que está morto. Pagaram-no. Naquele país, não espalham segredos a troco de nada. Mas olhe! Aí vêm Azevim e Amora-Preta. Melhor a gente se convencer de que está mesmo aqui, ao menos nesse instante.

Azevim já descera a colina no dia anterior para ver Aveleira e contar sua fuga de Efrafa. Ao referir-se ao seu resgate, graças ao aparecimento da grande coisa luminosa dentro da noite, Cinco-Folhas ouvira atentamente e fizera uma pergunta: "A coisa fazia barulho?" Depois, quando Azevim partira, convenceu Aveleira de que havia uma explicação natural, embora não atinasse com ela. Aveleira, porém, não se mostrou muito interessado. Para ele, o mais importante era o fracasso do empreendimento e a razão disso. Azevim nada obtivera devido unicamente à hostilidade inesperada dos coelhos efracianos. Naquela tarde, assim que começaram a comer, Aveleira voltou ao assunto.

— Azevim, continuamos longe de resolver nosso problema, não é assim? Você fez milagres em troca de nada, e a incursão a Nuthanger não passou de uma estúpida travessura... e penosa para mim. O objetivo real continua distante.

— Bom — disse Azevim —, você diz que foi uma travessura, Aveleira, mas pelo menos nos deu duas fêmeas. E são as únicas que temos.

— São boas fêmeas?

As idéias que açodem a muitos seres humanos masculinos, a respeito de fêmeas — idéias de proteção, fidelidade, amor romântico e assim por diante — são, naturalmente, desconhecidas dos coelhos, embora os coelhos mantenham ligações exclusivas mais freqüentes do que se poderia pensar. Contudo, não são românticos. Aveleira e Azevim consideravam com naturalidade as duas fêmeas de Nuthanger como propagadoras da espécie na coelheira. Por isso tinham arriscado suas vidas.

— Difícil dizer por enquanto — respondeu Azevim. — Elas fazem tudo para se adaptar aos nossos hábitos... especialmente Trevo. Parece muito sensível. Mas são extraordinariamente frágeis. Nunca vi coisa igual, e ousou pensar que se tornarão delicadas no mau tempo. Talvez sobrevivam até o inverno seguinte, talvez não. Mas você ignorava isso quando as retirou da fazenda.

— Com um pouco de sorte, cada unia pode ter um filhote antes do inverno — disse Azeleira. — Bem sei que a estação da procriação terminou, mas tudo anda tão confuso em torno de nós que não vale a pena esquentar a cabeça.

— Você pediu minha opinião — disse Azevim. — Aqui está. Acho que as duas fêmeas são muito preciosas por constituir o único laço entre nós e o propósito em que estamos empenhados. Penso que, durante algum tempo, talvez não procriem, em parte porque a estação não é apropriada, e em parte porque a vida nova lhes é estranha. E se tiverem filhotes, estes serão prejudicados pelo alimento que os homens servem nas gaiolas de coelhos. Por que acalentar, então, demasiadas esperanças? Devemos fazer o melhor possível com o que temos.

— Alguém já se acasalou com elas? — perguntou Azeleira.

— Não, pois nenhuma está ainda em condições. Mas prevejo lutas acirradas, quando estiverem.

— Este é outro problema. Não podemos nos limitar a essas duas fêmeas.

— Mas o que fazer?

— Eu sei *o quê* temos de fazer — disse Azeleira —, mas ainda não vejo *como*. Temos de voltar e libertar algumas fêmeas de Efrafa.

— Seria o mesmo que tirá-las de Inlé, Azeleira-rah. Receio não ter-lhe transmitido uma descrição convincente de Efrafa.

— Ah, sim, transmitiu. A coisa ainda me assusta. Mas temos de fazê-la.

— É impossível.

— E impossível com luta ou palavras macias. Portanto, a coisa terá de ser feita por meio de um embuste.

— Não há embuste capaz de dar certo, acredite. Eles são muito mais numerosos que nós. E eficientemente organizados. Eu falei apenas a verdade quando disse que lutam, correm e acompanham uma pista tão bem quanto nós, e muitas vezes melhor.

— O embuste — disse Azeleira, voltando-se para Amora-Preta, que, nesse ínterim, mordiscava e ouvia em silêncio —, o embuste terá de levar em conta três fatores. Primeiro, tirar as fêmeas de Efrafa, e segundo, evitar uma perseguição. Porque haverá, sem dúvida, perseguição, e não poderemos esperar que outro milagre aconteça. Mas ainda não é tudo. Uma vez fora de Efrafa, cabe-nos desaparecer sem deixar rastro. Ou seja, pormo-nos fora do alcance de uma Patrulha Externa.

— Sim — disse Amora-Preta, em tom dubitativo. — Sim, concordo. Para obter sucesso serão necessárias todas essas coisas.

— Claro. E o embuste, Amora-Preta, fica por sua conta.

O doce, pútrido odor de corniso encheu o ar; ao sol do entardecer, os insetos zumbiam em volta das densas cimeiras brancas que pendiam baixo, logo acima da erva rasteira. Um par de besouros marrom-alaranjados, incomodados pela alimentação dos coelhos, saiu de uma haste de grama e voou, ainda acoplado.

— Eles se acasalam. Nós não podemos — disse Azeleira, observando-os desaparecer. — Um embuste, Amora-Preta. Um embuste que resolva, de uma vez para sempre, nosso problema.

— Sei como fazer a primeira coisa — disse Amora-Preta. — Pelo menos, penso que posso. Mas é perigoso. As outras duas, não sei ainda, e gostaria de discutir o assunto com Cinco-Folhas.

— Quanto mais cedo Cinco-Folhas e eu voltarmos à coelheira, tanto melhor — disse Aveleira. — Minha perna está quase boa, mas acho que deixaremos a viagem para esta noite. Meu bom e velho Azevim, quer comunicar a todos que Cinco-Folhas e eu chegaremos de manhã cedo? Preocupa-me pensar que Manda-Chuva e Prata podem travar luta, a qualquer momento, por causa de Trevo.

— Aveleira — disse Azevim —, escute. Não gosto nada dessa sua idéia. Estive em Efrafa e você não. Você está cometendo um erro e pode conduzir todos à morte.

Foi Cinco-Folhas que respondeu.

— Tudo indica que sim, mas há alguma coisa que me convence do contrário. Creio que podemos arriscar. De qualquer forma, Aveleira tem razão quando diz que é a nossa única oportunidade. E se debatermos bem o problema?

— Agora não — disse Aveleira. — Aqui, é hora de dormir. Vamos. Mas se vocês dois subirem correndo a colina, provavelmente chegarão em cima a tempo de gozar mais um pouco de sol. Boa noite.

29. Volta e Partida

A ele, sem estômago para essa luta,
Deixai-o partir; seu passaporte está pronto
E coroas de proteção postas em sua bolsa.
Não morreríamos na companhia de um homem
Que, temendo os companheiros, teme morrer conosco.

Shakespeare, *Henry V*

Na manhã seguinte, todos os coelhos saíram para o *silflay*, ao romper do dia; reinava entre eles a agitação, pois estavam à espera de Aveleira. Nos dias imediatamente anteriores, Amora-Preta tivera de repetir, várias vezes, o relato da jornada à fazenda e a descoberta de Aveleira no rego. Um ou dois coelhos sugeriram que Kehaar devia ter encontrado Aveleira e avisado a Cinco-Folhas em segredo. No entanto, Kehaar negou e, quando pressionado, respondeu em tom crítico que Cinco-Folhas já viajara muito mais do que ele próprio. Quanto a Aveleira, este havia adquirido, aos olhos de todos, uma aura de magia. De todos da coelheira, Dente-de-Leão seria o último a negar o reconhecimento a uma boa história; já tirara, portanto, o máximo proveito da ação de Aveleira, na vala, para salvar os amigos da perseguição dos fazendeiros. Ninguém considerava Aveleira estouvado por sua ida à fazenda. Apesar dos contratempos, trouxera duas fêmeas; e agora devolvia sua sorte à coelheira.

Pouco antes do sol se levantar, Panelinha de Barro e Verônica viram Cinco-Folhas aproximar-se por entre a erva úmida, perto do cume do morro. Aveleira coxeava e, pelo visto, considerara a subida árdua, mas depois de descansar e comer um pouco, ficou em condições de descer à coelheira quase tão depressa quanto os outros. Os coelhos amontoaram-se ao seu redor. Todo mundo queria tocá-lo. Foi cheirado e apertado; rolou na grama, até ficar com a impressão de estar sendo atacado. Seres humanos, em ocasiões semelhantes, costumam fazer muitas perguntas, mas os coelhos expressavam sua alegria provando apenas a si mesmos, através dos sentidos, que aquele era de fato Aveleira-rah. Afinal, conseguiu pôr-se de pé. "Se eu continuasse embaixo, estaria frito", pensou. "Eles acabariam matando-me. Não teriam mais um Coelho-Chefe estropiado. Foi um teste e, ao mesmo tempo, uma bela recepção, embora ignorem isso. Esses safados me pagam, assim que eu estiver refeito."

Sacudiu Espinheiro Cerval e Verônica das costas e afastou-se até a margem do bosque. Morango e Madeira-de-Buxo estavam no barranco. Reuniram-se e, sentados, lamberam e alisaram o pêlo, ao nascer do sol.

— Podemos contar com coelhos bem educados, como vocês — disse a Madeira-de-Buxo. — Olhe só aquele bando de peraltas lá embaixo... quase deram cabo de mim! Que é que vão pensar de nós, e como pretendem adaptar-se?

— Bem, é claro que a situação é estranha — disse Madeira-de-Buxo —, mas estamos aprendendo aos poucos. Morango tem me ajudado muito. Estávamos justamente a ver quantos odores eu podia tirar do vento, mas isso só virá com a prática. Os odores são terrivelmente fortes numa fazenda, como você bem sabe, e não significam nada quando se está dentro de uma gaiola. Pelo que já pude perceber, todos aqui

vivem pelo faro.

— Não se arrisque demais no início — disse Aveleira. — Mantenha-se perto das tocas... não se distancie sozinho. E você, Morango, está melhor?

— Mais ou menos — respondeu Morango —, assim que consegui dormir direito e sentar-me ao sol, Aveleira-rah. Quase perdi a cabeça, aí é que está o problema. Senti 'estremecimentos e terrores durante vários dias. Ainda penso que estou em Efrafa.

— Efrafa é tão ruim assim? — perguntou Aveleira.

— Prefiro morrer a voltar a Efrafa — disse Morango. — Ou chegar perto. Não sei o que é pior, se ficar sepultado num buraco ou ter medo. De qualquer forma — acrescentou após alguns momentos —, há coelhos lá que seriam iguais a nós se pudessem viver normalmente. Muitos gostariam de abandonar o lugar, caso pudessem.

Antes de descerem às tocas, Aveleira conversou com quase todos os coelhos. Conforme esperava, estavam desapontados com o fracasso da expedição a Efrafa e cheios de indignação por causa dos maus tratos infligidos a Azevim e seus companheiros. Mais de um pensava, a exemplo de Azevim, que apenas duas fêmeas na coelheira deviam provocar conflitos.

— Deve haver mais fêmeas, Aveleira — disse Manda-Chuva. — Do contrário, iremos às vias de fato. Não sei como evitar tal coisa.

No fim da tarde, Aveleira convocou todos ao Favo de Mel.

— Estive pensando — disse. — Sei que todos ficaram decepcionados por não se terem livrado de mim, há dias, em Nuthanger Farm. Por isso, decidi ir mais longe, da próxima vez.

— Aonde? — perguntou Campainha.

— A Efrafa — respondeu Aveleira —, se arranjar acompanhantes. E traremos tantas fêmeas quanto a coelheira necessita.

Houve murmúrios de espanto, e depois Verônica perguntou:

— Mas como?

— Amora-Preta e eu temos um plano — disse Aveleira —, mas não vou explicar agora, por uma razão: todos sabem que será um negócio arriscado. Se um de vocês for capturado e levado a Efrafa, será forçado a falar. Quem não conhece um plano não pode denunciá-lo. Portanto, darei mais tarde os detalhes, no momento apropriado.

— Vai precisar de muitos coelhos, Aveleira-rah? — perguntou Dente-de-Leão. — Pelo que ouvi, nós todos não seríamos suficientes para enfrentar os efracianos.

— Espero que não cheguemos a travar batalha — respondeu Aveleira. — Mas essa possibilidade permanece. De qualquer maneira, será uma longa jornada, de volta, com as fêmeas, e se, por azar, encontrarmos uma Patrulha Externa no caminho, precisaremos de voluntários para cuidar deles.

— Teremos de entrar em Efrafa? — perguntou Panelinha de Barro, timidamente.

— Não — disse Aveleira —, nós...

— Nunca pensei, Aveleira — interrompeu Azevim — que, um dia, fosse obrigado a falar contra você. Mas tenho de repetir que o seu plano antecipa um completo desastre. Sei em que você pensa... Está levando em conta que o General Vulnerária não tem ninguém tão esperto quanto Amora-Preta e Cinco-Folhas. Nesse ponto, dou-lhe razão. Não creio que ele tenha conselheiros tão sábios. Mas, mesmo assim,

permanece o fato de que ninguém pode tirar uma porção de fêmeas daquele lugar. Todos aqui sabem que passei minha vida patrulhando e vigiando os arredores da coelheira. Muito bem: há coelhos no Owsla efrafiano muito melhores que eu. Sou forçado a admitir isso: eles o pegarão, com as fêmeas, e o matarão. Grande Frith! Bem sei que, mais dia menos dia, teremos de espichar as canelas. Você quer apenas nos ajudar, mas seja sensato e desista desse plano. Creia-me: a melhor coisa a se fazer em relação a um lugar como Efrafa é ficar o mais longe possível.

Conversas tumultuadas irromperam no Favo de Mel. "Isso mesmo!" "Quem deseja ser reduzido a pedaços?" "Aquele coelho ali com as orelhas mutiladas..." "Bem, mas Aveleira-rah sabe melhor das coisas." "É muito longe." "Eu não quero ir."

Aveleira esperou pacientemente o fim da controvérsia. Afinal, disse:

— O problema é este: ou ficamos aqui, vivendo o melhor possível, ou ajeitamos definitivamente a nossa vida. Claro que há risco: todos sabem o que aconteceu a Azevim e aos outros. Mas já não enfrentamos perigos atrás de perigos, desde que saímos da coelheira natal? Que pretendem? Ficar aqui e comer os olhos uns dos outros, por causa de duas fêmeas, quando há tantas fêmeas em Efrafa, à sua disposição, e ainda por cima desejosas de nossa companhia?

Alguém perguntou: — Que pensa Cinco-Folhas?

— Eu irei, naturalmente — disse Cinco-Folhas com tranqüilidade. — Aveleira tem toda a razão. O plano é bom. Mas pretendo ser franco desde agora. Se, a qualquer momento, sentir algum pressentimento, direi logo.

— E se isso acontecer, prometo mostrar-me razoável — disse Aveleira.

Seguiu-se o silêncio. Depois, Manda-Chuva falou.

— Já sabem que vou também — disse —, e levaremos Kehaar, se isso lhes convém.

Houve um murmúrio de surpresa.

— Claro que alguns devem ficar aqui — disse Aveleira. — Os coelhos da fazenda, por exemplo. Também não vou pedir aos que já foram a Efrafa que voltem lá.

— Eu irei — disse Prata. — Odeio o General Vulnerária e seu Conselho com todas as fibras do meu ser, e se vamos realmente enganá-los, quero estar lá. Não desejaria perder o espetáculo. E depois, vocês precisam de alguém que conheça o caminho.

— Eu irei — disse Panelinha. — Aveleira-rah salvou minha ... Quero dizer, ele sabe de que se trata... — Ficou confuso. — De qualquer maneira, irei — repetiu em voz muito nervosa.

Ouviu-se um roçar no túnel que descia do bosque e Aveleira chamou: — Quem é?

— Sou eu, Aveleira-rah... Amora-Preta.

— Amora-Preta! Ora, pensei que estivesse aqui o tempo todo. Por onde andava?

— Lamento não ter chegado antes — disse Amora-Preta. — Estive conversando com Kehaar a respeito do plano. Ele aperfeiçoou-o um bocado. Se não estou equivocado, o General Vulnerária vai ficar de cuca fundida antes do fim. Pensei, a princípio, que o plano fosse inexecutável, mas agora estou certo do êxito.

— Venha cá: a erva é mais tenra E as couves crescem em fileiras E um coelho de bela conduta

É conhecido por seu focinho esfolado — recitou Campainha. — Acho que terei de ir também, só para satisfazer a curiosidade. Estou abrindo e fechando a boca, como filhote de passarinho, à espera do plano,

e ninguém diz nada. Suponho que Manda-Chuva vai se disfarçar de *hrududu* e trazer todas as fêmeas.

Aveleira voltou-se vivamente. Campainha sentou-se sobre as patas traseiras e disse: — Perdão, General Vulnerária. Sou apenas um pequeno *hrududu* e larguei toda a gasolina no chão. Se o senhor não se incomoda de comer a erva assim mesmo, enquanto levo esta senhora a passeio...

— Campainha — disse Aveleira —, cale a boca!

— Perdão, Aveleira-rah — respondeu Campainha, surpreso. — Não quis causar problemas. Só queria alegrar o pessoal. A idéia de ir àquele lugar nos assusta, e você não pode culpar-nos, pois não? Parece tremendamente perigoso.

— Bem, — disse Aveleira. — Vamos encerrar a reunião. Depois, veremos o que fazer, à maneira dos coelhos. Ninguém é obrigado a ir a Efrafa se não quiser, mas fica claro que alguns terão de ir. Agora, vou sair para falar com Kehaar.

Encontrou Kehaar entre as árvores, estalando e rompendo, com seu comprido bico, um pedaço mal cheiroso de carne escura, escamosa, que parecia pender de um ornato de ossos. Torceu o focinho, nauseado com o cheiro que enchia o bosque ao redor e já atraía formigas e varejeiras azuis.

— Que diabo é isso, Kehaar? Tem um cheiro horrível!

— Non saber? Peixe, peixe, vem de Água Grande. Bom.

— Vem de Água Grande? (Puf!) Encontrou-o lá?

— Non, non. Homens tinham. Perto fazenda há lugar de lixo, muitas coisas. Eu ir comida, encontrar peixe, peixe cheirar como Água Grande, eu apanhar peixe, trazer peixe. Eu pensar estar Água Grande. — Começou a bicar novamente a espinha já meio descarnada. Aveleira, agachado e cheio de náusea, viu Kehaar erguer o pedaço de peixe e batê-lo contra uma raiz de bétula, de forma que pequenos pedaços voaram em volta. Recolheu-os e fez uma tentativa.

— Kehaar — disse —, Manda-Chuva contou-nos que você está disposto a ir e nos ajudar a tirar fêmeas da grande coelheira.

— Si, si, eu ir. Sanhur Manda-Chuça precisar ajuda meu. Chegar lá, ele falar comigo. Eu não ser coelho. Bom, si?

— Certamente. É a única maneira possível. Você é um ótimo amigo, Kehaar.

— Si, si, eu ajudar tirar fêmeas. Mas escutar agora, Sanhur Azeleira. Eu sempre querer Água Grande... sempre, sempre. Eu aqui ouvir Água Grande, querer voar Água Grande. Se vocês quer pegar fêmeas, eu ajudar. Depois, querer voar, não voltar aqui. Mas volto outro tempo, si? Volto no outono, no inverno eu vim morar vocês aqui, si?

— Sentiremos sua falta, Kehaar. Mas, quando voltar, teremos aqui uma bela coelheira, com muitas mães. Você então sentirá orgulho de nos ter ajudado.

— Si, como non. Mas Sanhur Azeleira, quando ir? Eu querer ajudar, mas eu não demorar ir Água Grande. Não poder esperar muito, si? Vocês ter pressa, si?

Manda-Chuva subiu pelo túnel, pôs a cabeça fora do buraco e parou, horrorizado.

— Frith todo-poderoso! — exclamou. — Que cheiro medonho! Você matou isso aí, Kehaar, ou a coisa morreu embaixo de uma pedra?

— Você gostar, Sanhur Manda-Chuça? Eu dar pedaço gostoso, si?

— Manda-Chuva — disse Aveleira —, vá e diga aos outros que partiremos amanhã ao romper do dia.

Azevim será o Coelho-Chefe aqui, até voltarmos, e Espinheiro Cerval, Morango e os coelhos da fazenda ficarão em sua companhia. Dos demais, os que quiserem ficar terão livre escolha.

— Não se preocupe — disse Manda-Chuva, falando do buraco. — Eu os mandarei ao *silflay* com Kehaar. Depois disso, irão aonde você quiser, antes do pulo do gato.

Parte III – EFRAFA



30. Uma Nova Jornada

Um empreendimento de grande interesse, mas ninguém para medir-lhe o alcance.

Company Prospectus of the South Sea Bubble

À exceção de Espinheiro Cerval e Campainha, os coelhos que partiram da extremidade meridional da mata, ao amanhecer do dia seguinte, eram os mesmos que haviam deixado Sandleford com Aveleira, cinco semanas atrás. Aveleira nada mais acrescentara para os persuadir; achou melhor deixar as coisas seguirem seu livre curso. Sabia que os companheiros estavam assustados, pois ele próprio tinha medo. Na verdade, sabia que eles, a exemplo de si próprio, não se podiam livrar do pensamento de Efrafa e seu Owsla inflexível. No entanto, lutando contra esse temor, havia o desejo e a necessidade de encontrar novas fêmeas, bem como a certeza de que eram numerosas em Efrafa. E, além disso, o sentimento de travessa aventura. Todos os coelhos gostam de invadir terreno alheio e roubar; quando chegam a esse ponto, poucos, muito poucos, admitem o medo que os atinge; a menos (como Espinheiro Cerval ou Morango, nessa oportunidade) que saibam não estarem convenientemente preparados e se arrisquem a pagar a empreitada com a própria vida. Mais uma vez, ao falar de seu plano secreto, Aveleira lhes despertara a curiosidade. Esperara com o apoio de Cinco-Folhas seduzi-los mediante insinuações e promessas. E estava certo. Os coelhos confiaram nele e em Cinco-Folhas, que os levava de Sandleford antes que fosse tarde demais; depois cruzaram o Enborne e os campos rasos, tiraram Mandachuva da armadilha, fundaram a coelheira nos morros, transformaram Kehaar em aliado e conseguiram duas fêmeas, contra todos os prognósticos. Ignoravam o que iam fazer agora, mas estavam preparados, evidentemente, para o que desse e viesse. E já que Manda-Chuva e Amora-Preta pareciam tão confiantes na empresa, ninguém ousou dizer que preferia ficar; especialmente quando Aveleira deixou claro que, quem desejasse, poderia permanecer na coelheira — caso fosse bastante tolo para perder uma expedição daquelas. Azevim, em quem a lealdade era uma segunda natureza, nada mais dissera para realçar as dificuldades. Acompanhou-os até o fim da mata, demonstrando a animação que lhe era possível; e, fora do alcance do bando, pediu a Aveleira para não subestimar os perigos. "Mande notícias por Kehaar, logo que este o alcançar", disse, "e volte depressa."

Todavia, enquanto Prata os guiava para o sul, ao longo das terras mais altas a oeste da fazenda, quase todos, agora que estavam realmente comprometidos na aventura, sentiam medo e apreensão. O que tinham ouvido acerca de Efrafa intimidava o coração mais duro. Antes, porém, de chegarem lá — ou ao lugar para onde iam —, teriam de passar dois dias no morro deserto. Raposas, arminhos, doninhas — qualquer um desses animais poderia ser encontrado, e o único recurso seria a luta em campo aberto. O avanço era irregular e descontínuo, mais vagaroso do que a incursão de Azevim com o seu grupo de três batedores. Os coelhos assustavam-se, paravam para repousar. Depois de algum tempo, Aveleira dividiu-os em grupos, conduzidos por Prata, Manda-Chuva e ele próprio. Contudo, ainda avançavam vagorosamente, quais alpinistas num penhasco, primeiro uns, depois os outros empenhando-se em ultrapassar o mesmo trecho de terreno.

Pelo menos, as circunstâncias eram-lhes favoráveis. Julho não tardaria a chegar, com o ápice do verão. Cercas vivas e divisas eram altas e espessas. Os coelhos abrigavam-se em escuras grotas verdes,

penetradas pelo sol, com flores de manjerona e línguas-de-vaca; acima de suas cabeças floresciam, rubros e azuis, cachos de viperinas com seus talos peludos; de permeio, hastes verticais de verbascos amarelos. Às vezes metiam-se por entre o capim solitário, colorido qual campina atapetada, graças às flores de centáureas e tormentilhas. Por causa de sua ansiedade relativa aos *elil*, e porque mantinham o focinho rente ao chão (incapazes, portanto, de enxergar muito à frente), pareciam mais compridos.

Se a jornada fosse feita anos atrás, teriam encontrado os morros mais vazios, sem colheitas empilhadas e malhados pelos rebanhos de ovelhas; e mal poderiam avançar sem serem observados por inimigos. Mas as ovelhas já tinham ido embora e os tratores haviam arado grandes extensões para o plantio de trigo e cevada. O cheiro de trigo verde durava o dia inteiro. Ratos eram numerosos, e bem assim os francelhos. listes eram inquietadores, mas Aveleira tivera razão ao supor que um coelho saudável e bem desenvolvido era adversário digno de respeito. De qualquer maneira, nenhum francelho atacou pelo ar.

Pouco antes de ni-Frith, em pleno calor do dia, Prata parou num pequeno trecho de espinheiros. Não havia vento; o ar estava cheio de um odor adocicado, semelhante ao de crisântemos, emitido pelas compostas em flor das terras mais altas e secas — camomila, mil-folhas e atanásias. Quando Aveleira e Cinco-Folhas se aproximaram e agacharam-se ao seu lado, ele estendeu a vista pelo amplo espaço à frente.

— Ali, Aveleira-rah — disse —, está o bosque do qual Azevim não gostou.

A duzentos ou trezentos metros, diretamente do outro lado, uma faixa estreita de árvore corria, em linha reta, pelo morro, alongando-se em cada direção, até onde a vista dos coelhos alcançava. Havia chegado aos limites do Portway — apenas uma estrada intermitente — que parte do norte Andover, através de St. Mary Bourne com suas campânulas e ribeiros e agrião dos pântanos, passando por Bradley Wood, atravessando os morros, na direção de Tadley e chegando, por fim a Silchester — o *Atrebatum Calleva* dos Romanos. Onde essa faixa de vegetação cruza os morros, a linha é marcada pelo Cinturão de César, uma tira de mata tão reta quanto a estrada, de uma largura não superior a quatro quilômetros. Naquele meio-dia quente, as árvores do Cinturão estavam nimbadas por sombras escuras. O sol brilhava fora, destacando as sombras no maciço das árvores. Tudo calmo, a não ser os gafanhotos e o canto desfalecente da verdelha no espinheiro. Aveleira olhou firme, por muito tempo, ouvindo com as orelhas levantadas e contorcendo o focinho no ar parado.

— Nada vejo de estranho no bosque — disse afinal. — E você, Cinco-Folhas?

— Também não — respondeu Cinco-Folhas. — Azevim pensou tratar-se de um bosque estranho, e na verdade assim é, mas não parece haver homens ali. De qualquer forma, melhor alguém ir na frente e certificar-se. Quer que eu vá?

O terceiro grupo chegara enquanto Aveleira perscrutava o Cinturão, e agora todos os coelhos comiam tranqüilamente ou descansavam, de orelhas arriadas, à luz verde da moita de espinheiro banhada pelo sol.

— Manda-Chuva está aí? — perguntou Aveleira.

Durante toda a manhã, Manda-Chuva mostrava-se diferente — silencioso e preocupado, prestando pouca atenção ao que ocorria em volta. Se sua coragem não estivesse fora de qualquer dúvida, poderiam supor que sentia medo. Campinha ouvira-o, durante uma longa parada, conversar com Aveleira, Cinco-Folhas e Amora-Preta, e mais tarde contou a Panelinha que, por mais incrível que lhe parecesse, Manda-Chuva dera a impressão de estar sendo animado. "Lutar, sim, eu luto", Campinha ouvira-o dizer, "mas ainda penso se esse jogo não estará além de minhas forças." "Não", respondera Aveleira, "você é o único

capaz disso. E lembre-se: não é por esporte como ocorreu na incursão à fazenda. Tudo dependerá dessa diferença." A essa altura, percebendo que Campainha podia ouvi-lo, acrescentou: "De qualquer maneira, continue a pensar no caso e se familiarize com a idéia. Agora, vamos prosseguir." Manda-Chuva afastara-se, taciturno, pela sebe, a fim de reunir seu grupo.

Agora, ei-lo a sair de uma moita próxima de artemisas e cardos em flor e juntar-se a Aveleira sob o espinheiro.

— Que deseja? — perguntou abruptamente.

— Rei dos Gatos (Pfeffa-rah) — respondeu Aveleira —, quer ir na frente e examinar aquelas árvores? Se encontrar gatos ou homens ou qualquer coisa desse gênero, apenas espante-os. Depois, volte e nos informe, está bem?

Quando Manda-Chuva desapareceu, Aveleira disse a Prata: — Tem idéia das incursões da Patrulha Externa? Já estaremos dentro do seu raio de alcance?

— Não sei, mas suponho que sim — disse Prata. — Orientada por um capitão audacioso, uma patrulha pode ir bem longe.

— Percebo — disse Aveleira. — Muito bem, não quero encontrar uma patrulha, se puder evitar. Caso contrário nenhum de seus integrantes deve retornar a Efrafa. Por isso é que eu trouxe tantos expedicionários. Mas, para evitar o pior, vou entrar naquele bosque. Talvez os efracianos gostem tanto do bosque quanto Azevim.

— Mas o bosque não segue o nosso rumo — disse Prata.

— Mas não vamos a Efrafa — disse Aveleira. — Vamos procurar um refúgio, o mais perto e o mais seguro possível. Tem alguma sugestão?

— Isso é terrivelmente perigoso, Aveleira-rah — disse Prata. — *Você não poderá* aproximar-se de Efrafa em segurança, e não sei onde encontrará um lugar para se esconder. E depois, a patrulha... são brutos e astuciosos. Talvez nos localizem, sem se denunciarem — e apresentem relatório em Efrafa.

— Bom, aí vem Manda-Chuva outra vez — disse Aveleira. — Tudo bem, Manda-Chuva? Ótimo. Vamos entrar no bosque e descer em pouco. Depois, sairemos no outro lado e veremos se Kehaar nos encontra. Ele ficou de vir à nossa procura esta tarde e não devemos, de forma alguma, perdê-lo.

A quase um quilômetro para oeste, chegaram a uma capoeira vizinha à borda meridional do Cinturão de César. Também em direção do oeste havia um vale inclinado, vazio e seco, talvez a uns quatrocentos metros de distância, coberto de ervas daninhas e touceiras de capim amarelo. Ali, pouco antes do crepúsculo, Kehaar, voando no rumo oeste do Cinturão, localizou os coelhos estirados entre as urtigas e potilhas. Voando para baixo, desceu perto de Aveleira e Cinco-Folhas.

— Como está Azevim? — perguntou Aveleira.

— Triste — disse Kehaar. — Ele dizer sanhur não volta. — Em seguida, acrescentou: — Trevo estar pronta procriar.

— Isso é ótimo — disse Aveleira. — Alguém está tomando providências a esse respeito?

— Si, si. Muita briga.

— Bem, espero que as coisas se arranjem.

— Que fazer agora, Sanhur Azeleira?

— Aqui sua ajuda começa, Kehaar. Precisamos de um refúgio, o mais possível perto da coelheira, e

também seguro... algum lugar onde aqueles coelhos não nos descubram. Se você conhece bem a região, talvez possa sugerir algo.

— Sanhur Azeleira, qual distância querer?

— Bem, não mais distante do que Nuthanger Farm em relação ao Favo de Mel. Pensando bem, esse seria o limite ideal.

— Simples, Sanhur Azeleira. Sanhur atravessar rio, depois eles não encontrar sanhur.

— Atravessar o rio? Quer dizer que teremos de nadar?

— Non, non, coelho não nadar esse rio. É grande, fundo, corre depressa. Haver ponte. Do outro lado, muitos lugares esconder. Perto coelheira.

— F você acha que isso seria o melhor?

— Muitas árvores e rio. Outros coelhos não achar sanhur.

— Qual a sua opinião? — perguntou Aveleira a Cinco-Folhas.

— Parece melhor do que eu esperava — disse Cinco-Folhas. — Odeio ter de dizer isso, mas devíamos ir logo para lá o mais rápido possível, mesmo que todos fiquem exaustos, listamos sempre em perigo no descampado, mas assim que chegarmos ao outro lado, podemos repousar.

— Nesse caso, julgo mais acertado ir à noite. Já fizemos isso antes. Mas devemos comer e descansar primeiro. Partiremos logo após o fu Inlé? Teremos noite de lua.

— Ah, como eu detesto estas palavras "partir" e "fu Inlé" — disse Amora-Preta.

Contudo, a refeição ao entardecer foi calma e fresca e, depois de certo tempo, todos se sentiram reanimados. Quando o sol desaparecia, Aveleira reuniu-os, a pretexto de melhor proteção, para ruminar e descansar. Embora fizesse tudo para se mostrar confiante e alegre, podia sentir que todos estavam tensos. Depois de contornar uma ou duas perguntas a respeito do plano, começou a pensar na maneira de lhes desviar os pensamentos e descontraí-los, até que estivessem prontos para partir outra vez. Lembrou a ocasião, na primeira noite de sua liderança sobre o grupo, em que se viram forçados a descansar na mata, acima do Enborne. Pelo menos era bom ver que nenhum companheiro estava exausto agora: pareciam um bando de *elil* dispostos a assaltar uma horta. Nenhum deles destoava, pensou Aveleira. Panelinha de Barro e Cinco-Folhas pareciam tão descansados quanto Prata e Manda-Chuva. Mesmo assim, um pouco de entretenimento levantaria o moral do grupo. Já ia falar quando Bolota tirou-o da dificuldade.

— Por que não nos conta uma história, Dente-de-Leão?

— Sim! Sim! — disseram várias vozes. — Isso mesmo! Conte uma boa história enquanto é tempo!

— Está bem — disse Dente-de-Leão. — Que tal "El-ahrairah e a Raposa na Água"?

— Preferimos "O Buraco no Céu" — disse Bico de Falcão.

— Não, esta não — disse Manda-Chuva, brusco. Falara raras vezes durante toda a tarde, e por isso o grupo ficou atônito. — Se vai nos contar uma história, só há uma que eu quero ouvir: "El-ahrairah e o Coelho Preto de Inlé."

— Talvez não fosse aconselhável — disse Aveleira. Manda-Chuva fitou-o, rosmando.

— Se vamos ouvir uma história, não acha que tenho o direito, como todo mundo, de a escolher? — perguntou.

Aveleira não respondeu e, após uma pausa, durante a qual ninguém mais falou, Dente-de-Leão,

inteiramente persuadido, começou.

31. A História de El-ahrairah e o Coelho Preto de Inlé

O poder da noite, a força da tormenta,
O posto do inimigo; O Arco do Medo em sua forma ostensiva
E, no entanto, o homem forte prossegue.

Robert Browning, *Prospice*

— Cedo ou tarde, tudo se sabe e os animais ouvem o que os outros pensam a seu respeito. Num desses dias, foi Hufsa quem contou ao Rei Darzin a verdade sobre o truque com as alfaces. Outros garantem que Yona, o ouriço, continuou a espalhar mexericos nos matos. Não importa como, mas o Rei Darzin veio a saber que bancara o tolo ao entregar suas alfaces aos pântanos de Kelfazin. Não convocou os soldados à luta. Pelo menos, naquele instante. Prometeu a si mesmo, porém, aproveitar a primeira oportunidade de vingança contra El-ahrairah. El-ahrairah soube de tal disposição e advertiu seu povo a tomar cuidado, especialmente quando estivessem sozinhos.

"No fim de uma tarde, em fevereiro, Rabscuttle conduziu alguns coelhos a um monte de lixo, perto de uma horta, a pouca distância da coelheira. A tarde morria, fria e nevoenta, e bem antes do crepúsculo a neblina tornou-se espessa. Partiram para casa, mas perderam o rumo; depois, tiveram problemas com uma coruja e ficaram ainda mais desorientados. Rabscuttle perdeu os companheiros e, após vagarear algum tempo, entrou na casa de guarda, fora da cidade do Rei Darzin. Os soldados pegaram-no e o levaram à presença do Rei.

"O Rei Darzin logo viu a oportunidade de hostilizar El-ahrairah. Pôs Rabscuttle numa cela toda especial e, todos os dias, o prisioneiro era retirado do buraco para trabalhar, às vezes sob a geada, cavando e abrindo túneis. Mas El-ahrairah jurou que o resgataria. E o que disse, cumpriu, pois ele e duas de suas fêmeas passaram quatro dias cavando um túnel entre a mata e a ribanceira onde Rabscuttle fazia trabalho escravo. O túnel aproximou-se do buraco onde Rabscuttle cavava. Pretendiam transformar o buraco em depósito de mantimentos, e os guardas, desatentos, observavam os arredores. Mas El-ahrairah localizou Rabscuttle, pois escutou-o a raspar o chão, nas trevas. Todos eles fugiram pelo túnel e penetraram na mata.

"Quando recebeu a notícia, o Rei Darzin zangou-se a mais não poder. Decidiu que, dessa feita, travaria guerra de extermínio contra El-ahrairah. Seus soldados marcharam dentro da noite, na direção das campinas de Fenlo, mas não puderam ocupar as tocas dos coelhos. Alguns tentaram, com efeito, porém não tardaram a sair, pois encontravam sempre El-ahrairah e os outros coelhos. Não estavam habituados a lutar em lugares estreitos, no escuro. Antes de porem o rabo para fora, eram mordidos e arranhados.

"Justiça se lhes faça, não admitiram a derrota: sentados do lado de fora das tocas, esperaram. Sempre que um coelho procurava subir para o *silflay*, um inimigo estava à sua espera, pronto a saltar-lhe em cima. O Rei Darzin e seus soldados não podiam, é claro, vigiar tocas — eram muitíssimas —, mas corriam imediatamente para o lugar onde viam um coelho enfiar o focinho. Dentro em pouco o povo de El-ahrairah percebeu que só podia mordiscar um ou dois talos de erva — o suficiente para se manter vivo — antes de voltar precipitadamente às tocas. El-ahrairah tentou todos os truques, mas não conseguia

livrar-se do Rei Darzin ou resgatar o seu povo. Os coelhos começaram a ficar magros e desesperados embaixo da terra e alguns adoeceram gravemente.

"El-ahrairah já não agüentava mais. Por fim, uma noite, quando arriscara a vida outra vez, trazendo ervas para uma fêmea e sua família, cujo pai havia falecido na véspera, exclamou: 'Senhor Frith! Farei qualquer coisa para salvar meu povo! Seria capaz de fazer negócio com uma doninha ou unia raposa... Sim, isso mesmo. Ou com o Coelho Preto de Inlé!'"

"Assim que pronunciou estas palavras, El-ahrairah convenceu-se de que, se havia, algures, uma criatura com o poder de destruir seus inimigos, seria certamente o Coelho Preto de Inlé. Pois, além de ser um coelho, era mil vezes mais poderoso do que o Rei Darzin. No entanto, a idéia o fez suar e tremer de tal forma que teve de se deitar no chão. Mais tarde, foi para sua própria toca e começou a pensar no que havia dito e no que significava.

"Ora, como todos sabem, o Coelho Preto de Inlé significa medo e trevas eternas. É um coelho, mas não passa de um terrível pesadelo do qual pedimos ao Senhor Frith para nos salvar, dia e noite. Quando o laço aperta o pescoço, o Coelho Preto sabe onde está a cavilha; e quando a doninha dança, o Coelho Preto não está muito longe. Ninguém ignora que alguns coelhos costumam arriscar a vida tola e tola, entre uma e outra fanfarronada. Por causa do Coelho Preto, não farejam o cão nem vêem a espingarda. O Coelho Preto também traz doença. Ou, então, aparece de noite e chama um coelho pelo nome; e o coelho tem de sair, mesmo sendo por demais jovem e fraco para se livrar dos perigos. Acompanha o Coelho Preto e não deixa rastro. Dizem que o Coelho Preto nos odeia e quer a nossa destruição. Mas a verdade, segundo me ensinaram, é que ele serve ao Senhor Frith, e não faz senão o que lhe mandam. Viemos ao mundo e temos de deixá-lo; o que não significa que devemos alimentar o apetite de um inimigo qualquer. Se assim fosse, seríamos todos destruídos num só dia. Partimos do mundo por vontade do Coelho Preto de Inlé, e apenas por sua vontade. E embora essa contingência nos pareça dura e amarga, o Coelho Preto é à sua maneira nosso protetor, pois conhece a promessa que Frith fez aos coelhos e vingará qualquer coelho capaz, de ser destruído sem o seu consentimento. Quem já viu um guarda-caça enforcado sabe muito bem o que o Coelho Preto faz com os *elil* que pretendem impor sua vontade.

"El-ahrairah passou a noite sozinho em sua toca, e os pensamentos eram medonhos. Sabia perfeitamente que nenhum coelho tentara fazer até então o que ele tinha em mira. Mas, quanto mais pensava no assunto, e era dominado pela fome, pelo medo e pelo transe que acomete os coelhos em face da morte — mais lhe parecia haver uma oportunidade mínima de sucesso. Sairia em busca do Coelho Preto e lhe ofereceria a própria vida em troca da segurança de seu povo. Mas se, ao oferecer a vida, a oferta não fosse aceita, melhor não se aproximar muito do Coelho Preto. Talvez o Coelho Preto não aceitasse o sacrifício de sua vida; contudo, ainda haveria uma possibilidade de tentar outra coisa. O problema é que o Coelho Preto não poderia ser tapeado. A segurança de seu povo teria de implicar o preço de sua própria vida. Assim se viesse a falhar, El-ahrairah não voltaria jamais. Precisava, portanto, de um companheiro que trouxesse a fórmula de derrotar o Rei Darzin e salvar a coelheira.

"Pela manhã, El-ahrairah procurou Rabscuttle e juntos conversaram muito. Em seguida, convocou o Owsla e anunciou o que pretendia fazer.

"Naquela tarde, quando o crepúsculo chegava ao fim, os coelhos saíram e atacaram os soldados do Rei Darzin. Lutaram como bravos e alguns morreram. O inimigo pensou que tentavam evacuar a coelheira e fez o possível para cercá-los e os forçar a voltar às tocas. Mas a verdade era que a batalha visava a distrair a atenção do Rei Darzin e manter os soldados ocupados. Ao cair a noite, El-ahrairah e Rabscuttle escaparam pelo outro lado da coelheira e cruzaram a vala, enquanto o Owsla retrocedia e os soldados do Rei Darzin escarneciam à beira das tocas. O Rei Darzin enviou mensagem dizendo-se pronto a discutir com El-ahrairah os termos da capitulação.

"El-ahrairah e Rabscuttle prosseguiram em sua jornada noturna. Por onde ia, não sei, e coelho algum sabe. Mas eu ainda recordo o que o velho Matricária — lembram-se? — costumava dizer ao contar esta história. 'Não caminharam muito', dizia. 'Não gastaram tempo. Nada disso. Tropeçaram e se arrastaram através de um pesadelo até o lugar terrível que buscavam. Por onde andavam, o sol e a lua não tinham importância alguma e o inverno e o verão menos ainda. Mas vocês jamais saberão' — e, nesse ponto, ele olhava para nós —, 'nem vocês nem eu, a distância que El-ahrairah percorreu em sua jornada nas trevas. Vocês vêem o cume de uma grande pedra emergindo do chão. Qual a distância até o meio da pedra? Pois bem: partam a pedra e terão a resposta.'

"Afinal, chegaram a um terreno alto onde não havia erva. Arrastaram-se para cima, sobre estilhaços de ardósia por entre rochas maiores que ovelhas. Névoa e chuva gelada giravam em volta e não se ouvia som algum, salvo o tamborilar da água, e, às vezes, mais em cima, o grito de uma enorme e assustadora ave em vôo. E esses sons ecoavam, pois que estavam entre rochedos negros, mais altos que as árvores mais altas. A neve caía em catadupas, pois o sol não brilhava para derretê-la. O musgo era escorregadio, e sempre que deslocavam um seixo, o seixo rolava com estrépito, caindo nas profundezas. Mas El-ahrairah conhecia o caminho e prosseguiu, até que o nevoeiro se tornou mais espesso, a ponto de nada distinguirem. Avançaram, por isso, rente ao rochedo, e, pouco a pouco, à medida que seguiam, o rochedo cobria-os até formar um escuro telhado sobre suas cabeças. O rochedo findava na boca de um túnel semelhante a um grande buraco de coelho. No frio e no silêncio arrepiantes, El-ahrairah bateu com o pé e acenou a cauda para Rabscuttle. E então, quando estavam prestes a penetrar no túnel, perceberam que o que haviam tomado, na escuridão, como parte do rochedo não era rochedo. Era o Coelho Preto de Inlé, bem ao seu lado, tranqüilo qual líquen e frio que nem pedra."

— Avelreira — disse Panelinha, perscrutando o crepúsculo e estremecendo —, não gosto desta história. Sei que não sou corajoso ...

— Está bem, Hlao-roo — disse Cinco-Folhas —, você não é o único.

Em verdade, ele próprio parecia sereno e até mesmo alheado, ao contrário de qualquer outro coelho na audiência; mas Panelinha mal percebia.

— Vamos sair um pouco, para ver as aranhas fazendo teias. Quer? — disse Cinco-Folhas. — Acho que me lembro do lugar onde deixei um pedaço de ervilhaca. Deve ser aqui por perto.

Ainda falando com calma, conduziu Panelinha para o vale coberto de vegetação. Avelreira voltou-se, a fim de certificar-se da direção que haviam tomado; nesse ínterim, Dente-de-Leão hesitava, incerto quanto à retomada da história.

— Continue — disse Manda-Chuva. — Conte tudo.

— Creio que muitos detalhes se perderam, se é que a verdade completa chegou a ser conhecida — disse Dente-de-Leão. — Ninguém pode garantir, com efeito, o que acontece naquele país aonde El-ahrairah foi por sua própria vontade, e aonde jamais fomos. Mas, ao que sei, ao se darem conta da presença do Coelho Preto, fugiram pelo túnel, conforme ditava a necessidade, pois que não havia outro lugar por onde correrem. Assim fizeram, embora ali estivessem no propósito de encontrar o Coelho Preto — e a sorte de seu povo dependesse inteiramente disso. Não agiram ao contrário de nossos hábitos; e o fim também não foi diferente, pois ao se precipitarem pelo túnel, tropeçando e caindo, encontraram-se numa vasta toca de pedra. Tudo era de pedra: o Coelho Preto cavara-a, na montanha, com suas próprias garras. E ali estava, a esperá-los, o Coelho Preto de quem haviam fugido. Também havia outros na toca — sombras sem som e cheiro. O Coelho Preto tem seu Owsla, como sabem. Frith me defenda de os encontrar algum dia.

"O Coelho Preto falou com a voz da água que tomba em poços na escuridão despertando ecos.

"El-ahrairah, por que veio aqui?"

"Vim por causa de meu povo', sussurrou El-ahrairah.

"O Coelho Preto cheirava igual a ossos do ano passado, e no escuro El-ahrairah podia ver-lhe os olhos, que eram vermelhos, mas com uma luz que não iluminava.

"Você é um intruso aqui, El-ahrairah', disse o Coelho Preto. 'Pois está vivo.'

'Meu Senhor', respondeu El-ahrairah, 'vim oferecer-lhe minha vida. Minha vida pela salvação de meu povo.'

"O Coelho Preto estendeu as garras no chão.

"Barganhas, barganhas, El-ahrairah', disse. 'Não há dia ou noite em que uma fêmea não ofereça a vida pelo bem dos filhotes, ou um honesto capitão de Owsla não prometa a sua, em benefício do Coelho-Chefe. Às vezes o sacrifício é aceito, outras vezes não. Mas não há barganhas, pois aqui o que é terá de ser.'

"El-ahrairah silenciou. Mas pensava: 'Talvez eu o possa iludir com a promessa de minha vida. E ele manterá o acordo, a exemplo do Príncipe Arco-íris'.

"Você é meu hóspede, El-ahrairah', disse o Coelho Preto. 'Fique em minha toca pelo tempo que desejar. Pode dormir aqui mesmo. E comer também. Poucos, muito poucos, gozam desse privilégio. Dêem-lhe o que comer', disse ao Owsla.

"Não comeremos, meu senhor', disse El-ahrairah, pois sabia que se comesse a comida que lhe dessem naquela toca, seus pensamentos secretos seriam revelados e os embustes chegariam ao fim.

"Nesse caso, vamos entretê-lo', disse o Coelho Preto. 'Você deve sentir-se à vontade, El-ahrairah, como se estivesse em sua própria casa. Venha, vamos jogar pedrinhas^[14].'

"Muito bem', disse El-ahrairah. Mas se eu ganhar, meu senhor, talvez queira aceitar minha vida em troca da segurança de meu povo.'

"Aceitarei', disse o Coelho Preto. 'Mas se eu ganhar, El-ahrairah, você me dará sua cauda e seus bigodes.'

"As pedras foram trazidas e El-ahrairah sentou-se cm meio às correntes geladas e aos ecos, para jogar contra o Coelho Preto de Inlé. Ora, como vocês bem imaginam, El-ahrairah sabia jogar pedrinhas muito bem. Jogava tão bem como qualquer coelho que já houvesse coberto um conjunto de pedras. Mas ali — naquele lugar terrível, com os olhos do Coelho Preto a fixá-lo e o Owsla inaudível —, por mais que forcejasse, a inteligência abandonava-o, e antes mesmo de dispor seu conjunto, sentiu que o Coelho Preto previa o resultado. O Coelho Preto não demonstrava, aliás, a menor pressa. Jogava como tomba a neve sem ruído ou mudança, até que, afinal, o espírito de El-ahrairah falhou e ele percebeu que não poderia vencer.

"Pode pagar a aposta ao Owsla, El-ahrairah', disse o Coelho Preto, 'e lhe indicarão uma toca onde dormir. Voltarei amanhã, e se ainda estiver aqui, pretendo vê-lo. Mas você é livre para partir quando bem o desejar.'

"Então o Owsla levou El-ahrairah e cortou-lhe a cauda e arrancou-lhe os bigodes; e quando ele voltou a si, estava sozinho com Rabscuttle, num vazio buraco de pedra com uma abertura para o flanco da montanha.

"O senhor', disse Rabscuttle, 'que pretende fazer agora? Pelo amor de Frith, saiamos já daqui. Temo pelas nossas vidas nessa escuridão.'

"Claro que não', disse El-ahrairah. Ainda tinha esperança de obter, de alguma forma, o que fora buscar, e estava certo que o tinham posto naquele buraco a fim de sentir-se tentado a fugir. 'Claro que não'. Posso sarar as feridas com clematite e lisimáquia. Vá embora, Rabscuttle, mas procure voltar antes de amanhã à noite. Melhor trazer comida, se puder.'

"Rabscuttle saiu, como lhe fora dito, e El-ahrairah ficou sozinho. Dormiu muito pouco, em parte por causa da dor e em parte pelo medo que não o abandonava; mas, sobretudo, porque ainda imaginava um embuste que servisse aos seus objetivos. No dia seguinte, Rabscuttle voltou com alguns pedaços de nabo, e depois que El-ahrairah comeu-os, Rabscuttle ajudou-o a colar uma cauda cinzenta e bigodes feitos de clematite gelada e tasneira. No fim da tarde, foi encontrar o Coelho Preto, como se nada houvesse acontecido.

"Bem, El-ahrairah', disse o Coelho Preto — e não franziu o focinho para cima e para baixo, ao fungar, mas fê-lo avançar, como um cão —, 'minha toca não tem o conforto da sua, mas espero que se sinta à vontade.'

"Realmente, meu senhor', disse El-ahrairah. 'Estou contente por me ter permitido ficar.'

"Talvez não joguemos pedrinhas esta noite', disse o Coelho Preto. 'Compreenda. El-ahrairah, que não tenho desejo de fazê-lo sofrer. Não sou um dos Mil. Repito: pode ficar ou partir, como quiser. Mas se pretende permanecer talvez não se importe de ouvir uma história; e contar uma também, se lhe agrada.'

"Certamente, meu senhor', disse El-ahrairah. 'Talvez, se eu narrar uma história tão boa quanto a sua, o senhor aceite minha vida e conceda segurança ao meu povo.'

"Prometo', disse o Coelho Preto. 'Mas, em caso contrário, você terá de perder as orelhas.' Esperou para ver se El-ahrairah recusaria a aposta, mas ele aceitou-a.

"Então, o Coelho Preto contou tal história de horror e maldade que gelou os corações de Rabscuttle e El-ahrairah, pois sabiam que todas as palavras eram verdadeiras. Ambos fundiram a cuca. Pareciam mergulhados em nuvens de gelo que lhes entorpeciam os sentidos; e a história do Coelho Preto afundava em seus corações qual verme em uma noz, deixando-os enrugados e vazios. Quando, afinal, a terrível história findou, El-ahrairah tentou falar. Mas não conseguiu reunir as idéias, gaguejou e correu pelo chão de pedra, qual rato quando o gavião baixa o vôo. O Coelho Preto esperou em silêncio, sem dar sinais de impaciência. Por fim ficou claro que não haveria história de El-ahrairah, e o Owsla, apoderando-se dele, mergulhou-o em sono profundo; ao despertar, suas orelhas tinham desaparecido e somente Rabscuttle estava ao seu lado, na toca de pedra, chorando como um gatinho.

"Ó senhor', disse Rabscuttle, 'que resultado trará tanto sofrimento? Pelo amor de Frith e do capim verde, deixe-me levá-lo para casa.'

"Absurdo', disse El-ahrairah. 'Saia e traga-me duas grandes folhas de labças. Servirão para curar as orelhas.'

"Elas murcharão, senhor', disse Rabscuttle. 'Eu próprio já me sinto murchar.'

"Durarão o tempo suficiente', disse El-ahrairah em voz sombria, 'até eu terminar o que tenho em mente. O problema é que não vejo solução.'

"Quando Rabscuttle saiu, El-ahrairah forçou a cabeça a pensar com clareza. O Coelho Preto não lhe aceitaria a vida. Também estava claro que ele próprio, El-ahrairah, jamais ganharia qualquer aposta contra o adversário. De nada lhe valia patinar em gelo fino. Mas, se o Coelho Preto não o odiava, por que então lhe infligia tantos sofrimentos? Para minar-lhe a coragem e forçá-lo a ir embora. Mas não seria mais simples mandá-lo embora? E por que esperar, antes de o ferir, até ele próprio propor uma aposta e

perdê-la? A resposta acudiu-lhe de chofre. Aquelas sombras não tinham o poder de mandá-lo embora ou de feri-lo, exceto com seu próprio consentimento. Tampouco o ajudariam. Buscariam possuir-lhe a vontade e dominá-la, caso pudessem. Mas, supondo que ele encontrasse, entre elas, alguma coisa que pudesse salvar seu povo, estariam aquelas sombras em condições de o conter, impedindo-o de levá-la?

"Quando Rabscuttle retornou, ajudou El-ahrairah a disfarçar a horrorosa e mutilada cabeça com duas folhas de labças em lugar das orelhas, e depois de algum tempo, dormiram. Mas El-ahrairah sonhou mais uma vez com seus coelhos subalimentados à espera da oportunidade de afugentar os soldados do Rei Darzin — e pondo nele, El-ahrairah, suas esperanças. Por fim, acordou enregelado e cheio de cãibras, e errou pelos túneis da coelheira de pedra. Enquanto tropeçava, equilibrando as folhas de labça em cada lado da cabeça — pois não podia levantá-las ou movê-las como as orelhas que perdera —, chegou a um lugar do qual vários corredores estreitos afundavam no chão; e ali encontrou duas espectrais sombras do Owsia entregues a um de seus deveres. Viraram-se e o encararam fixamente, para assustá-lo, mas El-ahrairah já não tinha medo e lhes devolveu o olhar fixo, indagando o que elas teriam em mira a fim de persuadi-lo a ceder.

"Volte, El-ahrairah', disse uma, por fim. 'Você nada tem a fazer aqui no poço. Está vivo e já sofreu muito.'

"Não tanto como meu povo', replicou El-ahrairah.

"Aqui há sofrimento para mil coelheiras', disse a sombra. 'Não insista, El-ahrairah. Nestes buracos jazem todas as pragas e doenças que atacam os coelhos — febre e ronha e a doença dos intestinos. É aqui também, neste buraco mais próximo, está a cegueira branca, que faz com que as criaturas, mancando, saiam para morrer nos campos, onde até mesmo os *elil* evitam tocar em seus corpos podres. Esta é a nossa tarefa: cuidar que tudo isso esteja pronto para uso do Inlé-rah. Pois o que é terá de ser.'

"Então El-ahrairah soube que não dispunha de tempo para pensar. Pretendia retornar mas, de súbito, virou-se, correu para as sombras e mergulhou no buraco mais próximo, mais depressa que um pingo d'água no chão. E ali ficou, enquanto as sombras tremeluziam e falavam excitadamente perto da entrada, pois não tinham o poder de movê-lo, exceto pelo medo. Pouco depois, elas sumiam e El-ahrairah era deixado sozinho, a pensar se seria capaz de alcançar a tempo o exército do Rei Darzin, sem o uso dos bigodes e orelhas.

"Afim, quando se certificou de que devia ter permanecido no buraco o tempo suficiente para a contaminação, El-ahrairah saiu e começou a voltar pelo túnel. Não sabia se a doença apareceria logo, ou quanto tempo levaria a morrer; melhor, portanto, voltar o mais rápido possível, antes de sentir sinal da enfermidade. Sem se aproximar de Rabscuttle, devia dizer-lhe para ir na frente, a toda pressa, e advertir os coelhos para que todas as tocas fossem bloqueadas e não saíssem da coelheira até o exército do Rei Darzin ser destruído.

"Tropeçou numa pedra, no escuro, pois tremia de febre e, de qualquer forma, pouco ou quase nada sentia sem os bigodes. Naquele momento, uma voz tranqüila fez-se ouvir: 'El-ahrairah, para onde vai?' Ele não ouvira, mas sabia que o Coelho Preto estava ao seu lado.

"Para casa, meu senhor', respondeu. "O senhor disse que eu poderia sair quando desejasse.'

"Você tem um objetivo em vista, El-ahrairah', disse o Coelho Preto. 'Qual é?'

"Estive dentro do poço, meu senhor', respondeu El-ahrairah. 'Estou contaminado com a cegueira branca e vou salvar meu povo, destruindo o inimigo.'

"El-ahrairah', disse o Coelho Preto, 'você sabe como a cegueira branca é transportada?'

"Uma apreensão súbita empolgou El-ahrairah. Ele nada disse.

"'É transportada pelas moscas nas orelhas dos coelhos', disse o Coelho Preto. Passa das orelhas de um coelho enfermo para as orelhas de seu companheiro. Acontece, El-ahrairah, que você não tem orelhas e moscas não pousam em folhas de labaga. Portanto, não pode contrair nem transmitir o contágio da cegueira branca.'

"Foi quando El-ahrairah sentiu faltarem-lhe completamente a energia e a coragem. Caiu no chão. Tentou mover-se, mas suas pernas traseiras arrastaram-se ao longo da rocha e não conseguiu erguer-se. Debateu-se e por fim deixou-se jazer no silêncio.

"'El-ahrairah', disse o Coelho Preto, 'esta é uma coelheira gelada: um mau lugar para os vivos, um lugar desfavorável aos corações ardentes e espíritos bravos. Você é um incômodo para mim. Vá para casa. Eu próprio salvarei o seu povo. Não tenha a impertinência de me perguntar quando. Aqui não há tempo. Seus coelhos já estão salvos.'

"Naquele instante, enquanto o Rei Darzin e seus soldados ainda bloqueavam a entrada das tocas na coelheira, a confusão e o terror precipitaram-se com a noite que tombava. Os campos pareciam cheios de enormes coelhos de olhos vermelhos, aproximando-se por entre os cardos. Os soldados fugiram. Os coelhos estranhos desapareceram, por sua vez, dentro da noite. Por isso, os que narram histórias sobre El-ahrairah não sabem dizer que espécie de criaturas eram e que aspecto tinham. Nenhuma delas voltou a ser vista a partir daquele dia.

"Quando, finalmente, El-ahrairah foi capaz de se pôr em pé, o Coelho Preto havia desaparecido e Rabscuttle descia o corredor à sua procura. Juntos, saíram do flanco da montanha e desceram os despenhadeiros de pedra cheios de abismos nevoentos. Não sabiam para onde caminhavam, exceto que se distanciavam de coelheira do Coelho Preto. El-ahrairah estava doente depois de tantos dissabores e por causa da exaustão. Rabscuttle cavou um buraco e ocultaram-se durante vários dias.

"Mais tarde, quando El-ahrairah sentiu-se melhor, vaguearam sem encontrar o caminho de volta. Tinham a cabeça confusa e viram-se forçados a pedir ajuda a outros animais que encontravam. Sua jornada durou três meses, repletas de aventuras. Algumas, como vocês sabem, constituem histórias autônomas. Uma ocasião, viveram com um *lendri* e descobriram para ele ovos de faisão na mata. Outra vez, conseguiram escapar de um monte de feno quando o feno estava sendo cortado. Durante todo esse tempo, Rabscuttle cuidou de El-ahrairah, trazendo-lhe folhas de labaga e espantando as moscas, até que os ferimentos cicatrizaram.

"Finalmente, um dia, voltaram à coelheira. Era de tarde, e quando o sol se espalhava pelas colinas, viram numerosos coelhos entregues ao *silflay*, comendo ervas e brincando sobre formigueiros.

Pararam na parte mais elevada do campo, recolhendo o cheiro do tojo e outras ervas, trazido pelo vento.

"'Bem, parecem recuperados', disse El-ahrairah. 'Um grupo bem saudável. Vamos nos aproximar sorratamente e ver se encontramos um ou dois capitães do Owsla dentro da coelheira. Não queremos provocar estardalhaço.'

"Desceram pela sebe, mas não puderam identificar os arredores, pois, aparentemente, a coelheira crescera muito e havia mais tocas do que antes, tanto no barranco quanto no campo. Pararam para falar a um grupo de jovens machos e fêmeas, de ar esperto, sentados embaixo de um sabugueiro em flor.

"'Estamos à procura de Lisimáquia', disse Rabscuttle. 'Pode nos informar onde é a sua toca?'

"'Nunca ouvi falar dele', respondeu um dos machos. 'Tem certeza que a coelheira é esta mesma?'

"A menos que ele tenha morrido", disse Rabscuttle. 'Certamente vocês conhecem de nome o Capitão Lisimáquia. Foi um oficial do Owsla na batalha.'

"Que batalha?", perguntou outro macho. 'A batalha contra o Rei Darzin', respondeu Rabscuttle.

"Ora, meu caro", disse o macho. 'Essa batalha a que você se refere... bem, eu não era nascido ainda.'

"Talvez conheçam então outros capitães do Owsla", disse Rabscuttle.

"Aqueles velhos de bigodes brancos? Que deseja saber a seu respeito?"

"O que eles fizeram", disse Rabscuttle.

"Aquela guerra tola, meu velho?" disse o primeiro macho. 'Acabou há muito tempo. Nada temos a ver com isso.'

'Se esse tal Lisimáquia lutou com o Rei Fulano, o problema é dele, disse uma das fêmeas. 'O assunto não nos toca.'

"Uma coisa vergonhosa, a tal guerra", disse outra fêmea. 'Se não houvesse combatentes, não haveria guerras, não acha? Melhor perguntar aos coelhos mais velhos.'

"Meu pai esteve na tal guerra", disse o segundo macho. 'Às vezes, relembra alguns episódios. E eu sempre saio correndo. "Eles fizeram isso; nós fizemos aquilo", costuma dizer. E vai por aí fora. Uma chatice, em suma. Pobre velho, seria melhor que esquecesse o passado. Ainda bem que sua memória já anda falha. Onde foi travada a tal guerra?'

"Se quiser esperar um pouco, senhor", disse um terceiro macho a El-ahrairah, 'irei perguntar onde mora o Capitão Lisimáquia. Não o conheço pessoalmente, mas esta coelheira é bem grande.'

"É muita bondade sua", disse El-ahrairah, 'mas já estou reconhecendo o lugar e saberei orientar-me sozinho.'

"El-ahrairah desceu o resto da sebe e entrou na mata. Sentado sozinho sob uma nogueira, olhou os campos. Quando a luz começou a escassear, percebeu de repente que o Senhor Frith estava ao seu lado, entre as folhas.

"Está zangado, El-ahrairah?", perguntou o Senhor Frith.

"Não, meu senhor", respondeu El-ahrairah, 'não estou zangado. Mas aprendi, a respeito de criaturas amadas, que o sofrimento não basta para nos apiedarmos. Um coelho que ignora que uma mágica o salvou é mais pobre que uma lesma, embora se julgue sábio.'

"A sabedoria é encontrada nas colinas desoladas, El-ahrairah, onde ninguém vai buscar alimento, e nos barrancos onde os coelhos cavam buracos em vão. Mas, a propósito de mágicas, tenho presentes para você. Um par de orelhas, uma cauda e bigodes. As orelhas podem parecer-lhe estranhas, a princípio. Iluminei-as com uma luz estelar, porém fraca; insuficiente para trair um patife de sua marca. Ah, aí vem Rabscuttle. Também tenho algo para você. Devemos...'

— Aveleira! Aveleira-rah! — Era a voz de Panelinha, chegando detrás de uma moita de bardanas, à margem do pequeno círculo de ouvintes. — Uma raposa se aproxima pelo vale!

32. Do Outro Lado da Estrada de Ferro

Esprit de rivalité et de mésintelligence qui preserve plus d'une fois l'armée anglaise d'une défaite.

[Espírito de rivalidade e de desentendimento que, mais de uma vez, preservou o exército inglês de uma derrota. (N. do T.)]

General Jourdan, *Mémoires Militaires*

Certas pessoas julgam que os coelhos passam a maior parte do tempo fugindo de raposas. Em verdade, todo coelho teme raposas e dispara sempre que fareja uma. Muitos coelhos, porém, levam a vida sem ver uma só raposa, e provavelmente tombam vítimas de um inimigo que cheira fortemente e não pode correr tão depressa quanto eles. Uma raposa que quer pegar um coelho geralmente rasteja contra o vento, oculta — talvez na mata, perto de sua fímbria. Então, se logra acercar-se de onde os coelhos fazem *silflay*, na ribanceira ou no campo, deita-se quieta e calcula a oportunidade de uma rápida investida. Diz-se que às vezes a raposa os fascina, como a doninha, dançando e brincando no espaço aberto, aproximando-se pouco a pouco, até se apoderar da vítima. Pode ser, mais é certo que nenhuma raposa caça coelhos avançando ostensivamente por uma baixada, ao crepúsculo.

Nem Aveleira nem qualquer dos coelhos que haviam escutado a história de Dente-de-Leão já vira uma raposa. Contudo, sabiam que uma raposa no descampado, plenamente visível, não é perigosa se localizada a tempo. Aveleira sentiu-se negligente por haver permitido que todos se reunissem em volta de Dente-de-Leão, sem destacar uma sentinela. O vento soprava do nordeste e a raposa, subindo o vale procedente do oeste, poderia irromper entre eles sem aviso. Desse perigo estavam salvos, porém, por Cinco-Folhas e Panelinha, graças ao passeio que haviam dado. Mesmo no alarma provocado pela advertência de Panelinha de Barro, Aveleira pensou logo que Cinco-Folhas, sem dúvida relutante em avisá-lo em frente dos outros, provavelmente aproveitara a oportunidade oferecida pelo medo de Panelinha a fim de se postar como sentinela.

Aveleira pensou com rapidez. Se a raposa não estivesse muito perto, teriam apenas que correr. Havia um matagal próximo e poderiam desaparecer ali, mais ou menos juntos, sem se desviarem de sua rota. Avançou por entre as bardanas.

— Ela está muito perto? — perguntou. — E onde ficou Cinco-Folhas?

— Estou aqui — respondeu Cinco-Folhas, a alguns metros de distância. Encontrava-se agachado sob as compridas raízes de uma rosa brava e não virou a cabeça quando Aveleira chegou. — A raposa está ali — acrescentou. Aveleira acompanhou-lhe o olhar.

O terreno áspero, coberto de ervas daninhas do vale, subia atrás, em longa inclinação bordejada, ao norte, pelo Cinturão de César. Os últimos raios do pôr do sol brilhavam através de uma clareira entre as árvores. A raposa estava atrás dos coelhos e ainda a certa distância. Embora diretamente a favor do vento, e portanto em condições de os farejar, dava a impressão de não se interessar muito por coelhos. Trotava com firmeza pelo vale, semelhante a um cão, arrastando a comprida cauda de ponta branca. Cor de areia marrom, com as pernas e as orelhas escuras. Embora não estivesse a caçar, tinha aparência velhaca, predatória, que fazia os observadores tremerem entre as rosas bravas. Ao passar atrás de uma

moita de cardos e sumir de vista, Aveleira e Cinco-Folhas retornaram à companhia dos outros.

— Vamos — disse Aveleira. — Se ainda não viram uma raposa, queiram olhar agora. Basta acompanhar-me.

Já ia tomar o caminho que subia pelo lado sul do vale, quando, de súbito, um coelho deu-lhe um esbarrão, passou por Cinco-Folhas e entrou no espaço aberto. Aveleira parou e olhou ao redor, atônito.

— Quem era? — perguntou.

— Manda-Chuva — respondeu Cinco-Folhas, olhando. Juntos, foram rapidamente até as raízes de rosas bravas e, uma vez mais, perscrutaram o vale. Manda-Chuva, bem visível, subiu decididamente a suave encosta, na direção exata da raposa. Observaram-no, consternados. Aproximou-se ainda mais, porém a raposa não lhe prestou atenção.

— Aveleira — disse Prata, atrás —, será que eu devo...

— Ninguém se mova — disse Aveleira rapidamente. — Quietos, todos vocês.

A cerca de trinta metros de distância, a raposa viu a aproximação do coelho. Parou um instante e depois continuou a trotar para a frente. Quase de imediato, Manda-Chuva voltou-se e começou a subir o lado norte do vale, para as árvores do Cinturão. A raposa hesitou e depois seguiu-o.

— Que pretende ele? — murmurou Amora-Preta.

— Procura afastá-la, creio — respondeu Cinco-Folhas.

— Mas não precisava! Teríamos ido embora sem essa loucura.

— Maldito idiota! — disse Aveleira. — Nunca me irritei tanto na vida.

A raposa apressara o passo e encontrava-se agora a alguma distância deles. Parecia haver alcançado Manda-Chuva. O sol estava posto e, à luz desmaiada, mal puderam divisá-lo quando penetrou na vegetação. Manda-Chuva desapareceu e a raposa seguiu-o. Durante certo tempo, tudo permaneceu quieto. Depois, com uma horrível nitidez através do vale escuro e vazio, chegou o berro agonizante de um coelho atacado.

— Ó Frith e Inlé! — gritou Amora-Preta, batendo o pé no chão. Panelinha virou-se para correr. Aveleira não se mexeu.

— Devemos ir, Aveleira? — perguntou Prata. — Agora será impossível ajudá-lo.

Enquanto ele falava, Manda-Chuva irrompeu de repente do meio das árvores, correndo com muita rapidez. Quase antes que pudessem compreender que estava vivo, refizera toda a elevação superior do vale, num único impulso, e precipitou-se entre eles.

— Vamos fugir imediatamente! — disse Manda-Chuva.

— Mas que... o que... Está ferido? — perguntou Campainha, espantado.

— Não — disse Manda-Chuva. — Nunca me senti melhor! Vamos!

— Espere até eu me decidir — disse Aveleira em tom frio e irado. — Você fez tudo para matar-se e agiu como um idiota chapado. Agora, prenda a língua e sente-se!

Virou-se e, embora a escuridão já não permitisse ver à distância, fingiu estar examinando o vale. Atrás dele, os coelhos mexiam-se nervosamente. Vários já haviam perdido o senso da realidade. O dia comprido a céu aberto, o vale coberto de vegetação e exposto, a história assustadora na qual estiveram absorvidos, o súbito aparecimento da raposa, o impacto causado pela inexplicável aventura de Manda-Chuva — tudo isso, uma coisa atrás da outra, inundara-lhes o espírito, deixando-os dopados e

perturbados.

— Tire-os daqui, Aveleira — cochichou Cinco-Folhas —, antes que todos fiquem *tharn*.

Aveleira virou-se logo para eles.

— Bem, a raposa sumiu — disse alegremente. — Foi embora e nós iremos também. Continuem agrupados, pois se alguém se perder nessa escuridão, não poderemos localizá-lo. E lembrem-se: se encontrarem coelhos estranhos, primeiro ataquem para depois fazer perguntas.

Contornaram o lado da mata que se estendia na margem meridional do vale e depois, em grupos de dois ou um a um, cruzaram a estrada deserta. Pouco a pouco seus espíritos se desanuviavam. Encontraram-se em terras de fazenda — colhiam cheiros e ruídos da fazenda, não muito distante, para o poente — e o avanço era fácil: pastos planos e largos, em elevações suaves e divididos não por sebes, mas por barreiras baixas e amplas, tão extensas quanto uma campina e cobertas de sabugueiros, cornisos e evônimos. Uma região propícia a coelhos, bastante confortadora depois do Cinturão e do vale emaranhado, cheio de potutilhas; e quando haviam percorrido boa distância sobre o capim — parando constantemente para escutar e farejar e correr, ora um ora outro, com sentido de cobertura —, Aveleira decidiu conceder-lhes repouso. Após destacar Verônica e Bico de Falcão como sentinelas, chamou Manda-Chuva à parte.

— Estou aborrecido com você — disse — De você depende o sucesso dessa empresa, e no entanto você se comportou como um tolo. Não era necessário nem prudente arriscar-se em vão. Que pretendia provar?

— Receio ter perdido a cabeça, Aveleira — respondeu Manda-Chuva. — Estive desnortado o dia inteiro, pensando nesse negócio de Efrafa. Perdi o controle. Quando me sinto assim, tenho de fazer algo: lutar ou assumir um grande risco. Julguei que, se desmoralizasse a raposa, não me preocuparia tanto com a outra coisa. Mas veja, deu certo... agora me sinto bem melhor.

— Brincando de El-ahrairah — disse Aveleira. — Seu pateta, podia ter morrido a troco de nada... Nós todos pensamos que sim. Não faça mais isso. Tudo depende de você. Mas diga: que aconteceu entre as árvores? Por que gritou daquele jeito, se tudo estava bem?

— Não gritei — disse Manda-Chuva. — Foi muito estranho o que aconteceu, e também muito mau. Eu ia iludir o *homba* no meio das árvores, e depois voltar. Bem, penetrei no mato, e já pensava em correr realmente depressa quando, de repente, me vi face a face com um bando de coelhos — coelhos estranhos. Avançaram em minha direção, como se fossem diretamente para o vale. Naturalmente não tive tempo de os examinar bem, mas pareciam grandes. "Cuidado! Corram!", gritei, ao chegar perto, mas eles só pretendiam deter-me. Um deles falou: "Fique aí!", ou algo equivalente, e depois atravessou-se em meu caminho. Tive de derrubá-lo e corri. Logo em seguida, ouvi aquele berro assustador. Tratei de correr ainda mais depressa, saí das árvores e me reuni a vocês.

— Então o *homba* pegou o outro coelho?

— Acho que sim. Afinal de contas, eu o conduzi até o grupo, sem querer. Mas não vi o que aconteceu.

— E os outros, que fizeram?

— Não tenho a mínima idéia. Devem ter fugido.

— Percebo — disse Aveleira, pensativo. — Bem, talvez saia tudo pelo melhor. Mas olhe aqui, Manda-Chuva, nada de aventuras inúteis até a ocasião adequada. Não lhe faltarão oportunidades. Melhor ficar perto de Prata e de mim. Nós lhe infundiremos ânimo.

Naquele instante chegou Prata.

— Aveleira, acabo de descobrir onde estamos, e é muito perto de Efrafa. Acho que devíamos retroceder o mais rápido possível.

— Quero rodear Efrafa... de longe — disse Aveleira. — Você seria capaz de localizar o caminho até aquela estrada de ferro de que Azevim nos falou?

— Creio que sim — respondeu Prata. — Mas o círculo não poderá ser muito amplo, do contrário ficaremos todos exaustos. Não conheço ao certo o caminho, mas posso indicar a direção.

— Bem, teremos de assumir o risco — disse Aveleira. — Se chegássemos de manhã cedo, descansaríamos do outro lado.

Não enfrentaram outras aventuras aquela noite, avançando tranqüilamente pelas sebes dos campos, sob a luz sombria de um quarto-crescente. A semi-escuridão estava cheia de sons e movimentos. Bolota assustou uma lavadeira, que esvoaçou ao redor, soltando pios agudos, até cruzarem uma barreira e a deixarem para trás. Pouco adiante, e bem perto, ouviram o incessante murmúrio de um curiango — um som pacífico, sem ameaça, que morreu gradualmente à distância. E, outra vez, ouviram um codornizão piar enquanto se mexia entre o capim alto de uma vereda próxima. (Emitia som semelhante ao de um dedo humano nos dentes de um pente.) Mas não encontraram *elil*, e conquanto continuamente alertados para os sinais de uma patrulha efrariana, nada mais viram salvo ratos e alguns ouriços caçando lesmas nas valas.

Por fim, à primeira nesga rósea avançando para a luz ainda elevada no céu, Prata, com o pêlo claro escurecido de orvalho, retrocedeu aos saltos, até o lugar onde Aveleira encorajava Campainha e Panelinha de Barro.

— Pode recobrar o ânimo, Campainha — disse. — Acho que estamos perto da estrada de ferro.

— Pouco me importa o ânimo — disse Campainha —, se as pernas continuam tão cansadas. As lesmas é que são felizes: não têm pernas. Estou pensando em virar lesma.

— Bem, eu sou um ouriço — disse Aveleira. — Portanto, é melhor fugir!

— Não é não — respondeu Campainha. — Não tem muitas pulgas. Ora, pensando bem, lesmas não têm pulgas. Que bom ser uma lesma, arrastando-se entre os dentes-de-leão...

— E sentindo, de repente, o bico do melro — disse Aveleira. — Muito bem, Prata, já vamos. Mas onde *está* a ferrovia? Azevim referiu-se a um barranco íngreme, coberto de vegetação. Não consigo visualizar algo semelhante.

— É mais longe de Efrafa. Por aqui, o barranco forma uma espécie de vale. Sente o cheiro?

Aveleira farejou. Na umidade, recolheu logo os odores estranhos de metal, carvão queimado e petróleo. Avançaram e, dentro em pouco, em meio aos arbustos, olhavam embaixo as incisões da estrada de ferro. Tudo tranqüilo, mas ao pararem no alto da barreira, uns seis ou sete pardais voaram para a linha e começaram a bicar entre os dormentes. O cenário parecia reconfortante.

— Vamos atravessar, Aveleira-rah? — perguntou Amora-Preta.

— Sim — disse Aveleira. — Imediatamente. A estrada nos separa de Efrafa. Depois, comeremos.

Entraram hesitantemente na via férrea, meio temerosos que o trovejante anjo de Frith irrompesse na aurora. Contudo, o silêncio permaneceu inalterável. Dentro em pouco, comiam na campina, muito cansados para pensar em se esconderem. Queriam apenas descansar as pernas e mastigar a erva.

Do alto dos lariços, Kehaar voou para eles. Pousando, dobrou as compridas asas de um cinza pálido.

— Sanhur Aveleira, que fazer? Sanhur não ficar aqui?

— Estão cansados, Kehaar. Precisam de descanso.

— Non bom descansar aqui. Coelhos chegar.

— Sim, mas não agora. Podemos...

— Si, si, chegando pegar vocês! Perto!

— Malditas patrulhas! — exclamou Avelreira. — Vamos, vocês todos, entrem naquela mata! Sim, você também, Verônica, a menos que deseje ter as orelhas mastigadas em Efrafa. Mexam-se!

Saltaram pelo pasto até o bosque além e estiraram-se, completamente exaustos, no chão nu embaixo de abetos. Avelreira e Cinco-Folhas consultaram Kehaar.

— Não posso levá-los mais longe, Kehaar — disse Avelreira. — Caminharam a noite toda. Teremos de dormir aqui, hoje. Você viu mesmo uma patrulha?

— Si, si, chegando logo cima estrada ferro. Vocês fugirem logo.

— Bem, nesse caso você nos salvou. Escute Kehaar, podia ver onde estão agora? Se partiram, direi à minha gente que pode dormir. Aliás, nem preciso falar. Olhe só!

Kehaar voltou com a notícia de que a patrulha efraciana retornara sem atravessar a ferrovia. Depois, ofereceu-se para vigiar até a tarde, e Avelreira, muito aliviado, autorizou logo os coelhos a dormir. Um ou dois já haviam caído no sono, deitados de lado no chão descoberto. Avelreira pensou se não deveria despertá-los para que procurassem abrigo, mas, enquanto hesitava, ele próprio adormeceu.

O dia transcorreu quente e calmo. Entre as árvores, os pombos silvestres arrulhavam entorpecidos. De quando em quando, um cuco tardio fazia soar o seu martelo. Nos campos, nada se mexia, salvo o bater constante da cauda das vacas no próprio flanco.

33. O Grande Rio

Jamais em sua vida ele vira um rio — esse animal esguio, sinuoso... Era mesmo de tremer, de assustar: cintilações, vislumbres e lampejos, sussurros e redemoinhos, murmúrios e borbulhas.

Kenneth Grahame, *The Wind in the Willows*

Quando acordou, Aveleira pôs-se logo de pé, pois soavam gritos esganiçados de alguma criatura caçando. Olhou rapidamente em volta, mas não pôde distinguir sinais de alarma. A tarde avançava. Vários coelhos, já despertados, comiam à margem do bosque. Aveleira percebeu que os gritos, por mais insistentes e desesperados, eram agudos e curtos demais para alguma espécie de *elil*. Vinham de cima de sua cabeça. Um morcego esvoaçou por entre as árvores e saiu sem tocar em um só ramo. Foi seguido por outro. Aveleira sentiu que havia muitos morcegos, pegando moscas e mariposas em pleno vôo e soltando seus guinchos minúsculos. Um ouvido humano mal poderia recolhê-los, mas, para os coelhos, o ar estava cheio dos chamados dos morcegos. Fora do bosque, o campo ainda brilhava ao sol do entardecer, mas, entre os abetos, a luz era fusca e ali os morcegos entravam e saíam com frequência. De mistura com o odor resinoso dos abetos havia outro cheiro, forte e fragrante, embora ardido — o perfume de flores, mas de um gênero desconhecido de Aveleira. Ele seguiu-o até sua origem, na fímbria do bosque. O cheiro procedia de várias touceiras densas de saponárias que cresciam no aceiro do pasto. Algumas ainda não haviam florescido, e seus botões róseos, em espirais pontudas, sobrepunham-se aos cálices de um verde desmaiado, mas a maior parte, já aberta, emitia o cheiro penetrante. Os morcegos caçavam moscas e mariposas atraídas pelas saponárias.

Aveleira fez *hraka* e começou a comer no campo. Ficou perplexo ao verificar que sua perna traseira o incomodava. Pensara que estivesse curada, mas a jornada forçada pelos morros fora uma dose excessiva para o músculo varado pelo chumbo da espingarda. Pensou se o rio de que Kehaar falara estaria longe. Se estivesse distante, pior para ele.

— Aveleira-rah — disse Panelinha, saindo do meio das saponárias —, você está bem? Sua perna parece esquisita... como se fosse arrastada.

— Não, está direita — disse Aveleira. — Olhe, Hlao-roo, onde está Kehaar? Quero falar com ele.

— Voou a ver se há uma patrulha por perto, Aveleira-rah. Manda-Chuva acordou há algum tempo e ele e Prata pediram a Kehaar para ir. Não quiseram incomodar você.

Aveleira sentiu-se irritado. Seria bem melhor saber imediatamente que direção tomar, em vez de esperar enquanto Kehaar procurava patrulhas. Iam cruzar um rio e, pelo que lhe era dado ver agora, perderiam tempo. Irritado, esperou a volta de Kehaar. Dentro em pouco tornava-se tão tenso e nervoso como nunca estivera em sua vida. Começava a crer que, antes de mais nada, mostrara-se temerário. Tudo parecia indicar que Azevim não subestimara os perigos próximos de Efrafa. Tinha agora poucas dúvidas de que Manda-Chuva, por pura casualidade, conduzira a raposa a uma Patrulha Externa que lhes acompanhava a pista. Depois, pela manhã, também por sorte e com ajuda de Kehaar, haviam escapado de outra patrulha, ao atravessarem a ferrovia. Talvez o medo de Prata fosse justo: quem sabe uma patrulha já não os teria localizado e enviado relatórios a seu respeito? O General Vulnerária não teria, por acaso, um

auxiliar do tipo de Kehaar? Um morcego não estaria, nesse momento, a informá-lo de tudo? Quem podia precaver-se contra dissabores, prevendo o futuro? O capim parecia ácido; o sol, frígido. Avelreira sentou-se encurvado contra os abetos, cheio de preocupações. Sentia-se então menos irritado com Manda-Chuva; compreendia os sentimentos do companheiro. Esperar era péssimo. Ansiava por ação. Justamente quando resolvera não esperar mais, mas reunir todos e partir imediatamente, Kehaar chegou voando da direção dos trilhos. Desceu desajeitadamente entre os abetos, silenciando os morcegos.

— Sanhur Azeleira, não haver coelhos. Eu pensar não gostam passar estrada ferro.

— Ótimo. O rio fica longe, Kehaar?

— Non, non. Perto, no vosque.

— Esplêndido. Podemos atravessar à luz do dia?

— Si, si. Eu mostrar punte.

Os coelhos haviam percorrido pequena distância através do bosque quando sentiram a proximidade do rio. O chão tornou-se macio e úmido. Identificavam as junças e a água. De súbito, o áspero e vibrante cacarejar de uma galinhola dos pântanos ecoou através das árvores, acompanhado por um bater de asas e uma corrida na água. O roçar das folhagens também parecia ecoar, como se refletindo os ruídos do chão. Pouco adiante, ouviam distintamente a água — o lento, contínuo fluir de uma corredeira. Um ser humano, ouvindo à distância o barulho de uma multidão, pode avaliar-lhe o tamanho. O som do rio informou aos coelhos que ele seria maior do que qualquer outro que já tinham visto: largo, desimpedido e rápido. Parando em meio às consoldas e sabugueiros, fitaram-se em busca de ânimo. Em seguida, subiram, hesitantes, para uma clareira. Ainda não se avistava o rio, mas, em frente, percebiam lampejos dançarinos de uma luz espelhante no ar. Logo depois, Avelreira, coxeando com Cinco-Folhas ao seu lado, encontrou-se numa verde trilha que dividia o bosque e a ribanceira.

A trilha era quase tão macia quanto um relvado e limpa de arbustos e ervas, pois servia aos pescadores. Mais além, plantas ribeirinhas cresciam viçosamente, de forma que a vereda era separada do rio por uma espécie de sebe de lisimáquias purpurinas, salgueiros, pulicárias, escrofulárias e agrimônias, aqui e ali já em flor. Mais dois ou três coelhos saíram do bosque. Olhando por entre as moitas, recolheram lampejos do liso e cintilante rio, evidentemente muito mais largo e rápido que o Enborne. Embora não houvesse inimigo ou outro perigo à vista, sentiram a apreensão e a dúvida dos que chegam, contra a vontade, a um lugar que inspira medo, onde se sentem pequenos e desamparados. Quando Marco Pólo encontrou-se, finalmente, em Cathy, setecentos anos atrás, não sentiu — e seu coração teria fraquejado então — que aquela grande e esplêndida capital de um império resumia todos os anos de sua vida, não obstante ela o ignorar? Que podia muito bem viver sem ele, sem Veneza, sem a Europa? Que estava cheia de maravilhas além de sua compreensão? Que sua chegada não tinha importância alguma? Sabemos que ele sentiu tais coisas, e que o mesmo ocorre a muitos viajantes, os quais, em regiões estranhas, não sabem o que ali foram buscar. Nada mais deprimente que chegar a um lugar estranho e maravilhoso onde ninguém pára a fim de nos observar.

Os coelhos estavam inquietos e confusos. Agacharam-se na erva, cheirando a água no frio crepúsculo; e avançaram juntos, cada um procurando não identificar nos outros o nervosismo que sentia em si mesmo. Quando Panelinha entrou na vereda, uma grande libélula cintilante, de uns dez centímetros de comprimento, toda ela esmeralda e sable, pousou-lhe no ombro, tremeu, zumbiu e aquietou-se, e depois voou rapidamente para as junças. Panelinha deu um pulo para trás, alarmado. Nisso, ouviu um pio vibrante, avistando então, entre as plantas, um pássaro azul-celeste que voava para a água. Momentos após chegava, detrás das junças mais próximas, o som de um pesado mergulho; que criatura espadanara a água, não sabiam. Olhando em volta à procura de Avelreira, Panelinha deu com Kehaar, a pouca distância,

em pé num baixio, entre duas moitas de salgueiros. Bicava alguma coisa na lama, e instantes depois retirava uma sanguessuga de uns quinze centímetros, que engoliu inteira. Atrás, na vereda, Avelaira retirava potentilhas grudadas em seu pêlo e, pelo visto, ouvia Cinco-Folhas, sentados à sombra de um rododendro. Panelinha correu para lá.

— O lugar está calmo — dizia Cinco-Folhas. — Não há perigo algum. Kehaar vai nos mostrar onde atravessar, não é? O melhor é ir logo antes que escureça.

— Eles nunca param aqui — respondeu Avelaira. — Mas não podemos esperar Manda-Chuva num lugar assim. É muito estranho.

— Podemos, sim... Acalme-se. Nossos coelhos se habituarão mais rápido do que você pensa. Isso aqui é preferível a um ou dois lugares onde já estivemos. Nem todas as coisas estranhas são más. Quer que *eu* assumo o comando? Explique que é por causa de sua perna.

— Ótimo — disse Avelaira. — Hlao-roo, quer trazer o grupo aqui?

Quando Panelinha partiu, ele disse: — Estou preocupado, Cinco-Folhas. Exijo demais deles, e este plano tem muitos perigos.

— São mais resistentes do que você pensa — respondeu Cinco-Folhas. — Caso você...

Kehaar grasnou roucamente, espantando uma carriça dos arbustos.

— Sanhur Azeleira, que estar esperando?

— Queremos saber onde atravessar — respondeu Cinco-Folhas.

— Punte perto. Pode ir agora.

Onde estavam, a vegetação crescia rente à trilha, mas além — descendo o curso do rio, como sentiam por intuição — ela cedia lugar ao descampado. Avançaram. Avelaira seguia Cinco-Folhas.

Avelaira não sabia o que era uma ponte. Tratava-se de outra palavra de Kehaar cujo significado ele não investigara. Apesar da confiança em Kehaar, e do respeito por sua larga experiência, sentiu-se ainda mais confuso ao penetrar na clareira. Via-se que era um lugar feito pelo homem, freqüentado e perigoso. Um pouco à frente, uma estrada. Ele distinguia-lhe a superfície lisa e estranha, estendendo-se pelo capim. Parou e olhou-a melhor. Por fim, quando se convenceu de que não havia homens nas proximidades, dirigiu-se cautelosamente à margem.

A estrada cruzava o rio por uma ponte com cerca de cem metros de extensão. Avelaira nada viu de insólito. A idéia de uma ponte estava além de sua compreensão. Via apenas uma linha de postes sólidos e grades de ambos os lados da estrada. Da mesma forma, aldeões africanos que jamais deixaram seus remotos lugares natais talvez não denotem surpresa maior à primeira visão de um avião: está fora de sua compreensão. Mas, ao verem um cavalo puxando uma carroça, riem-se do simplismo da pessoa que pensou em tal solução. Avelaira viu, sem surpresa, a estrada atravessar o rio. Preocupava-o, acima de tudo, observar que do outro lado havia apenas estreitas faixas de erva rasteira, sem cobertura. Seus coelhos estariam expostos e incapazes, portanto, de fugir em segurança, exceto ao longo da estrada.

— Podemos correr o risco, Cinco-Folhas? — perguntou.

— Não vejo motivo de preocupação — respondeu Cinco-Folhas. — Você próprio foi à fazenda e à gaiola dos coelhos aprisionados. Isso aqui é muito menos perigoso. Vamos... todos vêm nossa hesitação.

Cinco-Folhas saltou para a estrada. Olhou ao redor, por um instante, e depois avançou para a ponta mais próxima da ponte. Avelaira acompanhou-o pela vegetação, mantendo-se junto à grade do lado superior do curso do rio. Olhando os arredores, viu Panelinha próximo. No meio da ponte, Cinco-Folhas,

inteiramente calmo e sem pressa, parou e sentou-se. Os outros dois fizeram-lhe companhia.

— Vamos fingir um pouco — disse Cinco-Folhas. — Isso os intrigará. Seremos acompanhados só para verem o que buscamos.

Não havia guarda-corpo à beira da ponte. Teriam caído na água um metro embaixo. Sob a grade mais baixa, olharam rio acima, e agora, pela primeira vez, viam o rio em toda a plenitude. Se a ponte não causara admiração a Aveleira, o rio deu-lhe o que pensar. Lembrou-se do Enborne cuja superfície era interrompida por pedras e plantas. O Test, sem ervas, reto, parecia-lhe um mundo de água. Com uma largura de dez metros, corria ligeiro e igual, cintilando ao crepúsculo. Os três reflexos na corrente uniforme permaneciam regulares como a superfície de um lago. Não se via um junco ou uma planta qualquer acima da água, com suas folhas em forma de roda, todas submersas. Ainda mais escuros, quase negros, eram os emaranhados de musgos aquáticos, com suas espessas massas imóveis no leito do rio e apenas as frondes ondulando vagarosamente para um e outro lado. Ondulantes também estavam as extensões mais largas de agriões-dos-pântanos, de um verde desmaiado; mas estes inclinavam-se à corrente, de forma leve e rápida. A água era muito clara, com um leito de nítidos seixos amarelos, e mesmo no meio do rio a profundidade não chegava a metro e meio. À medida que olhavam a água, os coelhos podiam identificar aqui e ali uma esteira fina como fumaça — seixos cobertos de um pó branco e carregados pelo rio como poeira soprada pelo vento. De súbito, sob a ponte, com um lânguido movimento de sua cauda achatada, nadou um peixe colorido pelo cascalho do fundo, tão comprido quanto um coelho. Os observadores situados bem acima viram as escuras e vividas barbatanas em seus flancos. Descuidadamente, imobilizou-se na corrente, ondulando de um lado para outro. Isso fez Aveleira lembrar-se do gato no pátio da fazenda. Enquanto os coelhos o olhavam, o peixe nadou rio acima, com um brando meneio, e parou logo embaixo da superfície. Um momento depois seu focinho embotado saiu da corrente e eles viram a boca aberta, toda branca por dentro. Em movimentos ritmados, sem pressa, abocanhou uma mosca e submergiu novamente. Uma ondulação espalhou-se em círculos crescentes, rompendo ambos os reflexos e a transparência. Aos poucos, a corrente suavizou-se e, uma vez mais, os coelhos viram o peixe embaixo, mexendo com a cauda a fim de manter-se no lugar.

— Um falcão aquático! — disse Cinco-Folhas. — Então, também eles caçam e comem ali embaixo! Não vá despencar, Hlao-roo. Lembre-se de El-ahrairah e do lúcio.

— Ele me comeria? — perguntou Panelinha, de olhos fixos.

— Deve haver criaturas na água capazes disso — disse Aveleira. — Como iríamos saber? Vamos, atravessemos logo esta ponte. Que faria você se um *hrududu* aparecesse?

— Correria — disse Cinco-Folhas com simplicidade. — Assim. E ultrapassou a outra extremidade da ponte, penetrando no capim.

Naquela margem do rio, arbustos e um bosque de castanheiros da índia estendiam-se até quase a ponte. O chão era pantanoso, mas, pelo menos, com possibilidades de refúgio. Cinco-Folhas e Panelinha começaram imediatamente a cavar, enquanto Aveleira sentava-se, ruminando e descansando a perna afetada. Prata e Dente-de-Leão não tardaram a se juntar ao grupo, mas os outros coelhos, mais hesitantes ainda do que Aveleira, permaneceram agachados no capim alto da margem direita. Por fim, pouco antes de a escuridão tomar, Cinco-Folhas voltou a atravessar a ponte e persuadiu-os a segui-lo.

Manda-Chuva, para surpresa geral, demonstrou grande relutância, e só atravessou por último, depois que Kehaar, voltando de outro vôo sobre Efrafa, perguntou se gostaria que ele fosse buscar uma raposa. A noite pareceu-lhes confusa e precária. Aveleira, ainda consciente de estar em região habitada por homens, esperava o assalto de um cão ou gato. Mas, conquanto ouvisse mais de uma vez pios de corujas, nenhum *elil* atacou-os e, pela manhã, encontravam-se em melhor disposição de ânimo.

Assim que haviam comido, Aveleira enviou-os a explorar os arredores. Firmou-se a convicção de que a área próxima ao rio era úmida em demasia para coelhos. Na verdade, em certos trechos mais parecia um lodaçal. As junças erguiam-se róseas, e mais as valerianas de cheiro doce e as gotejantes cravoilas aquáticas. Prata informou que, além da ribanceira, o terreno era mais firme, e a princípio Aveleira teve a idéia de escolher um sítio fresco e cavar novamente. Mas o dia mostrou-se muito quente e úmido, de forma que a tentativa falhou. A débil brisa desapareceu. O sol arrancava vapor das moitas úmidas. O odor de hortelã enchia o ar hidrófano. Os coelhos rastejaram para a sombra, buscando qualquer abrigo. Muito antes de ni-Frith, todos modorravam nos arbustos.

Somente quando a tarde começou a esfriar foi que Aveleira despertou de repente, para encontrar Kehaar ao seu lado. A gaivota andava emproada, de um lado para outro, em passos curtos e rápidos, e bicando impacientemente o capim. Aveleira sentou-se logo.

— Que é, Kehaar? Uma patrulha?

— Non, non. Bom pra dormir como corujas. Talvez eu ir pra Água Grande. Sanhur Azeleira, pegar fêmeas já? Pra que esperar agora?

— Você tem razão, Kehaar, devemos começar imediatamente. O problema é que eu sei como começar, mas não imagino como terminar.

Aveleira caminhou pelo capim, despertou o primeiro coelho que encontrou — e que era Campainha — e mandou-o trazer Manda-Chuva, Amora-Preta e Cinco-Folhas. Quando estes chegaram, levou-os para onde estava Kehaar, no capim baixo da margem do rio.

— O problema é este, Amora-Preta — disse. — Você se recorda que, quando estávamos no sopé do morro, aquela tarde, eu falei que teríamos três coisas pela frente: tirar as fêmeas de Efrafa, escapar à perseguição e depois afastar-se de forma que as patrulhas não nos encontrassem. Você aprovou o plano. As duas primeiras coisas são tranqüilas, acredito. Mas... a última? Os coelhos efrafianos são rápidos e selvagens. Acabarão por nos localizar, e não creio que possamos correr mais depressa que eles... especialmente com um bando de fêmeas que jamais saíram de Efrafa. Também não poderíamos parar e mover-lhes uma guerra de extermínio: somos muito poucos. Além disso, minha perna parece outra vez em mau estado. Nesse caso, que fazer?

— Não sei — respondeu Amora-Preta. — Uma coisa é certa: teríamos de sumir. Atravessaríamos o rio a nado? Não deixaríamos o nosso faro, como você bem sabe.

— O rio é muito veloz — disse Aveleira. — Seríamos arrastados. Mas, mesmo *nadando*, não teríamos a certeza de não sermos seguidos. Pelo que ouvi dizer dos coelhos efrafianos, certamente nadarão no rio, se verificarem que *nós* nadamos. Com o auxílio de Kehaar, deteremos a perseguição, enquanto estivermos resgatando as fêmeas, mas eles saberão para onde fomos e nos seguirão. Sim, você está certo: temos de desaparecer sem deixar vestígio. Mas como?

— Não sei — disse outra vez Amora-Preta. — Devemos ir rio acima, à procura de um lugar? Talvez haja um bom esconderijo. Sua perna agüentaria?

— Se não for muito longe — respondeu Aveleira.

— Posso ir, Aveleira-rah? — perguntou Campainha, que esperava a pouca distância.

— Sim, pode — disse Aveleira afavelmente, enquanto começava a coxear, subindo o barranco.

Não tardaram a verificar que o bosque ali na margem esquerda era deserto, espesso e luxuriante — mais denso que as moitas de nogueiras e de campainhas de Sandleford. Várias vezes ouviram o tamborilar de um grande pica-pau, o mais tímido dos pássaros. Já que Amora-Preta sugeria que deviam

procurar um esconderijo algures, naquela mata, deram-se conta de outro som — o de uma cascata que haviam escutado, em sua aproximação, no dia anterior. Dentro em pouco chegavam a um lugar onde o rio formava um cotovelo, procedente do leste, e deram então com a queda d'água. Não tinha mais de quarenta centímetros de altura — uma dessas quedas artificiais, comum nos pequenos rios calcários, feitas para atrair trutas. Várias trutas, aliás, erguiam-se à tona, à cata de moscas. Bem em cima da cascata, uma ponte de troncos, só para pedestres, atravessava o rio. Kehaar voou, circulou o poço e pousou no parapeito.

— Isso aqui é mais escondido e deserto que a ponta por onde passamos ontem à noite — disse Amora-Preta. — Talvez possamos utilizá-la. Você conhece esta ponte, Kehaar?

— Non, non conhecer, não ter visto ela. Mas ser punte boa... ninguém vir.

— Eu gostaria de atravessar, Aveleira-rah — disse Amora-Preta.

— Bem, Cinco-Folhas é o coelho indicado — respondeu Aveleira. — Adora atravessar pontes. Sigam-no. Irei atrás com Mandachuva e Campainha.

Os cinco coelhos avançaram vagarosos pelas pranchas, com as grandes e sensíveis orelhas cheias do som da água e precipitar-se. Aveleira, que não confiava nas pernas, teve de parar várias vezes. Quando, afinal, atingiu o outro lado, viu que Cinco-Folhas e Amora-Preta já se haviam afastado um pouco, rio abaixo, sob a cachoeira, e examinavam um grande objeto que sobressaía da ribanceira. A princípio, Aveleira julgou tratar-se de um tronco caído, mas, ao se acercar, verificou que, embora fosse madeira, não era redonda, mas chata, ou quase chata, com as margens elevadas. Coisa feita pelo homem. Lembrou-se que uma ocasião, há muito tempo, farejando um monte de lixo de uma fazenda, com Cinco-Folhas, dera com um objeto idêntico — grande, liso e achatado. (Não passava, em verdade, de uma velha porta abandonada.) À falta de utilidade, alguém deixara-a ali. A tendência de Aveleira foi deixá-la em paz.

Uma ponta da coisa estava presa à ribanceira, mas, depois, ela balançava sobre as águas. Ao seu redor, a água encrespava-se, pois, nas margens, a corrente era mais rápida que no meio do rio, devido às ervas e estacas. Ao se aproximar mais ainda, Aveleira viu que Amora-Preta arranhava a coisa. Suas unhas arrancaram som oco da madeira, portanto devia haver água por baixo. Fosse o que fosse, aquela coisa não chegava ao fundo: pousava sobre a água.

— Que está procurando, Amora-Preta? — perguntou com certa rudeza.

— Comida — respondeu Amora-Preta. — *Flayrah*. Está percebendo o cheiro?

Kehaar pousara no meio da coisa e bicava uma substância branca. Amora-Preta avançou pela madeira, na direção da gaiivota, e começou a morder alguma coisa semelhante a verdura. Pouco depois, Aveleira também se aventurou sobre a madeira e sentou-se ao sol, observando as moscas na superfície quente e envernizada e farejando os estranhos cheiros do rio, que subiam da água.

— Que significa esta coisa dos homens, Kehaar? — perguntou. — É perigosa?

— Non, non. perigosa. Sabe que é? Varco. Em Água Grande haver muitos, muitos varcos. Homens fazer, ir na água. Non assustar.

Kehaar continuou a despedaçar o pão envelhecido. Amora-Preta, que terminara de comer as tiras de alface que havia encontrado, sentou-se e olhou a água embaixo, observando uma truta cor de pedra, com manchas pretas, nadar para a queda d'água. O *barco* era pequeno, de fundo chato, usado para cortar juncos — pouco mais que uma balsa, com um só banco de remador a meia-nau. Mesmo sem tripulação, como agora, apresentava apenas alguns centímetros de borda livre.

— Sabe de uma coisa? — disse Cinco-Folhas, da margem. — Ao vê-lo sentado aí, lembrei-me daquela outra coisa de madeira que você encontrou quando o cão estava na mata e você nos transportou,

a Panelinha e a mim, sobre o rio. Recorda?

— Lembro-me de haver empurrado vocês — disse Mandachuva. — Estava muito frio.

— O que me intriga — disse Amora-Preta —, é que esta coisa não deslize também. Tudo neste rio anda, e ligeiro. Vejam só. — Olhou um pedaço de pau flutuando na corrente a uma velocidade de três quilômetros por hora. — O que impede esta coisa de andar?

Kehaar tinha maneiras bruscas e impacientes, do tipo aplicado a marinheiros de água doce, para com os coelhos de quem não gostava. Amora-Preta era um de seus favoritos. Preferia os temperamentos francos e ásperos, como Manda-Chuva, Espinheiro Cerval e Prata.

— Corda. Você roer corda, enton coisa sair ligeiro, toda vida.

— Sim, percebo — disse Cinco-Folhas. — A corda passa por aquela coisa metálica onde Avelreira está sentado, e a outra ponta está fixada aqui, no barranco. É como o talo de uma grande folha. Se for partido, a folha — isto é, o barco — se afastará do barranco.

— Bem, de qualquer maneira, vamos voltar agora — disse Avelreira, um tanto desanimado. — Receio que não estejamos ainda muito próximos do objetivo, Kehaar. Pode esperar até amanhã? Acho que nos devemos mudar para um sítio mais seco antes desta noite. Mais alto, distante do rio.

— Ah, que pena! — disse Campainha. — Olhem, eu já havia decidido me tornar um coelho aquático.

— Um... o quê? — perguntou Manda-Chuva.

— Um coelho aquático — repetiu Campainha. — Como sabem, existem ratos d'água e besouros d'água. Panelinha disse que, na noite passada, viu um falcão aquático. Então, por que não pode haver um coelho aquático? Eu flutuaria alegremente...

— Grande e todo-poderoso Frith! — exclamou Amora-Preta, de súbito. — Grande Rabscuttle campeão de saltos! Aí está! Aí está! Campainha, você *será* um coelho aquático! — Começou a pular no barranco e a bater em Cinco-Folhas com as patas dianteiras. — Não está percebendo, Cinco-Folhas? Não está percebendo? Roeremos a corda e partiremos. E o General Vulnerária de nada saberá! Cinco-Folhas ficou em silêncio.

— Sim, *percebo* — respondeu por fim. — Você se refere ao barco. Olhe, Amora-Preta, você é mesmo esperto. Lembro-me agora que, depois de cruzarmos aquele outro rio, você disse que a tal coisa flutuante poderia voltar a ser útil.

— Um momento — disse Avelreira. — Somos simples coelhos, Manda-Chuva e eu. Querem explicar de que se trata?

Enquanto os mosquitos pousavam em seus ouvidos, perto da ponte de troncos e da queda d'água, Amora-Preta e Cinco-Folhas explicaram.

— Quer experimentar a corda, Avelreira-rah? — acrescentou Amora-Preta, quando terminou. — Pode ser muito grossa.

Voltaram à balsa.

— Não, não é — disse Avelreira. — E está esticada, o que torna o trabalho mais fácil. Posso roê-la, sim.

— Si, isso ser bom — disse Kehaar. — Mas fazer depressa, si? Talvez alguma coisa mudar. Homem vir, tomar varco...

— Está tudo resolvido — disse Avelreira. — Vá em frente, Manda-Chuva, e que El-ahrairah o proteja.

Não esqueça que agora você é o líder. Mande dizer por Kehaar o que deseja de nós. Estaremos todos aqui, prontos a dar-lhe cobertura.

Depois, todos recordariam a maneira como Manda-Chuva acolheu as ordens. Ninguém poderia dizer que ele não praticava aquilo que pregava. Hesitou alguns instantes, em seguida olhou penetrantemente para Aveleira.

— Foi repentino — disse. — Não esperava partir esta noite. Mas dá no mesmo. Odeio esperar. Até mais tarde.

Esfregou o nariz no de Aveleira, virou-se e desapareceu no mato. Minutos depois, guiado por Kehaar, corria pelo pasto ao norte do rio, diretamente para o arco de tijolos na estrada de ferro e para os campos que se estendiam além.

34. General Vulnerária

Como um obelisco para o qual as ruas de uma cidade convergem, a vontade férrea de um espírito orgulhoso impõe-se, eminente e poderosa, em meio à arte da guerra.

Clausewitz, *On War*

Descia o crepúsculo em Efrafa. À luz desmaiada, o General Vulnerária observava a Marca Perto da Perna Traseira fazer o *silflay* à beira do extenso pasto entre a coelheira e a ferrovia. A maioria dos coelhos comia perto das tocas pertencentes à Marca, rente ao campo, ocultas pelas árvores e sob a vegetação que bordejava uma senda solitária. Poucos, no entanto, se haviam aventurado em pleno campo, para comer brotos e brincar aos últimos raios do sol. Distanciadas, as sentinelas do Owsla fiscalizavam a aproximação de homens ou de *elil*, e cuidavam também de que nenhum coelho se afastasse muito, a ponto de não ser devolvido rapidamente à toca, em caso de alarma repentino.

O Capitão Cerefólio, um dos dois oficiais da Marca, acabara de voltar de uma ronda com as sentinelas e conversava com fêmeas, perto do centro do terreno da Marca, quando viu o General aproximar-se. Olhou logo em torno, a ver se havia algo errado. Já que tudo parecia a contento, começou a morder ervas primaveris, com o melhor ar de indiferença de que foi capaz.

O General Vulnerária era um coelho singular. Cerca de três anos atrás, havia nascido — o mais forte de uma ninhada de cinco — numa toca perto de um jardim residencial, em Cole Henley. Seu pai, despreocupado e negligente, não viu risco algum em viver nas proximidades de seres humanos, atraído pela horta, onde poderia comer todas as manhãs. Pagou caro a temeridade. Depois de duas ou três semanas de alfaces roubada e couves roídas, o proprietário pusera-se de atalaia e atirara nele, quando passava, de manhãzinha, pelo renque de batatas. Na mesma manhã, o homem cercara a fêmea e os filhotes. A mãe de Vulnerária escapou, com os filhotes tentando acompanhá-la. Somente Vulnerária teve êxito. A mãe, sangrando de um tiro, avançou pelas sebes, ao alvorecer, com Vulnerária coxeando ao seu lado.

Não tardou muito e uma doninha sentiu o cheiro de sangue e os seguiu. O coelhinho, agachado, viu a mãe ser morta diante de seus olhos. Não tentou correr. A doninha, com a fome satisfeita, deixou-o só, embrenhando-se nos arbustos. Várias horas depois, um velho mestre-escola de Overton, que andava pelos campos, deu com Vulnerária a lamber o corpo já frio e a chorar. Levou-o para casa e salvou-lhe a vida, alimentando-o com leite, através de um conta-gotas nasal, até que ele, mais crescido, pôde comer farelo e vegetais. Mas Vulnerária cresceu selvagem e, a exemplo da lebre de Cowper, mordida quando tinha oportunidade. Dentro de um mês, estava grande e forte e se tornara selvagem. Quase matou o gato do mestre-escola, que o encontrara em liberdade na cozinha e tentara atormentá-lo. Certa noite, uma semana depois, partiu o arame da frente de sua gaiola e escapou pelos campos.

Nessa situação, a maior parte dos coelhos, quase sem experiência da vida selvagem, cairia vítima dos *elil*; mas não Vulnerária. Após alguns dias de vida errante, chegou a uma pequena coelheira e, rosnando e mostrando as unhas, forçou-a a aceitá-lo. Decorrido algum tempo, tornou-se o Coelho-Chefe, depois de matar o Chefe anterior e um rival de nome Capim-Panasco. Em combate, era terrível: lutava para matar,

indiferente aos ferimentos que recebia e esmagando os adversários até que o seu peso os exauria. Os que não tiveram coragem de hostilizá-lo concluíram, então, que se tratava de um líder nato.

Vulnerária estava sempre pronto a enfrentar qualquer animal, exceto raposas. Uma tarde, atacou e expulsou um filhote de cão Aberdeen. Insensível ao fascínio dos mustelídeos, esperava, algum dia, matar uma doninha, e não um arminho. Quando atingia os limites de sua própria força, tendia a aumentar seu poder da única maneira possível: aumentando a força dos coelhos à sua volta. Precisava de um reino maior. Os homens constituíam grande perigo, mas isso se podia evitar com esperteza e disciplina. Deixou a pequena coelheira, levando seus súditos, e procurou um sítio adequado aos seus propósitos, onde a existência dos coelhos fosse protegida e o extermínio se tornasse difícil.

Efrafa desenvolveu-se no ponto de junção de duas verdes sendas, uma das quais (sentido leste-oeste) parecia um túnel, bordejada por um espesso maciço de árvores e arbustos. Sob a direção de Vulnerária, os imigrantes cavaram tocas entre as raízes das árvores, sob a vegetação e ao longo das valas. Desde o início a coelheira prosperou. Vulnerária acompanhava tudo com um zelo infatigável que conquistava a lealdade dos coelhos, embora lhes acentuasse o temor. Quando as fêmeas paravam de cavar, o próprio Vulnerária as substituía, garantindo-lhes, assim, o repouso. Se um homem se aproximava, Vulnerária era capaz de localizá-lo a um quilômetro de distância. Enfrentou ratos, pegas, esquilos cinzentos e, uma ocasião, um corvo. Quando os filhotes eram bem dotados, observava-os crescer, escolhia os mais fortes para o Owsla e os treinava. Não admitia que um só coelho abandonasse a coelheira. Três que tentaram fugir foram caçados e obrigados a retornar.

À medida que a coelheira crescia, Vulnerária desenvolvia o sistema de controle. Bandos de coelhos comendo pela manhã e ao entardecer atraíam atenção. Por isso, instituiu as Marcas, cada uma controlada por seus próprios oficiais e sentinelas, com horas de comer que mudavam regularmente, dividindo entre todos a manhã e o fim da tarde — as horas preferidas para o *silflay*. Quaisquer sinais de vida relativa a coelhos foram disfarçados o melhor possível. O Owsla tinha privilégios quanto à alimentação, procriação e liberdade de movimentos. Deveres não cumpridos implicavam demissão e perda de privilégios. Para coelhos comuns, as punições eram mais severas.

Quando foi impossível a Vulnerária governar tudo, criou-se o Conselho. Alguns membros vieram do Owsla; outros foram escolhidos unicamente por sua lealdade e esperteza como conselheiros. O velho Galanto estava surdo, mas ninguém se lhe comparava na organização da segurança para uma coelheira. Por sugestão sua, os corredores e tocas das várias Marcas não se ligavam no subsolo, a fim de que doenças ou venenos se espalhassem com menos rapidez. Conspiração também era contida dessa maneira. Ninguém podia visitar as tocas de outra Marca sem permissão de um oficial. Igualmente por sugestão de Galanto, Vulnerária determinou que a coelheira não se espalhasse mais, para evitar os riscos de localização e quebra do controle central. Foi persuadido a custo, pois a nova política frustrava-lhe o desejo incansável de acumular poder. Isso requeria, no entanto, um reajuste, e assim que a coelheira parou de crescer ele introduziu o sistema das Patrulhas Externas.

As Patrulhas Externas começaram como grupos de incursão ou pilhagem, conduzidas por Vulnerária, nas vizinhanças. Desejava apenas levar quatro ou cinco membros do Owsla e experimentá-los. Na primeira oportunidade, tiveram a sorte de encontrar e matar uma coruja doente que havia comido um rato que por sua vez comera grãos de milho envenenados. No dia seguinte, surpreenderam dois *hlessil*, obrigando-os a acompanhá-los à coelheira. Vulnerária mal começara. Sabia como animar outros coelhos e despertar-lhe espírito de emulação. Não tardou muito e seus oficiais pediam para chefiar patrulhas. Vulnerária deu-lhes tarefas — procurar *hlessil* numa determinada direção, ou descobrir se uma vala ou celeiro continha ratos que seriam mais tarde atacados por uma força volante e expulsos. Apenas de hortas e fazendas tinham ordens para guardar distância. Uma dessas patrulhas, chefiadas por um certo Capitão

Orquídea, descobriu uma pequena coelheira a três quilômetros para leste, além da estrada de Kingsclere-Overton, nos arredores de Nutley Copse. O General conduziu uma expedição e assaltou-a. Os prisioneiros foram levados a Efrafa, onde, pouco depois, alguns vieram a integrar o Owsla.

Com o correr dos meses, as Patrulhas Externas tornaram-se sistemáticas; durante o verão e no início do outono, havia geralmente duas ou três, em missões simultâneas. Não restaram coelhos estranhos nas imediações de Efrafa; qualquer um que se aventurasse, sozinho, pelos arredores, era capturado com facilidade. As baixas nas Patrulhas Externas eram muitas, pois os *elil* perceberam que elas se arriscavam nos espaços abertos. Muitas vezes, as missões exigiam do chefe coragem e perícia para completá-las, trazendo de volta seus próprios coelhos, ou coelhos intrusos. Mas o Owsla tinha orgulho dos riscos que assumia; e, ademais, Vulnerária adquirira o hábito de sair, ele próprio, para observar-lhes o comportamento. Um chefe de patrulha, a dois quilômetros de Efrafa, avançando por uma sebe sob a chuva, dava, de súbito, com o general agachado qual lebre sob uma moita de joio, e tinha de relatar o que andava a fazer ou por que se desviara da rota anterior. As patrulhas treinavam os coelhos espertos, os melhores corredores e lutadores, e as baixas — embora se elevassem a cinco ou seis, em um mês desfavorável — correspondiam aos objetivos de Vulnerária, pois a população precisava reduzir-se e havia sempre vagas recentes no Owsla, às quais os mais jovens procuravam candidatar-se. Sentir que os coelhos competiam, arriscando as vidas sob suas ordens, alegrava Vulnerária, conquanto acreditasse — e também o Conselho e o Owsla — que premiava a coelheira com uma paz e uma segurança a um preço ainda bem modesto.

Todavia, naquele entardecer, ao sair de entre os freixos para falar com o Capitão Cerefólio, o general estava muito preocupado acerca de várias coisas. Difícil, cada vez mais difícil, controlar o crescimento da coelheira. A superpopulação era um problema de crescente gravidade, apesar do fato de muitas fêmeas reabsorverem os filhotes antes de nascerem. Embora isso fosse feito para o bem geral, algumas fêmeas tornavam-se inquietas e difíceis de controlar. Há pouco tempo, aliás, um bando de fêmeas apresentara-se ao Conselho, pedindo permissão para sair da coelheira. Foram tranqüilizadas, a princípio, com a permissão de se afastarem até os limites permitidos pelo Conselho; mas ao perceberem que o pedido não seria concedido, elas mostraram-se petulantes e agressivas, e o Conselho viu-se forçado a adotar medidas extremas. O problema ainda dava panos para as mangas. Depois, em terceiro lugar, o Owsla vinha perdendo respeito, ultimamente, na fileira dos soldados rasos.

Quatro coelhos errantes — na aparência, embaixadores de outra coelheira — tinham sido capturados e destacados para a Marca do Flanco Direito. O general tencionava, mais tarde, descobrir de onde provinham. Mas os intrusos conseguiram iludir o comandante da Marca, atacar as sentinelas e escapar à noite. O Capitão Língua-de-Vaca, que era o oficial responsável, fora, naturalmente, admoestado e expulso do Owsla, mas sua desgraça, embora justa, só fizera aumentar as dificuldades do general. A verdade era que Efrafa sentia carência, nesse momento, de bons oficiais. Para o Owsla comum — isto é, as sentinelas — não parecia difícil encontrar integrantes, mas os oficiais rareavam e ele perdera três em menos de um mês. Língua-de-Vaca era uma perda sentida, embora reparável. Pior, bem pior, foi o caso de Capitão Mostardeira-dos-Campos, coelho bravo e cheio de recursos, o qual, quando chefiava a perseguição aos fugitivos, fora colhido por um trem na estrada de ferro: outra prova, se necessário, da crueldade dos homens. O pior de tudo, porém, acontecera duas noites atrás, quando uma patrulha na direção do norte voltara com a chocante notícia de que seu chefe, o Capitão Malva, oficial de enorme prestígio e experiência, fora morto por uma raposa. Um caso verdadeiramente estranho. A patrulha captara o cheiro de numeroso bando de coelhos que, pelo visto, dirigia-se a Efrafa, procedente do norte. Acompanhou os intrusos, mas, antes de ser vista, um coelho estranho irrompeu, de súbito, entre os patrulheiros, quando estes margeavam certo bosque. Cuidaram, naturalmente, de detê-lo, e naquele instante a raposa, que aparentemente o perseguia de perto, veio do vale embaixo e matou o pobre Malva num abrir e fechar de

olhos. Bem consideradas as coisas, a patrulha retornara em ordem, e Tasneirinha, o subchefe, portara-se bem. Mas nada se sabia do coelho estranho; e a perda de Malva, inteiramente gratuita, preocupara e desmoralizara o Owsla.

Outras patrulhas foram enviadas imediatamente, mas só conseguiram esclarecer que os coelhos do norte haviam atravessado a estrada de ferro e desaparecido rumo ao sul. Intolerável o fato de terem passado tão perto de Efrafa e prosseguido caminho sem serem capturados. Mesmo agora podiam ser apanhados, se houvesse um oficial realmente audaz para assumir a busca. Certamente era preciso um oficial audaz — o Capitão Candelária, por exemplo —, pois as patrulhas raramente cruzam a ferrovia, e as terras úmidas que ficam além — a região perto do rio — são parcialmente desconhecidas. O próprio general teria ido, mas devido às recentes quebras de disciplina na coelheira não podia arriscar-se a tanto; e Candelária dificilmente seria liberado agora. Não... por mais raiva que o general sentisse, os coelhos estranhos teriam de ser esquecidos por enquanto. A primeira providência consistia em reparar as perdas do Owsla, de preferência com coelhos que soubessem conter com violência quaisquer sinais de dissensão. Melhor promover os mais capacitados, reorganizar as fileiras e dar prioridade ao treinamento, até que as coisas voltassem ao normal.

Vulnerária cumprimentou o Capitão Cerefólio um tanto distraidamente e continuou a revolver o problema que o preocupava.

— Que tal suas sentinelas, Cerefólio? — perguntou por fim.

— Será que eu conheço alguma?

— Um excelente grupo, senhor — respondeu Cerefólio. — O senhor conhece Manjeronia; participou da patrulha, em sua companhia, como batedor. E creio que o senhor também conhece Numulária.

— Sim, conheço-os — disse Vulnerária —, mas não servem para oficiais. Precisamos substituir Mostardeira-dos-Campos e Malva. É nisso que estou pensando.

— Problema difícil, senhor — disse Cerefólio. — Coelhos desse quilate não surgem da noite para o dia.

— Bem, têm de surgir — disse Vulnerária. — Aconselho-o a pensar no assunto e transmitir-me as idéias que tiver. Agora, quero inspecionar suas sentinelas. Acompanhe-me.

Estavam para partir quando um terceiro coelho se aproximou

— nada menos que o próprio Capitão Candelária. Era dever primordial de Candelária vigiar os arredores de Efrafa, pela manhã e à tarde, e relatar qualquer novidade: marcas de pneus de um trator na lama, as fezes de um filhote de falcão ou o fertilizante espalhado no campo. Especialista em tais misteres, quase nada perdia de vista e era um dos poucos coelhos aos quais Vulnerária devotava autêntico respeito.

— Quer falar comigo? — disse Vulnerária, parando.

— Creio que sim, meu senhor — respondeu Candelária. — Pegamos um *hlessi* e o trouxemos.

— De onde vem?

— Dos campos além do arco, senhor. Nesta mesma direção.

— Que fazia?

— Bem, ele diz que empreendeu longa jornada com o propósito de se juntar a nós. Por isso, pensei que o senhor gostaria de vê-lo.

— Quer juntar-se a nós em Efrafa? — perguntou Vulnerária, intrigado.

— É o que diz.

— Por que não o leva amanhã ao Conselho?

— Como preferir, senhor. Mas ele me parece, de certa forma, invulgar. Eu diria que pode ser um coelho útil.

— Uhm — disse Vulnerária, pensando no caso. — Bem, vamos lá. Não tenho pressa. Onde está ele?

— No Crixá, senhor. — Candelária mencionava o ponto de cruzamento das duas sendas, a cerca de cinquenta metros dali, entre as árvores. — Dois patrulheiros o vigiam.

Vulnerária voltou ao Crixá. Cerefólio, em serviço com sua Marca, permaneceu onde estava. Candelária acompanhou o general.

Àquela hora, o Crixá era uma sombra verde, com os raios vermelhos do sol tremeluzindo por entre as folhas móveis. O capim úmido, ao longo das margens das sendas, estava pontilhado de espigas de búgulas cor de malva, e as sanículas e angélicas amarelas floresciam em tufos. Sob um sabugueiro, no lado mais distante da pista, dois membros da Owslafa, ou polícia do Conselho, esperavam; e com eles, o forasteiro.

Vulnerária percebeu logo o que Candelária quisera dizer. O forasteiro era um coelho grande, pesado mas alerta, de aparência hirsuta, amadurecida, e expressão de lutador. Tinha uma curiosa excrescência de pêlo — uma espécie de topete — no alto da cabeça. Fitou Vulnerária com um jeito desembaraçado e satisfeito que o general há muito tempo não identificava.

— Quem é você? — perguntou Vulnerária.

— Chamo-me Thlayli — respondeu o forasteiro.

— Thlayli, *senhor* — corrigiu Candelária. O forasteiro nada disse.

— Disseram-me que a patrulha o trouxe. Que andava fazendo?

— Vim morar em Efrafa.

— Por quê?

— Surpreende-me sua pergunta. A coelheira e sua, não? Nesse caso, não é de estranhar que alguém queira morar aqui.

Vulnerária ficou confuso. O forasteiro não era tolo. A Vulnerária parecia pouco provável que um coelho tão bem dotado como aquele ali escolhesse, por sua própria iniciativa, o caminho de Efrafa. Mas não fez comentários.

— Que sabe fazer?

— Sei correr e lutar e bagunçar um coreto. Fui oficial de um Owsla.

— Sabe lutar mesmo? Teria condições de enfrentá-lo? — perguntou Vulnerária, olhando para Candelária.

— Claro, se é o que deseja.

O forasteiro ergueu-se nas patas traseiras e dirigiu um pesado golpe contra Candelária, que saltou para trás no momento exato.

— Não faça tolices — disse Vulnerária. — Sente-se. Onde era o seu Owsla?

— Muito distante. A coelheira foi destruída por homens, mas eu consegui escapar. Vagueei durante algum tempo. Ouvi falar de Efrafa e caminhei muito até aqui. Pensei que lhes fosse útil.

— Está sozinho?

— Estou sozinho agora.

Vulnerária continuou a pensar. Muito provável que aquele coelho tivesse sido oficial de um Owsla qualquer. Qualquer Owsla o aceitaria. Se estivesse a falar a verdade, não lhe faltaria competência para escapar à destruição de sua coelheira e sobreviver durante uma longa jornada pelos campos rasos. De fato, uma longa jornada, já que não havia coelheiras ao alcance normal das patrulhas efrafianas.

— Bem — disse por fim. — Creio que encontraremos algo para você. Candelária o hospedará esta noite, e amanhã de manhã você comparecerá à presença do Conselho. Enquanto isso, não comece brigas. Não lhe faltarão, depois, oportunidades de lutar.

— Perfeito.

Na manhã seguinte, depois que o Conselho debatera a situação da coelheira em face das baixas recentes, o General Vulnerária propôs que, como experiência, admitissem o forasteiro como oficial da Marca Perto da Pata Traseira, sob as ordens do Capitão Cerefólio. O Conselho, tendo examinado o robusto recém-chegado, concordou. Por volta do meio-dia, Thlayli, ainda sangrando da marca impressa no quadril esquerdo, assumira suas obrigações.

35. As Apalpadelas

Este mundo, onde há tanto o que fazer, e pouco se conhece...

Dr. Johnson

— Antes da Marca sair para o *silflay* — disse Cerefólio —, eu sempre olho o tempo. A Marca anterior manda um mensageiro, para informar a hora em que pretendem se recolher, e o mensageiro relata as condições do tempo, mas eu prefiro examinar com meus próprios olhos. Quando há luar, deixamos as sentinelas bem próximas, e em movimentação contínua, para impedir que alguém se afaste muito. Sob a chuva ou na escuridão, distribuímos a Marca em pequenos grupos, um após o outro, e cada grupo dispõe de uma sentinela. Se o tempo é totalmente desfavorável, pedimos permissão ao general para adiar o *silflay*.

— Ocorrem tentativas de fuga? — perguntou Manda-Chuva. Durante a tarde, ele subira e descera pelos corredores e tocas apinhadas, com Cerefólio e Erva-Benta, o outro oficial da Marca. Pensara, então, que jamais em sua vida vira um bando de coelhos mais desanimado e melancólico. — Olhe, não me parecem difíceis de controlar.

— A maioria é dócil, com efeito — disse Erva-Benta —, mas nunca se sabe quando vai haver problemas. Por exemplo: o Flanco Direito. Disseram-lhe que não pode haver grupo mais cordato em Efrafa, e no entanto, um dia, ele recebeu quatro *hlessil* enviados pelo Conselho. Pois bem: na tarde seguinte, Língua-de-Vaca deixou-se embair e os intrusos fugiram. Foi o fim de Língua-de-Vaca, para não falar no pobre Mostardeira-dos-Campos, morto na estrada de ferro. Quando uma coisa dessas acontece, é com a rapidez do relâmpago e nem sempre planejado. Às vezes, parece um frenesi. Um coelho deita a correr, num impulso, e se não é detido de imediato, mais três o acompanham. Mais vale vigiar o tempo todo, quando estão lá fora, e descansar quando puder. Estamos aqui para isso — e para as patrulhas.

— Quanto a enterrar *hraka* — disse Cerefólio —, não precisa mostrar-se muito severo. Embora o general, ao descobrir *hraka* nos campos, seja bem capaz de os fazer engolir a própria cauda. Mas os coelhos sempre evitam cavar. Querem ser espontâneas, essas pequenas bestas anti-sociais. Não percebem que o bem de todos depende da cooperação também de todos. Como castigo, eu pego três ou quatro e os faço cavar uma nova depressão na vala, diariamente. Sempre é possível punir alguém, se formos exigentes. A turma de hoje completa a vala de ontem e cava outra. Existem corredores especiais que vão ao fundo da vala e a Marca é obrigada a usá-los, e não a outros, quando sai para fazer *hraka*. Postamos uma sentinela na vala, para ter certeza de que voltam.

— Que fazem para controlá-los, depois do *silflay*? — perguntou Manda-Chuva.

— Bem, conhecemos todos de vista e os observamos de perto, ao descerem — respondeu Cerefólio. — Há somente duas entradas para a Marca, e um de nós senta-se à boca de cada buraco. Todos os coelhos conhecem a toca onde estão e eu certamente sentiria falta de um dos meus, caso ele não entrasse. As sentinelas chegam por último. Eu só as chamo quando tenho certeza de que toda a Marca está recolhida. E uma vez nas tocas, não podem sair, pois uma sentinela fica postada em cada buraco. Cavar não é possível, pois eu escutaria. Não é permitido cavar em Efrafa sem permissão do Conselho. A única ocasião verdadeiramente perigosa é quando ocorre um alarma... digamos, um homem ou uma raposa.

Nesse caso, fugimos para o buraco mais próximo, é claro. Até agora, nenhum coelho fugiu em direção oposta, em direção aos *elil*.

— Pelo que vejo, o sistema é perfeito — comentou Manda-Chuva, pensando que sua missão secreta parecia-lhe mais improvável do que julgara. — Já compreendi quase tudo. Quando teremos oportunidade de sair em patrulha?

— Creio que o próprio general desejará experimentá-lo — disse Água-Benta. — Foi o que fez comigo. Você perderá essa ansiedade toda, depois de um dia ou dois com ele... Estará esgotado. Mas você é forte, Thlayli, e se está mesmo habituado à vida árdua, passará no teste.

Nesse momento, um coelho com uma cicatriz branca na garganta desceu pelo corredor.

— A Marca do Pescoço está entrando, Capitão Cerefólio. Tivemos uma linda tarde. Aproveitei bastante.

— Eu já estava a imaginar onde você andava — respondeu Cerefólio. — Diga ao Capitão Sanfeno que vou sair com minha Marca imediatamente.

Voltando-se para uma de suas sentinelas ao lado, Cerefólio mandou-a percorrer as tocas e levar os coelhos para o *silflay*.

— Água-Benta, vá para o buraco mais distante, como de hábito. Thlayli ficará em minha companhia, no buraco mais próximo. Para começar, postaremos quatro sentinelas nos limites, e quando a Marca estiver toda na superfície, acrescentaremos mais quatro, mantendo duas de reserva. Eu o verei no lugar costumeiro, perto da grande pedra do barranco.

Manda-Chuva acompanhou Cerefólio pelo túnel. Do fundo, vinham os odores de capim quente, trevo e trifólio. Os túneis eram mais abafados e quentes do que Manda-Chuva supunha, sem dúvida porque havia pouquíssimos buracos expostos ao ar livre. A perspectiva de um *silflay* vespertino, mesmo em Efrafa, era agradável. Manda-Chuva pensou nas folhas de bétula farfalhando sobre o distante Favo de Mel, e suspirou. "Eu só queria saber como anda o velho Azevim", pensou, "e se voltaremos a nos ver. Ou se poderei reencontrar Aveleira. Bem, antes de acabarem comigo, farei estragos. Como me sinto solitário! É duro carregar sozinho um segredo!"

Chegaram à boca da toca e Cerefólio saiu para inspecionar os arredores. Ao voltar, tomou posição à saída do túnel. Enquanto procurava um lugar por perto, Manda-Chuva observou pela primeira vez, na parede oposta do túnel, um espécie de nicho, semelhante a uma caverna. Ali, três coelhos estavam agachados. Os das extremidades tinham aparência rude e impassível de membros da Owslafa. Mas foi no coelho do meio que ele fixou a atenção. O coelho tinha pêlo bem escuro — quase negro. Não era este, porém, o detalhe mais notável a seu respeito. Estava bastante mutilado. Suas orelhas não passavam de dobras informes, rompidas nas bordas, sulcadas de feias cicatrizes e ostentando pedaços em carne viva. Uma pálpebra, deformada, fechava-se com dificuldade. Apesar do ar fresco e estimulante da tarde de julho, o coelho parecia apático e entorpecido. De olhos no chão, piscava continuamente. Pouco depois, baixou a cabeça e esfregou o focinho, de forma desatenta, nas patas dianteiras. Depois, estirou o pescoço e voltou à sua atitude relaxada.

Manda-Chuva, com sua natureza quente e impulsiva espicaçada pela curiosidade e compaixão, atravessou o túnel.

— Quem é você? — perguntou.

— Chamo-me Negrão, senhor — respondeu o coelho. Não levantou a vista e falou sem expressão, como se já houvesse dado essa resposta várias vezes.

— Não vai ao *silflay*? — perguntou Manda-Chuva. Sem dúvida, pensou, tratava-se de um herói, ferido em renhida luta e agora inválido. Por seus serviços passados, merecia a honra de uma escolta, ao sair da toca.

— Não, senhor — respondeu o coelho.

— Por que não? — disse Manda-Chuva. — A tarde está muito agradável.

— Eu não faço *silflay* a esta hora, senhor.

— Então, por que está aqui? — perguntou Manda-Chuva com sua habitual franqueza.

— A Marca destacada para o *silflay* vespertino, senhor... — começou o coelho. — A Marca que... aí vêm eles... eu...

Um dos policiais da Owslafa falou: — Desembuche logo.

— Estou aqui para que a Marca me veja — disse o coelho em voz baixa, forçada. — Todas as Marcas, aliás, devem ver que fui punido, como merecia, por minha traição, ao tentar abandonar a coelheira. O Conselho foi misericordioso. Sim, o Conselho foi misericordioso... o Conselho... Não me lembro mais de nada, senhor. Realmente não me lembro. — Voltando-se para a sentinela que havia falado, acrescentou: — Acho que não me lembro mesmo de nada.

A sentinela não fez comentário. Manda-Chuva, depois de encarar o coelho, num silêncio penalizado, reuniu-se a Cerefólio.

— É obrigação dele responder a todas as perguntas — disse Cerefólio —, mas, depois de duas semanas, está ficando estúpido. Tentou fugir. Candelária pegou-o, o Conselho rompeu-lhe as orelhas e disse que ele teria de se exhibir, todas as manhãs e tardes, como exemplo para os outros. Tenho a impressão, porém, de que não durará muito. Qualquer noite dessas, encontrará um coelho mais preto que ele.

Manda-Chuva estremeceu, em parte pelo tom de Cerefólio, de insensível indiferença, e em parte também por causa de suas próprias lembranças. Agora, a Marca entrava em fila, e ele observou os coelhos passarem, cada um deles escurecendo a passagem, ao saltar sob o espinheiro. Pelo visto, Cerefólio orgulhava-se de conhecer seus coelhos pelo nome. Dirigiu-se à maioria e fez questão de demonstrar que não ignorava detalhes de suas vidas pessoais. Manda-Chuva teve a impressão de que as respostas não eram particularmente cálidas ou cordiais, mas não sabia a que atribuir isso, se a uma antipatia por Cerefólio ou se à falta de ânimo que parecia comum aos soldados rasos em Efrafa. Observava tudo com aguda atenção — conforme Amora-Preta recomendara — em busca de sinais de contrariedade ou revolta, mas recolhia vagos sintomas de esperanças nas fisionomias inexpressivas que passavam. Fechando a marcha, apareceu um grupinho de três ou quatro fêmeas que conversavam entre si.

— Muito bem, Nelthilta — disse Cerefólio à primeira. — Está se dando bem com as novas amigas?

A fêmea, um bonito coelho de focinho longo, de idade não superior a três meses, parou e olhou-o.

— Sua vez chegará, Capitão — respondeu. — Até o Capitão Mostardeira-dos-Campos teve a sua paga, como sabe. Por que não inclui algumas fêmeas na Patrulha Externa?

Esperou a resposta de Cerefólio, mas este não respondeu e nada mais disse enquanto as fêmeas seguiam Nelthilta pelo campo.

— O que ela queria dizer? — perguntou Manda-Chuva.

— Bom. Dificuldades não faltam. Um grupo de fêmeas provocou tumulto numa reunião do Conselho. O general determinou a dissolução do grupo e a vinda de duas para cá. Desde então, eu as trago de olho.

A conduta geral não causa preocupações, mas Nelthilta mostra-se insolente e ressentida, como você teve oportunidade de observar agora. Isso não me assusta: mostra apenas que o Conselho é respeitado. Se as jovens fêmeas tornam-se quietas e polidas, aí é que está o problema: penso logo no que estarão a tramar. De qualquer maneira, Thlayli, estimo que você queira pôr-se a par da situação e contribuir para acalmá-la.

— Certo — disse Manda-Chuva. — A propósito, quais as regras para o acasalamento?

— Acasalamento? — disse Cerefólio. — Olhe, se quiser uma fêmea, terá. Qualquer uma da Marca. Para isso somos oficiais, não acha? As fêmeas obedecem às ordens e nenhum macho desejará contrariar você. Somos apenas três: eu, você e Água-Benta. Há fêmeas para todos, sem possibilidade de brigas.

— Percebo — disse Manda-Chuva. — Bom, agora vou ao *silflay*. Se não houver inconveniente, conversarei com alguns coelhos da Marca, farei ronda com as sentinelas e sentirei como andam as coisas. E Negrão?

— Deixe-o — disse Cerefólio. — Não é da nossa conta. A Owslafa o manterá aqui, até que a Marca volte, e depois o levará.

Manda-Chuva entrou no campo, consciente dos olhares preocupados dos coelhos pelos quais passava. Sentia-se perplexo e apreensivo. Como iniciar sua perigosa missão? Teria de começar de qualquer forma, pois Kehaar não manifestara disposição de esperar. Só lhe restava arriscar-se a confiar em alguém. Mas quem? Uma coelheira como aquela devia estar cheia de espiões. Provavelmente só o General Vulnerária conhecia os espiões. Alguém estaria a espioná-lo agora mesmo?

"Terei de seguir minha intuição", pensou. "Andarei um pouco por aqui, a ver se faço amigos. Mas de uma coisa estou certo: se *conseguir* tirar umas fêmeas daqui, levarei o pobre Negrão também. Por Frith! Fico irado só de pensar no infeliz, forçado a sentar-se ali, para escarmento. Esse General Vulnerária é um demônio! Uma espingarda seria uma bênção para ele!"

Comendo e parando para meditar, avançou devagar pela campina rasa, sob o sol poente. Viu, pouco depois, que se aproximava de uma pequena cova, muito parecida com aquela de Watership Down onde ele e Prata haviam encontrado Kehaar. Na cova havia quatro fêmeas, de costas. Reconheceu-as como o pequeno grupo que saíra por último das tocas. Pelo visto, tinham comido esfaimadamente e agora pastavam e conversavam na ociosidade. Manda-Chuva concluiu que uma delas dominava a atenção das outras. Manda-Chuva, mais que a maioria dos coelhos, gostava de uma história, e agora sentia-se atraído pela perspectiva de ouvir algo de novo naquela estranha coelheira. Avançou imperceptivelmente até a beira da cova no instante exato em que a fêmea começava a falar.

Percebeu, de imediato, que não era uma história. Contudo, já escutara algo parecido, em algum lugar. O ar absorto, a expressão rítmica, os ouvintes concentrados — tudo isso mexia com a sua lembrança. Então, recordou o cheiro de cenouras, e Potentilha dominando a multidão na grande toca. Mas os versos de agora atingiram-lhe fundo o coração, ao contrário dos de Potentilha.

Há muito tempo

O melro cantou, no alto do espinheiro.

Cantou perto de um filhote que a fêmea levava a passeio.

Cantou no vento, e os gatinhos brincaram embaixo.

O tempo fugia sob as flores do sabugueiro.

O pássaro voou e agora meu coração está triste
Pois o tempo jamais voltará a brincar nos campos.

Há muito tempo
Os besouros alaranjados grudaram-se às folhas de centeio.
As plantas ondulavam ao vento. Um macho e uma fêmea
Correram pela campina. Cavaram um buraco no barranco
E fizeram o que lhes apetecia sob as folhas de aveleiras
Mas os besouros morreram na geada e meu coração está triste.
Pois eu jamais escolherei um companheiro outra vez.

A geada cai, a geada tomba dentro de meu corpo.
Minhas narinas, minhas orelhas estão entorpecidas.
O andorinhão chega com a primavera, gritando: "Novidades! Novidades!
Fêmeas, cavem buracos e encham as tetas para os filhotes."
Não quero ouvir. Os embriões retornam
Ao meu corpo entorpecido. Através do sono
Corre uma cerca de fogo e aprisiona o vento.
Jamais sentirei o vento a soprar outra vez.

A fêmea silenciou e suas três companheiras nada disseram; mas o silêncio demonstrava claramente que ela falara por todas. Um bando de estorninhos passou voando, a piar, e um excremento líquido caiu na erva, entre o grupo, mas ninguém se mexeu ou se assustou. Cada uma das fêmeas parecia engolfada em pensamentos melancólicos — pensamentos que, conquanto tristes, pelo menos estavam longe de Efrafa.

O espírito de Manda-Chuva era tão grosso quanto seu corpo e avesso a sentimentalismos, mas, a exemplo da maior parte das criaturas que passaram por dificuldades e perigos, era capaz de reconhecer e respeitar o sofrimento quando o via. Habitara-se a julgar os outros coelhos e decidir para que serviam. Ficou chocado ao perceber que aquelas fêmeas estavam no limite extremo de suas forças. Um animal selvagem que sente já não ter motivos para viver chega a um ponto em que as energias restantes só podem ser canalizadas para a morte. Foi esse estado de ânimo que Manda-Chuva, equivocadamente, atribuíra a Cinco-Folhas, na coelheira das armadilhas. Desde então, seu julgamento amadurecera. Sentia que o desespero não estava distante daquelas fêmeas; e, pelo que já ouvira em Efrafa, pela boca de Azevim e de Cerefólio, compreendia bem por quê. Sabia que os efeitos da superpopulação e da tensão numa coelheira manifestam-se em primeiro lugar nas fêmeas. Elas se tornam estéreis e agressivas. Mas, se a agressão não lhes atenua os conflitos, elas começam, muitas vezes, a pender para a direção oposta. Manda-Chuva pensou até onde aquelas fêmeas haviam chegado nesse lúgubre caminho.

Saltou para dentro do buraco. As fêmeas, arrancadas de seus pensamentos, olharam-no com ressentimento e retrocederam.

— Sei que você é Nelthilta — disse Manda-Chuva à bonita fêmea que repelira Cerefólio no corredor. — E você, qual o seu nome? — prosseguiu, dirigindo-se à outra fêmea ao lado.

Depois de breve hesitação, ela respondeu com manifesta relutância: — Thethuthinnang, senhor. ^[15]

— E o seu? — disse Manda-Chuva à fêmea que declamara os versos.

Ela lançou-lhe um olhar de tamanha infelicidade, tão cheio de acusação e sofrimento, que ele, por pouco, não confessou ser seu amigo oculto, odiar Efrafa e a autoridade que no momento representava. A réplica de Nelthilta a Cerefólio, no corredor, continha ódio, mas aquele olhar exprimia frustrações além do que a língua era capaz de exprimir. Ao devolver-lhe o olhar, Manda-Chuva lembrou, de súbito, a descrição de Azevim do grande *hrududu* amarelo que surgira da terra, em cima da coelheira destruída. "Devia ter uma expressão semelhante à desta fêmea", pensou.

— Meu nome é Hyzenthlay, senhor — respondeu a fêmea.

— Hyzenthlay? — disse Manda-Chuva, quase perdendo o controle. — Então foi você que... — Parou. Seria perigoso perguntar se ela se lembrava de haver falado com Azevim. De uma forma ou de outra, porém, ali estava o coelho que descrevera a Azevim e seus companheiros os tormentos de Efrafa e o descontentamento das fêmeas. Se é que recordava direito a história de Azevim, aquela fêmea mencionara uma tentativa de abandonar a coelheira. "Mas", pensou, enquanto fitava, outra vez, seus olhos desolados, "de que serve agora tudo isso?"

— Podemos ir, senhor? — perguntou Nelthilta. — A companhia de oficiais nos é penosa. Estamos desabitadas.

— Ah, sim... certamente — respondeu Manda-Chuva, confuso. Permaneceu onde estava, enquanto as fêmeas afastavam-se. Nelthilta ergueu a voz para observar: "Que grande imbecil!" E olhou em volta, na esperança, evidentemente, de que ele provasse o contrário.

"Bem, pelo menos ainda há uma com certa coragem", pensou Manda-Chuva, ao dirigir-se ao encontro das sentinelas.

Demorou-se a conversar com as sentinelas, aprendendo detalhes de sua organização. O sistema era terrivelmente eficiente. Cada senti-nela era capaz de dar cobertura ao vizinho, em questão de segundos; e o sinal de bater com os pés — pois tinham mais de um — traria o reforço de oficiais e reservas. Se necessário, a Owslafa seria alertada sem mais delongas, ou qualquer oficial que, a exemplo do Capitão Candelária, estivesse a patrulhar as imediações da coelheira. Já que apenas uma Marca comia de cada vez, dificilmente haveria possibilidades de fuga, se o alarma soasse. Uma das sentinelas, Manjeron, falou-lhe da tentativa de evasão de Negrão.

— Ele foi comer bem longe, nesta direção, e depois correu. Derrubou duas sentinelas que se interpuseram. Duvido que alguém tenha chegado a tanto. Corria como um louco, mas Candelária deu o alarma e interceptou-o lá embaixo, nos campos. Claro que, se não houvesse agredido as sentinelas, o Conselho seria menos severo.

— Gosta da vida na coelheira? — perguntou Manda-Chuva.

— Não é má, agora que estou no Owsla — respondeu Manjeron. — Se me tornar oficial, será melhor ainda. Já participei de duas Patrulhas Externas. Ali, nossas qualidades são realmente notadas. Posso seguir uma pista e lutar tão bem quanto a maioria, mas, naturalmente, exigem outras coisas de um oficial. Nossos oficiais são excelentes, não acha?

— Sim, sem dúvida — disse Manda-Chuva com franqueza. Manjeron não sabia, pelo visto, que ele era um recém-chegado em Efrafa. Não demonstrava ciúme ou ressentimento. Manda-Chuva começava a

concluir que ninguém era informado além do necessário, ou então deixava-se que descobrissem apenas o que tinham diante do nariz. Provavelmente Manjerona supunha que ele, Manda-Chuva, fora destacado de outra Marca.

Quando a escuridão caía, pouco antes do fim do *silflay*, o Capitão Candelária aproximou-se com uma patrulha de três e Cerefólio correu ao seu encontro, na linha das sentinelas. Manda-Chuva juntou-se ao grupo e ouviu a conversa. Soube que Candelária fora além da estrada de ferro, mas nada encontrara de anormal.

— Já atravessou muitas vezes a estrada de ferro? — perguntou.

— Poucas vezes — respondeu Candelária. — O terreno ali é úmido... uma região desfavorável aos coelhos. Já estive lá, mas nesses circuitos comuns às patrulhas, limito-me a pesquisar as redondezas da coelheira. Cumpro observar novidades que o Conselho deseja saber, e impedir fugas. Como a do miserável Negrão... Deu-me uma mordida que jamais esquecerei. Numa tarde propícia como esta, vou geralmente à margem da estrada de ferro e depois volto. Ou, às vezes, tomo outra direção, até o celeiro. Tudo depende do objetivo em vista. A propósito, vi o general esta tarde, e creio que ele pretende colocá-lo numa patrulha, dentro de dois ou três dias, assim que sua Marca desobrigar-se do *silflay* matutino e vespertino.

— Para que esperar tanto? — perguntou Manda-Chuva, fingindo entusiasmado. — Por que não antes?

— Uma Marca exige geralmente a atenção do Owsla inteiro, no *silflay* da manhã e da tarde. Os coelhos estão mais espertos nessas ocasiões e pedem vigilância total. Mas uma Marca no *silflay* de ni-Frith e fu Inlé libera uma parte do Owsla para uma Patrulha Externa. Agora vou deixá-los. Tenho de levar meu pessoal ao Crixá e fazer o relatório ao general.

Assim que a Marca entrou na toca e Negrão foi levado pela escolta, Manda-Chuva desculpou-se com Cerefólio e Água-Benta e foi para o seu buraco. Embora os soldados rasos dormissem empilhados, as sentinelas dispunham de dois grandes e confortáveis buracos, enquanto cada oficial gozava de uma toca particular. Sozinho, afinal, Manda-Chuva pôs-se a pensar no seu problema.

As dificuldades eram imensas. Estava certo que, com a ajuda de Kehaar, poderia escapar de Efrafa quando quisesse. Mas como levar um bando de fêmeas, na suposição de que algumas desejassem enfrentar a aventura? Se afastasse as sentinelas durante um *silflay*, Cerefólio veria, em questão de instantes, o que ele tinha em mente. A única possibilidade, então, consistia em romper o bloqueio durante o dia: esperar até que Cerefólio dormisse e ordenar a uma sentinela que deixasse o posto à boca dos buracos. Manda-Chuva pensou bem. Não via falhas no plano. Um pensamento, então, assaltou-o. "E que seria de Negrão?" Negrão passava o dia, aparentemente, sob guarda, numa toca especial. Difícil saber aonde — pois ninguém parecia saber nada em Efrafa, e os que sabiam não falavam. Portanto, teria de deixar Negrão. Um plano realístico não o incluiria.

"Ficarei frustrado se o abandonar", murmurou Manda-Chuva com os seus botões. "Sei que Amora-Preta me julgará tolo. Ora bolas, ele não está aqui e sou eu que decido as coisas. Mas... e se o plano todo falhar justamente por causa de Negrão? Ó Frith assaltante de celeiros! Que embrulhada!"

Pensou e pensou, até dar-se conta de que pensava em círculos. Pouco depois, adormecia. Ao acordar, viu que havia luar fora, belo e calmo. Ocorreu-lhe que talvez pudesse iniciar sua aventura pelo outro lado — ou seja, persuadindo algumas fêmeas a acompanhá-lo e deixando o plano para mais tarde, provavelmente com a ajuda delas. Desceu o corredor e chegou a um coelho que dormia, o melhor possível, na toca apinhada. Despertou-o.

— Conhece Hyzenthlay? — perguntou.

— Conheço, sim senhor — respondeu o coelho, em patética tentativa de se mostrar prestimoso e rápido.

— Vá procurá-la e diga-lhe para vir à minha toca — disse Manda-Chuva. — Sozinha, entendeu?

— Sim, senhor.

Quando o coelho partiu, Manda-Chuva retornou à toca, imaginando se dera azo a suspeitas. Parecia improvável. Pelo que Cerefólio lhe dissera, era comum os oficiais efracianos reclamarem fêmeas. Se interrogado, teria apenas de sustentar a história. Deitou-se e aguardou.

No escuro, um coelho aproximou-se devagar pelo corredor e parou à entrada da toca. Houve uma pausa.

— Hyzenthlay? — disse Manda-Chuva.

— Eu mesma.

— Quero falar-lhe — disse Manda-Chuva.

— Pertença a esta Marca, senhor, e obedeço suas ordens. Mas o senhor comete um erro.

— Não, não me enganei — respondeu Manda-Chuva. — Você nada tem a recear. Venha cá, para o meu lado.

Hyzenthlay obedeceu. Ele podia sentir-lhe o pulso disparado. O corpo dela estava tenso; seus olhos fecharam-se e as garras riscaram o chão.

— Hyzenthlay — soprou-lhe Manda-Chuva no ouvido —, escute atentamente. Lembra-se que, muitos dias atrás, quatro coelhos chegaram a Efrafa, ao cair da tarde? Um deles tinha pêlo cinza claro, e outro ostentava uma cicatriz de mordida de rato, numa perna traseira. Você conversou com o chefe do grupo... ele se chama Azevim. Sei o que você lhe disse.

Ela virou a cabeça, aterrorizada.

— Como sabe?

— Não vem ao caso. Agora, ouça bem.

Manda-Chuva falou-lhe, então, de Aveleira e Cinco-Folhas; da destruição da coelheira de Sandleford e da jornada até Watership üown. Hyzenthlay não se mexeu nem o interrompeu.

— Os coelhos que lhe falaram aquela tarde — disse Manda-Chuva —, que lhe disseram que a coelheira fora destruída e, por esse motivo, estavam em Efrafa em busca de fêmeas... sabe o que lhes aconteceu?

A resposta de Hyzenthlay não passou de débil murmúrio no ouvido de Manda-Chuva.

— Sei o que ouvi dizer. Escaparam na manhã seguinte. O Capitão Mostardeira-dos-Campos foi morto quando os perseguia.

— E outra patrulha foi enviada depois, Hyzenthlay? Quero dizer, no dia seguinte?

— Ouvi dizer que não havia oficial disponível, pois Língua-de-Vaca fora preso e Mostardeira estava morto.

— Pois aqueles coelhos retornaram, são e salvos, à nossa companhia. Um deles se encontra, agora mesmo, perto daqui, com nosso Coelho-Chefe e vários outros. São astuciosos e expeditos. Esperam que eu lhes leve fêmeas de Efrafa... o maior numero possível. Tenho de enviar-lhes mensagem amanhã de manhã.

— De que maneira?

— Por um pássaro... se tudo sair a contento. Manda-Chuva falou-lhe de Kehaar. Quando terminou, Hyzenthlay não deu resposta, e ele não saberia dizer se ela estava pensando em tudo aquilo ou se o medo e a descrença a afetaram tanto que nada era capaz de dizer. Julgava-o, por acaso, um espião tentando comprometé-la? Desejaria somente que Manda-Chuva a deixasse ir embora? Por fim, ele perguntou:

— Acredita em mim?

— Sim, acredito.

— Não me julga um espião a serviço do Conselho?

— Não, você não é. Tenho certeza.

— Por quê?

— Você falou de seu amigo... o tal que sabia que esta coelheira aqui é um mau lugar. Nem só ele tem o privilégio de adivinhar. Às vezes, também pressinto essas coisas. Poucas vezes, pois agora meu coração está entorpecido pela geada.

— Nesse caso, você vem comigo... persuadirá suas amigas a virem também? Precisamos de vocês. Efrafa é que não precisa.

Mais uma vez ela silenciou. Manda-Chuva escutou um verme mexer-se na terra, perto, e do fundo do túnel chegou-lhe fracamente o som de uma pequena criatura pateando no capim, do lado de fora. Esperou calmamente, sabendo que era vital não assustar Hy-zenthlay.

Afinal, ela falou tão baixo, em seu ouvido, que as palavras pareciam cadências interrompidas de sua respiração.

— Podemos fugir de Efrafa. O perigo é bem grande, mas temos uma oportunidade de êxito. É tudo o que eu posso ver. Confusão e medo ao cair da noite... e depois homens, homens, sempre coisas ligadas aos homens! Um cão... uma corda que se parte qual ramo seco. Um coelho... não, não é possível!... um coelho que guia um *hrududu*. Ora, sou mesmo uma tola: essas coisas não passam de contos para entreter filhotes em tarde de verão. Não, não vejo nitidamente o que disse. Apenas formas vagas de árvores além de um campo castigado pela chuva.

— Acho melhor, então, vir comigo e conhecer meu amigo — disse Manda-Chuva. — Ele também fala assim, e eu aprendi a confiar nele, da mesma forma que agora confio em você. Se julga que teremos êxito, ótimo. Mas o que desejo saber é se trará suas amigas.

Depois de outro silêncio, Hyzenthlay disse:

— Minha coragem... meu espírito: cada vez menores. Tenho medo de fazer você confiar em mim.

— Posso explicar o motivo. É este seu estado depressivo. Mas lembre-se: não liderou o grupo de fêmeas que foi ao Conselho?

— Só respondo por mim e Thethuthinnang. Ignoro o que aconteceu às demais. Pertencíamos, então, à Marca da Pata Direita

Posterior. Ainda tenho a marca aqui, mas fui marcada outra vez. Negrão... você o viu, por acaso?

— Sim, claro.

— Também pertencia à Marca. Era nosso amigo e nos encorajava. Uma noite, ou dias depois que as fêmeas compareceram ao Conselho, tentou fugir, mas foi apanhado. Você viu o que lhe fizeram. Aconteceu na mesma tarde em que seus amigos chegaram. E na noite seguinte, escaparam. Depois disso,

o Conselho mandou-nos buscar outra vez. O general disse que ninguém mais teria oportunidade de fugir. Seríamos redistribuídas pelas Marcas, duas para cada uma. Não sei por que deixaram Thethuthinnang comigo. Talvez não houvessem pensado bem no caso. Efrafa é assim mesmo. A ordem era "duas para cada Marca", não importando a escolha. Agora, vivo assustada, na impressão de que o Conselho nos vigia sempre.

— Sim, mas agora *eu* estou aqui — disse Manda-Chuva.

— O Conselho é muito esperto.

— Tem de ser. Mas nós temos coelhos ainda mais espertos, pode acreditar. O Owsla de El-ahrairah, nem mais nem menos. Diga-me uma coisa: Nelthilta estava com vocês, quando foram ao Conselho?

— Ah, não. Nasceu aqui, na Marca Perto da Pata. Possui ânimo forte, mas é jovem e inexperiente. Gosta de mostrar aos outros que é amiga de coelhos considerados rebeldes. Não sabe direito o que faz ou o que o Conselho significa. Para ela, tudo não passa de um jogo... Aborrecer os oficiais, por exemplo. Um desses dias, Nelthilta se excederá e estaremos todos em maus lençóis. É incapaz de guardar segredo.

— Quantas fêmeas da Marca estariam dispostas a fugir?

— *Hrair*. Há muitos descontentes. Mas olhe, Thlayli, só devem ser avisadas pouco antes da fuga. E não se trata apenas de Nelthilta, senão de todas. Ninguém guarda segredo numa coelheira e há espiões por toda parte. Devemos traçar o plano e não contar a ninguém, exceto Thethuthinnang. Ela e eu reuniremos um número suficiente de fêmeas, quando chegar a ocasião.

Manda-Chuva verificou que havia encontrado inesperadamente aquilo de que mais precisava: um amigo forte, sensível, capaz de pensar por sua conta própria e dividir o peso que o esmagava.

— Deixarei a você a tarefa de recrutar as fêmeas — disse. — Marcarei a hora da fuga, assim que estiverem prontas.

— Quando?

— No crepúsculo é mais indicado, e quanto mais cedo, melhor. Avelreira e os outros estão à nossa espera e enfrentarão qualquer patrulha que nos perseguir. O principal, porém, é que o pássaro lutará por nós. Nem mesmo Vulnerária espera uma surpresa dessas. Hyzenthlay silenciou outra vez e Manda-Chuva percebeu, admirado, que ela considerava o que ele havia dito, à procura de falhas.

— Mas o pássaro dará conta de todos? — perguntou. — Poderá enfrentá-los de *uma só vez*? Vai ser um bafafá dos diabos, Thlayli. E não tenha dúvida que o próprio general irá ao nosso encalço com os melhores coelhos. Não poderemos fugir sempre. Darão com a nossa pista e, mais cedo ou mais tarde, cairão sobre nós.

— Já disse que os nossos coelhos são mais hábeis que o Conselho. Não creio que você entendesse bem esta parte, apesar de minhas explicações cuidadosas. Já viu um rio?

— Que é um rio?

— Bem, aí está. Não posso explicar direito. Mas prometo que não teremos de fugir para muito longe. Desapareceremos diante dos olhos do Owsla... se é que os tem. Estou pagando para ver.

Ela nada disse e ele acrescentou:

— Confie em mim, Hyzenthlay. Juro pela minha vida que iremos sumir. Não a estou enganando.

— Se estiver errado, os que morrerem logo serão decerto os mais felizes.

— Ninguém vai morrer. Meus amigos prepararam um truque de que o próprio El-ahrairah se

orgulharia.

— Se tem de ser no crepúsculo — disse ela —, melhor amanhã ou na noite seguinte. Dentro de dois dias a Marca perderá o *silflay* vespertino. Sabe disso?

— Sim, ouvi falar. Amanhã, então. Por que esperar mais? Existe, no entanto, outra coisa. Vamos levar Negrão.

— Negrão? Como? Ele está vigiado pela polícia do Conselho.

— Eu sei. Aumenta os riscos, mas decidi não deixá-lo. Faremos o seguinte: amanhã à tarde, quando a Marca estiver no *silflay*, conserve as fêmeas perto de você — o maior número possível — e prontas a fugir. Encontrarei o pássaro a pouca distância, na campina, e o mandarei atacar as sentinelas, assim que eu voltar à toca. Então, retrocederei, para cuidar dos guardas de Negrão. Não esperam um ataque de surpresa. Estarei livre em poucos instantes e me juntarei a vocês. A confusão estará formada e disso nos aproveitaremos para correr. O pássaro atacará quem nos tentar perseguir. Lembre-se bem: iremos diretamente ao grande arco, na estrada de ferro. Meus amigos nos esperam lá. Você só terá de me seguir.. e mostrarei o caminho.

— O Capitão Candelária estará patrulhando.

— Espero que sim — disse Manda-Chuva. — Espero *mesmo*.

— Negrão talvez não possa correr logo. Ficará tão estupefato quanto os guardas.

— É possível avisá-lo?

— Não. Os guardas nunca o deixam livre e o levam sozinho ao *silflay*.

— Por quanto tempo permanecerá nessa situação?

— Até se exhibir a todas as Marcas. Então, o Conselho o matará. Temos certeza.

— Nesse caso, estou decidido. *Não* irei sem ele.

— Thlayli, você é muito corajoso. Também será esperto? Nossas vidas dependerão amanhã de você.

— Vê alguma coisa de errado no plano?

— Não. Mas sou apenas uma fêmea que nunca fugiu de Efrafa. E se ocorrer um imprevisto?

— Perigo é perigo. Não quer sair daqui e viver conosco nos morros? Pense!

— Puxa, Thlayli! Poderemos escolher parceiro e viver em nossa própria toca e criar filhotes?

— Sem dúvida. E contar histórias no Favo de Mel e fazer o *silflay* quando bem quiser. Uma boa vida, prometo.

— Irei! Correrei qualquer risco.

— Que sorte você estar nesta Marca — disse Manda-Chuva. — Antes desta nossa conversa, eu estava totalmente desorientado, sem saber o que fazer.

— Voltarei agora às tocas inferiores. Outros coelhos estarão a pensar por que você me chamou. Não estou ainda em condições de cópula. Direi por isso que você se enganou. Não esqueça a desculpa.

— Não esquecerei. Sim, vá agora. E tome as providências para o *silflay* de amanhã à tarde. Estarei a postos.

Quando ela partiu, Manda-Chuva sentiu-se muito cansado e solitário. Tentou convencer-se de que os amigos não estavam muito longe e que em menos de um dia voltaria a vê-los. Mas sabia também que

Efrafa inteira interpunha-se entre ele e Avelaira. Seus pensamentos toldaram-se nas fantasias da ansiedade. Caiu em devaneio. O Capitão Candelária, transformado em gaivota, voou gritando sobre o rio, até que Manda-Chuva despertou em pânico. E adormeceu novamente, só para ver o Capitão Cerefólio arrastando Negrão no rumo de uma armadilha de arame sobre o capim. Pior ainda: tão grande quanto um cavalo, observando tudo de uma a outra extremidade do mundo, erguia-se a gigantesca figura do General Vulnerária. Afinal, esgotado por suas apreensões, Manda-Chuva entrou em sono mais profundo, alheio aos sons que os ouvidos pudessem captar. Imóvel, ficou estirado na toca solitária.

36. O Trovão Aproxima-se

We was just goin' ter scarper
When along comes Bill 'Arper,
So we never done muffin' at ali.

Music Hall Song

Manda-Chuva emergiu vagarosamente do sono, qual bolha de metano a subir do fundo de águas calmas. Havia outro coelho ao seu lado, na toca — um macho. Levantou-se bruscamente e disse:

— Quem é?

— Água-Benta — responderam. — É hora do *silflay*, Thlayli. As calhandras já voaram. Você tem sono pesado.

— Acho que sim — disse Manda-Chuva. — Bem, estou pronto. Já ia avançar pelo corredor, mas as palavras seguintes de Água-Benta causaram-lhe sobressalto.

— Quem é Cinco-Folhas? Manda-Chuva enrijeceu o corpo.

— Que disse?

— Quem é Cinco-Folhas?

— Como vou saber?

— Você falava enquanto dormia. Dizia: "Pergunte a Cinco-Folhas, pergunte a Cinco-Folhas." Fiquei pensando quem poderia ser.

— Ah, já sei. Um coelho que conheci há muito tempo. Costumava prever o tempo.

— Bom, agora seria fácil. Sente o cheiro de trovoada?

Manda-Chuva fungou. Misturado com os odores de capim e gado, vinha o quente e grosso cheiro de tempestade ainda distante. Sentiu-o com inquietação. Quase todos os animais se agitam à aproximação do trovão, que os oprime e interrompe o ritmo natural de suas vidas. A inclinação de Manda-Chuva era voltar à toca, mas não tinha dúvidas de que coisas fúteis, como uma trovoada, não deveriam interferir na rotina de uma Marca efrariana.

Tinha razão. Cerefólio já estava a postos na entrada, agachado defronte a Negrão e sua escolta. Olhou em volta, enquanto os oficiais se acercavam.

— Olá, Thlayli. As sentinelas já estão preparadas. O trovão o assusta?

— Um pouco — respondeu Manda-Chuva.

— Não estalará hoje — disse Cerefólio. — Ainda está a caminho. Deve chegar amanhã à tarde. De qualquer forma, não demonstre à Marca que isso o afeta. Nada deve ser alterado, a menos que o general ordene.

— Foi difícil acordá-lo — disse Água-Benta com uma ponta de malícia. — Havia uma fêmea com ele na toca a noite passada. Não foi, Thlayli?

— Ah, é? — disse Cerefólio. — Qual delas?

— Hyzenthlay — respondeu Manda-Chuva.

— Ora, a *marli tham* ⁽¹⁶⁾, — disse Cerefólio. — Engraçado: pensei que não estivesse em condições.

— E não estava — disse Manda-Chuva. — Eu me enganei. Mas você mesmo pediu que me interessasse pela Marca, a fim de trazê-la sob melhor controle. Por isso, conversei um pouco com a fêmea.

— Arrancou alguma coisa?

— Ainda não sei — disse Manda-Chuva. — Mas acabarei conseguindo.

Durante o tempo em que a Marca esteve na superfície pensou na maneira mais segura e rápida de entrar na toca e atacar a escolta de Negrão. Teria de pôr um guarda fora de ação, imediatamente, e depois atirar-se ao outro, a tempo de o pegar ainda desprevenido. Se houvesse luta renhida, melhor que não se travasse entre Negrão e a boca da toca, pois Negrão ficaria tão atônito quanto os demais e poderia, de um pulo para trás, afundar pelo corredor. Se a luta fosse inevitável, teria de ferir-se fora. Claro que, com um pouco de sorte, o segundo guarda seria posto fora de combate em pouco tempo, mas convinha não contar com isso. A Owslafa efrariana não costumava correr.

Ao penetrar no campo, imaginou onde seria localizado por Kehaar. O arranjo fora feito de forma a que Kehaar o encontrasse a qualquer momento, no segundo dia, quando saísse à superfície.

Manda-Chuva não tinha por que se preocupar. Kehaar estava em Efrafa desde o início da madrugada. Assim que viu a Marca sair, voou pelo campo, a meia distância entre a vegetação e a linha das sentinelas, e começou a bicar entre a erva. Manda-Chuva avançou comendo, bem devagar, em sua direção, e em seguida pôs-se a comer sem o olhar. Dentre em pouco, sentia que Kehaar estava atrás, lateralmente.

— Sanhur Manda-Chuça, eu achar non ser bom a gente falar muito. Sanhur Azeleira, ele querer saber o que sanhur deseja.

— Quero duas coisas, Kehaar — ambas esta noite, antes do sol se pôr. Primeiro: nossos coelhos devem estar postados no grande arco. Chegarei lá com as fêmeas. Se formos perseguidos, você e Aveleira e o resto devem estar prontos para a luta. A coisa flutuante ainda está lá?

— Si, si, homens não tirar. Eu dizer Sanhur Azeleira o que sanhur diz.

— Ótimo. Agora, escute, Kehaar. Esta é a segunda coisa, e muito importante. Está vendo aqueles coelhos além, no campo? São sentinelas. Ao crepúsculo, você me encontra aqui. Depois, eu volto correndo para aquelas árvores e entro numa toca. Assim que me ver entrar, ataque as sentinelas. Aterrorize-as, expulse-as daqui. Se não correrem, fira-as. Elas têm de ser afastadas. Você me verá sair da toca, quase imediatamente, e então as fêmeas — as mães — começarão a correr comigo, diretamente para o arco. Mas podemos ser atacados no caminho. Se isso acontecer, poderá nos defender?

— Si, si. Eu vou voar sobre eles... eles não parar vocês.

— Esplêndido. É só, por enquanto. Aveleira e os outros... estão bem?

— Bem... bem. Eles dizer sanhur amigo. Sanhur Tampazinha dizer levar uma fêmea prá todos e duas prá ele.

Manda-Chuva pensava numa resposta apropriada quando viu Cerefólio correndo pelo capim em sua direção. Imediatamente, sem voltar a falar com Kehaar, deu alguns saltos para Cerefólio e começou a morder folhas de trevo. Quando Cerefólio se aproximou, Kehaar voava baixo sobre suas cabeças e desaparecia entre as árvores.

Cerefólio olhou a gaiivota a voar e virou-se para Manda-Chuva.

— Não teme esses pássaros?

— Nem tanto — respondeu Manda-Chuva.

— Às vezes, atacam ratos, como você bem sabe, e filhotes de coelhos também. Você se arriscou ao vir comer aqui. Por quê?

Em resposta, Manda-Chuva sentou-se e deu-lhe um safanão bastante vigoroso para que Cerefólio rolasse por terra.

— Aí está a explicação — disse.

Cerefólio levantou-se com ar de poucos amigos.

— Muito bem, vejo que é mais forte que eu. Mas precisa saber logo, Thlayli, que apenas a força bruta não recomenda um oficial efrafiano. E não altera o fato de que esses pássaros podem se tornar perigosos. Pensando bem, não é a estação deles. O incidente merece análise. Terá de ser relatado.

— Por quê?

— Porque é incomum. Tudo que é incomum tem de ser analisado. Se não o relatamos e outrem o faz, ficamos com ar de tolos ao dizer que fomos testemunhas. Não podemos negar o pássaro. Vários coelhos da Marca avistaram-no. De fato, irei agora mesmo relatar o acontecimento. O *silflay* está quase no fim, de forma que voltarei a tempo. Você e Água-Benta cuidem da Marca nos lugares que lhes cabem.

Assim que Cerefólio se afastou, Manda-Chuva foi à procura de Hyzenthlay. Encontrou-a na pequena cova com Thethuthinnang. A maior parte dos coelhos da Marca não parecia afetada a sério pela trovoadá, que ainda rolava distante, conforme Cerefólio havia dito. As duas fêmeas, porém, estavam deprimidas e nervosas. Manda-Chuva contou-lhes o que acertara com Kehaar.

— Mas o pássaro atacará mesmo as sentinelas? — perguntou Thethuthinnang. — Nunca ouvi falar de semelhante coisa.

— Atacará, prometo. Reúna as fêmeas assim que o *silflay* começar esta tarde. Quando eu sair com Negrão, as sentinelas estarão a correr em busca de abrigo.

— E em que direção correremos nós? — perguntou Thethuthinnang.

Manda-Chuva fê-las avançar pelo campo, de forma a que vissem o arco distante, no aterro da ferrovia, a cerca de quatrocentos metros.

— Estaremos predestinados, nesse caso, a defrontar Candelária — disse Thethuthinnang. — Que tal?

— Creio que ele teve trabalho para deter Negrão — respondeu Manda-Chuva. — Portanto, não deverá ser adversário difícil para mim e para o pássaro. Olhe, aí vem Água-Benta trazendo as sentinelas... teremos de nos separar. Não se preocupem. Ruminem bem e durmam um pouco. Se não puderem dormir, afiem as unhas. Poderão precisar delas.

A Marca desceu à toca e Negrão foi levado pela escolta. Manda-Chuva retornou ao seu buraco e tentou tirar da cabeça a tarde seguinte. Depois de algum tempo, desistiu da idéia de passar o dia sozinho. Fez uma ronda pelas tocas inferiores, participou de um jogo de pedrinhas, ouviu duas histórias e contou uma, fez *hraka* na vala e depois, num impulso, dirigiu-se a Cerefólio e obteve licença para visitar outra Marca. Errou pelo Crixá, descobriu-se no meio do *silflay* de ni-Frith, com a Marca do Flanco Esquerdo, e desceu com os coelhos. Os oficiais compartilhavam uma única toca espaçosa e ali ele conheceu veteranos experimentados, ouvindo com interesse suas histórias acerca de Patrulhas Externas e outras

incursões. Pelo meio da tarde, voltou à Marca Perto da Pata, descontraído e confiante, e dormiu até que uma das sentinelas o acordou para o *silflay*.

Subiu pelo corredor. Negrão já se encontrava agachado em seu nicho. De cócoras junto a Cerefólio, Manda-Chuva observou a Marca sair. Hyzenthlay e Thethuthinnang passaram por ele sem um olhar sequer. Pareciam tensas, mas firmes. Cerefólio acompanhou o último coelho a sair.

Manda-Chuva esperou até ter certeza de que Cerefólio já se distanciara da toca. Então, com um derradeiro e rápido olhar ao sítio onde Negrão estava sentado, saiu também. O crepúsculo luminoso deslumbrou-o, e ele sentou-se nas patas traseiras, piscando e alisando o pêlo ao longo de uma das faces, enquanto os olhos se habituavam à luz. Momentos depois, viu Kehaar chegar voando por sobre o campo.

"Tudo preparado", disse a si mesmo. "Aí vamos nós."

Naquele exato instante, um coelho falou às suas costas.

— Thlayli, precisamos conversar um pouco. Volte para baixo dos arbustos, sim?

Manda-Chuva caiu sobre as patas dianteiras e olhou em volta.

Era o General Vulnerária.

37. O Trovão Cresce

"Vancê esconde o fogo, mas que fazer com a fumaça?"

Joel Chandler Harris, *Proverbs of Uncle Remus*

O primeiro impulso de Manda-Chuva foi o de engalfinhar-se ali mesmo com Vulnerária. Mas concluiu logo que seria tolice: dentro em pouco, a coelheira fervilharia à sua volta. Nada lhe restava fazer senão obedecer. Seguiu Vulnerária pela vegetação e entrou na sombra da senda. Apesar do crepúsculo, a tarde parecia pesada por causa das nuvens, e entre as árvores sentia-se o mormaço. A trovoadas formava-se. Manda-Chuva encarou Vulnerária e esperou.

— Esteve fora das tocas da Marca Perto da Pata, esta tarde? — começou Vulnerária.

— Sim, senhor — respondeu Manda-Chuva. Ainda não gostava de se dirigir a Vulnerária como *senhor*, mas já que pretendiam fazê-lo oficial efrafiano, não poderia se exprimir de outra forma. Contudo, não explicou que Cerefólio lhe dera permissão. Ainda não fora acusado de nada.

— Aonde foi?

Manda-Chuva disfarçou o aborrecimento. Sem dúvida Vulnerária sabia muito bem aonde ele fora.

— Fui à Marca do Flanco Esquerdo, senhor. Visitei as tocas.

— Por quê?

— Para encher o tempo e aprender alguma coisa, em conversa com os oficiais.

— Foi a outro lugar?

— Não, senhor.

— Encontrou um coelho, da Marca do Flanco Esquerdo... Um coelho chamado Tasneirinha?

— Ê provável. Não conheço todos pelos nomes.

— Já conhecia aquele coelho?

— Não, senhor. Como poderia? Seguia-se uma pausa.

— Posso perguntar-lhe a razão das perguntas, senhor? — disse Manda-Chuva.

— Eu é que faço perguntas — disse Vulnerária. — Tasneirinha viu *você* antes. Conhece-o devido ao pêlo em sua cabeça. Onde pensa que ele o viu?

— Não tenho idéia.

— Já fugiu de uma raposa?

— Sim, senhor. Dias atrás, quando vinha para cá.

— Você conduziu a raposa para cima de outros coelhos, e ela matou um. Correto?

— Não tive a intenção. Não sabia que os coelhos estavam lá.

— Mas não nos contou o episódio, ahn?

— Não me ocorreu contá-lo. É normal fugir de uma raposa.

— Você provocou a morte de um oficial efraciano.

— Acidentalmente. E a raposa poderia tê-lo apanhado, mesmo que eu estivesse longe.

— Não poderia — disse Vulnerária. — Malva não costumava correr de raposas. Raposas só são perigosas para os coelhos que lhes ignoram os hábitos.

— Lamento muito que a raposa o tenha morto, senhor. Foi um lance de azar.

Vulnerária encarou-o com seus grandes olhos aguados.

— Mais uma pergunta, Thlayli. A patrulha estava na pista de um bando de coelhos... estranhos. Que sabe a respeito?

— Também vi os rastros, na mesma ocasião. Nada mais sei.

— Não era um deles?

— Se estivesse com eles, senhor, estaria agora em Efrafa?

— Já lhe disse que sou eu quem faz perguntas. Não me pode informar para onde os coelhos estranhos foram?

— Receio que não.

Vulnerária parou de encarar Manda-Chuva e guardou silêncio. Manda-Chuva sentiu que o general lhe dava oportunidade de perguntar se era só aquilo e se podia ir. Decidiu, porém, manter silêncio.

— Há outra coisa ainda — disse Vulnerária, por fim. — Acerca do grande pássaro branco no campo, esta manhã. Não teme tais pássaros?

— Não, senhor. Nunca ouvi dizer que algum houvesse ferido um coelho.

— Mas podem ferir, Thlayli, a julgar por sua larga experiência da vida selvagem. De qualquer maneira, por que se aproximou tanto?

Manda-Chuva pensou com rapidez.

— Para ser franco, senhor, eu queria apenas causar impressão lisonjeira ao Capitão Cerefólio.

— Bem, você poderia ter um motivo mais grave. Mas, se quer impressionar alguém, melhor começar por mim. Depois de amanhã vou levá-lo numa Patrulha Externa. Atravessará a estrada de ferro para seguir o rastro daqueles coelhos — os coelhos que Malva teria encontrado se você não houvesse atraído a raposa. Portanto, é melhor se preparar desde já e mostrar o quanto vale.

— Muito bem, senhor. Terei imenso prazer em o acompanhar. Houve outro silêncio. Desta feita, Manda-Chuva decidiu fingir que partia. Ao fazê-lo, uma nova pergunta interrompeu-o logo.

— Quando estive com Hyzentlay, ela lhe contou por que foi posta na Marca Perto da Pata?

— Sim, senhor.

— Não sei se os problemas por aqui terminaram, Thlayli. Continue vigilante. Se ela lhe fizer confidencias, tanto melhor. Talvez aquelas fêmeas estejam em estado de rebelião. Quero ter certeza.

— Muito bem, senhor — disse Manda-Chuva.

— É só — disse Vulnerária. — Pode voltar agora à sua Marca.

Manda-Chuva voltou pelo campo. O *silflay* estava quase encerrado, o sol já sepusera e a noite começava a descer. Nuvens grossas escureciam ainda mais o horizonte. Kehaar não se encontrava à vista. As sentinelas se aproximaram e a Marca começou a entrar nas tocas. Sentado sozinho no capim, Manda-Chuva esperou que o último coelho desaparecesse. Ainda não havia sinal de Kehaar. Pulou devagar em direção ao buraco. Ao entrar, chocou-se com um policial da escolta, que bloqueava a entrada a fim de que Negrão não tentasse fugir ao ser levado para baixo.

— Saia de minha frente, carniceiro dos diabos — disse Manda-Chuva. — Agora, vá contar isso — acrescentou sobre o ombro, ao descer para sua toca.

Quando a luz esmaecia no céu denso, Aveleira avançou uma vez mais pela terra dura e nua sob o arco da ferrovia, emergiu no lado setentrional e sentou-se para escutar. Momentos depois, Cinco-Folhas chegou e arrastaram-se um pouco pelo campo, no rumo de Efrafa. O ar, sufocante e quente, cheirava a chuva e cevada madura. Não havia sons próximos, porém, atrás e à frente dos dois, do charco na margem mais próximos do Test, chegava o chiado, a incessante bulha de um par de lavadeiras. Kehaar voou do alto do aterro.

— Tem certeza que ele marcou esta noite? — perguntou Aveleira pela terceira vez.

— Situação ruim — disse Kehaar. — Talvez preso. Eles acabar Sanhur Manda-Chuça. Já pensou?

Aveleira não deu resposta.

— Não garanto nada — disse Cinco-Folhas. — Nuvens e trovoadas. Aquele lugar lá em cima, no campo... parece o fundo de um rio. Qualquer coisa poderia estar à espera.

— Manda-Chuva está lá. E se estiver morto? E se, agora mesmo, forçarmos a contar...

— Aveleira — disse Cinco-Folhas. — Aveleira-rah, não adianta nada ficar aqui no escuro, roído de preocupações. O mais provável é que tudo marche a contento. Ele apenas teve de esperar, por algum motivo. De qualquer forma, não virá mais esta noite, e nossos coelhos estão em perigo aqui. Kehaar pode ir amanhã bem cedo e trazer outra mensagem.

— Acho que tem razão — disse Aveleira —, mas... e se ele vier? Eu não me perdoaria. Diga a Prata para fazer a retirada. Ficarei aqui.

— Você não pode melhorar a situação, Aveleira, mesmo se sua perna estivesse boa. Está querendo comer erva onde não existe. Por que não deixa a erva crescer?

Retornaram sob a arcada e, quando Prata saiu debaixo dos arbustos, ao seu encontro, ouviram os outros coelhos se mexerem inquietos entre as urtigas.

— Tudo suspenso esta noite, Prata — disse Aveleira. — Devemos retroceder com os coelhos sobre o rio, antes que escureça por completo.

— Aveleira-rah — disse Panelinha, aproximando-se mais —, vai dar certo, não é? Manda-Chuva estará aqui amanhã, não é?

— Claro que sim — disse Aveleira. — E estaremos prontos a ajudá-lo. Vou lhe dizer uma coisa, Hlao-roo. Se ele não chegar amanhã, eu mesmo irei a Efrafa.

— E eu irei com você, Aveleira-rah — disse Panelinha.

Agachado em sua toca, Manda-Chuva apertou-se contra Hyzenthlay. Tremia, mas não de frio: os corredores apinhados da Marca estavam mormacentos devido à trovoada; o ar assemelhava-se a uma espessa camada de folhas. Manda-Chuva estava à beira de um colapso nervoso. Desde que deixara o General Vulnerária, sentia-se cada vez mais enlaçado nos conhecidos terrores da conspiração. Vulnerária sabia mais do que dera a entender? Informação alguma lhe era desconhecida. Ele soubera, por exemplo, que Aveleira e o bando chegaram do norte e cruzaram a ferrovia. Fora informado a respeito da raposa. Sabia que uma gaivota, que devia andar longe nessa época do ano, rondava Efrafa, e que Manda-Chuva dela se aproximara deliberadamente. Sabia também que Manda-Chuva se tornara amigo de Hyzenthlay. Quanto tempo levaria antes de somar dois e dois? Quem sabe já o não teria feito e aguardasse apenas ocasião mais adequada para o prender?

Vulnerária tinha, por conseguinte, todas as vantagens. Sentado calmamente na encruzilhada de todos os caminhos, observava tudo, enquanto ele, Manda-Chuva, ridículo em seus esforços de apresentar-se como adversário à altura, arrastava-se penosamente pelo mato ralo, ignorando tudo, traindo-se a todo o instante. Sequer sabia como restabelecer o contato com Kehaar. Se o conseguisse, Aveleira seria capaz de trazer os coelhos uma segunda vez? Acaso já não teriam sido localizados por Candelária em patrulha? Falar a Negrão foi muito suspeito. Aproximar-se de Kehaar também. Seu segredo esvaía-se, pingava qual goteiras através de inúmeros buracos.

O pior, no entanto, ainda estava para vir.

— Thlayli — cochichou Hyzenthlay —, acha que você, eu e Thethuthinnang escaparíamos esta noite? Se nos livrássemos da sentinela à boca do buraco, poderíamos levar boa dianteira antes que uma patrulha saísse em nossa perseguição.

— Por quê? — perguntou Manda-Chuva. — O que a leva a propor isso?

— Estou assustada. Contamos às outras fêmeas pouco antes do *silflay*. Estavam prontas a correr quando o pássaro atacasse as sentinelas, e então nada aconteceu. Todas conhecem o plano — Nelthilta e o resto — e dentro em pouco o Conselho saberá também. Naturalmente nós lhes dissemos que suas vidas dependiam do segredo e que você ia tentar outra vez. Thethuthinnang as traz de olho: promete não dormir. Mas é impossível manter segredo em Efrafa. Talvez uma das fêmeas seja um espião, embora o bom Frith saiba que as escolhemos com grande cuidado. Podemos ser todos presos antes de amanhã de manhã.

Manda-Chuva esforçou-se por pensar com clareza. Poderia escapar em companhia de duas fêmeas resolutas e sensíveis. Mas a sentinela — a menos que a matasse — daria o alarma imediatamente e, na escuridão, seria difícil encontrar o caminho do rio. Se o encontrasse, a perseguição cobriria a ponte de troncos, penetrando entre seus companheiros desprevenidos e adormecidos. E na melhor das hipóteses, ele teria saído de Efrafa apenas com duas fêmeas, por causa de seus nervos à flor da pele. Prata e os outros não saberiam avaliar as peripécias da empreitada. Pensariam pura e simplesmente que ele havia fugido.

— Ainda não estamos vencidos — disse Manda-Chuva, procurando confortar a companheira. — O trovão e a espera aumentam o seu nervosismo. Prometo-lhe que amanhã, a essa hora, você estará longe de Efrafa, para todo o sempre, em companhia das outras. Agora, durma um pouco aqui e depois volte para junto de Thethuthinnang. Pense nos morros altos e nas outras coisas boas de que lhe falei. Chegaremos lá... nossos sofrimentos estão no fim.

Quando ela adormeceu no seu lado, Manda-Chuva pensou de que maneira cumprir a promessa, e se não seriam acordados pela polícia do Conselho. "Se isso acontecer, lutarei até ficar em pedaços. Não farão de mim um outro Negrão."

* * *

Ao despertar, encontrou-se sozinho na toca. Por um instante, pensou que Hyzenthlay estaria detida. Em seguida, convenceu-se de que a Owslafa não a teria levado enquanto ela dormia. Thethuthinnang despertara e saíra calmamente, sem o perturbar.

A aurora não tardava, mas o ar opressivo persistia. Deslizou até a entrada. Numulária, a sentinela, destacava-se, intranquilo, na boca da toca. Voltou-se assim que Manda-Chuva se aproximou.

— Gostaria que chovesse logo, senhor. O trovão já basta para umedecer o capim, mas não deve estalar antes desta tarde.

— Para azar da Marca, este é o seu último dia de *silflay* matinal e vespertino — respondeu Manda-Chuva. — Vá acordar o Capitão Cerefólio. Ficarei aqui até a Marca sair.

Numulária desapareceu. Sentado à boca da toca, Manda-Chuva cheirou o ar abafadiço. O céu parecia tão baixo quanto os cimos das árvores, coberto de nuvens grossas e emitindo, para o lado do nascente, um brilho lívido, desbotado. Não se ouvia a calhandra, tampouco um tordo. O campo encontrava-se deserto e imóvel. O impulso de fugir era grande. Em pouco tempo ele estaria no arco. Uma vantagem Candelária e sua patrulha não estarem lá fora, com um tempo desses. Todas as criaturas vivas, nos campos e nas capoeiras, haviam emudecido, como se esmagadas por uma grande e pesada pata. Nada se mexia, pois o dia era impróprio e não se podia confiar nos instintos amortecidos. A hora convidava ao silêncio e ao torpor. Mas um fugitivo estaria a salvo. Infelizmente, Manda-Chuva não alimentava a esperança de outra oportunidade melhor.

"Ó Senhor das orelhas cintilantes como estrelas, enviai-me um sinal!", disse Manda-Chuva.

Ouviu movimento no corredor atrás. Era a Owslafa trazendo o prisioneiro. No crepúsculo carregado, Negrão parecia mais doente e desamparado. Seu focinho estava seco. Viam-se os brancos dos olhos. Manda-Chuva entrou no campo, apanhou um bocado de trevo e trouxe-o.

— Ânimo — disse a Negrão. — Coma um pouco de trevo.

— Não é permitido, senhor — disse um da escolta.

— Deixe isso prá lá, Escrofulária — disse o outro. — Ninguém está vendo. O dia está mesmo insuportável para todos.

Negrão comeu o trevo e Manda-Chuva acomodou-se em seu lugar de costume. Cerefólio chegou para observar a Marca sair.

Os coelhos estavam vagarosos e hesitantes, e o próprio Cerefólio parecia incapaz de assumir suas habituais maneiras rudes. Quase nada disse enquanto passavam. Deixou Thethuthinnang e Hyzenthlay passarem em silêncio. Nelthilta, porém, parou por sua própria iniciativa e fitou-o descaradamente.

— Já de pé, Capitão? — disse. — Nesse caso, acorde de vez. Talvez uma surpresa o espere, quem sabe?

— Que pretende dizer? — perguntou Cerefólio em voz áspera.

— As fêmeas podem arranjar asas e voar — disse Nelthilta.

— E não demora muito. Os segredos andam mais depressa do que as toupeiras embaixo da terra.

Nelthilta acompanhou as outras fêmeas pelo campo. Cerefólio deu mostras, por um instante, de querer chamá-la.

— Será que você pode dar uma olhada em meu pé? — pediu Manda-Chuva. — Acho que tem um espinho.

— Vamos lá para fora — disse Cerefólio. — Se é que existe claridade em algum lugar.

Ou porque pensasse no que Nelthilta lhe dissera, ou por outro motivo, não procedeu a uma busca detalhada — o que dava no mesmo, pois não havia espinho na pata traseira de Manda-Chuva.

— Diabos! — exclamou Cerefólio, levantando a vista. — O maldito pássaro branco, outra vez. Que procura aqui?

— Por que tanta preocupação? — perguntou Manda-Chuva.

— Ele não causa mal algum. Está à procura de lesmas.

— Qualquer coisa incomum é uma fonte de perigos prováveis

— respondeu Cerefólio, citando Vulnerária. — Desta vez, fique longe do pássaro. Thlayli. É uma ordem.

— Muito bem — disse Manda-Chuva. — Mas você não sabe livrar-se deles? Pensei que todos os coelhos soubessem.

— Não seja ridículo. Quer atacar um pássaro daquele tamanho, e com um bico tão grosso quanto minha pata dianteira?

— Não, não... É uma espécie de encantamento que minha mãe me ensinou. Algo como "joaninha, joaninha, voe para sua casa." Parece que dá certo... ou ao menos sempre dava, com minha mãe.

— A invocação à joaninha só dá certo porque sobem até o talo e depois voam.

— Bem, como queira — disse Manda-Chuva. — Mas você não gosta do pássaro, e eu me ofereci para o afugentar. Em minha antiga coelheira, tínhamos uma porção desses encantamentos e ditados. Faltou apenas um que nos livrasse dos homens.

— Está bem, qual é a invocação? — perguntou Cerefólio.

— É assim:

"Vá embora, grande ave branca, E não volte antes desta noite."

Naturalmente, é preciso usar a língua das sebes. Ninguém esperaria que essas aves entendam língua leporídea. Vamos experimentar. Se não der certo, não haverá prejuízo algum, e se der, a Marca pensará que você espantou o pássaro. Para onde ele foi? Mal consigo enxergar com essa luz. Ah, está ali, atrás das urtigas. Vamos lá. Agora, salte para este lado, depois para o outro, arranhe o chão com as patas... assim mesmo, está ótimo... empine as orelhas e avance em linha reta... ah!, perfeito. Agora:

"Vá embora, grande ave branca,

E não volte antes desta noite." Isso mesmo. E *deu certo*. Acho que essas antigas invocações têm algum poder. Claro que o pássaro voaria de qualquer maneira. Mas você tem de admitir que a coisa funcionou.

— Provavelmente esta nossa dança ridícula espantou-o — disse Cerefólio em tom azedo. —

Tínhamos aparência de doidos. Que diabo pensará a Marca? Olhe, já que estamos aqui, vamos inspecionar as sentinelas.

— Se não se incomoda, vou parar para comer um pouco — — disse Manda-Chuva. — Não tive oportunidade a noite passada, como sabe.

* * *

A sorte de Manda-Chuva não desertara de todo. Mais tarde, naquela manhã, e de forma algo inesperada, ele teve ocasião de falar sozinho a Negrão. Estivera a errar pelas tocas, seguindo a respiração opressiva e o pulso febril dos coelhos; e indagava a si mesmo se não deveria procurar Cerefólio e instá-lo a pedir permissão ao Conselho para a Marca passar parte do dia à sombra dos arbustos, na superfície — pois isso lhe daria alguma oportunidade de fuga —, quando começou a sentir vontade de fazer *hraka*. Coelhos não fazem *hraka* nas tocas; à maneira de colegas, sabem que não lhes negarão licença de ir ao banheiro, se não for tarde demais, e os coelhos efracianos costumavam ir ao fosso, para respirar um pouco de ar puro e mudar de ambiente. Conquanto não lhes permitissem ir mais vezes que o necessário, alguns oficiais do Owsla eram mais tolerantes do que a maioria. Quando Manda-Chuva se aproximou do buraco que conduzia ao fosso, encontrou dois ou três jovens machos vadiando ao corredor e, como de hábito, parou para desempenhar seu papel da maneira mais convincente.

— Que fazem aqui? — perguntou.

— A escolta do prisioneiro está no fosso e nos mandou esperar aqui, senhor — respondeu um. — Não querem mais ninguém lá fora, por enquanto.

— Nem mesmo para fazer *hraka*? — disse Manda-Chuva.

— Exatamente, senhor.

Indignado, Manda-Chuva foi à boca do buraco. Ali, encontrou a escolta de Negrão conversando com a sentinela a postos.

— Receio que o senhor não possa sair agora — disse Bartsia. — O prisioneiro está no fosso, mas não demora.

— Também prometo não demorar — disse Manda-Chuva. — Deixe-me sair, sim?

Afastou Bartsia para um lado e entrou no fosso. O dia se tornara ainda mais pesado e abafadiço. Negrão estava agachado, a pouca distância, sob ramos de cicutária. Moscas caminhavam pelos ferimentos nas orelhas, mas ele parecia indiferente. Manda-Chuva avançou pelo fosso e agachou-se ao seu lado.

— Escute, Negrão — disse rapidamente. — Juro que estou dizendo a verdade, por Frith e pelo Coelho Preto. Sou um inimigo secreto de Efracia. Ninguém sabe, a não ser você e algumas fêmeas desta Marca. Vou fugir com elas, esta noite, e pretendo levar você. Por enquanto, não faça nada. Quando chegar o momento, eu lhe direi. Prepare-se.

Sem esperar resposta, afastou-se como se em busca de melhor lugar. Mesmo assim, voltou à toca antes de Negrão, que, pelo visto, desejava ficar no fosso o tempo que a escolta, aparentemente sem pressa, lhe permitisse.

— Senhor — disse Bartsia, quando Manda-Chuva entrava —, é a terceira vez que passa por cima de minha autoridade. A polícia do Conselho não pode ser tratada assim. Lamento, mas terei de relatar o fato.

Manda-Chuva não respondeu e entrou no corredor.

— Esperem mais, se puderem — disse ao passar pelos machos. — Aquele pobre coelho não se aliviará tão cedo.

Pensou em sair à procura de Hyzenthlay, mas considerou mais prudente manter-se afastado. Ela sabia o que fazer, e quanto menos forem vistos juntos, tanto melhor. A cabeça de Manda-Chuva doía, por causa do calor, e ele só desejava ficar sozinho, em silêncio. Voltou à sua toca e dormiu.

38. O Trovão Estala

Agora, vento cego, soprai forte, gemei alto! A tempestade se forma, tudo é sobressalto!

Shakespeare, *Julius Caesar*

A tarde escureceu depressa. Pelo visto, não haveria crepúsculo. Na verde margem do rio. Avelreira estava sentado, inquieto, a imaginar o que ocorria em Efrafa.

— Ele lhe disse para atacar as sentinelas, enquanto os coelhos estivessem a comer, não foi? — disse para Kehaar. — E que fugiria com as mães, aproveitando-se do tumulto?

— Si, dizer isso, mas non acontecer. Pois, ele dizer eu ir embora, voltar esta noite.

— Nesse caso, ele insiste no plano. O problema é: quando os coelhos estarão a comer? Já está escurecendo. Prata, qual a sua opinião?

— Pelo que sei deles, por nada alterarão sua rotina — disse Prata. — Se tem medo de não chegarmos a tempo, por que não partir logo?

— Porque não faltam patrulhas. Quanto mais esperarmos lá, maior o risco. Se uma patrulha nos descobrir, antes de Manda-Chuva escapar de Efrafa, suspeitará que estamos ali com algum objetivo e, dado o alarme, o plano falhará inteiramente.

— Escute, Avelreira-rah — disse Amora-Preta. — Devemos chegar à ferrovia no mesmo instante que Manda-Chuva. Nem um minuto antes. Por que não levar o bando, agora, pelo rio, e aguardar sob a folhagem, perto do barco? Assim que Kehaar afugentar as sentinelas, poderá voltar aqui e nos avisar.

— Sim, é isso mesmo — respondeu Avelreira. — Mas logo que Kehaar nos avisar, não poderemos perder tempo. Manda-Chuva precisará de nossa ajuda imediata, bem como Kehaar.

— Bem, você, pelo menos, não estará em condições de uma corrida de fundo até o arco, com sua perna — disse Cinco-Folhas. — Melhor ficar no barco e roer a metade da corda, até voltarmos. Prata cuidará do resto, depois da luta — se é que haverá luta.

Avelreira hesitou.

— Mas alguns dos nossos vão-se ferir. Não posso ficar na retaguarda.

— Cinco-Folhas tem razão — disse Amora-Preta. — Você *terá* mesmo de esperar no barco, Avelreira. Não correremos o risco de vê-lo aprisionado pelos efrafianos. Além disso, é muito importante que a corda esteja meio solta... Trabalho para alguém de sensibilidade. A corda não deve partir-se antes do tempo, ou será o nosso fim.

Foi preciso tempo para persuadir Avelreira. Quando, afinal, concordou, ainda se mostrava relutante.

— Se Manda-Chuva não vier esta noite, irei buscá-lo, em qualquer lugar — disse. — Só Frith sabe o que já teria acontecido.

Ao subirem pela margem esquerda, o vento começou a soprar em quentes e espasmódicas rajadas, com um rumor de mil folhas através das junças. Havia atingido a ponte feita de troncos quando veio um

ribombar de trovão. A intensa e estranha luz, plantas e folhas pareciam enormes, e os campos além do rio, muito nítidos. Seguiu-se um silêncio opressivo.

— Sabe de uma coisa, Aweleira-rah? — disse Campainha. — Nunca me diverti tanto procurando uma fêmea.

— Espere e se divertirá mais ainda — disse Prata. — Haverá relâmpagos e chuva de trovoada. Eu lhes suplico: nada de pânico, do contrário não voltaremos a ver nossa coelheira. Vai ser um negócio muito arriscado — acrescentou, dirigindo-se a Aweleira. — Não gosto disso.

* * *

Manda-Chuva despertou em sobressalto. Seu nome era repetido com insistência nervosa.

— Thlayli! Thlayli! Acorde! Thlayli! Era Hyzenthlay.

— Que foi? — perguntou? — Que aconteceu?

— Nelthilta foi presa. Manda-Chuva pôs-se em pé, de um átimo.

— Há quanto tempo? O que houve?

— Agora mesmo. Numulária desceu à nossa toca e mandou-a imediatamente à presença de Cerefólio. Acompanhei-a pelo corredor.

Quando ela chegou à toca de Cerefólio, dois policiais do Conselho estavam à sua espera, do lado de fora, e um deles disse a Cerefólio: "Bem, não demore. Seja o mais rápido que puder." Em seguida, levaram-na. Devem ter ido ao Conselho. Ó Thlayli, que faremos? Ela lhes contará tudo...

— Escute — disse Manda-Chuva. — Não resta um momento a perder. Vá, reúna Thethuthinnang e as outras e venham para esta toca. Não estarei aqui, mas esperem calmamente até eu voltar. Não demorarei muito. Vamos! Tudo depende disso.

Hyzenthlay mal desaparecera no corredor quando Manda-Chuva ouviu outro coelho aproximar-se da direção oposta.

— Quem vem lá? — perguntou, virando-se com rapidez.

— Cerefólio — respondeu o outro. — É bom você estar acordado. Ouça, Thlayli, vai haver o diabo por aqui. Nelthilta foi presa pelo Conselho. Eu já esperava isso, depois de meu relatório a Vervain, esta manhã. Não importa o que ela saiba: vai soltar tudo direitinho. Acho que o próprio General comparecerá ao Conselho, assim que souber dos fatos. Agora, preste atenção: terei de ir à toca do Conselho. Você e Água-Benta fiquem aqui e distribuam as sentinelas. Não haverá *silflay*. É proibido sair, sem exceções. Todas as tocas devem receber dupla vigilância. Compreendeu bem as ordens?

— Já falou com Água-Benta?

— Não tive tempo de o procurar. Ele não está em sua toca. Vá você mesmo e alerte as sentinelas. Envie alguém à procura de Água-Benta e outro para dizer a Bartsia que Negrão não deve ser exibido esta tarde. Depois, fique postado nas tocas, e nos buracos de *hraka* também, com as sentinelas. Pelo que pude observar, existe uma conspiração em marcha. Prendemos Nelthilta o mais discretamente possível, mas a Marca não tardará a descobrir o que aconteceu. Se necessário, use de violência, percebe? Agora, vou sair.

— Está bem — disse Manda-Chuva. — Estou pronto.

Acompanhou Cerefólio até o fim do corredor. A sentinela na toca era Manjerona. Quando se afastou para Cerefólio passar, Manda-Chuva chegou-se por trás de Manjerona e perscrutou a obscuridade.

— Cerefólio já o instruiu? — perguntou. — O *silflay* será antecipado esta tarde, devido ao mau tempo. As ordens são para que comecemos logo.

Esperou a resposta de Manjerona. Se Cerefólio já lhe houvesse dito que ninguém devia sair, Manda-Chuva seria obrigado a enfrentá-lo. Mas, depois de um instante, Manjerona falou: — Já ouviu a trovoadá?

— Vamos logo com isso — respondeu Manda-Chuva. — Desça e mande Negrão subir com a escolta. Seja rápido. A Marca terá de sair logo, se quiser comer antes que a tempestade estale.

Manjerona desceu e Manda-Chuva apressou-se a voltar à sua própria toca. Hyzenthlay não perdera tempo. Três ou quatro fêmeas estavam na toca e, nas proximidades, Thethuthinnang encontrava-se agachada entre outras. Todas elas silenciosas e muito assustadas, e uma ou duas perto da estupefação e do terror.

— Não há tempo para explicações — disse Manda-Chuva. — Suas vidas dependem de ação pronta. Agora, ouçam bem. Negrão e os guardas vão subir. Manjerona provavelmente irá atrás, e vocês encontrem um meio de o entreter. Pouco depois, ouvirão rumores de luta, porque estarei atacando os guardas da escolta. Quando ouvirem isso, subam depressa e me acompanhem pelo campo. Não parem a pretexto de nada.

Ao terminar, ouviu o som inequívoco da aproximação de Negrão e da escolta. O passo trôpego e arrastado de Negrão era realmente inconfundível. Sem esperar resposta das fêmeas, Manda-Chuva voltou à boca da toca. Os três coelhos subiam em fila indiana, Bartsia à frente.

— Lamento tê-los incomodado a troco de nada — disse Manda-Chuva. — Acabo de saber que o *silflay* foi cancelado esta tarde. Examine a superfície, Bartsia, e verá a razão.

Quando Bartsia saiu para olhar o tempo, Manda-Chuva colocou-se rapidamente entre ele e Negrão.

— Bem, parece tempestuoso — disse Bartsia. — Mas eu não acho...

— *Agora*, Negrão! — gritou Manda-Chuva, e saltou sobre Bartsia, por trás.

Bartsia caiu fora do buraco, com Manda-Chuva em cima. Não era à toa que pertencia à Owslafa; tratava-se de um bom lutador. Ao rolarem pelo chão, virou-se e cravou os dentes no ombro de Manda-Chuva. Fora treinado para agarrar a presa e não soltá-la a qualquer custo. Mais de uma vez, no passado, isso lhe fora de grande valia. Mas a estratégia não resultava contra um coelho da força e da coragem de Manda-Chuva. A melhor oportunidade de Bartsia seria manter-se livre e usar as unhas. No entanto, agarrou-se ao adversário, como um cão, e Manda-Chuva, rosnando, levantou as patas traseiras, fincou os dentes no flanco de Bartsia e então, ignorando a dor no ombro, levantou o oponente. Sentiu os dentes de Bartsia rasgarem-lhe a carne, mas, pouco depois, estava a cavaleiro, com o adversário estrebuchando. Manda-Chuva pôs-se de pé. Pelo visto, Bartsia estava muito ferido. Ainda podia lutar, mas não podia erguer-se.

— Você tem sorte — disse Manda-Chuva, sangrando e praguejando. — Não vou matá-lo.

Sem esperar para ver o que Bartsia faria, saltou para trás, no buraco. Encontrou Negrão às voltas com o outro guarda. Logo atrás, Hyzenthlay subia com Thethuthinnang em suas pegadas. Manda-Chuva deu uma tremenda pancada na cabeça do guarda, que o atirou dentro do nicho do prisioneiro. O guarda levantou se, vacilante, e fitou Manda-Chuva sem uma só palavra.

— Não se mova — disse Manda-Chuva. — Do contrário, será pior. Negrão, você está bem?

— Sim, senhor — disse Negrão —, mas que faremos agora?

— Sigam-me, vocês todos. Vamos!

Dirigiu-se novamente à abertura. Não havia sinal de Bartsia, mas ao olhar para trás, a fim de se certificar de que os outros o seguiam, viu de relance a cara atônita de Água-Benta espiando de outro buraco.

— O Capitão Cerefólio precisa de você! — gritou, enquanto disparava pelo campo.

Ao atingir a moita de urtigas onde falara com Kehaar aquela manhã, o trovão estalou através do vale, além. Pingos grossos e quentes de chuva começaram a tombar. Ao longo do horizonte ocidental, nuvens mais baixas formavam uma única massa púrpura, contra a qual as árvores distantes pareciam miúdas e esgarçadas. Os contrafortes mais altos destacavam-se à luz: as terras distantes das montanhas agrestes. Cor de cobre, imponderáveis e imóveis, elas sugeriam uma fragilidade de vidro, semelhante ao nevoeiro. Quando o trovão as atingisse de novo, poderiam vibrar, tremer e partir-se, até que fragmentos cortantes, finos como pingentes de telo, deslizassem, reluzentes, das ruínas. Varando a luz ocre, Manda-Chuva era impelido por um frenesi de tensão e energia. Não sentia o ferimento no ombro. A tempestade estava dentro dele. A tempestade derrotaria Efrafa.

Estava em meio ao campo extenso, procurando ver o grande arco à distância, quando ouviu os primeiros rumores surdos da perseguição. Parou e olhou em volta. Não parecia haver coelhos dispersos. As fêmeas, cujo número ignorava, estavam ali, embora espalhadas. Coelhos em fuga tendem a correr afastados uns dos outros, e as fêmeas procuravam fugir o mais possível da toca. Se houvesse uma patrulha entre o grupo e a estrada de ferro, não a ultrapassariam, a menos que se mantivessem juntos. Teria de reunir os fugitivos, apesar da demora. Depois, outro pensamento assaltou-o. Se pudessem desaparecer de vista, os perseguidores ficariam atônitos, pois a chuva e a luz desfalecente dificultariam o avanço.

A chuva caía agora mais rápida e o vento soprava mais forte. Para o lado do poente, uma sebe estendia-se pelo campo na direção da ferrovia. Manda-Chuva viu Negrão perto e correu para ele.

— Quero ver todo mundo do outro lado daquela sebe — disse. — Pode reunir algumas fêmeas e conduzi-las até lá?

Lembrou-se que Negrão ignorava tudo, exceto o fato de estarem a fugir. Não havia tempo de explicar a presença de Aveleira e do rio.

— Corra para o freixo na sebe e continue, com as fêmeas que puder levar, na mesma direção. Passe para o outro lado e me espere. Chegarei o mais cedo possível.

Naquele instante, Hyzenthlay e Thethuthinnang chegaram a correr, seguidas por duas ou três fêmeas. Estavam bastante confusas e vacilantes.

— Está ouvindo o rumor de pés, Thlayli? — arquejou Thethuthinnang. — Eles se aproximam!

— Então, corram — disse Manda-Chuva. — E fiquem perto de mim.

Eram bons corredores, melhores do que esperava. Quando dispararam para o freixo, outras fêmeas juntaram-se ao bando e Manda-Chuva julgou o número suficiente para enfrentar uma patrulha, se não fosse uma patrulha numerosa. Depois de passarem a sebe, ele virou-se para o sul e, sem se afastar muito da sebe, conduziu o bando pelo declive abaixo. À sua frente surgiu o arco na ribanceira coberta de vegetação. Será que Aveleira estaria ali? E por onde andava Kehaar?

— Muito bem. E o que acontecerá em seguida, Nelthilta? — perguntou o General Vulnerária. — Conte tudo, sem esquecer um pormenor, porque você já está bastante comprometida. Deixe-a em paz, Vervain. Ela não pode falar em meio às suas bofetadas, seu tolo.

— Hyzenthlay disse... ui! ui!... disse que um pássaro grande atacará as sentinelas do Owsla, e nós fugiremos na confusão. E depois...

— Ela disse que um *pássaro* atacaria as sentinelas? — interrompeu Vulnerária, intrigado. — Está falando a verdade? Que espécie de pássaro?

— Eu não... não sei — arquejou Nelthilta. — O novo oficial ... ela disse que o novo oficial lhe contara que o pássaro...

— O que *você* sabe a respeito de um pássaro? — disse Vulnerária, voltando-se para Cerefólio.

— Eu relatei o incidente, senhor — respondeu Cerefólio. — Não se esqueça que eu disse que o pássaro...

Houve rumor do lado de fora do apinhado Conselho e Água-Benta entrou apressado.

— O novo oficial, senhor! Ele desapareceu! Levou muitas fêmeas da Marca. Pulou em cima de Bartsia e quebrou-lhe a perna, senhor! Negrão fugiu também. Não pudemos detê-lo. Só Frith sabe quantos coelhos desapareceram com ele. Thlayli... tudo obra de Thlayli!

— Thlayli? — gritou Vulnerária. — *Embleer* Frith, eu lhe vazarei os olhos quando o apanhar! Cerefólio, Vervain, Água-Benta... e vocês dois também... venham comigo. Para onde ele foi?

— No rumo da encosta, senhor — respondeu Água-Benta.

— Mostre a direção que ele tomou — disse Vulnerária.

Ao saírem do Crixá, dois ou três oficiais efrafianos pararam à vista da luz obscura e da chuva cada vez mais intensa. Mas a presença do general era ainda mais alarmante. Parando apenas para fazer soar o sinal de fuga, seguiram-no na direção da estrada de ferro.

Dentro em pouco descobriram traços de sangue que a chuva ainda não apagara. Acompanharam os indícios até o freixo, na sebe, e depois para oeste da coelheira.

Manda-Chuva saiu do outro lado do arco da ferrovia, sentou-se e olhou em redor. Não havia sinal de Aveleira ou de Kehaar. Pela primeira vez desde que atacara Bartsia, começou a sentir-se vacilante e inquieto. Teria Kehaar compreendido sua mensagem criptológica, aquela manhã? Alguma desgraça caíra sobre Aveleira e o bando? E se estivessem mortos, despedaçados? E se não restasse um único companheiro para ir ao seu encontro? Ele, Manda-Chuva, e as fêmeas vagueariam pelos campos, até serem caçados pelas patrulhas de Efrafa.

"Não, as coisas não chegarão a tal ponto", disse Manda-Chuva a si mesmo. "Na pior das hipóteses, cruzaremos o rio e tentaremos nos esconder no bosque. Maldição! A empresa será mais penosa do que eu pensava. Bom: tentarei, ao menos, levar os fugitivos à ponte feita de troncos. Se não formos alcançados logo, talvez a chuva desencoraje os que nos perseguem, embora eu tenha cá as minhas dúvidas."

Virou-se para as fêmeas que esperavam sob o arco. A maioria dava mostras de desnorteamento. Hyzenthlay lhes prometera que seriam protegidas por um grande pássaro e que o novo oficial descobriria uma maneira secreta de escapar à perseguição — um truque que derrotaria até mesmo o general. Essas coisas não haviam acontecido. As fêmeas estavam ensopadas. A chuva corria, em pequenos regatos, através do arco, descendo da encosta da colina, e a terra nua começava a virar lama. À sua frente nada se divisava, a não ser uma trilha que, penetrando entre moitas de urtigas, desembocava em outro campo largo e deserto.

— Vamos — disse Manda-Chuva. — Não é longe e dentro em pouco estaremos em segurança. Por aqui.

Todos os coelhos obedeceram-no imediatamente. Conseqüência feliz da disciplina efraciana, pensou Manda-Chuva com amargura, enquanto deixavam o arco da ferrovia e enfrentavam a força da chuva.

Em um dos lados do campo, além dos olmos, tratores haviam cavado uma trilha larga e plana, descendo a ligeira elevação até a campina pantanosa mais embaixo — a mesma vereda que ele percorrera três noites atrás, depois de deixar Aveleira junto ao barco. Agora, a trilha tornava-se lamacenta — um caminho desfavorável a coelhos —, mas, pelo menos, dirigia-se diretamente ao rio e, sem vegetação alta, permitia que Kehaar os localizasse, se é que Kehaar pretendia aparecer.

Mal havia começado a correr outra vez quando um coelho se interpôs.

— Pare, Thlayli! Que anda fazendo aqui? Para onde vai?

Manda-Chuva previra, de certa forma, o aparecimento de Candelária, e se preparara para matá-lo se necessário. Mas agora, ao vê-lo ali ao lado, enfrentando com firmeza e tempestade e a lama, conduzindo com determinação sua patrulha constituída de quatro coelhos fortes, e interpondo-se no caminho de desertores desesperados, só pôde sentir pena por serem inimigos. Gostaria de levar Candelária para longe de Efrafa.

— Afaste-se — disse. — Não tente nos deter, Candelária. Não quero fazer-lhe mal.

Olhou para o outro lado.

— Negrão, mantenha as fêmeas unidas. Se alguém perder-se, a patrulha o apanhará com facilidade.

— Melhor desistir logo — disse Candelária, ainda correndo ao seu lado. — Não o perderei de vista em hipótese alguma. Uma patrulha está vindo aí atrás. Ouvi o sinal. Quando chegar aqui, você não terá a menor possibilidade de êxito. Além disso, você está sangrando muito.

— Diabos o levem! — gritou Manda-Chuva, atacando-o. — Você sangrará também antes que me matem.

— Posso cuidar dele, senhor? — perguntou Negrão. — Ele não me vencerá uma segunda vez.

— Não — respondeu Manda-Chuva. — Candelária quer apenas nos atrasar. Continue a correr.

— Thlayli! — gritou Thethuthinnang, de súbito, atrás. — O general! O general! Puxa vida, que faremos agora?

Manda-Chuva olhou para trás. O cenário, de fato, inspirava terror aos mais bravos. Vulnerária atingira o arco, à frente de seus acompanhantes, e corria agora em sua direção, rosnando enfurecido. Atrás, a patrulha. Num rápido olhar, Manda-Chuva identificou Cerefólio, Água-Benta e Tasneirinha. Com eles, vários outros, incluindo um coelho robusto, de aparência selvagem, que ele supôs ser Vervain, o chefe da polícia do Conselho. Manda-Chuva pensou com rapidez que, se corresse logo, e sozinho, os perseguidores provavelmente o deixariam ir, sentindo-se felizes em se livrar dele. A alternativa era

deixar-se matar. Nesse instante, Negrão falou.

— Não importa, senhor — disse. — O senhor fez o melhor que podia, e quase conseguiu êxito. Poderemos matar um ou dois antes que nos acabem. Algumas fêmeas também lutarão satisfatoriamente, se forem estimuladas.

Manda-Chuva esfregou o focinho contra a orelha mutilada de Negrão e sentou-se nas ancas, enquanto Vulnerária se aproximava.

— Sua besta nojenta — disse Vulnerária. — Disseram-me que você atacou um policial do Conselho e quebrou-lhe a perna. Vamos ajustar contas aqui mesmo. Não há necessidade de levá-lo a Efrafa.

— Seu velho gagá! Seu explorador de escravos! — respondeu Manda-Chuva. — Gostaria que você tentasse.

— Muito bem — disse Vulnerária. — Chega de conversa fiada. Vervain, Candelária, cerquem-no. Vocês aí, levem estas fêmeas de volta à coelheira. O prisioneiro fica por minha conta.

— Frith é testemunha! — exclamou Manda-Chuva. — Você não é digno de ser chamado coelho! Que Frith varra da face da Terra você e seu maldito Owsla!

Naquele instante, a garra deslumbrante de um relâmpago feriu toda a extensão do céu. A sebe e as árvores distantes pareceram saltar para a frente, em meio ao brilho intenso e repentino. Imediatamente veio o trovão: um ribombo estalou, como se uma coisa monstruosa estivesse a ser feita em pedaços, acima, dissolvendo a abóbada. Em seguida, a chuva caiu em cataratas. Dentro de segundos o chão ficou coberto de água, formando-se miríades de poças espelhantes. Estupificados pelo choque, incapazes de se mexer, os coelhos ensopados agacharam-se, inertes, quase presos à terra pela chuva.

Um débil aviso irrompeu no espírito de Manda-Chuva. "Sua tempestade, Thlayli-rah. Aproveite." Ofegante, libertou-se e empurrou Negrão com o pé.

— Vamos — disse —, pegue Hyzenthlay. Temos de prosseguir. Sacudiu a cabeça, tentando tirar a chuva dos olhos. Então, já não era Negrão que estava agachado à sua frente, mas Vulnerária, ancorado na chuva e na lama, arranhando o lodo com suas grandes unhas.

— Eu mesmo o matarei — disse Vulnerária. Arreganhou os compridos dentes da frente, semelhantes aos colmilhos de um rato. Receoso, Manda-Chuva observou-o aproximar-se. Sabia que Vulnerária, com toda a vantagem do peso, saltaria e tentaria enlaçá-lo. Devia tentar evitá-lo e confiar em suas garras. Desviou-se com alguma dificuldade e sentiu que escorregava na lama. Por que Vulnerária não pulava logo? Então, percebeu que Vulnerária já não olhava para ele, mas para algo acima de sua cabeça, além, algo que Manda-Chuva não podia ver. De repente, Vulnerária saltou para trás e, no mesmo momento, através do som envolvente da chuva, ouviu-se um ruído rouquenho.

— Yark! Yark! Yark!

Uma coisa branca atacava Vulnerária, que cobria a cabeça, protegendo-a o melhor que podia. Em seguida, a coisa desapareceu, voando, e fez uma volta na chuva.

Sentimentos e visões giravam na cabeça de Manda-Chuva, como um sonho. As coisas que aconteciam não pareciam ligadas a fatos concretos, salvo aos seus próprios sentidos amortecidos. Ouvia Kehaar gritar quando mergulhou outra vez contra Vervain. Sentiu a chuva pingar fria na ferida aberta em seu ombro. Através da cortina de chuva, viu Vulnerária recuar por entre seus oficiais e instá-los a correr para a vala à margem do campo. Viu Negrão atacar Candelária e Candelária pôr-se a correr. Então, alguém ao seu lado dizia: — Manda-Chuva! Manda-Chuva! Quais são as instruções?

Era Prata.

— Onde está Aveleira?

— Esperando no barco. Puxa, você está ferido! O que...

— Nesse caso, leve as fêmeas para lá — disse Manda-Chuva.

A confusão era total. Sozinhas ou em grupos de duas, as fêmeas, completamente transtornadas e se movendo com extrema dificuldade, incapazes de entender o que lhes era dito, eram impelidas a avançar pelo campo escorregadio. Outro coelhos começavam a aparecer entre a chuva: Bolota, visivelmente intimidado, mas decidido a não fugir; Dente-de-Leão encorajando Panelinha; Verônica e Bico de Falcão dirigindo-se para onde estava Kehaar — a única criatura visível acima do chão obscurecido. Manda-Chuva e Prata conseguiram reunir os coelhos machos e fazê-los entender que teriam de proteger as fêmeas, evitando sua dispersão.

— Vá para onde está Amora-Preta, vá para onde está Amora-Preta — Prata insistia em repetir. — Deixei três ou quatro coelhos em lugares diferentes, para assinalar o caminho — explicou a Manda-Chuva. — Amora-Preta é o primeiro, depois vem Campainha, em seguida Cinco-Folhas... Ele está perto do rio.

— Já *estou* vendo Amora-Preta — disse Manda-Chuva.

— Então, você conseguiu — disse Amora-Preta, estremeando. — Foi muito difícil? Puxa, seu ombro...

— Ainda não acabou — disse Manda-Chuva. — Todos já passaram?

— Você é o último — disse Amora-Preta. — Podemos ir agora? Esta tempestade me aterroriza!

Kehaar pousou ao lado.

— Sanhur Manda-Chuva — disse —, eu voar sobre malditos coelhos, mas coelhos não fugir, coelhos entrar vala. Eu não poder pegar. Coelhos voltar.

— Não desistirão facilmente — disse Manda-Chuva. — Estou lhe dizendo, Prata: eles não tardam a cair outra vez em cima de nós. Pretendem ocultar-se no brejo. Bolota, afaste-se da vala!

— Vamos para onde está Campainha! Para onde está Campainha! — repetia Prata, correndo de um lado para outro.

Encontraram Campainha à margem do fundo do campo. Tinha os olhos quase vidrados, pronto para fugir.

— Prata — disse Campainha — vi um bando de coelhos... estranhos, efracianos, suponho... saindo da vala lá em cima e correndo para o brejo. Agora estão às nossas costas. Um deles é o maior coelho que já vi.

— Então não fique aí parado — disse Prata. — A próxima sentinela é Verônica. Quem vem lá? Ah, Bolota com duas fêmeas. Todos estão aqui. Vamos embora.

Faltava pouca distância para o rio, mas entre os trechos enlameados e cobertos de juncos, arbustos, ciperáceas e atoleiros, era-lhes quase impossível encontrar a direção certa. Na expectativa de serem atacados a qualquer instante arrastaram-se e patinharam através da vegetação, encontrando ora uma fêmea de Efrafa, ora um coelho do seu próprio bando, e forçando-os a prosseguir. Sem Kehaar, certamente teriam perdido o contato entre si e talvez nunca alcançassem o rio. A gaivota continuava a voar, para frente e para trás, ao longo da linha reta até a margem do rio, pousando apenas para guiar Manda-Chuva e fazê-lo encontrar uma fêmea perdida.

— Kehaar — disse Manda-Chuva, enquanto aguardava a aproximação de Thethuthinnang, que abria

caminho por entre uma moita meio destroçada de urtigas —, quer ver se localiza os efracianos? Não devem estar distantes. Mas por que não nos atacaram? Espalhados como estamos seria fácil. Qual a intenção deles?

Kehaar voltou em pouco tempo.

— Estão ocultos no punte — disse —, sob arbustos. Eu descer, mas coelho grande querer enfrentar eu.

— Foi mesmo? Tenho de reconhecer que aquele brutamontes possui coragem.

— Eles esperar vocês passar rio ali, ou seguir margem. Eles não saber varco. Vocês agora perto varco.

Cinco-Folhas chegou correndo.

— Coloquei alguns dentro do barco, Manda-Chuva, mas a maioria não confia em mim. Querem saber onde *você* está.

Manda-Chuva seguiu-o e penetrou na vereda perto da margem. Toda a superfície do rio estremecia e se espelhava debaixo da chuva. Mas o nível das águas parecia não haver crescido ainda. O barco estava como antes — uma extremidade contra a margem, a outra na corrente. Na parte erguida, ou seja, na extremidade mais próxima, Aveleira encontrava-se agachado, as orelhas arriadas e o pêlo escorrido e completamente preto devido à chuva. Segurava a corda esticada nos dentes. Bolota, Hyzenthlay e mais dois estavam agachados perto dele, mas o resto espalhava-se, em desordem, pela margem. Amora-Preta procurava, sem êxito, persuadi-lo a entrar no barco.

— Aveleira tem medo de soltar a corda — disse Amora-Preta a Manda-Chuva. — Aparentemente, já roeu quase tudo. As fêmeas dizem que só recebem ordens suas. Você é o seu oficial.

Manda-Chuva virou-se para Thethuthinnang.

— Este é o truque mágico de que lhe falei. Leve as fêmeas para dentro, onde Hyzenthlay está sentada, sim? Todo mundo, e com rapidez.

Antes que ela respondesse, outra fêmea soltou um guincho de terror. A pouca distância, rio abaixo, Candelária e sua patrulha emergiram dos arbustos e avançaram pela vereda. Da direção oposta, Vervain, Cerefólio e Tasneirinha avançavam também. A fêmea voltou-se e disparou logo para a vegetação às suas costas. Mal a atingiu, o próprio Vulnerária apareceu-lhe no caminho, desferindo-lhe vigoroso golpe na cara. A fêmea retrocedeu outra vez e correu cegamente pela vereda, entrando no barco.

Manda-Chuva percebeu que, desde o momento em que Kehaar o atacara no campo, Vulnerária não somente retomara o controle sobre seus oficiais, como formulara um plano e o pusera em prática. A tempestade e o avanço árduo haviam assustado e desorganizado os fugitivos. Vulnerária, por outro lado, levava seus coelhos para a vala, e dali pudera atingir o brejo, a salvo de outros ataques de Kehaar. Daquele ponto, deve ter ido diretamente à ponte de troncos, que evidentemente conhecia, e permanecido de atalaia. Mas assim que verificou que, por algum motivo, os fugitivos não pretendiam utilizar a ponte, enviara Candelária para cortar-lhes a retaguarda. E Candelária fizera isto sem erro nem demora. Agora Vulnerária queria enfrentá-los, ali na margem. Sabia que Kehaar não era onipresente e que os arbustos e a vegetação rasteira ofereciam suficiente cobertura, em caso de emergência. Certamente o outro lado tinha coelhos duas vezes mais numerosos, mas a maioria deles temiam-no e nenhum fora treinado com o rigor de um oficial efraciano. Agora que os imobilizara contra o rio, podia pegar e matar o maior número possível. O resto fugiria, podendo ser caçado depois.

Manda-Chuva compreendeu afinal por que os oficiais de Vulnerária obedeciam-no e lutavam como

lhes era ordenado.

"Ele nada tem de coelho", pensou. "Fugir é a última coisa em que pensaria. Se eu soubesse, três noites atrás, o que agora sei, não acredito que, por minha própria vontade, tivesse entrado em Efrafa. Será mesmo que ele não pensou no barco? Não me causaria surpresa se houvesse pensado."

Disparou pela relva e pulou para bordo, ao lado de Aveleira.

O aparecimento de Vulnerária conseguira o efeito que Amora-Preta e Cinco-Folhas buscavam em vão. Cada uma das fêmeas correu da margem para o barco. Amora-Preta e Cinco-Folhas seguiram-nas. Vulnerária, acompanhando-os de perto, alcançou a margem da ribanceira e ficou face a face com Manda-Chuva. Quando se punha de pé, Manda-Chuva ouviu Amora-Preta, logo atrás, avisar nervosamente a Aveleira:

— Dente-de-Leão não está aqui. É o único que falta. Aveleira falou pela primeira vez.

— Teremos de deixá-lo atrás. É vergonhoso isso, mas aqueles bandidos cairão sobre nós a qualquer instante e não poderemos evitá-los.

Manda-Chuva falou sem tirar os olhos de Vulnerária.

— Espere mais um pouco, Aveleira. Eu os manterei à distância. Não podemos abandonar Dente-de-Leão.

Vulnerária rosou para ele.

— Confiei em você, Thlayli — disse. — Agora, pode confiar em mim. Ou entrarão no rio ou serão reduzidos a pedaços, aqui mesmo. Vocês todos. Não há alternativa.

Manda-Chuva avistou Dente-de-Leão, de relance, entre a vegetação fronteira. Estava perplexo.

— Tasneirinha! Vervain! — chamou Vulnerária. — Venham cá, imediatamente. Quando eu der ordem, avançaremos. Quanto àquele pássaro, não é perigoso...

— Aí vem ele! — gritou Manda-Chuva.

Vulnerária olhou rapidamente para cima e saltou para trás. Dente-de-Leão disparou de entre os arbustos, cruzou a vereda com a rapidez de um raio e saltou para o barco, ao lado de Aveleira. No mesmo instante, a corda partiu-se e imediatamente o pequeno batel começou a mover-se ao longo da margem, na corrente uniforme. Depois de avançar alguns metros, a popa girou devagar para dentro do rio, até que a embarcação bordejou a corrente. Nessa posição, encaminhou-se para o meio do rio, no rumo do sul.

Olhando para trás, a última coisa que Manda-Chuva avistou foi a cara do General Vulnerária fitando o nó no salgueiro onde o barco estivera preso. Manda-Chuva lembrou-se do francelho que, em Watership Down, atirara-se contra a boca da toca, mas não pegara o rato.

Parte IV - AVELEIRA-RAH



39. As Pontes

Dança, barqueiro, canta, barqueiro. O barqueiro faz quase tudo. Dança, barqueiro, dança.
Dança a noite toda, até de madrugada,
E de manhã leva as moças para casa. Ei, ô, rema, barqueiro,
Navegando pelo rio do Ohio.

Canção Folclórica Americana

Em outros rios, o plano de Amora-Preta provavelmente não daria certo. O barco não teria largado da margem ou, se tivesse, voltaria à terra ou seria contido por raízes ou outros obstáculos. Mas ali, no Test, não havia ramos submersos, pedras à flor da água ou raízes à superfície. De margem a margem, a correnteza, regular e invariável, fluía com a rapidez do passo de um homem. O barco deslizou, rio abaixo, suavemente, sem qualquer alteração da velocidade que ele ganhara poucos metros depois de deixar a margem.

A maior parte dos coelhos tinha pouco conhecimento do que se passava. As fêmeas efracianas nunca viram um rio antes e era impossível, a Panelinha e Bico de Falcão, explicar-lhes que estavam numa embarcação. Eles — e quase todos os demais — haviam confiado cegamente em A veleira e feito o que lhes mandaram. Mas todos, machos e fêmeas, percebiam que Vulnerária e seus sequazes haviam desaparecido. Preocupados com os acontecimentos anteriores, os coelhos encharcados agacharam-se sem falar, incapazes de outro sentimento que não um alívio completo, e sem forças sequer para perguntar o que os esperava.

Que sentissem alívio, completo ou parcial, era fato notável naquelas circunstâncias, demonstrando que entendiam pouco de sua situação e, ao mesmo tempo, sentiam um medo pânico de Vulnerária, pois a fuga lhes parecia ainda puro golpe de boa sorte. A chuva ainda tombava. De tão molhados, já não a sentiam, e o pêlo encharcado pesava. O barco de fundo chato acumulara pelo menos um centímetro de água da chuva. O pequeno assoalho de tábuas também flutuava. Alguns coelhos, na primeira confusão do embarque, haviam entrado na água ali acamada — mas agora procuravam lugares secos: a maioria na proa ou na popa, embora Thethuthinnang e Verônica estivessem acorados no estreito banco de remador, a meia-nau. Além do desconforto, sentiam-se expostos e desamparados. Finalmente, não havia maneira de controlar o barco, nem sabiam para onde navegavam. Mas estas, em suma, eram preocupações além do entendimento de todos, salvo de Aveleira, Cinco-Folhas e Amora-Preta.

Manda-Chuva deitara-se ao lado de Aveleira, sobre um flanco, completamente exausto. A coragem febril que o tirara de Efrafa em direção ao rio desaparecera, e seu ombro ferido começava a doer mais forte. Apesar da chuva e do latejar na perna dianteira, sentia-se disposto a dormir onde estava, estirado na madeira. Abriu os olhos e olhou Aveleira.

— Eu não faria isso outra vez, Aveleira-rah — disse.

— Não será preciso — respondeu Aveleira.

— Foi um golpe de pura sorte — disse Manda-Chuva. — Uma oportunidade em mil.

— Os filhos de nossos filhos herdarão uma boa história — observou Aveleira, citando um provérbio dos coelhos. — Como se feriu dessa maneira? É um fermento mau.

— Lutei com um policial do Conselho.

— Um o quê?

O termo "Owslafa" era desconhecido de Aveleira.

— Uma besta nojenta semelhante a Hufsa — disse Manda-Chuva.

— Venceu-o?

— Claro que sim... ou eu não estaria agora aqui. Acho que ele parou de correr. Bem, Aveleira-rah, conseguimos as fêmeas. Que virá depois?

— Não sei — disse Aveleira. — Será preciso que um desses coelhos videntes nos diga. E Kehaar... para onde foi? Provavelmente ele conhece esta coisa em que estamos sentados.

Dente-de-Leão, agachado junto de Aveleira, ergueu-se à menção de *coelhos videntes*, avançou pelo chão empoçado do barco e voltou com Amora-Preta e Cinco-Folhas.

— Queremos saber o que acontecerá agora — disse Aveleira.

— Bem — respondeu Amora-Preta. — Creio que chegaremos à margem, dentro em breve, e sairemos em busca de abrigo. Não seria mau a gente se afastar um bocado daqueles amigos de Mandachuva.

— O problema — disse Aveleira — é que estamos aqui, tolhidos, sem poder correr. Se um homem nos descobrir, será o nosso fim.

— Homens não gostam de chuva — disse Amora-Preta. — Nem eu, mas a chuva nos protege agora.

Nesse momento, Hyzenthlay, sentada logo atrás, levantou-se e olhou o céu.

— Perdão, senhor, por o interromper — disse, como se falasse a um oficial em Efrafa —, mas o pássaro — o pássaro branco — está voltando.

Kehaar chegou voando sobre o rio, em meio à chuva, e pousou na estreita borda da embarcação. As fêmeas perto dele recuaram nervosamente.

— Sanhur Azeleira, punte perto. Sanhur ver punte?

Os coelhos não haviam percebido que flutuavam lateralmente à vereda que haviam percorrido aquela tarde, antes da tempestade desabar. Estavam do lado oposto da sebe ao longo da ribanceira, e o rio inteiro parecia-lhes diferente. Mas agora viam, não muito longe, a ponte que haviam atravessado quando pela primeira vez chegaram ao Test, quatro noites atrás. Reconheceram logo a ponte pois ela tinha a mesma aparência.

— Talvez passar por baixo, talvez non — disse Kehaar. — Aqui sentados, perigo.

A ponte estendia-se de margem a margem entre dois baixos pilares. Não era arqueada. Seus lados inferiores, feitos de vigas de ferro, eram retos, paralelos à superfície e a cerca de vinte centímetros da água. Aveleira viu logo o que Kehaar queria dizer. Se o barco passasse sob a ponte sem tocá-la, não restaria espaço para a largura de uma pata. Qualquer criatura acima do nível das bordas seria atingida e talvez atirada ao rio. Correu pela água quente acumulada no fundo do barco, até a outra ponta, abrindo caminho entre os coelhos apinhados.

— Deitem-se no fundo! Deitem-se no fundo! Prata, Bico de Falcão, todo mundo. Você aí, qual o seu nome? Ah, Negrão, não é? Obrigue todos a se deitarem. Rápido. Esqueçam a água.

A exemplo de Manda-Chuva, verificou que os coelhos efracianos o obedeciam imediatamente. Viu Kehaar voar de seu poleiro e desaparecer sobre as grades de madeira. Os pilares de concreto projetavam-se de cada margem, de forma que o rio, afunilado, corria mais rápido sob a ponte. O barco, que vinha bordejando, avançou então em linha reta; Aveleira perdeu o sentido de orientação, pois já não olhava a ponte, mas a margem. Enquanto hesitava, a ponte parecia cegar-se numa massa indistinta, qual neve deslizando por entre galhos. Colou-se ao fundo do barco. Houve um guincho — e um coelho caiu-lhe em cima. Em seguida, uma pancada que vibrou ao comprido do barco, cujo suave deslizar foi contido. A isso seguiu-se um som cavo de raspagem. Escureceu e um teto surgiu, muito baixo, por cima de Aveleira, dando-lhe a repentina impressão de que estava entocado. Depois o teto desapareceu, o barco continuou a deslizar e ele ouviu Kehaar chamando. Encontravam-se sob a ponte e ainda a descer o curso do rio.

O coelho que caíra em cima dele era Bolota. Fora atingido pela ponte e a pancada fizera-o perder o equilíbrio. Contudo, embora transtornado e machucado, parecia ileso.

— Fui muito lento, Aveleira-rah — disse. — Deveria treinar cm Efrafa.

— Seus méritos não seriam reconhecidos — disse Aveleira. — Receio, porém, que alguém na outra extremidade não tenha sido muito feliz.

Uma das fêmeas não se abaixara bem, no fundo do barco, e uma viga sob a ponte pegara-a pelas costas. Ficara ferida, mas Aveleira não sabia em que grau. Viu Hyzenthlay ao seu lado, e pareceu-lhe que, já que não podia oferecer ajuda nas atuais circunstâncias, melhor deixá-las sozinhas. Examinou seus encharcados e trêmulos companheiros e depois Kehaar, apumado e satisfeito na popa.

— Temos de voltar à margem, Kehaar — disse. — Mas como? Coelhos ignoram estas coisas, você bem sabe.

— Non parar varco. Haver outra punte mais. Punte parar varco.

Nada a fazer, portanto, senão esperar. Deslizando, chegaram a um segundo cotovelo, onde o rio se desviava para oeste. A corrente não diminuía de velocidade e o barco rodeou o cotovelo quase no meio da correnteza, girando sobre si mesmo. Os coelhos, assustados com o que havia ocorrido com Bolota e a fêmea, permaneciam agachados, com água pela cintura, em lamentável disposição, de espírito. Aveleira voltou ao banco de remador e olhou à frente.

O rio alargava-se e a corrente tornava-se menos veloz. Ele percebeu que começavam a navegar em ritmo mais vagaroso. A ribanceira mais próxima era alta e as árvores muito juntas e grossas, porém, na margem mais distante, o terreno era baixo e raso. Relvado, espalhava-se até longe, suave como os campos segados de Watership Down. Aveleira esperava um meio de sair da correnteza e alcançar aquele lado, mas o barco avançava, agora tranqüilamente, no centro exato de um largo poço. A margem passou e as árvores voltaram a dominar, altaneiras, os dois lados. Rio abaixo, o poço era enclausurado pela segunda ponte da qual Kehaar havia falado.

Uma velha ponte, construída de tijolos enegrecidos. Estava coberta de hera bem como de valeriana e rastejante linho bravo cor de malva. De cada margem destacavam-se quatro arcos baixos — semelhantes a galerias, cada uma penetrada pela corrente que subia cerca de trinta centímetros. Através delas, perpassavam feixes de luz do dia, procedentes do jusante. Os pilares não se projetavam, mas, contra cada um deles, viam-se montes de fragmentos, dos quais ervas flutuantes e pedaços de madeira escapavam para serem transportados através da ponte.

Estava claro que o barco se chocaria contra a ponte e seria detido. Quando ele se aproximou da ponte, Aveleira agachou-se bem contra o fundo. Mas, desta feita não havia necessidade de proteção.

Bordejando, o barco bateu de leve contra dois dos pilares e parou, pondo-se a girar na boca de uma das galerias centrais. Não podia ir adiante.

Não haviam navegado um quilômetro em cerca de quinze minutos.

Aveleira pôs as patas dianteiras na borda mais baixa e olhou atentamente a superfície. Logo embaixo um baixio encrespado espalhava-se pela linha d'água, onde a corrente enfrentava o madeiramento. Muito longe para um salto até a margem, e, além disso, as duas margens eram íngremes. Virou-se e olhou para cima. A estrutura de tijolos era abrupta, com um trecho proeminente a meia distância entre Aveleira e o parapeito. Impossível subir por ali.

— Que fazer, Amora-Preta? — perguntou, avançando para o parafuso fixo no banco, com uns restos de pintura descascada. — Você nos meteu nesta coisa. Como sair agora?

— Não sei, Aveleira-rah — respondeu Amora-Preta. — Pensei em tudo, menos nessa situação. Parece que teremos de nadar.

— Nadar? — disse Prata. — Nem pense nisso, Aveleira-rah. Sei que a distância é curta, mas olhe só aquelas margens. A corrente nos arrastará antes de sairmos da água. *li* cairemos num daqueles buracos da ponte.

Aveleira procurou olhar através do arco. Havia pouco a ver. O túnel escuro não era comprido — talvez não mais comprido que o próprio barco. A água parecia calma. Não se viam obstáculos e havia espaço para a cabeça de um animal a nadar, entre a superfície da água e o ponto mais alto do arco. Mas o segmento era tão estreito que não se podia ver exatamente o que havia do outro lado da ponte. A luz, por outro lado, escasseava. Água, folhas verdes, reflexos movediços de folhas, as cintilações de gotas de chuva e uma coisa curiosa que parecia levantar-se da água e ser feita de linhas cinzentas e verticais — eis o quadro. A chuva ecoava fracamente na galeria. O firme e rangente ruído que subia do soffito, completamente diverso de qualquer ruído ouvido num túnel de terra, era impressionante. Aveleira procurou Amora-Preta e Cinco-Folhas.

— A maior enrascada em que já nos metemos — disse. — Não podemos ficar e não temos meio de sair.

Kehaar apareceu no parapeito acima, sacudiu a chuva das asas e pousou no barco.

— Varco findar agora — disse. — Non esperar mais.

— Mas como poderemos atingir a margem, Kehaar? — perguntou Aveleira.

A gaivota ficou surpresa.

— Cão nadar, rato nadar. Vocês non nadar?

— Sim, podemos nadar, desde que não muito. Más as margens são muito íngremes para nós, Kehaar. Não poderíamos impedir que a corrente nos arrastasse a um daqueles túneis, e, ademais, ignoramos o que há do outro lado.

— Ser bom. Vocês sair bem.

Aveleira ficou indeciso. O que deduzir exatamente de tais palavras? Kehaar não era um coelho. A Água Grande, fosse lá o que fosse, devia ser pior do que aquilo ali, e Kehaar sentia-se, portanto, à vontade. Ele nunca dissera muito, e o que dissera restringia-se ao mais simples, já que não se exprimia no idioma dos coelhos. Prestava-lhes bom serviço porque lhes tinham salvo a vida, mas, como Aveleira não ignorava, não deixava de os desprezar como criaturas tímidas, desamparadas, que não saem de casa — criaturas, em suma, incapazes de voar. Muitas vezes dava mostras de impaciência. Pretendera dizer,

por acaso, que examinara bem o rio e o considerava do ponto de vista de um coelho? Que havia água calma logo atrás da ponte, com uma ribanceira baixa que poderiam escalar facilmente? Parecia bom demais. Ou quisera dizer, ao contrário, que o tempo corria e deviam assumir o risco, fazendo o que ele próprio, Kehaar, faria sem maior dificuldade? Isso parecia mais provável. Na suposição de que um deles saltasse do barco e descesse o rio, impelido pela correnteza — que adiantaria isso para os outros, caso não voltasse?

O pobre Aveleira olhou em volta. Prata lambia o ombro ferido de Manda-Chuva. Amora-Preta andava agitado pelo fundo do barco, sentindo claramente tudo quanto se passava no espírito de Aveleira. Como ele ainda hesitasse, Kehaar soltou um grito rouco.

— Yark! Malditos coelhos. Eu fazer, eu mostrar. Despencou da proa. Não havia distância entre o barco e a boca escura da galeria. Sentado na água, qual pato bravo, entrou flutuando no túnel e desapareceu. Olhando bem, Aveleira nada pôde ver a princípio. Depois, percebeu a forma escura de Kehaar contra a luz, na outra extremidade. A ave flutuava à luz do dia, afastava-se para um lado e saía do limitado campo de visão.

— Isto nada prova — disse Amora-Preta, batendo os dentes. — Deve ter deslizado na superfície ou pisado, no fundo, com seus pés de palmípede. Não foi sugado e sacudido, nem teve de lutar contra o duplo peso do pêlo encharcado.

Kehaar reapareceu no parapeito acima.

— Vocês ir agora — disse secamente-

Mais uma vez o infeliz Aveleira vacilou. Sua perna começara a doer novamente. O estado de Manda-Chuva — o Manda-Chuva de todos os coelhos —, no fim de suas forças, meio inconsciente, sem tomar parte nesta exploração desesperada, quebrantou-lhe ainda mais o ânimo. Sabia que não tinha coragem de pular na água para dar o exemplo. A horrível situação estava além de sua capacidade. Recuou pela deslizante madeira do barco e, ao sentar-se, encontrou Cinco-Folhas ao seu lado.

— Eu irei, Aveleira — disse Cinco-Folhas calmamente. — Creio que tudo sairá bem.

Pôs as patas dianteiras na borda da embarcação. No mesmo instante, todos os coelhos ficaram paralisados de medo. Uma das fêmeas arrastou-se pelo chão enlameado do barco. De cima chegaram sons de aproximação de passos e vozes de homens, e o cheiro de pauzinhos brancos queimados.

Kehaar voou para longe. Nem um coelho moveu-se. Os passos se aproximavam, as vozes cresciam. Agora, os homens estavam na ponte, a uma distância não inferior à espessura de uma sebe. Cada um dos coelhos foi apossado pelo instinto de fugir, esconder-se sob o chão. Aveleira viu Hyzenthlay olhá-lo e devolveu-lhe a mirada fixa, desejando, com todo o fervor, infundir-lhe calma. As vozes, o cheiro de suor dos homens, o cheiro de couro, de pauzinhos brancos, a dor na perna de Aveleira, o úmido e gorgolejante túnel que soava dentro de seu próprio ouvido — ele já passara por tais sensações. Como evitar que os homens os vissem? Teriam de vê-los. Manda-Chuva estava deitado bem embaixo de seus pés. Estava ferido. Os homens viriam apanhá-lo.

Então, os sons e os odores foram desaparecendo na distância, o rumor de passos diminuiu. Os homens haviam cruzado a ponte sem olhar por sobre o parapeito. Haviam sumido.

Aveleira recobrou-se.

— Isso resolve o caso — disse- — Todo mundo tem de nadar. Vamos Campainha, você mesmo disse que era um coelho de água. Siga-me.

Subiu no banco e encaminhou-se para a borda. Mas foi Panelinha que Aveleira encontrou, a seguir, ao

seu lado.

— Rápido, Aveleira-rah — disse Panelinha, piscando e estremeando. — Irei também. Mas seja rápido.

Aveleira fechou os olhos e caiu na água.

Como acontecera no Enborne, recebeu o impacto do frio. Pior que isso, porém, sentiu logo o empuxe da correnteza. Estava sendo arrastado por uma força semelhante a um vento forte, mas uniforme e silenciosa. Era impedido irresistivelmente por um sufocante e frio corredor, no qual não conseguia firmar os pés. Cheio de medo, esperneou e lutou, pôs a cabeça fora da água e respirou fundo, arranhou as unhas contra pedras ásperas, embaixo e perdeu outra vez o apoio, ao ser arrastado. Depois, a corrente aquietou-se, o corredor desapareceu, a escuridão tornou-se luz e outra vez havia folhas e céu. Ainda lutando ele emergiu contra alguma coisa sólida, libertou-se, chocou-se novamente contra o obstáculo e, por um instante, tocou terreno macio. Andou aos tropeções e viu que se arrastava- agora por uma lama líquida. Estava a salvo sobre uma margem enlameada- Arquejou durante vários momentos em seguida limpou a cara e abriu os olhos. A primeira coisa que viu foi Panelinha, coberto de lama, avançando para a margem, a poucos centímetros de distância.

Cheio de orgulho e confiança, todos os seus terrores foram esquecidos. Aveleira rastejou na direção de Panelinha e, juntos, penetraram na vegetação. Ele nada disse e Panelinha não parecia esperar que o chefe falasse. Do abrigo de uma moita de lisimáquias roxas, olharam o rio.

A água entrava além da ponte num segundo poço. Ao redor, nas duas margens, árvores e relva cresciam juntas. Havia uma espécie de pântano, sendo difícil dizer onde a água terminava e o bosque começava. As plantas cresciam em moitas, dentro e fora dos baixios lamacentos. O fundo era recoberto de limo e lama, que eram metade água, e por ele os dois coelhos haviam deixado sulcos, ao se arrastarem. Correndo diagonalmente ao poço — da estrutura de tijolos da ponte, perto da margem oposta, até um ponto pouco abaixo de Aveleira e Panelinha, de seu próprio lado — havia uma grade de barras de ferro verticais. Na estação da cheia, as ervas aquáticas, fluindo em cordas entrançadas dos braços piscosos mais acima, eram aprisionadas contra esse gradeamento e recolhidas no poço por homens de altas botas impermeáveis que as empilhavam para serem usadas como adubo. A margem esquerda assemelhava-se a um grande monte de lixo de ervas apodrecidas entre as árvores. Um lugar verde, de cheiro forte, úmido e fechado.

— Bom e velho amigo Kehaar! — disse Aveleira, olhando com satisfação o deserto fétido. — Eu devia ter confiado nele-

Ao falar, um terceiro coelho chegou nadando de sob a ponte. Ao vê-lo lutando na corrente, qual mosca presa numa teia de aranha, ambos encheram-se de medo. Observar outrem em perigo equívale quase a participar do perigo. O coelho bateu contra a grade, desviou-se um pouco, encontrou o fundo do rio e nadou para fora da água turva. Era Negrão. Deitou-se sobre o flanco e pareceu alheio a Aveleira e Panelinha que se acercaram. Pouco depois, começou a tossir, vomitou água e sentou-se.

— Está passando bem? — perguntou Aveleira.

— Mais ou menos — disse Negrão. — Teremos outras peripécias para esta noite, senhor? Estou muito fatigado.

— Não, pode descansar aqui — disse Aveleira. — Mas por que se arriscou por sua própria conta? Por que não esperou?

— Julguei que o senhor desse uma ordem — respondeu Negrão.

— Bem — disse Aveleira —, a essa altura você nos julga uns sentimentalões. Alguém mais pretendia saltar, quando você nos acompanhou?

— Acho que estão um pouco nervosos. Não se pode culpá-los.

— Não, mas o problema é que tudo pode acontecer — disse Aveleira, agastado. — Arriscam-se muito, sentados ali. Os homens talvez voltem. Se ao menos pudéssemos dizer-lhes que tudo vai bem..

— Acho que podemos, senhor — disse Negrão. — Se não estou enganado, basta subir o barranco e atingir a outra margem. Quer que eu vá?

Aveleira ficou desconcertado- Pelo que soubera, tratava-se de um infeliz prisioneiro de Efrafa. Nem sequer um membro do Owsla. E acabara de dizer que se sentia exausto. No entanto, estava disposto ao sacrifício.

— Iremos os dois — disse. — Hlao-roo, fique aqui e preste atenção. Com um pouco de sorte, começarão a chegar. Ajude-os, se preciso.

Aveleira e Negrão entraram na vegetação gotejante- A trilha que cruzava a ponte corria acima deles, no alto de um barranco escarpado. Subiram o barranco e examinaram cautelosamente a trilha que se perdia na veiga. Estava deserta, nada se ouvia ou farejava. Atravessaram-na e chegaram ao fim da ponte, do lado do curso superior do rio. Ali, o barranco descia quase abrupto, cerca de dois metros de altura. Negrão desceu sem hesitação, mas Aveleira seguiu-o mais devagar. Acima da ponte, entre a ponte e um espinheiro, uma moita de capim pendia sobre a água. Fora do rio, a poucos metros, a ponte sustentava-se sobre finos pilares.

— Prata! — gritou Aveleira. — Cinco-Folhas! Ponham todos a nadar! Não há perigo embaixo da ponte. As fêmeas primeiro, se possível. Não há tempo a perder. Os homens talvez voltem a qualquer instante.

Não foi fácil animar as fêmeas entorpecidas, perplexas, e fazê-las entender o que deviam fazer. Prata conversou com uma e outra. Dente-de-Leão, assim que viu Aveleira na margem, subiu imediatamente à borda e atirou-se. Verônica seguiu-o, mas quando Cinco-Folhas ia fazer o mesmo, foi detido por Prata.

— Se todos os machos partirem, Aveleira, as fêmeas ficarão sozinhas, e não creio que lhes sobre coragem.

— Obedecerão a Thlayli, senhor — disse Negrão, antes que Aveleira pudesse responder. — É o mais indicado para orientá-las.

Manda-Chuva ainda estava estirado no fundo do barco, no lugar onde se deitara quando chegaram à primeira ponte. Parecia adormecido, mas quando Prata cutucou-o, ergueu a cabeça e olhou em volta com ar aturdido.

— Olá, Prata. Este ombro está se tornando um incômodo. Também sinto muito frio. Onde está Aveleira?

Prata explicou. Manda-Chuva levantou-se com dificuldade e viram que ele ainda sangrava. Coxeou até o banco e subiu nele.

— Hyzenthlay — disse —, suas amigas já estão encharcadas, de modo que um mergulho não lhes fará mal. Saltem na água, uma após outra, ouviu? Enquanto nadam, não há perigo de se arranharem ou se ferirem.

Apesar do que Negrão dissera, passou-se muito tempo antes que o último coelho deixasse a embarcação. Havia, ao todo, dez fêmeas — embora nenhum deles soubesse o número exato. Apenas uma

ou duas responderam logo à ordem apressada de Manda-Chuva. Várias fêmeas, de tão exaustas ficaram estiradas onde estavam ou olharam estupidamente a água, enquanto as companheiras eram conduzidas ao lugar do salto. De quando em quando Manda-Chuva pedia a um dos machos que servisse de guia — e nessa missão revesaram-se Campainha, Bolota e Bico de Falcão. A fêmea ferida, Thrayonlosa, visivelmente em má condição, foi ajudada por Amora-Preta e Thethuthinnang, que nadaram juntos, um à frente e o outro atrás.

Quando a escuridão caiu, a chuva cessou. Aveleira e Negrão voltaram à margem do poço embaixo da ponte. O céu clareou e a opressão dissipou-se à medida que a trovoada afastava-se para o leste. Mas só à altura do fu Inlé é que Manda-Chuva ultrapassou a ponte com Prata e Cinco-Folhas. Mal conseguia flutuar, e quando chegou à grade, rolou de barriga para cima, semelhante a um peixe morto. Arrastou-se para os baixios e, com ajuda de Prata, conseguiu safar-se. Aveleira e vários outros esperavam-no, mas ele os evitou com suas habituais maneiras bruscas.

— Saiam da frente. Agora vou dormir, Aveleira, e Frith o salve se você se opuser.

— Assim é que nos tratamos: com franqueza — disse Aveleira ao surpreendido Negrão. — Você se acostumará aos poucos. Agora, procuremos um lugar seco e bem protegido para um bom sono.

Todos os lugares secos entre a vegetação já pareciam apinhados de coelhos exaustos e sonolentos. Encontraram um tronco caído, cuja casca soltara-se na parte de baixo. Penetraram entre os ramos e folhas, acomodaram-se na macia depressão — que dentro em pouco recebia o calor de seus corpos — e dormiram imediatamente.

40. O Caminho de Volta

Dame Hickory, Dame Hickory,
O lobo bate à sua porta,
De dentes bem arrebanhados
E a língua com um palmo de fora!
"Tolice", disse Dame Hickory. "Conto de fadas."
Mas havia mesmo um lobo, e faminto ele estava.

Walter de La Maré, *Dame Hickory*

A primeira coisa que Aveleira soube na manhã seguinte foi que Thrayonlosa morrera durante a noite. Thethuthinnang ficou inconsolável, pois escolhera Thrayonlosa como uma das mais fortes e sensíveis fêmeas da Marca e a convencera a fugir com o grupo. Depois de passarem juntas pela ponte, ajudara a companheira a chegar à praia e caíra adormecida ao seu lado, na vegetação, esperando vê-la recuperada no dia seguinte. Mas despertara só para descobrir que Thrayonlosa se fora. Procurando, encontrara-a numa moita de juncos. Evidentemente a pobre criatura sentira que ia morrer e, à maneira dos animais, buscara um sítio solitário.

A notícia deprimiu Aveleira. Sabia que tinham tido a sorte de tirar muitas fêmeas de Efrafa e escapar a Vulnerária sem travar combate. O plano fora bom, mas a tempestade e a relampejante eficiência dos efrarianos quase o derrotaram. Com toda a coragem de Manda-Chuva e de Prata, teriam falhado sem Kehaar. Agora Kehaar ia abandoná-los, Manda-Chuva estava ferido e sua própria perna, a de Aveleira, não se encontrava nada boa. Com as fêmeas para cuidar, não seriam capazes de viajar, no descampado, tão rápida e facilmente como haviam feito à saída de Watership. Ele, Aveleira, gostaria de ficar mais uns dias no lugar onde acampavam, de modo a que Manda-Chuva recobrasse as forças e as fêmeas, melhor dispostas, se habituassem à vida fora da coelheira. Mas o sítio, pensou, era inóspito. Embora oferecesse abrigo, era muito úmido para coelhos. Além disso, ficava perto da estrada mais transitada que já tinham conhecido. Logo após o nascer do dia começaram a ouvir e a farejar a passagem de *hrududil*, a pouca distância. A inquietação era contínua e as fêmeas, com especialidade, estavam intranquias e contrafeitas. A morte de Thrayonlosa piorou as coisas. Preocupados com os ruídos e vibrações e incapazes de comer, as fêmeas desciam pela margem para olhar o corpo e cochichar acerca das estranhas e perigosas vizinhanças.

Aveleira consultou Amora-Preta. Este observou que dentro de pouco tempo os homens encontrariam o barco; nesse caso, muito provável que vários homens andassem ali por perto, sem tardança. Isso decidiu Aveleira a procurar um sítio onde pudessem descansar com mais tranqüilidade. Pelo ouvido e pelo faro, ele sabia que o pântano estendia-se pela margem, a longa distância, rio abaixo. Como a estrada corria para o sul, a única alternativa que lhes restava era o norte, sobre a ponte — o que, de qualquer forma, indicava o caminho de casa.

Levando Manda-Chuva, subiu o barranco até a trilha relvada. A primeira coisa que viu foi Kehaar.

catando lesmas numa moita de cicutas, perto da ponte. Aproximaram-se sem falar e começaram a morder a erva curta das proximidades.

Dentro em pouco, Kehaar dizia: — Agora vocês ter fêmeas, Sanhur Azeleira. Tudo bem, ahn?

— Sim. Não teríamos êxito sem sua ajuda, Kehaar. Ouvi dizer que você acudiu, na noite passada, a tempo de salvar Manda-Chuva.

— Coelho mau, coelho grande, lutar com eu. Coelho sabido, si sanhur.

— Sim. Mas levou um bom susto.

— Si, si. Sanhur Azeleira, homens vir cedo. Que sanhur fazer?

— Voltar à nossa coelheira, Kehaar, se pudermos sair daqui.

— Eu acabar aqui. Eu ir Água Grande.

— Voltaremos a nos ver, Kehaar?

— Vocês voltar colinas? Ficar lá?

— Sim, queremos ficar lá. Será uma viagem difícil, com tantos coelhos, e além disso existem as patrulhas efrarianas.

— Vocês chegar lá. Adespois, inverno frio, tempestade em Água Grande, pássaros chegando. Enton eu voltar, ver vocês.

— Não se esqueça, Kehaar — disse Manda-Chuva. — Estaremos à sua espera. Chegue de repente, como fez a noite passada.

— Si, si, eu assustar fêmeas e filhotes, coelhinhos de Manda-Chuva.

Kehaar distendeu as asas e levantou-se no ar. Voou sobre o parapeito da ponte, subindo o curso do rio. Depois, fez um círculo para a esquerda, voltou por sobre a trilha gramada e acompanhou-a, voando exatamente sobre a cabeça dos coelhos. Soltou um de seus gritos rouquinhos e desapareceu para as bandas do sul. Os coelhos seguiram-no com o olhar, até a ave desaparecer acima das árvores.

— Ó, vá embora, grande pássaro branco — disse Manda-Chuva.

— Sabem de uma coisa? Ele me deu a impressão de que também eu podia voar. Aquela Água Grande! Gostaria de vê-la.

Enquanto continuavam a olhar na direção por onde Kehaar sumira, Aveleira observou pela primeira vez um chalé no extremo oposto da trilha, ali onde a relva subia para juntar-se à estrada. Um homem, tendo o cuidado de manter-se imóvel, inclinava-se sobre a sebe, observando-os atentamente. Aveleira saltou para a vegetação do pântano, com Manda-Chuva rente aos seus calcanhares.

— Sabe o que o homem está pensando? — disse Manda-Chuva.

— Está pensando nas verduras de sua horta.

— Bem sei — respondeu Aveleira. — E não podemos ter segurança aqui, com a idéia mexendo na cabeça dele. Quanto mais cedo a gente partir, melhor.

Pouco depois os coelhos punham-se a caminho no rumo do norte. Manda-Chuva logo verificou não estar apto para uma longa jornada. O ferimento era doloroso e o músculo do ombro não correspondia a um maior esforço. Aveleira ainda coxeava e as fêmeas, embora demonstrassem obediência e boa-vontade, conheciam, pelo visto, pouca coisa acerca da vida dos *hlessil*. Tentavam sobreviver.

Nos dias seguintes — dias de céu claro e tempo bom —, Negrão provou cada vez mais seus méritos,

até que Aveleira passou a depositar nele a dose de confiança devida aos seus veteranos companheiros. Negrão tinha mais valor do que seria de supor-se. Quando Manda-Chuva decidiu não sair de Efrafa sem ele, fora movido inteiramente pela piedade para com uma infeliz e desamparada vítima da violência de Vulnerária. Comprovou-se, porém, que Negrão, quando não esmagado pela humilhação e pelos maus tratos, possuía mérito acima do nível comum. Sua história já era, por si mesma, invulgar. Sua mãe não nascera em Efrafa. Fora um dos coelhos levados para lá, como prisioneiros, quando Vulnerária atacou a coelheira de Nutley Copse. Acasalara-se com um capitão efraciano e não tivera outro companheiro. Ele fora morto numa Patrulha Externa. Negrão, orgulhoso do pai, crescera com a resolução de se tornar oficial do Owsla. Mas, paradoxalmente, crescera nele, com essa decisão, um certo ressentimento, herdado da mãe, contra Efrafa, e a sensação de que não tirariam dele o que não estivesse disposto a dar-lhes. O Capitão Malva, a cuja Marca — a da Pata Direita da Frente — Negrão fora entregue, admirara-lhe a coragem e resistência, mas não deixara de observar também o orgulho de sua natureza. Quando a Marca do Flanco Direito precisou de um jovem oficial para ajudar o Capitão Cerefólio, foi Água-Benta, e não Negrão, o selecionado pelo Conselho. Negrão, que tinha consciência de seu próprio valor, ficou então convencido de que o sangue da mãe influíra contra ele na decisão do Conselho. Espicaçado pela injustiça, conheceu Hyzenthlay e se tornou amigo secreto e conselheiro das fêmeas descontentes da Marca da Pata da Frente. Começara a pregação, estimulando-as a tentar obter licença do Conselho para sair de Efrafa. Se tivessem êxito, pediria para as acompanhar. Mas quando a delegação das fêmeas falhou, Negrão admitiu a idéia de fugir. A princípio, pensara em levar as fêmeas, mas seus nervos, em extrema tensão — conforme Manda-Chuva havia testemunhado — devido aos perigos e incertezas da conspiração, entraram em colapso e, no fim, ele tentou o desespero da fuga solitária, sendo capturado por Candelária. Sob o peso do castigo imposto pelo Conselho, seu espírito ativo apassivou-se e ele se tornou então o apático espantalho cuja visão tanto chocara Manda-Chuva. Contudo, à mensagem que lhe foi soprada durante o *hraka*, seu espírito animou-se novamente, e ele viu-se pronto a confiar no acaso e tentar ouro lance. Livre, agora, entre aqueles estrangeiros cordiais, era um oficial efraciano que utilizava sua perícia a fim de os ajudar nas emergências. Embora fizesse tudo o que lhe era dito, não hesitava, por outro lado, em oferecer sugestões, particularmente quando se tratava de identificar e procurar sinais de perigo. Aveleira, inclinado a aceitar conselhos de todos, quando julgava isso de bom alvitre, ouvia quase tudo o que lhe diziam e sentia-se feliz que Manda-Chuva — por quem, naturalmente, Negrão alimentava tremendo respeito — percebesse que ele não exagerava nessa sincera e franca demonstração de confiança.

Após dois ou três dias de marcha vagarosa e prudente, com muitas paradas em abrigos, encontraram-se, no fim de uma tarde, e uma vez mais, à vista do Cinturão de César, mas um pouco afastados para oeste, perto de uma pequena capoeira no alto de uma elevação. Todos estavam cansados, e quando haviam comido — "*silflay* diário, à tarde, como você prometeu" — disse Hyzenthlay a Manda-Chuva —, Campainha e Verônica sugeriram que o bando cavasse buracos na terra macia, sob as árvores, e descansasse um ou dois dias. Aveleira sentiu-se tentado, mas Cinco-Folhas teve de ser persuadido.

— Sei que precisamos de descanso, mas não gosto disso aqui, Aveleira-rah — disse. — Devo descobrir por quê?

— Não exijo tanto — respondeu Aveleira. — Duvido, porém, que desta feita você convença os outros. Uma ou duas fêmeas estão "prontas para mamãe", como diria Kehaar, e este é o real motivo por que Campainha e o resto estão dispostos a cavar tocas. Claro que o trabalho vale a pena, não? Você sabe o que dizem: "Coelho na toca, coelho salvo e forte."

— Talvez tenha razão — disse Cinco-Folhas. — Vilthuril é uma bela fêmea. Eu apreciaria uma oportunidade de a conhecer melhor. Afinal, esta nossa vida, viajando sempre, não é natural a coelhos,

pois não?

Mais tarde, porém, quando Negrão retornou, com Dente-de-Leão, de uma patrulha que haviam feito por sua própria iniciativa, contestou a idéia com mais energia.

— O lugar não é apropriado, Aveleira-rah — disse. — Uma Patrulha Externa não acamparia aqui. É região de raposas. Devemos procurar outro sítio antes de escurecer.

O ombro de Manda-Chuva incomodarão bastante durante a tarde e ele sentia-se deprimido. Parecia-lhe que Negrão se tornava sábio à custa alheia. Se sua opinião prevalecesse, teriam de seguir, cansados como estavam, até um lugar ajustado aos padrões efrafianos. Ali, estariam tão seguros — nem mais nem menos — quanto estavam naquela capoeira; mas Negrão seria o sujeito esperto que os salvara de uma raposa que jamais existira além de sua própria fantasia. Seus condicionamentos efrafianos já causavam tédio. Alguém precisava esvaziar-lhe a auto-suficiência.

— Raposas costumam andar pelos morros — disse Manda-Chuva em tom azedo. — Por que este aqui teria suas preferências?

Tato era uma qualidade que Negrão cultivava tão mal quanto o próprio Manda-Chuva; por isso, deu a pior resposta possível.

— Não sei explicar exatamente a razão — disse. — Tive uma impressão forte, mas é difícil dizer em que se baseia.

— Ah, uma impressão, hem? — rosnou Manda-Chuva. — Descobriu *hraka*? Farejou alguma coisa? Ou recebeu mensagem de um ratinho verde cantando sob um cogumelo?

Negrão ofendeu-se. Manda-Chuva era o último coelho com quem desejaria brigar.

— Então achas que sou tolo — respondeu, com o seu acento efrafiano tornando-se mais característico. — Não, não avistei *hraka* e tampouco farejei animais perigosos, mas ainda creio ser este um lugar onde uma raposa vem. Nas patrulhas que costumávamos empreender, como sabes, nós...

— Você viu ou cheirou alguma coisa? — perguntou Mandachuva a Dente-de-Leão.

— Eu... ahn, não tenho muita certeza — disse Dente-de-Leão.

— Isto é, Negrão parece saber uma porção de coisas acerca de patrulhas e me perguntou se eu não sentia uma espécie de...

— Nesse tom, passaremos a noite inteira — disse Manda-Chuva.

— Negrão, sabe que no início deste verão, antes de contarmos com o benefício de sua experiência, atravessamos toda esta área — campos, urzes, bosques, morros — e nunca perdemos um coelho?

— Eu me referia à idéia de cavar tocas — disse Negrão em tom de quem se desculpa. — Tocas recentes chamam a atenção. E, como bem sabes, cavar é perigoso, pois se ouve à distância.

— Deixe-o em paz — disse Aveleira, antes que Manda-Chuva retrucasse. — Você não o tirou de Efrafa para maltratá-lo. Olhe, Negrão, creio que terei de decidir a contenda. Provavelmente você tem razão: há a possibilidade de perigo. Mas nos arriscaremos sempre, até voltar à nossa coelheira, e todos estão de tal forma fatigados que acho preferível passar um dia ou dois aqui. Em benefício de todos.

Buracos em número suficiente foram concluídos pouco depois do sol se pôr, e no dia seguinte todos os coelhos sentiam-se bem dispostos para passar uma noite embaixo do chão. Conforme Aveleira previra, houve acasalamentos e uma ou duas brigas, mas ninguém saiu ferido. À tarde, prevalecia o espírito de feriado. A perna de Aveleira fortalecia-se e Manda-Chuva nunca estivera melhor desde que

havia penetrado em Efrafa. As fêmeas, cansadas e debilitadas dois dias atrás, começavam a parecer mais lépidas.

Na segunda manhã, o *silflay* só começou algum tempo depois da aurora. Um leve vento soprava do norte da capoeira, onde as tocas foram cavadas, e Campainha, ao sair à superfície, jurou que o vento trazia cheiro de coelhos.

— É o velho Azevim apurando o faro para nos encontrar, Aveleira-rah — disse. — O rosnar de coelhos na brisa da manhã põe os corações saudosos...

— Sentado com o traseiro numa moita de chicória, à espera de uma bela fêmea roliça — comentou Aveleira.

— Não é preciso, Aveleira-rah — disse Campainha. — Afinal, ele ficou com duas fêmeas.

— Fêmeas de viveiro — retrucou Aveleira. — Devem estar mais fortes e lépidas agora, mas, de qualquer forma, jamais competirão com as que trouxemos. Trevo, por exemplo... ela jamais se afasta da toca, no *silflay*, pois sabe que não corre tão depressa como nós. Veja, porém, estas fêmeas efrafianas... Passaram a vida guardadas por sentinelas, no entanto parecem felizes, habituadas à nova vida. Olhe só aquelas duas ali, sob o barranco. Arriscam-se e... Ó, grande Frith!

Enquanto falava, uma forma fulva, semelhante à de um cão, irrompeu das nogueiras pendentes, tão silenciosa quanto a luz que emerge de uma nuvem. Atirou-se entre as duas fêmeas, agarrou uma pelo pescoço e, num átimo, arrastou-a barranco acima. O vento mudou de direção e o cheiro forte de raposa chegou sobre o capim. Todos os coelhos na elevação correram em busca de abrigo, com um bater de pés e agitação de caudas.

Aveleira e Campainha encontraram-se agachados junto a Negrão. O efrafiano parecia insensível e desinteressado.

— Pobre animalzinho — disse. — Como vêm, seus instintos foram amortecidos pela vida na Marca. Que tolice, comer sob arbustos, do lado do vento, à beira de um bosque! Lembre-se sempre, Aveleira-rah, que essas coisas acontecem. Uma coisa eu lhe digo: se não houver dois *hombil* por aqui, o que seria muito azar, dispomos até o ni-Frith para ir embora. Aquele *homba*, com o estômago saciado, não caçará a seguir. Aconselho nossa partida o mais cedo possível.

Com uma palavra de concordância, Aveleira reuniu todos os coelhos. Correram espalhados, mas rápidos, na direção do nordeste, ao longo da margem de um campo de trigo maduro. Ninguém falou da fêmea. Percorreram um quilômetro antes que Manda-Chuva e Aveleira parassem para descansar e se certificassem de que ninguém ficara para trás. Quando Negrão se aproximou com Hyzenthlay, Manda-Chuva disse:

— Você nos avisou, não foi? E eu não prestei ouvidos.

— Avisei? — disse Negrão. — Não compreendo.

— Avisou da possibilidade de uma raposa.

— Não me lembro. De qualquer maneira, nenhum de nós poderia saber com certeza. Que importa uma fêmea a mais ou a menos?

Manda-Chuva olhou-o atônito, mas Negrão, aparentemente desinteressado de interromper a conversa ou acentuar o que havia dito, começou a morder a grama. Manda-Chuva, intrigado, afastou-se e comeu a pouca distância, com Hyzenthlay e Aveleira.

— Que bicho o mordeu? — perguntou. — Vocês estavam presentes quando ele, duas noites atrás, nos

advertiu quanto ao possível aparecimento de raposas. E eu o tratei mal.

— Em Efrafa, se um coelho faz uma advertência, e a advertência não é aceita, ele a esquece, e os outros também — disse Hyzenthlay. Negrão pensou o que Aveleira decidiu. Pouco importa se, mais tarde, essa decisão revelou-se certa ou errada. Não houve, portanto, advertência de Negrão.

— Mal posso acreditar — disse Manda-Chuva. — Efrafa! Formigas comandadas por um cão! Mas não estamos mais em Efrafa. Teria ele esquecido, de fato, que nos advertiu?

— Provavelmente, sim. De qualquer maneira, você jamais o fará admitir que o advertiu, ou que o ouviu dizer que ele tinha razão. Só lhe é possível fazer *hraka* na superfície.

— Mas você é efraciana. Também pensa assim?

— Sou apenas uma fêmea — disse Hyzenthlay.

* * *

No princípio da tarde começaram a se aproximar do Cinturão e Manda-Chuva foi o primeiro a reconhecer o lugar onde Dente-de-Leão lhes narrara a história do Coelho Preto de Inlé.

— Foi a mesma raposa, pode crer — disse a Aveleira. — Não tenho dúvida. Devia ter pensado nisso quando...

— Olhe — disse Aveleira —, você não ignora o que lhe devemos. As fêmeas pensam que El-ahrairah o enviou para as libertar de Efrafa. Acreditam que outro coelho não teria êxito. Quanto ao que aconteceu esta manhã, foi culpa minha, e sua também. Eu *não pensaria* que pudéssemos voltar para casa sem perder alguns coelhos. Ainda bem que só perdemos dois. Melhor do que esperava. Se nos apressarmos, chegaremos ao Favo de Mel hoje à noite. Agora, vamos esquecer o *homba*, Manda-Chuva — ou tentar esquecer. Olá, quem vem aí?

Saíam de uma moita de juníperos e rosas bravas, enredada ao nível do chão por urtigas e camadas de briônia, sobre as quais as bagas silvestres começavam a amadurecer, avermelhando-se. Quando pararam para tomar uma linha reta sob a vegetação, quatro grandes coelhos surgiram do capim alto e sentaram-se, olhando-os. Uma das fêmeas, subindo a encosta um pouco atrás, bateu com o pé no chão e virou-se para fugir. Ouviram Negrão agarrá-la com violência.

— Então, por que não responde a esta pergunta, Thlayli? — disse um dos coelhos. — Quem sou?

Houve uma pausa. Em seguida, Aveleira falou.

— Pelo que vejo, são efracianos, porque estão marcados — disse. — É Vulnerária?

— Não — disse Negrão, às suas costas. — É o Capitão Candelária.

— Ah — disse Aveleira. — Muito bem. Já ouvi falar a seu respeito, Candelária. Ignoro se nos pretende causar aborrecimentos, mas o melhor é ir embora. Quanto a nós, os negócios com Efrafa terminaram.

— Pode pensar assim — respondeu Candelária —, mas logo verá o seu erro. Esta fêmea aí atrás tem de vir conosco. E todas as outras também.

Enquanto ele falava, Prata e Bolota apareceram mais embaixo, na elevação, seguidos por Thethuthinnang. Depois de um rápido olhar aos efracianos, Prata dirigiu-se rapidamente a Thethuthinnang, que se esgueirou por entre as bardanas. Em seguida, avançou para onde estava Aveleira.

— Mandei buscar o pássaro branco — disse calmamente. Como blefe, estas palavras surtiram efeito. Viram Candelária olhar nervosamente o céu, e outro coelho da patrulha examinar, atrás, os arbustos.

— Você está dizendo uma tolice — retrucou Aveleira a Candelária. — Somos numerosos, e a menos que tenha trazido mais coelhos do que vejo, temos vantagem numérica.

Candelária hesitou. A verdade era que, pela primeira vez em sua vida, agira com afoiteza. Vira Aveleira e Manda-Chuva aproximar-se, com Negrão e uma fêmea atrás. Em sua ânsia de mostrar algo que valesse mesmo a pena, na volta ao Conselho, julgara que o pequeno grupo estivesse sozinho. Em geral os efracianos andam juntos, no descampado, e não ocorreu a Candelária que outros coelhos andassem de outra forma. Vira, portanto, uma excelente oportunidade de atacar — e quem sabe matar — o detestável Thlayli e Negrão, e mais o seu companheiro, não importando quem fosse. E, além disso, levar a fêmea à presença do Conselho. Isso, sem dúvida, podia ser feito. E Candelária decidiu enfrentá-los de peito aberto, em vez de os tocar, na esperança de que os machos se rendessem sem oferecer luta. Mas agora, à medida que outros coelhos começavam a aparecer, de um a um ou em grupos de dois, julgou haver cometido um engano.

— Tenho muitos coelhos — disse. — As fêmeas têm de ficar aí mesmo. Os outros podem ir. Do contrário, nós os mataremos.

— Muito bem — disse Aveleira. — Traga toda a sua patrulha e veremos quem sai vencedor.

A essa altura, um número considerável de coelhos subia a encosta. Candelária e sua patrulha olharam-nos em silêncio, mas sem se mover.

— Melhor fiquem onde estão — disse Aveleira por fim. — Se tentarem nos deter, pior para vocês. Prata e Amora-Preta, reúnam as fêmeas e continuem para a frente. O resto fique ao meu lado.

— Aveleira-rah — soprou Negrão —, a patrulha deve ser morta... sem exceção. Do contrário, avisará o General Vulnerária.

Isso também ocorrera a Aveleira. Mas, ao pensar na luta sangrenta, que sem dúvida reduziria os quatro efracianos a pedaços, seu coração vacilara. A exemplo de Manda-Chuva, sentia relutante afeição por Candelária. Ademais, a luta poderia prolongar-se. Provavelmente alguns coelhos seus seriam mortos... com certeza feridos. Não chegariam ao Favo de Mel aquela noite e deixariam atrás uma trilha de sangue fresco. Além de não gostar da idéia de destruir a patrulha, aquelas desvantagens podiam ser fatais.

— Não, nós os deixaremos ir — respondeu com firmeza. Negrão silenciou e eles todos, sentados, observaram Candelária, enquanto a última fêmea desaparecia nos arbustos.

— Agora — disse Aveleira —, leve sua patrulha pelo caminho por onde nos seguiu. Nem mais uma palavra. Vá embora.

Candelária e a patrulha afastaram-se da encosta e Aveleira, aliviado por se livrar tão facilmente, correu nas pegadas de Prata, com os outros bem perto.

Uma vez atravessado o Cinturão, fizeram excelente progresso. Após o descanso de um dia e meio, as fêmeas estavam em boa forma. A promessa de que a jornada chegaria ao fim aquela noite, e o pensamento de que haviam escapado à raposa e à patrulha, tornou-as mais dispostas e confiantes. A única causa de atraso foi Negrão, que parecia inquieto e retardatário. Por fim, ao cair da tarde, Aveleira mandou buscá-lo e deu-lhe ordem para seguir à frente, na trilha que percorriam, e examinar a comprida faixa de faias que se esparramava do alto da elevação, para o lado do nascente. Negrão não tardou a voltar correndo.

— Aveleira-rah, segui o bosque de que falou e avistei dois coelhos a se divertirem num trecho de

capim ralo.

— Veremos — disse Aveleira. — Dente-de-Leão, venha também, sim?

Ao descerem correndo a colina, à direita da trilha, Aveleira reconheceu logo a mata de faias. Observou uma ou duas folhas amarelas e um leve toque de bronze, aqui e ali, entre os ramos verdes. Em seguida, viu Espinheiro Cerval e Morango correrem para eles através do capim.

— Aveleira-rah! — gritou Espinheiro. — Dente-de-Leão! Que aconteceu? Onde estão os outros? Trouxeram fêmeas? Tudo saiu bem?

— Logo estarão aqui — disse Aveleira. — Sim, conseguimos muitas fêmeas, e todos os que foram estão de volta. Este aqui é Negrão, que escapou de Efrafa.

— Bom para ele — disse Morango. — Olhe, Aveleira-rah, ficamos de sentinela no fim da mata, todas as tardes, desde que partiram. Azevim e Madeira de Buxo estão bem. Agora, voltaram à coelheira. E veja só: Trevo vai ter filhotes. Não é ótimo?

— Esplêndido — disse Aveleira. — Ela será a primeira. Puxa vida, foi uma trabalhadeira insana. Tenho muita coisa a contar, mas isso fica para depois. Agora, vamos buscar os outros.

Ao crepúsculo, o grupo inteiro — vinte coelhos, ao todo — havia subido a extensão da mata de faias e alcançado a coelheira. Comeram no orvalho, com as compridas sombras do crepúsculo cobrindo já os campos embaixo. Depois, reuniram-se no Favo de Mel para ouvir Aveleira e Manda-Chuva contar a história de suas aventuras aos que os haviam esperado com tanta ansiedade.

Enquanto os últimos coelhos desapareciam nas tocas, a Patrulha Externa, que os seguira, do Cinturão de César, com extrema perícia e disciplina, afastou-se num semicírculo para o leste e depois voltou a Efrafa. Candelária era perito em descobrir refúgio onde passar a noite no descampado. Decidiu descansar até a aurora e depois cobrir os cinco quilômetros até Efrafa, no máximo até a tarde do dia seguinte.

41. A História de Rowsby Woof e a Fada Wogdog

Que não sejas misericordioso para com aqueles que obram malignas iniquidades. De dentes arreganhados, como cães, eles rodeiam a cidade. Mas tu, Senhor, os envolverás em escárnio. Zombarás de todos os idólatras.

Salmo 59

Eis que chegam os dias de canícula. Dia após dia de verão quente e abafadiço, nos quais, durante horas, a luz parece a única coisa a se mover. O céu — sol, nuvens e viração — está bem vivo sobre os morros dormentes. As folhas de faia tornam-se mais escuras nos ramos e a erva fresca cresce onde as lâminas mais antigas foram mordidas rente ao talo. A coelheira, afinal, ia bem, e Aveleira dava-se ao luxo de, sentado no barranco, a esquentar sol, contar as bênçãos recebidas. Acima e embaixo do solo, os coelhos entregavam-se a uma vida tranqüila e ordenada, comendo, cavando e dormindo. Vários túneis e tocas haviam surgido recentemente. As fêmeas, que jamais haviam cavado, gostaram do trabalho. Hyzenthlay e Thethuthinnang disseram a Aveleira que, em Efrafa, não tinham idéia de que a maior parte de sua frustração e infelicidade devia-se simplesmente à proibição de cavar. Até mesmo Trevo e Meda descobriram que cavavam muito bem e gabaram-se que teriam os primeiros filhotes da coelheira em tocas por elas próprias construídas. Negrão e Azevim ficaram amigos íntimos. Falavam muito sobre suas diferentes idéias acerca de patrulhamento e de acompanhar rastros, e fizeram patrulhas juntos, mais para sua própria satisfação do que por verdadeira necessidade. Certa manhã, bem cedo, convenceram Prata a acompanhá-los e andaram cerca de quilômetro e meio até os arredores de Kingsclere, voltando com uma história de incursão e banquete na horta de um chalé. A audição de Negrão enfraquecera desde que suas orelhas tinham sido mutiladas, mas Azevim verificou que seu poder de observar e tirar conclusões de alguma coisa incomum era quase surpreendente, e que ele parecia capaz de se tornar quase invisível, se o quisesse.

Dezesseis machos e dez fêmeas formavam uma sociedade bastante feliz para uma coelheira. Estouravam contendias de vez em quando, mas nada sério. Conforme dizia Campainha, os descontentes sempre teriam a alternativa de voltar a Efrafa. A simples lembrança do que haviam enfrentado juntos bastava para esfriar os ânimos, evitando brigas maiores. O contentamento das fêmeas contagiava todos, até que uma tarde Aveleira observou que, como Coelho-Chefe, sentia-se um perfeito embusteiro, pois não havia problemas nem disputas a serem dirimidas.

— Já pensou no inverno? — perguntou Azevim.

Quatro ou cinco machos, com Trevo, Hyzenthlay e Vilthuril, comiam no ensolarado lado ocidental da mata, cerca de uma hora antes do sol se pôr. Ainda fazia calor e o morro estava tão quieto que podiam ouvir os cavalos aparando a grama no prado de Cannon Heath Farm, a um quilômetro de distância. Certamente a ocasião não era propícia a que se pensasse em inverno.

— Provavelmente sentiremos mais frio, aqui em cima, do que antes — disse Aveleira. — Mas o solo é tão fofo e as raízes tão profundas que podemos cavar mais, antes da chegada do tempo frio. Devemos nos pôr ao abrigo da geada. Quanto ao vento, bloquearemos algumas tocas para dormir no quente. A erva é precária no inverno, eu sei; mas quem quiser mudar de dieta, pode sair com Azevim e tentar a sorte em

hortas ou nas pastagens. Também é preciso tomar cuidado com os *elil* nesta época do ano. No que me toca, sentir-me-ei feliz dormindo na toca, jogando pedrinhas e ouvindo umas histórias de quando em quando.

— Que tal uma história agora mesmo? — disse Campainha.

— Vamos, Dente-de-Leão. "Como Eu Quase Perdi o Barco." Que lhe parece a sugestão?

— Ora, você esqueceu "Vulnerária Espantado" — disse Dente-de-Leão. — Mas esta história pertence a Manda-Chuva. Não ousou narrá-la. Admito, porém, que pensar no inverno, em tarde como esta, traz recordações. Lembrei-me, por exemplo, de uma história que ouvi mas nunca tentei contar a mim próprio. Talvez vocês a conheçam, talvez não. É a história de Rowsby Woof e a Fada Wogdog.

— Pode começar — disse Cinco-Folhas. — E estique a narração.

— Era uma vez um coelho grande — disse Dente-de-Leão.

— E era uma vez um coelho pequeno. E havia, além disso, El-ahrairah, e a geada branqueava seus belos bigodes novos. Para cima e para baixo, nos corredores da coelheira, a terra estava tão dura que se podia ferir as patas, e os tordos chamavam-se nas capoeiras nuas e silenciosas. "Este lugar aqui é meu. Vá morrer de fome em sua terra."

"Uma tarde, quando Frith mergulhava, enorme e vermelho, num céu verde, El-ahrairah e Rabscuttle arrastaram-se, trêmulos, pela erva gelada, mordiscando aqui e ali, a fim de agüentar outra longa noite na toca. A erva estava tão quebradiça e insossa quanto o feno, e embora sentissem muita fome, economizavam o miserável alimento, para que não lhes faltasse depois. Afinal, Rabscuttle sugeriu que atravessassem os campos, até os arredores da aldeia, onde havia uma grande horta. O risco valia a pena.

"Aquela horta era maior que as outras das redondezas. O homem que nela trabalhava vivia numa casa, em uma extremidade de sua plantação, e costumava cavar ou cortar grandes quantidades de verduras, pô-las num *hrududu* e levá-las. Cercara a horta com arame, para afastar os coelhos. Mesmo assim, El-ahrairah poderia encontrar maneira de entrar, se quisesse. Mas era perigoso, porque o homem tinha espingarda e muitas vezes atirava em gaios e pombos, matando-os.

"'Não é somente a espingarda que me preocupa', disse El-ahrairah, pensando na empresa. 'Teremos de descobrir também um meio de enganar Rowsby Woof.'

"Rowsby Woof era o cão do homem. Tratava-se, com efeito, do mais censurável, maligno e antipático animal que já lambeu a mão de um homem. Grande, lãzudo, com o pêlo desabando nos olhos. O homem mantinha-o de guarda à horta, especialmente à noite. Rowsby Woof, é claro, não comia verduras. Nada mais natural, portanto, que deixasse, de vez em quando, um animal faminto comer uma alface ou cenoura, sem fazer perguntas. Mas não. Rowsby Woof espantava intrusos, entre o cair da tarde e a madrugada do dia seguinte. E, não satisfeito de manter homens e meninos longe da horta, procurava animais — ratos, coelhos, lebres, até mesmo roupeiras — e os matava, se possível. Tão logo cheirava algo que lhe parecesse estranho, punha-se a ladrar e saía ao encalço, embora, muitas vezes, o seu estúpido focinho só servisse para alertar um coelho e fazê-lo fugir a tempo. Rowsby Woof era tido como um tremendo rateiro e seu dono não poupava elogios à sua perícia, de tal forma que o cão estourava de orgulho. Julgava-se o melhor rateiro do mundo. Comia carne crua (mas não à tarde, para que a fome o conservasse ativo durante a noite), o que facilitava sua identificação. Mesmo assim, fazia da horta um lugar perigosíssimo.

"'Bem, daremos uma oportunidade a Rowsby Woof, disse Rabscuttle. 'Creio que você e eu seremos capazes de escapar-lhe, se a isso formos forçados.'

"El-ahrairah e Rabscuttle atravessaram os campos até as cercanias da horta. Ao chegarem ali, a

primeira coisa que viram foi o homem, com um pauzinho branco ardendo na boca, e a cortar fila após fila de couves geladas. Rowsby Woof acompanhava-o, agitando a cauda e saltando de maneira ridícula. Tempo depois, o homem empilhou quantas couves pôde numa coisa rodante e levou-o para a casa. Voltou várias vezes, e quando havia transportado todas as couves até a porta da casa, começou então a pô-las para dentro.

"Para que ele faz isto?, perguntou Rabscuttle.

"Creio que pretende tirar a geada esta noite', disse El-ahrairah, 'antes de levar as couves no *hrududu*, amanhã.'

"Seriam muito mais *gostasas* sem a geada, não?', disse Rabscuttle. 'Eu só queria pegar algumas. Mas não importa. Nossa oportunidade está aqui. Veremos o que fazer neste recanto da horta, enquanto o homem está ocupado lá.'

"Mal haviam atravessado o ponto mais alto da horta e chegado entre as couves, Rowsby Woof farejou-os e disparou em sua direção, latindo e ganindo. Ambos deram-se por felizes em escapar a tempo.

"Animaizinhos nojentos', gritou Rowsby Woof. 'Au, au! Como ousam.. como ousam vir fu... fuçar aqui? Fora! Fora!'

"Desprezível bruto!', disse El-ahrairah, enquanto corriam de volta à coelheira, sem nada em troca de tanto trabalho. 'Ele tem o dom de me aborrecer. Não sei que jeito dar ainda, mas, por Frith e Inlé, antes que esta geada degele, comeremos as couves dentro da casa e ele será passado para trás!'

"Não prometa demais, mestre', disse Rabscuttle. 'Seria uma pena perder a vida por uma couve, depois de tudo o que fizemos juntos.'

"Bem, esperarei a oportunidade', disse El-ahrairah. 'Apenas isto.'

"Na tarde seguinte, Rabscuttle saiu, e farejava no alto do barranco rente à planície, quando um *hrududu* se aproximou. Tinha portas no fundo e estas portas estavam abertas, por acidente, e balançavam enquanto o *hrududu* corria. Havia coisas dentro, ensacadas, como as que os homens às vezes transportam pelo campo. E quando o *hrududu* passou por Rabscuttle, um dos sacos caiu na planície. Depois que o *hrududu* sumiu, Rabscuttle, na esperança de que o saco contivesse algo de comer, avançou para dar uma cheirada. Mas ficou desapontado ao perceber que o saco continha apenas uma espécie de carne. Mais tarde, transmitiu a El-ahrairah seu desapontamento.

"Carne?', disse El-ahrairah. 'Ainda está lá?'

"Como vou saber?', disse Rabscuttle. 'Comida nojenta.'

"Venha comigo', disse El-ahrairah. 'Ligeiro.'

"A carne ainda estava na planície. El-ahrairah puxou o saco para a vala e enterrou-o.

"Para que tanto trabalho, mestre?', disse Rabscuttle.

"Não sei ainda', disse El-ahrairah. 'Mas será de alguma valia, se os ratos não comerem. Agora, vamos voltar. Está escurecendo.'

"Quando voltavam para casa, deram com um velho pneu preto que, atirado de um *hrududu*, jazia num fosso. Se vocês já viram estas coisas, sabem que se parecem com um grande cogumelo — liso e muito forte, mas sem resistência, como se fosse uma almofada. Têm cheiro desagradável e não servem para comer.

"'Vamos', disse El-ahrairah imediatamente. 'Temos de partir um bom pedaço. É necessário.'

"Rabscuttle temeu que o seu senhor estivesse louco, mas fez o que lhe fora dito. O material encontrava-se meio apodrecido e dentro em pouco arrancavam um pedaço mais ou menos da cabeça de um coelho. O gosto era medonho, mas El-ahrairah carregou-o cuidadosamente para a coelheira. Passou parte da noite mordendo-o e, depois do *silflay* matinal do dia seguinte, continuou a morder o pneu. Por volta de ni-Frith, despertou Rabscuttle, fê-lo sair e pôs a massa informe à sua frente.

"'Com o que se parece isto aí?', perguntou. 'Não esqueça o cheiro. Vamos lá: com que se parece}'

"Rabscuttle olhou a massa. 'Parece o focinho preto de um cão, se não estivesse seco, meu senhor.'

"'Esplêndido', disse El-ahrairah — e foi dormir.

"A geada ainda caía naquela noite muito clara e fria, com uma meia-luz. no céu. Foi Inlé, quando todos os coelhos estavam aquecidos em suas tocas, El-ahrairah disse a Rabscuttle para o acompanhar. El-ahrairah levou o focinho preto e, a caminho, batia-o contra todas as coisas desagradáveis que encontrava. Encontrou um ..."

— Bem, não importa — disse Aveleira. — Prossiga com a história.

— Por fim — continuou Dente-de-Leão —, Rabscuttle, sem suportar o fedor, afastou-se, mas El-ahrairah prendeu a respiração e ainda carregava o focinho quando chegaram ao lugar onde haviam enterrado a carne.

"'Desenterre', disse El-ahrairah. 'Depressa!'

"Desenterraram a carne. O papel desprendeuse. A carne, em forma de posta, assemelhava-se a um ramo de briônias, e o pobre Rabscuttle recebeu ordem de arrastá-la até o alto da horta. Foi um trabalho árduo. Ele se deu por feliz quando terminou.

"'Agora', disse El-ahrairah 'vamos até a casa.'

"Ao chegarem perto, viram que o homem havia desaparecido. Porque, em primeiro lugar, a casa estava toda escura. Mas, além disso, verificaram, pelo faro, que o homem passara há pouco pelo portão. Na frente da casa havia um jardim, e este era separado dos fundos e da horta por uma cerca alta, de estacas fincadas a curtos intervalos, e que findava em espessa moita de loureiros. Logo atrás da cerca via-se a porta preta que abria para a cozinha.

"El-ahrairah e Rabscuttle atravessaram tranqüilamente o jardim e esgueiraram-se através de um buraco na cerca. Rowsby Woof estava no caminho de cascalho, meio-desperto e tremendo de frio. Estava tão próximo que podiam ver-lhe os olhos piscarem à luz do luar. A porta da cozinha estava fechada, mas perto, ao longo da parede, havia um buraco acima do fosso, onde um tijolo se despregara. O chão da cozinha era de tijolos e o homem costumava lavá-lo com uma vassoura e escoar a água através do buraco. O buraco, tapado com um pano velho, evitava que o frio entrasse na casa.

"Depois de curta espera, El-ahrairah disse em voz baixa:

"'Rowsby Woof! Ó Rowsby Woof!'

"Rowsby Woof levantou-se e olhou em volta, eriçado:

"'Quem está aí?', perguntou. 'Quem é?'

"'Ó Rowsby Woof!', disse El-ahrairah, agachado do outro lado da cerca. 'Afortunado, abençoado Rowsby Woof! Sua recompensa está aqui!' 'Trago-lhe a melhor notícia do mundo!'

"'O quê?' disse Rowsby Woof. 'De que se trata? Não me venha com um de seus truques.'

"'Truques, Rowsby Woof?', disse El-ahrairah. 'Ah, pelo que vejo, não me conhece direito. E como poderia conhecer-me? Escute, leal e habilidoso mastim: sou a Fada Wogdog, mensageira do grande espírito canino do Oriente, a Rainha Dripslobber. Longe, bem longe no Oriente, fica o seu palácio. Ah, Rowsby Woof, se você pudesse testemunhar seu poder, as maravilhas de seu reino! A carne podre estendida à distância, nas areias! O estéreo, Rowsby Woof! Os esgotos abertos! Ah, como você daria pulos de contentamento e sairia farejando tudo em volta!'

"Rowsby Woof levantou-se e olhou ao redor, em silêncio. Nada garantia quanto à voz, mas estava suspeito.

"'Sua fama de rateiro chegou aos ouvidos da Rainha', disse El-ahrairah. 'Nós o conhecemos e o prezamos como o maior rateiro do mundo. Por isso, aliás, estou aqui. Pobre e confusa criatura! Vejo que está perplexo, e não sem motivo. Venha cá, Rowsby Woof! Aproxime-se da cerca para me conhecer melhor!'

"Rowsby Woof chegou-se à cerca e El-ahrairah enfiou o focinho preto na abertura e agitou-o. Rowsby Woof ficou perto, farejando.

"'Nobre caçador de ratos', soprou El-ahrairah, 'sou Eu mesma, a Fada Wogdog, enviada para o glorificar!'

"'Ó Fada Wogdog!', gritou Rowsby Woof, esquivando-se e urinando no cascalho. 'Mas que elegância! Que distinção aristocrática! Estarei cheirando, por acaso, um gato apodrecido? Que delicado odor de camelo podre! Ah, o deslumbrante Oriente!'

— Que diabo é "camelo"? — perguntou Manda-Chuva.

— Não sei — respondeu Dente-de-Leão. — Mas foi assim que ouvi a história, de modo que deve ser o nome de alguma criatura.

"'Cão felizardo!', disse El-ahrairah. 'Estou incumbida de transmitir-lhe que a Rainha Dripslobber, ela própria, expressou o benevolente desejo de o conhecer. Mas não agora, Rowsby Woof, não agora. Primeiro, mostre-me o seu valor. Vim submetê-lo a um teste e a uma prova. Escute, Rowsby Woof. Além do canto oposto da horta há um bom pedaço de carne. Embora sejamos cães encantados, trazemos presentes magníficos a animais nobres e bravos como você. Vá. Procure a carne e coma-a. Confie em mim, pois guardarei a casa até sua volta. Este é o teste em sua confiança.'

"Rowsby Woof estava morto de fome e o frio contraía-lhe o estômago, mas, mesmo assim, hesitou. Sabia que o seu dono queria-o ali, a vigiar a casa.

"'Bem, não importa', disse El-ahrairah. 'Na aldeia vizinha mora um cão...'

"'Não, não', gritou Rowsby Woof. 'Não, Fada Wogdog, não me abandone!' Confio em você. Irei imediatamente! Só lhe peço que vigie a casa sem me comprometer.'

"'Nada tema, nobre mastim', disse El-ahrairah. 'Confie na palavra da grande Rainha!'

"Rowsby Woof saiu aos pulos, à luz do luar, e El-ahrairah observou-o desaparecer.

"'Agora vamos entrar na casa, senhor?', perguntou Rabscuttle. 'Teremos de agir com rapidez.'

"'Claro que não', disse El-ahrairah. 'Como ousa sugerir tamanho disparate? Tenho vergonha, Rabscuttle! Guardaremos a casa.'

"Esperaram em silêncio, e dentro em pouco Rowsby Woof voltava, lambendo os beiços e lampeiro. Fungou junto à cerca.

"'Vejo, meu sincero amigo', disse El-ahrairah, 'que encontrou a carne com a mesma rapidez com que

pega ratos. A casa está em segurança. Tudo continua bem. Agora, ouça com atenção: voltarei à rainha para relatar o que se passou. Ela decidiu, em sua alta benevolência, que se você se mostrasse digno de valor, confiando em seu mensageiro, viria em pessoa prestar-lhe as merecidas honras. Amanhã à noite ela passará por estas terras, a caminho do Festival do Lobo do Norte, e interromperá a jornada apenas para o conhecer. Portanto, esteja preparado, Rowsby Woof!

"Ah, boa Fada Wogdog!", suspirou Rowsby Woof. 'Mal posso esperar o momento de curvar-me perante a Rainha! Rolarei humildemente a seus pés! Quero tornar-me seu leal escravo! Serei o maior de seus cortesãos adutores! Serei um verdadeiro cão!'

"Não duvido", disse El-ahrairah. 'Agora, adeus. Tenha paciência e aguarde o meu retorno!'

"Retirou o focinho de borracha e, calmamente, afastaram-se.

"A noite seguinte ainda continuava muito fria. Mesmo El-ahrairah teve de reunir coragem para sair da toca pelos campos. Haviam escondido o focinho de borracha fora da horta e levaram algum tempo a aprontar as coisas para Rowsby Woof. Depois de se certificarem que o homem havia saído, penetraram com cautela na parte dianteira da horta e dirigiram-se à cerca. Rowsby Woof andava inquieto, para baixo e para cima, ao lado da porta preta. Seu hálito despedia vapor no ar congelado. Quando El-ahrairah falou, o cão pôs à cabeça no solo, entre as patas dianteiras, e ganiu de alegria.

"A Rainha está chegando, Rowsby Woof, disse El-ahrairah por trás do focinho. 'Traz suas nobres camareiras, as fadas Postwiddle e Sniffbottom. Este é o seu desejo: você conhece a encruzilhada da aldeia, não é?'

"Sim, sim!", ganiu Rowsby Woof. 'Claro que sim! Permita que eu demonstre todo o meu contentamento, querida Fada Wogdog. Eu...'

"Muito bem", disse El-ahrairah. 'Agora, cão afortunado, vá à encruzilhada e espere a Rainha. Ela chega nas asas da noite. Vem de muito longe, por isso espere com paciência. Apenas espere. Não a decepcione, para que as bênçãos não caiam sobre sua cabeça.'

"Decepcionar a Rainha? Ah, não!" gritou Rowsby Woof. 'Esperarei como um verme na estrada. Sou o mendigo da Rainha, Fada Wogdog! Sou o seu indigno servidor, o seu bobo, o seu...'

"Muito bem, parece sincero", disse El-ahrairah. 'Mas agora, apresse-se.'

"Assim que Rowsby Woof partiu, El-ahrairah e Rabscuttle saíram rápidos de entre os loureiros, rodearam a extremidade da cerca e chegaram à porta dos fundos. El-ahrairah puxou o pano no buraco em cima do fosso, com os dentes, e conseguiram entrar na cozinha.

"A cozinha estava tão aquecida quanto este barranco e, num canto, via-se grande monte de verduras prontas para o *hrududu* da manhã seguinte: couves comuns, couves-de-bruxelas e pastinacas. Descongelados, seu cheiro delicioso pairava no ambiente. El-ahrairah e Rabscuttle começaram logo a desferrar-se dos últimos dias de erva gelada e casca de árvores.

"Grande e leal amigo", disse El-ahrairah com a boca cheia. 'Não poupará agradecimentos à Rainha pela honra de a receber. Sem dúvida demonstrará todo o seu reconhecimento, não acha? Tem outra pastinaca aí, Rabscuttle?'

"Nesse ínterim, sentado na encruzilhada, Rowsby Woof aguardava ansiosamente, em plena geada, o aparecimento da Rainha Dripslobber. Depois de muito tempo, ouviu passos. Não eram passos de cão, mas de homem. Ao se aproximarem, julgou serem os passos de seu dono. Era muito estúpido para correr logo ou se esconder. Ficou à espera, até que o dono — que voltava para casa — surgiu na encruzilhada.

"Por aqui, Rowsby Woof?" estranhou o dono. 'Que está fazendo?'

"Rowsby Woof olhou-o desconcertado, de orelhas caídas. O dono parecia perplexo. Mas logo um pensamento ocorreu-lhe.

"Ora, meu velho amigo. Veio me encontrar, não foi? Muito bem, vamos juntos."

"Rowsby Woof tentou escapar, mas o dono agarrou-o pela co-leira, atou um pedaço de sola que trazia no bolso e levou-o para casa.

"Sua chegada pegou El-ahrairah de surpresa. De fato, estava tão ocupado em se empanturrar de couve que nada ouviu, até a porta ser destrancada. Ele e Rabscuttle só tiveram tempo de esgueirar-se para trás de uma pilha de cestos, antes que o homem entrasse, conduzindo Rowsby Woof. Rowsby Woof estava calmo e abatido e não percebeu sequer o cheiro de coelho, que, de qualquer maneira, misturava-se ao cheiro do fogo e da despensa. Estendeu-se na esteira, enquanto o homem preparava uma bebida qualquer.

"El-ahrairah procurou uma oportunidade de escapar pelo buraco na parede. Mas o homem, depois de se sentar para beber e acender um pauzinho branco, olhou em volta e levantou-se. Observara o vento entrando pelo buraco vazio. Para horror dos coelhos, apanhou um saco e vedou a abertura. Em seguida, terminou a bebida, acendeu o fogo e foi dormir, deixando Rowsby Woof fechado na cozinha. Evidentemente considerava injusto soltar o cão na noite gelada.

"A princípio, Rowsby Woof ganiu e arranhou a porta, mas dentro em pouco voltava à esteira perto de fogo e deitava-se. El-ahrairah deslizou rente à parede, até encontrar-se atrás de uma grande caixa de metal no canto, sob a pia. Havia sacos e papéis velhos ali, e ele se convenceu de que Rowsby Woof não poderia vê-lo. Assim que Rabscuttle juntou-se-lhe, falou:

"Rowsby Woof!", soprou El-ahrairah.

"Rowsby Woof ergueu-se num átimo.

"Fada Wogdog! É a senhora mesmo?"

"Sem tirar nem pôr", disse El-ahrairah. 'Lamento sua decepção, Rowsby Woof. Não encontrou a Rainha.'

"Pobre de mim!" disse Rowsby Woof. E contou o que havia acontecido na encruzilhada.

"Não importa", disse El-ahrairah. 'Anime-se, Rowsby Woof. Motivos ponderáveis explicam a ausência da Rainha. Ela recebeu notícias de perigo... ah, de grandes perigos, Rowsby Woof! Felizmente, evitou-os a tempo. Eu própria arrisco minha segurança aqui, só para o advertir. Você tem sorte de contar com a minha amizade, de outra forma seu bom senhor seria atingido por uma praga mortal.'

"Que praga?", soprou Rowsby Woof. 'Vamos, diga logo, boa Fada!'

"Existem muitas fadas e outros espíritos encantados nos reinos animais do Oriente", disse El-ahrairah. 'Uns são favoráveis, mas outros (que a desgraça caia sobre eles!) são inimigos mortais. O pior de todos, Rowsby Woof, é o grande espírito de rato, o gigante de Sumatra, a maldição de Hamelin. Não ousa enfrentar de peito aberto nossa nobre Rainha, mas age em segredo, através do veneno e da doença. Pouco depois de você sair, eu soube que ele enviara seus odiosos ratos gnomos através das nuvens, com doenças mil. Avisei a Rainha e fiquei aqui para o avisar também, Rowsby Woof. Se a doença chegar — e os gnomos estão bem perto — não atingirá você, mas seu dono será uma vítima fácil. E eu também, infelizmente. Só você pode salvá-lo. Não tenho esse poder.'

"Maldição!", ganiu Rowsby Woof. 'Não há tempo a perder! Que devo fazer, Fada Wogdog?'

"A doença age por encantamento", disse El-ahrairah. 'Mas se um cão verdadeiro, de carne e sangue, correr quatro vezes ao redor da casa, latindo bem alto, então o encanto se quebra e a doença não terá

mais poder. Mas veja só! Esqueci! Você está preso aqui, Rowsby Woof. Que fazer? Ouso pensar que tudo está perdido!

"Não, não!", disse Rowsby Woof. 'Eu a salvarei, Fada Wogdog, e salvarei também o meu dono. Deixe comigo!'

"Rowsby Woof começou a ladrar. Ladrrou tão alto que acordaria um morto. As janelas estremeçeram. O carvão caiu entre as grades. Com efeito, o barulho era terrível. Ouviram o homem em cima, a gritar e praguejar. Mesmo assim, Rowsby Woof não parou de latir. O homem desceu às carreiras. Abriu num repelão a janela e pôs-se à escuta, procurando ladrões, mas nada ouviu, em parte porque nada havia a escutar, e em parte devido aos latidos incessantes. Por fim, pegou a espingarda, abriu a porta e saiu cautelosamente, a ver o que se passava. Rowsby Woof disparou para fora, investindo como um touro, e rodeou a casa. O homem seguiu-o na corrida, deixando a porta aberta.

"Rápido!", disse El-ahrairah. 'Mais rápido que Wogdog do arco tártaro! Vamos!'

"El-ahrairah e Rabscuttle entraram correndo na horta e desapareceram entre os loureiros. No campo adiante, pararam por um momento. De trás, chegavam sons de latidos e correrias, misturados com gritos e ordens enraivecidas de 'Venha cá, maldito cão!'

"Nobre mastim", disse El-ahrairah. 'Salvou a vida de seu dono, Rabscuttle. E nos salvou também. Vamos embora para casa. Merecemos um bom sono em nossa toca.'

"Durante o resto de sua vida, Rowsby Woof jamais esqueceu a noite em que esperou a chegada da grande Rainha dos Cães. Pensando bem, um desapontamento, mas isso nada era comparado à lembrança de sua nobre conduta e de como salvara o dono e a boa Fada Wogdog do maléfico espírito de rato."

42. Novidades ao Crepúsculo

Pretendes realmente provar que o ato é injusto e odioso aos deuses?

Sim, Sócrates, pretendo; pelo menos, se me escutarem.

Platão, *Euthyphro*

Ao concluir a história, Dente-de-Leão lembrou-se que devia render Bolota como sentinela. O posto ficava a pouca distância, perto do canto oriental do bosque, e Aveleira — que desejava ver como Madeira de Buxo e Verônica se arranjavam com um buraco que estavam a cavar — acompanhou Dente-de-Leão pelo sopé da encosta. Estava a descer para o novo buraco quando observou que uma criaturinha se mexia na grama. Era o rato que ele salvara do francelho. Feliz de ver que o animalzinho continuava em segurança e saudável, Aveleira voltou-se para dizer-lhe uma palavra. O rato reconheceu-o e sentou-se, lavando o focinho com as patas dianteiras e conversando animadamente.

— Dias bons, dias quentes. Senhor gostar? Muito que comer, calor não é problema. Embaixo da colina haver colheita. Eu apanhar milho, mas viagem longa. Eu pensar vocês iam embora, mas vocês voltarem, não foi?

— Sim — disse Aveleira. — Quase todos nós partimos, mas encontramos o que queríamos e voltamos para ficar.

— Bom. Muitos coelhos agora, capim ficar mais curto.

— Que diferença faz o capim aparado ou não? — disse Mandachuva, que, com Negrão, saltava e comia perto. — Afinal, ele não come capim.

— Capim curto, a gente andar melhor, sabe? — disse o rato, em tom familiar que fez Manda-Chuva torcer as orelhas, irritado. — Caminho longo pelo barranco para buscar comida. Novos coelhos chegando, outra coelheira breve. Novos coelhos seus amigos?

— Sim, sim, todos amigos — disse Manda-Chuva, afastando-se. — A propósito, gostaria de falar com você, Aveleira, sobre os coelhos recém-nascidos, quando estiverem em condições de vir à superfície.

Aveleira, porém, permaneceu onde estava, olhando atentamente o rato.

— Espere um pouco, Manda-Chuva — disse. — Que foi que você falou, rato, sobre outra coelheira? Vai haver outra coelheira aqui por perto?

O rato ficou surpreso.

— Não sabia? Não amigos seus?

— Fiquei sabendo agora. Que história é essa de novos coelhos e outra coelheira em fundação?

O tom de Aveleira denotava pressa e desejo de esclarecimento. O rato enervou-se e, à maneira dos de sua espécie, começou a dizer o que julgava que os coelhos gostariam de ouvir.

— Talvez não haver coelheira. Muitos coelhos aqui, todos meus amigos. Não haver mais coelhos.

Não querer outros coelhos.

— Mas... esses outros coelhos? De que se trata?

— Não senhor. Não senhor, não querer outros coelhos. Todos aqui meus amigos, salvaram minha vida. Por que eu querer outros?

Aveleira pensava com rapidez, tocado por uma suspeita.

— Vamos embora, Aveleira — disse Manda-Chuva. — Deixe o animalzinho em paz. Quero falar com você.

Aveleira ignorou-o. Aproximando-se do rato, inclinou a cabeça e falou com calma e firmeza.

— Você se declara nosso amigo. Se é mesmo, fale sem receio dos outros coelhos que chegaram.

O rato pareceu confuso. Depois, disse:

— Eu não ver outros coelhos, senhor. Mas um irmão meu dizer que uma verdinha disse ver novos coelhos, muitos, muitos coelhos, chegar ao vale, do lado onde nasce o dia. Talvez eu fazer tolice, vocês não gostar mais de rato, não ser amigo de rato.

— Não, tudo bem — disse Aveleira. — Não se preocupe. Continue a contar. Onde foi que o pássaro viu os novos coelhos?

— Dizer eles chegaram do lado onde nasce o dia. Eu não ver.

— Bom amigo — disse Aveleira. — Sua informação é muito útil para nós. — Virou-se para os outros. — Que acha disso, Manda-Chuva?

— Pouca coisa — respondeu Manda-Chuva. — Boatos que correm pelo capim. Essas criaturinhas mudam de idéia muitas vezes por dia. Interrogue-a novamente, no fu Inlé. Ele lhe dirá outra coisa.

— Se você tem razão, dou-me por vencido e esquecemos o caso — disse Aveleira. — Mas não antes de investigar. Alguém deve ir lá. Eu mesmo iria, não fosse a lentidão desta perna.

— Bem, nesse caso deixe para esta noite — disse Manda-Chuva.

— Podemos...

— Alguém tem de ir ver imediatamente — repetiu Aveleira em voz firme. — E levando um bom batedor. Negrão, vá chamar Azevim.

— Não precisa, estou aqui, como sempre acontece — disse Azevim, que se aproximara pelo alto da encosta enquanto Aveleira falava. — Qual o problema?

— Há rumores de estranhos no vale, do lado do nascente — respondeu Aveleira. — Quero detalhes. Quer ir com Negrão naquele rumo... digamos, até o centro do vale, e ver o que há?

— Sim, naturalmente — disse Azevim. — Se houver outros coelhos, podemos trazê-los, não? Estamos em condições de acolher mais alguns.

— Depende de quem sejam — disse Aveleira. — É isso o que desejo descobrir. Vá logo, Azevim. Essa coisa me preocupa.

Mal Azevim e Negrão partiram, Verônica apareceu. Tinha uma expressão excitada, triunfante, que atraiu de imediato a atenção geral. Agachou-se em frente de Aveleira e olhou em volta, silencioso, criando efeito.

— Já acabou o buraco? — perguntou Aveleira.

— O buraco não tem importância — respondeu Verônica.

— Não vim aqui para falar disso. Trevo teve uma ninhada. Filhotes saudáveis. Três machos e três fêmeas, segundo ela informa.

— Então é melhor ir à bétula e espalhar a notícia — disse Aveleira. — Todos devem saber! Mas diga-lhes para não se apinharem na toca e incomodar Trevo.

— Não creio que o façam — disse Manda-Chuva. — Quem gostaria de ver um filhote cego, surdo e sem pêlo?

— Algumas fêmeas, talvez — disse Aveleira. — Estão nervosas, como sabe. Não queremos, evidentemente, que Trevo devore os próprios filhotes ou que aconteça outro caso desagradável.

— Pelo visto, iniciamos outra vez uma vida natural e tranqüila, não é? — disse Manda-Chuva, enquanto pastavam ao longo da encosta. — Que verão este! Continuo sonhando com Efrafa, mas o pesadelo vai passar, garanto. Uma lição eu trouxe daquele lugar: a importância de ocultar uma coelheira. Quando crescermos em número, Aveleira, teremos de cuidar disso. Faremos as coisas com mais sabedoria. Os coelhos serão encorajados a partir no momento adequado.

— Bem, *menos* você — disse Aveleira. — Do contrário, mandarei Kehaar trazê-lo de volta, pelo pescoço. Preciso de sua ajuda para organizar um bom Owsla.

— Também teremos de pensar no assunto — disse Mandachuva. — Pegar um bando de jovens e levá-los à fazenda, para caçar gatos e despertar o apetite. Esse dia chegará — e não está longe. Veja só: a grama está tão seca quanto pêlo de cavalo em cerca de arame. Que tal uma corrida agora pelos campos, só você, eu e Cinco-Folhas? O trigo está sendo cortado e haverá sobras. Espero que não queimem o pasto. Por enquanto, não há sinais de queimada.

— Olhe, temos de esperar um pouco — disse Aveleira. — Quero ouvir o que Azevim e Negrão têm a relatar sobre os coelhos intrusos.

— Pois não precisa esperar muito. Aí vêm eles, a menos que me engane. Diretamente pelo caminho exposto. Não tiveram o cuidado de se ocultarem! E que pressa!

— Aconteceu alguma coisa — disse Aveleira, observando fixamente a aproximação dos coelhos.

Azevim e Negrão atingiram a sombra comprida do bosque em alta velocidade, como se perseguidos. Os observadores esperavam que reduzissem o ritmo ao chegarem à encosta, mas continuaram desembestados, dando a impressão de correrem para a toca. No último instante, Azevim parou, olhou em volta e bateu com o pé no chão, duas vezes. Negrão sumiu no buraco mais próximo. Ao som das batidas, todos os coelhos na superfície procuraram abrigo.

— Espere um instante — disse Aveleira, retendo Panelinha e Bico do Falcão, que passavam pelo capim. — Azevim, qual a razão do alarma? Diga logo, antes de romper a terra com o pé. Que aconteceu?

— Entupa as tocas! — arquejou Azevim. — Mande todo mundo para baixo! Não há um momento a perder.

Seus olhos rolavam nas órbitas e uma espuma escorria-lhe pelo queixo.

— São homens, por acaso? Nada vimos, ouvimos ou cheiramos. Vamos, diga logo o que foi e pare de fazer mistério. Há tempo para uma conversa.

— Terá de ser muito rápida — disse Azevim. — O vale... está cheio de coelhos de Efrafa.

— De Efrafa? Fugitivos?

— Não — disse Azevim. — Não são fugitivos. Candelária está lá. Demos de cara com ele e mais três ou quatro que Negrão reconheceu. Acredito que o próprio Vulnerária lhes faça companhia. Vieram nos pegar... não há dúvida alguma.

— Tem certeza que se trata de uma força superior a uma patrulha?

— Tenho, sim. Nós os farejamos. E ouvimos também... embaixo, no vale. Pensávamos o que tantos coelhos estariam a fazer ali e íamos descer para verificar quando, de súbito, demos com Candelária. Nós o encaramos e ele nos encarou, e então percebi tudo e começamos a correr. Ele não nos seguiu... provavelmente porque não tinha ordem nesse sentido. Mas não demora muito a chegar aqui, certo?

Negrão retornara da toca com Prata e Amora-Preta.

— Devemos partir imediatamente, senhor — disse a Aveleira. — Teremos de levar boa dianteira antes que eles cheguem.

Aveleira olhou em volta.

— Quem quiser ir embora, pode ir — disse. — Eu, não. Fizemos esta coelheira e só Frith sabe o quanto nos custou. Não pretendo abandoná-la.

— Nem eu — disse Manda-Chuva. — Se me mandarem para o Coelho Preto, levo um ou dois de Efrafa comigo.

Seguiu-se curto silêncio.

— Azevim tem razão quanto aos buracos — prosseguiu Aveleira. — É o melhor a fazer. Nós os entupiremos completamente. Terão de cavar para nos descobrir. A coelheira é funda. Está sob a encosta, com raízes de árvores embaixo e em cima. Por quando tempo todos aqueles coelhos poderão permanecer no morro sem atrair *elil*? Acabarão desistindo.

— Você não conhece os efracianos — disse Negrão. — Minha mãe costumava contar-me o que aconteceu em Nutley Copse. Seria melhor partir já.

— Bem, vá embora, então — respondeu Aveleira. — Não pretendo retê-lo aqui. Não vou abandonar esta coelheira. É o meu lar. — Olhou para Hyzenthlay, cheia de juventude, sentada na boca do buraco mais próximo e ouvindo a conversa. — Que distância *ela* poderia percorrer? E Trevo... nós a deixaríamos ou não?

— Devemos ficar — disse Morango. — Creio que El-ahrairah nos salvará desse tal Vulnerária. Caso contrário, não voltarei, de forma alguma, a Efrafa. É o que lhes garanto.

— Entupam os buracos — disse Aveleira.

Enquanto o sol se punha, os coelhos entraram a raspar e cavar a terra dos corredores. As paredes estavam duras devido ao tempo quente. Não era fácil abrir brechas, e quando o solo começava a cair, a terra era leve e porosa e não fazia volume suficiente para bloquear as entradas. Coube a Amora-Preta a idéia de trabalhar de dentro para fora do Favo de Mel, escavando os tetos dos corredores, onde eles desembocavam no salão, e bloqueando as tocas com o desabamento das paredes. Um túnel, que ia dar ao bosque, foi poupado para as saídas e entradas. Era aquele onde Kehaar procurava abrigo, e o vestíbulo da boca ainda estava sujo de excremento. Ao passar por ali, Aveleira pensou que Vulnerária ignorava a partida de Kehaar. Desenterrou o maior quantidade possível de excremento e espalhou-a em volta. Depois, enquanto o trabalho continuava embaixo, agachou-se na encosta e observou a linha do horizonte escurecer para as bandas do leste.

Seus pensamentos eram muito tristes. Em verdade, desesperados. Embora houvesse falado

resolutamente na frente dos outros, sabia haver pouca esperança de salvar a coelheira do ataque dos efracianos. Estes sabiam bem o que fazer. Sem dúvida tinham seus métodos de penetrar numa coelheira. Restaria, então, a possibilidade mínima de que os *elil* os dispersassem. A maior parte dos Mil caçava coelhos para comer. Um arminho ou uma raposa contentava-se com um coelho, até que sentisse fome outra vez. Mas os efracianos estavam habituados a tratar com a morte. A menos que o General Vulneraria fosse morto, permaneceriam ali até completar o serviço. Nada os deteria, a não ser uma catástrofe inesperada.

Mas — e se ele tivesse uma entrevista com Vulneraria? Não haveria uma possibilidade de chamá-lo à razão? A despeito do que pudesse ter acontecido em Nutley Copse, os efracianos não lutariam até o extermínio contra coelhos como Manda-Chuva, Azevim e Prata, sem sofrer baixas... provavelmente muitas vidas. Vulneraria devia saber disso. Talvez ainda houvesse tempo de arrancar-lhe um compromisso — um compromisso que fosse bom para ambas as coelheiras.

"Talvez dê certo", pensou Aveleira, sombrio. "Trata-se, porém, de um risco, e receio que somente o Coelho-Chefe possa assumi-lo. E já que aquele bruto não merece confiança, suponho que o Coelho-Chefe deve ir sozinho."

Voltou ao Favo de Mel e encontrou Manda-Chuva.

— Vou conversar com o General Vulneraria, se puder encontrá-lo. Assuma o comando até eu voltar. Mantenha-os unidos e resolutos.

— Mas Aveleira, espere um momento. Não é aconselhável...

— Não demorarei muito — disse Aveleira. — Quero apenas perguntar-lhe o que tenciona fazer.

Pouco depois, descia a encosta e coxeava pela trilha, parando de vez em quando para sentar-se e olhar em volta, em busca de uma patrulha efraciana.

43. A Grande Patrulha

Que é o mundo, soldados?

Sou eu.

Eu, esta incessante neve,

Este céu setentrional.

Soldados, esta solitude

Através da qual avançamos

Sou eu.

Walter de LaMare, *Napoleon*

Quando a embarcação desceu o rio, sob a chuva, parte da autoridade do General Vulnerária desapareceu com ela. Ele não se teria sentido mais frustrado e perplexo se Avelreira e seus companheiros voassem sobre as árvores. Até então, Vulnerária mostrara-se um adversário temível, formidável. Seus oficiais tinham sido desmoralizados pelo ataque de Kehaar, mas ele não. Ao contrário, insistira na perseguição, a despeito de Kehaar, e formulara um esquema para cortar a retirada dos fugitivos. Teimoso e cheio de recursos na adversidade, quase conseguira ferir a gaivota, quando esta, o agredira fora da cobertura oferecida pela ponte feita de troncos. Depois, quando acossara a caça num sítio onde Kehaar não poderia prestar-lhe auxílio, vira, de súbito, que a esperteza dos fugitivos era maior que a sua, e isso o deixou desnortado na margem do rio. Ouviu a palavra significativa — *tharn* — pronunciada por um de seus oficiais ao retornarem a Efrafa através da chuva. Thlayli, Negrão e as fêmeas da Marca Perto da Pata Traseira tinham desaparecido. Vulnerária tentara detê-los, mas falhara redondamente.

Grande parte daquela noite ele ficou acordado, pensando no melhor a fazer. No dia seguinte convocou reunião do Conselho. Lembrou que não valia a pena enviar uma expedição rio abaixo, em busca de Thlayli, a menos que fosse suficientemente numerosa para derrotá-lo, caso o encontrasse. Mas isso implicava a presença, na expedição, de vários oficiais e muitos integrantes do Owsla. Haveria o risco de tumultos na coelheira enquanto estivessem ausentes. Podia haver outra fuga. Depois, era provável que não localizassem Thlayli, pois este não deixara rastro e não sabiam, ademais, onde procurá-lo. Se não o encontrassem, voltariam, como no dia anterior, com cara de tolos. Maiores tolos ainda.

— Estamos desmoralizados agora — disse Vulnerária. — Não há dúvida quanto a isso. Vervain lhes dirá o que as Marcas estão comentando. Que Candelária foi caçado, no fosso, por um pássaro branco, e Thlayli foi ajudado pelo relâmpago que brilhavam no céu. Só Frith sabe o que andam dizendo.

— O melhor — disse o velho Galanto — é falar pouco. Deixar o tempo correr. Esses coelhos têm memória curta.

— Há uma coisa que me parece aconselhável — disse Vulnerária. — Sabemos agora de um lugar onde *encontraremos* Thlayli e seu bando. Apenas ninguém pensou nisso a tempo. Foi onde Malva seguiu-o com a patrulha, pouco antes de ser morto pela raposa. Algo me diz que eles voltarão lá, mais cedo ou

mais tarde.

— Mas não poderíamos levar coelhos em número suficiente para os enfrentar, senhor — disse Tasneirinha. — Além disso, teríamos de cavar tocas e permanecer ali algum tempo.

— Concordo — respondeu Vulnerária. — Uma patrulha ficará destacada no lugar, até obter notícias. Cavará tocas e viverá ali. Será rendida de dois em dois dias. Se Thlayli aparecer, será observado e seguido secretamente. Quando soubermos para onde pretende levar as fêmeas, então teremos condições de o enfrentar. Eu lhes garanto uma coisa — concluiu, relanceando seus grandes e pálidos olhos. — Se o *encontrarmos*, farei estragos. Prometi a Thlayli que eu próprio o mataria. Ele pode ter esquecido a promessa, mas eu não.

Vulnerária chefiou a primeira patrulha, levando Tasneirinha para que este lhe indicasse onde Malva descobrira o rastro dos coelhos estranhos a caminho do sul. Cavaram tocas entre as moitas ao longo do Cinturão de César, e esperaram. Dois dias depois, suas esperanças reduziram-se. Vervain substituiu Vulnerária. Por sua vez, foi rendido por Candelária. A essa altura, capitães do Owsla diziam entre si que o general estava dominado por uma obsessão. Deviam encontrar maneira de o dissuadir, antes que fosse tarde demais. Na reunião do Conselho da tarde seguinte, sugeriu-se que a patrulha fosse suspensa de dois em dois dias. Vulnerária, rosnando, pediu-lhe para esperar. Instalou-se a controvérsia, através da qual ele sentiu mais oposição do que nunca. No meio disso, com uma conseqüência dramática que reforçava, no momento exato, o ponto de vista do General, Candelária e sua patrulha chegaram, extenuados, com o relatório de que haviam encontrado Thlayli e seus coelhos exatamente onde Vulnerária indicara. Sem serem vistos, seguiram-nos à sua coelheira, a qual, embora a longa distância, não era tão distante assim, a ponto de não ser atacada, já que não gastariam tempo para a localizar. Não parecia muito grande e podia, provavelmente, ser surpreendida.

A notícia pôs fim a toda a oposição e devolveu o Conselho e o Owsla ao controle incontestado de Vulnerária. Vários oficiais queriam partir imediatamente, mas Vulnerária, agora que conhecia o destino do inimigo e recobrava a lealdade de seus acompanhantes, pediu tempo. Sabendo, por Candelária, que este estivera cara a cara com Thlayli, Negrão e o resto, decidiu esperar um pouco, a fim de esvaziar-lhes a vigilância. Ademais, precisava de tempo para fazer o reconhecimento do caminho até Watership e organizar uma expedição. Sua idéia era que, se possível, fariam a jornada num só dia. Isso evitaria possíveis rumores de sua aproximação. Para se certificar dos detalhes, entre os quais o ataque imediato assim que chegassem a Watership, ele próprio, em companhia de Candelária e mais dois, cobriu os cinco quilômetros até o morro a leste de Watership. Ali, pensou na melhor forma de aproximar-se da mata de faias sem ser visto ou farejado. O vento soprava para oeste, como em Efrafa. Podiam chegar no fim da tarde, reunirem-se no vale ao sul do Morro de Cannon Heath e descansar. Assim que o crepúsculo tombasse e Thlayli e seus coelhos estivessem recolhidos às tocas, subiriam a encosta e atacariam a coelheira. Com sorte, não seriam pressentidos. A noite lhes daria cobertura na coelheira capturada e, no dia seguinte, ele e Vervain retornariam a Efrafa. Os demais, chefiados por Candelária, teriam um dia de repouso, e em seguida voltariam também, com as fêmeas e prisioneiros eventuais. A empresa estaria concluída em três dias.

Melhor não levar muitos coelhos. Pelo menos, nenhum que não fosse suficientemente forte para cobrir a distância e depois lutar. A velocidade seria fator decisivo. Quanto mais lenta a jornada, mais perigosa. Retardatários atrairiam *elil* e desencorajariam os demais. Além disso, como Vulnerária sabia muito bem, sua liderança seria posta à prova. Todos os coelhos teriam de sentir-se confortados pelo general; e se ele próprio se julgasse o chefe de um bando apavorado, difícil inspirar confiança nos comandados.

Os coelhos foram escolhidos com extremo cuidado. Eram vinte seis ou vinte sete; metade, do Owsla, e os restantes formados por jovens promissores, recomendados pelos oficiais de suas Marcas. Vulnerária

acreditava no espírito de emulação e espalhou que haveria oportunidade de recompensa. Candelária e Cerefólio foram incumbidos de treinar as patrulhas. Torneios e lutas simuladas foram organizados no *silflay* matinal. Os membros da expedição foram dispensados dos deveres de sentinela e podiam ir ao *silflay* quando bem quisessem.

Partiram antes da aurora de uma clara manhã de agosto, na direção do norte, formando grupos que avançavam pelos barrancos e cercas. Antes de chegarem ao Cinturão, o grupo de Tasneirinha foi atacado por dois arminhos — um, velho, e o outro um filhote. Vulnerária, ouvindo os guinchos à retaguarda, venceu a distância em poucos momentos e atirou-se ao arminho mais velho com os dentes afiados e grandes golpes de suas patas traseiras. Com uma das patas da frente contundida até o ombro, o arminho virou-se e fugiu, acompanhado pelo mais jovem.

— Vocês próprios deviam resolver essas coisas — disse Vulnerária a Tasneirinha. — Arminhos não são perigosos. Vamos embora.

Pouco depois de ni-Frith, Vulnerária voltou para apressar retardatários. Encontrou três, um deles ferido por um caco de vidro. Parou a hemorragia, fez com que os três se juntassem aos seus grupos e determinou uma parada para repouso e alimentação, embora ele circulasse à volta, observando tudo. O dia estava quente e alguns coelhos davam sinais de exaustão. Vulnerária formou com estes um grupo separado e encarregou-se de os recuperar.

No fim da tarde — mais ou menos à altura em que Dente-de-Leão iniciava a história de Rowsby Woof — os efrafianos contornavam um cercado de porcos, a leste da Fazenda de Cannon Heath, e avançavam para o vale ao sul. Muitos estavam fatigados e, apesar de seu tremendo respeito por Vulnerária, predominava a impressão de que se haviam distanciado muito de casa. Receberam ordens de acampar, comer e descansar até o crepúsculo.

O lugar estava deserto, não fossem as verdelhas e alguns ratos mexendo-se ao sol. Alguns coelhos deitaram-se para dormir no capim alto. A encosta já mergulhava na sombra quando Candelária chegou correndo com a notícia de que se vira cara a cara com Negrão e Azevim, na parte mais alta do vale.

Vulnerária aborreceu-se.

— Que os teria atraído aqui? Por que não os matou? Agora perdemos o elemento surpresa.

— Lamento, senhor — disse Candelária. — Não me recobrei a tempo e, além disso, parece-me que eles foram muito rápidos. Não os persegui por não estar certo de que o senhor desejaria isso.

— Bom, não faz muita diferença — disse Vulnerária. — Não vejo o que possam tentar. Mas tentarão alguma coisa, agora que sabem que estamos aqui.

Ao passar por entre os coelhos, tomando providências e encorajando-os, Vulnerária pensava na situação. Uma coisa tornava-se clara: já não havia possibilidade de pegar Thlayli e o resto de surpresa. E se estivessem já tão assustados que não oferecessem luta? Os machos entregariam as fêmeas em troca de suas vidas. Ou, quem sabe, já estariam em fuga, e nesse caso deviam ser perseguidos e apanhados imediatamente, pois estavam descansados, e os coelhos de Vulnerária muito cansados para persegui-los a longa distância? Tinha de decidir logo. Virou-se para um jovem coelho da Marca do Pescoço, que comia bem perto.

— Seu nome é Cardo, não? — perguntou.

— Cardo, senhor — respondeu o coelho.

— Bem, você é a pessoa que eu procuro. Vá em busca do Capitão Candelária e diga-lhe para me encontrar ali, perto do junípero. Está vendo? Imediatamente. Melhor você o acompanhar. Ande depressa,

não há tempo a perder.

Assim que Candelária e Cardo apareceram, Vulnerária levou-os à encosta. Queria ver o que acontecia na mata de faias. Se o inimigo estivesse em fuga, Cardo podia ser enviado com uma mensagem a Tasneirinha e Vervain, para que reunissem todos imediatamente. Se não, Vulnerária veria outra alternativa.

Chegaram à trilha acima do vale e começaram a subir com cautela, já e que o crepúsculo lhes sombreava os olhos. O leve vento oeste transportava cheiro fresco de coelhos.

— Se estão *mesmo* em fuga, ainda não foram longe — disse Vulnerária. — Mas não creio que *estejam* a fugir. Ainda se encontram na coelheira.

Nesse instante, um coelho saiu do capim e sentou-se no meio do caminho. Ficou parado alguns momentos e depois adiantou-se na direção deles. Coxeava e tinha expressão tensa, resoluta.

— Você é o General Vulnerária, não é? — disse o coelho. — Vim falar com você.

— Thlayli mandou-o? — perguntou Vulnerária.

— Sou amigo de Thlayli — respondeu o coelho. — Vim perguntar-lhe por que está aqui e o que pretende.

— Você estava na margem do rio sob a chuva?

— Sim, estava.

— O que ficou inconcluso ali, será concluído agora — disse Vulnerária. — Vamos destruir vocês.

— Verá que não é assim tão fácil — replicou o outro. — Você levará para casa menos coelhos do que trouxe. Seria preferível chegarmos a um acordo.

— Muito bem — disse Vulnerária. — Aqui estão as condições. Devolva todas as fêmeas que fugiram de Efrafa e entregue os desertores Thlayli e Negrão ao meu Owsla.

— Não, não podemos aceitar tais termos. Vim sugerir-lhe algo diferente e melhor para nós. Um coelho tem duas orelhas; um coelho tem dois olhos, duas narinas. Nossas duas coelheiras devem ser assim também. Devem coexistir — e não lutar. Devemos construir outras coelheiras entre nós... a começar por uma, entre a nossa e Efrafa, com coelhos dos dois lados. Você nada teria a perder, e sim a ganhar. Nós ambos, aliás. Muitos coelhos seus sentem-se infelizes agora e você dificilmente pode controlá-los, mas, com este plano, veria logo a diferença. Os coelhos já têm inimigos em demasia. Não devem hostilizar-se, portanto. Um cruzamento de coelhos livres, independentes... que tem a dizer?

Naquele instante, ao crepúsculo de Watership Down, foi oferecida ao General Vulnerária a oportunidade de demonstrar se era verdadeiramente o líder de visão e o gênio que acreditava ser, ou se não passava de um tirano com a coragem e a teimosia de um pirata. Por um breve instante, a idéia do coelho manco brilhou em seu espírito. Ele percebeu-lhe o alcance e viu o que significava. No instante seguinte, repeliu-a. O sol mergulhou na encosta nublada e agora Vulnerária podia ver claramente a trilha pela escarpa, no rumo da mata de faias, e a carnificina para a qual ele se preparara com tanta ânsia e cuidado.

— Não disponho de tempo para ficar sentado aqui a conversar tolices — disse Vulnerária. — Você não está em situação de negociar conosco. Nada mais temos a dizer. Cardo, volte e avise ao Capitão Vervain que quero todos reunidos aqui em cima, imediatamente.

— E este coelho, senhor? — perguntou Candelária. — Devo matá-lo?

— Não — respondeu Vulnerária. — Já que o enviaram para saber das nossas condições, é melhor

devolvê-lo. Olhe, volte e diga a Thlayli que se as fêmeas não estiverem à nossa espera, fora de sua coelheira, juntamente com ele e Negrão, no instante em que chegarmos todos os machos estarão de pescoço quebrado, até o ni-Frith de amanhã.

O coelho manco pareceu disposto a responder, mas Vulnerária já se tinha afastado e explicava a Candelária o que devia fazer. Nenhum deles observou o coelho manco subir pelo caminho por onde viera.

44. Uma Mensagem de El-ahrairah

A passividade forçada de sua defesa e a interminável espera tornaram-se insuportáveis. Dia e noite ouviam o abafado golpe das picaretas em cima, e sonhavam com o desabamento da caverna e suas terríveis conseqüências. Estavam sujeitos à "mentalidade de castelo" em sua forma mais extremada.

Robin Fedden, *Crusader Castles*

— Pararam de cavar, Aveleira-rah — disse Verônica. — Ao que parece, não há ninguém na toca.

Na escuridão densa do Favo de Mel, Aveleira passou por três ou quatro coelhos agachados contra as raízes das árvores e chegou à plataforma mais alta, onde Verônica procurava ouvir sons de cima. Os efrarianos haviam alcançado a mata no começo do crepúsculo e imediatamente iniciaram uma busca nas margens e entre as árvores, para calcular o tamanho da coelheira e ver onde estavam os buracos. Ficaram surpresos ao encontrar tantos buracos em área bem pequena, pois nem todos tinham experiência de outra coelheira a não ser Efrafa, onde poucos buracos serviam às necessidades de numerosos coelhos. A princípio, julgavam haver grande quantidade de coelhos embaixo. O silêncio e o abandono do lugar, na mata de faias, encheram-nos de suspeitas, e a maioria permaneceu ao largo, nervosa, receando emboscada. Vulnerária teve de tranqüilizar. Seus inimigos, explicou, eram tolos que faziam mais tocas do que uma coelheira realmente organizada precisava. Logo perceberiam o erro, pois todas as tocas seriam desobstruídas até que fosse impossível defender o lugar. Quanto aos excrementos do pássaro branco, espalhados na mata, não havia dúvida de que eram antigos. Não se viam sinais de que o pássaro estivesse perto. Todavia, muitos soldados rasos continuavam a olhar cautelosamente em volta. Ao grito súbito de um pavoncino no morro, um ou dois dispararam e tiveram de ser trazidos à força por seus oficiais. A história do pássaro que lutara ao lado de Thlayli, na tempestade, deixara eco ao ser narrada nas tocas de Efrafa.

Vulnerária instruiu Candelária a colocar sentinelas e manter uma patrulha nos arredores, enquanto Vervain e Tasneirinha cuidavam das tocas bloqueadas. Tasneirinha pôs-se a trabalhar ao longo da margem. Vervain foi para a mata, onde as bocas dos buracos sobressaíam entre as raízes de árvores. Logo atingiu o túnel deixado aberto. Pôs-se à escuta, mas tudo estava calmo. Vervain (mais habituado a tratar com prisioneiros do que com inimigos) ordenou a dois coelhos que descessem. A descoberta do túnel desobstruído e silencioso deu-lhe a esperança de poder assaltar a coelheira num único e decisivo lance contra o seu centro. Os infelizes coelhos que obedeciam suas ordens foram enfrentados por Prata e Espinheiro Cerval num ponto onde o túnel alargava-se. Esbofeteados e espancados, conseguiram escapar com vida. Isso em nada encorajava Vervain, que se mostrava relutante em cavar e fez pouco progresso durante a escuridão antes do aparecimento da lua.

Tasneirinha, que sentia a necessidade de dar o exemplo, cavou o solo frouxo e esfarinhado de um dos túneis à margem do barranco. Enfiando-se na terra solta qual mosca em manteiga derretida, e erguendo a cabeça, viu-se de repente cara a cara com Negrão, que afundou os dentes da frente em sua garganta. Tasneirinha, sem possibilidade de utilizar seu peso, gritou e esperneou á vontade. Negrão não o largou e Tasneirinha — um coelho robusto, como todos os oficiais efrarianos — arrastou-o um pouco, antes de livrar-se do aperto. Negrão cuspiu um bocado de pêlo e saltou, com as patas dianteiras armadas. Mas

Tasneirinha já se pusera a salvo. Por sorte, não estava muito ferido.

Vulnerária percebeu logo que ia ser extremamente difícil, se não impossível, tomar a coelheira de assalto pelos túneis defendidos. Haveria uma boa oportunidade de êxito se vários túneis fossem abertos e utilizados a um só tempo, mas duvidava que seus coelhos o tentassem, depois do que tinham presenciado. Censurou-se por não haver dado maior importância ao que faria se perdesse o elemento surpresa e tivesse de forçar a entrada. Melhor pensar bem agora. Quando a lua apareceu, convocou Candelária e discutiu o problema.

A sugestão de Candelária foi que deviam render a coelheira pela fome. O tempo estava quente e seco e eles poderiam facilmente permanecer ali dois ou três dias. Vulnerária rejeitou a proposta com impaciência. Ele próprio não tinha certeza se o dia claro não traria de volta o pássaro branco. Teriam de descer às tocas de madrugada. Aparte essa ansiedade secreta, sentia que sua reputação dependia de uma vitória militar. Trouxera o Owsla para pegar aqueles coelhos ali, derrubá-los e matá-los. Um cerco seria um miserável anticlímax. Além disso, queria retornar a Efrafa o mais cedo possível. A exemplo da maioria dos chefes militares, nunca tinha certeza do que acontecia à retaguarda.

— Se não me falha a memória — disse —, depois que a parte principal da coelheira de Nutley Copse foi tomada e o combate cessou, alguns coelhos enfiaram-se numa toca menor, de onde foi difícil tirá-los. Eu disse que cuidassem do caso e voltei a Efrafa com os prisioneiros. *Como* foram resgatados e quem fez o trabalho?

— O Capitão Malva, senhor — disse Candelária. — Agora, está morto. Mas espero encontrar alguém que o tenha acompanhado naquela missão. Vou ver.

Retornou com uma parva e pesada sentinela do Owsla, chamada erva-de-Santiago, que, a princípio, teve certa dificuldade em entender o que lhe pedia o general. Por fim, disse que, quando estivera com o Capitão Malva, mais de um ano atrás, o capitão o instruíra a cavar um buraco bem em cima. A terra cedeu e eles caíram no meio de alguns coelhos, que foram combatidos e logo vencidos.

— Bem, parece-me a *única* maneira de agir — disse Vulnerária a Candelária. — Se trabalharmos todos, em rodízio, o buraco estará concluído antes da aurora. Melhor você postar agora suas sentinelas. Apenas duas ou três. Começaremos imediatamente.

Pouco depois, Aveleira e seus coelhos, embaixo, no Favo de Mel, ouviram os primeiros ruídos da escavação em cima. Não precisaram de muito tempo para concluir que a escavação se realizava em dois pontos. Um, na extremidade norte do Favo de Mel, acima do lugar onde as três raízes formavam uma espécie de abóbada na toca. Ali, o teto, sustentado em raízes fortes e entrançadas, era bem sólido. O outro buraco parecia dirigir-se ao centro desprotegido do Favo de Mel, mais perto da extremidade sul, onde a parede era interrompida por vãos e túneis, com colunas de terra de permeio. Aos túneis seguiam-se várias tocas. Uma delas, forrada com pêlo arrancado da própria barriga de Trevo, abrigava esta e o monte de ervas e folhas, coberto de terra, no qual seus filhotes recém-nascidos dormiam.

— Bem, parece que lhes estamos criando dificuldades — disse Aveleira. — Isso é bom. Além de cegarem as garras, estarão cansados antes de terminar a escavação. Que pensa você, Amora-Preta?

— Receio que a situação seja péssima, Aveleira-rah. É verdade que naquele canto a escavação se mostra penosa. Há muita terra e as raízes os atrasarão. Mas aqui, neste canto, será mais rápido. Não tardarão a chegar perto. Então, o teto ruirá. Não sei como poderemos detê-los.

Aveleira sentiu que Amora-Preta tremia ao falar. À medida que os ruídos da escavação prosseguiam, notou o medo espalhando-se por todos na toca.

— Vão nos devolver a Efrafa — soprou Vilthuril a Thethuthinnang. — A polícia da coelheira...

— Calma — disse Hyzenthlay. — Os machos estão quietos. Por que iríamos nos atormentar? Prefiro estar aqui, nessa situação, do que em Efrafa.

Palavras ditas com coragem, mas Aveleira não era o único a ler os pensamentos de Hyzenthlay. Manda-Chuva lembrou-se da noite, em Efrafa, quando a tranqüilizara, falando cios morros altos e da certeza de sua fuga. No escuro, cutucou o ombro de Aveleira e levou-o para um dos lados da larga toca.

— Escute, Aveleira, ainda não estamos vencidos. O fim não chegou ainda. Quando o teto ruir, eles cairão aqui, neste canto do Favo de Mel. Mandaremos todos recuar para as tocas de dormir e bloquearemos os túneis que lhes dão acesso. Não há outra alternativa.

— Sim, isso prolongará a resistência — disse Aveleira. — Mas eles acabarão irrompendo também nas tocas de dormir, assim que estiverem aqui dentro.

— Estarei à espera, com mais um ou dois companheiros — disse Manda-Chuva. — E não me surpreenderia se eles desistissem.

Com uma sensação de inveja, Aveleira percebeu que Manda-Chuva só pensava em enfrentar o assalto efraciano. Sabia que podia lutar e queria demonstrar isso. Não pensava em outra coisa. A situação desesperadora não tinha lugar importante em seus pensamentos. Até mesmo o ruído da escavação, agora mais audível, só o fazia pensar na melhor maneira de vender caro a vida. E acaso não teria razão? Pelo menos, os preparativos de Manda-Chuva manteriam os outros ocupados e talvez distraíssem o medo silencioso que enchia toda a coelheira.

— Você tem toda a razão, Manda-Chuva — disse. — Preparemos uma pequena recepção. Diga a Prata e aos outros o que pretende e comecem logo.

Quando Manda-Chuva começou a explicar o plano a Prata e Azevim, Aveleira enviou Verônica à extremidade norte do Favo de Mel, para ouvir a escavação e relatar acerca de seu avanço. Pelo que percebia, não faria diferença alguma se o teto desabasse ali ou no centro. De qualquer forma, teria de demonstrar aos outros que mantinha a cabeça firme.

— Não podemos derrubar estas paredes para bloquear o túnel intermediário, Manda-Chuva —, disse Azevim. — Elas sustentam o teto nesta extremidade, como você não ignora.

— Sei — respondeu Manda-Chuva. — Cavaremos as paredes das tocas de dormir, mais atrás. Precisaremos de espaço, se formos todos para lá. Portanto, cave a terra frouxa nos espaços entre as colunas. Derrube tudo.

Desde que Manda-Chuva retornara de Efrafa, sua autoridade havia crescido muito. Ao vê-lo em boa disposição de ânimo, os outros puseram de lado o medo e fizeram o que lhe mandavam, alargando as tocas além do canto sul do Favo de Mel e empilhando a terra macia nos túneis de entrada, até que, o que antes era uma colunata, transformou-se aos poucos em sólida parede. Durante uma pausa nesse trabalho, Verônica relatou que a escavação acima, na extremidade norte, cessara. Aveleira acompanhou-o e, agachado, ouviu durante algum tempo. Nada, aliás, se ouvia. Voltou para o lugar onde Espinheiro mantinha guarda, ao pé do único corredor livre — o túnel de Kehaar, como era chamado.

— Sabe o que aconteceu? — disse. — Encontraram as raízes aí em cima e desistiram. Agora concentram todos os esforços do outro lado.

— Creio que sim, Aveleira-rah — disse Espinheiro Cerval. — F, depois de curto silêncio: — Lembra-se dos ratos no celeiro? — Conseguimos escapar muito bem, não foi? Agora, temo que não possamos sair daqui. Uma pena, depois de tudo quanto fizemos juntos.

— Sim, sairemos — disse Aveleira, com toda a convicção de que foi capaz. Mas sabia não lhe ser

possível manter semelhante pretensão. Espinheiro — um camarada decente, determinado, da melhor tempera — estaria aonde, no próximo ni-Frith? E ele próprio, Avelreira, para onde os conduzia, com todos os seus sábios esquemas? Teriam atravessado os campos rasos, ultrapassado as armadilhas de arame, enfrentando a tormenta, os bueiros do grande rio, só para morrer nas garras do General Vulnerária? Não era a sorte que mereciam. Não parecia um fim justo para o caminho árduo que tinham percorrido. Mas como deter Vulnerária? A menos que um tremendo golpe de azar estivesse à espreita dos efrarianos lá fora. Não convinha pensar nisso. Afastou-se.

Raspe, raspe. Raspe, raspe. Era o ruído da escavação em cima. Atravessando o subterrâneo, no escuro, Avelreira encontrou-se ao lado de outro coelho, agachado em silêncio rente à parede recém-construída. Parou, a farejar. Era Cinco-Folhas.

— Não está trabalhando? — perguntou desatento.

— Não. Estou escutando.

— A escavação?

— Não. Não é a escavação. Estou tentando ouvir outra coisa... algo que os outros não podem ouvir. Só eu posso. Mas está longe. Profunda. Distante, profunda. Estou indo, Avelreira... estou indo. — Sua voz tornou-se mais lenta e desfalecente. — Caindo. Mas está frio. Frio.

O ar na toca escura era sufocante. Avelreira inclinou-se sobre Cinco-Folhas, empurrando o corpo flácido com o focinho.

— Frio — murmurou Cinco-Folhas. — Como... como... como está frio!

Houve um longo silêncio.

— Cinco-Folhas? — chamou Avelreira. — Cinco-Folhas? Está me ouvindo?

De súbito, um terrível som escapou de Cinco-Folhas. Um som ante o qual todos os coelhos da coelheira saltaram, tomados de pânico. Um som que nenhum coelho jamais produzira, que nenhum coelho tinha o poder de emitir. Profundo e desnaturado. Os coelhos que trabalhavam no canto externo da parede agacharam-se, horrorizados. Uma das fêmeas começou a guinchar.

— Animaizinhos nojentos — gritou Cinco-Folhas. — Como... como ousam? Saiam. Fora daqui! Fora!

Manda-Chuva atravessou a muralha de terra, piscando e arquejando.

— Em nome de Frith, faça-o calar-se! — cochichou. — Desse jeito, todos perdem o juízo!

Estremecendo, Avelreira sacudiu Cinco-Folhas.

— acorde! Cinco-Folhas, acorde!

Mas Cinco-Folhas estava mergulhado em profundo estupor.

Na mente de Avelreira, ramos verdes esticavam-se ao vento. Oscilavam, para cima e para baixo, sovados, dobrados. Havia alguma coisa... uma coisa que ele colheu de relance entre os ramos. Que seria? Água, sentiu; e medo. Então, de repente, viu com clareza, por um instante, um pequeno grupo de coelhos, à margem de um regato, na aurora, ouvindo o som de gritos no bosque acima, e as advertências de um gaio.

"Se eu fosse você, não esperaria até o ni-Frith. Iria imediatamente. De fato, não lhe resta outra alternativa. Há um cão enorme solto na mata."

O vento soprou, as árvores estremeceram suas miríades de folhas. O regato desapareceu. Avelreira reencontrou-se no Favo de Mel, olhando Manda-Chuva na escuridão, através do corpo imóvel de Cinco-

Folhas. A raspagem em cima tornava-se forte e próxima.

— Manda-Chuva — disse Aveleira —, faça o que digo, imediatamente. Não temos tempo a perder. Vá buscar Dente-de-Leão e Amora-Preta e leve-os ao meu encontro, à entrada do túnel de Kehaar. Rápido!

Na boca do túnel, Espinheiro ainda estava a postos. Não se mexera ao ouvir o grito de Cinco-Folhas, mas sua respiração estava mais curta e o pulso batia disparado. Ele e os outros três coelhos reuniram-se, sem uma palavra, em volta de Aveleira.

— Tenho um plano — disse Aveleira. — Se der certo, acabará de uma vez por todas com Vulnerária. Mas não posso explicar agora. Cada minuto é precioso. Dente-de-Leão e Amora-Preta, venham comigo. Sairemos, por este corredor, nas árvores do morro. Depois, iremos para o norte, pela encosta, e descenderemos aos campos. Não parem a pretexto de nada. Irão mais depressa que eu. Esperem por mim junto à árvore de ferro, no vale.

— Mas Aveleira... — disse Amora-Preta.

— Assim que partirmos — disse Aveleira, voltando-se para Manda-Chuva —, bloqueiem este túnel e façam com que todos retrocedam para trás da parede que levantaram. Se os efrarianos romperem a parede, detenham-nos o mais que puderem. Não os deixem entrar de maneira alguma. El-ahrairah mostrou-me o que fazer.

— Mas onde vai você, Aveleira? — perguntou Manda-Chuva.

— À fazenda, para roer outra corda. Vocês dois aí, sigam-me pelo túnel, e não esqueçam: não parem por nada, até descerem a colina. Se encontrarem coelhos lá fora, não lutem... corram.

Sem outra palavra, embarafustou pelo túnel e entrou na mata, com Amora-Preta e Dente-de-Leão em seus calcanhares.

45. Nuthanger Farm Outra Vez

Convoque a violência! Solte os cães de guerra.

Shakespeare, *Julius Caesar*

Naquele momento, o General Vulnerária, no capim sob a ribanceira, encarava Cardo e Erva-de-Santiago, ao luar opalescente do fim da madrugada.

— Vocês não foram postos à entrada do túnel só para ouvir — disse. — Foram postos ali para deter quem ousasse sair. Não podiam, portanto, abandonar o lugar. Voltem imediatamente.

— Dou-lhe minha palavra, senhor — disse Cardo em tom de zanga. — Há um animal que não é coelho lá embaixo. Nós ouvimos.

— E o cheiraram também? — perguntou Vulnerária.

— Não senhor. Também não vimos sinais de excremento. Mas ouvimos um animal, e juro que não era coelho.

Vários coelhos que estavam a cavar abandonaram o trabalho e juntaram-se perto, para ouvir. Começou o murmúrio.

— Eles tinham um *homba* que matou o Capitão Malva. Meu irmão estava lá. Ele viu.

— Eles tinham um grande pássaro que se transformou em relâmpago.

— Havia outro animal que os levou pelo rio.

— Por que não voltamos para casa?

— Parem! — gritou Vulnerária. Dirigiu-se ao grupo. — Quem disse isto? Você, foi? Muito bem: vá embora. Vamos, estou esperando. O caminho é por aqui.

O coelho não se mexeu. Vulnerária olhou vagarosamente em redor.

— Muito bem. Outro que quiser voltar, pode ir também. Será uma jornada agradável, sem oficiais, porque todos estarão ocupados a cavar, inclusive eu. Capitão Vervain! Capitão Tasneirinha! Querem me acompanhar? Você, Cardo, saia daí e vá buscar o Capitão Candelária. E você, Erva-de-Santiago, volte para a entrada daquele túnel de onde não devia ter saído.

Logo a escavação foi retomada. O buraco estava fundo — mais fundo do que Vulnerária esperara, e ainda não havia sinal de desmoronamento. Mas todos os três coelhos puderam sentir que embaixo, a pouca distância, havia um espaço oco.

— Ânimo — disse Vulnerária. — Falta pouco.

Quando Candelária entrou, contou que vira três coelhos fugindo pela encosta do morro, na direção do norte. Um deles parecia ser o coelho manco. Pretendia persegui-los, mas voltou para atender à ordem levada por Cardo.

— Não tem importância — disse Vulnerária. — Deixe-os ir. Haverá três a menos, quando entrarmos.

O que, você outra vez? — Erva-de-Santiago aparecerá ao seu lado. — Que foi desta feita?

— O túnel que restava, senhor. Foi bloqueado.

— Então comece a fazer algo de útil — disse Vulnerária. — Apanhe esta raiz. Não, aquela, seu idiota.

A escavação continuou, à medida que os primeiros raios de luz começavam a chegar do leste.

* * *

O grande campo ao pé da escarpa fora roçado, mas a palha ainda não havia sido queimada e jazia, em compridos feixes pálidos, sobre o restolho mais escuro, sobre os talos ásperos e as sementes da sega — sanguinárias e morriões, linhos bravos e verônicas, amores-perfeitos e persicárias. Incolor e imóvel sob o luar. Entre as filas, a sega extensa estava tão deserta quanto o morro.

— Agora, escutem bem — disse Aveleira, ao saírem do cinturão de espinheiros e cornisos, onde a torre se erguia. — Compreenderam bem o que vamos fazer?

— E uma ordem temerária, não é Aveleira? — respondeu Dente-de-Leão. — Tentaremos, tenha a certeza. Nada mais poderá salvar a coelheira.

— Então, vamos. A ida é fácil. A distância reduz-se à metade, com os campos roçados. Não se preocupem em buscar abrigo. Corram no descampado. De qualquer maneira, mantenham-se perto de mim. Irei o mais rápido que puder.

Cruzaram o campo com bastante facilidade, Dente-de-Leão correndo na dianteira. O único alarma veio quando assustaram quatro perdizes, que voaram sobre a cerca, para oeste, e pousaram, de asas abertas, no campo além. Dentro em pouco os coelhos atingiam a estrada e Aveleira parou entre a cerca viva, no alto do barranco mais próximo.

— Aqui, Amora-Preta — disse —, nós o deixaremos. Fique firme, sem se mexer. Quando chegar a ocasião, não se precipite. Você tem uma boa cabeça, a melhor de todas. Use-a — e não a perca. Ao retornar, entre no túnel de Kehaar e permaneça ali até as coisas se acalmarem. Compreendeu tudo?

— Sim, Aveleira-rah — respondeu Amora-Preta. — Mas, pelo que vejo, terei de correr daqui até a árvore de ferro sem proteção alguma. Não há possibilidade de refúgio.

— Eu sei — disse Aveleira. — Não temos alternativas. Se as coisas piorarem, você terá de meter-se na sebe, e ficar entrando e saindo. Faça como achar melhor. Não temos tempo a perder aqui. Certifique-se, porém, de que poderá voltar à coelheira. Tudo depende de você.

Amora-Preta escondeu-se entre o musgo e a hera em volta da base do espinheiro. Os outros dois atravessaram a estrada e subiram a colina na direção dos barracões na planície.

— Guardam boas raízes ali — disse Aveleira, ao passarem pelos barracões e chegarem à sebe. — Pena não termos tempo agora. Quando tudo isso terminar, faremos um incursão aqui.

— Espero que sim, Aveleira-rah — disse Dente-de-Leão. — Vai direto à planície? E os gatos?

— É o caminho mais curto. O resto não conta.

A essa altura, a primeira luz da manhã tornara-se mais clara e várias cotovias estavam despertas. Ao se aproximarem do grande anel formado pelos olmos, ouviram uma vez mais o rápido suspirar e rumorejar das folhas em cima, e uma folha amarela caiu em espiral na margem do fosso. Chegaram ao

alto da elevação e viram, diante de si, os celeiros e o pátio da fazenda. Cantos de pássaros irrompiam e as gralhas-calvas chamavam do alto dos olmos, mas nada — sequer um pardal — movia-se no chão. Bem em frente, do outro lado do pátio da fazenda, perto da casa, via-se o canil. O cão não se encontrava à vista, mas a corda, atada a uma presilha no teto achatado, estendia-se de lado e desaparecia à entrada do canil, sobre a superfície coberta de palha.

— Chegamos a tempo — disse Aveleira. — O bruto ainda dorme. Agora, Dente-de-Leão, não cometa erros. Deite-se na grama, aqui mesmo, em frente ao canil. Quando a corda estiver roída, você verá que ela cairá. A menos que o cão esteja doente ou surdo, se mostrará, a essa altura, alerta. Provavelmente antes, mas correrei o risco. Cabe-lhe atrair o cão e fazê-lo perseguir você até a estrada. Você é muito rápido. Tenha cuidado para que o cão não lhe perca o rastro. Utilize as sebes, se for preciso. Mas lembre-se que ele estará arrastando a corda. Leve-o até Amora-Preta. É o quanto basta.

— Se voltarmos a nos encontrar, Aveleira-rah — disse Dente-de-Leão, ao tomar posição na grama —, teremos material para uma extraordinária história.

— E você é o indicado para narrá-la — disse Aveleira.

Afastou-se em semicírculo para o lado do nascente e chegou à parede da casa da fazenda. Então, começou a saltar cautelosamente ao longo da parede, por entre o estreito canteiro de flores. Sua cabeça era um tumulto de odores — flox em flor, cinzas, estéreo de gado, cão, gato, galinhas, água estagnada. Atingiu o fundo do canil, cheirando fortemente a creosoto e palha. Um fardo meio usado de palha erguia-se contra o canil — sem dúvida, uma espécie de colchão que, no tempo seco, não fora guardado convenientemente. Eis, pelo menos, um golpe de sorte, pois Aveleira julgara encontrar dificuldades para subir ao teto. Engatinhou pela palha. Do outro lado do teto de feltro havia um pedaço rompido de velho lençol, úmido de orvalho. Aveleira sentou-se, farejando, e pôs as patas em cima. O lençol não deslizou. Ele puxou-o para cima.

Quanto barulho já fizera? O seu próprio odor sobrepujaria o alcatrão, a palha e o pátio? Esperou, pronto a saltar, à espera de qualquer movimento embaixo. Não havia som algum. Em meio ao terrível miasma de cheiro canino, que o empolgava de medo e dizia: "Corra! Corra!", repercutindo em todos os nervos, arrastou-se para onde a presilha estava pregada ao teto. Suas garras arranharam de leve e ele parou outra vez. Ainda assim, nenhum movimento se ouviu. Arrastou-se mais e começou a morder e a roer a corda grossa.

Foi mais fácil do que pensara. Mais fácil que a corda do barco, embora aquela fosse igualmente grossa. A corda do barco, molhada pela chuva, era flexível, escorregadia, fibrosa. Aquela, embora exposta ao sereno, estava seca e leve. Em pouco tempo a parte branca de seu interior tornava-se visível. Os dentes de Aveleira, que cortavam como se fosse cinzeis, fincaram-se com firmeza e ele sentiu as fibras secas partirem-se. A corda estava meio solta.

Naquele instante, sentiu o pesado corpo do cão mover-se embaixo. O cão estirou-se, estremeceu e latiu. A corda mexeu-se um pouco e a palha estalou. O cheiro entontecedor chegou forte, como uma nuvem.

"Pouco me importa que ele ouça agora", pensou Aveleira. "Seria bom que eu acabasse de roer logo. O cão partirá contra Dente-de-Leão imediatamente. Se, ao menos, eu rompesse a corda quando ele começasse a puxar!"

Roou outra vez e sentou-se para recobrar o fôlego, olhando para o lugar onde Dente-de-Leão estava à espera. Então, estremeceu de medo. A pouca distância atrás de Dente-de-Leão, na grama, estava o gato de peito branco, olhos arregalados, cauda balouçante, agachado. O tigrino. Percebera a presença de Aveleira e Dente-de-Leão. Enquanto observava, fascinado, o gato aproximou-se mais. Dente-de-Leão,

quieto, fitava intensamente a frente do canil, como lhe fora dito. O gato encolheu-se para o salto.

Antes de saber direito o que fazia, Aveleira bateu com a pata no telhado oco. Bateu duas vezes e depois virou-se para saltar para o chão e correr. Dente-de-Leão, reagindo instantaneamente, pulou sobre os pedregulhos. No mesmo momento, o gato saltava e caía exatamente onde o coelho estivera deitado. O cão soltou dois latidos rápidos e agudos e investiu para fora do canil. A corda esticou-se, estremeceu por um breve instante e então partiu-se no ponto onde Aveleira estivera a roer, deixando-a por um fio. O canil foi impulsionado para a frente, estremeceu, desengonçou-se e caiu. Aveleira, perdendo o equilíbrio, embaraçou-se no lençol, perdeu o pé e tombou também. Caiu pesadamente sobre a perna fraca e esperneou. O cão havia desaparecido.

Aveleira parou de espernear. Sentia um agulhão de dor no flanco, mas sabia que podia movimentar-se. Lembrou-se do chão desigual do celeiro, do outro lado do pátio. Poderia cobrir a curta distância até lá, ocultar-se e em seguida fugir para a vala. Ergueu-se sobre as patas dianteiras.

Nesse instante, foi atirado de lado e sentiu-se pressionado contra o chão. Seguiu-se uma leve mas aguda comichão embaixo do pêlo de seu dorso. Investiu com as patas traseiras, mas não atingiu coisa alguma. Virou a cabeça. O gato estava em cima dele, agachado contra a metade de seu corpo. Os bigodes do gato arranhavam-lhe a orelha. Com os grandes olhos verdes, de pupilas contraídas até formarem fendas pretas e verticais à primeira luz do sol, fitava-o dentro dos seus olhos.

— Pode correr? — soprou o gato. — Creio que não.

46. Manda-Chuva Defende-se

Cavalgada penosa esta, meus senhores. Veremos quem resiste mais.

O Duque de Wellington (em Waterloo)

Tasneirinha subiu a encosta íngreme da plataforma e juntou-se a Vulnerária no cimo.

— A escavação terminou, senhor. O resto desmoronará se houver pressão.

— Pode-se adivinhar o que há embaixo? — perguntava Vulnerária. — Entraremos num túnel ou numa toca?

— Tenho certeza que é uma toca, senhor. De fato, parece-me haver um grande espaço aí embaixo.

— Quantos coelhos você calcula na toca?

— Não ouvi nenhum. Estão silenciosos, à espera que entremos para nos atacar.

— Não fizeram até agora menção de atacar — disse Vulnerária. — Não passam de um bando de pobres-diabos, acovardados, alguns fugindo no meio da noite. Não antevejo dificuldades.

— A não ser, senhor... — disse Tasneirinha. Vulnerária olhou-o, na expectativa do que se seguiria.

— A não ser que... o animal nos ataque, senhor — disse Tasneirinha. — Erva-de-Santiago não é de inventar coisas. Estou apenas especulando — acrescentou, ao perceber que Vulnerária não fazia comentário.

— Bem — disse Vulnerária, afinal. — Se *existe* um animal provarei que *também* sou um animal.

Saiu para o barranco, onde Candelária e Vervain esperavam com vários outros coelhos.

— Já completamos o trabalho mais difícil — disse-lhes. — Levaremos nossas fêmeas para casa, assim que terminarmos aí embaixo. Vamos agir assim: romperei o fundo do buraco e entrarei na toca. Quero apenas três coelhos comigo, do contrário a confusão se estabelecerá e lutaremos um contra o outro. Vervain, venha comigo e traga mais dois. Você também, Tasneirinha. Mas para ficar na plataforma, entende? Não salte para dentro antes de eu mandar. Quando soubermos bem onde estamos e o que fazer, você convocará outros combatentes.

Não havia um só coelho do Owsla que não depositasse confiança em Vulnerária. Ao ouvirem-no preparar-se, calmamente, para entrar à frente de todos, nas profundezas da coelheira inimiga, como se estivesse à procura de dentes-de-leão, o ânimo dos oficiais exaltou-se. Pareceu-lhes provável que o lugar fosse tomado facilmente, sem luta. Quando o General comandara o assalto final a Nutley Copse, matara três coelhos nas tocas e os demais não ousaram oferecer resistência, embora houvesse ligeiras refregas nos túneis externos, na véspera.

— Muito bem — disse Vulnerária. — Agora, não quero ver ninguém vadiando por aí. Candelária, cuide disso. Assim que abirmos os corredores bloqueados, lá dentro, trate de ocupar o lugar. Conserve os coelhos juntos, aqui, até que eu dê o sinal de avanço — e então, aja com rapidez.

— Boa sorte, senhor — disse Candelária.

Vulnerária saltou no poço, murchou as orelhas e desceu à plataforma. Já decidira não parar à escuta. Não valia a pena, uma vez que pretendia entrar logo, a despeito do que houvesse a escutar. O mais importante era não demonstrar hesitação, por causa de Vervain e também porque o inimigo, se ali estivesse, teria pouco tempo para o ouvir aproximar-se. Embaixo haveria um túnel ou uma toca. Teria de lutar logo de entrada, ou, então, a oportunidade de examinar os arredores e ver bem onde se encontrava. Não tinha importância. O que importava mesmo era encontrar coelhos e os matar.

Chegou ao fundo da plataforma. Conforme Tasneirinha dissera, tratava-se de uma fina camada de terra — semelhante à cobertura de sorvete em um pudim. Branca, feita de pedregulhos e terra frouxa. Vulnerária forçou-a com as patas dianteiras. Levemente úmida, ela agüentou um pouco e depois desmoronou, rumorosa. Ao cair, levou Vulnerária.

Caiu estendido, em todo o comprimento de seu corpo — o bastante para fazê-lo sentir que estava em uma toca. Ao aterrissar, sacudiu as patas traseiras e depois investiu para a frente, em parte para livrar-se de Vervain, que o acompanhara, e em parte para atingir a parede e ficar de frente antes de ser atacado por trás. Encontrou-se apoiado a um pilar de terra macia, evidentemente o fim de um túnel bloqueado que saía da toca — e virou-se. Um momento depois, Vervain estava ao seu lado. O terceiro coelho, quem quer que fosse, parecia em dificuldade. Podiam ouvi-lo arrastando-se pela terra desmoronada.

— Aqui — disse Vulnerária em voz cortante.

O coelho, um veterano forte e musculoso, de nome Trovão, juntou-se aos dois, tropeçando.

— Que há? — perguntou Vulnerária.

— Nada, senhor — respondeu Trovão. — Somente um coelho morto no chão, o que me assustou por um instante.

— Um coelho morto? Tem certeza que está morto? Aonde?

— Ali, senhor, perto da plataforma.

Vulnerária atravessou rapidamente a toca. No canto extremo do entulho que caíra da plataforma, jazia o corpo inerte de um macho. Vulnerária farejou e depois cutucou-o com o focinho.

— Não está morto há muito tempo — disse. — Está quase frio, mas ainda sem rigidez. Que acha, Vervain? Coelhos não morrem em tocas.

— Ê um macho muito pequeno, senhor — respondeu Vervain. Não apreciou a idéia de lutar contra nós, talvez, e os outros o mataram.

— Não, não faz sentido. Não se vê um só arranhão. Bem, deixemo-lo. Temos de prosseguir, e um coelho deste tamanho não faz diferença, morto ou vivo.

Começou a avançar ao longo da parede, farejando. Passou pelas bocas de dois corredores bloqueados, chegou a uma abertura entre grossas raízes de árvores e parou. O lugar, pelo visto, era muito amplo — maior que a toca do Conselho em Efrafa. Já que não eram atacados, tiraria vantagem do espaço, trazendo mais coelhos imediatamente. Voltou para o pé da plataforma. Esticando-se nas patas traseiras, pôde colocar as patas da frente na borda carcomida do buraco.

— Tasneirinha?

— Sim, senhor — respondeu Tasneirinha lá de cima.

— Venha — disse Vulnerária — e traga quatro. Pulem deste lado, pois há um coelho morto no chão... um deles.

Ainda esperava ser atacado a qualquer momento, mas o lugar permanecia silencioso. Continuou a

escutar, farejando o ar, enquanto os cinco coelhos desciam, um a um, para a toca. Então, levou Tasneirinha aos dois túneis obstruídos na parede oriental.

— Abra-os o mais depressa possível, e mande dois coelhos verificar o que há além das raízes de árvores — disse. — Se forem atacados, socorra-os imediatamente.

— Olhe, há algo de estranho acerca da parede na outra extremidade, senhor — disse Vervain, quando Tasneirinha começava a pôr seus coelhos a trabalhar. — A maior parte é de terra dura que nunca foi cavada. Mas, em um ou dois lugares, há montes de terra mais macia. Eu diria que os corredores passando pela parede foram bloqueados recentemente — talvez a partir de ontem à tarde.

Vulnerária e Vervain percorreram com cuidado a parede sul do Favo de Mel, arranhando-a e ouvindo.

— Creio que tem razão — disse Vulnerária. — Ouviu movimento do outro lado?

— Sim, senhor, mais ou menos aqui — disse Vervain.

— Vamos remover este monte de terra macia — disse Vulnerária. — Ponha dois coelhos a cavar. Se é que tenho razão e Thlayli está do outro lado, os inimigos fugirão dentro em pouco. É o que queremos: forçar Thlayli a atacar.

Quando Trovão e Cardo começaram a cavar, Vulnerária agachou-se atrás, silenciosamente, à espera.

* * *

Mesmo antes de ouvir o teto do Favo de Mel ruir, Manda-Chuva sabia perfeitamente que dentro em pouco os efrarianos descobririam os lugares aterrados da parede sul e tratariam de abri-los. Não demoraria muito. Então, ele teria de lutar — provavelmente com o próprio Vulnerária. E se Vulnerária o agarrasse e usasse seu peso, Manda-Chuva não teria maior possibilidade. De alguma forma, devia tentar feri-lo de saída, inesperadamente. Mas como?

Expôs o problema a Azevim.

— A dificuldade é que esta coelheira não foi construída para ser defendida — disse Azevim. — Como o Túnel de Resgate, em nossa velha coelheira, segundo me assegurou, uma vez, o Threarah. Aquele túnel permitia-nos passar por baixo do inimigo e surpreendê-lo em seguida.

— Aí está! — gritou Manda-Chuva. — A idéia é ótima! Olhe, eu mesmo vou cavar no chão do túnel, bem atrás desta abertura obstruída. Depois, você me cobre de terra. Não dará para ninguém perceber, com toda essa escavação já feita. Sei que é perigoso, mas prefiro isso a me encontrar cara a cara com um coelho como Vulnerária.

— E se romperem a parede em outro lugar?

— Procure atraí-lo para aqui — respondeu Manda-Chuva. — Quando os ouvir do outro lado, faça um ruído — arranhando o chão, ou algo parecido — bem em cima do lugar onde eu estiver. Algo que lhes desperte a atenção. Vamos, ajude-me a cavar. Você aí, Prata, retire todos do Favo de Mel e feche esta parede completamente.

— Manda-Chuva — disse Panelinha —, não consigo acordar Cinco-Folhas. Continua a dormir estirado no chão. O que fazer?

— Infelizmente, nada podemos fazer por enquanto. É pena, mas teremos de deixá-lo.

— Manda-Chuva — suplicou Panelinha —, permita-me ficar com ele! Eu não faço falta, e sempre

posso tentar...

— Hlao-roo — disse Azevim, em sua voz mais bondosa —, se não perdermos ninguém, a não ser Cinco-Folhas, então é que o Senhor Frith lutou do nosso lado. Lamento, meu caro. Nem mais uma palavra. Precisamos de todos, precisamos de você. Prata, obrigue-o a ir também.

Quando Vulnerária rompeu o teto do Favo de Mel, Manda-Chuva já estava oculto sob fina camada de terra, do outro lado da parede sul, não muito distante da toca de Trevo.

* * *

Trovão enfiou os dentes numa raiz partida e puxou-a. Seguiu-se um desmoronamento e apareceu uma abertura onde ele estivera a cavar. A terra já não subia até o teto. Restava um monte de terra frouxa, a obstruir pela metade o túnel. Vulnerária, ainda esperando em silêncio, pôde farejar e ouvir um número considerável de coelhos do outro lado. Esperava que entrassem pela toca aberta e tentassem atacá-lo. Mas os coelhos inimigos não se mexeram.

Quando chegava o momento de lutar, Vulnerária não dava importância à cautela. Homens e animais grandes, como lobos, geralmente têm idéia de suas forças e das forças do inimigo, o que afeta sua disposição de luta e seus planos. Vulnerária jamais pensara assim. Aprendera, por sua própria experiência, que quase sempre existem dois grupos: os que querem lutar e os que evitam lutas a qualquer custo. Mais de uma vez ele lutara sozinho e impusera sua vontade sobre hordas de outros coelhos. Assaltara uma grande coelheira com o auxílio de alguns devotados oficiais. Não lhe ocorria agora — e se fosse o caso, não daria maior importância — que a maioria de seus coelhos continuava lá fora; que os coelhos ao seu lado eram inferiores, em número, aos coelhos do outro lado da parede, e que até Tasneirinha desobstruir os túneis, não poderiam sair, mesmo querendo. Coisas assim não ocorrem aos coelhos combatentes. O que conta são a ferocidade e a agressão. Vulnerária sabia apenas que os coelhos além da parede temiam-no. Ele estava, por conseguinte, em vantagem.

— Tasneirinha, assim que abrir os túneis, diga a Candelária para trazer todos para cá. Quanto a vocês, sigam-me. Acabaremos este assunto na altura em que os outros entrarem.

Vulnerária esperou apenas que Tasneirinha trouxesse os dois coelhos que enviara para investigar o terreno entre as raízes de árvore no canto norte da toca. Então, com Vervain na retaguarda, pulou o monte de terra caída e enfiou-se no estreito corredor. Na escuridão farejava e ouvia o rumor de coelhos — machos e fêmeas — à frente. Dois machos apareceram em seu caminho, mas perderam o equilíbrio quando Vulnerária avançou pela terra solta. O General cambaleou e sentiu o chão erguer-se, de súbito, embaixo. Logo a seguir, um coelho emergiu da terra, a seus pés, e afundou os dentes na junção de sua pata dianteira, rente ao corpo.

Vulnerária vencera quase todos os combates de sua vida mediante o uso do peso. Outros coelhos não podiam enfrentá-lo, e quando derrubados, raramente erguiam-se. Agora, tentou firmar-se, mas as pernas traseiras não encontraram apoio na terra frouxa. Conseguiu equilibrar-se e, ao fazê-lo, percebeu que o inimigo atrás estava agachado em uma trincheira do tamanho de seu próprio corpo. Vulnerária atacou, sentindo as garras afundarem nas costas e anca do adversário. Então o outro coelho, ainda sem o largar, ergueu-se com as patas traseiras firmadas no chão da trincheira. Vulnerária, com as pernas da frente sem apoio, foi atirado de costas na terra empilhada. Escoiceou, mas o inimigo já o soltara, encontrando-se fora de alcance.

Vulnerária levantou-se. Sentia o sangue correr dentro da pata ferida. O músculo fora atingido. Não

podia apoiar-se completamente naquela perna. Mas suas garras tinham sangue, e este sangue não lhe pertencia.

— Está passando bem, senhor? — perguntou Vervain, atrás.

— Claro que estou bem, seu idiota — disse Vulnerária. — Sigam-me de perto.

O outro coelho falou à frente.

— Você não disse, uma ocasião, que eu teria de o impressionar, General. Acho que consegui.

— E eu lhe disse, uma ocasião, que o mataria — replicou Vulnerária. — Não há pássaro branco aqui, Thlayli.

Avançou pela segunda vez.

O insulto de Manda-Chuva fora deliberado. Esperava que Vulnerária voasse contra ele, dando-lhe, assim, oportunidade de mordê-lo novamente. Mas, enquanto aguardava, firme no chão, percebeu que Vulnerária mostrava-se mais esperto. Sempre rápido no domínio de situações novas, agora ele avançava devagar, equilibrando-se direito. Pretendia usar as garras. Receoso, e a ouvir a aproximação de Vulnerária, Manda-Chuva recolhia o movimento irregular de suas patas dianteiras, à distância de serem atingidas. Instintivamente, recuou. Um pensamento cruzou-lhe a mente: "Uma das patas está danificada. Ele não poderá utilizá-la adequadamente." Expondo o flanco direito, atacou daquele lado.

Suas garras encontraram a perna de Vulnerária, cortando-a. Mas antes de poder recuar, todo o peso de Vulnerária caía sobre ele e, a seguir, os dentes do general encontravam sua orelha direita. Manda-Chuva gritou, tentando livrar-se e rolar de lado. Vulnerária, sentindo o medo e o desamparo do inimigo, afrouxou o aperto e levantou-se contra ele, pronto a mordê-lo e despedaçá-lo na nuca. Por um instante, dominou o indefeso Manda-Chuva, com os ombros possantes a encher o túnel. Então, sua perna ferida cedeu e ele coseu-se à parede. Manda-Chuva golpeou-lhe a cara e sentiu o terceiro golpe passar pelos bigodes, quando o inimigo encolheu-se. O som da pesada respiração de Vulnerária chegou-lhe do alto do monte de terra. Manda-Chuva, com o sangue escorrendo das costas e da orelha, firmou-se e esperou. De repente, viu a sombra escura do General Vulnerária desenhada no lugar onde fora cavalgado. Os primeiros sinais do dia nascente penetravam através do teto esburacado do Favo de Mel.

47. O Céu Suspenso

O velho louro me persegue, de cabeça baixa. Mas eu não fujo...

Vou enfrentá-lo. Ele é que terá de fugir.

Flora Thompson, *Lark Rise*

Quando Avelreira bateu com o pé, Dente-de-Leão saltou instintivamente do capim acamado. Se houvesse um buraco, teria se enfiado nele. Num átimo, examinou o terreno. O cão já galopava ao seu encontro. Dente-de-Leão virou-se e correu para o celeiro. Antes, porém, de o alcançar, pensou que não devia buscar refúgio embaixo do chão. Se o fizesse, o cão pararia; muito provavelmente, seria chamado pelo dono. Era preciso levá-lo para fora do pátio da fazenda e pela estrada. Mudando de direção, correu pela planície, na direção dos olmos.

Não esperava que o cão corresse tão próximo. Ouvia-lhe a respiração. Ouvia as pedras miúdas saltarem sob suas patas.

"Rápido demais para mim!", pensou. "Vai me pegar!" Dentro em pouco o cão cairia sobre ele, mordendo-lhe o dorso e arrancando-lhe a vida. Dente-de-Leão não ignorava que as lebres, quando surpreendidas esquivam-se, alterando o curso com mais rapidez e agilidade do que o cão perseguidor, e voltando em seguida à direção original. "Terei de fintá-lo", pensou com desespero. "Mas, se o fizer, ele me caçará de lá para cá, na planície, e o homem o chamará de volta, ou então eu o perderei ao atravessar uma sebe. Então, o plano irá por água abaixo."

Subiu a elevação e desceu para o estábulo. Quando Avelreira lhe dissera o que fazer, pareceu-lhe que a tarefa consistia em atrair o cão e o convencer a segui-lo. Agora, corria fundamentalmente para salvar a vida, e a uma velocidade que nunca usara antes — uma velocidade que sabia não poder manter.

Em verdade, Dente-de-Leão cobrira os trezentos metros até o estábulo em menos de meio minuto. No entanto, ao alcançar a palha à entrada, foi como se estivesse a correr para sempre. Avelreira e o pátio da fazenda ficaram longe, distanciados no tempo. Em sua vida inteira, ele não fizera outra coisa senão correr para a colina, cheio de terror, sentindo o resfolegar do cão em suas ancas. Dentro do portão, um rato grande passou correndo à sua frente e o cão parou repentinamente, por um instante. Dente-de-Leão atingiu o compartimento mais próximo e enfiou-se entre dois fardos de palha ao pé de um monte. O espaço era estreito e ele rodeou a pilha de palha com certa dificuldade. O cão estava do lado oposto, arranhando ansiosamente o chão, ganindo e arrancando palhas enquanto farejava a base dos fardos.

— Fique firme — disse um ratinho, na palha ao seu lado. — O cão irá logo embora. Não se parecem com os gatos, como você bem sabe.

— Aí é que está o problema — disse Dente-de-Leão, arquejando e mostrando o branco dos olhos. — Ele não deve me perder de vista. O tempo é precioso.

— O quê — disse o rato, perplexo. — Que está dizendo?

Sem responder, Dente-de-Leão esgueirou-se por outra fenda, reuniu coragem e disparou, através do pátio, para a baía em frente. Estava escancarada e ele entrou até chegar às tábuas do fundo. Havia uma

abertura sob uma extremidade partida de tábua e por ali ele penetrou no campo que se estendia em seguida. O cão, acompanhou-o, enfiou a cabeça na abertura e forçou-a, ladrando de excitação. Pouco a pouco, a tábua frouxa cedeu, como um alçapão, até dar-lhe passagem.

Agora que tinha a seu favor um bom início, Dente-de-Leão conservou-se no espaço aberto e correu pelo campo até a sebe ao lado da estrada. Sabia que corria mais devagar, mas o cão parecia também mais lento. Escolhendo um trecho mais espesso, atravessou a sebe e cruzou a estrada. Amora-Preta foi ao encontro, descendo o barranco a correr. Dente-de-Leão caiu exausto na vala. O cão não estava a mais de seis metros de distância, do outro lado da sebe. Não conseguia descobrir um buraco maior por onde passar.

— Corre mais do que eu pensava — arquejou Dente-de-Leão —, mas consegui safar-me. Agora, não agüento mais. Estou arrasado.

Era visível que Amora-Preta sentia medo.

— Frith me ajude! — soprou. — Jamais conseguirei!

— Vá logo, ande — disse Dente-de-Leão. — O cão não pode perder o interesse. Irei atrás para ajudar, se possível.

Amora-Preta saltou deliberadamente na estrada e sentou-se. Vendo-o, o cão ladrou e atirou-se contra a sebe. Amora-Preta correu vagorosamente pela estrada, na direção de dois portões que se levantavam, fronteiros, mais embaixo. O cão avançou. Ao se certificar de que ele vira o portão e pretendia dirigir-se para lá, Amora-Preta mudou de direção, subindo o barranco. Entre o restolho, esperou que o cão reaparecesse.

Foi uma longa espera. E quando, por fim, o cão avançou entre o pilar e o barranco, penetrando em seguida no campo, prestou-lhe pouca atenção. Farejou o sopé do barranco, levantou uma perdiz e correu atrás, depois começou a examinar uma moita de labças. Amora-Preta estava muito assustado para poder mexer-se. Pouco depois, desesperado, saltou na direção do cão, como se não o visse. O cão investiu, mas, quase de imediato, pareceu perder o interesse e retornou ao seu farejar e aos ganidos rente ao chão. Finalmente, quando Amora-Preta já estava completamente confuso, o cão avançou por sua própria vontade, trotando ao longo de uma das pilhas de cereal debulhado, arrastando a corda rompida e emaranhando-se de quando em quando. Amora-Preta, oculto atrás de um monte de cereal, conservou-se no rumo. Dessa maneira, cobriram a distância até o marco, a meio caminho do sopé do morro. Foi ali que Dente-de-Leão reapareceu.

— Muito lento, Amora-Preta! *Temos* de ir depressa. A essa altura, Manda-Chuva talvez esteja morto.

— Eu sei, mas, pelo menos, a coisa funciona. A princípio, foi difícil instigá-lo. Não poderíamos...

— *Temos* de subir velozmente o morro, ou não haverá surpresa. Vamos, nós o atrainemos juntos. A iniciativa nos cabe.

Correram rapidamente através do restolho, até se aproximarem das árvores. Então, voltaram-se e cruzaram, expostos, o terreno à frente do cão. Desta feita, foram perseguidos instantaneamente e chegaram ao pé da escarpa com dez metros de dianteira. Ao começarem a subir, ouviram o cão investindo por entre os quebradiços sabugueiros. Ladrou uma vez. Dentro em pouco estavam na encosta deserta, com o cão a correr, emudecido, nos seus calcanhares.

O sangue escorria pelo pescoço de Manda-Chuva e por uma pata dianteira. Observou Vulnerária firmar-se, agachado, no monte de terra, na expectativa de que saltasse a qualquer instante. Ouviu, atrás um coelho mover-se, mas o corredor era tão estreito que não poderia voltar-se, mesmo em situação de segurança.

— Todos bem? — perguntou.

— Todos bem — respondeu Azevim. — Vamos, Manda-Chuva, deixe-me substituí-lo. Você precisa descansar.

— Não posso — ofegou Manda-Chuva. — De qualquer maneira, você não conseguiria passar... Não há espaço... E se eu recuar, aquele bruto me acompanhará... Num instante estaria nas tocas. Deixe-o por minha conta. Sei o que faço.

Manda-Chuva havia pensado que, em túnel tão estreito, até mesmo o seu corpo morto seria obstáculo considerável. Os efrarianos teriam de retirá-lo dali ou, então, cavar ao redor — e isso importava perda de tempo. Na toca atrás, ouviu Campainha que, aparentemente, contava uma história às fêmeas. "Boa idéia", pensou. "Isso mesmo, mantenha-as entretidas. Eu não conseguiria, se estivesse lá."

"Então, El-ahrairah disse à raposa: 'Raposa você parece ser, pelo cheiro, e provavelmente será, mas posso ler sua sorte na água.'"

De súbito, Vulnerária falou: '

— Thlayli, por que arrisca sua vida? Posso trazer coelhos descansados, um atrás do outro, a este túnel, se quiser. Você é bom demais para morrer. Volte para Efrafa. Prometo-lhe o comando de qualquer Marca à sua escolha. Dou-lhe minha palavra.

— Silflay hraka, u embleer rah — respondeu Manda-Chuva. "'Ah', disse a raposa, então leia a minha sorte, sim? O que

está vendo na água, meu amigo? Coelhos gordos correndo pela grama, ahn?'"

— Muito bem — disse Vulnerária. — Mas não esqueça, Thlayli: você pode acabar com este absurdo, quando quiser.

"'Não', respondeu El-ahrairah, 'não são coelhos gordos o que eu vejo na água, mas cães velozes, de cheiro forte, e meu inimigo voando para salvar a vida.' "

Manda-Chuva sabia que Vulnerária também sabia que, naquele túnel, seu corpo, vivo ou morto, seria obstáculo quase intransponível. "Quer que eu saia por minha própria vontade", pensou. "Mas daqui só irei para Inlé, jamais para Efrafa."

De repente, Vulnerária pulou, em um só movimento, e chocou-se contra Manda-Chuva, como um ramo pesado tombando de uma árvore. Não tentou usar as garras. Seu grande peso forçava, peito contra peito, o corpo de Manda-Chuva. Com as cabeças lado a lado, morderam e arranharam as costas um do outro. Manda-Chuva sentiu-se escorregar lentamente para trás. Não podia resistir à tremenda pressão. Suas patas traseiras, com as unhas abertas, riscaram o chão do túnel em busca de apoio. Dentro em pouco seria empurrado até a toca atrás. Concentrando as últimas forças no esforço de permanecer onde estava, afrouxou os dentes no ombro de Vulnerária e arriou a cabeça, como um cavalo de carroça vencido pela carga. Continuava a escorregar. Então, aos poucos, gradualmente, a terrível pressão começou a ceder. Suas garras firmaram-se no chão. Vulnerária, com os dentes mergulhados em seu dorso, fungava e sufocava. Embora Manda-Chuva não o soubesse, seus primeiros golpes haviam partido o focinho de Vulnerária. As narinas estavam cheias de seu próprio sangue e, com as mandíbulas cravadas nas costas de Manda-Chuva, não conseguia recobrar o fôlego. Um instante depois, libertava a pressão. Manda-

Chuva, completamente exausto, deixou-se ficar onde estava. Em seguida, tentou erguer-se, mas uma fraqueza dominou-o, juntamente com a impressão de estar rolando numa vala cheia de folhas. Fez-se silêncio. Depois, distintamente, ouviu Cinco-Folhas falando através do capim alto. "Você está mais perto da morte que eu. Você está mais perto da morte que eu!"

— A armadilha de arame! — guinchou Manda-Chuva. Endireitou-se afinal e abriu os olhos. O túnel estava deserto. O General Vulnerária havia desaparecido.

* * *

Vulnerária trepou a duras penas pelo interior do Favo de Mel, agora fracamente iluminado, através da plataforma, pela luz do dia. Nunca se sentira tão cansado. Viu Vervain e Trovão olharem-no de maneira hesitante. Sentou-se sobre as ancas e procurou limpar a cara com as patas dianteiras.

— Thlayli está fora de combate — disse. — Entre e liquide-o, Vervain, antes que ele saia.

— Está pedindo que *eu* o enfrente, senhor? — perguntou Vervain.

— Só durante alguns momentos — respondeu Vulnerária. — Quero furar esta parede em mais um ou dois lugares. Depois volto.

Vervain soube, então, que o impossível acontecera. O general levava a pior. O que ele queria dizer, com efeito, era: "Proteja-me. Não permita que os outros saibam."

"Em nome de Frith, o que se seguirá?", pensou Vervain. "A verdade é que Thlayli tem saído vitorioso, desde que entrou em Efrafa. E quanto mais cedo voltarmos melhor."

Encontrou os olhos aguçados de Vulnerária, hesitou um instante e em seguida subiu no monte de terra. Vulnerária percorreu, aos tropeços, os dois corredores, a meia-distância da parede oriental, os quais Tasneirinha deixara abertos, segundo as ordens recebidas. Ambas as entradas estavam agora desobstruídas e os cavadores fora de vista, nos túneis. Quando Vulnerária se acercou, Tasneirinha emergiu do outro túnel e começou a limpar as patas em uma raiz protuberante.

— Como vai o trabalho? — perguntou Vulnerária.

— Este túnel está aberto, senhor — disse Tasneirinha —, mas o outro exigirá mais tempo. Está solidamente bloqueado.

— Basta um — disse Vulnerária. — Terão de sair por aqui. Poderemos atraí-los e começar a desobstruir aquela parede.

Já ia avançar pelo túnel quando viu Vervain ao seu lado. Por um rápido instante, pensou que ele ia dizer que matara Thlayli. Um segundo olhar convenceu-o do contrário.

— Eu... ahn... tenho um cisco no olho, senhor — disse Vervain. — Vou tirá-lo e depois farei outra investida.

Sem uma palavra, Vulnerária voltou à extremidade do Favo de Mel. Vervain seguiu-o.

— Seu covarde — disse-lhe Vulnerária no ouvido. — Se eu perder a autoridade, o que será da sua, dentro em pouco? Você não é o oficial mais odiado em Efrafa? Aquele coelho *tem* de morrer.

Uma vez mais, escalou o monte de terra. Em seguida, parou. Vervain e Cardo, levantando as cabeças para espiar por trás viram por quê. Thlayli avançara pelo túnel e estava agachado logo embaixo dali. O sangue coagulava-se na grande borla de pêlo em sua cabeça, e uma orelha, meio esfacelada, pendia de

lado na cara. A respiração era vagarosa e pesada.

— Vai ser muito difícil tirar-me daqui, General — disse. Com uma incômoda, flagelante surpresa, Vulnerária percebeu que tinha medo. Não desejava atacar Thlayli outra vez. Sabia, com toda a certeza, que não tinha condições. E quem teria? Quem realizaria a façanha? Não, era preciso encontrar outro meio, mas, nesse caso, todos saberiam qual o motivo.

— Thlayli — disse —, desobstruímos um corredor aqui. Posso trazer muitos coelhos e reduzir esta parede a pedaços. Por que não sai?

A resposta de Thlayli, ao chegar, era baixa e ofegante, mas perfeitamente audível.

— Meu Coelho-Chefe disse-me para defender este túnel. Até ordem em contrário, ficarei aqui.

— Seu Coelho-Chefe? — disse Vervain, perplexo. Vulnerária e seus oficiais não haviam suspeitado que Thlayli não fosse o Coelho-Chefe de sua coelheira. Contudo, o que ele acabara de dizer fazia sentido. Estava falando a verdade. E, se não era o Coelho-Chefe, então, nas imediações, haveria outro coelho mais forte. Um coelho mais decidido que Thlayli. Quem seria? O que fazia nesse momento?

Vulnerária percebeu que Cardo já não se encontrava atrás.

— Para onde foi? — perguntou a Vervain.

— Parece haver fugido, senhor.

— Era seu dever impedi-lo — disse Vulnerária. — Vá buscá-lo. Mas foi Tasneirinha quem chegou momentos depois.

— Lamento, senhor. Cardo desapareceu pelo túnel aberto. Julguei que o senhor o enviara em alguma missão, do contrário o teria interrogado. Um ou dois coelhos de meu grupo parecem tê-lo acompanhado... não sei para quê.

— Eu lhes direi para que, quando os encontrar — disse Vulnerária. — Venham comigo.

Sabia agora o que fazer. Todos os coelhos, sem exceção, seriam trazidos para a toca e postos a cavar imediatamente. Não deixariam uma parede em pé. Quanto a Thlayli, que ficasse onde estava. Quanto menos se falasse nele, melhor. Não haveria mais luta naquele túnel estreito, e quando o terrível Coelho-Chefe aparecesse, seria enfrentado no aberto, por todos os lados.

Ao virar-se para atravessar a toca, Vulnerária imobilizou-se, atônito. Na débil claridade embaixo do buraco rasgado no teto, um coelho estava em pé. Um coelho não efradiano. Um coelho desconhecido do general. Muito pequeno, olhava intensamente: olhos arregalados, semelhantes aos de um filhote que sobe pela primeira vez à superfície. Parecia indagar onde se encontrava. Enquanto Vulnerária o observava, o coelho levantou uma trêmula pata dianteira e passou-a desajeitadamente pela cara. Num átimo, uma lembrança tremulou na memória do general: o cheiro de úmidas folhas de couve na horta de um chalé, a sensação de um lugar aprazível, de há muito esquecido e perdido.

— Quem diabo é aquele ali? — perguntou o General Vulnerária.

— Ele... deve ser o coelho que estava estirado no chão, senhor — respondeu Tasneirinha. — O coelho que julgamos morto.

— Ah, é? — disse Vulnerária. — Olhe, ele está na sua jurisdição, Vervain. Com este você pode medir forças. Vá logo — rosou, enquanto Vervain hesitava, incerto se o general falava a sério —, e volte assim que liquidar o assunto.

Vervain avançou vagarosamente. Não parecia nada satisfeito ante a perspectiva de matar um coelho *tharn*, da metade de seu tamanho, em obediência a uma ordem dada com visível desprezo. O coelhinho

não fez movimento algum para fugir ou defender-se. Apenas encarou-o com seus grandes olhos, os quais, conquanto assustados, não eram certamente os de um inimigo vencido ou de uma vítima. Diante daquele olhar fixo, Vervain parou, duvidoso, e por um longo momento os dois fitaram-se à luz penumbrosa. Então, calmamente e sem traço de medo, o coelho estranho disse:

— Lamento muitíssimo, pode crer. Mas vocês vieram para nos matar, se possível. Portanto, não nos culpem.

— Culpar? — respondeu Vervain. — Culpar vocês, por quê?

— Por causa de sua morte. Creia-me, lamento sinceramente sua morte.

Vervain encontrara numerosos prisioneiros que, antes de morrer, o amaldiçoavam ou ameaçavam, em geral convocando vinganças extraordinárias, idênticas às que Manda-Chuva atirava contra Vulnerária em meio à tempestade. Se tais coisas lhe causassem perda, de há muito teria deixado a Owslafa. Por mais eloqüente que um coelho se mostrasse em sua desesperadora situação, Vervain sempre dispunha de uma ou duas respostas cáusticas. Agora, porém, enquanto fitava os olhos de seu surpreendente inimigo — o primeiro que defrontava na longa noite do massacre previsto —, o horror acometia-o. Vervain absorvia, assustado até mais não poder, as palavras, suaves e inexoráveis, que caíam como neve amarga em terra sem refúgio. Os recessos sombrios da estranha toca pareciam, aliás, cheios de sopros, fantasmas malignos. Reconheceu as vozes esquecidas de coelhos mortos, meses atrás, nas valas de Efrafa.

— Deixe-me em paz! — gritou Vervain. — Deixe-me ir! Deixe-me ir!

Tropeçando e cambaleando, chegou ao corredor desobstruído e arrastou-se para cima. No alto, encontrou Vulnerária, que ouvia um dos cavadores de Tasneirinha — um coelho trêmulo, a mostrar o branco dos olhos.

— Meu senhor — disse o coelho —, ouvi falar de um grande Coelho-Chefe, maior que uma lebre. E ouviram um animal estranho...

— Cale a boca! — ordenou Vulnerária. — Sigam-me, vocês todos.

Saiu no barranco, piscando os olhos à luz do sol. Os coelhos espalhados pelo capim fitaram-no horrorizados, vários deles indagando a si próprios se aquele era mesmo o general. O focinho e uma pálpebra estavam rasgados e a cara inteira suja de sangue. Ao cambalear pelo barranco, uma pata traseira falhou e o general caiu de lado. Ergueu-se logo e olhou em volta.

— Falta apenas uma última providência, e não levará tempo — disse Vulnerária. — Lá embaixo há uma espécie de parede. — Parou, sentindo a relutância e o medo da assistência. Olhou Erva-de-Santiago, que parecia esgueirar-se. Dois outros coelhos afastavam-se sorrateiros pelo capim. Chamou-os.

— Que pretendem?

— Nada, senhor. Apenas nós pensamos que...

De súbito, o Capitão Candelária pôs-se a correr da beira da mata. Do morro deserto, mais além, chegou um único e estridente grito. No mesmo instante, dois coelhos estranhos, correndo juntos, saltaram o barranco para dentro da mata e desapareceram por um dos corredores bloqueados.

— Corram! — gritou Candelária, batendo com o pé. — Corram pela salvação de suas vidas!

Embarafustou por entre o grupo e desapareceu no morro. Sem saber ao certo o que aquilo significava, ou para onde fugir, os coelhos viraram-se em uma e outra direção. Cinco saltaram para dentro do túnel e outros enfiaram-se no mato. Antes que pudessem espalhar-se, porém, um grande cão negro, rosnando, saltou ali, a morder e a abocanhar, qual raposa num cercado de galinhas.

Vulnerária ficou sozinho. Enquanto os outros fugiam em todas as direções, permaneceu no mesmo lugar, arrepiado e rosnante, com os dentes ensangüentados e as patas manchadas de sangue. O cão, defrontando-o em meio aos tufos de capim, parou um pouco, confuso e desnorteado. Em seguida, atirou-se para a frente. O Owsla, à medida que corria, ouviu o grito furioso do general: "Voltem, idiotas! Os cães não são perigosos! Voltem e lutem!"

48. *Dea ex Machina*

Quando eu era moço e descuidado, feliz nos celeiros
E no pátio, a cantar no lar da fazenda,
Sob o sol que só é jovem uma vez...

Dylan Thomas, *Fern Hill*

Quando Lucy despertou, o quarto já estava claro. As cortinas continuavam corridas e a almofada do caixilho aberto refletia um clarão de sol que ela perdia e reencontrava ao mover a cabeça no travesseiro. Um pombo silvestre cantou nos olmos. Mas fora outro som, tinha a certeza, que a acordara — um som agudo, parte de um sonho que ainda não se dissolvera de todo, como água a escorrer de uma banheira. Talvez o cão houvesse latido. Agora, porém, tudo estava silencioso, restando apenas Os raios de sol através do caixilho e o som do pombo a cantar, tudo isso parecendo os primeiros traços de uma broxa em grande folha de papel, quando não se sabe ainda a forma que a pintura tomará. Manhã bonita. Haveria cogumelos? Valeria a pena levantar-se logo e procurá-los no campo? O tempo ainda estava muito seco e quente, desfavorável aos cogumelos. Cogumelos eram iguais a amoras-pretas: precisavam de uma gota de chuva para ficar no ponto. Em breve voltariam as manhãs úmidas e grandes aranhas teceriam teias nos cantos — aquelas com uma cruz branca nas costas. Jane Pockock saindo, a correr, da traseira do ônibus escolar, levando uma aranha, numa caixa de fósforos, para mostrar à Srta. Tallant.

Aranha, aranha no assento,
Soppy Jane, em gesto lento,
Pega a aranha. Que contratempo!

Agora, já não colhe o reflexo nos olhos. O sol moveu-se. Que acontecerá hoje? Quinta-feira — dia de feira em Newbury. Pai irá, com certeza. O médico vem ver Mãe. O médico tem óculos engraçados que pendem do nariz. Fizeram uma marca de cada lado. Se não tivesse com pressa, falaria com ela. O médico era um pouco estranho quando a gente não o conhecia. Agora que conhece ele é simpático.

De súbito, outro ruído agudo. Rompeu a manhã calma, nascente, como algo que cai tinindo em chão limpo. Um guincho — um sinal de medo, de desespero. Lucy saltou da cama e correu à janela. Fosse lá o que fosse, estaria logo do lado de fora. Inclinou-se, com os pés mal tocando o chão e o peitoril comprimindo-lhe o estômago. Tab estava mais embaixo, perto do canil. Devia ter apanhado um bichinho. Talvez um rato. Rato é que guinchava daquele jeito.

— Tab! — chamou Lucy em tom imperioso. — Tab! Que foi que você pegou?

Ao som de sua voz, o gato olhou para cima, por um instante, e logo em seguida para atrás, para sua presa. Não era rato. Era um coelho, estirado de flanco, perto do canil. Parecia agonizante. Sacudindo as pernas. Depois, guinchou outra vez.

Lucy desceu correndo a escada, de camisola, e abriu a porta. Os pedregulhos fizeram-na tropeçar; ergueu a barra da camisola e dirigiu-se ao canteiro. Ao se aproximar do canil, o gato ergueu os olhos e arrufou, mantendo uma pata contra o pescoço do coelho.

— Largue, Tab! Que coisa mais cruel! Vamos, largue! Bateu no gato, que tentou arranhá-la, com as orelhas murchas.

Lucy levantou a mão outra vez e o gato miou, correu cerca de um metro e parou, olhando para trás com expressão raivosa. Lucy pegou o coelho. Ele debateu-se um instante e depois ficou tenso em suas mãos firmes.

— Tão frio! — disse Lucy. — Vou quentar você!

Voltou para casa, levando o coelho.

— Que traz aí, ahn? — disse o pai, com as botas gemendo nos ladrilhos. — Olhe só os seus pés! Eu já não disse... Que é isso?

— Coelho — disse Lucy, na defensiva.

— De camisola, para pegar um resfriado! Que vai fazer com ele?

— Criar — disse Lucy.

— Não pode!

— Ora, Pai. É bonito.

— Não presta. Você põe na gaiola e ele morre. Não se pode criar coelho selvagem. Não merecem confiança.

— Está doente, Pai. O gato feriu ele.

— O gato fez sua obrigação. Devia deixar que ele terminasse o trabalho.

— Quero mostrar ao médico.

— Médicos não perdem tempo com velhos coelhos selvagens. Me dê aqui.

Lucy começou a chorar. Não vivia inutilmente numa fazenda. Sabia muito bem que tudo o que o pai dizia era certo. Mas estava angustiada pela idéia de matar o coelho a sangue-frio. Pensando bem, não sabia mesmo o que fazer com ele a longo prazo. Só queria mostrá-lo ao médico. Sabia que o médico julgava-a uma menina da roça — uma menina de fazenda. Sempre que lhe mostrava coisas que havia encontrado — um ovo de pintassilgo, uma borboleta adejando num pote de geléia ou um cogumelo extremamente parecido com uma casca de laranja — ele a levava a sério e conversava como se fosse com um adulto. Pedir-lhe conselho acerca de um coelho escoriado e discutir o assunto seria sensacional. Nesse ínterim, o pai podia desistir da idéia, ou não.

— Eu só queria mostrar ele ao médico, Pai. Não deixo que ele faça maldades. Só quero conversar com o médico.

Embora não o confessasse, o pai tinha orgulho da maneira como Lucy tratava com o médico. Ela era esperta, merecia ir para a escola média, segundo lhe diziam. O médico falara, uma ou duas vezes, que a menina era realmente sensível a respeito das coisas que recolhia para lhe mostrar. Sempre descobrindo coisas, como um coelho ensangüentado. De qualquer maneira, não havia perigo, desde que o conservasse em lugar seguro.

— Por que não faz uma coisa sensata — disse —, em vez de andar por aí com esse trambolho? Se quer um conselho, ponha o coelho na velha gaiola do estábulo. Aquela onde tinha seus bichinhos.

Lucy parou de chorar e subiu a escada, ainda carregando o coelho. Fechou-o numa gaveta, vestiu-se e saiu para apanhar a gaiola. De volta, parou para recolher palha atrás do canil. Seu pai aproximou-se, saindo do celeiro mais comprido.

— Viu Bob?

— Não, não vi — disse Lucy. — Pra onde teria ido?

— Partiu a corda e sumiu. Eu sabia que a corda estava velha, mas não pensei que pudesse rompê-la. Compro uma nova em Newbury esta manhã. Quando ele voltar, acho bom amarrá-lo bem.

— Fique descansado, Pai. Agora vou levar o café de Mãe.

— Ah, que menina gentil. Amanhã ela estará boa.

Doutor Adams chegou pouco depois das dez. Lucy, que arrumava a cama e limpava o quarto mais tarde do que costumava fazer,

ouviu-o parar o carro embaixo dos olmos no alto da planície e saiu ao seu encontro, perguntando a si mesma por que ele não guiara, como sempre, até perto da casa. O médico descera do carro e, com as mãos atrás das costas, examinava a planície, mas avistou-a logo e chamou-a à sua maneira constrangida, abrupta.

— Ei, Lucy.

Ela correu. O médico tirou o *pince-nez* e colocou-o no bolso do colete.

— É o seu cão?

O Labrador subia em direção à casa, com ar cansado, arrastando a corda partida. Lucy pegou-o.

— Fugiu, doutor. A gente estava preocupada com ele.

O Labrador começou a cheirar os sapatos de Doutor Adams.

— Parece que andou a lutar — disse Doutor Adams. — O focinho está bastante arranhado, e isso aqui parece uma mordida na perna.

— Que acha que aconteceu, doutor?

— Um rato muito grande, talvez, ou quem sabe um arminho. O animal resistiu.

— Peguei um coelho esta manhã, doutor. Selvagem. Está vivo. Salvei ele do gato. Acho que está ferido. Quer ver?

— Acho melhor ver a Sra. Cane primeiro. (Não disse "sua mãe", pensou Lucy.) — Depois, se tiver tempo, darei uma olhada.

Vinte minutos mais tarde, Lucy segurava o coelho o mais firmemente que podia, enquanto Doutor Adams apertava de leve, aqui e ali, com as polpas de dois dedos.

— Nada mal — disse por fim. — Nenhum osso quebrado. Alguma coisa aconteceu a esta perna traseira, faz tempo. Está mais ou menos cicatrizado. O gato arranhou aqui, mas não foi fundo. Creio que ele ficará bom sem demora.

— Não é bom guardar, não é, doutor? Numa gaiola, é claro.

— Ah, não, ele não viveria fechado numa caixa. Se não conseguisse sair, morreria logo. Não, em seu lugar eu soltaria o coelho... a menos que deseje comê-lo.

Lucy riu.

— Pai ficaria brabo se eu soltasse aqui o coelho selvagem. Sempre diz que um coelho atrai uma centena.

— Tenho uma idéia — disse Doutor Adams, tirando o relógio do bolsinho e olhando-o, enquanto estendia o braço, pois tinha vista cansada. — Vou visitar uma anciã, a alguns quilômetros, em Cole Henley. Se quiser vir de carro comigo, pode soltar o coelho no morro e eu trarei você antes do jantar.

Lucy pulou.

— Vou pedir o consentimento de Mãe.

Na escarpa entre Hare Warren Down e Watership Down, Doutor Adams parou o carro.

— O lugar serve — disse. — O coelho não fará estragos aqui. Caminharam um pouco, para leste, a partir da estrada, e Lucy pôs o coelho no chão. Ele ficou sentado, em profundo estupor, durante quase meio minuto, e depois, de repente, correu pelo capim.

— Ora vejam, ele *tem mesmo* um problema com a perna — disse Doutor Adams. — Mas pode viver ainda por muitos meses, se tiver cuidado. Parece uma velha raposa.

49. Aaveira Volta Para Casa

Somos dois demônios afortunados
Que dispensam votos ou juramento.

Para firmar nossa bela amizade

Em bases mais firmes.

Basta a intimidade.

Robert Graves, *Two Fusiliers*

Embora Vulnerária se revelasse, até o fim, uma criatura fundamentalmente má, as conseqüências de seu ato não foram de todo inúteis. Restam poucas dúvidas de que, se não tivesse agido daquela maneira, outros coelhos teriam morrido, aquela manhã, em Watership Down. O cão apareceu tão rápido e silencioso, na colina, atrás de Dente-de-Leão e Amora-Preta, que uma das sentinelas de Candelária, semi-adormecida sob um tufo de capim depois da longa noite de vigília, foi agarrada e morta no instante exato em que se virava para o salto. Mais tarde — após o encontro com Vulnerária — o cão errou pelo barranco e pelo capim, latindo e penetrando em todas as moitas. A essa altura, porém, os efracianos estavam dispersos e ocultos, o melhor que puderam. Além disso, o cão, inesperadamente arranhado e mordido, mostrou certa relutância em atacar outras presas. Afinal, depois de acuar e matar o coelho que se ferira, no dia anterior, num caco de vidro, deu-se por satisfeito e refez o caminho de casa, desaparecendo na escarpa.

Estava fora de questão outro ataque dos efracianos à coelheira. Nenhum deles pensava em outra coisa que não salvar sua própria pele. Seu líder havia desaparecido. O cão fora açulado contra eles pelos coelhos que pretendiam matar. O mesmo acontecera com a misteriosa raposa e o pássaro branco. Pensando bem, Erva-de-Santiago, o coelho mais sem imaginação do bando, escutara o animal na toca. Candelária, agachado numa moita de urtigas, em companhia de Vervain e mais quatro ou cinco, obteve, por isso, um trêmulo assentimento ao dizer que deviam abandonar imediatamente aquele sítio perigoso, onde se encontravam há muito tempo.

Sem Candelária, provavelmente coelho algum teria retornado a Efrafa. Mesmo assim, sua perícia de patrulheiro não conseguiu devolver à coelheira a metade dos que haviam ido a Watership. Três ou quatro correram de tal forma que não puderam ser encontrados, e do seu destino ninguém jamais soube. Cerca de quatorze ou quinze coelhos, no máximo, partiram com Candelária, pouco depois do ni-Frith, na tentativa de refazer a jornada do dia precedente. Não estavam em condições de cobrir a distância à noite. E não precisaram andar muito para verificar que, além da extrema fadiga e do desânimo, outros perigos os enfrentavam. As desgraças espalham-se com rapidez. No Cinturão e mais além, correu o rumor de que o terrível General Vulnerária e seu Owsla tinham sido reduzidos a frangalhos em Watership Down e que os sobreviventes arrastavam-se na direção do sul, combalidos e de espírito inerte. Os Mil começaram, então, a fechar o cerco — arminhos, uma raposa, até mesmos gatos de uma ou outra fazenda. Em cada parada que faziam, faltava um coelho, e ninguém sabia dizer o que lhe acontecera. Um desses foi Vervain.

Desde o início, ficara claro que ele nada tinha a ganhar. Faltavam-lhe motivos para retornar a Efrafa sem o general.

Apesar do medo e das dificuldades, Candelária manteve-se firme e vigilante, reunindo os sobreviventes, pensando no melhor e encorajando os exaustos a prosseguir. Durante a tarde do dia seguinte, quando a Marca Perto da Pata Dianteira estava no *silflay*, atravessou cambaleante a linha das sentinelas, com um bando de seis ou sete coelhos estropiados. Em vias de um colapso, mal pôde oferecer ao Conselho um relato do desastre.

Somente Tasneirinha, Cardo e três outros tiveram a presença de espírito de correr para o corredor livre quando o cão surgiu. Uma vez no interior do Favo de Mel, Tasneirinha rendeu-se logo, com seus fugitivos, a Cinco-Folhas, ainda afetado pelo longo transe e incapaz de perceber completamente o que se passara. Por fim, enquanto os cinco efracianos, agachados, ouviam os ruídos do cão a caçar em cima, Cinco-Folhas recobrou-se, foi à entrada do corredor onde Mandachuva continuava meio inconsciente, e conseguiu fazer Azevim e Prata entenderem que o cerco findara. Não faltaram voluntários para romper as aberturas bloqueadas na parede sul. Campainha foi o primeiro a penetrar no Favo de Mel; e, durante muitos dias, ainda se empenhava em imitar o Capitão Cinco-Folhas à frente de seu grupo de prisioneiros efracianos — "um chapim rodeando um punhado de gralhas contrafeitas", segundo sua expressão.

Ninguém, no entanto, estava inclinado a prestar-lhe maior atenção, pois os únicos pensamentos em toda a coelheira concentravam-se em Aveleira e em Manda-Chuva. Manda-Chuva parecia condenado à morte. Sangrando em meia dúzia de lugares, continuava estirado, de olhos fechados, no túnel que havia defendido, e não deu resposta quando Hyzenthlay lhe contou que os efracianos foram derrotados e a coelheira salva. Depois de algum tempo, alargaram o túnel e as fêmeas, revezando-se, permaneciam ao seu lado, lambendo-lhe as feridas e ouvindo sua respiração baixa e irregular.

Antes disso, Amora-Preta e Dente-de-Leão desobstruíram a passagem até o corredor de Kehaar — não fora bloqueado com muita firmeza — e contaram sua história. Não sabiam o que havia acontecido a Aveleira depois que o cão soltou-se, e, no começo da tarde, todos receavam o pior. Afinal, Panelinha de Barro, tomado de grande ansiedade e depressão, insistiu em ir a Nuthanger. Cinco-Folhas prontificou-se logo a acompanhá-lo. Juntos, saíram da mata e tomaram a direção do norte, pelo morro. Tinham feito um pequeno percurso quando Cinco-Folhas, sentado num formigueiro para observar os arredores, viu um coelho aproximar-se pela encosta, procedente do oeste. Acercaram-se e reconheceram Aveleira. Cinco-Folhas foi ao seu encontro, enquanto Panelinha voltava correndo ao Favo de Mel com a boa notícia.

Assim que se inteirou dos fatos — incluindo o que Tasneirinha lhe contou —, Aveleira pediu a Azevim para levar dois ou três coelhos e descobrir o rumo exato dos efracianos. Em seguida, entrou no túnel onde Manda-Chuva continuava deitado. Hyzenthlay ergueu-se à sua chegada.

— Ele acordou há pouco, Aveleira-rah. Perguntou onde você estava. Depois, disse que a orelha doía muito.

Aveleira afagou a escoriada dobra de pêlo. O sangue coagulara-se, formando grãos ásperos que lhe arranharam o focinho.

— Você conseguiu, Manda-Chuva — disse. — Os assaltantes fugiram.

Durante vários minutos Manda-Chuva não se mexeu. Depois, abriu os olhos e levantou a cabeça, enchendo as bochechas e farejando os dois coelhos ao lado. Nada disse, e Aveleira duvidou se teria compreendido. Afinal, Manda-Chuva soprou: — Sanhur Vulnerável liquidado, si?

— Si — respondeu Aveleira. — Vim buscá-lo para o *silflay*. Só lhe fará bem, e lá fora podemos tratar melhor das feridas. Vamos. A tarde está mesmo linda, cheia de sol e de folhas.

Manda-Chuva levantou-se e tropeçou para dentro do devastado Favo de Mel. Ali, caiu, descansou, ergueu-se outra vez e chegou à entrada do túnel de Kehaar.

— Pensei que ele me mataria — disse. — As brigas acabaram para mim. Estou farto. E você... seu plano deu certo, Avelira-rah, não foi? Conte. E como voltou da fazenda?

— Um homem me trouxe num *hrududu* — disse Avelira. — Durante quase todo o caminho.

— E depois, você voou até aqui, queimando um pauzinho branco na boca? Vamos, seja razoável. Que aconteceu, Hyzenthlay?

— Ah! — fez Hyzenthlay, atônita. — Ah!

— O quê?

— Ele repetiu.

— Repetiu o quê?

— O sonho. *Veio* para casa num *hrududu*. Eu o vi... aquela noite em Efrafa, quando estava em sua toca. Lembra?

— Lembro — disse Manda-Chuva. — E também o que eu respondi. Melhor contar a Cinco-Folhas, foi o que eu disse então. A idéia é ótima. Vamos procurá-lo. E se ele acreditar em você, Avelira-rah, eu acredito também.

50. E Afinal...

Quanto a mim, além do mais, convencida de que a injusta interferência do general, longe de ser realmente maléfica à sua felicidade, talvez lhe fosse útil, por melhorar seu conhecimento mútuo e fortalecer-lhes o compromisso, deixei o caso entregue aos possíveis interessados.

Jane Austen, *Northanger Abbey*

Uma bela, clara tarde dos meados de outubro, cerca de seis semanas depois. Conquanto as folhas continuassem presas aos ramos e o brilho do sol fosse cálido, havia uma impressão de vazio crescente no amplo espaço livre do morro. As flores tornavam-se esparsas. Em alguns lugares, no capim, viam-se uma tormentilha amarela, uma última campainha de flores azuis ou retalhos de flores roxas numa moita castanha e escrespada de erva-férrea. No entanto, a maioria das plantas ainda não deitava semente. Ao longo da margem do bosque, uma estreita faixa de clematites silvestres exibia-se qual extensão de fumaça, com suas flores de cheiro adocicado assemelhando-se à barba de um ancião. A música dos insetos era menos intensa e intermitente. Grandes trechos de capim alto, que formavam uma fervilhante jungla no verão, estavam quase desertos, vendo-se apenas um besouro apressado ou uma torpe aranha — os retardatários de agosto. Os mosquitos ainda dançavam no ar brilhante, mas os andorinhões que mergulhavam à sua procura haviam desaparecido e, em vez de seus gritos estridentes no céu, soava o títular de um tordo no alto de um evônimo. Os campos embaixo da colina estavam todos limpos. Um deles já fora arado e as polidas bordas dos sulcos colhiam a luz com um lampejo duro, árido, vistas de encosta. O céu também estava vazio, com uma claridade diáfana semelhante à da água. Em julho o azul tranqüilo, denso como um creme, parecia envolver as árvores verdes, mas agora mostrava-se alto e escasso; o sol avançava mais rápido para oeste e, uma vez ali, antecipava um toque de geada, afundando lento, grande e adornado, carmesim como os frutos róseos que cobriam as urzes. À medida que o vento chegava mais fresco do sul, as faias vermelhas e amarelas raspavam-se com um som rascante, mais áspero que o fluido roçar de dias anteriores. Uma época de retiradas, de fugas de tudo o que não fosse impermeável aos rigores do inverno.

Muitos seres humanos dizem apreciar o inverno, mas do que realmente gostam e de se sentir protegidos. Não enfrentam problemas de alimentação. Têm lareiras e roupas quentes. O inverno não os fere fundo e, portanto, aumenta seu sentimento de habilidade e segurança. Para pássaros e animais, e para pessoas sem recursos, o inverno é cruel. Os coelhos, como a maior parte dos animais selvagens, sofrem duramente. Mesmo assim, podem se considerar felizes, pois contam com alguma comida à mão. Sob a neve, porém, têm de passar dias seguidos nas tocas, alimentando-se unicamente de matéria orgânica regurgitada. Estão mais sujeitos a doenças no inverno e o frio lhes reduz a vitalidade. Todavia, as tocas podem mostrar-se aconchegantes e quentes, sobretudo quando apinhadas. O inverno é mais propício ao acasalamento que o verão e o outono, e a época de maior fertilidade das fêmeas começa por volta de fevereiro. Há dias bonitos em que o *silflay* parece deleitar. Para os aventureiros, as hortas cercadas oferecem os seus encantos. E, nas tocas, há histórias a serem narradas e jogos a serem disputados — pedrinhas e outros. Para os coelhos, o inverno é o mesmo que para os homens de meia-idade: difícil, mas suportável e não de todo isento de compensações.

No lado oeste da mata de faias, ao sol do fim da tarde, Aveleira e Cinco-Folhas estavam sentados com Azevim, Prata e Tasneirinha. Os sobreviventes efracianos tiveram permissão de ficar na coelheira, e após uma estréia constrangedora, quando eram olhados com desgosto e suspeita, adaptaram-se muito bem, em grande parte porque Aveleira estava determinado a isso.

Desde a noite do cerco, Cinco-Folhas passava a maior parte de seu tempo solitário, e mesmo no Favo de Mel, ou no *silflay* matutino e vespertino, permanecia silencioso e preocupado. Ninguém se ressentiu. "Ele é parecido com você, só que você tem maneiras cordiais, agradáveis", observou Campainha —, pois cada um, à sua maneira, reconhecia que Cinco-Folhas parecia agora mais governado, quisesse ou não, pelo pulso daquele mundo misterioso do qual falara uma vez a Aveleira durante os últimos dias de junho, ao sopé do morro. Coube a Manda-Chuva dizer — um fim de tarde, quando Cinco-Folhas ausentara-se do Favo de Mel, durante a sessão de histórias — que Cinco-Folhas contribuía mais do que ele, Manda-Chuva, para a vitória daquela noite contra os efracianos. Contudo, à sua fêmea, Vilthuril, Cinco-Folhas encontrava-se profundamente ligado, e ela chegara a compreendê-lo quase tão bem como Aveleira.

À margem da mata de faias, a ninhada de Hyzenthlay, composta de quatro coelhinhos, brincava na grama. Tinha subido pela primeira vez sete dias antes. Se Hyzenthlay tivesse outra ninhada, os coelhinhos seriam entregues à sua própria sorte. Mas, como não houvesse parido outra vez, ela os acompanhava de perto, de vez em quando interferindo para conter o mais forte e impedi-lo de tyrannizar os outros.

— É uma boa ninhada — disse Azevim. — Faço votos que tenhamos outras iguais.

— Não contamos com muitas outras até o fim do inverno — disse Aveleira. — Mas haverá mais algumas.

— A essa altura, não podemos estranhar mais nada — disse Azevim. — Três ninhadas nascidas no outono... Já *ouviu* falar de coisa parecida? Frith não determinou que os coelhos cruzassem no auge do verão.

— De Trevo, nada posso garantir — disse Aveleira. — É um coelho de viveiro. Natural, portanto, que emprenhe a qualquer época. Mas estou certo que Hyzenthlay e Vilthuril começaram a gestação em pleno verão porque não levavam vida natural em Efracia. Por isso, foram as *únicas* que tiveram filhotes, aí está.

— Frith também não determinou que travássemos batalhas em pleno verão — disse Prata. — Tudo o que aconteceu é incomum — as lutas, o acasalamento — e tudo por causa de Vulnerária. Se ele não foi um coelho deveras estranho, quem o será?

— Manda-Chuva tinha razão ao dizer que ele não parecia um coelho — observou Azevim. — Lira um animal de combate — feroz como um rato ou um cão. Lutou porque se sentia mais seguro lutando do que fugindo. Era bravo, sim. Mas invulgar, desnaturado. Teria de acabar daquela maneira. Tentava fazer uma coisa que Frith não concedeu aos coelhos. Acredito que teria caçado como os *elil*, se pudesse.

— Ele não morreu — interrompeu Tasneirinha. Os outros ficaram em silêncio.

— Não parou de correr — disse Tasneirinha com ardor. — Alguém viu o corpo? Não. Nada poderia matá-lo. Ele tornou os coelhos maiores que nunca — mais bravos, mais astuciosos, mais habilidosos. Sei que pagamos por isso um preço alto. Para alguns, o preço da própria vida. Valeu a pena, porém, sentir que éramos efracianos. Pela primeira vez, coelhos não fugiram ao primeiro sinal de alarma. Os *elil* temiam-nos. Tudo isso obra de Vulnerária... dele e de mais ninguém. Não estávamos à altura dos merecimentos do general. Eventualmente ele começará outra coelheira algures. Mas nenhum oficial efraciano jamais o esquecerá.

— Olhe aqui, vou lhe dizer uma coisa — começou Prata. Mas Aveleira interrompeu-o.

— Não devem sentir-se indignos de Vulnerária — disse Aveleira. — Fizeram tudo ao alcance de coelhos, e foram além da expectativa. E quanta coisa aprendemos de vocês! Quanto a Efrafa, ouvi dizer que vai bem sob a liderança de Candelária, embora alguns hábitos tenham mudado. Escutem: na próxima primavera, se não estou enganado, teremos aqui muitos coelhos novos. Vou encorajar os mais jovens a iniciarem nova coelheira entre a nossa e Efrafa. Creio que Candelária estará disposto, então, a enviar alguns de seus coelhos. É o coelho indicado para iniciar esse esquema.

— Não seria perigoso? — perguntou Azevim.

— Não, quando Kehaar vier — disse Aveleira, ao começarem a andar aos saltos, lentamente, para os buracos no canto da mata, a nordeste. — Ele chegará um desses dias, assim que a tempestade estalar na sua Água Grande. Poderá levar uma mensagem a Candelária com a mesma rapidez com que vocês correm até a árvore de ferro e voltam.

— Por Frith das mil folhas! Conheço alguém que ficará feliz ao vê-lo! — disse Prata. — Alguém que não anda agora muito longe.

Chegaram à extremidade meridional das árvores e ali, no descampado, onde o sol ainda brilhava, um grupinho de três jovens coelhos — maiores que os de Hyzenthlay — ouvia, agachado na grama, um desajeitado veterano, de orelhas pendentes e com uma cicatriz que ia do focinho à anca. Nada mais nada menos que Manda-Chuva, capitão de um Owsla despreocupado. Eram os machos da ninhada de Trevo e enchiam as vistas.

— Não, não, não — dizia Manda-Chuva. — Assim não dá certo. Você aí... qual o seu nome? Escabiosa. Olhe, Escabiosa, sou um gato e vejo você no fundo de minha horta, mastigando alfaces. Que devo fazer? Ando pelo caminho acenando a cauda? É isto?

— Perdoe-me, senhor, mas nunca vi um gato — disse o jovem coelho.

— Não, ainda não viu — admitiu o valente capitão. — Muito bem: um gato é uma coisa horrível com uma longa cauda. Está coberto de pêlo e tem bigodes eriçados e, quando luta, solta grunhidos agudos, cheios de cuspo. E é esperto, percebem?

— Sim, senhor — respondeu o jovem coelho. E depois de uma pausa, disse polidamente. — Ah, perdeu a cauda?

— Quer nos contar como foi a luta na tempestade, senhor — pediu um dos outros coelhos —, e o túnel de água?

— Sim, depois — disse o incansável instrutor. — Agora, observem bem. Sou gato, certo? Estou dormindo ao sol, certo? E vocês têm de passar por mim, certo? Pois bem ...

— Eles se divertem, como vêm — disse Prata —, mas são loucos por Manda-Chuva e o respeitam.

Azevim e Tasneirinha haviam descido e Aveleira e Prata deixaram-se ficar mais um pouco sob o sol.

— Eu diria que todos nós o respeitamos — respondeu Aveleira.

— Não fosse ele, aquele dia, e o cão chegaria tarde demais. Vulnerária e seu bando não estariam aqui em cima. Estariam lá embaixo, acabando conosco.

— Ele venceu Vulnerária — disse Prata. — Venceria, de qualquer maneira, antes de o cão chegar. É o que eu pretendia esclarecer antes, mas não importa.

— Eu só queria saber como anda a toca de inverno na colina

— disse Aveleira. — Precisamos dela quando o tempo ruim chegar. A brecha no teto do Favo de Mel piora as coisas. Terminará por fechar-se, um dia, mas até lá causa muitos transtornos.

— Aí vêm os cavadores de tocas — disse Prata.

Panelinha e Campainha aproximaram-se pelo cume, juntos com três ou quatro fêmeas.

— Ha, ha, ha, ó Aveleira-rah — disse Campainha. — O buraco é danado. Está cavado, virou toca, sem besouros e minhoca. E na nevada, quando formos em disparada...

— Nossos agradecimentos — disse Aveleira. — Os buracos estão ocultos?

— Igual a Efrafa — disse Campainha. — Olhe, trouxe um, para mostrar-lhe. Você não pode ver, não é? Está bem, deixe prá lá. O velho Manda-Chuva continua as voltas com seus fedelhos. Se voltasse agora a Efrafa, não saberiam que Marca lhe dar. Merece todas.

— Quer nos acompanhar à margem oriental do bosque, Aveleira-rah? — disse Panelinha. — Desejamos um pouco de sol antes que escureça.

— Está bem — respondeu Aveleira de boa vontade. — Acabamos de chegar de lá, Prata e eu, mas um pouco de sol não faz mal.

— Vamos àquele buraco onde encontramos Kehaar de manhã — disse Prata. — Está protegido do vento. Lembra-se da maneira como ele nos amaldiçoou e tentou bicar-nos?

— E os vermes que transportamos? — disse Campainha. — Não esqueçam.

Ao se acercarem do buraco, perceberam que não estava vazio. Evidentemente outros coelhos tiveram, antes, a mesma idéia.

— Vamos ver até onde podemos chegar sem nos descobrirem — propôs Prata. — Estilo Candelária. Adiante.

Aproximaram-se calmamente, contra o vento que vinha do norte. Tagalerando na borda, estava Vilthuril com seus quatro filhotes estirados ao sol. A mãe contava uma história.

— Então, depois de nadarem no rio — disse Vilthuril —, El-ahrairah conduziu seu povo pela escuridão, através de um lugar solitário e selvagem. Alguns estavam com medo, mas ele sabia o caminho e, de manhã, deixou-nos em segurança nuns campos verdes, muito bonitos, com boa e tenra erva. E ali encontraram uma coelheira... uma coelheira encantada. Todos os coelhos dessa coelheira estavam em poder de um gênio. Usavam colares brilhantes no pescoço e cantavam como os pássaros e alguns podiam voar. Mas, embora dessem a impressão de felizes, seus corações estavam tristes e *tharn*. Então, o povo de El-ahrairah disse: "Ah, são os coelhos maravilhosos de Príncipe Arco-íris. Têm ar nobre. Viveremos com eles e seremos príncipes também."

Vilthuril levantou a vista e viu os recém-chegados. Parou um instante e depois prosseguiu:

— Mas Frith apareceu a Rabscuttle, em sonho, e advertiu-o de que a coelheira estava encantada. E ele cavou no chão para descobrir onde o encanto fora enterrado. Cavou fundo. Dura foi aquela busca, mas afinal encontrou o encanto e o desenterrou. Foi então que fugiram. O encanto transformou-se, porém, em um grande rato, e correu atrás de El-ahrairah. El-ahrairah lutou contra ele, de várias maneiras, e acabou prendendo-o sob as garras. O encanto transformou-se num grande pássaro branco, que o abençoou.

— Creio que já ouvi esta história — soprou Aveleira —, mas não me lembro bem onde.

Campainha sentou-se e cocou o pescoço com uma pata traseira. Os coelhinhos voltaram-se, ao serem interrompidos, e, dentro em pouco, tropeçavam na borda do buraco, gritando: "Aveleira-rah! Aveleira-

rah!" E saltavam em cima dele, de todos os lados.

— Ei, esperem um pouco — disse Aveleira, afastando-os delicadamente. — Não vim aqui para lutar com um bando de selvagens! Ouçamos o fim da história.

— Mas um homem está vindo a cavalo, Aveleira-rah — disse um dos coelhinhos. — Devemos correr para o bosque?

— Como é que você sabe? — perguntou Aveleira. — **Não ouvi** coisa alguma.

— Nem eu — disse Prata, ouvindo com as orelhas em pé. O coelhinho pareceu perplexo.

— Não sei como, Aveleira-rah, mas tenho certeza. Esperaram um pouco, enquanto o sol vermelho afundava ainda mais no céu. Por fim, quando Vilturil dava mostras de querer reiniciar a história, ouviram bater de cascos no capim e o cavaleiro apareceu, procedente do oeste, a meio-galope na direção de Cannon Heath Down.

— *Não* nos incomodará — disse Prata. — Não é preciso correr. Você é mesmo engraçado, meu jovem Threar. Localizou-o a longa distância.

— Está sempre fazendo coisas assim — disse Vilturil. — Outro dia, contou-me como é um rio e disse tê-lo visto em um sonho. É o sangue de Cinco-Folhas. Não devemos estranhar.

— Sangue de Cinco-Folhas? — disse Aveleira. — Pois bem: enquanto tivermos coelhos desse tipo, tudo correrá bem. Puxa, está esfriando aqui, não acham? Vamos descer e ouvir o desfecho da história numa boa toca aquecida. Olhem, aí vem Cinco-Folhas pelo barranco. Quem o alcançará primeiro?

Dentro em pouco não restava um só coelho no morro. O sol mergulhara atrás de Ladle Hill e as estrelas de outono começavam a brilhar na escuridão do leste — Perseu e as Plêiades, Cassiopeia, os quase indistintos Peixes e o grande quadrado de Pegasus. O vento esfriou. Grande quantidade de folhas de faia enchia as valas e buracos e rodopiava nos espaços abertos. Embaixo, a história continuou.

Epílogo

Ele se projetou bastante
Ao serviço de sua época, e foi
Discípulo dos mais bravos; viveu muito,
Mas a idade é uma bruxa
Que nos espreita e nos corrói...

Shakespeare, *All's Well That Ends Well*

"E o que aconteceu no fim?" pergunta o leitor que acompanhou Aveleira e seus camaradas em todas as aventuras e com eles retornou afinal à coelheira aonde Cinco-Folhas os levava desde os campos de Sandleford. O sábio Sr. Lockley ensinou-nos que os coelhos selvagens vivem dois ou três anos. Ele sabe tudo acerca de coelhos. Mesmo assim, Aveleira viveu além desse período. Viveu alguns verões limpos — como se diz naquela parte do mundo — e aprendeu a distinguir perfeitamente as mudanças nos morros, trazidas pela primavera, pelo inverno e novamente pela primavera. Viu tantos coelhos nascerem que perdeu a conta. E às vezes, quando eram narradas histórias ao entardecer, junto às faias, já não conseguia lembrar claramente se a ele se referiam ou a outro herói coelho do passado.

A coelheira prosperou e, com o correr do tempo, também a nova coelheira do Cinturão, a meio-caminho entre Watership e Efrafa — a coelheira que Aveleira havia previsto naquela terrível tarde quando se vira cara a cara com o General Vulnerária e tentara salvar seus amigos de todos os malefícios. Tasneirinha foi o primeiro Coelho-Chefe. Com a assistência de Morango e Espinheiro Cerval, aprendeu coisas mais importantes do que marcar um coelho ou enviá-lo em uma Patrulha Externa. Candelária concordou prontamente em ceder alguns coelhos seus, de Efrafa, e a primeira leva foi conduzida, justamente, pelo Capitão Água-Benta, que se desobrigou da missão com muita sensibilidade e pertinácia.

O General Vulnerária não voltou a aparecer. Mas, conforme Tasneirinha dissera, jamais se descobriu o corpo. Suspeita-se por isso que aquele extraordinário coelho tenha vagueado sozinho para viver o resto de seus dias algures, e desafiar os *elil* enquanto lhe sobrassem forças. Kehaar, indagado se o avistara em seus vôos sobre os morros, respondeu secamente: "Aquele maldito coelho... eu non vou ver ele, eu non querer ver ele." À medida que passavam os meses, ninguém, em Watership, sabia, ou cuidava saber, se descendia, com o seu parceiro, de um ou dois pais efracianos, ou de nenhum. Aveleira alegrava-se de que assim fosse. E, contudo, perdurava a lenda de que em algum lugar, além do morro, vivia um grande e solitário coelho, um gigante que enfrentava os *elil* como se fossem ratos, e que fazia o *silflay* no céu. Em caso de grande perigo, voltava para lutar pelos que lhe honravam o nome. As mães coelhos diziam aos filhotes que, se não obedecessem, o general os pegaria — o general que era primo carnal do próprio Coelho Preto. Eis o monumento erguido à memória de Vulnerária. Provavelmente o lisonjeava.

Numa friorenta e tempestuosa manhã de março, não sei dizer exatamente quantas primaveras depois, Aveleira preguiçava em sua toca. Ultimamente passava ali a maior parte do tempo, pois sentia o frio e não podia cheirar ou correr tão bem quanto nos dias passados. Sonhara de maneira confusa — alguma

coisa acerca de chuva e de flores de sabugueiro — e, ao despertar, viu que outro coelho estava deitado tranqüilamente ao seu lado. Sem dúvida, um jovem macho que viera pedir-lhe conselho. A sentinela do lado de fora não devia ter lhe dado permissão para entrar sem informar antes. Não importa, pensou Aveleira. Levantou a cabeça e disse:

— Quer falar comigo?

— Sim, para isso é que estou aqui — respondeu o outro. — Você me conhece, não?

— Sim, naturalmente — disse Aveleira, na esperança de recordar logo o nome. Viu, então, que nas sombras densas da toca, as orelhas do estranho brilhavam qual luz de pálida estrela. — Sim, meu senhor, eu o conheço.

— Você se sente muito fatigado — disse o estranho —, mas posso remediar a situação. Vim perguntar-lhe se quer entrar para o meu Owsla. Teremos muita satisfação em o receber e você gostará de nossa companhia. Se está pronto, podemos partir agora.

Passaram pela jovem sentinela, que não prestou atenção alguma ao visitante. O sol brilhava e, a despeito do frio, alguns machos e fêmeas entregavam-se ao *silflay*, protegendo-se do vento enquanto mordiam as lâminas do capim primaveril. Aveleira teve a impressão de que prescindia do corpo, por isso deixou-o estirado à beira da vala, mas parou um instante para observar seus coelhos e habituar-se à extraordinária sensação de que sua força e velocidade fluíam incessantemente para aqueles saudáveis e jovens corpos e para aqueles sentidos alertas.

— Não se preocupe — disse o companheiro. — Estão bem.. e milhares de outros. Se me acompanhar, eu lhe mostrarei por quê.

Alcançou o alto do barranco num único e poderoso salto. Aveleira seguiu-o. E, juntos, distanciaram-se, correndo facilmente pelo bosque, onde as primeiras prímulas começavam já a florescer.



FIM

Glossário

Vocabulário Leporídeo

Crixa, o - O Centro de Efrafa, no ponto de junção das duas veredas para cavaleiros.

Efrafa - O nome da coelheira fundada pelo General Vulnerária.

El-ahrairah - Herói folclórico dos coelhos. O nome (Elil-hrairah) significa "Inimigos-Mil-Príncipe" = Príncipe dos Mil Inimigos.

Elil - Inimigos (de coelhos). (Ver nota ao pé da página 9).

Embleer - Fedorento. Por exemplo, o cheiro de uma raposa.

Flay - Comida. Por exemplo, capim ou outra forragem verde.

Flayrah - Geralmente, boa comida, como alface.

Frith - O sol, personificado como um deus pelos coelhos. Frithrah! = o Senhor Sol, usado em forma exclamativa.

Fu Inlé - Após o nascer da lua.

Hlao - Qualquer cova ou depressão na erva, tais como as formadas por uma margarida ou cardo, capaz de oferecer umidade. O nome de um coelho..

Hlao-roo - "Pequeno Hlao". Diminutivo afetuoso do nome de Hlao, um dos coelhos da história.

Hlessi - Um coelho que vive na superfície, sem toca ou coelheira regular. Um coelho errante, vivendo no descampado. (Plural, hlessil).

Homba - Uma raposa. (Plural, hombil).

Hrair - Grande quantidade. Número incontável. Qualquer número além de quatro. U Hrair = 0 Milhar (inimigos). (Ver nota ao pé da página 9).

Hrairoo - "Pequeno Milhar". O nome de Cinco-Folhas em Leporídeo. (Ver nota na página 9).

Hraka - Excrementos, fezes.

Hrududu - Um trator, automóvel ou qualquer veículo motorizado. (Plural, hrududil.)

Hyzenthlay - Literalmente, "Brilho-Orvalho-Pêlo" = Pêlo que brilha como orvalho. O nome de uma fêmea.

Inlé - Literalmente, a lua. Também luar. Mas uma segunda significação introduz a idéia de escuridão, medo e morte.

Lendri - Um texugo.

Marli - Uma fêmea. Também com o significado de "mãe."

M'saion - "Nós os encontraremos."

Narn - Agradável, simpático (para comer).

Ni-Frith - Meio-dia.

Nildro-hain - "Canto do Melro." O nome de uma fêmea.

Owsla - Os coelhos mais fortes de uma coelheira, o grupo governante. (Ver nota na página 10).

Owslafa - A polícia do Conselho (palavra empregada apenas em Efrafa).

Pfeffa - Um gato.

Rah - Um príncipe, líder ou coelho-chefe. Geralmente usado como sufixo. Por exemplo: Threarah = Senhor Threar.

Rôo - Usado como sufixo para denotar diminutivo. Por exemplo: Hrairoo.

Sayn - Tasneirinha.

Silf - Fora, isto é, na superfície.

Silflay - Ir à superfície para comer. Literalmente, comer fora. Também usado como substantivo.

Tharn - Estupidificado, demente, hipnotizado pelo medo. Mas também pode, em certos contextos, significar "atoleimado", ou "profundamente magoado" ou "infeliz."

Thetbuthinnang - "Movimento de Folhas." O nome de uma fêmea.

Thlay - Pêlo.

Thlayli - "Cabeça Empelicada". Um apelido.

Threar - Uma sorveira brava, ou freixo de montanha.

Vair - Expelir, defecar.

Yona - Um ouriço. (Plural, yonil).

Zorn - Destruído, assassinado. Denota catástrofe.

Notas

^[1] Coelhos não conseguem contar além de quatro. Qualquer número acima de quatro é hrair — uma porção, ou um milhar. Assim, eles dizem U Hrair — "O Milhar" — para significar, coletivamente, todos os inimigos (ou elil, como os chamam) dos coelhos — raposa, arminho, doninha, gato, mocho, homem, etc. Provavelmente havia mais de cinco coelhos na ninhada, quando Cinco-Folhas nasceu, mas seu nome, Hrairoo, significa Pequeno Milhar, ou seja, o menor de uma porção, ou, como se diz dos porcos, um bacorinho. (N. do A.) Adotamos o nome Cinco-Folhas para manter a inspiração botânica. (N. do T.)

^[2] Quase todas as coelheiras tem um Owsla, ou grupo de coelhos fortes ou sábios — dois anos de idade ou mais — que, cercado o Coelho Chefe e sua fêmea, exercem autoridade. Os Owslas variam. Em uma coelheira, o Owsla será o grupo militar no controle da região; em outra, pode consistir principalmente de patrulheiros mais adestrados ou invasores de jardins. Às vezes, um bom contador de histórias terá vez na organização; ou um coelho vidente, ou simplesmente intuitivo. Na coelheira de Sandleford, por esta época, o Owsla apresenta caráter mais militar (embora, como veremos adiante, não tão marcadamente militar quanto outros). (N. do A.)

^[3] Os acentos são os mesmos da frase "Never say die" (nunca diga azar). (N. do A.)

^[4] Ulisses, herói de A Ilíada. (N. do T.)

^[5] Fedorento. Palavra que designa o cheiro da raposa. (N. do A.)

^[6] Trator — ou qualquer motor. (N. do A.)

^[7] "Canto do Melro". (N. do A.)

^[8] Ir à superfície para comer. (N. do A.)

^[9] A palavra de Manda-Chuva foi hlessil, que empreguei em vários trechos desta história como errantes, maltrapilhos, vagabundos. Um hlessil é um coelho que vive na superfície, sem toca. Machos solitários e coelhos sem cônjuge agem assim durante longos períodos, especialmente no verão. Os machos não costumam, aliás, cavar tocas, embora providenciem buracos rasos, que lhes servem de abrigo, ou utilizem buracos que encontram. Cavar tocas é, em geral, trabalho das fêmeas às vésperas de ter crias. (N. do A.)

^[10] Zorn significa acabado ou destruído, no sentido de uma terrível catástrofe. (N. do A.)

^[11] William Stubbs, historiador inglês (1825-1901). (N. do T.)

[\[12\]](#) A primeira sílaba é acentuada, e não a segunda, como em "Épico". (N. do A.)

[\[13\]](#) Hyzenthlay: "Brilho-Orvalho-Pêlo, ou seja, pêlo brilhante como o orvalho." (N. do A.)

[\[14\]](#) "Pedrinhas" é um jogo tradicional dos coelhos. É jogado com pequenas pedras, fragmentos de ramos secos ou algo equivalente. Fundamentalmente, um jogo muito simples, na linha do "par ou ímpar." Um "conjunto" de pedras dispostas no chão é coberto pela pata dianteira do jogador. O oponente deve, então, adivinhar a natureza do conjunto, isto é, um ou dois, claro ou escuro, áspero ou liso. (N. do A.)

[\[15\]](#) Thethuthinnang: "Movimento de Folhas." A primeira e última sílabas são acentuadas, como na frase "De mim tenha dó". (N. do A.)

[\[16\]](#) Marli — uma fêmea. Tham — entorpecida, perturbada. Nesse particular contexto, a tradução mais aproximada seria: "a virgem desconhecida." (N. do A.)